

OS DIÁRIOS SECRETOS

DA AUTORA DE A PRINCESA DE GELO

CAMILLA LÄCKBERG



D. QUIXOTE



Ficha Técnica

Título original: Tyskungen
Título português: Os Diários Secretos
Autor: Camilla Läckberg
Tradução do inglês Ricardo Gonçalves
Capa: Rui Garrido
Revisão: Sofia Graça Moura
ISBN: 978-989-23-1047-3

Publicações Dom Quixote
uma editora do grupo Leya
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01

© 2007, Camilla Läckberg
Publicado originalmente por Bokförlaget Forum, Suécia
Publicado em Portugal por acordo com Nordin Agency AB, Suécia
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor
www.dquixote.leya.com
www.leya.pt

Este livro foi traduzido segundo o Acordo Ortográfico de 1990.

Para Wille e Meja

NO SILÊNCIO DA SALA, APENAS SE OUVIAM AS MOSCAS. O ZUMBIDO CONSTANTE DO BATER FRENÉTICO DAS SUAS ASAS. O HOMEM SENTADO NA CADEIRA NÃO SE MOVIA. HÁ BASTANTE TEMPO QUE NÃO SE MOVIA. NA VERDADE, JÁ NEM SEQUER ERA UM HOMEM. PELO MENOS, NÃO DA FORMA COMO SE DEFINE UM HOMEM, COMO UM SER VIVO QUE RESPIRA E SENTE. ESTAVA AGORA REDUZIDO A MATÉRIA ORGÂNICA EM DECOMPOSIÇÃO, UM PARAÍSO PARA INSETOS E VERMES.

AS MOSCAS ZUMBIAM E ENXAMEAVAM SOBRE A FIGURA INERTE. POR VEZES POUSAVAM E MOVIAM AS MANDÍBULAS. DEPOIS LEVANTAVAM NOVAMENTE VOO EM BUSCA DE NOVO PONTO ONDE POUSAR. TENTAVAM ENCONTRAR O SEU CAMINHO E CHOCAVAM UMAS CONTRA AS OUTRAS. A ZONA EM REDOR DA FERIDA NA CABEÇA DO HOMEM DESPERTAVA-LHES PARTICULARMENTE O INTERESSE, EMBORA O ODOR METÁLICO A SANGUE TIVESSE DESAPARECIDO HÁ MUITO, SUBSTITUÍDO POR UM CHEIRO DIFERENTE, MAIS BOLORENTO E ADOCICADO.

O SANGUE TINHA COAGULADO. A PRINCÍPIO TINHA-LHE JORRADO DA NUCA E ESCORRIDO PELA CADEIRA ATÉ AO CHÃO, ONDE FORMOU UM CHARCO. DE INÍCIO ERA VERMELHO, REPLETO DE CORPÚSCULOS VIVOS. AGORA MUDARA DE COR, ENEGRECERA. NÃO CONSEGUIA RECONHECER-SE NA POÇA O FLUIDO VISCOSO QUE CORRE NAS VEIAS DE UM SER HUMANO. NÃO PASSAVA DE UMA MASSA NEGRA PEGAJOSA.

ALGUMAS MOSCAS ESTAVAM JÁ SACIADAS. TINHAM POSTO OS SEUS OVOS. AGORA, REPLETAS E SATISFEITAS, APENAS QUERIAM SAIR DALI. AS ASAS BATIAM CONTRA A VIDRAÇA, TENTANDO EM VÃO ULTRAPASSAR A BARREIRA INVISÍVEL, PRODUZINDO UM LEVE MATRAQUEAR EM CONTACTO COM O VIDRO. DEPOIS ACABAVAM POR DESISTIR. QUANDO A FOME VOLTAVA, REGRESSAVAM AO QUE OUTRORA FORA UM HOMEM MAS NÃO PASSAVA AGORA DE CARNE.

* * *

Erica passara o verão inteiro a matutar em algo que nunca lhe saía do pensamento. Pesando os prós e os contras, sentia-se tentada a ir lá acima. Mas nunca passava do primeiro degrau da escada que conduzia ao sótão. Podia desculpar-se com o facto de ter andado extremamente ocupada nos últimos meses, com tudo o que fora preciso tratar depois do casamento e com o caos que reinou em sua casa durante o período em que Anna e os sobrinhos continuaram a viver com os recém-casados. Contudo, essa não era toda a verdade. Erica estava simplesmente com medo. Receosa de se pôr a escavar e desenterrar coisas que teria preferido continuar a ignorar.

Sabia que Patrik se interrogava sobre o motivo que a levava a não querer ler os cadernos que tinham encontrado no sótão. Por diversas vezes parecera estar prestes a perguntar-lho, mas tinha-se contido. Se Patrik lhe tivesse feito a pergunta, Erica não teria sabido como responder-lhe. O que mais a assustava era a possibilidade de se ver obrigada a alterar a visão que tinha da realidade. A imagem que sempre tivera da mãe – de quem era enquanto pessoa e de como tinha tratado as filhas – não era particularmente positiva. Mas era a única que possuía. Uma imagem familiar, uma verdade inabalável que perdurara ao longo dos anos e que era algo com que Erica podia contar. Talvez essa imagem se confirmasse. Talvez fosse até reforçada. Porém, e se os cadernos a desmentissem? E se se visse obrigada a encarar uma realidade completamente diferente? Até ao momento não tinha tido coragem suficiente para investigar.

Erica pôs o pé no primeiro degrau. Do andar de baixo, da sala de estar, ouviu o riso alegre de Maja, que brincava com Patrik. O som era reconfortante e Erica pôs o outro pé na escada. Só faltavam mais cinco degraus para chegar lá acima.

O pó rodopiou no ar quando Erica empurrou o alçapão e entrou no

sótão. Tinha conversado com Patrik acerca de remodelar aquele espaço futuramente, talvez como um esconderijo acolhedor para quando Maja fosse mais velha e quisesse ter alguma privacidade. Mas, até ao momento, continuava a ser um sótão inacabado, com pranchas largas de madeira no chão e um teto inclinado com vigas salientes. A divisão estava parcialmente atulhada de tralha. Decorações de Natal, roupas que tinham deixado de servir a Maja e caixas de objetos que eram demasiado feios para expor em casa mas demasiado caros ou com demasiado valor sentimental para deitar fora.

O baú estava mesmo ao fundo, encostado à parede inclinada. Era um baú antiquado de madeira com ferragens de metal. Erica tinha uma vaga ideia de chamarem àquilo uma «mala de porão». Aproximou-se e sentou-se no chão ao lado do baú, passando a mão pela tampa. Depois de respirar fundo, puxou o ferrolho e levantou-a. Um cheiro bolorento elevou-se no ar, fazendo-a torcer o nariz. Erica perguntou a si própria o que originaria aquele cheiro tão peculiar e denso que tinham as coisas velhas. Provavelmente era causado pelo bolor, pensou, notando que começava a sentir comichão no couro cabeludo.

Ainda conseguia recordar a emoção que se tinha apoderado dela e de Patrik quando ambos tinham descoberto o baú e vasculhado o seu conteúdo, extraindo lentamente cada objeto do seu interior¹. Havia desenhos que ela e Anna tinham feito quando eram crianças, pequenos trabalhos realizados na escola. Todos eles conservados pela mãe, Elsy. A mãe que nunca parecera interessar-se quando as filhas pequenas chegavam a casa e lhe mostravam ansiosamente as suas criações.

Erica fez o mesmo que fizera quando ali tinha estado com Patrik, retirando objeto atrás de objeto do baú e colocando tudo no chão. O que procurava estava mesmo no fundo. Cuidadosamente, retirou o pedaço de tecido e, finalmente, pegou nele outra vez. Em tempos, a camisa de criança fora branca; porém, quando a ergueu e a examinou à luz, apercebeu-se de como tinha amarelecido com o passar dos anos. E não conseguia tirar os olhos daquelas pequenas manchas castanhas. A princípio presumira que eram manchas de ferrugem, mas depois

apercebeu-se de que devia tratar-se de sangue seco. O contraste entre as manchas de sangue e aquela camisa de criança partia-lhe o coração. Como teria ido parar ao sótão? A quem pertencera? E porque a teria a mãe conservado?

Erica colocou suavemente a camisa ao seu lado, no chão. Quando ela e Patrik a tinham encontrado, havia um objeto no seu interior, mas já lá não estava. Fora a única coisa que Erica levava do baú – uma medalha nazi que tinha estado guardada durante anos no tecido manchado. As sensações que aquela medalha lhe provocara quando a vira pela primeira vez tinham-na surpreendido. O coração começara a martelar-lhe o peito, sentira a boca a secar e passaram-lhe rapidamente pela retina imagens de noticiários e documentários acerca da Segunda Guerra Mundial. Que estava uma medalha nazi a fazer em Fjällbacka? Na sua própria casa e no meio dos pertences da sua mãe? Tudo aquilo parecia absurdo. Erica quisera voltar a guardar a medalha no baú e fechar a tampa, mas Patrik insistira para que a levassem a um perito, para descobrirem mais acerca dela. Relutantemente, Erica concordara, mas era como se ouvisse vozes a sussurrarem dentro dela, vozes agourentas, a aconselhá-la a esconder a medalha e a esquecer tudo acerca dela. Mas a sua curiosidade levava a melhor. No princípio de junho levava-a a um especialista em artefactos da Segunda Guerra Mundial e, com um pouco de sorte, em breve saberiam qual era a origem da medalha.

Mas o que mais a interessava era o que tinham encontrado mesmo no fundo do baú. Quatro cadernos azuis. Erica reconheceu a caligrafia da mãe nas capas. Cada um deles tinha sido rotulado «Diário», uma palavra que lhe despertava sensações contraditórias. Curiosidade, excitação, ânsia de lê-los. Mas também medo, dúvida e uma forte sensação de estar a invadir a privacidade da mãe. Teria o direito de se imiscuir nos pensamentos e sentimentos mais íntimos de Elsy? Um diário não se destinava aos olhos de mais ninguém. A mãe não os escrevera para que outras pessoas partilhassem o seu conteúdo. Talvez tivesse proibido a filha de os ler. Mas Elsy estava morta e

Erica não podia pedir-lhe autorização. Teria de decidir por si própria o que fazer com os cadernos.

– Erica? – a voz de Patrik interrompeu-lhe os pensamentos.

– Sim?

– Os convidados estão a chegar!

Erica olhou para o relógio. Meu Deus, três da tarde? Era o primeiro aniversário de Maja e os amigos e familiares mais chegados iam lá a casa. Patrik deve ter pensado que Erica tinha adormecido ali em cima.

– Vou já! – Erica sacudiu o pó das roupas com as mãos e, após um momento de hesitação, pegou nos cadernos e na camisa de criança antes de descer a escada do sótão.

– Sejam bem-vindos! – Patrik afastou-se para deixar entrar o primeiro convidado. Fora através de Maja que tinham conhecido Johan e Elisabeth, que tinham um filho da mesma idade da bebé. O menino adorava Maja, mas por vezes demonstrava-o com algum excesso de agressividade. Assim que William avistou Maja no vestíbulo, avançou a todo o gás na sua direção como um jogador de hóquei no gelo. Como seria de esperar, Maja não apreciou particularmente aquela abordagem e os pais tiveram de extrair o objeto dos afetos de William dos seus braços.

– William, isso não são maneiras de te comportares! Tens de ter mais cuidado com as meninas – Johan lançou um olhar de advertência ao filho enquanto tentava refreá-lo.

– Julgo que a técnica de engate dele é praticamente a mesma que tu costumavas usar – disse Elisabeth com uma gargalhada, mas o marido não estava minimamente divertido.

– Pronto, pronto, minha querida, também não foi assim tão mau – disse Patrik a Maja. – Upa! – Patrik pegou na filha chorosa ao colo e abraçou-a até o pranto dar lugar a um leve soluçar. Depois voltou a pousá-la no chão e deu-lhe um pequeno empurrão na direção de William. – Olha o que William te trouxe. Uma prenda!

A palavra mágica surtiu o efeito desejado. As lágrimas de Maja

evaporaram-se. Vacilante, William aproximou-se da menina para lhe entregar um embrulho com um laço. Com a ajuda de Patrik, Maja abriu a embalagem e retirou do seu interior um elefante de peluche cinzento que foi um sucesso instantâneo. Maja apertou-o contra o peito, envolvendo o corpo macio do boneco com os braços e batendo os pés de contentamento, mas a tentativa de William de fazer festas ao elefante foi repelida com um olhar de desafio. Disposto a aceitar o repto, o pequeno admirador de Maja redobrou os esforços.

– Vamos até à sala – disse Patrik, pegando na filha ao colo para impedir mais conflitos. Os pais de William seguiram-nos e, quando o rapazinho foi colocado frente à grande caixa de brinquedos, a paz foi restabelecida. Pelo menos temporariamente.

– Olá a todos! – disse Erica enquanto descia as escadas. Abraçou os convidados e fez uma festa na cabeça de William.

– Quem quer café? – perguntou Patrik da cozinha. «Eu quero», disseram os três em uníssono.

– Então e que tal é a vida de casada? – perguntou Johan com um sorriso, colocando o braço em torno de Elisabeth quando se sentaram no sofá.

– É mais ou menos a mesma coisa, só que Patrik está constantemente a chamar-me «patroa». Têm alguma ideia de como fazê-lo parar com isso? – Erica voltou-se para Elisabeth e piscou-lhe o olho.

– Acho que mais vale desistires. Já não deve faltar muito para ele deixar de chamar-te «patroa» e começar antes a falar do governo até à exaustão; portanto, aproveita. É verdade, onde está Anna?

– Está em casa do Dan. Já estão a viver juntos – Erica ergueu uma sobrancelha para enfatizar o facto.

– A sério? Foi rápido – a sobrancelha de Elisabeth também subiu.

Foram interrompidos pelo som da campainha e Erica deu um salto.

– Agora devem ser eles. Ou Kristina – este último nome foi proferido com cubos de gelo a chocalharem de modo audível entre as sílabas. Desde o casamento que a relação de Erica com a sogra se

tinha tornado ainda mais gelada, o que se devia sobretudo à fervorosa campanha para convencer Patrik de que não seria correto para um homem como deve ser tirar quatro meses de licença de paternidade. Para grande desgosto de Kristina, Patrik recusara-se a ceder um milímetro que fosse. Na verdade, fora Patrik quem insistira em tomar conta de Maja durante o outono.

– Olá, há por aqui alguma menina que faz anos hoje? – ouviram Anna perguntar do vestíbulo. Erica não conseguia evitar um estremecimento de felicidade sempre que ouvia o tom jovial da irmã mais nova. Durante muitos anos não houvera alegria na voz de Anna, mas agora tinha regressado. Anna parecia forte, feliz e apaixonada.

A princípio, Anna temera que Erica pudesse zangar-se por ela e Dan namorarem, mas Erica limitara-se a dar uma gargalhada perante a preocupação da irmã. Parecia que passara uma eternidade desde que Erica e Dan tinham sido namorados. E, mesmo que tivesse achado aquilo um pouco estranho, Erica teria posto de lado os seus sentimentos só para ver a irmã feliz outra vez.

– Onde está a minha miúda preferida? – Dan, grande, loiro e espalhafatoso, entrou e olhou em redor em busca de Maja. Aqueles dois tinham uma ligação especial e a criança não tardou a dirigir-se a Dan com passos vacilantes, esticando os braços.

– Prenda? – perguntou, agora que começava a compreender o conceito de aniversário.

– Claro que temos uma prenda – respondeu Dan. Acenou com a cabeça na direção de Anna, que segurava um grande pacote embrulhado em papel cor-de-rosa e com um laço prateado. Maja soltou-se dos braços de Dan e começou a debater-se com o embrulho. Erica ajudou-a e, juntas, extraíram da embalagem uma grande boneca com olhos que abriam e fechavam.

– Boneca – disse Maja em júbilo, dando ao presente mais um dos seus abraços de urso. Depois partiu na direção de William para lhe mostrar o seu mais recente tesouro.

A campanha voltou a tocar e, um segundo depois, Kristina entrou

na sala. Erica não conseguiu conter-se e rangeu os dentes. Detestava a forma como a sogra tocava simbolicamente à campainha e entrava de rompante em casa antes que alguém lhe abrisse a porta.

A oferta de um presente que depois foi desembulhado repetiu-se; porém, desta vez, a prenda não causou tanto sucesso. Maja pegou hesitantemente nas camisolas interiores que encontrou na embalagem e depois procurou novamente no papel de embrulho para se certificar de que não tinha deixado escapar nenhum brinquedo. A seguir, Maja fitou a avó de olhos esbugalhados.

– Da última vez que aqui estive reparei que a camisola interior que Maja usava já estava muito curta e, como a Lindex² tinha uma promoção de três pelo preço de duas, comprei-lhe umas quantas. Tenho a certeza de que lhe vão fazer jeito – Kristina sorriu de satisfação e parecia completamente alheia da expressão desapontada de Maja.

Erica conteve a ânsia de explicar à sogra que achava uma estupidez oferecer roupa a uma criança no seu primeiro aniversário. Além do facto de Maja ter ficado claramente desiludida, Kristina também tinha conseguido lançar uma das suas alfinetadas do costume. Parecia que Erica e Patrik nem sequer eram capazes de vestir adequadamente a filha.

– Está na altura do bolo – disse Patrik, que tinha o dom infalível de saber qual era o momento exato para distrair toda a gente de uma situação embaraçosa. Engolindo a sua irritação, Erica juntou-se ao cerimonial de apagar as velas. As tentativas de Maja para apagar a vela solitária apenas conseguiram salpicar o bolo de saliva. Patrik apagou discretamente a minúscula chama e depois todos cantaram os parabéns. Sobre a cabeça loira de Maja, Erica encontrou o olhar do marido. Um nó formou-se-lhe na garganta e viu que Patrik também estava comovido com a ocasião. Um ano. A bebé deles tinha um ano. Uma rapariguinha que, embora com passos vacilantes, já andava por todo o lado, que batia palmas sempre que ouvia a música da série infantil *Bolibompa*, que era capaz de comer sozinha, que distribuía os

beijos mais doces de todo o Norte da Europa e que adorava toda a gente. Erica sorriu a Patrik, que lhe devolveu o sorriso. Naquele preciso momento, a vida era perfeita.

Bertil Mellberg suspirava pesadamente. Era algo que fazia com muita frequência por esses dias. O contratempo da primavera anterior³ ainda o deprimia. Mas não o surpreendia. Tinha-se permitido perder o controlo, deixara-se simplesmente ser, sentir. E isso pagava-se caro. Devia ter sido mais cuidadoso. Podia até dizer-se que merecera o que lhe acontecera. Bem, pelo menos aprendera a lição e Bertil Mellberg não era pessoa para cair nos mesmos erros duas vezes, isso era certo.

– Bertil? – chamou Annika da receção. Com um gesto estudado, Mellberg empurrou para trás a madeixa que tinha deslizado do cocuruto da cabeça onde quase já não restava cabelo e levantou-se resignadamente. Havia muito poucas mulheres de quem estava disposto a aceitar ordens, mas Annika Jansson pertencia a esse clube exclusivo. Ao longo dos anos, Mellberg tinha até conseguido cultivar um respeito relutante pela secretária e não conseguia pensar noutra mulher a quem tal sentimento se aplicasse. As consequências desastrosas da contratação daquela agente na primavera passada apenas tinham servido para reforçar a sua desconfiança em relação às mulheres. E agora iam ter outra agente na equipa. Mellberg voltou a suspirar. Seria assim tão difícil encontrar agentes masculinos? Porque insistiam em mandar raparigas para substituir Ernst Lundgren? Era uma situação tramada.

Mellberg franziu a testa quando ouviu um cão a ladrar na zona da receção. Será que Annika tinha trazido um dos seus cães para o trabalho? A secretária sabia o que ele pensava acerca daqueles malditos bichos. Teria de ter uma conversa com ela sobre isso.

Mas não era nenhum dos labradores de Annika de visita à esquadra. Em vez disso, Mellberg foi confrontado com um rafeiro sarnento de cor e raça indefinidas que puxava pela trela segurada por uma mulher baixa e de cabelo escuro.

– Encontrei-o à porta da esquadra – disse a mulher com um forte sotaque de Estocolmo.

– Então é o que está ele aqui a fazer? – perguntou irritadamente Mellberg, virando-se para regressar ao seu gabinete.

– Esta senhora chama-se Paula Morales – apressou-se a dizer Annika, fazendo com que Mellberg se virasse novamente para o grupo. Meu Deus, agora recordava-se que a mulher que se ia juntar a eles tinha um nome espanholado. Realmente era pequena. Baixa e magra. Embora não houvesse qualquer fraqueza no olhar com que o fitava. A mulher estendeu-lhe a mão.

– Muito prazer em conhecê-lo. O cão andava lá fora à solta. E, a julgar pelo estado em que está, não tem dono. Pelo menos, nenhum que seja capaz de cuidar dele.

As palavras da agente pareciam querer sugerir algo e Mellberg perguntou a si próprio o que lhe estaria a passar pela cabeça.

– Bem, então leve-o para algum lado.

– Não há por aqui nenhum sítio para cães abandonados. Annika já mo disse.

– Não há? – perguntou Mellberg.

Annika abanou a cabeça.

– Então suponho que terá de o levar consigo para casa – disse o superintendente, tentando enxotar o cão que se estava a encostar à sua perna. Ignorando os seus esforços, o animal sentou-se sobre o pé direito de Mellberg.

– Não posso fazer isso. Já temos uma cadela e ela não iria gostar de ter um companheiro – respondeu calmamente Paula, lançando-lhe o mesmo olhar penetrante.

– Então é a Annika? Ele podia... fazer companhia aos seus outros cães, não era? – perguntou Mellberg, começando a parecer resignado. Porque teria sempre de lidar com aquelas trivialidades? Caramba, afinal era o chefe daquela esquadra!

Mas Annika abanou a cabeça.

– Eles não estão habituados a outros cães. Não ia correr muito bem.

– Terá de ser o senhor a ficar com ele – disse Paula, entregando a trela a Mellberg. Atarantado pelo descaramento da agente, o superintendente pegou na trela, ao que o cão reagiu, chegando-se ainda mais à sua perna e ganindo.

– Vê, ele gosta de si – disse Annika.

– Mas eu não posso... Não posso... – balbuciou Mellberg.

– O senhor não tem mais animais em casa. E prometo que vou perguntar por aí para tentar saber se pertence a alguém. Caso contrário, teremos de encontrar uma pessoa que o adote. Não podemos deixá-lo à solta, senão ainda acaba por ser atropelado.

Contrariado, Mellberg, deu por si a ceder. Olhou para baixo, para o cão. O cão olhou para cima, para ele, de olhos húmidos e suplicantes.

– Pronto, está bem, eu fico com o maldito rafeiro. Mas só por uns dias. E vai ter de lhe dar um banho antes de eu o levar para casa – Mellberg abanou o dedo na direção de Annika, que parecia aliviada.

– Tudo bem, dou-lhe banho aqui na esquadra – disse entusiasticamente Annika. E depois acrescentou: – Muito obrigada, Bertil.

Mellberg grunhiu:

– Mas certifique-se de que da próxima vez que eu olhar para esse cão ele está a brilhar. Caso contrário, não põe as patas na minha casa!

Irritado, o superintendente afastou-se pesadamente pelo corredor e bateu com a porta depois de entrar no gabinete. Annika e Paula trocaram um sorriso. O cão ganiu e abanou a cauda contra o chão, felicíssimo.

– Desejo-vos um bom dia – disse Erica, acenando a Maja, que ignorou a mãe. Estava sentada no chão em frente ao televisor a ver os *Teletubbies*.

– Vamos passar um belo tempo juntos – disse Patrik, dando um beijo a Erica. – Esta rapariguinha e eu vamos ficar na maior nos próximos meses.

– Da maneira como dizes isso, parece que vou dar a volta ao mundo

– disse Erica com uma gargalhada. – Mas eu depois desço para vir almoçar.

– Achas que isto vai resultar, quer dizer, ficares a trabalhar em casa?

– Pelo menos podemos tentar. Olha, faz de conta que não estou cá.

– Tudo bem. Assim que fechares a porta do teu escritório, deixas de existir para mim – Patrik piscou-lhe o olho.

– Hum. Está bem, vamos ver como corre – respondeu Erica, dirigindo-se ao primeiro andar. – Mas vale a pena tentarmos, assim não tenho de alugar um espaço para trabalhar.

Erica entrou no escritório e fechou a porta com sentimentos contraditórios. Nos doze meses que passara em casa a tomar conta de Maja, tinha ansiado pelo dia em que pudesse passar o testemunho a Patrik e dedicar-se a tarefas próprias de um adulto. Tinha ficado completamente saturada de parques infantis, caixas de areia para as crianças brincarem e programas de TV infantis. Confeccionar uma tarte perfeita não era propriamente um estímulo intelectual e, independentemente de adorar a filha, se tivesse de cantar «A Aranha Cabeça no Ar» mais uma vez, achava que ia enlouquecer. Agora era a vez de Patrik tomar conta da filha.

Com um gesto solene, Erica sentou-se em frente ao computador, carregou no botão que ligava o aparelho e ouviu com prazer o zumbido familiar. O prazo de entrega do seu novo livro da série sobre crimes verídicos terminava em fevereiro, mas Erica já tinha conseguido fazer uma parte da pesquisa durante o verão, portanto sentia-se preparada para começar. Abriu o documento do *Word* que intitulou «Elias», uma vez que era esse o nome da primeira vítima do assassino, e colocou os dedos no teclado. Uma discreta batida na porta interrompeu-a.

– Desculpa vir incomodar-te... – Patrik abriu a porta e espreitou Erica por baixo da melena de cabelo que lhe caía para a testa –, mas não sei onde puseste o macacão de Maja.

– Está na máquina de secar.

Patrik assentiu e fechou a porta.

Erica voltou a colocar os dedos no teclado e respirou fundo. Nova batida na porta.

– Desculpa, prometo que vou deixar-te em paz, mas preciso de perguntar-te o que é que devo vestir à Maja. Está bastante frio lá fora, mas ela transpira muito e, se levar roupa muito quente, pode constipar-se mais facilmente... – Patrik sorriu timidamente.

– Maja só precisa de uma camisola fresca e de umas calças debaixo do macacão. E costuma levar o gorro fininho de algodão.

– Obrigado – disse Patrik, fechando novamente a porta. Erica estava prestes a escrever a primeira frase quando ouviu berros vindos do rés do chão. A choradeira foi aumentando de intensidade e, depois de ouvir aquilo durante dois minutos, Erica empurrou a cadeira com um suspiro e desceu as escadas.

– Eu dou-te uma ajuda. Vesti-la é um castigo.

– Estou a ver que sim – disse Patrik com a testa banhada em suor depois da luta para tentar obrigar Maja a vestir a roupa para sair.

Cinco minutos mais tarde, Maja ainda estava amuada, embora completamente vestida e Erica deu um beijo à filha e ao marido antes de os enxotar porta fora.

– Deem um grande passeio para a mamã poder trabalhar um pouco em paz e sossego – disse Erica. Patrik parecia envergonhado.

– Desculpa. Acho que ainda vou demorar uns dias a apanhar o jeito, mas depois terás a paz e o sossego que desejas. Prometo.

– Isso seria bom – retorquiu Erica, fechando resolutamente a porta. Serviu-se de uma grande caneca de café e regressou ao seu escritório no andar de cima. Finalmente podia começar.

– Chiu... Para com essa maldita barulheira.

– Qual é o problema? A minha mãe disse que estão os dois fora. Ninguém se deu ao trabalho de vir buscar o correio durante todo o verão. Devem ter-se esquecido de o mandar reencaminhar; por isso, a minha mãe tem andado a juntar o correio deles desde junho. Tem

calma, podemos fazer o barulho que nos apetecer – Mattias deu uma gargalhada, mas Adam ainda parecia cético. Aquela casa antiga era um pouco sinistra. E aqueles velhos também eram um bocado sinistros, independentemente do que Mattias dissesse, por isso não queria correr riscos.

– Então e como é que entramos? – odiava que o medo que sentia fizesse com que a voz lhe saísse um pouco esganiçada, mas não conseguia evitá-lo. Muitas vezes desejava ser mais como Mattias. Corajoso e destemido, por vezes roçando a imprudência. Além de que Mattias também conseguia engatar todas as miúdas, claro.

– Veremos. Há sempre alguma maneira de entrarmos.

– Dizes isso com base na tua vasta experiência a assaltar casas, certo? – Adam riu-se, mas teve o cuidado de falar baixinho.

– Ouve lá, já fiz uma data de coisas que tu desconheces – disse Mattias em voz alta.

«Deves ter feito, deves», pensou Adam, mas não se atreveu a contradizer o amigo. Por vezes, Mattias gostava de se armar em duro e Adam deixava-o fazê-lo. Sabia bem que não valia a pena entrar em discussões daquelas com Mattias.

– O que é que achas que ele tem ali dentro? – os olhos de Mattias brilhavam enquanto os dois rapazes davam lentamente a volta à casa, em busca de uma janela ou de um alçapão, de qualquer coisa que lhes permitisse entrar.

– Não faço ideia – respondeu Adam, espreitando ansiosamente por cima do ombro. Sentia-se menos satisfeito com aquela situação a cada segundo que passava.

– Talvez umas cenas fixes do tempo dos nazis. E se ele tiver uniformes e coisas do género? – o entusiasmo na voz de Mattias não enganava. Desde que tinham feito um trabalho nas aulas acerca das SS⁴ que ficara obcecado por ler tudo o que conseguisse encontrar acerca da Segunda Guerra Mundial e do nazismo. Toda a gente sabia que o vizinho que morava ao fundo da rua era uma espécie de perito na Alemanha e nos nazis; por isso, Mattias sentira uma ânsia

irresistível de descobrir o que o homem tinha na sua posse.

– Mas se calhar ele não tem nenhuma dessas cenas em casa – tentou protestar Adam, embora soubesse que era inútil. – O meu pai disse que ele é um professor de História reformado; portanto, se calhar só tem uma data de livros e coisas do género. Não tem obrigatoriamente de ter nenhuma dessas cenas fixes de que falaste.

– Bem, vamos descobrir isso não tarda nada – os olhos de Mattias cintilaram de triunfo ao apontar para uma janela. – Olha. Aquela janela está entreaberta.

Desanimado, Adam reparou que Mattias tinha razão. Desejara secretamente que fosse impossível entrar naquela casa.

– Só precisamos de qualquer coisa para subir a janela – Mattias deu uma olhadela em redor. Decidiu-se por um ferrolho que se soltara de uma janela e caíra ao chão.

– Ora bem, vamos lá ver – Mattias esticou-se, pegou no ferrolho sobre a cabeça e introduziu uma das extremidades por um canto da janela. Esta não se moveu. – Merda! Isto tem de resultar. Com a língua de fora, tal era a concentração, Mattias tentou novamente. Não era fácil agarrar o ferrolho por cima da cabeça e fazer força ao mesmo tempo, por isso respirava ofegantemente. Por fim, conseguiu inserir o ferrolho mais um centímetro.

– Eles vão notar que alguém a forçou! – protestou Adam com voz sumida, mas Mattias não pareceu tê-lo ouvido.

– Vou abrir a porra desta janela! – Mattias tinha a testa encharcada em suor, fez uma última tentativa e a janela subiu. – *Yes!* – Mattias cerrou o punho num gesto de vitória e depois virou-se para Adam, excitado. – Ajuda-me a subir.

– Talvez possamos usar outra coisa para subir, uma escada, ou...

– Esquece, apoia-me o pé que eu depois puxo-te lá de cima.

Obedientemente, Adam aproximou-se mais da parede, entrelaçando os dedos para formar um degrau para Mattias. Estremeceu quando o sapato do amigo se enterrou nas palmas das suas mãos, mas ignorou a dor e ergueu o amigo na direção da janela.

Mattias segurou-se ao resguardo da janela e conseguiu içar-se de modo a plantar primeiro um pé e depois o outro no parapeito. Franziu o nariz. «Meu Deus, que cheiro!», pensou. A casa tresandava. Afastou a persiana e espreitou para dentro da divisão. Parecia ser uma biblioteca, mas as persianas estavam todas corridas, por isso a sala estava mergulhada na penumbra.

– Bem, isto cheira mal como o caraças. – Apertando o nariz, Mattias virou-se para olhar para Adam.

– Então vamos esquecer isto – disse Adam, com um brilho de esperança no olhar.

– Nem penses! Já conseguimos entrar, por isso não vamos voltar atrás. Agora é que começa a diversão! Olha, agarra-te à minha mão. – Soltando o nariz, Mattias agarrou-se ao parapeito com a mão esquerda enquanto esticava a direita para Adam. – Anda lá, és algum maricas, ou quê?

Como resposta, Adam agarrou-lhe a mão e Mattias começou a puxar o amigo com quanta força tinha. Por um momento, parecia que não ia conseguir, mas depois, Adam lá se segurou ao parapeito e Mattias saltou para o chão para lhe dar espaço. Ouviu-se um estranho restolhar. Olhou para o chão. Havia algo a cobrir a superfície, mas a luz mortiça não deixava ver o que era. Talvez fossem apenas folhas secas.

– Mas que... – exclamou Adam depois de também ter saltado para o chão. Porém, não conseguiu identificar de onde provinha o restolhar. – Merda, isto cheira mesmo mal – disse, como se estivesse a sufocar com o cheiro.

– Não ouviste o que te disse? – perguntou Mattias, agora mais habituado ao cheiro, que já não o incomodava muito. – Vamos ver o que tem para aqui o velhote. Sobe a persiana.

– E se alguém nos vê?

– Quem é que nos ia ver? Sobe lá a merda da persiana!

Adam fez o que lhe foi ordenado. A persiana rolou com um som sibilante, deixando a luz entrar na sala.

– Que sala fixe – disse Mattias, olhando em redor com espanto. Todas as paredes estavam cobertas de estantes, do chão até ao teto. A um canto estavam duas poltronas de couro, de ambos os lados de uma mesinha. A dominar a extremidade da sala havia uma enorme secretária e uma cadeira antiquada meio voltada, de modo que as costas altas estavam viradas para eles. Adam aproximou-se mais, mas o restolhar sob os pés fê-lo olhar novamente para o chão. E dessa vez viu o que estavam a pisar.

– Mas que... – o chão estava coberto de moscas. Moscas pretas nojentas, todas mortas. O parapeito também estava coberto de moscas e, instintivamente, Adam e Mattias limparam as mãos às calças.

– Porra, que nojo – disse Mattias com um esgar.

– De onde vieram estas moscas todas? – Adam fitava o chão, espantado. Então, o seu cérebro, repleto de cenas da série *CSI*, somou dois mais dois. Moscas mortas. Um cheiro repugnante... Adam tentou afastar a ideia, mas os seus olhos foram inexoravelmente atraídos para a cadeira junto da secretária. – Mattias?

– Que foi? – respondeu o amigo, parecendo irritado. Estava à procura de um sítio para pôr os pés sem pisar moscas mortas.

Adam não respondeu. Em vez disso caminhou lentamente na direção da cadeira. Tinha a sensação de que devia dar meia-volta, sair por onde tinham entrado e correr até não poder mais. Mas a curiosidade levou a melhor e os pés pareciam mover-se com vontade própria, conduzindo-o à cadeira.

– Então, que foi? – perguntou Mattias, calando-se logo em seguida ao ver Adam a avançar, tenso e alerta.

Ainda estava a meio metro da cadeira quando esticou o braço. Reparou que a mão estava a tremer. Centímetro a centímetro, Adam aproximou a mão das costas da cadeira. O único som audível na sala era o restolhar sob os seus pés. Sentiu a frescura do couro da cadeira nas pontas dos dedos. Fez mais pressão com os dedos, empurrando a cadeira para a esquerda e esta começou a girar. Adam deu um passo atrás. A cadeira foi-se voltando devagar, revelando gradualmente o

que continha. Adam ouviu Mattias a vomitar atrás dele.

Os olhos que observavam cada movimento que fazia eram grandes e húmidos. Mellberg tentava ignorar o animal, mas só o conseguia em parte. O cão permanecia praticamente colado a ele, olhando-o com adoração. Por fim, Mellberg cedeu. Abriu a gaveta do fundo da secretária, retirou lá de dentro um bolinho de coco e atirou-o para o chão. Desapareceu em dois segundos e, por um momento, Mellberg julgou ver o cão a sorrir. Era pura imaginação, sem dúvida. Pelo menos, o pelo do animal estava limpo. Annika fizera um bom trabalho ao lavá-lo com champô. Mesmo assim, o superintendente achara um tanto desagradável ter acordado de manhã e descoberto que, durante a noite, o cão tinha saltado para a cama e se deitara a seu lado. Mellberg não estava convencido de que o champô conseguisse acabar com as pulgas e outra bicharada. E se o pelo do animal estivesse cheio de vermes microscópicos que apenas queriam saltar para o seu amplo corpanzil? Porém, um exame mais pormenorizado não revelara quaisquer parasitas escondidos no pelo e Annika jurara que não tinha encontrado nenhuma pulga quando lavara o cão. Mas que um raio o fulminasse se permitisse que o rafeiro dormisse outra vez na sua cama. Tinha de haver um limite.

— Ora bem, que nome havemos de pôr-te? — perguntou Mellberg, sentindo-se logo um idiota por estar a falar com uma criatura que andava em quatro patas. Mas o cão precisava de ter um nome. Mellberg refletia enquanto procurava em redor algo que o pudesse inspirar, mas à sua mente apenas ocorriam nomes estúpidos para cães. *Fido*, *Bolinha*... Não, esses não serviriam. Então, Mellberg deu uma risada. Acabara de ter uma ideia brilhante. Para ser completamente franco, sentia um pouco a falta de Ernst Lundgren. Não muito, mas um pouco, pelo menos desde que se vira forçado a despedi-lo. Por isso, porque não chamar *Ernst* ao cão? Havia um certo sentido de humor na escolha. O superintendente deu nova risada.

— *Ernst*. Que me dizes a isto, meu rapaz? É um bom nome, ou quê?

– Mellberg abriu novamente a gaveta da secretária e tirou mais um bolinho. Claro que *Ernst* devia comer mais um. Se o cão engordasse, isso não era problema seu. Daí a alguns dias, Annika conseguiria certamente encontrar alguém que quisesse ficar com ele, portanto não fazia diferença se o cão comesse um bolinho ou dois entretanto.

O toque estridente do telefone apanhou os dois de surpresa.

– Bertil Mellberg. – A princípio, o superintendente não conseguiu entender o que dizia a voz ao telefone, tal era o tom agudo e histérico.

– Desculpe, mas vai ter de falar mais devagar. Que foi que disse? – Mellberg esforçou-se para perceber o que dizia o seu interlocutor e ergueu as sobrancelhas quando por fim compreendeu.

– Um cadáver. Foi o que disse, não foi? Onde? – Mellberg endireitou-se mais na cadeira. *Ernst* também se sentou, esticando as orelhas. Mellberg anotou uma morada no bloco-notas que tinha sobre a secretária e terminou a conversa, ordenando: «Não saiam daí.» E levantou-se de um salto. O cão foi logo atrás dele.

– Fica aqui! – A voz de Mellberg soara invulgarmente autoritária e, para sua grande surpresa, viu o cão estacar abruptamente à espera de mais instruções. – Fica! – arriscou o superintendente, apontando para o cesto para cães que Annika tinha colocado a um canto do gabinete. *Ernst* obedeceu relutantemente, dirigindo-se lentamente para o cesto e deitando-se, com a cabeça pousada nas patas, enquanto lançava um olhar magoado ao seu dono temporário. Revigorado pela novidade de alguém obedecer a uma ordem sua, Bertil Mellberg precipitou-se corredor fora, gritando para quem o quisesse ouvir: – Acabaram de comunicar-nos a descoberta de um cadáver.

Três cabeças despontaram repentinamente de três portas diferentes: uma ruiva, pertencente a Martin Molin, outra grisalha, a de Gösta Flygare, e uma terceira preto asa-de-corvo, pertencente a Paula Morales.

– Um cadáver? – perguntou Martin, saindo para o corredor. Nesse momento, até Annika apareceu, vinda da recepção.

– Um adolescente acaba de ligar a dar-nos a informação. Ao que

parece, ele e um amigo não tinham nada para fazer e decidiram entrar ilegalmente numa casa entre Fjällbacka e Hamburgsund. Descobriram um cadáver lá dentro.

– O proprietário da casa? – perguntou Gösta.

Mellberg encolheu os ombros.

– Não sei mais nada. Disse aos rapazes para não saírem do local. Vamos imediatamente para lá. Martin: tu e Paula levam um carro; Gösta e eu vamos no outro.

– Não era melhor telefonarmos ao Patrik? – perguntou cautelosamente Gösta.

– Quem é o Patrik? – perguntou Paula, desviando o olhar de Gösta para Mellberg.

– Patrik Hedström – explicou Martin. – É nosso colega, mas entrou hoje de licença de paternidade.

– Por que carga de água é que havíamos de telefonar a Hedström? – perguntou Mellberg com um gesto de desdém. – Eu estou aqui – acrescentou pomposamente, começando a trotar na direção da garagem.

– Aleluia! – murmurou Martin quando percebeu que Mellberg já não conseguia ouvi-lo. Paula ergueu interrogativamente as sobrancelhas. – Não lighes – disse Martin em jeito de desculpa, mas não resistiu a acrescentar: – Vais acabar por perceber.

Paula ainda parecia confusa, mas não insistiu. Aos poucos acabaria por inteirar-se da dinâmica da esquadra.

Erica suspirou. A casa estava finalmente silenciosa. Demasiado silenciosa. Durante um ano, os seus ouvidos tinham estado sintonizados para captar o mais leve gemido ou choro. Mas, naquele momento, reinava um silêncio total e absoluto. O cursor tremeluzia no seu documento de *Word*. Em meia hora, Erica não escrevera uma única letra. Tinha o cérebro anestesiado. Até ao momento, folheara as suas notas e dera uma olhadela aos artigos que fotocopiara durante o verão. Depois de ter enviado várias cartas, conseguira finalmente marcar uma

entrevista com a figura central do caso – o assassino –, mas ainda faltavam três semanas para o encontro. Até lá, teria de contentar-se com o material que recolhera. O problema era que não lhe ocorria uma forma de começar. As palavras não estavam propriamente a fluir e a dúvida começara a instalar-se. A dúvida com a qual os autores sempre tinham de lutar. Ainda restariam palavras? Será que já tinha escrito a sua última frase, gasto o seu quinhão? Será que ainda havia realmente mais livros na sua cabeça? A lógica dizia-lhe que quase sempre se sentia assim ao começar um novo livro, mas isso não era grande ajuda. Era uma forma de tortura, um processo pelo qual tinha sempre de passar. Era quase como dar à luz. Porém, nesse dia, Erica sentia-se particularmente lenta.

Pôs distraidamente na boca um caramelo coberto de chocolate *Dumlekola* para se consolar enquanto deitava o olhar aos cadernos em cima da mesa, junto do computador. A caligrafia fluida da mãe reclamava a sua atenção. Erica estava dividida entre o receio de ver o que a mãe tinha escrito e a curiosidade sobre o que poderia descobrir. Lentamente, alcançou o primeiro caderno. Sopesou-o na mão. Era fino, quase como os cadernos utilizados na escola primária. Erica passou os dedos pela capa. O nome fora escrito a caneta, mas os anos tinham feito com que a tinta azul desbotasse consideravelmente. *Elsy Moström*. Era o nome de solteira da mãe. Adotara o apelido Falck quando casara com o pai de Erica. Lentamente, abriu o caderno. As páginas tinham finas linhas azuis. No topo estava a data: 3 de setembro de 1943. Leu a primeira frase:

«Será que esta guerra nunca vai ter fim?»

1 Ver *Ave de Mau Agoiro*, Camilla Läckberg, Publicações Dom Quixote, 2011. (N. do T.)

2 Cadeia de lojas de pronto a vestir sueca. (N. do T.)

3 Ver *Ave de Mau Agoiro*, Camilla Läckberg, Publicações Dom Quixote, 2011. (N. do T.)

4 Abreviatura de *Schutzstaffel*, organização paramilitar nazi criada por Adolf Hitler em 1925 e chefiada por Heinrich Himmler. (N. do T.)

FJÄLLBACKA, 1943

SERÁ QUE ESTA GUERRA NUNCA VAI TER FIM?

ELSY ROÍA A PONTA DA CANETA, REFLETINDO SOBRE O QUE HAVIA DE ESCREVER A SEGUIR. COMO PODIA PÔR POR ESCRITO OS SEUS PENSAMENTOS ACERCA DA GUERRA EM QUE O SEU PRÓPRIO PAÍS NÃO PARTICIPAVA MAS NA QUAL ACABAVA POR VER-SE ENVOLVIDO? PARECIA-LHE ESTRANHO ESTAR A ESCREVER UM DIÁRIO. NÃO SABIA ONDE TINHA IDO BUSCAR AQUELA IDEIA, MAS ERA COMO SE SENTISSE NECESSIDADE DE FORMULAR OS SEUS PENSAMENTOS ACERCA DO QUE ESTAVA A VIVER, O QUE ERA ALGO FAMILIAR E ESTRANHO AO MESMO TEMPO.

DE CERTA FORMA, ELSY MAL CONSEGUIA RECORDAR OS TEMPOS ANTERIORES À GUERRA. TINHA TREZE ANOS, QUASE CATORZE; SÓ TINHA NOVE ANOS QUANDO A GUERRA REBENTOU. DURANTE OS PRIMEIROS ANOS NÃO TINHAM NOTADO MUITA DIFERENÇA, EMBORA AS PESSOAS ADULTAS PARECESSEM PRESTAR MAIS ATENÇÃO A TUDO, DESENVOLVENDO UM INTERESSE SÚBITO PELAS NOTÍCIAS, TANTO NOS JORNAIS COMO NA RÁDIO. QUANDO SE SENTAVAM A OUVIR A RÁDIO NA SALA DE ESTAR PARECIAM NERVOSAS E ASSUSTADAS, MAS TAMBÉM ESTRANHAMENTE EXCITADAS. APESAR DE TUDO, O QUE ESTAVA A ACONTECER NO MUNDO ERA EXCITANTE – AMEAÇADOR, MAS EXCITANTE. EXCETUANDO ISSO, A VIDA PARECIA PRATICAMENTE INALTERADA. OS BARCOS CONTINUAVAM A SAIR PARA O MAR E REGRESSAVAM NOVAMENTE A CASA. ÀS VEZES, A PESCARIA CORRIA BEM. OUTRAS NÃO. EM TERRA, AS MULHERES ENTREGAVAM-SE AOS SEUS AFAZERES QUOTIDIANOS – AS MESMAS TAREFAS A QUE AS SUAS MÃES SE TINHAM DEDICADO, ASSIM COMO AS SUAS AVÓS. AS CRIANÇAS TINHAM DE NASCER, A ROUPA TINHA DE SER LAVADA E AS CASAS TINHAM DE SER LIMPAS. ERA UM CICLO INTERMINÁVEL, MAS A GUERRA AMEAÇAVA AGORA PERTURBAR ESSAS ROTINAS FAMILIARES E A REALIDADE QUOTIDIANA. DESDE CRIANÇA QUE ELSY TOMARA CONSCIÊNCIA DAQUELA TENSÃO SUBJACENTE. E AGORA A

GUERRA ESTAVA QUASE ALI.

– ELSY? – OUVIU A MÃE CHAMAR DO RÉS DO CHÃO. FECHOU RAPIDAMENTE O CADERNO E GUARDOU-O NA GAVETA DE CIMA DA SUA PEQUENA ESCRIVANINHA JUNTO DA JANELA. PASSARA MUITAS HORAS ALI SENTADA, A FAZER OS TRABALHOS DE CASA, MAS OS SEUS DIAS DE ESCOLA TINHAM TERMINADO E, NA VERDADE, ELSY JÁ NÃO PRECISAVA DA ESCRIVANINHA. LEVANTOU-SE, ALISOU O VESTIDO E DESCEU AS ESCADAS PARA IR AO ENCONTRO DA MÃE.

– ELSY, SERÁ QUE PODES AJUDAR-ME A IR BUSCAR ÁGUA? – O ROSTO DA MÃE ESTAVA CANSADO E PÁLIDO. TINHAM VIVIDO O VERÃO INTEIRO NA PEQUENA DIVISÃO DA CAVE, POIS ALUGARAM O RESTO DA CASA AOS VERANEANTES. EM TROCA DAS RENDAS, TINHAM DE LIMPAR, COZINHAR E SERVIR OS INQUILINOS – UM ADVOGADO DE GOTEMBURGO, A MULHER E TRÊS CRIANÇAS TURBULENTAS –, QUE SE TINHAM REVELADO PESSOAS MUITO EXIGENTES. A MÃE DE ELSY, HILMA, PASSAVA O DIA INTEIRO A CORRER DE UM LADO PARA O OUTRO, A TRATAR DA ROUPA, A PREPARAR CESTOS DE PIQUENIQUE PARA AS EXCURSÕES DE BARCO DELES E A LIMPAR E ARRUMAR A CASA DEPOIS DE SAÍREM. AO MESMO TEMPO, HILMA TAMBÉM TINHA DE DAR CONTA DAS SUAS PRÓPRIAS TAREFAS DOMÉSTICAS.

– SENTE-SE E DESCANSE UM POUCO, MAMÃ – DISSE ELSY COM DOÇURA, PONDO HESITANTEMENTE A MÃO NO OMBRO DA MÃE. HILMA ESTREMECEU AO TOQUE. NENHUMA DELAS ESTAVA HABITUADA A QUALQUER TIPO DO CONTACTO FÍSICO; PORÉM, DEPOIS DE UMA BREVE PAUSA, HILMA PÔS A MÃO SOBRE A DA FILHA E AFUNDOU-SE COM GRATIDÃO NUMA CADEIRA.

– JÁ ERA MAIS DO QUE TEMPO DE SE IREM EMBORA. NUNCA CONHECI PESSOAS TÃO EXIGENTES. «HILMA, FAZIA A FINEZA DE... HILMA, SE NÃO SE IMPORTA... HILMA, SERÁ QUE PODIA...» – DISSE A MÃE, IMITANDO AS VOZES CULTAS DOS INQUILINOS, MAS DEPOIS LEVOU A MÃO À BOCA, ALARMADA. NÃO ERA COSTUME MOSTRAR SEMELHANTE DESRESPEITO PELOS MAIS ABASTADOS. UMA PESSOA TINHA DE SABER PÔR-SE NO SEU LUGAR.

– PERCEBO MUITO BEM PORQUE ESTÁ TÃO CANSADA. NÃO FOI FÁCIL ATURÁ-LOS – ELSY DESPEJOU A ÁGUA QUE RESTAVA NUMA PANELA E PÔ-LA AO LUME. QUANDO A ÁGUA FERVEU, MISTUROU-LHE UM POUCO DE SUCEDÂNEO DE CAFÉ E PÔS NAME SA UMA CHÁVENA PARA HILMA E OUTRA PARA SI.

– JÁ VOU BUSCAR MAIS ÁGUA, MAMÃ, MAS PRIMEIRO VAMOS BEBER UM BOCADINHO DE CAFÉ.

– ÉS UMA BOA MENINA – HILMA BEBEU UM GOLINHO DAQUELA ZURRAPA. EM OCASIÕES ESPECIAIS, GOSTAVA DE BEBER O CAFÉ DO PIRES, MANTENDO UM PEDAÇO DE AÇÚCAR NA BOCA. MAS, ATUALMENTE, O AÇÚCAR ERA UM BEM ESCASSO E, ALÉM DISSO, COM O SUCEDÂNEO DE CAFÉ, O SABOR NÃO ERA DE TODO O MESMO.

– O PAPÁ DISSE QUANDO REGRESSAVA? – ELSY BAIXOU OS OLHOS. EM TEMPO DE GUERRA, AQUELA PERGUNTA TINHA UMA CARGA MAIS FORTE DO QUE ERA HABITUAL. HÁ POUCO TEMPO, O ÖCKERÖ TINHA SIDO TORPEDEADO E AFUNDADO COM TODA A TRIPULAÇÃO A BORDO. DESDE ESSE INCIDENTE, UM TOM FATÍDICO INFILTRARA-SE NAS DESPEDIDAS, A CADA NOVA PARTIDA. MAS O TRABALHO TINHA DE SER FEITO. NINGUÉM TINHA ESCOLHA. A CARGA TINHA DE SER ENTREGUE E O PEIXE TINHA DE SER PESCADO. ERA A VIDA DELES, INDEPENDENTEMENTE DE HAVER OU NÃO UMA GUERRA EM CURSO. PELO MENOS PODIAM DAR GRAÇAS POR O TRÁFEGO DE CARGUEIROS ENTRE A SUÉCIA E A NORUEGA CONTINUAR A SER PERMITIDO. ALÉM DISSO, ERA CONSIDERADO MAIS SEGURO DO QUE OS COMBOIOS QUE CIRCULAVAM FORA DA ZONA DE BLOQUEIO. PORQUE ASSIM, OS BARCOS DE FJÄLLBACKA PODIAM CONTINUAR A PESCAR E, EMBORA A PESCARIA FOSSE MAIS MAGRA DO QUE ANTES, PODIAM COMPLEMENTAR OS SEUS RENDIMENTOS COM OS TRANSPORTES ENTRE A SUÉCIA E OS PORTOS NORUEGUESES. GERALMENTE, O PAI DE ELSY TRAZIA GELO DA NORUEGA; SE TIVESSE SORTE, TAMBÉM O ENCARREGAVAM DE TRANSPORTAR CARGA NA VIAGEM PARA A NORUEGA.

– SÓ GOSTAVA... – HILMA CALOU-SE, MAS DEPOIS PROSSEGUIU: – SÓ GOSTAVA QUE ELE FOSSE UM POUCO MAIS CAUTELOSO.

– QUEM? O PAPÁ? – PERGUNTOU ELSY, EMBORA SOUBESSE PERFEITAMENTE A QUEM A MÃE SE ESTAVA A REFERIR.

– SIM – HILMA FEZ UM ESGAR QUANDO BEBEU OUTRO GOLINHO DE CAFÉ. – O TEU PAI LEVA O FILHO DO MÉDICO COM ELE NESTA VIAGEM E... BEM, ESTÁ-SE MESMO A VER QUE ISTO NÃO VAI ACABAR BEM, ACHO QUE NÃO É PRECISO DIZER MAIS NADA.

– AXEL É UM RAPAZ VALENTE; FARÁ O QUE PUDER. E TENHO A CERTEZA DE QUE O PAPÁ TAMBÉM QUER AJUDAR, NA MEDIDA DAS SUAS POSSIBILIDADES.

– ENTÃO E OS RISCOS? – PERGUNTOU HILMA, ABANANDO A CABEÇA. – OS RISCOS QUE O TEU PAI CORRE QUANDO LEVA AQUELE RAPAZ E OS AMIGOS DELE... NÃO CONSIGO DEIXAR DE PENSAR QUE ELE ESTÁ A ARRASTAR O TEU PAI E OS OUTROS PARA QUALQUER COISA PERIGOSA.

– TEMOS DE FAZER O QUE PODEMOS PARA AJUDAR OS NORUEGUESES – DISSE ELSY EM VOZ BAIXA. – IMAGINE QUE NOS ACONTECIA O MESMO QUE LHE ACONTECEU. ENTÃO SERÍAMOS NÓS A PRECISAR DA AJUDA DELES. AXEL E OS AMIGOS ESTÃO A FAZER BEM A MUITA GENTE.

– BEM, CHEGA DE CONVERSA. SEMPRE VAIS BUSCAR ÁGUA? – HILMA PARECIA IRRITADA QUANDO SE LEVANTOU E SE DIRIGIU AO LAVATÓRIO PARA LAVAR A SUA CHÁVENA DE CAFÉ. MAS ELSY NÃO FICOU OFENDIDA. SABIA QUE A MÃE SE IRRITAVA PORQUE ESTAVA MUITO PREOCUPADA.

LANÇANDO UM ÚLTIMO OLHAR ÀS COSTAS DA MÃE, PREMATURAMENTE ENCURVADAS, ELSY PEGOU NO BALDE E SAIU DE CASA PARA IR BUSCAR ÁGUA AO POÇO.

§

PARA SUA SURPRESA, PATRIK GOSTAVA DE DAR PASSEIOS. Não tinha tido muito tempo para fazer exercício nos últimos anos, mas se pudesse fazer uma longa caminhada todos os dias enquanto estivesse de licença de paternidade, talvez conseguisse livrar-se da barriga que começava a salientar-se. O facto de Erica ter acabado com os doces lá em casa também estava a fazer o seu efeito, ajudando-o a perder uns quilos.

Patrik passou pela bomba de gasolina e continuou em passo vivo pela estrada em direção a sul. Maja ia sentada na sua cadeirinha de passeio, voltada para a frente e tagarelando alegremente. Adorava sair e cumprimentava toda gente com um alegre «Olá» e um sorriso rasgado. Era realmente um pequeno raio de sol, embora também ficasse terrivelmente mal-humorada quando embirrava com alguma coisa. Deve ter herdado aquela faceta do lado materno, pensou Patrik.

À medida que seguiam pela estrada, Patrik sentia-se cada vez mais satisfeito com a sua vida. Ansiava por uma nova rotina diária e era bom poderem finalmente ter a casa só para eles. Não é que não gostasse de Anna e dos seus filhos, mas tinha sido uma provação enorme viverem debaixo do mesmo teto mês após mês. Agora, restava-lhe apenas lidar com o problema da mãe. Patrik sentia-se sempre dividido entre Erica e Kristina. Claro que compreendia a irritação de Erica por causa do hábito que a mãe tinha de tecer críticas sobre as suas capacidades enquanto pais sempre que ia visitá-los. Mesmo assim, Patrik desejava que Erica fizesse como ele e não ligasse a nada do que a mãe dizia. E Erica também podia mostrar um

pouco de compaixão; afinal, Kristina vivia sozinha, com pouco mais para ocupar o tempo do que o filho e a família dele. A irmã de Patrik, Lotta, vivia em Gotemburgo, que não ficava longe; porém, mesmo assim, continuava a ser mais fácil para Kristina visitar Patrik e Erica. E, às vezes, a mãe era realmente um grande apoio. Patrik e Erica tinham conseguido ir jantar fora algumas vezes enquanto Kristina tomava conta de Maja e... bem, apenas lamentava que Erica não conseguisse ver o lado positivo mais vezes.

– Olha, olha! – disse excitadamente Maja, apontando o seu dedinho quando passaram pelo centro equestre de Rimfaxe e viram os cavalos a pastar. Pararam um momento para os observar; Patrik não gostava particularmente daquelas criaturas, mas tinha de admitir que os cavalos dos fiordes eram realmente bastante bonitos, além de pareceram relativamente inofensivos. Lembrou-se de trazer algumas maçãs e cenouras da próxima vez. Depois de Maja se ter fartado dos cavalos, partiram para o último troço do percurso até ao moinho, onde dariam meia-volta para regressar a Fjällbacka.

Quando começaram a ver a torre da igreja, que se agigantava no cimo da colina, Patrik avistou subitamente um carro que conhecia bem. As luzes azuis não piscavam e as sirenes não estavam ligadas, por isso não devia tratar-se de uma situação de emergência, mas Patrik não pôde deixar de sentir a pulsação a acelerar.

Mal o primeiro carro-patrolha tinha aparecido no topo da colina, Patrik viu o segundo segui-lo de perto. Franziu a testa. Os dois carros; isso significava que devia ser alguma coisa grave. Começou a acenar quando o primeiro carro estava a cerca de cem metros de distância. O carro abrandou e Patrik aproximou-se para falar com Martin, que ia ao volante. Maja abanou ansiosamente ambos os braços. No seu mundo, era sempre um divertimento quando algo acontecia.

– Olá, Hedström. Andas a passear? – perguntou Martin, acenando a Maja.

– Bem, temos de manter-nos em forma... Que se passa? – O segundo carro-patrolha apareceu logo em seguida e parou. Patrik

acenou a Mellberg e a Gösta.

– Olá, chamo-me Paula Morales – só nesse momento é que Patrik reparou na mulher com uniforme da polícia sentada ao lado de Martin. Deu-lhe um aperto de mão e apresentou-se. Depois, Martin respondeu à pergunta do colega.

– Comunicaram-nos a descoberta de um cadáver. Muito perto daqui.

– Suspeitam de crime? – perguntou Patrik, franzindo a testa.

Martin encolheu os ombros.

– Ainda não sabemos nada. Dois rapazes encontraram o cadáver e telefonaram-nos. – O carro-patrulha atrás deles buzinou, o que fez com que Maja desse um salto na sua cadeirinha.

– Olha, Patrik – disse apressadamente Martin. – Não podias entrar e vir connosco? Não me sinto muito à vontade com... enfim, tu sabes com quem – Martin fez um gesto na direção do outro carro.

– Não sei se será muito boa ideia – disse Patrik. – Tenho a minha filha comigo... e oficialmente estou de licença, como tu sabes.

– Por favor – pediu Martin, inclinando a cabeça. – Vem connosco só para dar uma vista de olhos. Depois dou-te boleia para casa. Há espaço para a cadeirinha no porta-bagagens.

– Mas tu não tens uma cadeirinha de bebé no carro.

– Pois, tens razão. Bem, então e se fosses a pé até ao local? É já ao virar da esquina. Na primeira rua à direita, na segunda casa do lado esquerdo. Diz «Frankel» na caixa do correio.

Patrik hesitou, mas outra buzina do segundo carro-patrulha incitou-o a decidir-se.

– Está bem, dou lá um salto, só para dar uma vista de olhos. Mas tu terás de tomar conta da Maja enquanto eu estiver dentro da casa. E nem uma palavra a Erica acerca disto. Ia ficar furiosa se descobrisse que levei a Maja a um possível local do crime.

– Prometo – disse Martin, piscando o olho. Acenou a Mellberg e a Gösta e meteu a primeira. – Até já.

– Até já – disse Patrik, com uma forte sensação de que aquilo era

algo de que ia arrepender-se. Mas a curiosidade levou a melhor sobre o seu instinto de sobrevivência; Patrik deu meia-volta com a cadeirinha de Maja e começou a dirigir-se apressadamente para Hamburgsund.

* * *

– Tudo o que é de pinho tem de sair! – Anna estava de pé, com as mãos na cintura, tentando fazer a sua expressão mais austera.

– Que mal é que tem o pinho? – perguntou Dan, coçando a cabeça.

– É horrível! Nem percebo porque é que perguntas – disse Anna, mas não pôde evitar uma gargalhada. – Não fiques com um ar tão assustado, amor... Mas vou mesmo ter de insistir. Não há nada mais feio do que móveis de pinho. E a cama é a mais feia deles todos. Além disso, não quero continuar a dormir na mesma cama que partilhaste com a Pernilla. Posso viver na mesma casa, mas não consigo dormir na mesma cama.

– Bem, compreendo as tuas reservas, mas comprar uma quantidade de móveis novos vai sair caro – Dan parecia preocupado. Quando começaram a namorar, ele abandonara os planos para vender a casa, mas continuava a ser bastante difícil arranjar dinheiro para pagar as contas.

– Eu tenho o dinheiro que recebi da Erica quando ela comprou a minha parte da casa dos nossos pais. Vamos investir uma parte para comprar coisas novas. Podemos ir às compras juntos, ou então podes deixar-me tratar de tudo... se te atreveres.

– Acredita, prefiro não tomar decisões acerca da mobília – disse Dan. – Desde que não seja nada demasiado extravagante, podes comprar o que te der na gana. Bem, basta de conversa, anda cá dar-me um abraço.

Como era costume, deixaram-se dominar pela paixão e Dan estava a começar a desapertar o sutiã de Anna quando alguém abriu a porta da frente e entrou. Como se via perfeitamente a cozinha desde o

vestíbulo, não havia dúvidas acerca do que estava a acontecer.

– Jesus, que nojo! Não posso acreditar que estejam na marmelada na cozinha! – Belinda passou por eles de rompante e dirigiu-se para o seu quarto com o rosto vermelho de fúria. Do cimo das escadas, parou e gritou-lhes:

– Assim que puder vou viver outra vez com a mamã, estão a ouvir? Pelo menos lá não tenho de estar constantemente a ver-vos a enfiarem a língua na garganta um do outro! É um nojo! Estão a ouvir-me?

Bum! A porta do quarto fechou-se com estrondo e Dan e Anna ouviram a chave a rodar na fechadura. Um segundo mais tarde, a música começou a tocar, tão alto que os pratos na bancada saltavam e chocalhavam ao ritmo da batida.

– Oops – disse Dan, fazendo um esgar quando olhou para o teto.

– Pois, «oops» parece-me a expressão adequada para isto – disse Anna, apartando-se do abraço de Dan. – Não deve estar a ser fácil para ela. – Pegou nos pratos que continuavam a tilintar e colocou-os no lava-loiça.

– Eu sei, mas ela vai ter de aceitar que há uma nova mulher na minha vida – disse Dan com ar aborrecido.

– Tenta pôr-te no lugar dela. Primeiro, tu e Pernilla divorciam-se, depois passam pela tua vida... – Anna sopesou cuidadosamente as palavras – umas quantas namoradas que vão e vêm, e a seguir entro eu em cena e mudo-me para cá com duas crianças pequenas. Belinda ainda mal fez dezassete anos, o que já de si não é fácil, e ainda por cima tem de habituar-se a viver com três estranhos.

– Pois, tens toda a razão, eu sei – disse Dan com um suspiro. – Mas não faço ideia de como lidar com uma adolescente. Quer dizer, devo simplesmente deixá-la em paz, ou será que isso a vai fazer sentir-se negligenciada? Ou deveria insistir em falar com ela e arriscar-me a fazer com que pense que a estou a pressionar? Devia haver um manual para situações destas.

Anna deu uma gargalhada.

– Acho que se esqueceram de entregar os manuais na maternidade.

Mas podes tentar conversar com ela. Se Belinda te bater com a porta na cara, pelo menos sabes que tentaste. E depois deves tentar novamente. E mais uma vez. Ela tem medo de te perder. Tem medo de perder o direito de ser criança. Tem medo de que, como nos mudámos cá para casa, nos apoderemos de tudo. É uma reação perfeitamente compreensível.

– Que fiz eu para merecer uma mulher tão sensata? – perguntou Dan, puxando-a de novo para si.

– Não sei – retorquiu Anna, sorrindo enquanto aninhava a cara no peito de Dan. – Mas, cuidado, olha que eu não sou assim tão sensata. Apenas parece que sou, em comparação com as tuas conquistas anteriores.

– Então, vê lá isso – afirmou Dan com uma gargalhada enquanto a apertava ainda mais nos seus braços. – Se continuares com isso, talvez decida conservar a cama de pinho.

– Afinal queres ou não que eu fique aqui?

– Pronto. Ganhaste. Podes substituir tudo.

Ambos deram uma gargalhada. E beijaram-se. Acima das suas cabeças, a música *pop* continuava a ressoar num volume ensurdecedor.

Martin viu os rapazes assim que virou para a rampa de acesso à frente da casa. Estavam de pé e ambos abraçavam o corpo com os braços e tiritavam. Tinham os rostos pálidos e pareceram ter ficado visivelmente aliviados quando avistaram os carros-patrulha.

– Martin Molin – disse o jovem agente, cumprimentando o primeiro rapaz, que se apresentou como Adam Andersson num sussurro. O outro rapaz abanou a mão direita e desculpou-se, explicando com expressão envergonhada:

– Vomitei e limpei-me com esta... Enfim, acho que é melhor não lhe dar um aperto de mão.

Martin assentiu, compreensivo.

– Não faz mal. Afinal, que aconteceu aqui ao certo? – virou-se para

Adam, que parecia estar mais sereno. Era mais baixo do que o amigo, tinha cabelo loiro desgrenhado e um furioso acesso de acne nas bochechas.

– Bem, o que aconteceu foi que nós... – Adam olhou de relance para Mattias, que se limitou a encolher os ombros; por isso, prosseguiu: – Pensámos entrar na casa para dar uma vista de olhos, uma vez que parecia que os dois velhotes tinham ido viajar.

– Os velhotes? – perguntou Martin. – Quer dizer que moram aqui duas pessoas?

Mattias respondeu:

– Dois irmãos. Não sei os nomes deles, mas a minha mãe deve saber. Ela tem ficado com o correio deles desde o início de junho. Um dos irmãos costuma sempre estar fora o verão inteiro, mas o outro não. Só que, desta vez, ninguém ia buscar o correio à caixa; portanto, pensámos que... – Mattias deixou a frase por completar e cravou os olhos nos sapatos. Ainda havia uma mosca morta colada a um deles. O rapaz sacudiu-o, enojado, tentando livrar-se da mosca. – O homem que está morto dentro da casa é o velhote que não costuma sair? – perguntou Mattias, erguendo os olhos.

– Neste momento, sabem mais do que nós – respondeu Martin. – Mas continua. Estavam a pensar entrar e depois aconteceu o quê?

– Mattias encontrou uma janela aberta e trepou primeiro – respondeu Adam. – Agora até parece engraçado, porque quando saímos descobrimos que a porta da frente estava destrancada. Portanto, podíamos ter entrado normalmente. Seja como for, Mattias trepou até à janela e depois ajudou-me a subir. Quando saltámos para o chão, reparámos que se ouvia um restolhar debaixo dos nossos sapatos, mas não víamos o que era porque estava demasiado escuro.

– Escuro? – interrompeu Martin. – Porque é que estava escuro? – Pelo canto do olho, Martin viu que Gösta, Paula e Mellberg escutavam atentamente por detrás dele o que o rapaz dizia.

– Todas as persianas estavam corridas – explicou pacientemente Adam. – Mas subimos a persiana da janela por onde entrámos. E

vimos logo que a sala estava coberta de moscas mortas. E o cheiro era horrível.

– Pavoroso – concordou Mattias, parecendo estar a tentar repelir nova onda de náuseas.

– Então e depois? – perguntou Martin, esforçando-se para manter os rapazes concentrados.

– Depois avançámos pela sala. A cadeira por detrás da secretária estava voltada, com as costas viradas para nós, e não conseguíamos ver se havia alguém lá sentado. Mas tive uma sensação de que... bem, costumo ver a série *CSI* e, com aquele cheiro horrível e todas aquelas moscas mortas... não é preciso ser o Einstein para perceber que alguém tinha morrido ali. Portanto, aproximei-me da cadeira e voltei-a. E lá estava ele! – Aparentemente, a cena ainda estava demasiado fresca na mente de Mattias; o rapaz virou-se e vomitou no relvado. Limpou a boca e sussurrou: – Desculpem.

– Está tudo bem – disse Martin. – Aconteceu-nos a mesma coisa a todos quando vimos um cadáver pela primeira vez.

– A mim nunca me aconteceu tal coisa – disse Mellberg com arrogância.

– Nem a mim – retorquiu laconicamente Gösta.

– A mim também não – acrescentou Paula.

Martin lançou-lhes um olhar assassino sobre o ombro.

– Ele tem um aspeto mesmo nojento – disse Adam. Apesar do choque, o rapaz parecia estar a retirar algum prazer da situação. Por detrás dele, Mattias estava dobrado em dois e tentava novamente vomitar, mas parecia não ter nada mais no estômago.

– Alguém pode levar os rapazes para casa? – perguntou Martin, virando-se para enfrentar os colegas. A princípio ninguém respondeu, mas depois Gösta disse:

– Eu levo-os. Venham, rapazes, entrem no carro!

– Moramos a pouco mais de cem metros daqui – disse Mattias com voz fraca.

– Então acompanho-vos a casa – disse Gösta, indicando-lhes que o

seguissem. Os rapazes começaram a andar à sua frente, desengonçados, como é hábito dos adolescentes – Mattias com uma expressão agradecida, Adam obviamente desapontado por estar prestes a perder o que ia acontecer a seguir.

Martin seguiu-os com o olhar até desaparecerem depois da curva na estrada e depois disse, sem qualquer indício de expectativa na voz:

– Bem, vamos lá ver o que temos aqui.

Bertil Mellberg pigarreou.

– Não tenho nenhum problema com cadáveres e essas coisas... absolutamente nenhum; vi vários no meu tempo. Mas alguém devia verificar também... a área circundante. Talvez fosse melhor ser eu a encarregar-me dessa tarefa, uma vez que sou o chefe e o agente com mais experiência aqui presente – Mellberg pigarreou novamente.

Martin e Paula trocaram olhares divertidos, mas antes de responder, Martin teve o cuidado de colocar uma expressão séria.

– Nisso tem toda a razão, Bertil. Seria melhor que fosse alguém com a sua experiência a fazer uma inspeção cuidadosa ao local. Paula e eu podemos entrar e dar uma olhadela.

– Certo... exatamente. Acho que seria a melhor coisa a fazer – Mellberg balançou-se para trás nos calcanhares por um momento antes de se afastar despreocupadamente pelo relvado.

– Vamos entrar? – perguntou Martin.

Paula limitou-se a assentir.

– Agora tem cuidado – disse Martin a Paula quando abriu a porta. – Não queremos perturbar qualquer prova caso se verifique que não se tratou de morte por causas naturais. Vamos apenas dar uma olhadela antes de os técnicos forenses chegarem.

– Tenho cinco anos de experiência na Divisão de Crimes Violentos do condado de Estocolmo. Sei muito bem como lidar com um potencial local de crime – respondeu Paula com bonomia.

– Oh, desculpa, não sabia isso – disse Martin, envergonhado, mas depois concentrou a sua atenção na tarefa que tinha em mãos.

Um silêncio agourento reinava no interior da casa, quebrado apenas

pelos passos dos dois agentes no salão. Martin perguntou a si próprio se o silêncio lhe teria parecido tão assustador se não soubesse que havia um cadáver no local. Concluiu que não teria.

– Ali – sussurrou Martin, mas depois apercebeu-se de que não havia qualquer motivo para falar baixinho, de modo que repetiu na sua voz normal, que ressoou pelas paredes: – Ali.

Paula seguiu-o de perto enquanto Martin deu mais algumas passadas em direção à sala que pensava ser a biblioteca e abriu a porta. O cheiro estranho que os agentes sentiram assim que tinham entrado na casa intensificou-se. Os rapazes tinham razão. O chão estava pejado de moscas. Os sapatos provocavam um restolhar à medida que Martin e Paula avançavam pela sala. O cheiro era intensamente adocicado, porém não passava agora de um vestígio do que devia ter sido de início.

– Não há dúvida de que alguém morreu aqui há bastante tempo – disse Paula. Depois, os dois agentes avistaram o que havia na extremidade da sala.

– Sim, disso não há dúvida nenhuma – disse Martin. Tinha um sabor desagradável na boca. Ganhou coragem e atravessou cautelosamente a sala na direção do cadáver sentado na cadeira.

– Fica aí – Martin ergueu a mão para advertir Paula, que permaneceu obedientemente junto da porta. Não ficou ofendida. Quanto menos polícias andassem pela sala, melhor.

– Não me parece que tenha morrido de causas naturais – disse Martin enquanto a bÍlis lhe afluía à garganta. Engolia repetidamente para combater as náuseas enquanto se concentrava na tarefa. Apesar do estado miserável em que se encontrava o corpo, não havia qualquer dúvida. Uma grande ferida de um dos lados da cabeça da vítima falava por si. A pessoa que estava sentada na cadeira tinha sido brutalmente agredida.

Martin virou-se cuidadosamente e saiu da sala. Paula seguiu-o. Depois de inspirar o ar fresco por diversas vezes, a vontade de vomitar desvaneceu-se. Nesse momento, Martin viu Patrik a dobrar a

esquina e seguir pelo caminho de gravilha.

– Foi um crime – disse Martin logo que Patrik ficou ao alcance da sua voz. – Torbjörn e a sua equipa terão de vir até cá e meter mãos à obra. Por agora não há mais nada que possamos fazer.

– Certo – disse Patrik com expressão sombria. – Será que podia só... – parou e olhou para Maja, sentada na sua cadeirinha.

– Entra e dá uma vista de olhos. Eu tomo conta da Maja – disse ansiosamente Martin, aproximando-se e pegando na menina ao colo. – Vamos lá, minha querida, vamos ver aquelas flores ali à frente.

– Flores – disse Maja, apontando para o canteiro.

– Também entraste? – perguntou Patrik a Paula.

A colega assentiu.

– Não é um espetáculo agradável. Parece que esteve ali sentado durante todo o verão. Pelo menos é essa a minha opinião.

– Suponho que tiveste a tua quota-parte de coisas desagradáveis durante os anos em que trabalhaste em Estocolmo.

– Não vi muitos cadáveres neste estado, mas vi alguns bastante desagradáveis.

– Bem, vou entrar para dar uma vista de olhos. Na verdade, estou de licença de paternidade, mas...

Paula sorriu.

– É difícil mantermo-nos afastados, não é? Eu percebo. Mas Martin parece saber controlar bem a situação. – Com um sorriso, Paula olhou para o canteiro de flores onde Martin estava agachado com Maja, a admirar os rebentos.

– Ele é um rochedo. Em todos os sentidos da palavra – disse Patrik, começando a caminhar em direção à casa. Poucos minutos depois, estava de regresso.

– Concordo com Martin. Não há muitas dúvidas acerca disto, tendo em conta aquele ferimento enorme na cabeça da vítima.

– Não há vestígios de qualquer suspeito – anunciou Mellberg, que arfava e bufava quando dobrou a esquina e se lhes juntou. – Então, como estão as coisas lá dentro? Você entrou, Hedström? – perguntou.

Patrik assentiu.

– Sim, restam poucas dúvidas de que se tratou de um homicídio. Vai chamar os técnicos?

– Claro – disse pomposamente Mellberg. – Eu sou o chefe deste manicómio. A propósito, que está você aqui a fazer? Insistiu em tirar a licença de paternidade e, agora que a conseguiu, aparece aqui como um daqueles bonecos com molas que saltam de uma caixa – Mellberg virou-se para Paula: – Realmente não entendo a geração moderna... homens que ficam em casa a mudar fraldas e mulheres a andarem para aí de uniforme – Mellberg virou-se abruptamente e regressou com andar pesado ao carro-patrolha para chamar os técnicos.

– Bem-vinda a Tanumshede – disse secamente Patrik, recebendo um sorriso divertido em resposta.

– Não te preocupes, não me senti insultada. Já apanhei tipos destes antes. Se eu deixasse que todos os dinossauros de uniforme me incomodassem, já tinha atirado a toalha ao chão há muito tempo.

– Fico contente por encarares isto dessa forma – retorquiu Patrik. – Quanto mais não seja, Mellberg tem a vantagem de ser consistente... discrimina tudo e todos.

– É reconfortante saber isso – afirmou Paula com uma gargalhada.

– Qual é a graça? – perguntou Martin, que ainda tinha Maja ao colo.

– Mellberg – responderam Patrik e Paula em uníssono.

– Que foi que ele disse desta vez?

– Oh, o costume – respondeu Patrik, pegando em Maja. – Mas a Paula parece ser capaz de lidar bem com a situação; portanto, acho que vai correr tudo bem. Agora esta menina e eu temos de ir para casa. Diz adeus, querida.

Maja acenou e sorriu para Martin, cujo rosto se iluminou.

– Então, vais deixar-me, minha menina? Pensei que havia uma cena especial entre nós – Martin fez beicinho e fingiu um olhar triste.

– Maja nunca se vai interessar por mais nenhum homem além do seu papá. Certo, querida? – Patrik esfregou o nariz no pescoço de Maja, que começou a dar gritinhos de tanto rir. Depois, Patrik

instalou-a na cadeirinha e acenou aos colegas. Uma parte dele estava aliviada por poder ir-se embora. Mas a outra teria dado tudo para poder ficar.

Estava confusa. Seria segunda-feira? Ou já era terça? Britta andava nervosamente de um lado para o outro na sala de estar. Era tão... frustrante. Parecia que quanto mais se esforçava para agarrar algo, mais aquilo lhe escapava. Em momentos mais lúcidos, uma voz interior dizia-lhe que deveria ser capaz de controlar as coisas com pura força de vontade. Devia ser capaz de fazer com que o seu cérebro lhe obedecesse. Ao mesmo tempo, Britta sabia que o seu cérebro estava a mudar, a ir-se abaixo, perdendo a sua capacidade de recordar, de se agarrar a momentos, a factos, informações, rostos.

Segunda-feira. Era segunda-feira. Claro. No dia anterior, as filhas e as respetivas famílias tinham aparecido para o jantar de domingo. Ontem. Então, hoje era segunda-feira. Definitivamente. Com alívio, Britta estacou a meio de um passo. Aquilo pareceu-lhe uma pequena vitória. Pelo menos sabia que dia era.

Os olhos marejaram-se de lágrimas e Britta sentou-se na beira do sofá. O contacto com aquele forro com padrão florido Josef Frank⁵ era agradável e familiar. Tinha ido comprar o tecido com Herman. Ou melhor, ela tinha-o escolhido e Herman concordara com a sua escolha. Fazia qualquer coisa para a fazer feliz. Herman teria aceitado de bom grado comprar um sofá cor de laranja com bolas verdes se fosse essa a vontade dela. Herman, sim... Onde estaria ele? Britta começou a arrepanhar nervosamente o tecido florido do sofá. Na verdade, sabia onde ele estava. Sabia mesmo. Na sua mente, Britta imaginou os lábios dele a moverem-se enquanto explicava para onde ia. Até se lembrou de Herman o ter repetido várias vezes. Mas, tal como esquecera repentinamente que dia era, aquele pequeno fragmento de informação acabara também por fugir-lhe, desconcertando-a, escarnecendo dela. Frustrada, Britta apertou o braço do sofá. Devia ser capaz de se lembrar. Se ao menos conseguisse concentrar-se o

suficiente.

Uma sensação de pânico apoderou-se dela. Onde estava Herman? Será que ia estar fora durante muito tempo? Ele não tinha ido viajar, ou tinha? E deixava-a ali? Será que a ia deixar para sempre? Fora isso que os seus lábios tinham dito na memória vaga que tinha cruzado a sua mente? Britta precisava de certificar-se de que não era esse o caso. Tinha de ir ver para certificar-se de que as coisas dele ainda lá estavam. Saltou do sofá e correu escadas acima. O pânico ribombava nos seus ouvidos como uma onda a rebentar na praia. O que tinha dito exatamente Herman? Uma olhadela ao guarda-fatos tranquilizou-a. Todas as coisas de Herman estavam lá: casacos, camisolas, camisas. Estava lá tudo. Mas Britta continuava sem saber onde ele estava.

Lançou-se sobre a cama, enroscou-se como uma criança e chorou. Dentro do seu cérebro, as coisas continuavam a desaparecer. Segundo a segundo, minuto a minuto, o disco rígido da sua vida estava a ser apagado. E não havia nada que pudesse fazer para o evitar.

– Olá! Que grande passeio que vocês deram. Estiveram muito tempo fora – Erica foi receber Patrik e Maja, que deu à mãe um beijo lambuzado.

– É verdade. Olha lá, não devias estar a trabalhar? – Patrik evitou olhar Erica nos olhos.

– Sim, bem... – disse Erica, suspirando. – Estou a ter dificuldade em começar. Sento-me, fico a olhar fixamente para o ecrã e como caramelos. A continuar assim, vou pesar noventa quilos quando acabar o livro – Erica ajudou Patrik a tirar a roupa que Maja vestira para sair. – Não pude resistir a dar uma olhadela ao diário da minha mãe.

– Descobriste alguma coisa interessante? – perguntou Patrik, aliviado por não ter de responder a mais perguntas sobre o motivo de um passeio tão demorado.

– Na verdade, não. São sobretudo impressões acerca da vida quotidiana. Mas só li algumas páginas. Tenho de o consumir em pequenas doses. – Erica dirigiu-se à cozinha e, para mudar de assunto,

sugeriu: – Vamos beber um chá?

– Sim, boa ideia – disse Patrik, pendurando o seu casaco e o de Maja. Depois foi ter com Erica à cozinha e ficou a observá-la enquanto se atarefava a pôr água ao lume e a tirar as saquetas de chá e as chávenas do louceiro. Conseguiram ouvir Maja a brincar com os seus bonecos na sala. Alguns minutos mais tarde, Erica pôs duas chávenas de chá fumegante na mesa da cozinha e sentaram-se frente a frente.

– Muito bem, conta lá – disse Erica, estudando Patrik. Conhecia-o tão bem! A expressão esquiva nos olhos do marido, sob a farta cabeleira, o tamborilar nervoso sobre a mesa; havia algo que ele não queria ou que não se atrevia a contar-lhe.

– Que queres dizer com isso? – perguntou Patrik, tentando parecer inocente.

– Não comeces a piscar esses olhos azul-claros. O que é que me estás a esconder? – Erica bebeu um pouco de chá quente e esperou, divertida, que Patrik parasse de contorcer-se na cadeira e fosse direto ao assunto.

– Bem...

– Sim? – perguntou Erica de modo prestável, reconhecendo que uma parte do seu ser se deleitava sadicamente com o desconforto óbvio de Patrik.

– Bem, aconteceu uma coisa quando eu e Maja estávamos a dar o nosso passeio.

– A sério? Vocês regressaram inteiros; portanto, o que poderá ter sido?

– Bem... – Patrik bebeu um gole de chá para tentar ganhar algum tempo enquanto ponderava a melhor forma de explicar o sucedido. – Estávamos a caminho do moinho de Lersten quando Martin e o resto do pessoal apareceram para tomar conta de uma ocorrência – Patrik lançou um olhar cauteloso a Erica. Esta ergueu uma sobrancelha e esperou que Patrik prosseguisse.

– Alguém telefonou para a esquadra a comunicar a descoberta de

um cadáver numa casa na estrada para Hamburgsund, e eles estavam a dirigir-se para lá.

– Estou a ver. Mas tu estás de licença de paternidade, de modo que isso não tem rigorosamente nada que ver contigo – de repente, Erica teve um sobressalto, a chávena parando a meio caminho da boca. – Não me estás a querer dizer que... – Erica olhou para Patrik, incrédula.

– Sim – respondeu Patrik num tom um pouco estridente e de olhos fixos na mesa.

– Não me digas que levaste Maja para um sítio onde foi encontrado um cadáver? – o olhar de Erica estava cravado nele.

– Hum, sim, mas Martin ficou a tomar conta dela enquanto eu fui lá dentro dar uma vista de olhos. Ele levou-a ao colo para ver um canteiro com flores – Patrik arriscou um leve sorriso conciliador, mas recebeu apenas um olhar gelado em troca.

– Enquanto tu foste lá dentro dar uma vista de olhos? – Os cubos de gelo na voz de Erica chocalhavam impiedosamente. – Tu estás de licença de paternidade. As palavras-chave aqui são «de licença», já para não falar de «paternidade»! Será que é assim tão difícil dizeres: «Neste momento, não estou a trabalhar»?

– Eu só entrei para dar uma vista de olhos – disse desajeitadamente Patrik, mas sabia que Erica tinha razão. Estava de licença. Licença de paternidade. Os colegas poderiam tomar conta do circo. E ele não devia ter levado Maja para perto de um local do crime.

Nesse instante, Patrik apercebeu-se de que havia mais um pormenor que Erica desconhecia. Sentiu um tique nervoso no rosto quando engoliu em seco e acrescentou:

– É verdade, chegou-se à conclusão de que foi homicídio.

– Homicídio! – a voz de Erica subiu para um tom de falsete. – Como se já não bastasse levares Maja a uma casa onde foi descoberto um cadáver, ainda por cima, o tipo foi assassinado – Erica abanou a cabeça. As restantes palavras que queria proferir pareciam ter-lhe ficado presas na garganta.

– Prometo que isto não volta a acontecer – Patrik abriu os braços. – Eles vão ter de solucionar o caso sozinhos. Estou de licença até janeiro e eles sabem disso. Vou dedicar-me à Maja a cem por cento. Palavra de honra!

– Espero bem que não volte mesmo a acontecer – rosnou Erica. A raiva era tanta que tinha vontade de se inclinar sobre a mesa e dar-lhe um abanão. Mas não tardou a ser dominada pela curiosidade: – Onde é que isso aconteceu? Já descobriram a identidade da vítima?

– Não faço a mínima ideia. O cadáver foi encontrado numa grande casa branca que fica do lado esquerdo, cem metros depois de cortarmos na primeira rua à direita a seguir ao moinho.

Erica lançou-lhe um olhar estranho. E depois perguntou:

– Uma grande casa branca com painéis de madeira cinzentos?

Patrik refletiu por um momento e depois assentiu.

– Sim, acho que era assim. Dizia «Frankel» na caixa do correio.

– Eu sei quem mora nessa casa. Axel e Erik Frankel. Não te lembras, Erik Frankel é o homem a quem fui mostrar a medalha nazi.

Patrik olhou para ela, emudecido com o choque. Como podia ter-se esquecido daquilo? Frankel não era exatamente o nome mais comum na Suécia.

Da sala, chegou-lhes aos ouvidos a alegre tagarelice de Maja.

Só ao final da tarde é que conseguiram finalmente regressar à esquadra. Torbjörn Ruud, chefe da divisão de peritos forenses, chegara com a sua equipa, levava a cabo o seu trabalho de forma meticulosa e depois partira. O cadáver também fora removido e estava agora a caminho do instituto de medicina legal, onde iria ser submetido a todos os exames possíveis e imagináveis.

– Bem, isto foi uma segunda-feira infernal – disse Mellberg com um suspiro quando Gösta estacionou o carro.

– Podes crer – retorquiu Gösta, que nunca era pessoa para desperdiçar palavras.

Ao entrarem na esquadra, Mellberg mal teve tempo de registar algo

que se aproximava a toda a velocidade quando uma forma peluda lhe saltou para cima, a língua húmida a lambe-lhe o rosto.

– Então, então! Para com isso! – Enojado, Mellberg enxotou o cão. De orelhas caídas, o dececionado animal arrastou-se na direção de Annika, sabendo que pelo menos aí seria bem-vindo.

Gösta esforçou-se por conter uma gargalhada enquanto Mellberg limpava a saliva do cão com as costas da mão e repunha minuciosamente o seu arranjo capilar no devido lugar, resmungando com irritação o tempo todo.

Com os ombros a estremecer de hilaridade, Gösta regressava ao seu gabinete quando uma voz a chamar «*Ernst! Ernst!* Já para aqui!» o fez estacar. Já passara algum tempo desde que Ernst Lundgren tinha sido posto na rua e nunca ouvira falar da possibilidade de o ex-colega voltar a trabalhar na esquadra.

Gösta saiu para o corredor e viu Mellberg a apontar para qualquer coisa no chão com o rosto vermelho como um tomate.

– *Ernst*, o que é isto?

Quando o cão se retirou furtivamente, com a cabeça pendente de vergonha, Mellberg chamou Annika aos berros. A secretária não tardou a aparecer.

– Oops, parece que houve aqui um pequeno acidente – Annika lançou um olhar solidário ao cão, que agradeceu e se aproximou dela.

– Um pequeno acidente? *Ernst* fez cocó no meu gabinete.

– Que aconteceu? – perguntou Martin, entrando no gabinete de Mellberg com Paula logo atrás.

Gösta, que por essa altura tinha perdido completamente a batalha para conter o riso, mal conseguia fazer sair as palavras:

– *Ernst...* fez cocó no chão.

Martin olhou do pequeno monte no chão do gabinete de Mellberg para o cão, encostado à perna de Annika.

– Não me diga que chamou *Ernst* ao cão? – perguntou Martin, desatando também a rir à gargalhada.

– Pronto, já chega – disse Mellberg. – Limpe isto, Annika, para que

todos possamos voltar ao trabalho – Mellberg avançou pesadamente até à secretária e sentou-se. O cão olhou de Annika para o superintendente. Depois, decidindo que o pior já tinha passado, abanou a cauda e foi ter com o novo dono.

Os restantes trocaram olhares surpreendidos, perguntando-se o que vira o cão em Bertil Mellberg que aparentemente lhes tinha escapado.

Erica não conseguia parar de pensar em Erik Frankel. Não chegara a conhecê-lo muito bem, mas era como se ele e Axel, o irmão, fizessem parte de Fjällbacka. «Os filhos do médico.» Era como lhes chamavam, apesar de já terem passado cinquenta anos desde que o pai exercera medicina em Fjällbacka e quarenta desde a sua morte.

Recordou a visita à casa que outrora pertencera aos pais deles e que passara a ser o lar dos dois irmãos. Tinha sido a sua única visita. Os solteirões idosos partilhavam um fascínio pela Alemanha e o nazismo, cada qual à sua maneira. Erik, que era professor de História reformado, colecionava artefactos do período nazi, ao passo que Axel, o irmão mais velho, tinha algum tipo de ligação com o Centro Simon Wiesenthal⁶, se Erica bem se lembrava. Além disso, tinha uma vaga memória de Axel se ter envolvido numa situação complicada durante a guerra.

Telefonara a Erik a contar-lhe a sua descoberta e descrevera-lhe a medalha. Erica perguntara a Erik se a podia ajudar a pesquisar as suas origens e talvez explicar como poderia ter ido parar no meio dos pertences da mãe. A reação imediata de Erik foi o silêncio absoluto. Erica dissera várias vezes «Estou?», julgando que Erik lhe desligara o telefone na cara. Por fim, o homem pediu-lhe numa voz estranha que lhe levasse a medalha para lhe dar uma vista de olhos. O longo silêncio e o tom de voz estranho incomodaram-na, mas Erica não mencionara nada disso a Patrik. Estava convencida de que devia ter estado a imaginar coisas. E, quando foi até casa dos irmãos, não notou nada de estranho. Erik recebeu-a cortesmente e acompanhou-a à biblioteca. Com uma expressão contida, Erik tirara-lhe a medalha das

mãos e estudara-a cuidadosamente. Depois, perguntou se podia ficar algum tempo com ela, para poder levar a cabo uma pesquisa. Erica concordara.

Em seguida, Erik mostrara-lhe a sua coleção. Com um misto de temor e interesse, Erica olhou para os artefactos tão intimamente ligado àquele período negro e terrível. Não pôde deixar de perguntar-lhe porque é que alguém como ele, que se opunha com tanta firmeza a tudo o que o nazismo representara, tinha interesse em colecionar e rodear-se de objetos que o recordavam daquela época horrível. Erik hesitara antes de responder. Tinha pegado num boné com o emblema das SS e segurava-o enquanto formulava a sua resposta.

– Não confio na capacidade das pessoas para recordar – respondeu por fim. – Sem termos coisas que podemos ver e tocar, esquecemo-nos muito facilmente do que não queremos lembrar. Coleciono coisas que vão servir como advertências. E, provavelmente, uma parte de mim também quer manter estas coisas fora das mãos de pessoas que poderão vê-las com outros olhos. Com admiração.

Erica assentira. Em parte compreendia, mas não completamente. Depois, deram um aperto de mão e despediram-se.

E agora o homem estava morto. Assassinado. Talvez pouco tempo depois da sua visita. De acordo com o que Patrik dissera, Erik esteve sentado em casa, morto, durante todo o verão.

Mais uma vez, Erica pensou no estranho tom de voz de Erik quando ela lhe falara sobre a medalha. Erica virou-se para Patrik, que estava sentado no sofá a ver televisão e a mudar constantemente de canal.

– Sabes se a medalha ainda está lá?

Patrik lançou-lhe um olhar surpreendido.

– Não faço a mínima ideia. Isso nem sequer me ocorreu. Mas não havia qualquer indicação de que a vítima tenha sido assassinada em consequência de um assalto. Além disso, quem estaria interessado numa velha medalha nazi? Não são propriamente raras. Pelo menos ele tinha lá umas quantas, e...

– Sim, eu sei, mas... – disse Erica. Mas não conseguia parar de

pensar naquilo. – Podias ligar aos teus colegas amanhã e pedir-lhes para verem se a medalha lá está?

– Isso agora é que já não sei – respondeu Patrik. – Acho que tenho coisas mais importantes para fazer do que perder tempo a procurar uma medalha antiga. Podemos telefonar ao irmão de Erik mais tarde e pedir-lhe para tentar encontrá-la. Provavelmente ainda está algures lá em casa.

– Ah, pois é, Axel. Onde estará? Porque não foi ele a encontrar o cadáver do irmão?

Patrik encolheu os ombros.

– Estou de licença de paternidade, lembras-te? Vais ter de ser tu própria a telefonar a Mellberg para lhe perguntar isso.

– Ha, ha, ha, muito engraçadinho – disse Erica. Mas ainda se sentia pouco à vontade. – Não achas estranho que não tenha sido Axel a encontrá-lo?

– Claro, mas não disseste que Axel tinha ido não sei onde quando voltaste de casa deles?

– Bem, sim. Erik disse-me que o irmão estava no estrangeiro. Mas isso foi em junho.

– Porque é que estás tão preocupada com isso? – Patrik desviou novamente o olhar para a televisão. *Home at Last*⁷ estava prestes a começar.

– Na verdade, não sei – respondeu Erica, olhando fixamente para o ecrã. Nem mesmo a si própria conseguia explicar porque se tinha apoderado dela aquela sensação de ansiedade. Mas não parava de se recordar do silêncio de Erik ao telefone, assim como do tom de voz estranho e do pigarrear quando pediu a Erica que lhe levasse a medalha. Erik reagira a algo. A algo que tinha que ver com a medalha.

Tentou afastar aquele pensamento e concentrar-se antes nos trabalhos de carpintaria de Martin Timell⁸.

– Devias ter visto aquilo, avô. O sacana do preto tentou passar-me à frente na fila e eu... Zás! Dei-lhe um pontapé e ele tombou como

uma árvore que tivesse sido cortada. Depois levou outro nos tomates e ficou para ali a choramingar durante um quarto de hora, pelo menos.

– E o que é que ganhaste com isso, Per? Além de poderes ser acusado de agressão e internado num reformatório, toda a gente vai antipatizar contigo. E, em vez de ajudares a nossa causa, vais acabar por conseguir mobilizar cada vez mais a oposição – Frans olhou fixamente para o neto. Às vezes, não sabia o que havia de fazer para controlar as hormonas adolescentes que fervilhavam dentro dele. E Per era tão ignorante. Apesar do seu ar duro, de calças camufladas, botas da tropa e cabeça rapada, pouco mais era do que um miúdo assustado de quinze anos. O neto não sabia nada. Não fazia ideia de como o mundo funcionava. Não sabia como canalizar os seus impulsos destrutivos de modo a poderem ser utilizados como uma ponta de lança para trespassar o coração da estrutura da sociedade.

O rapaz baixou a cabeça de vergonha quando se sentou ao lado do avô nos degraus. Frans sabia que as suas palavras tinham humilhado Per. O neto estava sempre a tentar impressioná-lo. Mas estaria a prestar-lhe um mau serviço se não lhe mostrasse como funcionava o mundo. O mundo era frio, duro e implacável, e só os mais fortes saíam vitoriosos.

Ao mesmo tempo, Frans amava o rapaz e queria protegê-lo do mal. Pôs o braço sobre os ombros do neto, espantado ao sentir como estavam ossudos. Per tinha herdado o seu próprio físico. Alto, magro e de ombros estreitos. Nem todos os exercícios de ginástica do mundo mudariam isso.

– Só tens de parar para pensar – disse Frans, agora num tom de voz suave. – Pensa antes de agir. Utiliza as palavras em vez dos punhos. A violência não é a primeira ferramenta que deves utilizar. É a última – Frans apertou o ombro do rapaz com mais força. Por um segundo, Per encostou-se ao avô, como fazia quando era criança. Depois lembrou-se de que estava a tentar ser um homem. Que a coisa mais importante do mundo era fazer com que o avô tivesse orgulho nele. Endireitou-se.

– Eu sei, avô. Mas fiquei-lhe cá com uma raiva quando ele tentou

passar-me à frente. Porque é isso que eles estão sempre a fazer. Estão sempre a tentar passar à frente em todo o lado. Julgam que são donos do mundo, que são donos da Suécia. Aquilo deixou-me tão... furioso.

– Eu sei – disse Frans, retirando o braço dos ombros do neto e dando-lhe uma palmadinha no joelho. – Mas, por favor, pensa duas vezes antes de fazeres as coisas. Não me serves para nada se fores parar à prisão.

5 Josef Frank (1865-1967). Arquiteto e *designer* austríaco que emigrou para a Suécia em 1939. (N. do T.)

6 Organização criada em 1947 por Simon Wiesenthal (1908-2005), um dos milhões de judeus que passaram pelos campos de concentração nazis, com a finalidade de recolher informações sobre os responsáveis por crimes contra o povo judeu na Segunda Guerra Mundial e levá-los à justiça. Atualmente, o centro tem como missão promover os direitos humanos, combater o antissemitismo e manter viva a memória do Holocausto. (N. do T.)

7 Série norte-americana, estreada em 2007, sobre a vida quotidiana do cantor de música *country* Billy Ray Cyrus e da sua família. (N. do T.)

8 Carpinteiro, ator e apresentador televisivo sueco. (N. do T.)

KRISTIANSAND, 1943

TENTOU COMBATER O ENJOO DURANTE TODA A TRAVESSIA PARA A NORUEGA, MAS OS OUTROS NÃO PARECIAM AFETADOS COM O BALANÇO DO BARCO. ESTAVAM HABITUADOS ÀQUILO, TINHAM SIDO CRIADOS NO MAR. TINHAM PÉS DE MARINHEIRO, COMO O PAI COSTUMAVA DIZER; ACOMPANHAVAM O MOVIMENTO DAS ONDAS E NÃO TINHAM QUALQUER DIFICULDADE EM ANDAR SOBRE O CONVÉS. E PARECIAM IMUNES ÀS NÁUSEAS QUE LHE FORAM SUBINDO DO ESTÔMAGO ATÉ À GARGANTA. AXEL APOIOU-SE FIRMEMENTE À AMURADA. SÓ PENSAVA EM INCLINAR-SE SOBRE A BORDA E VOMITAR, MAS RECUSOU-SE A CEDER A ESSE COMPORTAMENTO DEGRADANTE. SABIA QUE AS PROVOCAÇÕES DOS OUTROS NÃO SERIAM MAL-INTENCIONADAS, MAS ERA DEMASIADO ORGULHOSO PARA SER O ALVO DO ESCÁRNIO DELES. NÃO TARDARIAM A CHEGAR E, ASSIM QUE PUSESSE OS PÉS EM TERRA FIRME, AS NÁUSEAS DESAPARECERIAM COMO QUE POR MAGIA. SABIA-O POR EXPERIÊNCIA PRÓPRIA, POIS JÁ TINHA FEITO AQUELA VIAGEM MUITAS VEZES.

— TERRA À VISTA! — GRITOU ELOF, O COMANDANTE DO BARCO. — VAMOS ATRACAR DAQUI A DEZ MINUTOS — ELOF LANÇOU UM OLHAR A AXEL, QUE SE TINHA IDO JUNTAR A ELE NA RODA DO LEME. O ROSTO DO COMANDANTE ESTAVA BRONZEADO E CURTIDO PELO SOL E PELO VENTO, E TINHA A PELE ENRUGADA COMO COURO, DE ANOS DE EXPOSIÇÃO ÀS INTEMPÉRIES.

— ESTÁ TUDO EM ORDEM? — PERGUNTOU ELOF EM VOZ BAIXA ENQUANTO OLHAVA EM REDOR. NO PORTO DE KRISTIANSAND DISTINGUIRAM UMA SÉRIE DE BARCOS ALEMÃES ALINHADOS, LEMBRANDO-LHES PERMANENTEMENTE QUE O PAÍS ESTAVA SOB OCUPAÇÃO. ATÉ ENTÃO, A SUÉCIA TINHA SIDO POUPADA AO DESTINO DA NORUEGA, MAS NINGUÉM

SABIA QUANTO TEMPO DURARIA A SUA SORTE. ATÉ LÁ, OS SUECOS OBSERVAVAM ANSIOSAMENTE O SEU VIZINHO A OCIDENTE. E, CLARO, AS MOVIMENTAÇÕES DOS ALEMÃES NO RESTO DA EUROPA.

— OCUPA-TE DOS TEUS ASSUNTOS QUE EU OCUPO-ME DOS MEUS — DISSE AXEL. A RESPOSTA SOARA MAIS DURA DO QUE PRETENDERA, MAS PREOCUPAVA-O QUE PUDESSE ESTAR A ENVOLVER A TRIPULAÇÃO DO BARCO EM RISCOS QUE TERIA PREFERIDO CORRER SOZINHO. CONTUDO, NÃO OBRIGARA NINGUÉM A FAZÊ-LO. ELOF CONCORDARA SEM HESITAR QUANDO AXEL LHE PERGUNTARA SE PODIA FAZER A VIAGEM COM ELE DE VEZ EM QUANDO E LEVAR ALGUMA... MERCADORIA. NUNCA PRECISARA DE EXPLICAR O QUE ESTAVA A TRANSPORTAR E ELOF E OS OUTROS MEMBROS DA TRIPULAÇÃO DO ELFRIDA NUNCA LHE FIZERAM QUAISQUER PERGUNTAS.

ATRACARAM NO MOLHE E SACARAM A DOCUMENTAÇÃO QUE TERIAM DE APRESENTAR. OS ALEMÃES ERAM METICULOSOS QUANDO SE TRATAVA DE PAPELADA E SÓ QUANDO TINHAM SIDO CUMPRIDAS TODAS AS FORMALIDADES É QUE ERA PERMITIDO AOS SUECOS DESCARREGAR AS PEÇAS DE MAQUINARIA QUE CONSTITUÍAM A CARGA OFICIAL DO BARCO. OS NORUEGUESES ENCARREGAVAM-SE DA DESCARGA, ENQUANTO OS ALEMÃES SUPERVISIONAVAM A OPERAÇÃO DE CENHO FRANZIDO E ARMAS EM PUNHO. AXEL ESPERAVA QUE ANOITECESSE. A SUA CARGA NÃO PODERIA SAIR DO BARCO À LUZ DO DIA. AXEL LEVAVA QUASE SEMPRE ALIMENTOS PARA OS NORUEGUESES. ALIMENTOS E INFORMAÇÕES. COMO ERA O CASO, DESSA VEZ.

DEPOIS DE JANTAR NUM SILÊNCIO TENSO, AXEL SENTOU-SE, INQUIETO, À ESPERA DA HORA MARCADA. UMA BATIDA CAUTELOSA NA VIDRAÇA FEZ COM QUE ELE E OS RESTANTES MEMBROS DA TRIPULAÇÃO SE SOBRESSALTASSEM. AXEL INCLINOU-SE RAPIDAMENTE PARA A FRENTE, LEVANTOU UMA PARTE DO SOALHO E COMEÇOU A TIRAR CAIXAS DE MADEIRA. MÃOS SILENCIOSAS E CUIDADOSAS ESTENDIAM-SE PARA RECEBER AS CAIXAS, QUE IAM DEPOIS SENDO PASSADAS A QUEM AS ESPERAVA NAS DOCAS. DURANTE TODA A OPERAÇÃO, OUVIAM OS ALEMÃES A CONVERSAREM UNS COM OS OUTROS NO BARRACÃO QUE LHES SERVIA DE CASERNA, A ESCASSA DISTÂNCIA. ÀQUELA HORA DA NOITE, OS ALEMÃES

PASSAVAM PARA BEBIDAS MAIS FORTES, O QUE PERMITIA QUE A PERIGOSA ATIVIDADE A BORDO PASSASSE DESPERCEBIDA. OS ALEMÃES BÊBADOS ERAM BASTANTE MAIS FÁCEIS DE ENGANAR DO QUE OS ALEMÃES SÓBRIOS.

COM UM «OBRIGADO» SUSSURRADO EM NORUEGUÊS, A ÚLTIMA PARTE DA CARGA DESAPARECEU NA ESCURIDÃO. MAIS UMA ENTREGA QUE CORRERA BEM. COM UMA EMBRIAGANTE SENSÇÃO DE ALÍVIO, AXEL VOLTOU A DESCER ATÉ AO CASTELO DE PROA. TRÊS PARES DE OLHOS ENCONTRARAM O SEU OLHAR, MAS NINGUÉM DISSE UMA PALAVRA. ELOF LIMITOU-SE A ASSENTIR E, EM SEGUIDA, AFASTOU-SE PARA ENCHER O CACHIMBO. AXEL SENTIU UMA IMENSA SENSÇÃO DE GRATIDÃO PARA COM AQUELES HOMENS QUE DESAFIavam AS TEMPESTADES E OS NAZIS COM A MESMA COMPOSTURA. TENDO HÁ MUITO ACEITADO QUE NÃO TINHAM CONTROLO SOBRE AS VOLTAS E REVIRAVOLTAS DA VIDA E DO DESTINO, TENTAVAM SIMPLEMENTE VIVER O MELHOR QUE PODIAM. O RESTO ESTAVA NAS MÃOS DE DEUS.

EXAUSTO, AXEL DEITOU-SE NO SEU BELICHE, EMBALADO PELO LEVE BALANÇO DO BARCO E O MARULHAR DA ÁGUA CONTRA O CASCO. NO BARRACÃO, AS VOZES DOS ALEMÃES SUBIAM E DESCIAM. ALGUM TEMPO DEPOIS, COMEÇARAM A CANTAR. MAS, POR ESSA ALTURA, JÁ AXEL DORMIA PROFUNDAMENTE.

§

– ORA BEM, QUE SABEMOS ATÉ AGORA? – perguntou Mellberg, olhando em redor da sala de convívio. Havia café acabado de fazer, pãezinhos na mesa e todos estavam presentes.

Paula aclarou a garganta.

– Contactei o irmão, Axel. Ao que parece, trabalha em Paris e passa sempre lá o verão. Mas já vem a caminho de casa. Parece ter ficado perturbado quando lhe dei conhecimento da morte do irmão.

– Não sabemos quando é que Axel saiu da Suécia? – Martin virou-se para Paula, que consultou o bloco-notas à sua frente.

– A três de junho, diz ele. Claro que eu vou verificar esta informação.

Martin assentiu.

– Já recebemos o relatório preliminar da equipa de Torbjörn? – Mellberg moveu cautelosamente os pés. *Ernst* tinha assentado todo o peso do seu corpo nos pés do superintendente, que começavam a ficar dormentes. Porém, por algum motivo, Mellberg não teve coragem de afugentar o animal.

– Ainda não – disse Gösta, alcançando um bolo. – Mas falei com ele há pouco e Torbjörn disse-me que amanhã talvez já tenham alguma coisa para nós.

– Ótimo, esperemos que deem notícias logo de manhãzinha – disse Mellberg, tentando deslocar novamente os pés. Mas *Ernst* foi deitar-se outra vez em cima deles.

– Há algum suspeito? Possíveis inimigos? Ameaças? Alguma coisa?

Martin abanou a cabeça.

– Nós pelo menos não temos nenhuma queixa registada. Mas Axel era uma figura controversa. O nazismo desperta sempre sentimentos fortes.

– Podíamos ir a casa dele para dar uma vista de olhos. Para ver se há cartas ameaçadoras ou algo semelhante nas gavetas.

Todos se viraram para olhar para Gösta, surpreendidos. Os seus colegas eram todos da opinião que Gösta Flygare só ganhava vida no campo de golfe. Era raro mostrar alguma iniciativa no trabalho.

– Leva Martin contigo; vão lá depois da reunião – disse Mellberg com um sorriso satisfeito. Gösta assentiu e retomou imediatamente a sua habitual postura letárgica.

– Paula, descobre quando é que o irmão – Axel, não é? – chega à Suécia. Como ainda não sabemos a data da morte de Erik, é possível que tenha sido Axel a dar-lhe aquela pancada na cabeça e, em seguida, fugido do país. Precisamos de localizá-lo logo que ponha os pés em solo sueco.

Paula ergueu os olhos do bloco-notas.

– Axel chega amanhã ao aeroporto de Landvetter às nove e um quarto da manhã.

– Ótimo. Certifica-te de que ele vem até cá antes de fazer o que quer que seja – Mellberg foi forçado a mover os pés, já completamente dormentes. *Ernst* ergueu-se, lançou-lhe um olhar ofendido e partiu em direção ao gabinete do seu novo dono e do conforto do seu cesto.

– O cão adora-o – comentou Annika, rindo-se enquanto observava o animal a ir-se embora.

– Hum, bem... – Mellberg pigarreou. – Tenho andado para lhe perguntar. Afinal, quando é que alguém vem buscar o rafeiro?

– Sabe que isso não é assim tão fácil – respondeu Annika, colocando a sua expressão mais inocente. – Fiz uns telefonemas, mas ninguém parece querer aceitar um cão tão grande; por isso, se pudesse ficar com ele por mais alguns dias... – Annika olhou para Mellberg

com os seus grandes olhos azuis.

O superintendente resmungou.

– Pronto, enfim, acho que consigo suportar este rafeiro por mais alguns dias. Mas, depois disso, se não lhe conseguir encontrar um lar, o cão vai ter de voltar para a rua.

– Obrigada, Bertil. É muito simpático da sua parte. Vou fazer tudo o que estiver ao meu alcance. – Quando Mellberg se voltou, Annika piscou o olho aos outros. Percebendo o que a secretária estava a tramar, todos tiveram de se esforçar para conter o riso. Annika sabia dar a volta a Mellberg, não restavam quaisquer dúvidas.

– Ora muito bem – concluiu Mellberg –, agora vamos voltar ao trabalho – o superintendente saiu a manquejar da sala de convívio.

– Muito bem, ouviram o que disse o chefe – disse Martin, levantando-se. – Vamos, Gösta?

Gösta parecia já estar arrependido por ter feito uma sugestão que ia implicar mais trabalho, mas assentiu com ar cansado e seguiu Martin porta fora. Só teria de aguentar a semana de trabalho. Quando chegasse o fim de semana estaria no campo de golfe às sete da manhã, tanto no sábado como no domingo. Até lá, tentaria fazer o mínimo possível.

Os pensamentos acerca de Erik Frankel e da medalha continuavam a atormentar Erica. Conseguiu tirá-los da cabeça durante algumas horas e começar o seu manuscrito. Mas, assim que a concentração vacilou, Erica começou a recordar o breve encontro que tivera com Erik. Parecera-lhe um homem gentil e cortês, ansioso por partilhar os seus conhecimentos acerca do assunto que mais o interessava: o nazismo.

Admitindo a derrota, Erica encerrou o ficheiro do manuscrito e procurou «Erik Frankel» no Google. Apareceram vários resultados, alguns referindo-se claramente a outros indivíduos com o mesmo nome. Mas não faltava informação acerca do Erik Frankel certo e Erica passou quase uma hora a navegar pelas diversas páginas.

Nascido em 1930, em Fjällbacka, Erik tinha um irmão: um irmão chamado Axel que era quatro anos mais velho. O pai tinha sido médico em Fjällbacka entre 1935 e 1954. Muitas das hiperligações conduziam a blogues sobre o nazismo, mas Erica não encontrou nada que indicasse que Erik fosse uma espécie de simpatizante dos nazis. Pelo contrário. Embora alguns dos blogues traíssem uma admiração relutante por alguns aspetos do nazismo, parecia que o interesse de Erik fora motivado pelo puro fascínio que o tema despertava nele.

Tinha acabado de fechar a Internet, advertindo-se de que não tinha verdadeiramente tempo para aquilo, quando ouviu uma batida cautelosa na porta por detrás dela.

– Desculpa, venho incomodar? – Patrik abriu a porta e enfiou a cabeça pela abertura.

– Não, não te preocupes – respondeu Erica, girando na cadeira para olhar para o marido.

– Só vinha dizer-te que Maja está a dormir uma sesta e que eu preciso de dar um salto lá fora para tratar de uma coisa. Será que podias tomar conta do forte enquanto eu estiver fora? – Patrik entregou-lhe o monitor para bebés, para que Erica conseguisse ouvir a filha se ela acordasse.

– Bem... eu devia mesmo trabalhar – Erica suspirou. – Porque é que precisas de sair?

– Tenho de ir ao banco. Além disso, já não temos *Nezeril*, por isso pensei passar pela farmácia. E, já agora, também podia comprar um bilhete da lotaria e alguns mantimentos.

De repente, Erica sentiu-se muito cansada. Pensou em todos os recados que tinha feito durante o ano anterior, sempre com Maja sentada no carrinho ou ao colo. E de acabar quase sempre banhada em suor depois de ter conseguido tratar de tudo. Nunca tinha havido ninguém para tomar conta de Maja enquanto ela ia tranquilamente às compras. Mas Erica afastou esses pensamentos, não queria parecer mesquinha ou irritadiça.

– Claro que posso tomar conta dela enquanto estiveres fora –

respondeu Erica com um sorriso, tentando mostrar algum entusiasmo.
– Posso continuar a trabalhar enquanto ela dorme.

– Isso é excelente – disse Patrik, dando-lhe um beijo na cara antes de sair e fechar a porta.

– Pois, lá isso é – disse Erica para si mesma, abrindo o documento com o manuscrito e preparando-se para afastar da mente qualquer pensamento acerca de Erik Frankel.

Tinha acabado de colocar os dedos no teclado quando o monitor de bebés emitiu um ruído crepitante. Erica ficou gelada. Se calhar não era nada. Devia ser apenas Maja a mexer-se no berço; às vezes o monitor era demasiado sensível. Ouviu o som de um carro a arrancar e depois Patrik partiu. Quando voltou a pousar os olhos no ecrã, a esforçar-se para pensar na próxima frase, ouviu novamente a crepitação. Olhou para o monitor de bebés como que a tentar obrigar o ruído a parar, mas os seus esforços foram recompensados por um sonoro «Uaaaaa», seguido de um estridente «Maaamã... Paaapá...».

Resignada, Erica empurrou a cadeira e levantou-se. Como se não estivesse à espera daquilo! Caminhou até ao fundo do corredor, onde ficava o quarto Maja, e abriu a porta. A filha estava de pé no berço, a chorar de raiva.

– Maja, minha querida, devias estar a dormir.

Maja abanou a cabeça.

– Sim, está na hora da tua sesta – disse firmemente Erica, voltando a deitar a filha no berço. Mas Maja voltava a pôr-se em pé como se fosse de borracha.

– Maaamã – Maja gritava com uma voz capaz de estilhaçar os vidros. Erica sentiu a fúria a crescer-lhe no peito. Quantas vezes tinha já feito aquilo? Quantos dias tinha passado a amamentá-la, a transportá-la e a brincar com Maja, e depois a deitá-la para dormir a sesta? Amava a filha, mas precisava desesperadamente de libertar-se um pouco daquela responsabilidade. Para redescobrir o que era ser adulta e fazer coisas próprias de adultos, exatamente como Patrik tinha sido capaz de fazer durante o ano inteiro que ela passara em casa com

Maja.

Mal deitava Maja no berço, a filha levantava-se novamente, ainda mais furiosa.

– Agora tens de dormir – disse Erica, saindo do quarto e fechando a porta. Com a raiva a borbulhar-lhe no peito, pegou no telefone e marcou o número do telemóvel de Patrik, premindo os botões com demasiada força. Ouviu o toque e depois teve um sobressalto ao aperceber-se de que o som vinha do rés do chão. O telemóvel de Patrik estava pousado na bancada da cozinha.

– Maldito inferno! – Erica bateu com o telemóvel na bancada. Lágrimas de raiva brotaram-nos olhos. Respirou fundo por duas vezes e disse a si mesma que não era o fim do mundo – embora parecesse – se tivesse de dar uma ajuda de vez em quando. Erica compreendeu que a sua reação tinha tudo que ver com o facto de não conseguir desconstrair-se, de não sentir verdadeiramente que Patrik estava apto a receber o testemunho que lhe passara.

Porém, nada podia fazer quanto a isso. E, o mais importante era não descarregar em Maja. Claro que a culpa não era dela. Erica voltou a respirar fundo e regressou ao quarto da filha. Maja chorava e tinha a cara vermelha como um tomate. E um cheiro inconfundível tinha começado a espalhar-se pelo quarto. O mistério não tardou a resolver-se. Era por isso que Maja não queria dormir. Sentindo-se um pouco culpada e extremamente incompetente, Erica pegou ternamente na filha ao colo e consolou-a, pressionando a cabecinha de Maja contra seu peito.

– Pronto, já passou, minha querida, a mamã vai mudar-te essa fralda horrível. Pronto, já passou – Maja fungou quando Erica a estreitou mais contra si. Lá em baixo, na cozinha, o telemóvel de Patrik tocava estridentemente.

– Isto é... assustador – Martin permanecia no vestíbulo, a ouvir os ruídos característicos de todas as casas antigas. Um leve rangido, aqui, um pequeno chiar acolá e ténues sons de protesto, despertados

pelo vento ao soprar com mais força.

Gösta assentiu. Sem dúvida que havia algo de assustador na atmosfera daquela casa, mas o agente pensou que isso se devia ao facto de saberem o que lá tinha acontecido, em vez de ser algo inerente à própria casa.

– De certeza que Torbjörn nos deu luz verde para avançarmos? – perguntou Martin, virando-se para olhar para Gösta.

– Sim, os técnicos forenses já terminaram o seu trabalho por ali – Gösta acenou com a cabeça na direção da biblioteca, onde os vestígios do pó utilizado para fixar impressões digitais eram claramente visíveis. Partículas negras, fuliginosas, que perturbavam a imagem daquela sala bonita e elegante.

– Muito bem – Martin limpou os sapatos ao tapete da entrada e dirigiu-se para a biblioteca. – Vamos começar por aqui?

– Porque não? – disse Gösta com um suspiro.

– Eu encarrego-me da secretária enquanto tu examinas os ficheiros e os dossiês.

– Tudo bem – Gösta suspirou de novo, mas Martin não ligou. Gösta suspirava sempre que era confrontado com uma tarefa.

Martin aproximou-se cautelosamente da grande secretária. Era um móvel enorme de madeira escura e profusamente ornamentada que parecia pertencer a um solar inglês. O tampo estava perfeitamente limpo e arrumado. Sobre ele havia apenas uma caneta e uma caixa de cliques, alinhados em perfeita simetria. Uns salpicos de sangue tinham manchado um bloco-notas que estava coberto de rabiscos e Martin aproximou-se para ver o que ali tinha sido escrito. As palavras «*Ignoto militi*» tinham sido rabiscadas vezes sem conta. Palavras que não significavam nada para Martin. Começou cuidadosamente a abrir as gavetas da secretária umas atrás das outras, vasculhando metodicamente o conteúdo. Nada despertou o seu interesse. A única coisa que conseguia perceber era que Erik e o irmão pareciam ter partilhado a área de trabalho, parecendo igualmente partilhar uma predileção pela limpeza e pela ordem.

– Não achas isto um bocado obsessivo? – Gösta ergueu uma pasta e mostrou a Martin os documentos dispostos ordenadamente no seu interior, complementados por um índice onde Erik e Axel tinham pormenorizado meticulosamente a que se referia cada folha.

– Os meus ficheiros não têm nada que ver com estes, podes crer – Martin deu uma gargalhada.

– Sempre achei que há qualquer coisa de errado com as pessoas que são assim tão certinhas. Provavelmente tem que ver com falta de treino a usarem o bacio quando eram pequenas, ou algo assim.

– Bem, é uma teoria – Martin sorriu. – Já encontraste alguma coisa? Não há nada de interesse aqui – concluiu, e fechou a última gaveta que acabara de revistar.

– Não, por enquanto, nada. Há sobretudo contas, faturas, coisas desse género. Acreditas que eles guardam todas as faturas de eletricidade desde tempos imemoriais? Organizadas por data – Gösta abanou a cabeça. – Olha, dá uma olhadela a este dossiê. – Da estante por detrás da secretária, Gösta extraiu um grande e grosso dossiê de lombada preta e entregou-o ao colega.

Martin levou-o até uma das poltronas e sentou-se a lê-lo. Gösta tinha razão. Estava tudo sistematicamente organizado. Examinou cada documento e estava a perder a esperança de encontrar algo significativo quando chegou à letra «S». Um olhar rápido mostrou que «S» significava «Amigos da Suécia». Curioso, Martin começou a folhear os documentos, que se revelaram ser cartas. Cada uma tinha um logótipo impresso no canto superior direito, mostrando uma coroa contra uma bandeira sueca ondulante. Todas tinham sido escritas pela mesma pessoa: Frans Ringholm.

– Ouve esta! – Martin começou a ler em voz alta uma das primeiras cartas, que de acordo com a data era das mais recentes:

«Apesar da nossa história comum, já não posso ignorar o facto de estares a trabalhar ativamente contra os objetivos e metas dos Amigos da Suécia, o que vai inevitavelmente trazer consequências. Fiz o melhor que pude em prol da velha amizade, mas há forças poderosas no seio da organização que não veem isto com

bons olhos e chegará o momento em que já não poderei oferecer-te proteção...»

Martin ergueu uma sobrancelha.

– E continua, sempre neste estilo – folheou rapidamente as outras cartas e constatou que havia mais quatro.

– Parece que Erik Frankel conseguiu perturbar um grupo neonazi e que, por estranho que pareça, alguém dessa organização o estava a escudar.

– Um protetor que acabou por fracassar.

– É o que parece. Vamos dar uma vista de olhos aos restantes documentos para ver se conseguimos descobrir mais alguma coisa. Mas não há dúvida de que precisamos de ter uma conversa com este tal Frans Ringholm.

– Ringholm... – Gösta olhava fixamente em frente enquanto pensava. – Estou a reconhecer esse nome – franziu a testa enquanto incitava o cérebro a chegar a uma ligação, mas foi em vão. Gösta manteve a expressão pensativa enquanto vasculharam pormenorizadamente o resto dos dossiês.

Quase uma hora mais tarde, Martin fechou o último dossiê e disse:

– Bem, não encontrei nada de interessante. E tu?

Gösta abanou a cabeça.

– Não, e não há mais nenhuma referência ao tal grupo dos Amigos da Suécia.

Saíram da biblioteca e procuraram no resto da casa. O fascínio de Erik Frankel pela Alemanha e a Segunda Guerra Mundial evidenciava-se por toda a parte, mas nada chamou a atenção dos agentes. Era uma casa bonita, mas parecia que os irmãos tinham deixado o local praticamente inalterado quando o tinham herdado. A presença dos pais era palpável: havia fotografias a preto-e-branco deles, assim como de outros parentes, penduradas nas paredes ou exibidas em molduras pesadas colocadas sobre mesas e aparadores. O mobiliário estava bastante fora de moda e começava a apresentar sinais de desgaste; uma atmosfera de antiguidade permeava todo o local. A única coisa

que perturbava a ordem era uma fina camada de poeira.

– Será que eram eles que limpavam o pó ou viria cá alguém fazer limpezas? – perguntou Martin, correndo o dedo sobre a superfície da cómoda de um dos três quartos do andar de cima.

– Custa-me imaginar dois homens de setenta e muitos anos a limpar o pó à casa – retorquiu Gösta, ao mesmo tempo que abria a porta do guarda-fatos. – Que te parece? Este é o quarto de Erik ou de Axel? – Gösta observou a fila de fatos castanhos e camisas brancas pendurados no guarda-fatos.

– De Erik – disse Martin. Tinha pegado num livro que estava sobre a mesa de cabeceira e segurava-o no ar para mostrar a Gösta a primeira página, onde um nome tinha sido escrito a lápis: *Erik Frankel*. Era uma biografia de Albert Speer. – O arquiteto de Hitler – Martin leu em voz alta a contracapa antes de voltar a colocar o livro onde o tinha encontrado.

– Speer passou vinte anos na prisão de Spandau, depois da guerra – murmurou Gösta. Martin lançou-lhe um olhar de surpresa.

– Como é que sabes isso?

– Os Frankel não são as únicas pessoas que se interessam pela Segunda Guerra Mundial. Já li muito sobre isso, ao longo dos anos. E vi alguns documentários no canal Discovery e afins.

– A sério? – exclamou Martin, ainda com a surpresa estampada no rosto. Em todos os anos que trabalhavam juntos, era a primeira vez que tinha ouvido Gösta mostrar interesse por algo que não fosse o golfe.

Passaram mais uma hora a vasculhar a casa, mas não encontraram mais nada. No entanto, durante a viagem de regresso à esquadra, Martin sentia-se satisfeito com os esforços de ambos. O nome Frans Ringholm dava-lhes algo por onde pegar para continuar a investigação.

O supermercado Konsum não estava muito cheio e Patrik passeou despreocupadamente pelos corredores. Era um alívio sair de casa por um bocado, um alívio ter algum tempo só para si. Era apenas o

segundo dia da sua licença de paternidade; porém, enquanto uma parte dele se alegrava com a oportunidade de ficar em casa com Maja, outra estava a ter bastante dificuldade a adaptar-se à nova situação. Não era por não ter bastante para fazer durante o dia – Patrik não tardou a aperceber-se de que tinha muito que fazer ao cuidar de uma criança de um ano. Envergonhava-se de admitir que o problema era não achar a tarefa particularmente... estimulante. E era inacreditável como se sentia manietado. Nem sequer podia ir à casa de banho em paz, já que Maja tinha o hábito de se postar do lado de fora a chorar e a dizer: «Papá, papá, papá», ao mesmo tempo que martelava a porta com os punhos minúsculos até o pai ceder e a deixar entrar. Então, Maja ficava a olhar fixamente para ele com curiosidade enquanto Patrik fazia o que sempre tinha feito com muito mais privacidade.

Patrik sentiu-se um pouco culpado por ter deixado Erica a tomar conta de Maja enquanto ia às compras. Mas Maja estava a dormir, portanto Erica podia continuar a trabalhar. No entanto, talvez devesse ligar para casa, apenas para ter a certeza de que estava tudo em ordem. Enfiou a mão no bolso em busca do telemóvel e então apercebeu-se de que o tinha deixado na bancada da cozinha. Raios! Enfim, devia estar tudo bem.

Dando por si na secção de alimentação infantil, Patrik começou a ler os rótulos: «Vitela com molho de natas», «Peixe com molho de endro⁹». Hum... o «Esparguete à bolonhesa» soava muito melhor. Levou cinco boiões. Talvez devesse realmente começar a cozinhar para Maja em casa. «Excelente ideia», pensou, voltando a colocar três dos frascos na prateleira. Podia ser o grande *chef* e Maja podia ficar sentada ao seu lado e...

– Aposto que estás a cair no erro típico dos pais novatos que pensam que conseguem cozinhar em casa o que está dentro desses boiões?

A voz era familiar, porém, de algum modo, parecia deslocada. Patrik virou-se.

– Karin? Olá! Que estás a fazer aqui? – Patrik não estava à espera

de dar de caras com a ex-mulher no supermercado Konsum de Fjällbacka. Não se viam desde que Karin saíra da casa de ambos em Tanumshede e fora viver com o homem com quem Patrik a apanhara na cama. Uma imagem daquela cena cruzou-lhe a mente, mas não tardou a desvanecer-se. Aquilo tinha acontecido há tanto tempo. Enfim, eram águas passadas.

– Leif e eu comprámos uma casa em Fjällbacka. Em Sumpan.

– A sério? – disse Patrik, tentando não parecer surpreendido.

– Sim, queríamos estar mais perto dos pais de Leif, agora que temos Ludde – Karin apontou para o seu carrinho de compras e só então é que Patrik reparou no rapazinho que estava lá sentado com um sorriso de orelha a orelha.

– Ena, parece que combinámos – disse Patrik. – Eu tenho uma menina lá em casa que é praticamente da mesma idade. Chama-se Maja.

– Já tinha ouvido uns rumores nesse sentido – retorquiu Karin, rindo-se. – Casaste com Erica Falck, não foi? Diz-lhe que adoro os livros dela!

– Com certeza – disse Patrik, acenando a Ludde. – Então e que estás tu a fazer agora? – perguntou Patrik. – Da última vez que tive notícias tuas, estavas a trabalhar numa empresa de contabilidade.

– Ah, isso foi há muito tempo. Despedi-me há três anos. Agora trabalho numa empresa que presta serviços de consultoria financeira, mas estou de licença de maternidade.

– Não me digas? Eu estou no segundo dia da minha licença de paternidade – declarou Patrik com um certo orgulho.

– Que máximo! Mas onde está... – Karin olhou em torno de Patrik, que sorriu um pouco timidamente.

– A Erica está a tomar conta dela neste momento. Eu tive de vir fazer umas compras.

– Pois, pois. Bem, eu já estou bastante familiarizada com isso – Karin piscou-lhe o olho. – A falta de capacidade do sexo masculino para realizar tarefas múltiplas parece ser um fenómeno universal.

– Pois, acredito que seja – disse Patrik, envergonhado.

– Porque é que não nos encontramos um dia destes e levamos os nossos filhos? Não é assim tão fácil mantê-los entretidos e assim teríamos ambos ocasião de falar com outro adulto, para variar! – Karin rolou os olhos e lançou um olhar interrogativo a Patrik.

– Isso seria excelente. Quando e onde?

– Normalmente, faço uma longa caminhada com Ludde todas as manhãs, por volta das dez. Se quiseses juntar-te a nós, és muito bem-vindo. Podemos encontrar-nos à porta da farmácia por volta das dez e um quarto. Que dizes?

– Parece-me bem. A propósito, tens horas que me digas? Costumo ver as horas no telemóvel, mas deixei-o em casa.

Karin relanceou o relógio.

– Duas e um quarto.

– Merda! Já devia estar em casa há duas horas! – Patrik correu em direção à caixa, empurrando o carrinho à sua frente. – Até amanhã!

– Às dez e um quarto. À porta da farmácia. E não te atrases um quarto de hora, como era costume – gritou-lhe Karin.

– Está descansada – lançou-lhe Patrik em resposta, ao mesmo tempo que ia colocando as compras na correia transportadora da caixa. Rezava para que Maja ainda estivesse a dormir.

Havia uma espessa camada de nevoeiro matinal do lado de fora da janela quando o avião começou a descer em direção a Gotemburgo. O trem de aterragem zumbiu quando foi baixado. Axel recostou-se na cadeira e fechou os olhos. Mas foi um erro. A imagem materializou-se novamente, como tantas vezes acontecera nos últimos anos. Axel abriu os olhos com cansaço. Não tinha dormido muito na noite anterior. Passara a maior parte do tempo acordado, a dar voltas na cama no seu apartamento de Paris.

A mulher que lhe dera a notícia da morte de Erik falara num tom que era ao mesmo tempo compassivo e distante. Pelo modo como o fez, Axel, percebeu que não era a primeira vez que notificava alguém

sobre uma morte.

A mente turvou-se-lhe ao pensar na quantidade de vezes que aquela notícia fora transmitida ao longo da história. Conversas com a polícia, um pastor à porta de alguém, um envelope com selo militar... Todos aqueles milhões e milhões de pessoas que tinham morrido. E, de cada vez, alguém teve de transmitir a notícia.

Axel repuxou o lóbulo da orelha. Ao longo dos anos, aquilo tinha-se tornado um hábito inconsciente. Estava praticamente surdo do ouvido esquerdo e tocá-lo parecia acalmar o zumbido constante.

Virou a cabeça para olhar pela janela, mas apenas viu o seu próprio reflexo. O rosto pálido e enrugado de um homem na casa dos oitenta, com olhos profundos, tristes e encovados. Axel tocou no rosto. Por um momento, imaginou que estava a olhar para Erik.

Com um baque, os pneus tocaram no solo. Tinha chegado.

Temendo novo «acidente» no seu gabinete, Mellberg tirou a trela que tinha pendurado num cabide e prendeu-a à coleira de *Ernst*.

– Anda, vamos tratar disto – grunhiu, ao que *Ernst* saltitou alegremente na direção da porta da frente, movendo-se a uma velocidade que forçou Mellberg a trotar atrás dele.

– A ideia é passear o cão, não o contrário – comentou divertidamente Annika ao vê-los passar apressadamente pela receção.

– Se quiser ir passeá-lo, esteja à vontade – retorquiu Mellberg, mas prosseguiu em direção à porta principal da esquadra.

«Que rafeiro estúpido», pensou o superintendente. Doíam-lhe os braços por causa do esforço de tentar refrear o cão. Mas, assim que *Ernst* tinha erguido uma pata junto de um arbusto, a sensação de urgência dissipou-se e puderam continuar o seu passeio num ritmo mais pausado. Mellberg até deu por si a assobiar. Afinal, aquilo não era assim tão mau, pensou. Um pouco de ar fresco e algum exercício podiam fazer-lhe bem. Depois de ter aliviado a bexiga, *Ernst* dedicava-se agora a cheirar o caminho arborizado por onde seguiam, calmíssimo. Tal como uma pessoa, o cão conseguia sentir que alguém

com mão firme estava a controlar a situação. Não devia ser difícil treinar adequadamente o rafeiro.

Nesse momento, *Ernst* parou, esticou as orelhas para a frente e cada músculo do seu corpo musculoso se retesou. Então, o animal lançou-se para a frente numa explosão de movimento.

– *Ernst?* Mas que... – Mellberg foi puxado para a frente, tão subitamente que quase caiu de borco. Porém, no último segundo, conseguiu manter o equilíbrio e correu atrás do cão, que seguia a galope.

– *Ernst! Ernst!* Para! Pára imediatamente! Quietos! – Mellberg ofegava do esforço físico a que não estava habituado, o que fazia com que lhe fosse difícil gritar. O cão ignorou as suas ordens. Quando chegaram a voar a uma esquina, Mellberg viu o que tinha precipitado a sua fuga. *Ernst* atirou-se a um grande cão de pelo claro que parecia ser de raça semelhante e os dois começaram a revoltar e a brincar um com o outro enquanto os donos os puxavam pelas trelas.

– *Señorita!* Para com isso! Senta-te! – a mulher baixa de cabelo escuro falava num tom severo e o seu cão afastou-se obedientemente de *Ernst*, que continuou a ignorar as admoestações de Mellberg. – És uma cadela muito má, *Señorita!* Não podes comportar-te desta maneira – com um ar apropriadamente envergonhado, *Señorita* espreitou a dona sob uma franja felpuda.

– Eu... eu... lamento imenso – balbuciou Mellberg, puxando a trela para evitar que *Ernst* se lançasse ao outro cão que, a julgar pelo nome, devia ser do sexo feminino.

– Vê-se perfeitamente que o senhor não tem controlo sobre o seu cão – o tom ríspido da voz da mulher fez com que Mellberg tivesse de controlar a ânsia de pôr-se em sentido. A dona de *Señorita* tinha um ligeiro sotaque, o que, juntamente com os seus olhos escuros faiscantes, lhe deu a impressão de que devia ser de algum país do Sul da Europa.

– Bem, na verdade, o cão não é meu. Estou só a tomar conta dele até... – Mellberg ouviu-se a balbuciar como um adolescente. Aclarou

a garganta e tentou soar um pouco mais autoconfiante. – Não estou habituado a lidar com cães. E, seja como for, o bicho não me pertence.

– Ele parece ter uma opinião diferente a esse respeito – a mulher apontou para *Ernst*, que estava pressionado contra a perna de Mellberg, olhando-o com adoração.

– Pois, bem... – disse Mellberg, envergonhado.

– Vamos continuar a passear os cães juntos? Chamo-me Rita – a mulher estendeu a mão e, depois de uma ligeira hesitação, Mellberg apertou-lha.

– Tive cães a vida inteira, por isso tenho a certeza de poder ensinar-lhe alguns truques. Além disso, é muito mais agradável passeá-la na companhia de alguém – Rita não esperou por uma resposta e começou a andar pelo caminho. Sem saber como aquilo acontecera, Mellberg deu por si a caminhar a seu lado, como se os pés tivessem vontade própria. E *Ernst* não colocou quaisquer objeções. Encarreteou ao lado de *Señorita*, abanando vigorosamente a cauda.

⁹ Erva aromática também conhecido por aneto. É muito utilizado na cozinha sueca para temperar salmão e batatas-novas. (*N. do T.*)

FJÄLLBACKA, 1943

– ERIK? FRANS? – BRITTA E ELSY ENTRARAM CAUTELOSAMENTE. TINHAM BATIDO À PORTA, MAS NÃO OBTIVERAM RESPOSTA. OLHARAM NERVOSAMENTE EM REDOR. O MÉDICO E A ESPOSA NÃO FICARIAM MUITO SATISFEITOS SE ENCONTRASSEM DUAS RAPARIGAS DE VISITA AO FILHO ENQUANTO ESTAVAM FORA. NORMALMENTE, ENCONTRAVAM-SE EM FJÄLLBACKA MAS, NUM IMPULSO ARROJADO, ERIK TINHA SUGERIDO QUE AS RAPARIGAS FOSSEM A SUA CASA, UMA VEZ QUE OS PAIS ESTARIAM FORA O DIA TODO.

– ERIK? – CHAMOU ELSY UM POUCO MAIS ALTO. DEPOIS DEU UM SALTO AO OUVIR ALGUÉM DIZER: «CHIU» DO QUARTO MESMO EM FRENTE. ERIK APARECEU À ENTRADA E FEZ SINAL PARA QUE AS RAPARIGAS ENTRASSEM.

– AXEL ESTÁ LÁ EM CIMA A DORMIR. REGRESSOU ESTA MANHÃ.

– OH, ELE É TÃO CORAJOSO – DISSE BRITTA COM UM SUSPIRO, MAS O ROSTO ILUMINOU-SE QUANDO VIU FRANS.

– OLÁ!

– OLÁ – CUMPRIMENTOU FRANS, MAIS INTERESSADO EM OLHAR PARA A OUTRA RAPARIGA. – OLÁ, ELSY.

– OLÁ, FRANS – RESPONDEU ELSY, DIRIGINDO-SE LOGO ÀS ESTANTES. – ENA! TENS TANTOS LIVROS! – ELSY PERCORREU AS LOMBADAS COM OS DEDOS.

– POSSO EMPRESTAR-TE ALGUNS, SE QUIZERES – DISSE GENEROSAMENTE ERIK, SEM DEIXAR DE ACRESCENTAR: – MAS SÓ NA CONDIÇÃO DE OS

ESTIMARES. O MEU PAI É MUITO APEGADO AOS SEUS LIVROS.

— CLARO — DISSE ALEGREMENTE ELSY, DEVORANDO AS FILEIRAS DE LIVROS COM OS OLHOS. ADORAVA LER. FRANS NÃO TIRAVA OS OLHOS DELA POR UM SEGUNDO QUE FOSSE.

— OS LIVROS SÃO UM DESPERDÍCIO DE TEMPO — DISSE BRITTA. — É MUITO MELHOR VIVERMOS AS COISAS POR NÓS EM VEZ DE NOS LIMITARMOS A LER ACERCA DAS VIVÊNCIAS DAS OUTRAS PESSOAS. NÃO CONCORDAS, FRANS? — BRITTA SENTOU-SE NA CADEIRA AO LADO DO RAPAZ, INCLINANDO A CABEÇA PARA O OLHAR NOS OLHOS.

— UMA COISA NÃO TEM NECESSARIAMENTE DE EXCLUIR A OUTRA — RESPONDEU RISPIDAMENTE FRANS, MAS SEM OLHAR PARA BRITTA. AINDA OLHAVA FIXAMENTE PARA ELSY. UMA RUGA SULCOU A TESTA DE BRITTA, E A RAPARIGA SALTOU DA CADEIRA.

— ALGUÉM VAI AO BAILE NO SÁBADO? — PERGUNTOU, DANDO UNS PASSOS DE DANÇA PELA SALA.

— NÃO ME PARECE QUE OS MEUS PAIS ME DEIXEM IR — DISSE ELSY EM VOZ BAIXA, AINDA ABSORTA NOS LIVROS.

— QUEM É QUE ACHAM QUE VAI LÁ ESTAR? — PERGUNTOU BRITTA, DANÇANDO UM POUCO MAIS. TENTOU FAZER COM QUE FRANS SE LEVANTASSE, MAS O RAPAZ RESISTIU E CONSEGUIU MANTER-SE SENTADO NA POLTRONA.

— PARA COM ISSO! — O TOM DE VOZ DE FRANS ERA RUDE, MAS DEPOIS NÃO CONSEGUIU CONTER UMA GARGALHADA. — BRITTA, TU ÉS MESMO MALUCA, SABES?

— NÃO GOSTAS DE RAPARIGAS MALUCAS? SE NÃO GOSTARES, TAMBÉM POSSO SER SÉRIA — BRITTA OSTENTOU UMA EXPRESSÃO AUSTERA. — OU ALEGRE — RIU-SE TÃO ALTO QUE O SOM ECOOU PELAS PAREDES.

— CHIU — DISSE ERIK, OLHANDO PARA O TETO.

— OU POSSO SER MUITO CALMINHA — SUSSURROU MELODRAMATICAMENTE BRITTA, AO QUE FRANS DEU NOVA GARGALHADA, PUXANDO-A PARA O SEU COLO.

— «MALUCA» PARECE-ME MUITO BEM.

UMA VOZ VINDA DA ENTRADA INTERROMPEU-OS.

— QUE ALGAZARRA ESTÃO PARA AQUI A FAZER — ALI ESTAVA AXEL, ENCOSTADO À OMBREIRA DA PORTA E A SORRIR COM CANSAÇO.

— DESCULPA, NÃO QUERIA ACORDAR-TE — A VOZ DE ERIK ESTAVA REPLETA DO RESPEITO QUE SENTIA EM RELAÇÃO AO IRMÃO, MAS TAMBÉM PARECIA PREOCUPADO.

— NÃO FAZ MAL, ERIK. POSSO DORMIR UMA SESTA MAIS LOGO — AXEL CRUZOU OS BRAÇOS E DISSE: — COM QUE ENTÃO APROVEITASTE A SAÍDA DOS PAIS PARA VISITAR OS AXELSSON PARA CONVIDAR UMAS SENHORAS CÁ PARA CASA.

— BEM, NÃO SEI SE LHES CHAMARIA ISSO — MURMUROU ERIK.

FRANS DEU UMA GARGALHADA, AINDA COM BRITTA EMPOLEIRADO NO SEU COLO.

— ESTÁS A VER ALGUMA SENHORA POR AQUI? SÓ VEJO DUAS RAPARIGUINHAS ATREVIDAS.

— VÊ LÁ SE CALAS ESSA BOCA! — BRITTA DEU UMA COTOVELADA NO PEITO DE FRANS. NÃO PARECIA TER ACHADO GRAÇA.

— E ELSY ESTÁ TÃO OCUPADA A OLHAR PARA OS LIVROS QUE NEM SEQUER DISSE OLÁ.

ELSY VIROU-SE, ENVERGONHADA.

— DESCULPA. OLÁ, AXEL.

— ESTAVA SÓ A BRINCAR. VOLTA LÁ PARA OS LIVROS... ERIK DISSE-TE QUE PODES LEVAR ALGUNS EMPRESTADOS, SE QUISERES?

— SIM, DISSE — AINDA CORADA, ELSY VOLTOU RAPIDAMENTE A ATENÇÃO PARA AS ESTANTES.

— COMO CORREU AQUILO ONTEM? — ERIK OLHAVA PARA O IRMÃO COMO SE ESTIVESSE FAMINTO POR CADA PALAVRA QUE ELE FOSSE PROFERIR.

A EXPRESSÃO ALEGRE E DESCONTRAÍDA DE AXEL TORNOU-SE GRAVE.

— BEM — DISSE SECAMENTE. — CORREU BEM — ACRESCENTOU, RODANDO NOS CALCANHARES. — VOU DEITAR-ME MAIS UM BOCADO. TENTA, POR FAVOR, MANTER O NÍVEL DE RUÍDO NO MÍNIMO, ESTÁ BEM?

ERIK OBSERVOU O IRMÃO A SAIR DA SALA. ALÉM DA ADMIRAÇÃO E DO ORGULHO QUE SENTIA, HAVIA TAMBÉM UMA PONTINHA DE INVEJA.

MAS FRANS NÃO SENTIA MAIS NADA POR AXEL ALÉM DE UMA ENORME

ADMIRAÇÃO.

– O TEU IRMÃO É TÃO CORAJOSO... TAMBÉM GOSTAVA DE PODER AJUDAR. SE AO MENOS FOSSE UNS ANOS MAIS VELHO.

– E DEPOIS, O QUE É QUE IAS FAZER? – PERGUNTOU BRITTA, QUE CONTINUAVA AMUADA POR FRANS A TER RIDICULARIZADO À FRENTE DE AXEL. – NUNCA TERIAS CORAGEM. E O QUE DIRIA O TEU PAI? PELO QUE TENHO OUVIDO, É AOS ALEMÃES QUE PREFERE DAR UMA AJUDINHA.

– PARA COM ISSO – DISSE IRRITADAMENTE FRANS, EMPURRANDO BRITTA PARA FORA DO SEU COLO. – AS PESSOAS DIZEM TANTAS COISAS. PENSAVA QUE NÃO DAVAS OUVIDOS A ESSES DISPARATES.

ERIK, QUE SEMPRE DESEMPENHAVA O PAPEL DE MEDIADOR DO GRUPO, LEVANTOU-SE E DISSE:

– PODEMOS OUVIR OS DISCOS DO MEU PAI, SE QUISEREM. ELE TEM COUNT BASIE¹⁰.

ERIK APRESSOU-SE ATÉ AO GRAMOFONE PARA PÔR O DISCO A TOCAR. NÃO GOSTAVA DE VER AS PESSOAS A DISCUTIREM. MESMO NADA.

¹⁰ Pianista e compositor de *jazz* norte-americano (1904-1984). (*N. do T.*)

§

SEMPRE ADORARA AEROPORTOS: os aviões que aterravam e descolavam, os passageiros com olhares plenos de expectativa ao partirem de férias ou numa viagem de negócios, e todas as idas e vindas, com as pessoas a reencontrarem-se ou a despedirem-se. Recordava-se de um aeroporto em concreto, há muito, muito tempo. A multidão, os cheiros, as cores, o murmurar das vozes. A tensão que sentiu, mais do que viu, no rosto da mãe e o modo como ela apertava firmemente a mão de Paula. A mala que fizera e voltara a fazer e depois fizera uma vez mais. Não se podia esquecer de nada, porque aquela ia ser uma viagem sem regresso. Lembrava-se também do calor e depois do frio, quando chegaram. Nunca teria acreditado que pudesse ser possível estar tanto frio. E o aeroporto onde tinham aterrado era diferente. Mais silencioso, pintado em tons cinzentos e frios. Ninguém falava alto e não via pessoas a gesticular em lado algum. Toda a gente parecia estar encerrada dentro das suas pequenas bolhas privadas. Ninguém as olhou nos olhos. Os documentos foram carimbados e, em seguida, uma voz estranha num idioma estranho indicou-lhes o caminho. E, durante todo esse tempo, a mãe nunca deixara de apertar-lhe a mão com firmeza.

– Será ele? – Martin apontou para um homem na casa dos oitenta que tinha acabado de passar pela área de controlo de passaportes. Era alto, tinha cabelos grisalhos e usava uma gabardina bege. «É muito elegante», pensou imediatamente Paula.

– Vamos perguntar-lhe – disse Paula, seguindo na dianteira. – Axel Frankel?

O homem assentiu.

– São da polícia? Pensava que tinha ficado combinado ir ter convosco à esquadra – Axel parecia cansado.

– Achámos melhor vir buscá-lo – Martin dirigiu-lhe um aceno amigável, apresentando-se, assim como à colega.

– Estou a ver. Bem, nesse caso, agradeço-vos por se oferecerem para me dar boleia. Costumo ter de contentar-me com os transportes públicos, mas assim vai ser outra coisa.

– Trouxe mais bagagem? – Paula deitou um olhar ao tapete rolante.

– Não, não, só trouxe esta – Axel fez gesto na direção do saco de viagem que arrastava atrás dele. – Gosto sempre de viajar com pouca bagagem.

– Uma arte que eu nunca dominei – comentou Paula com uma gargalhada. Axel também se riu e o cansaço do seu rosto desapareceu por um momento.

Conversaram sobre o tempo até que todos entraram no carro e Martin começou a conduzir na direção de Fjällbacka.

– Já... já conseguiram descobrir mais alguma coisa? – a voz de Axel tremia e o homem teve de parar de falar para conseguir recompor-se.

Paula, que estava sentada ao lado de Axel no banco traseiro, abanou a cabeça.

– Infelizmente, não. Esperávamos que o senhor nos pudesse ajudar. Por exemplo, precisamos de saber se o seu irmão tinha algum inimigo. Há alguém que pudesse querer prejudicá-lo?

Axel abanou a cabeça.

– Não, não, claro que não. O meu irmão era a pessoa mais pacífica e plácida e... não, é absurdo pensar que alguém iria querer fazer mal a Erik.

– Que sabe acerca do envolvimento do seu irmão num grupo intitulado Amigos da Suécia? – Martin lançou a pergunta desde o seu assento e o seu olhar cruzou-se com o de Axel no retrovisor.

– Quer dizer que já examinaram a correspondência entre Erik e

Frans Ringholm – Axel esfregou a ponte do nariz antes de voltar a falar. Paula e Martin esperaram pacientemente. – É uma história complicada que começou há muito tempo.

– Temos tempo de sobra – disse Paula, deixando claro que estava à espera que Axel respondesse a pergunta.

– Frans é um amigo de infância, meu e de Erik. Conhecemo-nos desde sempre. Mas... como hei-de explicar? Nós escolhemos um caminho e Frans escolheu outro.

– Frans é de extrema-direita? – uma vez mais, o olhar de Martin encontrou o de Axel no retrovisor.

Axel assentiu.

– Sim, realmente não sei de que forma ou até que ponto, mas Frans tem andado envolvido nesses círculos durante toda a sua vida adulta e ajudou inclusivamente a fundar esse grupo dos Amigos da Suécia. Provavelmente, adquiriu muitas das suas ideias extremistas em casa, embora, enquanto convivemos, nunca tenha mostrado essa inclinação. Mas as pessoas mudam – Axel abanou a cabeça.

– Porque se sentiria a organização ameaçada por Erik? Julgo saber que ele não era politicamente ativo. Era um historiador especializado na Segunda Guerra Mundial, não é verdade?

Axel suspirou.

– Não é fácil mantermo-nos neutros. Não se consegue estudar o nazismo e ao mesmo tempo permanecer, ou ser visto como, apolítico. Por exemplo, muitas organizações neonazis negam a existência dos campos de concentração e todas as tentativas para descrever os campos e investigar o que aconteceu são consideradas como uma ameaça ou um ataque contra essas organizações. Como eu disse, é complicado.

– E quanto ao seu próprio envolvimento nessas questões? Já recebeu alguma ameaça? – Paula perscrutava-o atentamente.

– Claro que sim. E muito mais graves do que as que foram dirigidas a Erik. A missão da minha vida tem sido trabalhar no Centro Simon Wiesenthal.

– E qual é exatamente o papel do Centro? – perguntou Martin.

– A organização localiza nazis que fugiram e passaram à clandestinidade. E procura que sejam levados a tribunal – explicou Paula.

Axel assentiu.

– Está correto, entre outras coisas. Portanto, recebi realmente a minha a minha quota-parte de ameaças.

– Ainda conserva alguma dessas cartas? – perguntou Martin.

– É o Centro que as tem. Quem trabalha para o Centro envia-lhe todas as cartas que recebe, para que possam arquivá-las. Se os contactarem, o Centro dar-vos-á acesso a tudo – Axel entregou o seu cartão-de-visita a Paula, que o colocou no bolso do casaco.

– E dos Amigos da Suécia? Já recebeu ameaças deles?

– Não... Acho que não. Não, não que me recorde. Mas, como eu disse, devem verificar isso junto do Centro. Está lá tudo.

– E Frans Ringholm? Como é que se encaixa neste quadro? O senhor disse que ele era seu amigo de infância? – perguntou Martin.

– Para ser mais preciso, Frans era amigo de infância de Erik. Eu era uns anos mais velho; portanto, não tínhamos o mesmo círculo de amigos.

– Mas Erik conhecia bem Frans? – Os olhos castanhos de Paula voltaram a estudar atentamente Axel.

– Sim, mas isso foi há uma eternidade. Já passaram sessenta anos – Axel não parecia muito à vontade com aquele tema de conversa. Mudava constantemente de posição no banco traseiro. – Mesmo descontando a senilidade, as memórias antigas começam a ficar um pouco embotadas – Axel sorriu ironicamente ao bater na própria cabeça.

– Mas houve um contacto mais recente, a julgar pelas cartas que encontrámos. Frans contactou o seu irmão por diversas vezes, pelo menos por carta.

Axel passou a mão pelos cabelos num gesto de frustração.

– Eu vivi a minha vida e o meu irmão viveu a dele. E foi apenas há

três anos que ambos nos estabelecemos permanentemente em Fjällbacka... bem, semipermanentemente, no meu caso. Erik teve um apartamento em Gotemburgo, durante todos os anos em que lá trabalhou e eu passei mais ou menos o meu tempo a viajar pelo mundo inteiro. É claro que tínhamos sempre aqui a casa como a nossa base e se alguém me perguntar onde é que vivo, digo que é em Fjällbacka. Mas no verão escapo-me sempre para o meu apartamento em Paris. Não suporto toda a agitação trazida pelos turistas. Durante o resto do tempo, eu e o meu irmão vivemos uma vida bastante calma e isolada. A senhora da limpeza é a nossa única visita. Preferimos... preferíamos assim – a voz de Axel embargou-se.

O olhar de Paula cruzou-se com o de Martin, que abanou ligeiramente a cabeça antes de voltar a pôr os olhos na autoestrada. Nenhum deles conseguia pensar em mais nada para perguntar a Axel. Passaram o resto da viagem para Fjällbacka numa conversa tensa sobre trivialidades. Axel parecia poder ir-se abaixo a qualquer momento e ficou visivelmente aliviado quando finalmente pararam à frente da sua casa.

– Custa-lhe... ficar a viver aqui agora? – perguntou Paula.

Axel permaneceu em silêncio por um momento, de olhos fixos na grande casa branca, o saco de viagem na mão. Por fim, disse:

– Não. Este é o meu lar, o meu e o de Erik. É aqui que devemos estar. Os dois – Axel sorriu tristemente e apertou as mãos aos dois agentes antes de se dirigir para a porta principal. Paula ficou a vê-lo afastar-se. Aquele homem era a própria imagem da solidão, pensou.

– Então, ela disse-te das boas quando chegaste ontem a casa? – Karin deu uma gargalhada enquanto empurrava Ludde na sua cadeirinha de passeio. Caminhavam em ritmo acelerado e Patrik estava ofegante do esforço de tentar acompanhá-la.

– Pode dizer-se que sim – Patrik estremeceu ao pensar na receção que tivera quando chegara a casa. Erica não estava propriamente bem-humorada. E, até certo ponto, Patrik conseguia compreender a sua

reação. A ideia era que se responsabilizasse por Maja durante o dia para que Erica pudesse trabalhar. Ao mesmo tempo, não podia deixar de sentir que Erica tinha exagerado. Não tinha saído de casa para se divertir, estivera ocupado a fazer compras que eram precisas lá em casa. E como poderia saber que Maja não ia dormir a sua sesta como era costume? Parecera-lhe um pouco injusto que Erica não tivesse voltado a falar-lhe durante o resto do dia. Mas o que Erica tinha de bom era que nunca guardava rancor por muito tempo, pelo que nessa manhã tinha-lhe dado um beijo, como sempre fazia, e os acontecimentos do dia anterior pareciam ter sido esquecidos. Apesar de Patrik não ter ousado dizer-lhe que ia ter companhia no seu próximo passeio. Claro que pensava acabar por lhe dizer, estava apenas a adiar o momento. Embora Erica não fosse uma pessoa particularmente ciumenta, dar um passeio com a ex-mulher não era assunto que quisesse abordar enquanto Erica estivesse amuada. Karin, como se lhe tivesse conseguido ler a mente, disse:

– E Erica acha bem que nos encontremos? Já nos divorciámos há uma data de anos, mas algumas pessoas são um pouco mais... sensíveis.

– Não, claro que acha bem – respondeu Patrik, não querendo admitir a sua cobardia. – Está tudo bem. Erica não pôs nenhum problema a que nos relacionemos.

– Isso é ótimo. Quer dizer, é bom ter companhia, mas não se isso causar problemas na frente doméstica.

– Então e Leif? – perguntou Patrik, ansioso por mudar de assunto. Inclinou-se sobre a cadeirinha para endireitar o gorro de Maja, que tinha descaído. Maja não prestou a mínima atenção, porque estava totalmente ocupada em comunicar com Ludde, que seguia na cadeirinha que se movia a seu lado.

– Leif? – resfolegou Karin. – Pode dizer-se que é um milagre que Ludde saiba quem é Leif. Ele está sempre na estrada.

Patrik assentiu, compreensivo. O novo marido de Karin cantava numa banda chamada Leffes. Percebia como devia ser stressante ser

«viúva» de um cantor.

– Não há problemas graves entre os dois, espero?

– Não, vemo-nos tão raramente que era difícil termos problemas – respondeu Karin, dando uma gargalhada. Mas o riso soou amargo e oco. Patrik percebeu que a ex-mulher não lhe estava a contar toda a verdade, mas não sabia o que dizer. Era um pouco estranho estar a debater problemas conjugais com a ex-mulher. Felizmente, foi salvo pelo toque do seu telemóvel.

– Patrik Hedström.

– Olá. Fala Pedersen. Estou a ligar-lhe por causa dos resultados do exame *post mortem* de Erik Frankel. Nós enviámos o relatório por fax, como é costume, mas achei que gostaria de ouvir os pontos principais por telefone.

– Claro, claro – disse hesitantemente Patrik, lançando um olhar a Karin, que tinha abrandado o ritmo para esperar por ele. – Acontece que, de momento, estou de licença de paternidade.

– A sério? Parabéns! Ah, você vai ter uns meses maravilhosos pela frente. Eu fiquei em casa durante seis meses com os meus dois filhos e foram os melhores meses da minha vida.

Patrik sentiu o queixo cair. Nunca teria acreditado que aquele patologista forense supereficiente, reservado e bastante frio fosse capaz de tal coisa. De repente, imaginou Pedersen de bata branca, sentado numa caixa de areia, onde, lenta e meticulosamente, fazia com incrível precisão as construções de areia mais perfeitas do mundo. Patrik não conseguiu conter uma gargalhada, que motivou um brusco «Qual é a graça?» em resposta.

– Nada, nada – disse Patrik, ao mesmo tempo que fazia um gesto a Karin, que parecia surpreendida, a assinalar que lhe explicaria mais tarde. – Mas importa-se de me resumir as suas conclusões? – prosseguiu Patrik num tom de voz mais grave. – Estive no local do crime anteontem e gostaria de manter-me a par do que está a acontecer.

– Com certeza – respondeu Pedersen, que ainda parecia irritado. –

É bastante simples. Erik Frankel foi atingido na cabeça por um objeto pesado. Provavelmente, o golpe foi provocado por algo feito de pedra, porque há pequenos fragmentos de pedra na ferida, indicando que o material em questão era certamente muito poroso. Teve morte imediata, uma vez que o golpe o atingiu acima da têmpora esquerda e provocou uma hemorragia cerebral maciça.

– Tem alguma ideia da direção a partir da qual foi dado o golpe? De trás? De frente?

– Na minha opinião, o autor do crime estava de pé em frente da vítima. E é altamente provável que o criminoso seja destro. É mais natural para uma pessoa destra atacar pela direita. Isso seria extremamente difícil para um canhoto.

– E o objeto que foi utilizado? Tem alguma ideia do que possa ser?
– Patrik sentiu a ansiedade na sua voz ao fazer a pergunta.

– Terão de ser vocês a determiná-lo. Um objeto pesado, de pedra. Apesar de não parecer que o crânio da vítima tenha sido atingido por nenhum bordo afiado. A ferida assemelha-se mais a uma contusão.

– Muito bem, pelo menos isso dá-nos algo por onde pegar.

– «Dá-nos»? – repetiu Pedersen com um tom ligeiramente sarcástico. – Não disse que está de licença de paternidade?

– Bem, sim – respondeu Patrik, que ficou em silêncio por uns segundos antes de prosseguir: – Presumo que vai agora ligar para a esquadra para lhes transmitir todas as informações que recolheu.

– Julgo que será melhor fazer isso, dadas as circunstâncias – disse Pedersen, divertido. – Devo pegar o touro pelos cornos e telefonar a Mellberg? Ou tem outra sugestão?

– Martin – disse Patrik instintivamente, ao que Pedersen deu uma risada.

– Já tinha decidido fazer isso. Mesmo assim, obrigado pela sugestão. Mas olhe que estou mesmo admirado consigo: não quer perguntar-me quando morreu Frankel?

– Ah, sim, claro. Quando é que ele morreu? – a voz de Patrik recuperou o tom ansioso. Olhou novamente de relance para Karin.

– É impossível dizer exatamente. O cadáver permaneceu muito tempo naquele ambiente quente. Mas a minha melhor estimativa é que tenha sido há dois ou três meses. O que permite situar a data da morte algures em junho ou julho.

– Quer dizer que não pode ser mais específico do que isso? – Patrik sabia a resposta àquela pergunta antes mesmo de a ter colocado.

– Nós não somos mágicos. Não temos bolas de cristal. Junho. É a melhor resposta possível numa situação deste género. Estou a fundamentá-la, em parte, no tipo de moscas que foram encontradas e também na variedade de gerações de moscas e larvas presentes. Levando tudo isto em linha de conta e considerando igualmente o estado de decomposição do cadáver, posso dizer que, provavelmente, a vítima morreu em junho. Agora cabe-vos determinar uma data mais precisa da morte. Ou melhor... cabe aos seus colegas fazê-lo – Pedersen deu nova risada.

Patrik nem sequer conseguia recordar-se de alguma vez ter ouvido Pedersen rir-se. No entanto, tinha-o feito várias vezes durante aquela conversa telefónica. E todas elas à sua custa. Talvez fosse preciso algo assim para Pedersen se rir. Patrik dirigiu-lhe as habituais palavras de agradecimento e depois desligou.

– Trabalho? – perguntou Karin.

– Sim, uma investigação que está a decorrer.

– O velhote que foi encontrado morto na segunda-feira?

– Estou a ver que a fábrica de coscuvilhice continua produtiva como sempre – disse Patrik. Karin estugara novamente o passo e Patrik teve de correr para alcançá-los.

Um carro vermelho passou por eles. Após cerca de uma centena de metros, abrandou, e o motorista parecia estar a olhar pelo retrovisor. Então, o carro fez rapidamente marcha-atrás e Patrik praguejou para dentro. Só agora percebera que o carro pertencia à sua mãe.

– Com que então a darem um passeio? – perguntou Kristina. Descera o vidro e olhava com surpresa para Patrik e Karin.

– Olá, Kristina! Que surpresa agradável! – Karin inclinou-se para a

janela aberta. – Mudei-me outra vez para Fjällbacka e encontrei Patrik por acaso. Descobrimos que estamos ambos de licença nos nossos empregos e a precisar de companhia. Tenho um rapazinho chamado Ludvig. – Karin apontou para a cadeirinha e Kristina inclinou-se para a frente, emitindo os arrulhos apropriados ao ver o bebé de um ano.

– Oh, que maravilha – disse Kristina num tom de voz que provocou um nó no estômago de Patrik. Em seguida, ocorreu-lhe um pensamento que lhe fez o estômago apertar-se ainda mais. Sem querer saber a resposta, perguntou a Kristina:

– Para onde vai a mãe agora?

– Estava a caminho da tua casa. Já não passo lá há algum tempo. Fiz uns bolinhos – Kristina apontou alegremente para um saco de biscoitos e um bolo esponja no assento a seu lado.

– Erica está a trabalhar... – aventou Patrik de forma pouco convincente, embora soubesse que era inútil.

Kristina engatou a primeira.

– Ainda bem. Quer dizer que vai ficar contente por poder fazer uma pausa para um cafezinho. E tu daqui a nada também vais para casa, não vais? – Kristina acenou a Maja, que retribuiu alegremente o aceno à avó.

– Claro, claro – respondeu Patrik, tentando freneticamente encontrar uma forma de pedir à mãe que não mencionasse a Erica quem era a sua companheira de passeio. Mas o cérebro estava completamente em branco e, resignado, ergueu a mão para dizer adeus a Kristina. Com um nó no estômago, Patrik observou a mãe a acelerar na direção de Sälvik. Ia ter muito que explicar quando chegasse a casa.

O livro estava a andar bem. Erica tinha escrito quatro páginas naquela manhã e esticou-se com satisfação na cadeira. A raiva do dia anterior tinha desaparecido e, olhando para trás, pensou que talvez tivesse exagerado. Ia fazer as pazes com Patrik à noite, cozinhando uma refeição estupenda para o jantar. Antes do casamento, tinham-se ambos esforçado para perder alguns quilos, mas agora tinham

regressado às suas rotinas diárias. E era importante permitirem-se uns excessos de vez em quando. Talvez lombo de porco com molho de queijo gorgonzola. Era um dos pratos preferidos de Patrik.

Erica parou de pensar no jantar e pegou nos diários da mãe. Devia realmente lê-los todos de uma vez, mas não conseguia decidir-se a fazê-lo. Teria de lê-los em pequenas doses. Breves relances ao mundo da mãe. Apoiou os pés na secretária e começou a árdua tarefa de tentar decifrar a caligrafia antiquada e floreada da mãe. Até agora, Erica tinha lido principalmente impressões acerca da vida quotidiana em casa da mãe de Elsy, as tarefas em que a ajudava, pequenas meditações sobre o futuro, a preocupação de ambas com o pai de Elsy, que passava o tempo todo no mar, mesmo aos fins de semana. As ideias acerca da vida eram expressas com a ingenuidade e a inocência de uma adolescente e Erica teve dificuldade em associar a voz juvenil que ressoava por entre o texto com a mãe que recordava. Elsy parecia tão distante, tão austera e severa; Erica e Anna nunca a tinham ouvido proferir uma palavra carinhosa ou demonstrar afeto por elas.

Depois de chegar a meio da segunda página, Erica endireitou-se abruptamente na cadeira. Tinha aparecido um nome familiar. Ou melhor, dois nomes. Elsy escreveu que tinha ido até casa de Erik e de Axel enquanto os pais deles estavam fora. O texto era sobretudo uma descrição lírica da biblioteca do pai dos rapazes, que tinha impressionado enormemente Elsy, mas Erica via apenas os dois nomes: Erik e Axel. Só podiam ser Erik e Axel Frankel. Ansiosamente, Erica leu toda a passagem sobre a visita, percebendo pelo tom que passavam certamente muito tempo juntos, Elsy e Erik, assim como dois outros jovens chamados Britta e Frans. Erica tentou recordar-se. Não, nunca tinha ouvido a mãe mencionar nenhum deles. Tinha a certeza. E Axel era retratado no diário de Elsy como uma figura quase mítica, heroica. Elsy descreveu-o como «infinitamente corajoso e quase tão elegante como Errol Flynn». Será que a mãe estava apaixonada por Axel Frankel? Não, não era esse o sentimento

que transparecia quando Erica leu as palavras da mãe, era mais como se Elsy nutrisse uma profunda admiração por Axel.

Erica pôs o diário no colo enquanto refletia acerca do que tinha acabado de ler. Porque não tinha Erik Frankel mencionado que conhecera a sua mãe quando eram jovens? Erica dissera-lhe que tinha encontrado a medalha nazi e a quem pertencera. No entanto, Erik não tinha dito uma palavra que fosse acerca disso. Erica recordou uma vez mais o estranho silêncio que se seguira. Tinha razão. Erik quisera ocultar-lhe algo.

O som estridente da campainha interrompeu-lhe os pensamentos. Com um suspiro, fez deslizar as pernas do tampo da secretária. Quem poderia ser? A pergunta foi imediatamente respondida pelo «olá?» que ouviu vindo do vestíbulo. Erica suspirou de novo, agora ainda mais enfaticamente. Era Kristina. A sogra. Respirou fundo, abriu a porta e aproximou-se das escadas. «Olá?» Ouviu novamente, num tom ainda mais insistente, que a fez cerrar irritadamente os dentes.

– Olá – cumprimentou Erica no tom mais alegre que conseguiu arranjar, embora tivesse plena consciência de que soava a falso. Graças a Deus que Kristina não era particularmente sensível a nuances.

– Lembrei-me de passar por aqui só para os cumprimentar! – retorquiu alegremente a sogra enquanto pendurava o casaco. – Trouxe uns biscoitos para o café. Foram feitos por mim. Pensei que gostarias, uma vez que as mulheres trabalhadoras de hoje em dia não têm tempo para estas coisas.

Erica rangia os dentes. Kristina tinha um talento incrível para emitir críticas veladas. Seria inato ou teria sido aperfeiçoado ao longo de anos e anos de prática?

– Ah, parece-me muito bem – disse educadamente Erica a caminho da cozinha, onde Kristina já estava a preparar café, como se estivesse em sua casa e não na de Erica.

– Senta-te. Eu faço o café – disse Kristina. – Sei onde está tudo – acrescentou.

– Pode crer – retorquiu Erica, sabendo que Kristina não ia detetar o sarcasmo.

– Patrik e Maja foram dar um passeio. Provavelmente ainda vão demorar algum tempo – disse Erica, esperando poder assim encurtar a visita da sogra.

– Eu sei – disse Kristina enquanto media colheres de café. – Duas, três, quatro... – Kristina recolocou a colher na lata e depois voltou a atenção para Erica. – Eles devem estar quase a chegar a casa. Passei por eles de carro quando vinha para aqui. É tão bom que Karin se tenha voltado a mudar para cá e que Patrik possa ter alguém para lhe fazer companhia durante o dia. É muito maçador andar a passear sozinho, sobretudo para uma pessoa como Patrik, que está acostumado a trabalhar e a ser produtivo. Pareciam estar a desfrutar da companhia um do outro.

Esforçando-se ao máximo para processar aquela informação, Erica fitou Kristina. Que estava ela para ali a dizer? Karin? Qual Karin?

No momento em que Patrik entrou, fez-se luz no cérebro de Erica. Ah, *essa* Karin.

Patrik sorriu timidamente e, depois de uma pausa forçada, disse:

– Café, que bom!

Tinham-se reunido na cozinha para uma revisão geral do caso. Estava quase na hora do almoço e o estômago de Mellberg roncava ruidosamente.

– Ora bem, o que temos até agora? – Mellberg alcançou um dos pãezinhos que Annika tinha colocado numa bandeja. Era apenas um pequeno aperitivo antes do almoço. – Paula e Martin. Falaram com o irmão da vítima, esta manhã. Descobriram alguma coisa interessante? – Mellberg mastigava o bolo enquanto falava, deixando cair migalhas sobre a mesa.

– Sim, fomos buscá-lo ao aeroporto de Landvetter – respondeu Paula. – Mas Axel não parecia saber grande coisa. Questionámo-lo acerca das cartas dos Amigos da Suécia, mas a única coisa que

conseguiu esclarecer foi que, aparentemente, Frans Ringholm era amigo de infância de Erik. Axel não sabia nada sobre qualquer ameaça específica por parte dessa organização; parece que as ameaças eram uma espécie de risco inevitável, dado o trabalho que ele e Erik desenvolviam.

– Axel recebeu ameaças? – perguntou Mellberg, espalhando mais migalhas sobre a mesa.

– Pelo que nos disse, bastantes – respondeu Martin. – Está tudo arquivado na organização em que trabalha.

– Chegou a receber ameaças dos Amigos da Suécia?

Paula abanou a cabeça.

– Axel não nos soube dar uma resposta concreta. E eu até compreendo. Deve receber toneladas de lixo desse género e deve ter mais que fazer do que prestar atenção a tudo, não é?

– Com que impressão ficaram dele? Ouvi dizer que foi uma espécie de herói quando era jovem – Annika lançou a Martin e a Paula um olhar inquisitivo.

– Elegante, distinto... – disse Paula –, mas bastante abatido, o que é natural, dadas as circunstâncias. Parecia verdadeiramente perturbado com a morte do irmão. Não foi também o que te pareceu? – Paula virou-se para Martin, que assentiu.

– Sim, sou da mesma opinião.

– Suponho que vão interrogá-lo novamente – disse Mellberg, olhando para Martin. – E julgo saber que o Pedersen te contactou, certo? – Mellberg aclarou a garganta. – Achei um pouco estranho que ele não tenha querido falar comigo.

Martin tossiu.

– Eu acho que o senhor deve ter ido passear o cão quando ele telefonou. Tenho a certeza de que estava no topo da lista dele.

– Hum, bem, deve ter sido isso. Muito bem, continua. O que disse o Pedersen?

Martin resumiu as descobertas de Pedersen. E depois disse-lhes:

– Parece que o Pedersen ligou primeiro ao Patrik, que não está

muito satisfeito por estar em casa a tomar conta da filha e conseguiu que o Pedersen lhe fornecesse o relatório completo. E, tendo em conta como foi fácil atraí-lo até ao local do crime, aposto que vamos vê-los aqui, a ele e a Maja, não tarda nada.

Annika deu uma gargalhada.

– Sim, eu falei com ele ontem. Tentou ser diplomático e disse-me que talvez ainda demorasse algum tempo a adaptar-se.

– Acredito – resfolegou Mellberg. – Que ideia tão estúpida: homens adultos a mudar fraldas e a fazer comida para bebés! A minha geração não teve de aturar essas patetices. Podíamos dedicar-nos a coisas mais adequadas a nós enquanto as mulheres cuidavam das crianças.

– Quem me dera ter podido mudar fraldas – disse Gösta baixinho, olhando para a mesa.

Patrik e Annika olharam para o colega; só recentemente tinham descoberto que Gösta e a falecida mulher tinham tido um filho que morreu pouco depois do parto. Não houvera mais crianças. Todos ficaram em silêncio por um momento e evitaram olhar para Gösta. Em seguida, Annika disse:

– Bem, eu por mim acho que é muito positivo. Para vocês, homens, perceberem a carga de trabalhos que envolve tomar conta de uma criança. Eu não tenho nenhuma – foi a vez de Annika fazer um olhar triste –, mas todas as minhas amigas têm filhos e, lá por ficarem em casa com as crianças, não quer dizer que passem o dia todo a comer bombons. Portanto, acho que isto vai ser bom para o Patrik.

– Nunca vais convencer-me disso – afirmou Mellberg. Depois, franziu a testa com impaciência e baixou os olhos para os papéis sobre a mesa, à sua frente. Afastando todas as migalhas com a mão, leu algumas frases antes de voltar a falar. – Muito bem, aqui está o relatório da Torbjörn e dos seus rapazes...

– E raparigas – acrescentou Annika. Mellberg suspirou de modo ostensivamente audível.

– E raparigas. Isto é uma espécie de perseguição feminista, ou quê? Vamos continuar com esta investigação ou devemos apenas pôr-nos a

cantar «Kumbaya¹¹» e debater a agenda do movimento de libertação feminina? – Mellberg abanou a cabeça antes de prosseguir: – Como eu estava a dizer, tenho aqui o relatório de Torbjörn e da sua *equipa*. E posso resumi-lo em duas palavras: «sem surpresas». Descobriram uma série de pegadas e de impressões digitais, e é claro que teremos de investigá-las. Gösta, certifica-te de que obtemos as impressões digitais dos rapazes para que possamos eliminá-los da lista de suspeitos, assim como as dos irmãos. É verdade – Mellberg hesitou enquanto lia novamente algumas linhas para si mesmo –, parece que a equipa de Torbjörn estabeleceu que a vítima recebeu um golpe na cabeça, provocado por algum tipo de objeto contundente.

– Quer dizer que não há mais ferimentos? Apenas o golpe na cabeça? – perguntou Paula.

– Hum, sim, exatamente: um golpe. Fiz essa mesma pergunta a Torbjörn e, aparentemente, é possível constatá-lo ao analisar os salpicos de sangue nas paredes. De qualquer forma, a conclusão é bastante clara: a vítima recebeu um golpe fortíssimo na cabeça.

– Isso está de acordo com os resultados *post mortem* – disse Martin, assentindo. – E em relação à arma do crime? Pedersen julga tratar-se de um objeto pesado feito de pedra.

– Exatamente! – exclamou triunfantemente Mellberg, apontando o dedo para o meio do documento. – Eles encontraram um busto de pedra pesado debaixo da secretária. Havia vestígios de sangue, cabelo e restos de cérebro no busto e eu estou convencido de que os fragmentos de pedra detetados na ferida irão coincidir com a pedra de que o busto é feito.

– Quer dizer que temos a arma do crime. Bem, sempre é alguma coisa – disse melancolicamente Gösta, bebendo um pouco de café, que entretanto tinha arrefecido.

Mellberg passou os olhos pelos subordinados, sentados em torno da mesa.

– Alguma sugestão acerca de como continuarmos esta investigação?
– O superintendente colocou a questão como se se tratasse de uma

mera formalidade, uma vez que já teria planeado uma longa lista de medidas de investigação adequadas. O que não era o caso.

– Acho que devíamos falar com Frans Ringholm. Saber mais acerca das tais ameaças – disse Paula. – E falar com as pessoas que moram na vizinhança, para ver se alguém reparou nalguma coisa por volta do momento do homicídio – acrescentou.

Annika olhou por cima do bloco-notas.

– Também deviam falar com a senhora que faz limpezas em casa dos irmãos. Descobrir quando é que foi a última vez que esteve lá, se falou com Erik e porque não foi limpar a casa o verão inteiro.

– Ótimo – assentiu Mellberg. – Então, porque é que ainda estão aqui sentados? Vamos ao trabalho! – O superintendente olhou fixamente para os agentes e continuou a fazê-lo até todos terem marchado para fora da divisão. Depois, Mellberg pegou noutra coisa.

Delegar. Aquela era a marca de um bom líder.

Todos tinham concordado que era um completo desperdício de tempo ir às aulas, por isso só por lá apareciam esporadicamente, quando estavam para aí virados. O que não acontecia muito frequentemente. Nesse dia reuniram-se por volta das dez da manhã. Não havia muito para fazer em Tanumshede. Passavam a maior parte do tempo a conversar. E a fumar.

– Ouviram o que aconteceu àquele peido velho em Fjällbacka? – Nicke deu uma passa no cigarro e deu uma gargalhada. – Provavelmente foi morto pelo teu avô e pelo amigo dele.

Vanessa deu uma risadinha.

– Então? – disse irritadamente Per, embora não sem um certo orgulho. – O meu avô não teve nada que ver com isso. Não se ia arriscar a ir para a prisão apenas para matar um fóssil geriátrico. Os Amigos da Suécia têm coisas mais importantes para fazer e objetivos maiores em mente.

– Já falaste com o velho? Sobre deixar-nos ir a uma reunião? – Nicke tinha parado de rir e ostentava agora uma expressão ansiosa no

rosto.

– Ainda não – disse relutantemente Per. Gozava de um estatuto especial no grupo porque era neto de Frans Ringholm e, num momento de fraqueza, prometera conseguir que os amigos assistissem a uma das reuniões dos Amigos em Uddevalla. Mas não tinha encontrado a ocasião certa para abordar o assunto com o avô. Além disso, Per sabia o que Frans diria. Que eram demasiado jovens. Que precisavam de mais alguns anos para «desenvolver plenamente o seu potencial». Per não fazia a mínima ideia do que isso significava. Ele e os amigos compreendiam os assuntos tão bem como as pessoas mais velhas, aquelas que já haviam sido aceites. No fundo, era tudo muito simples. O que é que poderia ser mal interpretado?

E foi isso que o atraiu: o facto de ser simples. Preto no branco. Nenhuma área cinzenta. Per não conseguia compreender porque é que as pessoas tinham de complicar tudo, estudar primeiro as coisas de um ângulo e depois de outro, quando tudo era tão incrivelmente simples. Éramos nós contra eles – tudo se resumia a isso. Nós e eles. Se ao menos eles tivessem ficado na terra deles, com os da sua espécie, não haveria problemas. Mas eles insistiam em forçar a entrada em territórios que não lhes pertenciam, em cruzar fronteiras que deveriam ser óbvias. As diferenças não poderiam ser mais claras. Branco ou amarelo. Branco ou castanho. Branco ou aquela pele preto-azulada nojenta dos que vieram das selvas mais sombrias de África. Era tão simples que chateava. Mas depois começaram a misturar e a revolver tudo, até se ter tornado uma confusão do caraças. Per olhou para os amigos, indolentemente sentados no banco ao lado. Saberia realmente quem tinham sido os seus antepassados? Quem poderia saber o que as putas da sua família tinham andado a tramar? Talvez também corresse sangue impuro nas suas veias. Per estremeceu.

Nicke lançou-lhe um olhar interrogativo.

– Qual é a tua? Parece que engoliste alguma coisa nojenta.

Per resfolegou.

– Não é nada – mas a ideia e a sensação de repulsa não o deixavam

em paz. Apagou o cigarro.

– Anda, vamos beber um café. Fico deprimido só de ficar aqui sentado – Nicke inclinou a cabeça em direção ao edifício da escola e depois partiu em passo acelerado, sem esperar para ver se os outros iam atrás dele. Sabia que o seguiriam.

Por um momento, Per pensou no homem assassinado. Mas depois encolheu os ombros. O velhadas não era importante.

¹¹ Canção espiritual afro-americana dos anos 30 associada ao movimento dos direitos cívicos dos anos 60. (*N. do T.*)

FJÄLLBACKA, 1943

OS TALHERES TILINTAVAM CONTRA OS PRATOS ENQUANTO COMIAM. TODOS OS TRÊS TENTAVAM NÃO OLHAR PARA A CADEIRA VAZIA À MESA DA SALA DE JANTAR, MAS NÃO CONSEGUIAM EVITÁ-LO.

— NÃO POSSO ACREDITAR QUE ELE TENHA TIDO DE SAIR OUTRA VEZ PASSADO TÃO POUCO TEMPO — GERTRUD FRANZIU A TESTA QUANDO PASSOU A TAÇA A ERIK, QUE PÔS MAIS UMA BATATA NO PRATO, EMBORA JÁ ESTIVESSE CHEIO. ERA PREFERÍVEL ASSIM; CASO CONTRÁRIO, A MÃE IA CONTINUAR A INSISTIR COM ELE PARA QUE COMESSE ATÉ ERIK CEDER. MAS QUANDO OLHOU PARA O PRATO CHEIO, PERGUNTOU A SI PRÓPRIO COMO DIABO CONSEGUIRIA COMER AQUILO TUDO. A COMIDA NÃO O INTERESSAVA. APENAS COMIA PORQUE ERA OBRIGADO A FAZÊ-LO. E PORQUE A MÃE ESTAVA CONSTANTEMENTE A DIZER QUE TINHA VERGONHA DE ERIK ESTAR TÃO MAGRICELA. A MÃE DIZIA QUE AS PESSOAS IAM PENSAR QUE ELA ESTAVA A MATÁ-LO À FOME.

AXEL, POR OUTRO LADO, COMIA TUDO COM UM APETITE SAUDÁVEL. ERIK LANÇOU UM OLHAR PARA A CADEIRA VAZIA ENQUANTO LEVAVA RELUTANTEMENTE O GARFO À BOCA. A COMIDA PARECIA INCHAR-LHE NA BOCA. O MOLHO TRANSFORMAVA AS BATATAS NUMA PAPA MOLE E ERIK MASTIGOU MECANICAMENTE PARA SE LIVRAR DAQUILO O MAIS DEPRESSA POSSÍVEL.

— ELE TEM DE FAZER SUA PARTE — HUGO FRANKEL LANÇOU UM OLHAR SEVERO À MULHER. MAS TAMBÉM ELE OLHOU DE RELANCE PARA A CADEIRA VAZIA.

— SÓ PENSAVA QUE AXEL IA PODER TER ALGUNS DIAS DE PAZ E SOSSEGO AQUI EM CASA.

— ISSO É COM ELE. NINGUÉM PODE DIZER A AXEL O QUE FAZER,

EXCETO O PRÓPRIO AXEL – A VOZ DE HUGO INCHOU DE ORGULHO E ERIK SENTIU UMA PONTADA DE DOR NO PEITO, COMO SEMPRE ACONTECIA QUANDO OS PAIS FALAVAM DE AXEL. ÀS VEZES, ERIK SENTIA-SE COMO SE FOSSE QUASE INVISÍVEL, UMA MERA SOMBRA DO AXEL DESLUMBRANTE, QUE ERA SEMPRE O PONTO FOCAL, EMBORA NUNCA TENTASSE SÊ-LO. ERIK ENCHEU A BOCA COM NOVA GARFADA. SE AO MENOS O JANTAR TERMINASSE, PARA PODER IR LER PARA O SEU QUARTO. ERIK LIA SOBRETUDO LIVROS DE HISTÓRIA. HAVIA ALGO EM TODOS OS FACTOS, NOMES, DATAS E LOCAIS QUE ADORAVA. AQUELAS COISAS NÃO MUDAVAM, ERAM ALGO EM QUE PODIA CONFIAR, COM QUE PODIA CONTAR.

AXEL NUNCA SE TINHA INTERESSADO MUITO POR LIVROS. APESAR DISSO, CONSEGUIRA PASSAR EM TODOS OS EXAMES ESCOLARES COM AS NOTAS MAIS ALTAS. ERIK TAMBÉM TEVE BOAS NOTAS, MAS PRECISOU DE SE ESFORÇAR AO MÁXIMO PARA AS CONSEGUIR. E NUNCA NINGUÉM LHE DERA PALMADINHAS NAS COSTAS OU IRRADIARA ORGULHO QUANDO SE GABAVA DELE AOS AMIGOS E CONHECIDOS. NINGUÉM GABAVA ERIK.

APESAR DISSO, ERIK NÃO CONSEGUIA RESENTIR-SE DO IRMÃO. ÀS VEZES, DESEJAVA PODER FAZÊ-LO. DESEJAVA PODER ODIÁ-LO, DESPREZÁ-LO, AFASTAR AQUELA DOR LANCINANTE NO PEITO. MAS A VERDADE É QUE AMAVA AXEL – MAIS DO QUE NINGUÉM. AXEL ERA O MAIS FORTE E O MAIS VALENTE; ERA AQUELE QUE MERECEIA SER GABADO. NÃO ERIK. ERA UM FACTO. COMO NOS LIVROS DE HISTÓRIA. ERA TANTO UM FACTO COMO A DATA DA BATALHA DE HASTINGS. ERA UM FACTO INDISCUTÍVEL E NÃO SE PODIA DISCUTI-LO OU ALTERÁ-LO. ERA SIMPLEMENTE ASSIM E PONTO FINAL.

ERIK OLHOU PARA O PRATO. PARA SUA SURPRESA, ESTAVA VAZIO.

– POSSO LEVANTAR-ME DA MESA, PAI? – A VOZ DE ERIK ESTAVA REPLETA DE ESPERANÇA.

– JÁ ACABASTE DE JANTAR? BEM, QUEM DIRIA... SIM, PODES IR. A TUA MÃE E EU VAMOS FICAR AQUI MAIS ALGUM TEMPO.

QUANDO ERIK SUBIU PARA O SEU QUARTO, OUVIU OS PAIS A CONVERSAREM NA SALA DE JANTAR.

– NÃO ACHAS QUE AXEL ESTÁ A CORRER DEMASIADOS RISCOS?

— GERTRUD, TENS DE PARAR DE O MIMAR. AFINAL, AXEL JÁ TEM DEZANOVE ANOS... DEVÍAMOS ESTAR FELIZES POR TER UM FILHO TÃO...

AS VOZES SUMIRAM-SE QUANDO ERIK FECHOU A PORTA DO QUARTO. ATIROU-SE PARA CIMA DA CAMA E PEGOU NO LIVRO DE CIMA DA PILHA, O LIVRO SOBRE ALEXANDRE, O GRANDE. ELE TAMBÉM TINHA SIDO CORAJOSO. TAL COMO AXEL.

§

– SÓ ESTOU A DIZER QUE PODIAS TER MENCIONADO ISSO. Fiquei para ali a fazer figura de parva quando Kristina disse que tu e a Karin andavam a dar um passeio juntos.

– Bem, eu... Sim, claro que tens razão – Patrik baixou a cabeça. A hora que Kristina passou a beber café com eles decorreu repleta de pensamentos não verbalizados e olhadelas sub-reptícias e, mal Kristina saiu e fechou a porta, Erica explodiu.

– O que me incomoda não é o facto de teres andado a passear com a tua ex-mulher. Sabes muito bem que não sou ciumenta. Mas porque é que não me contaste? Isso é que me irrita.

– Pois, eu compreendo-te... – Patrik evitava olhar Erica nos olhos.

– Compreendes-me! Não consegues encontrar mais nada para me dizer? Nenhuma explicação? É que eu pensava que podíamos dizer tudo um ao outro! – Erica sentia que estava a aproximar-se do que poderia ser considerado um ataque de histeria. Mas toda a frustração dos últimos dias tinha acabado de encontrar um escape, por isso não se conseguiu conter. – E eu a pensar que a divisão de tarefas entre nós era clara! Tu ias exercer a licença de paternidade e eu ia trabalhar. Em vez disso, estás constantemente a interromper-me por dá cá aquela palha, a aparecer no meu escritório como se houvesse lá uma porta giratória. E ontem tiveste o descaramento de sair de casa durante duas horas e deixar-me a tomar conta de Maja. Como é que achas que eu lidei com tudo isto durante o ano em que estive sozinha em casa com ela? Achas que tinha um raio de uma empregada para me ajudar sempre que precisasse de sair para ir tratar de uns assuntos? Ou

alguém que me pudesse dizer onde paravam as luvas da Maja? Achas? – Erica apercebia-se de como a voz lhe saía estridente e perguntou a si própria se seria realmente possível estar a falar naquele tom. Interrompeu o seu sermão e, em seguida, disse com uma voz mais branda: – Desculpa, eu não quis dizer... Sabes uma coisa? Acho que vou dar um passeio. Preciso de sair de casa por um bocado.

– Boa ideia – disse Patrik, espreitando por debaixo da franja, como uma tartaruga a espetar cautelosamente a cabeça para fora da carapaça para ver se a costa estava livre. – E desculpa por não te ter... – Patrik lançou-lhe um olhar suplicante.

– Oh, não olhes para mim assim – disse Erica, sorrindo levemente. A bandeira branca fora hasteada. Erica lamentava ter perdido a cabeça, mas teriam de conversar mais tarde. Agora precisava de um pouco de ar fresco.

Caminhou pela cidade em passo acelerado. Fjällbacka parecia estranhamente deserta, agora que o verão terminara e os turistas tinham ido para casa. Era como uma sala de estar na manhã a seguir a uma festa: copos sujos com restos de vinho e cerveja, uma bandeirinha amachucada a um canto, um chapéu de festa tombado de lado sobre a cabeça de um convidado que tinha caído para o lado no sofá. Mas Erica preferia realmente aquela época do ano. O verão tinha sido tão intenso, tão intrusivo. Agora, tinha descido a calma sobre a Praça Ingrid Bergman. Maria e Mats iriam manter o quiosque Centrum por mais alguns dias e depois fechá-lo-iam e regressariam aos seus negócios em Sälen, como faziam todos os anos. E era isso que Erica tanto adorava em relação a Fjällbacka: a previsibilidade de tudo aquilo. Cada ano era a mesma coisa, os mesmos ciclos. Exatamente como tinha sido no ano anterior.

Erica cumprimentou todas as pessoas com quem se cruzou ao passar pela Praça Ingrid Bergman e na subida até Galärbacken. Conhecia, ou tinha ouvido falar de, quase todos os habitantes da cidade. Mas estugava ainda mais o passo mal alguém parecesse inclinado a parar para dois dedos de conversa. Simplesmente não

estava com disposição para falar.

Só quando passou pela bomba de gasolina é que se apercebeu para onde se estava a dirigir.

– Três casos de agressão, dois assaltos a bancos, além de umas quantas acusações diversas. Mas nenhuma condenação por violência contra grupos étnicos – disse Paula, fechando a porta do lado do passageiro do carro-patrulha. – Também descobri um arquivo de um tipo chamado Per Ringholm, mas apenas lá constam pequenos delitos.

– Esse é o neto dele – disse Martin, fechando a porta do lado do condutor. Tinham ido a Grebbestad, onde Frans Ringholm vivia num apartamento ao lado do Hotel Gästis.

– Apanhei ali umas boas bebedeiras – disse Martin, acenando com a cabeça na direção do Gästis.

– Acredito. Mas esses dias acabaram, não?

– Podes crer. Há mais de um ano que não vejo o interior de uma discoteca – Martin não parecia particularmente infeliz por causa disso. Estava tão apaixonado por Pia que nunca queria deixar o apartamento que partilhavam a menos que fosse absolutamente necessário. Mas antes de ter encontrado a sua princesa, tivera de beijar um grande número de rãs, ou melhor, sapos.

– Então e tu? – Martin olhou para Paula.

– Eu o quê? – a colega fingiu não entender a pergunta. E, antes que Martin pudesse ir mais longe, alcançaram a porta do apartamento de Frans. Martin bateu com força e foi recompensado com o som de passos a aproximarem-se vindo do interior.

– Sim? – Um homem de cabelo grisalho, cortado tão curto que estava quase rapado, abriu a porta. Usava *jeans* e uma camisa axadrezada, mostrando uma completa falta de interesse pelas tendências da moda.

– Frans Ringholm? – Martin estudou-o com curiosidade indisfarçada. O homem era bem conhecido na zona e para além dela, como Martin tinha descoberto depois de uma busca na Internet que

tinha feito em casa. Aparentemente, Ringholm tinha sido um dos fundadores de uma das organizações xenófobas suecas que mais tinham crescido nos últimos tempos e, de acordo com as conversas em vários fóruns *online*, o grupo estava a começar a tornar-se uma força de respeito.

– Correto. Que posso fazer pelos – Ringholm olhou Martin e Paula de cima a baixo – senhores agentes?

– Gostaríamos de fazer-lhe algumas perguntas. Podemos entrar?

Frans afastou-se sem comentários, limitando-se a erguer uma sobancelha. Martin olhou em redor do apartamento, surpreendido. Não sabia o que esperar antes de entrar; algo mais sujo e mais desarrumado, talvez. Em vez disso, o apartamento estava tão limpo e arrumado que fazia com que o seu próprio parecesse uma sala de chuto.

– Sentem-se – Frans acenou em direção a um par de sofás na sala à direita do vestíbulo. – Acabei de fazer café. Leite? Açúcar? – a voz do homem era calma e cortês, e Martin e Paula trocaram olhares, algo desconcertados.

– Só café, obrigado – respondeu Martin.

– Para mim pode ser com leite e sem açúcar – disse Paula ao entrar na sala de estar à frente de Martin. Sentaram-se ao lado um do outro no sofá branco e olharam em redor. A sala era luminosa e arejada, com grandes janelas viradas para o mar. O apartamento não parecia excessivamente pretensioso, era apenas um lugar confortável e bem cuidado.

– Aqui está o café – Frans entrou com uma bandeja muito carregada nas mãos. Colocou três chávenas de café fumegante sobre a mesa e depois um grande prato de biscoitos. – Força, sirvam-se. – Apontou para a mesa de café e depois pegou numa das chávenas antes de se recostar numa grande poltrona. – Então, como posso ser-vos útil?

Paula bebeu um golo de café. E depois disse:

– Tenho a certeza de que o senhor já ouviu falar do homem que foi encontrado morto nos arredores de Fjällbacka.

– Sim, Erik – disse Frans, abanando a cabeça com tristeza antes de beber o seu café. – Sim, fiquei muito perturbado quando ouvi a notícia. É horrível para Axel. Este deve ser um momento terrível para ele.

– Hum, sim, bem... – Martin aclarou a garganta. Tinha ficado surpreendido com a simpatia do homem e pelo facto de Ringholm ser o absoluto oposto do que esperara. Mas depois recompôs-se e disse: – Quisemos ter uma conversa consigo porque encontrámos algumas cartas suas na casa dos irmãos, dirigidas a Erik Frankel.

– Ah, então ele guardou as cartas – disse Frans, rindo-se enquanto tirava um biscoito da bandeja. – Erik gostava de colecionar coisas. Vocês, os jovens, devem achar que é extremamente antiquado enviar cartas. Mas aqueles, como eu, que pertencem a outra geração, têm dificuldade em desistir dos velhos hábitos – Frans lançou uma piscadela amigável a Paula. A agente quase a retribuiu com um sorriso, mas lembrou-se de que o homem sentado à sua frente dedicara toda a sua vida a tentar dificultar a vida e a lutar contra pessoas como ela.

– Nas suas cartas, o senhor fala de uma ameaça... – disse Paula, ostentando uma expressão austera.

– Bem, eu não lhe chamaria exatamente uma ameaça – Frans olhou-a calmamente, recostando-se de novo na poltrona. Traçou a perna antes de prosseguir: – Apenas pensei que devia mencionar a Erik que existiam certas... forças dentro da organização que nem sempre se comportam, como dizê-lo?... de modo sensato.

– Como tal, sentiu-se na obrigação de informar Erik acerca disso porque...

– Erik e eu éramos amigos desde pequenos, embora eu não tenha qualquer problema em admitir que nos afastámos e que não existiu uma verdadeira amizade entre nós durante anos. Nós... escolhemos caminhos bastante diferentes na vida – Frans sorriu. – Mas não desejava mal algum a Erik. Por isso, quando tive oportunidade de avisá-lo, assim fiz. Algumas pessoas têm bastante dificuldade em

entender que o recurso à força física nem sempre é a melhor solução.

– O senhor não tem tido dificuldade em... recorrer à força física – disse Martin. – Três condenações por agressão, várias por assaltos a bancos e, pelo que sei, não cumpriu exatamente as suas penas de prisão como uma espécie de Dalai Lama.

Longe de ter ficado ofendido, Frans limitou-se a sorrir perante os comentários de Martin de uma forma que lembrava o Dalai Lama.

– Para tudo há um tempo. A prisão tem as suas próprias regras e apenas uma linguagem funciona. Também ouvi dizer que a sabedoria se adquire com a idade e eu aprendi a minha lição ao longo dos anos.

– O seu neto também já aprendeu a lição? – Martin alcançou um biscoito quando fez a pergunta. Rápido como um relâmpago, Frans esticou o braço e apertou o pulso de Martin com uma firmeza brutal.

De olhos fixos no agente, Frans rosnou:

– O meu neto não tem nada que ver com isso. Percebe?

Martin aguentou o olhar de Frans durante algum tempo antes de soltar repentinamente a mão.

– Não volte a fazer isso – avisou Martin em voz baixa, resistindo à ânsia de massajar o pulso dorido.

Frans deu uma risada e recostou-se. Voltara a assumir a sua postura de avozinho afável. Mas, por alguns segundos a fachada tinha rachado e mostrado a raiva encoberta pela calma exterior. A questão era se Erik tinha sido vítima dessa raiva.

Ernst puxava ansiosamente pela trela, incapaz de compreender porque é que o seu dono tinha subitamente começado a andar a passo de caracol e a parar constantemente para olhar em volta. Quanto mais Mellberg se debatia para conter o animal, mais *Ernst* retesava a trela, determinado a obrigá-lo a estugar o passo.

Tinham percorrido quase todo o caminho quando Mellberg viu o seu esforço ser recompensado. Estava prestes a desistir quando ouviu o som de passos atrás dele e *Ernst* começou a empinar-se de alegria perante a aproximação de uma companheira de brincadeira.

– Olha, olha, também vieram dar um passeio – a voz de Rita soava tão alegre quanto Mellberg a recordava. Sentiu um sorriso aparecer-lhe nos lábios.

– Obviamente. Quer dizer, sim, também viemos dar um passeio – Mellberg teve vontade de dar um pontapé em si próprio. Que resposta estúpida foi aquela? E ele que era geralmente tão gentil com as senhoras. Mas ali estava agora, a falar como um perfeito idiota. Assumindo um tom mais autoritário, Mellberg disse: – Julgo que é importante para os cães fazerem algum exercício. Por isso, tento passear *Ernst* pelo menos uma hora por dia.

– E não são só os cães que beneficiam com um pouco de exercício. A nós também não nos faz mal nenhum – Rita deu uma risadinha e afagou a sua barriga redonda. Mellberg achou aquele gesto altamente libertador. Finalmente uma mulher que percebia que um pouco de carne nos ossos não era necessariamente uma coisa má.

– É bem verdade – retorquiu Mellberg, dando uma pancadinha na sua pança volumosa. – É importante manter uma certa postura.

– Oh, céus, claro que sim. – Rita deu uma gargalhada. A exclamação ligeiramente antiquada soou encantadora a Mellberg, em combinação com o seu sotaque. – É por isso que tento sempre tratar de carregar as baterias – Rita fez uma pausa junto de um prédio e começou a puxar *Señorita* para uma das entradas. – Posso oferecer-lhe um café? E bolo?

Mellberg estava a fazer um esforço enorme para não dar pulos de alegria, mas fez uma pausa como que a ponderar a oferta antes de responder:

– Sim, obrigado, isso seria bom. Não posso ficar longe do meu trabalho por muito tempo, mas...

– Ótimo – Rita introduziu o código para abrir a porta e entrou primeiro. Faltando-lhe o autocontrolo do dono, *Ernst* saltitava de alegria perante a perspectiva de acompanhar *Señorita* a casa.

A primeira palavra que ocorreu a Mellberg quando entrou no apartamento de Rita foi «acolhedor». Não tinha aquela frieza

minimalista que os Suecos tendiam a preferir; o apartamento de Rita irradiava cor e calor. Mellberg soltou a trela e *Ernst* desatou a correu atrás de *Señorita*. Pendurou o casaco, descalçou os sapatos e colocou-os ordenadamente na sapateira antes de seguir a voz de Rita até à cozinha.

– Eles parecem gostar um do outro...

– Quem? – perguntou estupidamente Mellberg. O seu cérebro estava ocupado com a visão do traseiro maravilhosamente amplo de Rita, voltado para si enquanto ela estava junto da bancada a medir café para colocar na cafeteira elétrica.

– *Señorita* e *Ernst*, claro – Rita virou-se e deu uma gargalhada.

Mellberg riu-se, envergonhado.

– Ah, sim, claro. Eles parecem gostar um do outro, não é? – um olhar de relance para a sala de estar confirmou o seguinte: *Ernst* estava aplicado a cheirar por debaixo da cauda de *Señorita*.

– Gosta de bolos de canela? – perguntou Rita.

– A Dolly Parton dorme de costas? – perguntou retoricamente Mellberg, lamentando imediatamente a sua escolha de palavras. Rita voltou-se para ele com expressão inquisitiva.

– Não sei. Dorme? Bem, com aqueles seios, calculo que sim.

Mellberg deu uma gargalhada.

– Era só uma piada. O que quis dizer é que adoro bolos de canela.

Surpreendido, Mellberg observou Rita a pôr três chávenas e três pratos na mesa da cozinha. O mistério ficou resolvido quando Rita se virou para o quarto ao lado da cozinha e chamou:

– Johanna, está na hora do café!

– Já vou! – ouviram uma voz responder do outro quarto. Um segundo depois, uma loira deslumbrante com uma barriga enorme entrou na cozinha.

– Esta é a minha nora, Johanna – explicou Rita, fazendo um gesto na direção da jovem mulher grávida. – E este é Bertil. É o dono de *Ernst*. Conheci-o a passear no bosque – disse Rita com uma risadinha. Mellberg estendeu a mão para se apresentar e, no instante seguinte,

quase caiu de joelhos de dor. Já apertara a mão a uma quantidade de tipos bem duros ao longo dos anos, mas nunca sentira um aperto de mão tão poderoso como o de Johanna.

– Bem, a menina tem cá uma força! – guinchou Mellberg quando Johanna lhe soltou a mão.

Johanna observou-o, divertida, antes de se sentar à mesa da cozinha. Demorou um pouco a encontrar uma posição que lhe permitisse chegar ao mesmo tempo à chávena e ao prato dos bolos, mas depois lançou-se sobre eles com gosto.

– Quando nasce o bebé? – perguntou cortesmente Mellberg.

– Daqui a três semanas – respondeu laconicamente Johanna, empenhada em comer o bolo até à última migalha. E depois pegou noutro.

– Estou a ver que come por dois – disse Mellberg com uma gargalhada, mas um olhar mal-humorado de Johanna silenciou-o. Não era uma miúda fácil de conquistar, concluiu.

– É o meu primeiro neto – disse Rita com orgulho, dando uma pancadinha terna na barriga de Johanna. O rosto de Johanna iluminou-se quando olhou para a sogra. Depois, Johanna colocou a mão sobre a barriga de Rita.

– Tem netos? – perguntou Rita depois de encher as chávenas de café e de se juntar a Mellberg e à nora à mesa.

– Não, ainda não. Mas tenho um filho. Chama-se Simon e tem dezassete anos – declarou Mellberg com orgulho. O filho tinha aparecido tarde na sua vida e não recebera a notícia da sua existência com muito entusiasmo. Mas tinham-se gradualmente acostumado um ao outro e, agora, Mellberg nunca deixava de espantar-se pelo carinho que sentia por Simon. Era um rapaz às direitas.

– Dezassete anos? Bem, então não há pressa. Mas deixe-me que lhe diga: os netos são a sobremesa da vida. – Rita deu mais uma palmadinha na barriga de Johanna.

Beberam o café e conversaram descontraidamente enquanto os cães circulavam pelo apartamento. Mellberg estava fascinado pela alegria

pura e genuína que sentia só por estar sentado na cozinha de Rita. Depois de todas as decepções que sofrera nos últimos anos, pensou que nunca mais queria ver outra mulher. No entanto, ali estava ele. E estava a passar um bom bocado.

– Então, que lhe parece? – Rita estava a olhar para ele e Mellberg apercebeu-se de que lhe tinha escapado a pergunta que agora exigia uma resposta.

– Importa-se de repetir?

– Estava a perguntar-lhe se não gostaria de ir à minha aula de Salsa, logo à noite. É para principiantes. Não é nada difícil. Começa às oito horas.

Mellberg olhou para Rita com descrença. Ir a uma aula de Salsa? Ele? Que ideia completamente ridícula. Mas então, Mellberg olhou um pouco mais intensamente para os olhos escuros de Rita e, para sua surpresa, ouviu-se a responder:

– Uma aula de Salsa? Às oito horas? Excelente.

Erica começava a lamentar a sua decisão enquanto subia o caminho de gravilha até à casa pertencente a Erik e a Axel. Já não lhe parecia assim tão boa ideia e foi com muita hesitação que ergueu o punho para bater à porta. A princípio não houve resposta e Erica ficou aliviada ao pensar que não estava ninguém em casa. Mas depois ouviu passos no interior e sentiu um aperto no peito quando a porta se abriu.

– Sim? – Axel Frankel parecia esgotado. Lançou-lhe um olhar intrigado.

– Olá, chamo-me Erica Falck e eu... – fez uma pausa, sem saber como prosseguir.

– A filha de Elsy – o cansaço de Axel parecia desaparecer à medida que estudava Erica com um olhar estranho. – Sim, nota-se perfeitamente. A menina e a sua mãe são muito parecidas.

– Somos? – perguntou Erica, surpreendida. Nunca ninguém lhe tinha dito isso.

– Sim, há qualquer coisa nos seus olhos. E na sua boca – Axel

inclinou a cabeça e parecia estar a assimilar cada pormenor da aparência de Erica. Depois afastou-se. – Entre.

Erica entrou para o vestíbulo e ficou ali parada.

– Venha por aqui... vamos sentar-nos na varanda – Axel começou a andar pelo corredor, esperando obviamente que Erica o seguisse. Erica pendurou o casaco e apressou-se para o alcançar. Este assinalou-lhe um sofá numa bela varanda envidraçada, semelhante à que ela e Patrik tinham em casa.

– Faça favor de se sentar.

Ficaram sentados em silêncio durante algum tempo. Apercebendo-se de que Axel não ia oferecer-lhe café, Erica pigarreou e disse:

– Bem, vim aqui... – Erica recomeçou: – Vim aqui porque deixei cá uma medalha para o seu irmão analisar – Erica tomou consciência da brusquidão com que falara e acrescentou: – Oh, e queria apresentar-lhe as minhas condolências, obviamente. Eu... – sentindo-se mais desconfortável a cada minuto que passava, contorcia-se no sofá enquanto procurava uma maneira de continuar.

Axel desvalorizou o embaraço óbvio de Erica com um aceno da mão e afirmou em tom amigável:

– Estava a dizer qualquer coisa acerca de uma medalha.

– Sim, é verdade – disse Erica, grata por Axel ter tomado as rédeas da conversa. – Na primavera passada encontrei uma medalha entre os pertences da minha mãe. Uma medalha nazi. Não sabia porque é que a minha mãe a conservara, por isso fiquei curiosa. E, como sabia que o seu irmão... – Erica encolheu os ombros.

– E Erik conseguiu ajudá-la?

– Não sei. Ou seja, falámos ao telefone, na primavera, mas depois estive bastante ocupada e, bem... Estava a planear entrar em contacto com ele novamente, mas... – as palavras de Erica sumiram-se.

– E agora interroga-se se a medalha ainda aqui estará?

Erica assentiu.

– Sim. Lamento muito. É horrível estar a incomodá-lo com estas coisas logo agora que... Mas a minha mãe conservou muito pouca

coisa, portanto... – Erica contorceu-se novamente no sofá. Devia antes ter telefonado a Axel em vez de ir diretamente a sua casa. Aquilo parecia tão frio e calculista.

– Eu compreendo. A sério que compreendo. Acredite, eu, mais do que qualquer outra pessoa, sei como é importante ter laços com o passado. Mesmo que esses laços sejam objetos inanimados. E sem dúvida que Erik teria compreendido, tendo em conta todos os objetos que colecionava, todos os factos. Para ele, não estavam mortos. Estavam vivos, contavam uma história, ensinavam-nos algo... – olhou pelas vidraças e, por um momento, parecia estar nalgum lugar distante. Então, Axel virou-se novamente para Erica. – Claro que vou procurá-la. Mas antes, fale-me um pouco mais da sua mãe. Como era ela? Como era a vida dela?

Erica achou aquelas perguntas um pouco estranhas. Mas, ao ver os olhos suplicantes de Axel, tentou dar o seu melhor para responder.

– Hum... como era a minha mãe? Para ser franca, realmente não sei. A mãe já não era nova quando me teve a mim e à minha irmã e... Não sei... nunca tivemos um relacionamento muito bom com ela. Quanto à sua vida... – Erica estava confusa com a pergunta. Em parte porque não compreendia plenamente o que Axel queria saber e também porque não sabia o que responder-lhe. – Acho que lhe custava muito. Viver, percebe? A minha mãe era sempre tão reservada. Nunca me pareceu... feliz – Erica debatia-se para encontrar a melhor forma de explicar, mas aquilo era o mais perto da verdade que conseguia chegar. Nem sequer se lembrava de alguma vez ter visto a mãe feliz.

– Tenho muita pena de ouvir isso – Axel olhou novamente pela janela, como se não pudesse suportar olhar para Erica, que perguntava a si própria porque estava Axel a fazer-lhe aquelas perguntas.

– Como era a minha mãe quando a conheceu? – Erica não conseguiu disfarçar a ansiedade na sua voz.

Axel virou-se para ela e o seu rosto pareceu suavizar-se.

– Na verdade era o meu irmão que era amigo de Elsy, já que eram quase da mesma idade. Mas eles formavam um quarteto: Erik, Elsy,

Frans e Britta. Um verdadeiro trevo de quatro folhas – Axel deu uma gargalhada, uma gargalhada estranhamente triste.

– Sim, ela escreveu sobre eles nos diários que eu encontrei. Já li sobre o seu irmão, mas quem eram Frans e Britta?

– Diários? – Axel sobressaltou-se perante a surpresa, mas a sua reação foi tão breve que, um segundo depois, Erica pensou que a imaginara. – Frans Ringholm e Britta... – Axel estalou os dedos. – Qual era mesmo o apelido de Britta? – fechou os olhos como se procurasse nos recantos sombrios da memória, mas depois abanou a cabeça, incapaz de encontrar a informação. – Seja como for, acho que Britta ainda vive aqui em Fjällbacka. Tem filhas, duas ou três, não tenho a certeza... mas são bastante mais velhas do que você. Hum... está mesmo na ponta da língua, mas... Provavelmente, Britta mudou de nome quando casou. Espere, agora me lembro. O apelido dela era Johansson e casou com um homem cujo apelido também era Johansson, por isso, afinal, não precisou de mudar de apelido.

– Então talvez consiga encontrá-la. Mas o senhor não respondeu à minha pergunta. Como era a minha mãe? Naquela época.

Axel ficou em silêncio durante algum tempo antes de responder.

– Elsy era uma rapariga calma. Contemplativa, mas nunca melancólica. Não da forma como a Erica a descreveu. Irradiava uma alegria tranquila que emanava do seu interior. Não era nada como Britta – resmungou Axel.

– E como era Britta?

– Na verdade, nunca gostei dela. Não conseguia compreender porque é que o meu irmão gostava de estar com uma... pateta daquelas – Axel abanou a cabeça. – Não, a sua mãe era uma rapariga completamente diferente. Britta era vazia e superficial, e andava constantemente atrás de Frans de uma forma que... não era de todo comum para as raparigas daquela época. Eram tempos diferentes, percebe – Axel lançou um sorriso irónico a Erica e piscou-lhe o olho.

– Então e Frans? Como era ele? – Erica olhava fixamente para Axel de boca aberta, pronta a assimilar todas as informações que ele

possuía acerca da sua mãe. E, quanto mais ficava a saber, mais percebia como tinha conhecido mal a mãe.

– Frans Ringholm era outra pessoa com quem eu não achava que o meu irmão devesse dar-se. Um temperamento violento, um rasgo de maldade e... não, Frans não é o tipo de pessoa que queiramos ter como amigo. Nem naquele tempo nem agora.

– Que faz ele atualmente?

– Vive em Grebbestad. E podemos afirmar que ambos tomámos caminhos diferentes na vida – o tom de voz de Axel estava repleto de desprezo.

– Porque diz isso?

– Porque eu tenho dedicado a minha vida a lutar contra o nazismo, enquanto Frans gostaria de ver a História repetir-se. E de preferência aqui, em solo sueco.

– Então é onde é que se encaixa em tudo isso a medalha nazi que eu encontrei? – Erica estava tão ansiosa que se inclinou para Axel, mas foi como se, de repente, o seu rosto se fechasse.

– Ah, sim, é verdade, a medalha... – disse Axel, levantando-se e dirigindo-se rapidamente para a porta. – Acho que devemos ir procurá-la.

Enquanto seguia Axel, Erica perguntava a si própria o que lhe teria dito para fazê-lo fechar-se daquele modo, mas decidiu que não era o momento certo para perguntar. No corredor, Erica viu que Axel tinha parado em frente a uma porta que ainda não vira antes. A porta estava fechada e Axel hesitou, a mão apertando a maçaneta.

– Acho melhor entrar sozinho – disse o homem com um ligeiro estremecimento na voz. Erica apercebeu-se de que deviam estar à porta da biblioteca, da sala onde Erik tinha morrido.

– Podemos fazer isso noutra ocasião – sugeriu Erica, sentindo-se novamente culpada por perturbar o luto de Axel.

– Não, vamos fazê-lo agora – afirmou bruscamente Axel. Em seguida, repetiu aquelas palavras, mas num tom mais suave, como que para mostrar que não tencionara soar tão ríspido.

– Volto já – Axel abriu a porta, entrou e depois fechou-a atrás de si. Erica ficou no vestíbulo, a ouvir Axel a vasculhar o interior da biblioteca. Parecia estar a abrir gavetas e deve ter encontrado rapidamente o que procurava, pois demorou apenas um minuto ou dois a voltar a sair.

– Aqui está – com uma expressão inescrutável, Axel colocou a medalha na mão estendida de Erica.

– Obrigada. Eu... – sem saber o que dizer, Erica fechou simplesmente os dedos em torno da medalha e repetiu: – Obrigada.

Enquanto caminhava pelo caminho de gravilha com a medalha no bolso, Erica podia sentir os olhos de Axel a observá-la. Por um momento, ponderou regressar para pedir desculpa por incomodá-lo, mas então ouviu o barulho da porta principal a fechar-se.

FJÄLLBACKA, 1943

– NÃO PERCEBO COMO PODE PER ALBIN HANSSON¹² SER TÃO COBARDE!
– VILGOT RINGHOLM BATEU COM TANTA FORÇA COM O PUNHO NA MESA QUE FEZ SALTAR O COPO DE CONHAQUE. DISSERA A BODIL QUE COMEÇASSE A TRAZER AS ENTRADAS DO JANTAR E INTERROGAVA-SE PORQUE SE ESTARIA A DEMORAR TANTO. ERA MESMO TÍPICO DA MULHER, ESTAVA SEMPRE A MANDRIAR. NADA ERA FEITO COMO DEVIA SER, A MENOS QUE FOSSE ELE PRÓPRIO A FAZÊ-LO.

– BODIL! – GRITOU VILGOT NA DIREÇÃO DA COZINHA. MAS NÃO HOUE RESPOSTA. SACUDIU A CINZA DO CHARUTO E GRITOU NOVAMENTE, A PLENOS PULMÕES: – BODILLLL!

– SERÁ QUE A PATROA SE PERDEU NA COZINHA? – IRONIZOU EGON RUDGREN, E HJALMAR BENGTSSON JUNTOU-SE À RISOTA. O QUE FEZ VILGOT FICAR AINDA MAIS NERVOSO. A MULHER ESTAVA A FAZÊ-LO PASSAR POR TOLO À FRENTE DOS SEUS FUTUROS SÓCIOS DE NEGÓCIOS. ALGUMA COISA TINHA DE SER FEITA. PORÉM, QUANDO VILGOT ESTAVA PRESTES A LEVANTAR-SE PARA IR DESCOBRIR O QUE ESTAVA A ACONTECER, A MULHER REGRESSOU DA COZINHA, TRANSPORTANDO NAS MÃOS UMA BANDEJA CHEIA ATÉ ACIMA.

– PEÇO DESCULPA POR TER DEMORADO TANTO TEMPO – DISSE BODIL. DE OLHOS BAIXOS, COLOCOU A BANDEJA SOBRE A MESA, À FRENTE DO GRUPO. – FRANS, PODIAS... – BODIL APONTOU NA DIREÇÃO DA COZINHA, MAS VILGOT FEZ UM GESTO A ASSINALAR AO RAPAZ QUE FICASSE ONDE ESTAVA.

– NÃO QUERO O FRANS NA COZINHA, A FAZER TAREFAS DE MULHERES. FRANS JÁ É UM RAPAZ CRESCIDO E PODE FICAR AQUI CONNOSCO A APRENDER UMAS COISAS – VILGOT PISCOU O OLHO AO FILHO, QUE SE

ENDIREITOU NA POLTRONA À SUA FRENTE. ERA A PRIMEIRA VEZ QUE TINHA SIDO AUTORIZADO A PERMANECER NA SALA APÓS UM DOS JANTARES DE NEGÓCIOS DO PAI. NORMALMENTE, O RAPAZ DEVIA DESCULPAR-SE ASSIM QUE TERMINASSE A REFEIÇÃO E RETIRAR-SE PARA O SEU QUARTO, MAS, NAQUELA NOITE, O PAI INSISTIRA PARA QUE FRANS FICASSE. O PEITO INCHOU-LHE TANTO DE ORGULHO QUE PARECIA QUE OS BOTÕES DA CAMISA IAM REBENTAR E VOAR EM TODAS AS DIREÇÕES. E A NOITE ESTAVA PRESTES A FICAR AINDA MELHOR.

— ORA BEM, MEU FILHO, QUE TAL PROVARES UMAS GOTAS DE CONHAQUE? QUE VOS PARECE, MEUS SENHORES? O RAPAZ FEZ TREZE ANOS ESTA SEMANA. NÃO ESTARÁ NA ALTURA DE BEBER O SEU PRIMEIRO CONHAQUE?

— SE ESTÁ NA ALTURA? — DISSE HJALMAR COM UMA GARGALHADA. — EU DIRIA QUE ELE JÁ ESTÁ PREPARADO PARA ISSO HÁ MUITO TEMPO. OS MEUS RAPAZES PROVARAM CONHAQUE PELA PRIMEIRA VEZ QUANDO TINHAM ONZE. E OLHE QUE SÓ LHES FEZ BEM.

— VILGOT, ACHAS REALMENTE... — DESCONSOLADA, BODIL OBSERVOU O MARIDO A ENCHER DELIBERADAMENTE UM GRANDE COPO DE CONHAQUE E A ENTREGÁ-LO A FRANS, QUE COMEÇOU A TOSSIR AO PRIMEIRO GOLO.

— PRONTO, RAPAZ, VAI COM CALMA... O CONHAQUE DEVE SER SORVIDO, NÃO EMBORCADO.

— VILGOT... — DISSE NOVAMENTE BODIL.

— PORQUE É QUE AINDA AQUI ESTÁS? — ROSNOU VILGOT COM O ROSTO ENSOMBRADO DE RAIVA. — NÃO TENS NADA PARA LIMPAR NA COZINHA?

POR UM MOMENTO, PARECIA QUE BODIL IA DIZER ALGUMA COISA. VIROU-SE PARA FRANS, MAS ELE APENAS ERGUEU TRIUNFANTEMENTE O COPO E DISSE COM UM SORRISO:

— SKÄL¹³, MINHA QUERIDA MÃE.

AO SOM DAS GARGALHADAS, BODIL VOLTOU PARA A COZINHA, FECHANDO A PORTA ATRÁS DE SI.

— ORA BEM, ONDE É QUE EU IA? — DISSE VILGOT, ASSINALANDO AOS CONVIDADOS QUE SE SERVISSEM DE SANDUÍCHES DE ARENQUE NA BANDEJA DE PRATA. — AH, POIS, QUAL SERÁ A IDEIA DO PRIMEIRO-MINISTRO, PER

ALBIN? CLARO QUE DEVEMOS OFERECER O NOSSO APOIO À ALEMANHA!

EGON E HJALMAR ASSENTIRAM. ERA ÓBVIO QUE CONCORDAVAM PLENAMENTE COM VILGOT.

— É LAMENTÁVEL — DISSE HJALMAR — QUE, NESTES TEMPOS DIFÍCEIS, O NOSSO PAÍS NÃO POSSA DEFENDER OS IDEAIS DA SUÉCIA DE CABEÇA BEM ERGUIDA. QUASE TENHO VERGONHA DE SER SUECO.

TODOS OS HOMENS ASSENTIRAM ANTES DE BEBERAM O SEU CONHAQUE.

— MAS, SERÁ QUE NÃO ESTOU BOM DA CABEÇA? NÃO PODEMOS BEBER CONHAQUE COM ARENQUE. FRANS, VAI À ADEGA BUSCAR-NOS UMAS CERVEJAS FRIAS.

CINCO MINUTOS MAIS TARDE, A ORDEM FORA RESTAURADA E AS SANDUÍCHES DE ARENQUE JÁ PODIAM SER REGADAS COM GRANDES GOLADAS DE CERVEJA TUBORG QUE TINHAM ESTADO A REFRESCAR NA ADEGA. FRANS ESTAVA NOVAMENTE SENTADO NA POLTRONA FRENTE AO PAI E SORRIU DE ORELHA A ORELHA QUANDO VILGOT, SEM COMENTÁRIOS, ABRIU UMA DAS GARRAFAS E LHA ENTREGOU.

— EU JÁ CONTRIBUÍ COM UMA COROA OU DUAS PARA APOIAR A BOA CAUSA. E SUGIRO QUE OS SENHORES FAÇAM O MESMO. NESTE MOMENTO, HITLER PRECISA DE TODOS OS HOMENS DE BEM QUE POSSAM APOIÁ-LO.

— OS NEGÓCIOS ESTÃO DEFINITIVAMENTE A CRESCER — DISSE HJALMAR, ERGUENDO A GARRAFA. — QUASE NÃO CONSEGUIMOS CUMPRIR TODAS AS ENCOMENDAS DE MINÉRIO DE FERRO. DIGA-SE O QUE SE DISSER, DE UMA PERSPETIVA EMPRESARIAL, A GUERRA NÃO É NADA MÁ IDEIA.

— TENS TODA A RAZÃO. E SE NOS PUDERMOS LIVRAR DESSES JUDEUS MISERÁVEIS AO MESMO TEMPO, TANTO MELHOR — EGON ALCANÇOU OUTRA SANDUÍCHE DE ARENQUE. JÁ SÓ RESTAVAM ALGUMAS. EGON DEU UMA DENTADA E DEPOIS VIROU-SE PARA FRANS, QUE ESCUTAVA ATENTAMENTE TUDO O QUE ERA DITO. — DEVES ESTAR ORGULHOSO DO TEU PAI, RAPAZ. NÃO HÁ MUITOS COMO ELE NA SUÉCIA NOS DIAS QUE CORREM.

— SIM, SENHOR — MURMUROU FRANS, QUE DE REPENTE FICARA ENVERGONHADO POR TODAS AS ATENÇÕES LHE ESTAREM A SER DIRIGIDAS.

— OUVE O QUE DIZ O TEU PAI E IGNORA TODOS AQUELES IDIOTAS QUE CONDENAM OS ALEMÃES E A GUERRA. A MAIORIA DELES SÃO DE RAÇA

MISTA, COMO SABES. HÁ UMA GRANDE QUANTIDADE DE CIGANOS E VALÕES¹⁴ POR AQUI, E É ÓBVIO QUE ELES VÃO TENTAR DISTORCER OS FACTOS. MAS O TEU PAI SABE COMO AS COISAS SÃO. E NÓS TAMBÉM. TODOS NÓS VIMOS COMO OS JUDEUS E OS ESTRANGEIROS TÊM TENTADO ASSUMIR O CONTROLO, DESDOBRANDO-SE EM ESFORÇOS PARA DESTRUIR O QUE É SUECO E PURO. NÃO, HITLER ESTÁ NO CAMINHO CERTO, FIXA AS MINHAS PALAVRAS – EGON ESTAVA TÃO INFLAMADO QUE SALPICAVA TUDO E TODOS DE MIGALHAS. FRANS ESTAVA ENFEITIÇADO.

– ACHO QUE AGORA DEVÍAMOS FALAR DE NEGÓCIOS, MEUS SENHORES – VILGOT POUSOU A GARRAFA DE CERVEJA EM CIMA DA MESA COM ESTRONDO E TODOS OS OLHOS SE VOLTARAM PARA ELE.

FRANS FICOU NA SALA A OUVIR OS HOMENS POR MAIS VINTE MINUTOS. ENTÃO, LEVANTOU-SE A CAMBALEAR E FOI PARA A CAMA. QUANDO SE DEITOU, COMPLETAMENTE VESTIDO, SENTIU TODO O QUARTO A GIRAR. DA SALA DE VISITAS, CONSEGUIA OUVIR O LEVE ZUMBIDO DOS HOMENS A CONVERSAR. À MEDIDA QUE IA ENTRANDO NO SONO, FRANS ESTAVA MISERICORDIOSAMENTE INCONSCIENTE DE COMO IRIA SENTIR-SE QUANDO ACORDASSE.

¹² Político social-democrata sueco (1885-1946) que ocupou o lugar de primeiro-ministro entre 1936 e 1946 e liderou o governo de coligação formado durante a Segunda Guerra Mundial. O governo de Hansson acedeu à exigência de Hitler e deixou passar tropas alemãs por território sueco em 1941, embora mantivesse a neutralidade da Suécia até ao final da guerra. (*N. do T.*)

¹³ Termo utilizado para brindar nos países nórdicos. (*N. do T.*)

¹⁴ No século XVII, milhares de valões, naturais dos Países Baixos, emigraram para a Suécia para trabalhar nas minas de ferro. A sua cultura e fisionomia diferenciava-os dos suecos louros, pelo que o termo «valão» ganhou uma conotação pejorativa, passando a aplicar-se a todas as pessoas de olhos e cabelo escuro. (*N. do T.*)

§

GÖSTA SUSPIROU PROFUNDAMENTE. O verão estava prestes a ser substituído pelo outono, o que, em termos práticos, significava que as suas partidas de golfe seriam em breve drasticamente reduzidas. Ainda fazia bastante calor e, teoricamente, Gösta ainda tinha cerca de um mês para jogar. Porém, a experiência amarga ensinara-lhe que as coisas não seriam assim tão simples. Um par de jogos seria feito à chuva, outros dois seriam cancelados por causa de tempestades. E depois, de um dia para o outro, a temperatura baixaria de agradável para intolerável. Era a desvantagem de viver na Suécia. E Gösta não conseguia encontrar muitas vantagens que compensassem aquele clima terrível, além da fartura de *surströmming*, o arenque fermentado báltico que era a sua iguaria favorita. Mas, caso se mudasse para o estrangeiro, podia levar consigo uns quantos frascos na mala. Assim teria o melhor de dois mundos.

Pelo menos, as coisas estavam calmas na esquadra. Mellberg tinha ido passear *Ernst*, e Martin e Paula tinham ido a Grebbestad falar com Frans Ringholm. Gösta perguntou novamente a si próprio porque lhe parecia aquele nome tão familiar. Para seu grande alívio, o seu cérebro fez um clique. Gösta pegou na edição do dia do *Bohusläningen*¹⁵ que estava em cima da secretária e folheou-o até ter posto triunfalmente o dedo sobre um nome: «Kjell Ringholm». O irascível colunista do jornal era o flagelo dos políticos locais e de quem quer que ocupasse um lugar no poder. Talvez se tratasse de uma coincidência, mas Ringholm não era um apelido comum. Seria filho de Frans? Gösta arquivou a informação na sua mente, para o caso de poder revelar-se

útil mais tarde.

De momento, tinha coisas mais urgentes a tratar. Gösta suspirou novamente. Ao longo dos anos, tinha feito do suspiro uma arte. Talvez devesse esperar pelo regresso de Martin, pois assim poderia partilhar aquela carga de trabalhos. Melhor ainda, teria uma hora para descansar, talvez duas, se Martin e Paula decidissem parar para almoçar antes de regressarem à esquadra.

Mas, pensando bem, Gösta decidiu que seria melhor despachar aquilo em vez de ficar com uma tarefa pendurada. Pegou no casaco, disse a Annika aonde ia, levou um dos carros da garagem e dirigiu-se a Fjällbacka.

Só quando tocou à campainha é que lhe ocorreu que tinha tomado uma decisão completamente estúpida. Passava pouco do meio-dia: os rapazes estavam na escola. Estava prestes a partir quando a porta se abriu e Adam apareceu a fungar, com o nariz vermelho e os olhos vidrados.

– Estás doente? – perguntou Gösta.

O rapaz assentiu e, como se fosse necessária uma confirmação, espirrou ruidosamente e depois assoou o nariz ao lenço que trazia na mão.

– Estou constipado – disse Adam numa voz que demonstrava claramente que tinha o nariz entupidíssimo.

– Posso entrar?

Adam afastou-se.

– Pode, mas está por sua conta e risco – disse, espirrando uma vez mais.

Gösta sentiu um ligeiro jato de saliva portadora de vírus atingi-lo na mão, que limpou calmamente à manga da camisa. Uns dias de baixa até calhariam bem. Suportaria de bom grado um corrimento nasal se se pudesse esticar no sofá da sua casa a assistir ao DVD do último torneio Masters¹⁶. Estava à espera de uma oportunidade para estudar a tacada do Tiger¹⁷ em câmara lenta.

– A bem dão esdá em gasa – fungou Adam.

Gösta franziu a testa enquanto seguia o rapaz até à cozinha. Mas depois descobriu. Adam deve ter querido dizer «a mãe não está em casa». De repente, Gösta pensou que não devia falar com um menor sem a presença do seu representante legal, mas rapidamente rejeitou a ideia. Se Ernst estivesse ali, Gösta teria contado com todo o seu apoio – Ernst, o seu ex-colega, não o cão de Mellberg. Gösta deu uma risada, atraindo um olhar perplexo de Adam.

Sentaram-se à mesa da cozinha, que ainda apresentava vestígios de pequeno-almoço daquela manhã: migalhas, restos de manteiga e uma pequena poça de leite com chocolate *O'Boy*.

– Ora bem – disse Gösta, tamborilando na mesa, gesto que lamentou instantaneamente, pois os dedos ficaram coberto de migalhas pegajosas. Limpou-os às calças e começou novamente. – Ora bem, rapaz, como é que... estás a aguentar-te com esta coisada toda? – a pergunta soou estranha até mesmo ao próprio Gösta. Não tinha muito jeito para falar com crianças ou com as chamadas pessoas traumatizadas. Não é que Gösta acreditasse em nada desses absurdos. Caramba, o velho estava morto quando o encontraram; portanto, de certeza que não tinha sido assim tão traumatizante. Tinha visto uns quantos cadáveres na sua já longa carreira e isso nunca o deixara traumatizado.

Adam assoou-se e depois endireitou os ombros.

– Então, acho que me tenho aguentado bem. O pessoal da escola acha que foi uma coisa fixe.

– Afinal, por que carga de água é que tu e o teu amigo foram lá parar?

– Foi ideia do Mattias – Adam murmurou o nome de forma algo indistinta, mas Gösta já estava habituado ao modo como a constipação do rapaz lhe afetava o discurso, por isso conseguiu decifrá-lo.

– Toda a gente que mora nesta zona sabe que aqueles velhos são esquisitos e que são obcecados pela Segunda Guerra Mundial e coisas assim, e alguém da escola disse que eles tinham uma data de coisas fixes em casa; por isso, Mattias pensou que devíamos ir lá dar uma

espreitadela... – a torrente de palavras de Adam foi subitamente interrompida por um espirro tão grande que Gösta deu um pulo

– Quer dizer que foi o Mattias quem teve a ideia de assaltar a casa? – perguntou Gösta, lançando um olhar severo a Adam.

– Eu não sei se lhe chamaria «assalto»... – Adam contorcia-se nervosamente. – Nós não queríamos roubar nada, só queríamos dar uma olhadela. E pensámos que eles estavam fora e que nem sequer iam perceber que lá tínhamos estado.

– Bem, acho que vou ter de confiar em ti – disse Gösta. – Já tinhas estado dentro daquela casa antes?

– Nunca, palavra, da honra – disse Adam com sinceridade. – Foi a primeira vez que lá fomos.

– Vou precisar de recolher as tuas impressões digitais para poder verificar a veracidade do que estás a dizer-me. E assim poderemos eliminar as tuas impressões digitais do processo. Não há problema, pois não?

– Não, claro que não – respondeu Adam com os olhos a brilhar. – Eu vejo sempre o *CSI*. E sei como isso é importante... eliminar suspeitos. E depois eles introduzem todas as impressões digitais no computador para descobrir quem mais é que esteve dentro da casa.

– Exatamente. É exatamente assim que trabalhamos – retorquiu Gösta com expressão solene, ao mesmo tempo que se ria para dentro com prazer. Introduzir todas as impressões digitais no computador. Tá bem, abelha.

Gösta extraiu o equipamento de que necessitava para recolher as impressões digitais de Adam: uma almofada de tinta e um cartão com dez quadrados, no qual pressionou cuidadosamente os dedos do rapaz, um após o outro.

– Já está – disse Gösta com satisfação. – Terminado.

– Agora vai digitalizar o cartão ou como é que vai fazer? – perguntou Adam.

– Certíssimo, vamos digitalizá-lo – respondeu Gösta. – E depois introduzimo-lo na base de dados de que estavas a falar. Temos todos

os cidadãos suecos maiores de dezoito anos nessa base de dados. E também alguns estrangeiros. Através da Interpol, percebes. Estamos ligados a eles. Quer dizer, à Interpol. Através de uma ligação direta. E também ao FBI e à CIA.

– Espetacular! – exclamou Adam, olhando para Gösta com admiração.

Gösta fez todo o caminho de regresso a Tanumshede a rir-se às gargalhadas.

Pôs a mesa com todo o cuidado. A toalha amarela de que Britta tanto gostava. A porcelana branca com relevos. Os castiçais que tinham recebido como presente de casamento. E algumas flores numa jarra. Fosse qual fosse a época do ano, Britta sempre tivera flores em casa. Era cliente habitual da florista, ou pelo menos costumava ser. Atualmente, era Herman quem comprava as flores. Queria que tudo continuasse a ser como sempre fora. Talvez se tudo em seu redor permanecesse inalterado, a espiral descendente pudesse pelo menos ser retardada, mesmo que não pudesse ser completamente interrompida.

O pior foi ao princípio. Antes de receberem o diagnóstico. Britta tinha sido sempre tão meticulosa. Ninguém da família conseguia compreender porque é que, de repente, Britta não conseguia encontrar a chave do carro, porque chamaria um neto pelo nome errado, ou porque lhe era impossível recordar os números de telefone dos seus amigos de toda a vida. Culparam o cansaço e o stresse. Britta começou a tomar complexos multivitamínicos e a beber *Blutsaft*¹⁸, pensando que assim iria curar-se de alguma deficiência nutricional que pudesse ter adquirido. Porém, o seu estado de saúde deteriorou-se de tal modo que tiveram de admitir que algo de grave estava a acontecer.

O diagnóstico tinha deixado os dois sem palavras. Então, Britta deixara escapar um soluço. Apenas isso: um soluço. Apertara a mão a Herman, que lha apertou também. Ambos sabiam o que aquilo significava. A vida que tinham partilhado durante cinquenta e cinco

anos estava prestes a mudar inexoravelmente. A doença ia destruir-lhe lentamente o cérebro, ia fazer com que perdesse cada vez mais de si própria: as memórias, a personalidade. O abismo abriu-se, vasto e profundo, diante deles.

Um ano passara desde então. Os bons momentos eram agora poucos e distantes entre si. As mãos de Herman tremiam quando dobrava os guardanapos de papel. Britta dobrava-os sempre em leque, mas mesmo que a tivesse visto fazê-lo vezes sem conta, Herman não conseguia dobrá-los da mesma forma. Depois da quarta tentativa, a raiva e a frustração cresceram dentro dele e rasgou o guardanapo em pedaços que flutuaram até ao prato. Sentou-se numa cadeira e tentou recompor-se enquanto limpava uma lágrima.

Tinham passado cinquenta e cinco anos juntos. Bons anos. Anos felizes. É claro que tinham tido os seus altos e baixos, como acontece em qualquer casamento. Mas as fundações permaneceram sempre sólidas. Tornaram-se adultos juntos, ele e Britta. Especialmente depois de terem tido Anna-Greta. Herman tinha ficado tão orgulhoso de Britta. Antes do nascimento da filha, tinha de admitir que, por vezes, achava a mulher bastante vazia e superficial. Mas, desde o primeiro dia em que segurou Anna-Greta nos braços, Britta tinha mudado. Era como se ter-se tornado mãe lhe tivesse dado as bases que lhe faltavam até então. Tinham tido três filhas. Três filhas abençoadas. E o seu amor por Britta tinha crescido a cada nascimento.

Herman sentiu uma mão no ombro.

– Está tudo bem, pai? Não respondeu quando bati, por isso resolvi entrar.

Herman limpou rapidamente os olhos e fez um sorriso quando viu a expressão preocupada no rosto da filha mais velha. Mas não conseguia enganá-la. Anna-Greta abraçou-o e pressionou a face contra a dele.

– Este é um dos dias maus, pai?

Herman assentiu e, por um momento, permitiu-se sentir-se uma criança nos braços da filha. Tinham-na educado bem, ele e Britta. Anna-Greta era uma pessoa calorosa e atenciosa, e uma avó

extremosa para dois dos seus bisnetos. Às vezes, Herman não conseguia compreender como tudo tinha acontecido tão depressa. Como poderia aquela mulher de cabelos grisalhos na casa dos cinquenta ser a filha que tinha andado pela casa com passinhos vacilantes e que apertara a mãozinha em torno do seu dedo mindinho?

– O tempo passa, Anna-Greta – disse por fim Herman, acariciando o braço da filha que lhe envolvia o peito.

– Sim, pai, o tempo, passa – retorquiu Anna-Greta, abraçando-o ainda com mais força. Apertou-o um pouco mais por um segundo e depois soltou-o. – Eu dobro os guardanapos enquanto o pai trata dos talheres. Acho que é preferível, a julgar pelo que estou aqui a ver – Anna-Greta apontou para os pedaços de guardanapo, que pareciam *confetti* sobre a mesa e piscou-lhe o olho.

– Tens razão, também acho que é preferível seres tu a dobrá-los – disse Herman, sorrindo de agradecimento para a filha. – De certeza que vão ficar muito melhor.

– Afinal quando é que eles chegam? – perguntou Patrik do quarto, onde, a pedido de Erica, estava a vestir algo mais apropriado do que *jeans* e uma *T-shirt*. Os seus protestos – «Mas se os únicos convidados são a tua irmã e Dan...» – não tinham surtido o mais pequeno efeito. Segundo Erica, o facto de terem convidados para jantar exigia algo mais do que roupa casual. Ponto final.

Erica abriu a porta do forno para dar uma olhadela ao lombo de porco. Sentia-se culpada desde que gritara com Patrik no dia anterior e, para o compensar, estava a preparar um dos seus pratos preferidos: lombo de porco assado envolto em massa folhada com molho de vinho do porto e puré de batata. Tinha sido o que Erica cozinhara para Patrik da primeira vez que o convidara. Na primeira noite em que tinham... Erica riu-se para dentro e fechou a porta do forno. Parecia ter sido há muito tempo, apesar de terem passado apenas alguns anos. Por mais que amasse Patrik, estranhava a rapidez com que as rotinas diárias e os constantes cuidados que Maja exigia matavam qualquer desejo de

fazer amor cinco vezes seguidas, como naquela primeira noite. Hoje em dia, só de pensar nisso, sentia-se exausta. Uma vez por semana já parecia um grande feito.

– Chegam daqui a meia hora – gritou Erica para o andar de cima. E depois começou a fazer o molho. Já tinha mudado de roupa e vestia agora calças pretas e uma blusa lilás – uma das suas preferidas, dos anos em que vivera em Estocolmo e tinha uma quantidade razoável de lojas por onde escolher. Não fosse o diabo tecê-las, Erica pôs um avental e Patrik assobiou aprovadamente quando entrou na cozinha.

– Será que os meus olhos cansados estão a ver bem? És uma revelação. Uma criatura divinamente glamorosa, mas com um toque de elegância caseira e culinarietàade.

– Não existe a palavra «culinarietàade» – disse Erica com uma gargalhada enquanto Patrik lhe beijava a nuca.

– Passa a existir – retorquiu Patrik, piscando-lhe o olho. Então, deu um passo atrás e fez uma pirueta no meio da cozinha. – Que tal? Estou bem assim? Ou preciso de voltar lá a cima e vestir outra coisa diferente?

– Para com isso, fazes-me parecer uma daquelas mulherezinhas irritantes – Erica olhou-o de cima a baixo com expressão austera, mas depois deu uma gargalhada e disse: – Muito bonito. És uma visão para estes olhos cansados. Agora agradecia-te que pusesses a mesa, talvez assim comece a lembrar-me porque é que casei contigo.

– Pôr a mesa? É para já!

Meia hora mais tarde, às sete em ponto, quando a campainha tocou, o jantar estava pronto e a mesa posta. Anna e Dan apareceram à porta, juntamente com Emma e Adrian, que entrou imediatamente, a chamar por Maja. A priminha deles era muito popular.

– Quem é aquele giraço, Erica? – perguntou Anna. – E o que é que fizeste ao Patrik? Bem, realmente já estava na hora de o trocares por um modelo mais sofisticado.

Patrik deu um abraço a Anna.

– O prazer é todo meu, minha querida cunhada. Então, como têm

passado os pombinhos? Erica e eu sentimo-nos honrados por terem conseguido sair do quarto o tempo suficiente para virem visitar-nos no nosso humilde lar.

– Para com isso – disse Anna, corando e dando uma cotovelada no peito de Patrik. Mas o olhar que lançou a Dan mostrou que Patrik tinha acertado em cheio.

Passaram uma noite muito agradável juntos. Emma e Adrian entreteram Maja de bom grado até serem horas de a ir deitar e depois ambos adormeceram em extremidades opostas do sofá. A refeição recebeu os elogios que merecia, o vinho era excelente e desapareceu rapidamente das garrafas, e Erica gostava de ter a irmã e Dan à mesa para um bom jantar sem nuvens escuras no horizonte, sem pensar em tudo o que tinha acontecido no passado. Apenas uma conversa agradável e umas piadas bem-humoradas.

A tranquilidade não tardou a ser quebrada pelo toque urgente do telemóvel de Dan.

– Desculpem, tenho de ir ver quem está a ligar-me a estas horas – disse Dan, que saiu e tirou o telemóvel do bolso do casaco, franzindo a testa para o ecrã como se não reconhecesse o número.

– Estou? Daqui fala Dan – disse o namorado de Anna. – Quem? Desculpe, mas não consigo ouvir o que está a... Belinda? Onde? O quê? Mas eu estive a beber vinho e não posso... Ponha-a num táxi e mande-a para aqui. Imediatamente! Sim, eu pago ao motorista quando ela chegar. Certifique-se apenas de que ela vem cá ter – Dan indicou a morada de Patrik e Erica e desligou. – Não posso acreditar!

– Que aconteceu? – perguntou Anna, preocupada.

– É Belinda. Parece que foi a uma festa e agora está bêbeda. Era uma amiga dela. Vão mandá-la para cá de táxi.

– Mas eu pensava que Belinda estava com Pernilla em Munkedal.

– Também eu, mas é evidente que não estava. A amiga ligou de Grebbestad.

Dan começou a marcar um número no telemóvel. Parecia que tinha interrompido o sono de beleza da ex-mulher. Dan foi até à cozinha e os

outros apenas conseguiram ouvir fragmentos da conversa, que não parecia particularmente amigável. Poucos minutos depois, Dan regressou à sala de jantar e sentou-se à mesa, abanando a cabeça de frustração.

– Parece que a Belinda disse à mãe que ia passar a noite em casa de uma amiga. E, provavelmente, a amiga disse que ia passar a noite em casa da Belinda. Em vez disso, foram as duas a uma festa qualquer em Grebbestad. Raios! Pensei que podia contar com ela para ficar de olho na miúda!

– Estás a referir-te à Pernilla? – perguntou Anna, acariciando o braço de Dan para o acalmar. – Não é assim tão fácil, Dan. É o truque mais velho do livro e tu também poderias ter caído nele.

– Não, eu não! – respondeu Dan com raiva. – Eu teria telefonado aos pais da tal amiga durante a noite para saber como estavam a correr as coisas. Nunca confiaria numa miúda de dezassete anos. Como é que uma pessoa pode ser tão estúpida? Será que não posso contar com ela para cuidar das nossas filhas?

– Acalma-te – disse Anna em tom grave. – O mais importante agora é cuidar da Belinda quando ela chegar – Dan abriu a boca para dizer qualquer coisa, mas Anna deteve-o antes que pudesse falar. – E não vamos gritar com ela esta noite. Vamos guardar essa conversa para amanhã, quando a Belinda estiver sóbria, está bem? – Todos, incluindo Dan, perceberam que a posição de Anna não era negociável. Dan assentiu.

– Vou fazer a cama do quarto de hóspedes – disse Erica, levantando-se da mesa.

– E eu vou buscar um balde – disse Patrik, esperando fervorosamente não dar por si a dizer a mesma coisa quando Maja fosse adolescente.

Poucos minutos mais tarde, ouviram um carro parar na rua e Dan e Anna correram para a porta da frente. Anna pagou ao motorista enquanto Dan pegou em Belinda e a tirou do carro. A rapariga estava deitada a todo o comprimento do banco de trás como uma boneca de

trapos.

– Papá... – disse Belinda, arrastando a voz. Então, a rapariga pôs os braços em torno do pescoço de Dan e pressionou o rosto contra o seu peito. Dan sentiu náuseas por causa do cheiro a vômito, mas ao mesmo tempo sentiu uma ternura enorme pela filha, que de repente parecia tão pequena e frágil. Há anos que não a carregava nos braços.

Um movimento convulsivo de Belinda fez com que Dan afastasse instintivamente a cabeça da filha do seu peito. Uma borra avermelhada e repugnante jorrou para os degraus da entrada da casa de Erica e de Patrik. Era evidente que a rapariga tinha preferido vinho tinto.

– Trá-la para dentro. Não se preocupem com essa porcaria, depois lavamos isso com a mangueira – disse Erica, fazendo sinal a Dan e a Anna para entrarem. – Põe-na na banheira, Dan. Anna e eu vamos dar-lhe banho e vestir-lhe roupa lavada.

Enquanto tomava duche, Belinda começou a chorar. O som era desolador. Anna acariciou-lhe o cabelo enquanto Erica a secava cuidadosamente com uma toalha.

– Pronto, vai ficar tudo bem, não te preocupes – disse Anna, enfiando uma *T-shirt* lavada pela cabeça de Belinda.

– O Kim também era suposto lá estar... E eu pensei que... Mas ele disse à Linda que me achava... horrorosa – a rapariga mal conseguia articular as palavras por entre os soluços.

Anna olhou para Erica por cima da cabeça de Belinda. Nenhuma delas gostaria de estar na pele daquela rapariga por nada deste mundo. Não havia nada tão doloroso como um coração adolescente despedaçado. Ambas tinham já passado por aquilo e compreendiam porque é que, dadas as circunstâncias, Belinda tentara afogar as mágoas em vinho tinto. Mas aquele era um consolo meramente temporário. No dia seguinte, Belinda iria sentir-se ainda pior, se é que isso era possível – essa era outra coisa que as irmãs sabiam por experiência própria. Naquele momento, tudo o que podiam fazer era metê-la na cama. Lidariam com o resto na manhã seguinte.

Mellberg tinha a mão na maçaneta, pesando os prós e os contras. Era inegável que os «contras» iam ganhar por uma boa distância. Mas, apesar disso, estava ali, e havia dois motivos para que assim fosse. Primeiro, não tinha nada melhor para fazer naquela noite. Segundo, estava sempre a ver os olhos escuros de Rita na sua mente. Mellberg ainda perguntava a si próprio se aqueles dois fatores seriam motivo suficiente para fazer algo tão absurdo como participar numa aula de Salsa. O ginásio estaria provavelmente cheio de mulheres desesperadas, mulheres que julgavam que podiam engatar um tipo indo a uma aula de dança. Que patético. Por um momento, Mellberg ponderou virar as costas e ir até à bomba de gasolina comprar um pacote de batatas fritas antes de ir para casa assistir à sua série preferida, *Full Frys*¹⁹. Riu-se só de pensar naqueles dois. Eram realmente uns cómicos do melhor.

Mellberg tinha acabado de optar pelo Plano B quando a porta se abriu à sua frente.

– Bertil! Sempre apareceu, que bom! Entre. Estamos quase a começar – antes que o superintendente pudesse reagir, Rita pegou-lhe na mão e puxou-o para dentro do ginásio. Uma aparelhagem portátil pousada no chão debitava música latino-americana e quatro casais olharam para Mellberg com interesse quando ele entrou. Havia o mesmo número de homens e mulheres, constatou Mellberg, surpreendido, e a imagem que formara de si próprio como um osso com carne que seria dilacerado por um bando de cadelas vorazes no cio esfumou-se instantaneamente.

– Vai ter de dançar comigo. Pode ajudar-me a demonstrar os movimentos – disse Rita, levando-o para o meio do ginásio. Posicionou-se à frente de Mellberg, pegou-lhe numa mão e pôs-lhe o outro braço em torno da cintura. Mellberg teve de conter uma ânsia enorme de apertar aquele belo corpo roliço. Simplesmente não conseguia entender os homens que preferiam as mulheres magras.

– Ora bem, Bertil, agora preste atenção – disse Rita num tom sério, ao que Mellberg endireitou as costas. – Vejam o que Bertil e eu

fazemos – disse Rita para os outros casais. – Para as senhoras: pé direito à frente, depois mudam o peso para o pé esquerdo e o pé direito vai atrás. Para os homens: o mesmo movimento, mas com o outro pé; pé esquerdo à frente, mudam o peso para o pé direito e depois o pé esquerdo vai atrás. Vamos continuar a executar a sequência até que todos consigam acompanhar-nos.

Mellberg lutou para dominar os passos. Do início, era como se o cérebro estivesse determinado a apagar até as informações mais básicas, como qual era o seu pé direito e qual era o esquerdo. Mas Rita era boa professora. Conduzia-o com firmeza, fazendo-o mover os pés para a frente e para trás, e Mellberg não demorou muito a apanhar o jeito.

– E agora... vamos começar a mexer as ancas – disse Rita, lançando um olhar encorajador aos seus alunos. – Nós, os Suecos, somos tão rígidos. Mas a Salsa é toda ela movimento, sensualidade e suavidade.

Rita demonstrou o que queria dizer, meneando as ancas ao som da música, fazendo com que parecessem ondular para a frente e para trás, como uma onda. Fascinado, Mellberg observava Rita a mexer o corpo. Parecia tão fácil quando era ela a fazê-lo. Determinado a impressioná-la, o superintendente começou a imitar os movimentos da amiga, movendo os pés para a frente e para trás segundo o padrão que julgava ter conseguido memorizar. Mas nada funcionou. As ancas pareciam de madeira e todas as tentativas de as coordenar com o movimento dos pés resultaram num completo curto-circuito. Mellberg parou abruptamente, com uma expressão de frustração no rosto. Para piorar a situação, o capachinho escolheu aquele preciso momento para deslizar para baixo sobre a orelha esquerda. Mellberg empurrou-o rapidamente para o seu lugar, esperando que ninguém tivesse notado. Mas uma risadinha abafada de um dos outros casais desfez todas as ilusões a esse respeito.

– Eu sei que é difícil, Bertil. O que é preciso é praticar – disse Rita, instando-o a tentar novamente. – Ouça a música, Bertil, ouça-a. E

depois deixe o seu corpo seguir o ritmo. Mas não olhe para os pés, olhe para mim. Na Salsa, olha-se sempre a mulher nos olhos. É uma dança de amor, uma dança de paixão.

Rita fixou o olhar nele e, com grande esforço, Mellberg conseguiu olhar para ela em vez de olhar para os pés. A princípio, parecia um esforço inútil. Mas, depois de algum tempo, sob a gentil tutela de Rita, Mellberg sentiu que algo estava a acontecer. Só agora é que o seu corpo parecia realmente estar a ouvir a música. As ancas começaram a mexer-se com suavidade e sensualidade. Mellberg fitou mais intensamente os olhos de Rita. E, enquanto os ritmos latino-americanos ressoavam pelo ginásio, Mellberg sentiu-se a desfalecer.

15 Principal diário da região de Bohuslän, a província histórica sueca onde se situa Fjällbacka, localizada na Suécia ocidental, na antiga nação de Götaland. (*N. do T.*)

16 *The Masters Tournament*, um dos quatro mais importantes torneios de golfe do mundo, que decorre anualmente em Augusta, no estado norte-americano da Geórgia, no mês de abril. (*N. do T.*)

17 Referência a Eldrick «Tiger» Woods, golfista norte-americano nascido em 1975, considerado um dos melhores de sempre. (*N. do T.*)

18 Suplemento alimentar natural com alto teor de ferro. (*N. do T.*)

19 Série cómica sueca, cujo título significa «frigorífico cheio» estreada em 1999 e protagonizada pelo dueto Stefan Gerhardsson e Krister Claesson. (*N. do T.*)

KRISTIANSAND, 1943

NÃO É QUE AXEL GOSTASSE DE CORRER RISCOS, NEM QUE FOSSE PARTICULARMENTE CORAJOSO. CLARO QUE TINHA MEDO. SERIA UM TOLO SE ASSIM NÃO FOSSE. MAS AQUILO ERA SIMPLEMENTE ALGO QUE SENTIA QUE TINHA DE FAZER. NÃO PODIA LIMITAR-SE A FICAR SENTADO E PERMITIR QUE O MAL SE APODERASSE DE TUDO SEM QUE ELE MEXESSE UM DEDO.

AXEL ESTAVA ENCOSTADO À AMURADA E SENTIA O VENTO A VERGASTAR-LHE O ROSTO. ADORAVA O CHEIRO DA ÁGUA DO MAR. SEMPRE INVEJARA OS PESCADORES, QUE SAÍAM PARA O MAR DE MADRUGADA E POR LÁ FICAVAM ATÉ SER NOITE ESCURA, DEIXANDO OS SEUS BARCOS LEVÁ-LOS AONDE OS PEIXES ABUNDAVAM. AXEL MANTEVE A SUA INVEJA PARA SI MESMO, POIS SABIA QUE SE RIRIAM DELE. NÃO IRIAM ACREDITAR QUE ELE, O FILHO DO MÉDICO, DESTINADO A CONTINUAR OS ESTUDOS E A TORNAR-SE UMA PESSOA IMPORTANTE, TINHA CIÚMES DELES. INVEJA DAS BOLHAS NAS MÃOS DELES, DO CHEIRO A PEIXE QUE NUNCA DEIXAVA AS SUAS ROUPAS, DA INCERTEZA DE VOLTAREM PARA CASA DE CADA VEZ QUE SAÍAM NOS SEUS BARCOS. ACHARIAM ABSURDO E PRESUNÇOSO QUE AXEL QUISESSE TER A VIDA DE UM PESCADOR. NUNCA IRIAM COMPREENDER. MAS AXEL SENTIA EM CADA FIBRA DO SEU SER QUE AQUELA ERA A VIDA PARA A QUAL ESTAVA REALMENTE DESTINADO. CLARO QUE TINHA BOA CABEÇA PARA OS ESTUDOS, MAS NUNCA SE SENTIA TÃO À VONTADE COM OS LIVROS E A APRENDER COISAS NA ESCOLA COMO SE SENTIA ALI, NO CONVÉS OSCILANTE DE UM BARCO, COM AS RAJADAS DE VENTO A REVOLVEREM-LHE OS CABELOS E O CHEIRO A PEIXE NAS NARINAS.

ERIK, POR OUTRO LADO, ADORAVA O MUNDO DOS LIVROS. IRRADIAVA UM BRILHO DE FELICIDADE QUANDO, SENTADO NA CAMA, À NOITE, OS OLHOS CORRIAM PELAS PÁGINAS DE UM LIVRO QUE ERA DEMASIADO

VELHO E GROSSO PARA DESPERTAR O MAIS PEQUENO ENTUSIASMO NOUTRA PESSOA QUALQUER. ERIK DEVORAVA INFORMAÇÕES, DELICIAVA-SE COM A AQUISIÇÃO DE CONHECIMENTOS, EMPANTURRAVA-SE DE FACTOS, DATAS, NOMES E LUGARES. AXEL ACHAVA A PAIXÃO DO IRMÃO PELOS LIVROS FASCINANTE, MAS TAMBÉM O ENTRISTECIA. ERAM TÃO DIFERENTES, OS DOIS IRMÃOS. TALVEZ FOSSE A DIFERENÇA DE IDADES. COMO AXEL ERA QUATRO ANOS MAIS VELHO, NUNCA TINHAM BRINCADO JUNTOS, NUNCA PARTILHARAM BRINQUEDOS. ALÉM DISSO, OS PAIS TRATAVAM-NOS DE MANEIRA TÃO DIFERENTE. COLOCAVAM AXEL DE TAL MODO NUM PEDESTAL QUE ISSO PERTURBAVA A HARMONIA FAMILIAR, TRANSFORMANDO-O EM ALGO QUE AXEL NÃO ERA E DIMINUINDO ERIK. MAS COMO PODERIA AXEL IMPEDI-LOS? LIMITAVA-SE A FAZER AQUILO PARA QUE ESTAVA DESTINADO.

– VAMOS ENTRAR NO PORTO A QUALQUER MOMENTO.

AXEL DEU UM PULO AO OUVIR A VOZ SECA DE ELOF POR DETRÁS DELE. NÃO O TINHA OUVIDO APROXIMAR-SE.

– VOU A TERRA ASSIM QUE ATRAQUEMOS. DEMORO-ME UMA HORA.

ELOF ASSENTIU.

– TEM CUIDADO, RAPAZ – ADVERTIU O COMANDANTE, LANÇANDO UM ÚLTIMO OLHAR A AXEL ANTES DE SEGUIR PARA A POPA PARA MANOBRAR O LEME.

DEZ MINUTOS MAIS TARDE, AXEL DEU UMA BOA OLHADELA EM REDOR ANTES DE DESCER PARA O MOLHE. EM TERRA, VISLUMBROU UNIFORMES ALEMÃES POR TODO O LADO, MAS A MAIORIA DOS SOLDADOS PARECIA ESTAR OCUPADA A INSPECIONAR OS BARCOS. AXEL SENTIU O CORAÇÃO ACELERAR, MAS FORÇOU-SE A ASSUMIR O MESMO AR DESPREOCUPADO DOS MARINHEIROS QUE SE ATAREFAVAM A CARREGAR E A DESCARREGAR OS BARCOS. DESSA VEZ, AXEL NÃO TRANSPORTAVA NADA CONSIGO. O OBJETIVO DAQUELA VIAGEM ERA RECOLHER UMA COISA. AXEL NÃO SABIA O QUE ESTAVA NO DOCUMENTO QUE LHE TINHAM PEDIDO QUE LEVASSE FURTIVAMENTE DE VOLTA PARA A SUÉCIA. E TAMBÉM NÃO QUERIA SABER. APENAS SABIA O NOME DO DESTINATÁRIO.

AS INSTRUÇÕES QUE RECEBERA ERAM MUITO CLARAS. O HOMEM QUE

PROCURAVA ESTARIA NO EXTREMO MAIS AFASTADO DO PORTO E USARIA UM BONÉ AZUL E UMA CAMISA BEGE. OBSERVANDO ATENTAMENTE O QUE SE PASSAVA À SUA VOLTA, AXEL APROXIMOU-SE DA ZONA DO PORTO ONDE O HOMEM DEVERIA ESTAR. ATÉ AO MOMENTO, TUDO ESTAVA A CORRER COMO FORA PLANEADO; AXEL PASSOU DESPERCEBIDO ENTRE OS PESCADORES SEM QUE OS ALEMÃES REPARASSEM NELE E DEPOIS AVISTOU UM HOMEM QUE ENCAIXAVA NA DESCRIÇÃO. ESTAVA A EMPILHAR PALETES E PARECIA COMPLETAMENTE CONCENTRADO NA TAREFA. AXEL DIRIGIU-SE PARA O HOMEM, TENDO O CUIDADO DE NÃO DESVIAR O OLHAR NEM DE LANÇAR OLHADELAS FURTIVAS – POIS SERIA O MESMO QUE PINTAR UM ALVO NO PEITO.

QUANDO ESTAVA QUASE AO PÉ DO HOMEM, QUE PARECIA NÃO O TER VISTO, AXEL PEGOU NA PALETE MAIS PRÓXIMA E ACRESCENTOU-A A UMA PILHA. PELO CANTO DO OLHO, O RAPAZ VIU O SEU CONTACTO DEIXAR CAIR ALGO NO CHÃO, AO LADO DAS PALETES. INCLINANDO-SE PARA PEGAR NOOUTRA PALETE, AXEL APANHOU PRIMEIRO O PAPEL ENROLADO E ENFIOU-O NO BOLSO. A ENTREGA FORA UM SUCESSO, MESMO QUE ELE E O HOMEM NÃO TIVESSEM TROCADO UM SIMPLES OLHAR.

O ALÍVIO FLUIU-LHE NAS VEIAS. A ENTREGA ERA SEMPRE O MOMENTO MAIS CRÍTICO. UMA VEZ EFETUADA, ERA MUITO MENOR O RISCO DE...

– HALT! HÄNDE HOCH!

AS ORDENS EM ALEMÃO SURGIRAM DO NADA. AXEL LANÇOU UM OLHAR PERPLEXO AO HOMEM QUE ESTAVA JUNTO DELE, CUJA EXPRESSÃO ENVERGONHADA LHE REVELOU O QUE ESTAVA A ACONTECER. ERA UMA ARMADILHA. OU TODA A MISSÃO TINHA SIDO ENCENADA, DE MODO A CAPTURÁ-LO, OU ENTÃO, OS ALEMÃES TINHAM TIDO ACESSO A INFORMAÇÕES SOBRE O QUE ESTAVA A SER PLANEADO E TINHAM FORÇADO TODOS AQUELES QUE ESTAVAM ENVOLVIDOS A AJUDÁ-LOS A MONTAR A ARMADILHA. PROVAVELMENTE, A GESTAPO²⁰ TINHA ESTADO A OBSERVÁ-LO DESDE QUE PUSERA OS PÉS EM TERRA ATÉ A ENTREGA TER SIDO CONCLUÍDA. E O DOCUMENTO PARECIA ARDER-LHE NO BOLSO. AXEL ERGUEU OS BRAÇOS NUM GESTO DE RENDIÇÃO. O JOGO ACABARA.

20 Polícia secreta nazi. Criada em 1934. (*N. do T.*)

§

UMA BATIDA FORTE NA PORTA INTERROMPEU O SEU RITUAL MATINAL. Todas as manhãs seguia a mesma rotina. Primeiro, tomava um duche. Em seguida, barbeava-se. Depois, preparava o pequeno-almoço, composto por dois ovos, uma fatia de pão de centeio com manteiga e queijo e uma grande chávena de café. Era sempre o mesmo pequeno-almoço, que ia tomar em frente ao televisor. Outra batida. Irritado, Frans levantou-se e foi abrir a porta.

– Olá, Frans – o filho estava à entrada com aquele olhar duro nos olhos que se tornara tão familiar.

Frans já não se conseguia lembrar do tempo em que tudo fora diferente. Mas tinha de aceitar o que não conseguia mudar e aquela era uma dessas coisas. Só nos seus sonhos sentia aquela mãozinha a apertar a sua; uma vaga recordação de um tempo muito, muito distante.

Com um suspiro quase inaudível, Frans afastou-se para deixar o filho entrar.

– Olá, Kjell – cumprimentou Frans. – Que te traz aqui hoje para vires visitar o teu velho pai?

– Erik Frankel – respondeu friamente Kjell, olhando para o pai como se esperasse uma reação específica.

– Estava a meio do pequeno-almoço. Entra.

Kjell seguiu-o até à sala de estar, dando uma boa olhadela em redor. Nunca tinha estado no apartamento do pai.

Frans não se deu ao trabalho de oferecer café ao filho. Sabia de antemão qual seria a sua resposta.

– Então, que história é essa de Erik Frankel?

– Suponho que saibas que está morto – era uma afirmação, não uma pergunta.

Frans assentiu.

– Sim, ouvi dizer que o velho Erik morreu. É pena.

– Essa é a tua opinião sincera? Que tens pena? – Kjell olhou para o pai, que sabia muito bem no que ele estava a pensar. Não tinha vindo como filho, mas na qualidade de jornalista.

Frans fez uma pausa antes de responder. Havia tanta agitação sob a superfície. Tantas memórias. Mas nunca revelaria isso ao filho. Kjell não compreenderia. Há muito que condenara o pai e agora estavam em lados opostos de um muro tão alto que era impossível espreitar por cima dele. Frans sabia que era de longe o maior culpado. Kjell não tinha convivido muito com o pai, o velho presidiário, quando era criança. A mãe levava-o algumas vezes à prisão, mas a visão daquela carinha e as perguntas infundáveis do menino na fria e inóspita sala de visitas tinham endurecido o coração de Frans, que proibiu visitas posteriores. Achara que estava a fazer o que era melhor para o filho. Talvez estivesse errado; porém, agora era tarde de mais para fazer fosse o que fosse a esse respeito.

– Sim, lamento muito que Erik tenha morrido. Conhecemo-nos quando éramos novos e só tenho boas recordações dele. Depois, seguimos caminhos separados... – Frans abriu os braços. Não precisava de explicar isso a Kjell. Ambos sabiam tudo o que havia para saber sobre os caminhos separados que Kjell e Erik tinham tomado.

– Acontece que isso não é verdade. De acordo com a minha fonte, entraste em contacto com Erik depois de se terem afastado. E os Amigos da Suécia mostraram interesse nos irmãos Frankel. Não te importas que tome notas, pois não? – Kjell sacou ostensivamente um bloco-notas que pousou na mesa, lançando um olhar desafiador ao pai quando aproximou a esferográfica do papel.

Frans encolheu os ombros e fez um gesto de assentimento com a

mão. Não lhe apetecia continuar com aquele jogo. Havia tanta raiva dentro de Kjell que Frans quase conseguia sentir-lhe o peso. Era a mesma raiva devoradora que tinha afligido Frans desde que se recordava, colocando-o em apuros e destruindo tudo o que lhe era caro. O filho tinha encontrado uma maneira de canalizar a sua raiva, descarregando-a nos políticos e nos patrões da indústria através dos artigos de opinião que escrevia no jornal. Embora tivessem escolhido lados opostos do espectro político, pai e filho tinham muito em comum. Partilhavam a mesma capacidade de odiar, a mesma ira inflamada. Fora isso que tinha permitido a Frans sentir-se em casa entre os simpatizantes neonazis da prisão durante a sua primeira detenção. Compreendera o ódio que os movia. E eles acolheram-no, porque encararam a sua raiva como um recurso, uma prova da sua força. Além disso, Frans era bom a argumentar – graças ao pai, que lhe tinha ensinado a arte da retórica. Pertencer ao bando neonazi da prisão tinha-lhe conferido estatuto e poder; quando saiu da prisão, Frans tinha assumido o seu papel. Já não era possível diferenciá-lo das suas opiniões. A sua política era o que o definia. E Frans tinha a sensação de que o mesmo acontecera a Kjell.

– Onde é que íamos? – Kjell relanceou o bloco-notas, que ainda estava em branco. – Ah, pois. Aparentemente, entraste em contacto com Erik.

– Apenas a bem da nossa velha amizade. Nada de significativo. E nada que possa estar relacionado com a sua morte.

– Isso é o que tu dizes – retorquiu Kjell –, mas caberá aos outros determinar se é verdade ou não. Que tipo de contacto é que tiveste com ele? Ameaçaste-o?

Frans fungou.

– Não sei onde é que conseguiste essa informação, mas eu nunca ameacei Erik Frankel. Escreveste muita coisa acerca das pessoas que partilham as minhas opiniões para saberes que há sempre alguns... exaltados que não conseguem pensar racionalmente. Tudo o que fiz foi alertar Erik para os riscos que corria.

– As pessoas que partilham as tuas opiniões – disse Kjell com um desprezo que bordejava o ódio. – Aqueles retrógrados perturbados que pensam que podem selar as fronteiras da Suécia, queres tu dizer.

– Chama-lhes o que quiseses – disse Frans com cansaço. – Mas eu não ameacei Erik Frankel. E agora gostava que saíesses.

Por um breve momento parecia que Kjell ia recusar. Mas depois levantou-se, inclinou-se sobre o pai e olhou-o penetrantemente.

– Nunca foste um verdadeiro pai para mim e com isso posso eu bem. Mas juro-te que se arrastares o meu filho para isto mais do que já conseguiste, vou... – Kjell cerrou os punhos.

Frans ergueu os olhos e susteve tranquilamente o olhar do filho.

– Eu não arrastei o teu filho para coisa nenhuma. Per tem idade suficiente para pensar por si. Ele faz as suas próprias escolhas.

– Tal como tu as fizeste? – disse Kjell, irado, e depois saiu, como se não aguentasse mais estar na mesma sala que o pai.

Frans não se mexeu, sentindo o coração a martelar-lhe o peito. Quando ouviu a porta da frente bater, refletiu acerca das relações entre pais e filhos. E sobre as escolhas que uns e outros tinham, quer gostassem ou não delas.

– Passaram um bom fim de semana? – Paula dirigiu a pergunta tanto a Martin como a Gösta enquanto colocava café na cafeteira elétrica. Os colegas limitaram-se a assentir melancolicamente. Nenhum deles apreciava particularmente as manhãs de segunda-feira. Além disso, Martin não tinha dormido bem durante todo o fim de semana.

Ultimamente, tinha começado a perder o sono e ficava acordado na cama, preocupado com o bebé que estava para chegar daí a um par de meses. Não é que a criança não fosse desejada. Porque era-o. E muito. Mas Martin tinha-se dado conta da enorme responsabilidade que estava a assumir. Teria de proteger, criar e cuidar de uma vida minúscula, daquela pessoa pequenina, a todos os níveis e em quaisquer circunstâncias. Era isso que o mantinha acordado durante a noite, a olhar para o teto enquanto a grande barriga de Pia subia e

descia ao ritmo da sua respiração suave. No futuro só via *bullying*, armas e drogas, abuso sexual, tristezas e infortúnios. Quando pensava nisso, constatava que eram infundáveis as coisas terríveis que podiam acontecer ao seu filho. E, pela primeira vez, Martin questionava-se se estaria realmente à altura da tarefa. Mas agora já era tarde de mais para se preocupar com isso. Num par de meses, o bebé estaria ali.

– Bem, vocês são mesmo boa companhia – Paula sentou-se e apoiou os braços na mesa enquanto observava Gösta e Martin com um sorriso.

– Devia ser ilegal estar tão alegre numa manhã de segunda-feira – disse Gösta, levantando-se para voltar a encher a chávena de café. A água ainda não tinha acabado de escorrer; por isso, quando puxou a cafeteira, o café começou a cair na placa. Gösta nem se apercebeu, pois recolocou a cafeteira no lugar depois de encher a chávena.

– Gosta! – disse Paula com severidade quando o colega voltou costas à porcaria que tinha feito e se sentou novamente à mesa. – Não podes simplesmente deixar aquilo assim. Tens de limpar o café que entornaste.

Gösta olhou de relance sobre o ombro para a poça de café que tinha deixado na bancada.

– Oh, desculpa – disse de mau humor, e levantou-se para limpar o café.

Martin deu uma gargalhada.

– Ainda bem que há quem saiba manter-te na linha.

– Tá bem, tá. São mesmo coisas de mulheres. Caramba, porque é que vocês têm sempre de ser tão picuinhas!

Paula estava prestes a proferir um comentário mordaz quando ouviram um ruído no corredor. Um ruído que não fazia parte dos ruídos normais da esquadra. Era a tagarelice alegre de uma criança.

Martin esticou o pescoço, com um olhar ansioso no rosto.

– Só pode ser... – começou a dizer. Antes que pudesse terminar a frase, Patrik apareceu à entrada, segurando Maja nos braços.

– Bom dia a todos!

– Olá! – disse alegremente Martin. – Estou a ver que não aguentaste mesmo ficar longe disto.

Patrik sorriu.

– Não, esta senhorinha e eu pensámos dar aqui um salto para ver se estão mesmo a trabalhar. Não é verdade, minha querida? – Maja chilreava de felicidade, abanando os braços. Então, a menina começou a contorcer-se para mostrar que queria ir para o chão. Patrik obedeceu e Maja dirigiu-se imediatamente para Martin nas suas perninhas vacilantes.

– Olá, Maja. Estás a reconhecer o tio Martin, não é? Lembras-te de termos ido ver as flores juntos? Sabes, o tio Martin vai procurar uma caixa de brinquedos para ti – Martin saiu para ir buscar a caixa que guardava na esquadra para as ocasiões em que alguém aparecia com uma criança que era preciso manter ocupada durante algum tempo. Maja ficou muito feliz com o tesouro que apareceu na cozinha alguns minutos depois.

– Obrigado, Martin – disse Patrik. Serviu-se de uma chávena de café e sentou-se à mesa. – Então, como vão as coisas por aqui? – perguntou, fazendo uma careta quando deu o primeiro gole. Demorara apenas uma semana a esquecer-se de como era horrível o café da esquadra.

– Um pouco lentas – respondeu Martin –, mas temos algumas pistas – o colega contou a Patrik as conversas que tinham tido com Frans Ringholm e Axel Frankel. Patrik assentiu com interesse. – E Gösta recolheu as impressões digitais e as pegadas de um dos rapazes. Só nos falta fazer o mesmo em relação ao outro para podemos eliminar as impressões de ambos da investigação.

– O que disse o rapaz? – perguntou Patrik. – Eles viram alguma coisa com interesse? Afinal, porque é que decidiram assaltar a casa? Conseguiaste alguma pista que valha a pena seguir?

– Não, não consegui sacar nada de útil ao rapaz – disse Gösta de mau humor.

Sentiu que Patrik estava a questionar o modo como fazia o seu

trabalho e não gostava disso. Ao mesmo tempo, as perguntas de Patrik tinham despertado algo no seu cérebro. Alguma coisa estava a mover-se ali dentro, algo que Gösta sabia que devia trazer para a superfície. Ou talvez estivesse apenas a imaginar coisas. Fosse como fosse, se mencionasse aquilo, apenas faria com que Patrik continuasse com a sua marcação cerrada.

– A única coisa verdadeiramente interessante que descobrimos foi a ligação aos Amigos da Suécia. Erik Frankel não parece ter tido nenhum inimigo e não encontramos quaisquer outros motivos possíveis para o seu homicídio.

– Já verificaram as contas bancárias dele? Talvez consigam encontrar algo com interesse – disse Patrik, pensando em voz alta.

Martin abanou a cabeça, irritado por não ter pensado naquilo.

– Vamos tratar disso o mais depressa possível – afirmou. – E também precisamos de perguntar ao Axel se Erik tinha alguma mulher na sua vida. Ou um homem, enfim. Alguém que tenha sido seu confidente. Outra coisa que precisamos de fazer hoje é ter uma conversa com a senhora que limpava a casa de Erik e de Axel.

– Ótimo – disse Patrik, assentindo. – Talvez assim descubram por que razão não limpou a casa durante todo o verão. Ou que por que motivo o cadáver de Erik não foi encontrado mais cedo.

Paula levantou-se.

– Acho que vou ligar agora mesmo a Axel para tentar inteirar-me de quaisquer interesses amorosos que Erik possa ter tido. – Dizendo isto, a agente saiu da sala.

– Tens as cartas que Frans enviou a Erik? – perguntou Patrik.

Martin levantou-se.

– Vou buscá-las, já que suponho que gostarias de lhes dar uma vista de olhos, não é?

Patrik encolheu os ombros, fingindo indiferença.

– Bem, já que aqui estou...

Martin deu uma gargalhada.

– Um leopardo não pode livrar-se das suas manchas. Mas tu não

estás de licença de paternidade?

– Certo, mas espera só até estares no meu lugar. Há um limite para o tempo que conseguimos passar na caixa de areia. E Erica está a trabalhar em casa, por isso fica mais do que contente se a deixarmos um pouco em paz.

– A Erica sabe que a tua pequena expedição com Maja tinha como destino a esquadra? – os olhos de Martin brilharam.

– Bem, nem por isso, mas eu estou apenas a fazer uma visitinha. Para ver como se estão a aguentar à bronca.

– Então acho que é melhor ir buscar depressa as cartas, uma vez que estás apenas a fazer uma visitinha.

Poucos minutos mais tarde, Martin voltou com as cinco cartas, que já tinham sido inseridas em sacos de plástico. Maja ergueu os olhos da caixa de brinquedos, esticando a mão para as folhas que Martin estava a segurar, mas o jovem agente entregou-as a Patrik.

– Desculpa, minha querida, isto não é para tu brincarez – Maja respondeu com uma expressão um pouco ofendida, mas depois voltou a explorar o conteúdo da caixa que estava no chão.

Patrik colocou as cartas lado a lado sobre a mesa. Leu-as em silêncio, a testa sulcada por rugas profundas de concentração.

– Não há nada específico. Ele repete quase sempre as mesmas coisas. Diz que Erik deve ser discreto porque não pode protegê-lo por mais tempo. E que existem forças no seio dos Amigos da Suécia que não pensam antes de agir – Patrik continuou a ler. – E aqui tenho a impressão de que Erik respondeu, porque Frans escreve:

«Acho que não tens razão no que dizes. Falas acerca de consequências. De responsabilidade. Eu estou a falar de enterrar o passado. De olhar para o futuro. Temos opiniões diferentes, pontos de vista diferentes, tu e eu. Mas o nosso ponto de partida é o mesmo. No fundo, é o mesmo monstro, que está à espreita. Ao contrário do que pensas, acho que seria imprudente despertar o velho monstro para a vida. Certos ossos devem permanecer intocados. Já te dei a minha opinião sobre o que aconteceu na minha carta anterior e não vou falar outra vez disso. Recomendo-te que faças o mesmo. Neste momento, optei por agir como protetor; porém, caso a situação mude, se o monstro vir a luz do dia, talvez mude de

opinião.»

Patrik ergueu os olhos para Martin.

– Perguntaste a Frans o que quis dizer com isto? Que «velho monstro» é este que Frans refere?

– Ainda não tivemos oportunidade de lhe perguntar. Mas vamos conversar com ele mais vezes.

Paula apareceu à entrada.

– Consegui descobrir uma mulher na vida de Erik. Fiz o que Martin sugeriu e telefonei a Axel, que me disse que, nos últimos quatro anos, Erik teve uma «boa amiga», foram estas as palavras dele, chamada Viola Ellmander. E já conversei com ela. Podemos ir visitá-la esta manhã.

– Bem, que eficiência – disse Patrik, lançando um sorriso de apreciação a Paula.

– Queres vir connosco? – perguntou impulsivamente Martin. Mas depois deitou um olhar a Maja, que estudava atentamente os olhos de uma boneca, e acrescentou: – Não, claro que não ia dar.

– Claro que dá. Podes deixá-la aqui comigo – ouviram Annika dizer da entrada. A secretária lançou um olhar esperançoso a Patrik enquanto sorria a Maja, tendo sido imediatamente recompensada com um sorriso da menina. Como não tinha filhos, Annika estava feliz por ter a oportunidade de pedir um empréstado.

– Hum... – disse hesitantemente Patrik.

– Achas que não consigo dar conta do recado? – perguntou Annika, que cruzou os braços, fingindo-se ofendida.

– Não é isso – respondeu Patrik, ainda hesitante. Mas então a curiosidade levou a melhor. – Muito bem, vamos a isto – disse por fim, depois de assentir. – Acompanho-vos durante algum tempo, desde que esteja de volta antes do almoço. Mas liga-me se tiveres algum problema. Maja precisa de comer por volta das dez e meia e ainda prefere comida passada, mas acho que tenho um frasco de esparguete à bolonhesa que podes aquecer no micro-ondas. Ah, e ela costuma

ficar cansada depois de comer, mas tudo o que precisas de fazer é pô-la na cadeirinha e dar umas voltas, e não te esqueças da chupeta dela, e Maja quer ter o ursinho de peluche ao lado quando dorme e...

– Para, para – disse Annika, erguendo as mãos e dando uma gargalhada. – Vamos ficar bem, não te preocupes. Eu certifico-me de que Maja não morre à fome enquanto estiver à minha guarda e também vamos conseguir que ela durma a sesta.

– Obrigado, Annika – disse Patrik, levantando-se. Depois, agachou-se ao lado da filha e acariciou-lhe os cabelos loiros. – O papá vai sair por um bocadinho, mas tu ficas aqui com Annika. Está bem? – Maja olhou para Patrik por um momento, de olhos arregalados, mas depois voltou a concentrar a sua atenção no processo de arrancar as pestanas à boneca. Um pouco amuado, Patrik voltou a levantar-se e disse: – Bem, por aqui percebe-se como sou indispensável. Divirtam-se.

Patrik abraçou Annika e depois dirigiu-se à garagem. Sentiu uma onda de euforia quando se sentou ao volante do carro-patrolha. Martin sentou-se no lugar ao lado dele. Depois, Patrik fez recuar o veículo para fora da garagem e dirigiu-se para Fjällbacka. Estava tão eufórico que teve de conter a ânsia de começar a cantar.

Axel pousou lentamente o auscultador no descanso. De repente, tudo parecia tão irreal. Era como se ainda estivesse deitado na cama, a sonhar. A casa estava tão vazia sem Erik. Tinham tido o cuidado de dar espaço um ao outro, fazendo as refeições em horários diferentes e mantendo os seus quartos em partes separadas da casa, não querendo invadir a privacidade um do outro. Às vezes, passavam-se vários dias sem que falassem sequer entre si. Mas isso não significava que não fossem chegados. Porque o eram. Ou tinham sido, corrigiu-se Axel. Agora, um tipo diferente de silêncio enchia a casa. Um silêncio que não era o mesmo de quando Erik costumava sentar-se na biblioteca a ler. Nesse tempo, conseguiam sempre quebrar o silêncio, trocando algumas palavras, se lhes apetecesse. Aquele silêncio era abrangente e infinito.

Erik nunca tinha levado Viola lá a casa. E nunca falara dela. Os únicos contactos que Axel tinha tido com a mulher tinham-se dado quando calhava atender-lhe o telefone. Essas chamadas eram normalmente seguidas pelo desaparecimento de Erik durante alguns dias. O irmão preparava um pequeno saco de viagem, apenas com o essencial, despedia-se laconicamente e saía. Ocasionalmente, Axel sentia ciúmes. Nunca fora capaz de manter um relacionamento romântico duradouro. Houve mulheres, claro, mas nunca ficavam por perto durante muito tempo. A culpa era sua, não delas. O amor não podia competir com a sua outra paixão, que tudo consumia. Ao longo dos anos, a sua obra tinha-se tornado uma amante exigente, que não deixava espaço para qualquer outra coisa. Era a sua vida, a sua identidade, o seu núcleo mais profundo. Na verdade, Axel não sabia quando aquilo tinha acontecido. Não, isso era mentira. Claro que sabia.

Na casa silenciosa, Axel sentou-se na cadeira estofada junto da escrivaninha que havia no vestíbulo. E, pela primeira vez desde que o irmão morrera, chorou.

Erica estava a desfrutar do silêncio que reinava em sua casa. Até podia deixar a porta do escritório aberta sem ser incomodada por qualquer ruído vindo do exterior. Apoiou os pés na secretária e refletiu acerca da conversa que tivera com o irmão de Erik Frankel. Axel abrira-lhe uma espécie de comporta, provocando-lhe uma curiosidade tremenda, insaciável, sobre aspetos da vida da mãe que desconhecia em absoluto e de que nem sequer suspeitara. Sentia que Axel Frankel tinha contado apenas uma fração do que sabia sobre a mãe. Porque se estaria a conter? O que haveria no passado de Elsy que Axel lhe queria ocultar? Erica estendeu a mão para os diários e começou a ler a partir do ponto onde parara há uns dias. Mas os diários não continham qualquer pista sobre o que poderia ter motivado aquele tom estranho na voz de Axel quando falara da sua mãe.

Erica continuou a ler, procurando nas páginas algo que pudesse

acalmar a inquietação que sentia. Mas só quando chegou às páginas finais do terceiro caderno é que encontrou algo que poderia conter uma ligação plausível a Axel.

De repente, Erica soube o que tinha de fazer. Desceu as pernas da secretária, juntou os diários e colocou-os cuidadosamente na mala. Depois de abrir a porta da frente para verificar a temperatura, vestiu um casaco leve e partiu em ritmo acelerado.

Subiu a escadaria íngreme até ao Badis²¹ e parou no topo, transpirando devido ao esforço. O velho restaurante parecia deserto e abandonado, agora que a correria do verão tinha terminado. Mas a sua popularidade tinha vindo a diminuir nos últimos anos e até mesmo no auge do verão era raro ter muitos clientes. Contudo, tinha uma localização privilegiada, pois estava situado numa encosta com vista panorâmica sobre o arquipélago de Fjällbacka. Infelizmente, o edifício tinha-se degradado ao longo dos anos e quase de certeza seria necessário um grande investimento para restaurar a velha glória do Badis.

A casa que procurava localizava-se um pouco depois do restaurante e Erica esperava que a pessoa com quem queria falar estivesse lá.

Um par de olhos vivos fitaram-na quando a porta se abriu.

– Sim? – perguntou a mulher.

– Chamo-me Erica Falck – disse, hesitando por um momento. – Sou a filha de Elsy Moström.

Algo brilhou nos olhos de Britta. Por um momento, a mulher limitou-se a ficar ali, imóvel e sem dizer uma palavra. Então, de repente, sorriu e afastou-se.

– Sim, claro. A filha de Elsy. Agora já estou a ver as parecenças, Entre.

A casa era luminosa e agradável. Com olhar inquisitivo, Erica observou as dezenas de fotografias – de filhos e netos, e talvez até de alguns bisnetos – que cobriam as paredes.

– Quantos filhos tem, minha senhora? – perguntou Erica, estudando as fotografias.

– Três filhas. E por amor de Deus não me chame minha senhora. Faz-me sentir tão velha! Não é que eu seja exatamente uma jovem. Mas não há razão para que uma pessoa tenha de sentir-se velha. Afinal, a idade não passa de um número.

– É uma grande verdade – disse Erica, rindo-se. Gostava daquela senhora de idade.

– Entre e sente-se – disse Britta, tocando-lhe ao de leve no cotovelo. Após tirar os sapatos e o casaco, Erica seguiu-a até à sala de estar.

– Tem uma casa muito agradável.

– Vivemos aqui há cinquenta e cinco anos – disse Britta. Fazia uma expressão doce e o rosto iluminava-se sempre que sorria. Sentou-se no grande sofá com padrão florido e deu uma palmadinha na almofada ao seu lado. – Sente-se aqui para que possamos ter uma pequena conversa. Fico tão contente por conhecê-la. Elsy e eu... passámos muito tempo juntas quando éramos jovens.

Por um momento, Erica pensou ter detetado na voz de Britta o mesmo tom estranho e subtil que ouvira a Axel quando este lhe falara de Elsy, mas aquela impressão desvaneceu-se logo em seguida e Britta tinha outra vez o seu sorriso doce nos lábios.

– Bem, quando estava a limpar o sótão encontrei algumas coisas que a minha mãe deixou e... bem, fiquei curiosa. Realmente não sei muito sobre o passado dela. Por exemplo, como se conheceram?

– Eu e Elsy fomos colegas de turma. Sentámo-nos sempre ao lado uma da outra desde o nosso primeiro dia de escola.

– E também eram amigas de Erik e de Axel?

– Mais do Erik do que do Axel. O irmão do Erik era uns anos mais velho e provavelmente achava-nos demasiado infantis. Mas era um rapaz bem bonito, aquele Axel.

– Sim, foi o que ouvi dizer – disse Erica, rindo-se. – E deixe-me dizer-lhe que continua bonito.

– Estou inclinada a concordar consigo, mas não diga ao meu marido – sussurrou Britta em tom melodramático.

– Prometo que não digo nada – Erica estava a simpatizar cada vez mais com a velha amiga da mãe. – Então e o Frans? Julgo saber que o Frans Ringholm também fazia parte do vosso pequeno grupo. É verdade?

Britta ficou hirta.

– O Frans? Sim, bem, o Frans também pertencia ao nosso grupo.

– Parece que não gostava muito dele.

– Que eu não gostava muito dele? Oh, mas gostava. Estava tremendamente apaixonada por ele. Mas o sentimento não era mútuo. Ele só tinha olhos para... outra pessoa.

– Ah, e quem era essa pessoa? – perguntou Erica, embora julgasse saber a resposta.

– A sua mãe. Ele seguia-a para todo o lado como um cachorrinho. Não é que lhe tenha adiantado nada. A Elsy nunca se teria apaixonado por alguém como o Frans. Só uma tonta como eu cometeria um erro desses, porque apenas me interessava pela aparência dos rapazes. E sem dúvida que o Frans era atraente. Dessa forma um pouco perigosa que tanto cativa as adolescentes, mas que parece aterrorizadora numa idade mais madura.

– Oh, quanto a isso não sei – retorquiu Erica. – Os homens perigosos parecem atrair também as mulheres mais velhas.

– Provavelmente tem razão – disse Britta, olhando pela janela. – Mas, por sorte, ultrapassei essa fase. E deixei de gostar do Frans. Ele... ele não era o tipo de homem que eu queria na minha vida. Não era como o meu Herman.

– Não se estará a julgar com demasiada severidade? Não me parece ser de todo uma pessoa tonta.

– Pois, agora já não. Mas mais vale admiti-lo... até ter encontrado o meu Herman e ter tido a minha primeira filha... Não, eu não era lá muito boa peça.

A franqueza de Britta surpreendeu Erica. A mulher tinha uma opinião bastante dura de si própria.

– E o Erik? Como era ele?

Britta voltou novamente o olhar pela janela. Parecia estar a ponderar a resposta. Então, a sua expressão suavizou-se.

– O Erik era como um velho, mesmo em criança. Mas não estou a dizê-lo de forma depreciativa. Simplesmente que Erik parecia velho para a idade que tinha. E era sensível, de uma forma algo adulta. Estava sempre a pensar nas coisas. E a ler. O nariz dele estava sempre enfiado num livro qualquer. O Frans costumava provocá-lo por causa disso. Mas, se calhar, o Erik era um pouco estranho por causa do irmão que tinha.

– O Axel era muito popular, não era?

– O Axel era um herói. E a pessoa que mais o admirava era o Erik. Adorava o chão que o irmão pisava. Aos olhos do Erik, Axel era incapaz de errar – Britta deu uma palmadinha na perna de Erica e depois levantou-se abruptamente – Sabe que mais? Vou pôr um pouco de café a fazer. A filha da Elsy. Que bom. Que surpresa agradável.

Erica ficou onde estava enquanto Britta desapareceu na cozinha. Ouviu a louça a chocalhar e a água a correr. E, depois, nem mais um som. Erica esperou calmamente, sentada no sofá a apreciar a vista que se estendia à sua frente. Então, após mais alguns minutos de silêncio, começou a sentir cheiro a queimado.

– Britta? – chamou. – Está tudo bem? – nenhuma resposta. Erica levantou-se e foi até à cozinha procurar a sua anfitriã.

Britta estava sentada à mesa da cozinha, de olhar perdido. Um dos bicos do fogão estava ligado e emitia uma chama ardente. Por cima havia uma cafeteira vazia que tinha começado a deitar fumo. Erica precipitou-se para o fogão, para tirar a cafeteira.

– Raios! – gritou quando se queimou. Para acalmar a dor, Erica pôs a mão sob água corrente. Então, virou-se para Britta. – Britta? – disse suavemente. O rosto da mulher tinha assumido uma expressão tão vazia que, por um momento, Erica temeu que ela tivesse sofrido algum ataque. Mas, então, Britta virou-se para olhar para ela.

– Nem acredito que tenhas finalmente vindo visitar-me, Elsy.

Erica lançou-lhe um olhar intrigado e disse:

– Britta, eu sou Erica, a filha da Elsy.

A idosa não parecia ter processado aquelas palavras.

– Oh, Elsy – disse –, há muito tempo que queria falar contigo, para te explicar. Só que nunca consegui...

– O que é que não conseguiu explicar? O que é que queria dizer à Elsy? – Erica sentou-se à frente de Britta com o coração aos pulos. Sentiu pela primeira vez que estava prestes a descobrir qual era o segredo que Erik e Axel lhe tinham tentado ocultar.

Mas Britta apenas olhou para ela, confusa. Resistindo à vontade de abaná-la, de forçá-la a dizer o que lhe estava na ponta da língua, Erica repetiu a pergunta:

– O que é que não conseguia explicar? Algo sobre a minha mãe? O que é?

Britta fez um gesto com a mão como que a dizer que aquilo não tinha importância, mas depois inclinou-se para a frente sobre a mesa. Com uma voz que era quase um sussurro, Britta sibilou:

– Queria falar contigo. Mas os ossos velhos. Devem. Descansar em paz. Não vai adiantar nada se... Erik disse que... soldado desconhecido... – a voz de Britta enfraqueceu e tornou-se um murmúrio, e a idosa voltou a olhar no vazio.

– Que ossos? De que está a falar? Que foi que Erik disse? – sem ter consciência disso, Erica estava a levantar a voz. No silêncio da cozinha, as suas palavras soavam quase como guinchos. Britta tapou os ouvidos com as mãos e começou a balbuciar algo incoerente, como as crianças fazem quando não querem ouvir alguém a repreendê-las.

– Que se passa aqui? Quem é você? – perguntou uma voz masculina em tom zangado por detrás de Erica, fazendo-a voltar-se de repente. Um homem alto de cabelos grisalhos em torno de uma cabeça calva aparecera à porta, segurando dois sacos de compras do supermercado Konsum. Erica apercebeu-se de que devia ser Herman. E levantou-se.

– Peço imensa desculpa, eu... Chamo-me Erica Falck. Britta era amiga da minha mãe quando eram jovens e eu só queria fazer-lhe

algumas perguntas. A princípio parecia não haver qualquer problema... mas então... E ela tinha ligado o fogão – Erica apercebia-se de que as suas palavras não estavam a fazer qualquer sentido, mas nada naquela situação parecia fazer sentido. Por detrás dela, Britta continuava a balbuciar incessantemente a mesma lengalenga infantil.

– A minha mulher tem Alzheimer – disse Herman, pousando os sacos. Ouvindo a tristeza na sua voz, Erica sentiu uma pontada de culpa. Alzheimer – devia ter adivinhado, dada a rápida alteração entre lucidez absoluta e completa confusão. Erica lera algures que os cérebros das pessoas que sofrem de Alzheimer as conduziam a uma espécie de zona fronteira onde, no final, apenas restava a névoa.

Herman aproximou-se da mulher e, gentilmente, tirou-lhe as mãos dos ouvidos.

– Britta, querida, só tive de sair para ir fazer as compras. Agora já aqui estou outra vez. Pronto, calma, está tudo bem, agora já está tudo bem – Herman embalou-a nos braços e, gradualmente, a lengalenga parou. O marido de Britta olhou para Erica. – Agora é melhor sair. E prefiro que não volte aqui.

– Mas a sua mulher mencionou algo sobre... Eu preciso de saber...
– Erica tropeçava nas palavras, tentando encontrar algo acertado para dizer, mas Herman limitou-se a fitá-la com raiva e disse-lhe com firmeza:

– Nunca mais volte aqui.

Sentindo-se como uma intrusa, Erica abandonou rapidamente a casa. Nas suas costas, ouviu Herman a falar com a mulher num tom suave. Mas, na sua mente, ainda ecoavam as palavras confusas de Britta sobre ossos velhos. Que teria a mulher querido dizer com aquilo?

Os gerânios tinham florescido com uma beleza invulgar naquele verão. Viola andava pelo jardim a arrancar carinhosamente as pétalas murchas. Retirar as flores mortas era uma necessidade, para que os gerânios continuassem bonitos. Por essa altura, os seus canteiros de gerânios eram verdadeiramente impressionantes. Todos os anos, Viola

cortava algumas estacas que plantava cuidadosamente em pequenos vasos. Logo que tivessem crescido o suficiente, transferia-as para vasos maiores. O seu preferido era o gerânio Mårbacka. Nada conseguia igualar a sua beleza. Havia algo na combinação dos rebentos diáfanos cor-de-rosa e das hastes um pouco desajeitadas e irregulares que a comovia e a deixava sem palavras. Mas o gerânio rosa também era adorável.

Havia muitos aficionados de gerânios por ali. Desde que o filho a tinha iniciado no fantástico mundo da Internet, Viola inscrevera-se em três fóruns diferentes acerca de gerânios e subscrevera quatro boletins informativos. Mas a sua maior satisfação era trocar *e-mails* com Lasse Anrell²². Se havia alguém que adorava gerânios mais do que ela, essa pessoa era Lasse. Correspondiam-se por *e-mail* desde que Viola assistira a uma das suas palestras. Tivera imensas perguntas para colocar-lhe nessa mesma noite e Lasse tinha-lhe autografado uma cópia do seu livro sobre gerânios. Tinham gostado um do outro e, agora, Viola aguardava com expectativa os *e-mails* que apareciam regularmente na sua caixa de entrada. Erik costumava provocá-la acerca daquilo, afirmando que Viola estava a ter um caso com Lasse Anrell nas suas costas e que toda aquela conversa sobre gerânios era apenas um código para atividades mais amorosas. Erik tinha a sua própria teoria sobre o que cada termo podia significar; «gerânio rosa» fascinava-o particularmente e tinha passado a chamá-la Gerânio Rosa... Viola corou perante aquele pensamento, mas o rubor desapareceu rapidamente do seu rosto para ser substituído pelas lágrimas. Pela milésima vez nos últimos dias, Viola viu-se confrontada com a constatação de que Erik tinha desaparecido.

A terra absorvia avidamente a água, à medida que Viola deitava cautelosamente um pouco em cada prato. Era importante não regar excessivamente os gerânios. A terra devia secar devidamente entre as regas. De muitas formas, aquela era uma metáfora apropriada para o relacionamento que tivera com Erik. Eram como duas plantas, cuja terra estava seca quando se conheceram, tendo ambos receio de a

regar demasiado. Por isso, continuaram a viver separados, mantinham vidas à parte e apenas se encontravam quando lhes apetecia ficar juntos. Logo no início, tinham feito a promessa de que o seu relacionamento seria uma troca mútua de carinho, amor e uma boa conversa. Sempre que tivessem vontade para isso. As trivialidades da vida quotidiana nunca seriam autorizadas a sobrecarregar o seu relacionamento.

Ouvindo a batida na porta, Viola pousou o regador e limpou as lágrimas à manga da blusa. Respirou fundo, lançou um último olhar aos seus gerânios, para ganhar coragem, e foi abrir a porta.

21 Restaurante célebre construído em 1938 no mais puro estilo funcionalista e muito em voga nos anos 60 do século XX. (*N. do T.*)

22 Jornalista desportivo e escritor sueco nascido em 1953. Um dos seus livros intitula-se *O Homem Que Falava com os Gerânios*. (*N. do T.*)

FJÄLLBACKA, 1943

– ACALMA-TE, BRITTA. QUE ACONTECEU? ELE EMBEBEDOU-SE OUTRA VEZ? – ESTAVAM SENTADAS NA CAMA DE BRITTA E ELSY ACARICIAVA AS COSTAS DA AMIGA PARA TENTAR ACALMÁ-LA. BRITTA ASSENTIU. TENTOU DIZER ALGO, MAS APENAS CONSEGUIU EMITIR UM SOLUÇO. ELSY PUXOU-A MAIS PARA SI, CONTINUANDO A ACARICIAR-LHE AS COSTAS.

– PRONTO... JÁ NÃO FALTA MUITO PARA TE MUDARES DAQUI. PARA CONSEGUIRES UM EMPREGO NALGUM LUGAR. PARA TE AFASTARES DE TODA ESTA DESGRAÇA.

– EU NUNCA... EU NUNCA VOU VOLTAR... – SOLUÇOU BRITTA, INCLINANDO-SE PARA A AMIGA.

ELSY SENTIA A BLUSA A FICAR MOLHADA DAS LÁGRIMAS DE BRITTA, MAS NÃO SE IMPORTAVA.

– ELE TRATOU OUTRA VEZ MAL A TUA MÃE?

BRITTA ASSENTIU.

– DEU-LHE UMA BOFETADA NA CARA. DEPOIS DISSO, NÃO VI MAIS NADA. FUI-ME EMBORA. AH, SE AO MENOS EU FOSSE RAPAZ, TINHA-LHE DADO TANTAS QUE O DEIXAVA TODO NEGRO.

– COM ESSA CARINHA TÃO JEITOSA, SERIA UM DESPERDÍCIO SE FOSSES UM RAPAZ – DISSE ELSY, ABRAÇANDO BRITTA E RINDO. CONHECIA SUFICIENTEMENTE BEM A AMIGA PARA SABER QUE UM POUCO DE BAJULAÇÃO A PUNHA SEMPRE DE BOM HUMOR.

– ÉS MUITO ENGRAÇADINHA – DISSE BRITTA, QUE JÁ ESTAVA MAIS CALMA E DEIXARA DE CHORAR. – MAS TENHO PENA DOS PEQUENOS, DOS MEUS IRMÃOS E DA MINHA IRMÃ.

– QUANTO A ISSO, NÃO HÁ MUITO QUE POSSAS FAZER – DISSE ELSY, IMAGINANDO OS TRÊS IRMÃOS MAIS NOVOS DE BRITTA. A GARGANTA

APERTOU-SE-LHE DE RAIVA QUANDO PENSOU COMO O PAI DE BRITTA TINHA TORNADO A VIDA DA FAMÍLIA DA AMIGA NUM INFERNO. EM FJÄLLBACKA, TORD JOHANSSON TINHA FAMA DE SER UM BÊBADO COM MAU VINHO. BATIA NA MULHER VÁRIAS VEZES POR SEMANA. EM RUTH, UMA CRIATURA ASSUSTADA QUE ESCONDIA AS NÓDOAS NEGRAS NO ROSTO POR DETRÁS DE UM LENÇO SE TIVESSE DE APARECER FORA DE CASA DEPOIS DE UMA TAREIA. ÀS VEZES, OS FILHOS TAMBÉM ERAM ALVO DA SUA IRA; PORÉM, ATÉ AGORA, AS TAREIAS TINHAM SIDO RESERVADAS PARA OS DOIS IRMÃOS MAIS NOVOS DE BRITTA. O PAI AINDA NÃO LEVANTARA A MÃO PARA BRITTA NEM PARA A SUA IRMÃ MAIS NOVA.

— SE AO MENOS ELE MORRESSE. SE CAÍSSE AO MAR E SE AFOGASSE QUANDO ESTÁ BÊBADO — SUSSURROU BRITTA.

ELSY ABRAÇOU-A COM MAIS FORÇA.

— CHIU. NÃO DEVES DIZER ESSAS COISAS, BRITTA. GRAÇAS À PROVIDÊNCIA DIVINA, TENHO A CERTEZA DE QUE TUDO VAI ACABAR POR SE COMPOR, DE UMA FORMA OU DOUTRA. É SEM QUE TENHAS DE COMETER UM PECADO, DESEJANDO-LHE A MORTE.

— DEUS? — DISSE AMARGAMENTE BRITTA. — ELE NUNCA ENCONTROU O CAMINHO ATÉ À NOSSA CASA. E, NO ENTANTO, A MINHA MÃE CONTINUA A REZAR TODOS OS DOMINGOS. E OLHA O BEM QUE ISSO LHE TEM FEITO! É FÁCIL PARA TI FALARES DE DEUS. OS TEUS PAIS SÃO TÃO BONS E NÃO TENS IRMÃOS OU IRMÃS COM QUEM COMPETIR OU DE QUEM CUIDAR — DISSE BRITTA COM AMARGURA INDISFARÇÁVEL.

ELSY SOLTOU A AMIGA. NUM TOM AMIGÁVEL MAS UM POUCO RÍSPIDO, DISSE:

— AS COISAS TAMBÉM NEM SEMPRE SÃO ASSIM TÃO FÁCEIS PARA NÓS. A MINHA MÃE PREOCUPA-SE TANTO COM O MEU PAI QUE ESTÁ A EMAGRECER DE DIA PARA DIA. DESDE QUE O ÖCKERÖ FOI TORPEDEADO, PENSA QUE CADA VIAGEM QUE O MEU PAI FAZ NO BARCO VAI SER A ÚLTIMA. ÀS VEZES VOU DAR COM ELA À JANELA A OLHAR FIXAMENTE PARA O MAR, COMO SE ESTIVESSE A IMPLORAR-LHE PARA TRAZER O MEU PAI DE VOLTA PARA CASA.

— BEM, NÃO ACHO QUE ISSO SEJA DE TODO A MESMA COISA — DISSE BRITTA, FUNGANDO PATETICAMENTE.

— CLARO QUE NÃO É A MESMA COISA. EU SÓ QUIS DIZER... ENFIM, DEIXA LÁ. — ELSY SABIA QUE ERA INÚTIL CONTINUAR A CONVERSA. ADORAVA BRITTA POR TODA A BONDADE QUE SABIA QUE A AMIGA TINHA DENTRO DELA; PORÉM, ÀS VEZES, A AMIGA CONSEGUIA SER INCRIVELMENTE EGOCÊNTRICA.

OUVIRAM ALGUÉM A SUBIR AS ESCADAS E BRITTA PÔS-SE DE PÉ DE UM SALTO, COMEÇANDO FRENETICAMENTE A LIMPAR AS LÁGRIMAS DO ROSTO.

— TENS VISITAS — DISSE HILMA. ATRÁS DELA, FRANS E ERIK APARECERAM NAS ESCADAS.

— OLÁ!

ELSY PERCEBEU QUE A MÃE NÃO ESTAVA SATISFEITA, MAS DEIXOU-OS SOZINHOS DEPOIS DE DIZER:

— ELSY, NÃO TE ESQUEÇAS QUE TENS DE IR ENTREGAR A ROUPA LAVADA A CASA DOS ÖSTERMAN... TENS DE IR LÁ DAQUI A DEZ MINUTOS. E LEMBRA-TE DE QUE O TEU PAI DEVE ESTAR A CHEGAR A CASA A QUALQUER MOMENTO.

QUANDO HILMA SAIU, FRANS E ERIK SENTARAM-SE DESCONTRAIDAMENTE NO CHÃO DO QUARTO DE ELSY, UMA VEZ QUE NÃO HAVIA MAIS NENHUM LUGAR ONDE SE SENTAREM.

— ELA NÃO PARECE GOSTAR MUITO DE NOS VER POR AQUI — DISSE FRANS.

— A MINHA MÃE NÃO ACREDITA QUE PESSOAS DE DIFERENTES CLASSES SOCIAIS DEVAM MISTURAR-SE — DISSE ELSY. — VOCÊS OS DOIS SÃO DE CLASSE ALTA, EMBORA NÃO CONSIGA PERCEBER MUITO BEM PORQUÊ — ELSY LANÇOU-LHES UM SORRISO MALICIOSO E FRANS DEITOU-LHE A LÍNGUA DE FORA EM RESPOSTA. ERIK OLHAVA PARA BRITTA.

— COMO ESTÁS, BRITTA? — PERGUNTOU CALMAMENTE. — PARECES PREOCUPADA COM ALGUMA COISA.

— NÃO TENS NADA QUE VER COM ISSO — RETORQUIU BRITTA, ERGUENDO A CABEÇA.

— PROVAVELMENTE É SÓ UM DAQUELES PROBLEMAS DAS RAPARIGAS — DISSE FRANS, DANDO UMA GARGALHADA.

BRITTA LANÇOU-LHE UM OLHAR ADULADOR E UM SORRISO RASGADO.

MAS AINDA TINHA OS OLHOS VERMELHOS DE CHORO.

— PORQUE É QUE LEVAS SEMPRE TUDO PARA A BRINCADEIRA, FRANS? — PERGUNTOU ELSY, CRUZANDO AS MÃOS NO COLO. — A VIDA ÀS VEZES NÃO É FÁCIL PARA ALGUMAS PESSOAS, SABES. NEM TODOS SÃO COMO TU E O ERIK. A GUERRA TROUXE DIFICULDADES A MUITAS FAMÍLIAS. DEVIAS PENSAR NISSO DE VEZ EM QUANDO.

— PORQUE É QUE ME ESTÁS A PÔR NO MESMO SACO? — PERGUNTOU ERIK, OFENDIDO. — TODOS SABEMOS QUE FRANS É UM TOLO IGNORANTE, MAS AGORA ACUSARES-ME DE NÃO ESTAR CIENTE DE QUE AS PESSOAS ESTÃO A SOFRER... — ERIK LANÇOU UM OLHAR AMUADO A ELSY, MAS DEPOIS DEU UM PULO E GRITOU «AI!» QUANDO FRANS LHE DEU UM SOCO NO BRAÇO.

— TOLO IGNORANTE? PERDOEM-ME POR DISCORDAR. OS TOLOS SÃO AQUELES QUE DIZEM: «ESTOU CIENTE DE QUE AS PESSOAS ESTÃO A SOFRER.» PARECE QUE TENS OITENTA ANOS. PELO MENOS. AQUELES LIVROS TODOS QUE TU LÊS NÃO TE FAZEM BEM À SAÚDE. ESTÃO A PÔR-TE MALUQUINHO, AQUI — FRANS BATEU COM O DEDO NA TESTA.

— ORA, NÃO LHE LIGUES — DISSE ELSY COM CANSAÇO. ÀS VEZES, FARTAVA-SE DAS BRIGAS CONSTANTES DAQUELES DOIS. ERAM TÃO INFANTIS.

UM RUÍDO VINDO DO RÉS DO CHÃO FEZ COM QUE O SEU ROSTO SE ILUMINASSE.

— O PAPÁ CHEGOU! — DISSE ELSY, SORRINDO ALEGREMENTE AOS TRÊS AMIGOS E DESCENDO AS ESCADAS PARA IR AO SEU ENCONTRO. MAS PAROU A MEIO CAMINHO, APERCEBENDO-SE DE QUE A ALEGRE BARULHEIRA QUE SEMPRE ACOMPANHAVA A CHEGADA DO PAI A CASA ESTAVA COMPLETAMENTE AUSENTE. EM VEZ DISSO, ELSY OUVIU AS VOZES DOS PAIS A SUBIR E A DESCER DE TOM, INDICIANDO PROBLEMAS. ASSIM QUE O VIU, ELSY SOUBE QUE ALGO TINHA CORRIDO TERRIVELMENTE MAL. O PAI TINHA O ROSTO PÁLIDO E PASSAVA UMA MÃO PELO CABELO, COMO SEMPRE FAZIA QUANDO ESTAVA PARTICULARMENTE PREOCUPADO.

— PAPÁ? — DISSE HESITANTEMENTE ELSY, SENTINDO O CORAÇÃO A MARTELAR-LHE O PEITO. QUE TERIA ACONTECIDO? ELSY TENTOU OLHÁ-LO NOS OLHOS, MAS VIU QUE O OLHAR DO PAI ESTAVA CRAVADO EM ERIK, QUE

TINHA DESCIDO ATRÁS DELA. O PAI ABRIU A BOCA VÁRIAS VEZES PARA FALAR, MAS DEPOIS FECHAVA-A NOVAMENTE, INCAPAZ DE PRONUNCIAR UMA PALAVRA QUE FOSSE. POR FIM, CONSEGUIU DIZER:

— ACHO QUE DEVIAS IR PARA CASA, ERIK. A TUA MÃE E O TEU PAI... VÃO PRECISAR DE TI.

— PORQUÊ? O QUE ACONTECEU? — ENTÃO, ERIK TAPOU A BOCA COM A MÃO, AO PERCEBER QUE O PAI DE ELSY ESTAVA PRESTES A DAR-LHE MÁS NOTÍCIAS. — AXEL? ELE... — ERIK NÃO CONSEGUIU TERMINAR A FRASE, MAS COMEÇOU A ENGOLIR EM SECO, COMO QUE PARA TENTAR LIVRAR-SE DO NÓ QUE AGORA TINHA NA GARGANTA. UMA IMAGEM DO CORPO SEM VIDA DE AXEL PASSOU-LHE RAPIDAMENTE PARA CABEÇA. COMO PODERIA ENFRENTAR O PAI E A MÃE? COMO PODERIA...

— AXEL NÃO MORREU — DISSE ELOF QUANDO PERCEBEU NO QUE O RAPAZ ESTAVA A PENSAR. — AXEL NÃO MORREU — REPETIU. — MAS OS ALEMÃES APANHARAM-NO.

A EXPRESSÃO DE ERIK TRANSFORMOU-SE EM PERPLEXIDADE. O ALÍVIO E A ALEGRIA QUE SENTIU AO OUVIR QUE O IRMÃO NÃO ESTAVA MORTO FORAM RAPIDAMENTE SUBSTITUÍDOS PELA PREOCUPAÇÃO E CONSTERNAÇÃO AO IMAGINAR AXEL NAS MÃOS DO INIMIGO.

— ANDA, EU ACOMPANHO-TE A CASA — DISSE ELOF. TODO O SEU CORPO PARECIA CARREGAR O PESO DA RESPONSABILIDADE DE CONTAR AOS PAIS DE AXEL QUE, DAQUELA VEZ, O FILHO NÃO TINHA REGRESSADO.

§

PAULA SORRIA DE SATISFAÇÃO NO ASSENTO TRASEIRO. Havia algo tão agradável e familiar na forma como Patrik e Martin se metiam um com o outro nos bancos da frente. Naquele momento, Martin alongava-se numa diatribe sobre a condução de Patrik, acentuando que não era algo de que tivesse sentido falta. Mas era óbvio que os dois homens gostavam um do outro. E Paula já tinha ganho um grande respeito por Patrik.

Até agora, Tanumshede parecia ter sido uma boa jogada. Desde que chegara, Paula sentia-se como se tivesse voltado a casa. Vivera em Estocolmo durante tantos anos que se tinha esquecido de como era viver numa cidade pequena. De algum modo, era como se Tanumshede lhe recordasse a pequena cidade no Chile onde passara os primeiros anos de vida. Não conseguia encontrar outra explicação para o facto de se ter adaptado tão rapidamente àquele lugar. Não havia nada de que sentisse saudades em Estocolmo. Talvez a culpa não fosse de Estocolmo; enquanto polícia, Paula tinha visto as piores coisas possíveis e isso tinha contaminado a sua visão da cidade. Mas, na verdade, nunca se sentira em casa na capital, mesmo em criança. Ela e a mãe tinham feito parte de uma das vagas iniciais de imigrantes; foi-lhes atribuído um pequeno apartamento nos arredores de Estocolmo, num bairro onde os seus olhos escuros e cabelos pretos faziam com que fossem segregadas. Paula era a única aluna da turma que não nascera na Suécia. E teve de pagar por isso. Cada dia, cada minuto, pagara pelo facto de ter nascido num país diferente. De nada adiantara que, apenas um ano depois da sua chegada, já conseguisse

falar sueco perfeitamente, sem qualquer vestígio de sotaque. Continuava a ser uma estranha aos olhos dos outros.

Ao contrário da crença popular, o racismo na polícia tinha deixado de ser um problema quando Paula se juntara à corporação. Os Suecos tinham-se finalmente acostumado a pessoas de outros países e Paula já não era realmente considerada uma imigrante. Em parte porque tinha vivido tantos anos na Suécia e também porque, devido à sua origem sul-americana, não encaixava na mesma categoria dos refugiados do Médio Oriente e de África. Paula pensara muitas vezes no absurdo que era ter perdido o estatuto de imigrante em virtude de parecer menos estrangeira do que os refugiados mais recentes.

Achava os homens como Frans Ringholm assustadores. Não viam nuances, não viam variações. Bastava-lhes um breve relance para marcar alguém como alvo a abater apenas com base na sua aparência. Tinham sido esses mesmos preconceitos indiscriminados que as tinham forçado, a ela e à mãe, a fugir do Chile. As crenças centenárias que decretavam que apenas uma atitude, apenas um tipo de pessoa eram adequados. Tudo o resto era um anátema, uma ameaça à ordem mundial que tinham estabelecido. Sempre existiram pessoas como Ringholm. Pessoas que acreditavam serem possuidoras da inteligência, do poder ou da força para determinar a norma.

– Que número é que disseste? – Martin virou-se para Paula, interrompendo os seus pensamentos. Paula olhou para o papel que tinha na mão.

– Número sete.

– Ali – disse Martin, apontando para o edifício. Patrik virou o carro e estacionou. Estavam no bairro de Kullen, em frente a um bloco de apartamentos do outro lado do campo de jogos.

A habitual placa na porta com o nome do proprietário do apartamento fora substituída por outra muito mais personalizada, em madeira e com o nome de Viola Pettersson elegantemente impresso dentro de um círculo de flores pintadas à mão. E a mulher que abriu a porta combinava com a placa. Viola era cheia mas bem proporcionada

e o seu rosto irradiava amabilidade. Quando Paula viu o vestido romântico florido que a mulher usava, pensou que um chapéu de palha lhe assentaria na perfeição, empoleirado sobre o cabelo grisalho apanhado num carrapito.

– Entrem – disse Viola, afastando-se. Paula olhou apreciativamente para o vestíbulo. O apartamento era muito diferente do seu, mas agradava-lhe. Nunca tinha estado na Provença, mas era assim que a imaginava. Mobiliário rústico combinado com tecidos e pinturas com motivos florais. Olhou para a sala e constatou que ali também prevalecia o mesmo estilo.

– Fiz café para todos – anunciou Viola, conduzindo-os à sala. Sobre a mesa estava um delicado serviço de café decorado com flores cor-de-rosa e biscoitos dispostos numa bandeja.

– Obrigado – disse Patrik, sentando-se cautelosamente no sofá. Depois de terminadas as apresentações, Viola serviu café a todos e depois pareceu ficar à espera que os agentes prosseguissem.

– Como é que a senhora consegue que os gerânios fiquem tão bonitos? – deu por si Paula a perguntar enquanto tomava um pouco de café. Patrik e Martin olharam para a colega com surpresa. – Os meus acabam sempre por apodrecer ou secar – explicou. Patrik e Martin ergueram ainda mais as sobrancelhas.

– Oh, na verdade não é assim tão difícil – respondeu Viola com orgulho. – Basta certificar-se de que a terra seca devidamente entre as regas; nunca deve regá-los demasiado. Lasse Anrell deu-me uma sugestão maravilhosa. Disse-me para os fertilizar com um pouco de urina de vez em quando. E o truque resulta mesmo.

– Lasse Anrell? – perguntou Martin. – Não é o jornalista desportivo do *Aftonbladet*²³? Que tem ele que ver com gerânios?

Viola olhou para Martin como se achasse desnecessário dar-se ao trabalho de responder a uma pergunta tão disparatada. Para ela, Lasse era acima de tudo um especialista em gerânios; o facto de também ser um jornalista desportivo e uma personalidade televisiva mal tinha aflorado o seu consciente.

Patrik aclarou a garganta.

– Pelo que sabemos, a senhora e Erik Frankel encontravam-se com bastante regularidade – fez uma pausa, mas depois prosseguiu: – Eu... Eu lamento muito a sua perda.

– Obrigada – disse Viola, olhando para a sua chávena de café. – Sim, costumávamos encontrar-nos. Por vezes, Erik ficava cá em casa, talvez duas vezes por mês.

– Como foi que se conheceram? – perguntou Paula. Era difícil imaginar como aquelas duas pessoas se tinham encontrado, tendo em conta como eram diferentes as suas casas.

Viola sorriu. Paula reparou que a idosa tinha duas covinhas encantadoras.

– Erik deu uma palestra na biblioteca há alguns anos. Já não me recordo bem há quantos. Talvez há quatro... Seja como for, era uma palestra acerca de Bohuslän e a Segunda Guerra Mundial, se bem me lembro. Depois começámos a conversar e, bem... uma coisa levou à outra – Viola sorriu ao recordar-se.

– Nunca se encontraram em casa de Erik? – perguntou Martin, alcançando um biscoito.

– Não. Erik pensava que era mais fácil se nos encontrássemos aqui. Ele partilha... partilhava a casa com o irmão, como sabem. E, mesmo que Axel estivesse fora durante muito tempo... Não, Erik preferia vir aqui.

– Erik alguma vez mencionou ter recebido ameaças? – perguntou Patrik.

Viola abanou vigorosamente a cabeça.

– Não, nunca. Nem sequer consigo imaginar... Quer dizer, porque quereria alguém ameaçar Erik, um professor de História reformado? É absurdo pensar sequer numa coisa dessas.

– Mas o facto é que Erik recebeu realmente ameaças, pelo menos indiretamente, por causa do seu interesse pela Segunda Guerra Mundial e pelo nazismo. Algumas organizações não gostam que se pintem imagens da História com as quais não concordam.

– Erik não pintava imagens, como o senhor referiu de forma tão leviana – retorquiu Viola. De repente, os olhos cintilavam-lhe de raiva.

– Erik era um historiador dedicado, meticoloso em relação aos factos e extremamente exigente ao retratar a verdade como ela realmente era, não do modo como ele ou qualquer outra pessoa teria gostado que tivesse sido. Erik não pintava imagens. Juntava *puzzles*. Sempre muito lentamente, peça a peça, acabava por descortinar como tinham sido as coisas no passado. Uma peça com céu azul aqui, uma peça com um prado verde acolá; até que, finalmente, podia mostrar os resultados a todos nós. Não é que Erik tenha alguma vez chegado a terminar o seu trabalho – acrescentou Viola. A expressão doce regressara aos seus olhos. – Há sempre mais factos, mais realidade por revelar.

– Porque era Erik tão apaixonado pela Segunda Guerra Mundial? – perguntou Paula.

– Porque é que uma pessoa se interessa por alguma coisa? Porque é que eu adoro gerânios? Porque não rosas? – Viola abriu os braços; porém, ao mesmo tempo, a sua expressão tornou-se pensativa. – No caso de Erik, não é preciso ser o Einstein para perceber o motivo. O que aconteceu ao irmão durante a guerra marcou-o. Erik nunca falou comigo sobre isso, ou melhor, falou uma única vez... que também foi a única que o vi bêbado. Foi a última vez que nos vimos – a voz de Viola fraquejou e a senhora demorou alguns minutos a recompor-se o suficiente para prosseguir: – Erik apareceu cá em casa sem me ter dito antes que vinha. Só isso já era invulgar, mas também era óbvio que tinha bebido demasiado, o que era verdadeiramente inédito. A primeira coisa que fez quando entrou foi dirigir-se ao bar e servir-se de um grande copo de *whisky*. Depois, sentou-se aqui, no sofá, e começou a falar enquanto bebia. Eu não percebi muito do que ele dizia; pareciam-me divagações de um bêbado. Mas consegui perceber que a conversa tinha que ver com Axel e com o que o irmão passara quando esteve preso. E de como isso afetara a família.

– A senhora disse que essa foi a última vez que viu Erik. Porquê? Porque não voltaram a encontrar-se durante o verão? Não se

interrogou acerca do paradeiro dele?

O rosto de Viola contorceu-se enquanto tentava conter as lágrimas. Por fim, numa voz rouca, disse:

– Porque Erik me disse adeus. Saiu daqui à meia-noite... ou antes cambaleou porta fora... e a última coisa que disse foi que tínhamos de despedir-nos. Agradeceu-me pelo tempo que passámos juntos e beijou-me na face. Depois saiu. Pensei que aquilo não passava de disparates de uma pessoa alcoolizada. No dia seguinte, comportei-me como uma tolinha; passei o dia todo sentada a olhar para o telefone, à espera que Erik me ligasse a explicar ou a pedir desculpas, ou... o que quer que fosse... Mas Erik não disse nada. E, por causa do meu estúpido orgulho... meu Deus, como fui idiota..., recusei-me a ser eu a telefonar-lhe. Se lhe tivesse ligado, Erik poderia não ter sido deixado sozinho ali... – os soluços apoderaram-se de Viola, impedindo-a de terminar a frase.

Mas Paula compreendeu. Pôs a mão sobre a de Viola e disse gentilmente:

– Não podia ter feito nada para evitar o que aconteceu. Como poderia saber?

Viola assentiu relutantemente e limpou as lágrimas com as costas da mão.

– A senhora lembra-se em que dia Erik esteve aqui pela última vez? – perguntou Patrik.

– Vou verificar na agenda – respondeu Viola, que se levantou em seguida, visivelmente aliviada por aquela pausa. – Todos os dias faço anotações na agenda; portanto, devo ser capaz de descobrir o que me está a pedir – Viola saiu da sala e demorou-se algum tempo.

– Foi a quinze de junho – disse Viola ao regressar. – Lembro-me de ter ido ao dentista nessa tarde, por isso tenho a certeza de que foi nesse dia que Erik esteve cá.

– Certíssimo. Muito obrigado – disse Patrik, levantando-se.

Depois de se terem despedido de Viola e de estarem outra vez na rua, todos pensavam no mesmo. O que aconteceu a 15 de junho que

fez com que Erik, contrariamente ao que era habitual, se embriagasse e depois terminasse a sua relação com Viola? O que poderia ter acontecido?

* * *

– É óbvio que não tem qualquer controlo sobre ela!

– Mas, Dan, estás a ser injusto! Como podes ter tanta certeza de que não terias caído na mesma esparrela? – Anna estava encostada à bancada, de braços cruzados, e fitava-o, irritada.

– Oh, não, eu não. De forma alguma! – disse Dan. Tinha o cabelo loiro todo em pé, porque estava constantemente a passar as mãos por ele, tal era a frustração que sentia.

– Pois, e quem o diz é a mesma pessoa que pensou seriamente que alguém tinha entrado cá em casa durante a noite e comido todos os bombons que havia na despensa. Se eu não tivesse encontrado os invólucros debaixo da almofada da Lina, ainda estarias lá fora, à procura de um ladrão com a boca lambuzada de chocolate – Anna reprimiu uma gargalhada e sentiu parte da sua irritação desvanecer-se. Olhando para Anna, Dan sentiu um sorriso a tentar formar-se nos próprios lábios.

– Tens de admitir que ela foi muito convincente quando me garantiu que estava inocente.

– Sim, sem dúvida. Aquela miúda vai ganhar um Óscar quando crescer. Mas não te esqueças de que a Belinda consegue ser tão convincente como a Lina. Não é de admirar que a Pernilla tenha acreditado nela. Se queres ser completamente franco, não podes jurar que não terias feito o mesmo.

– Está bem, está bem – admitiu Dan de mau humor. – Mas a Pernilla devia ter telefonado à mãe da amiga para verificar se era verdade. Eu teria feito isso.

– Sim, provavelmente, terias. E, de agora em diante, a Pernilla vai fazer o mesmo.

– Porque estão a falar da mamã? – Belinda desceu as escadas, ainda em camisa de noite e com o cabelo todo desgrenhado. Recusara-se a sair da cama desde que a tinham trazido de casa de Erica e de Patrik no sábado de manhã, de ressaca e, aparentemente, cheia de remorsos. A maior parte dos remorsos tinha desaparecido, tendo sido substituída por mais um pouco daquela raiva que se tinha tornado uma companhia constante da rapariga.

– Nós não estamos a falar especificamente da tua mãe – disse Dan com cansaço, sentindo que mais uma briga estava iminente.

– Estás outra vez a dizer merdas acerca da minha mãe? – rosnou Belinda, voltando-se para Anna.

Lançando um olhar resignado na direção de Dan, Anna disse calmamente:

– Eu nunca disse nada de mal sobre a tua mãe... e tu sabes muito bem disso. Portanto, não fales comigo nesse tom.

– Falo no tom que me apetece! – gritou Belinda. – Esta é a minha casa, não é a tua! Por isso, podes pegar na porcaria dos teus filhinhos e pôr-te a andar daqui para fora!

Dan deu um passo em frente. Os olhos faiscavam.

– Não fales assim à Anna! Esta também é a casa dela. O mesmo vale para o Adrian e a Emma. E se não gostares da ideia... – assim que as palavras lhe saíram da boca, Dan apercebeu-se de que não podia ter dito coisa pior.

– Não, não gosto! Assim que fizer as malas, vou para casa da mamã! E é lá que vou ficar até que esta mulher e os filhos dela saiam daqui! – Belinda rodou nos calcanhares e correu escada acima. Dan e Anna sobressaltaram-se quando a porta do quarto da rapariga se fechou com um estrondo.

– Talvez ela tenha razão, Dan – disse Anna num fio de voz. – Talvez tenhamos feito tudo depressa de mais. Quer dizer, a Belinda não teve muito tempo para se habituar à ideia, nós aparecemos quase de repente e invadimos a cada dela, a vida dela.

– Por amor de Deus, a Belinda tem dezassete anos. E está a

comportar-se como uma criança de cinco anos.

– Tens de compreender o ponto de vista dela. Não deve ter sido fácil para ela. Estava numa idade sensível quando tu e a Pernilla se separaram e...

– Ah, muito obrigado. Como se eu precisasse outra vez de ser recriminado. Sei muito bem que a culpa de nos termos divorciado foi minha; portanto, não precisas de mo atirar à cara.

Dito isto, Dan passou bruscamente por Anna e saiu pela porta da frente. Pela segunda vez, uma porta foi fechada com tanto estrondo que as vidraças abanaram. Durante alguns segundos, Anna permaneceu imóvel, encostada à bancada da cozinha. Depois, deixou-se escorregar para o chão e chorou.

23 Tabloide sueco. Um dos diários mais lidos na Suécia e em toda a Escandinávia. (*N. do T.*)

FJÄLLBACKA, 1943

– OUVI DIZER QUE OS ALEMÃES CONSEGUIRAM FINALMENTE DEITAR A LUVA AO FILHO DO MÉDICO – VILGOT DEU UMA RISADA DE SATISFAÇÃO ENQUANTO PENDURAVA O CASACO NO CABIDE DO CORREDOR. ENTREGOU A SUA PASTA A FRANS, QUE A COLOCOU NO LUGAR HABITUAL, ENCOSTADA A UMA CADEIRA.

– JÁ NÃO ERA SEM TEMPO. TRAIÇÃO, É O QUE EU CHAMO AO QUE ELE TEM ANDADO A FAZER, MAS AS PESSOAS SÃO COMO CARNEIROS. LIMITAM-SE A SEGUIR A MULTIDÃO E BALEM QUANDO LHES É ORDENADO. APENAS ALGUÉM COMO EU, QUE OUSA PENSAR DE FORMA INDEPENDENTE, PODE VER AS COISAS COMO ELAS REALMENTE SÃO. E ACREDITA NO QUE TE DIGO, AXEL FRANKEL ERA UM TRAIADOR. ESPERO QUE LHE DEEM RAPIDAMENTE O QUE ELE MERECE.

VILGOT ENTROU NA SALA E AFUNDOU-SE NA SUA POLTRONA PREFERIDA. FRANS SEGUIU NO SEU ENCALÇO E O PAI OLHOU PARA ELE.

– ENTÃO, ONDE ESTÁ A MINHA BEBIDA? HOJE ESTÁS UM BOCADO LENTO, NÃO ESTÁS? – VILGOT PARECIA IRRITADO E FRANS PRECIPITOU-SE PARA O BAR, PARA SERVIR UM COPO AO PAI. AQUELA ERA UMA ROTINA PARA AMBOS DESDE QUE FRANS AINDA ERA UM RAPAZINHO. A MÃE NÃO GOSTARA QUE VILGOT PEDISSE A FRANS QUE LIDASSE COM BEBIDAS ALCOÓLICAS SENDO TÃO NOVINHO; PORÉM, COMO ERA HABITUAL, NÃO TINHA TIDO GRANDE VOTO NA MATÉRIA.

– SENTA-TE, RAPAZ, SENTA-TE – SEGURANDO O COPO COM FIRMEZA, VILGOT FEZ UM GESTO MAGNÂNIMO NA DIREÇÃO DA POLTRONA JUNTO DAQUELA QUE OCUPAVA. FRANS SENTIU UM BAFO A ÁLCOOL QUANDO SE SENTOU. A BEBIDA QUE SERVIRA AO PAI NÃO ERA CERTAMENTE A PRIMEIRA DO DIA.

— SABES, HOJE, O TEU PAI FEZ UM NEGÓCIO EXCELENTE — VILGOT INCLINOU-SE PARA A FRENTE E AS EMANAÇÕES ALCOÓLICAS ENCHERAM AS NARINAS DE FRANS. — ASSINEI UM CONTRATO COM UMA EMPRESA ALEMÃ. UM CONTRATO DE EXCLUSIVIDADE. VOU SER O ÚNICO FORNECEDOR DELES NA SUÉCIA. DISSERAM QUE ESTAVAM A TER DIFICULDADES EM ENCONTRAR SÓCIOS DE NEGÓCIOS E EU ACREDITO — VILGOT DEU NOVA RISADA, O QUE FEZ COM QUE A SUA GRANDE BARRIGA ABANASSE. ACABOU COM A BEBIDA E ESTENDEU O COPO A FRANS. — SERVE-ME OUTRO — TINHA OS OLHOS VIDRADOS POR CAUSA DO ÁLCOOL. A MÃO DE FRANS TREMEU LIGEIRAMENTE QUANDO PEGOU NO COPO. E AINDA ESTAVA A TREMER QUANDO SERVIU A AROMÁTICA BEBIDA ESPIRITUOSA, ENTORNANDO ALGUMAS GOTAS.

— SERVE TAMBÉM UM PARA TI — DISSE VILGOT. PARECIA MAIS UMA ORDEM DO QUE UM CONVITE. E ERA MESMO. FRANS POUSOU O COPO COMPLETAMENTE CHEIO DO PAI E PEGOU NUM VAZIO PARA SI PRÓPRIO. A MÃO JÁ NÃO ESTAVA A TREMER QUANDO O ENCHEU ATÉ À BORDA. CONCENTRANDO TODA A ATENÇÃO NAQUELA TAREFA, FRANS LEVOU OS DOIS COPOS ATÉ JUNTO DO PAI. VILGOT ERGUEU O COPO QUANDO FRANS SE VOLTOU A SENTAR. — BOTA ABAIXO, RAPAZ.

FRANS SENTIU O LÍQUIDO A QUEIMÁ-LO POR DENTRO, DESDE A GARGANTA ATÉ AO ESTÔMAGO, ONDE ASSENTOU COMO UM NÓDULO QUENTE. O PAI SORRIU. UM FIO DE ÁLCOOL ESCORRIA-LHE PARA O QUEIXO.

— ONDE SE METEU A TUA MÃE? — PERGUNTOU VILGOT EM VOZ BAIXA.

FRANS OLHAVA FIXAMENTE PARA UM PONTO INDISTINTO NA PAREDE.

— A MÃE FOI VISITAR A AVÓ E VAI VOLTAR TARDE A CASA — A VOZ SOOU ABAFADA E METÁLICA, COMO SE VIESSE DE OUTRA PESSOA. DE ALGUÉM LÁ FORA.

— ÓTIMO. ASSIM, PODEMOS FALAR EM PAZ. FORÇA, FILHO... BEBE OUTRO.

FRANS ESTAVA CONSCIENTE DOS OLHOS DO PAI CRAVADOS NELE QUANDO VOLTOU A ENCHER O SEU COPO. DESSA VEZ NÃO DEIXOU A GARRAFA NO BAR, LEVANDO-A CONSIGO. VILGOT SORRIU DE AGRADECIMENTO E ERGUEU

O COPO PARA ASSINALAR QUE QUERIA MAIS.

– ÉS BOM RAPAZ, FRANS.

O ÁLCOOL QUEIMOU-LHE NOVAMENTE A GARGANTA ANTES DE SE TRANSFORMAR NUMA AGRADÁVEL SENSACÃO, ALGURES NO VENTRE. OS CONTORNOS DE TUDO O QUE HAVIA EM SEU REDOR COMEÇARAM A DISSOLVER-SE. FRANS SENTIU QUE ESTAVA A FLUTUAR NO LIMBO, ENTRE A REALIDADE E A IRREALIDADE.

A VOZ DE VILGOT TORNOU-SE MAIS SUAVE.

– POSSO GANHAR MILHARES DE RIKSDALER²⁴ COM ESTE NEGÓCIO, E ISTO SÓ NOS PRÓXIMOS ANOS. E, SE OS ALEMÃES CONTINUAREM A AUMENTAR A SUA PROCURA DE ARMAMENTO, PODEREI GANHAR MUITO MAIS. TALVEZ MESMO MILHÕES. ELES PROMETERAM PÔR-ME EM CONTACTO COM OUTRAS EMPRESAS QUE PRECISAM DOS NOSSOS SERVIÇOS. AGORA QUE JÁ METI O PÉ NA PORTA... – OS OLHOS DE VILGOT RELUZIAM À LUZ FRACA DO ENTARDECER. LAMBEU OS LÁBIOS. – UM DIA, VAIS HERDAR UM NEGÓCIO DE SUCESSO, FRANS – VILGOT ESTENDEU A MÃO PARA A POUSAR NA PERNA DO FILHO. – CHEGARÁ O DIA EM QUE VAIS PODER DIZER A TODA A GENTE DE FJÄLLBACKA PARA IR DAR UMA CURVA. DEPOIS DE OS ALEMÃES TOMAREM O PODER, VAMOS SER NÓS A MANDAR. E ENTÃO VAMOS TER MAIS DINHEIRO DO QUE AQUELES IDIOTAS ALGUMA VEZ SONHARAM. PORTANTO, BEBE UM COPO COM O TEU PAI E VAMOS BRINDAR AO FUTURO RADIOSO! – VILGOT ERGUEU O COPO E TOCOU NO DE FRANS, QUE O RAPAZ ENCHERA NOVAMENTE ATÉ À BORDA.

A SENSACÃO DE BEM-ESTAR CONTINUOU A ESPALHAR-SE PELO PEITO DE FRANS QUANDO BEBEU MAIS UM COPO NA COMPANHIA DO PAI.

²⁴ Antiga moeda sueca que deixou de circular em 1873. O termo ainda é utilizado coloquialmente para se referir à coroa sueca. (*N. do T.*)

§

GÖSTA TINHA ACABADO DE COMEÇAR UMA PARTIDA DE GOLFE no computador quando ouviu os passos de Mellberg no corredor. Encerrou rapidamente o jogo e pegou num relatório, tentando parecer profundamente embrenhado na sua leitura. Os passos de Mellberg aproximaram-se, mas havia neles algo de diferente. E o que era aquele estranho resmungar? Gösta girou a cadeira para trás, para poder enfiar a cabeça no corredor. A primeira coisa que viu foi *Ernst*, que seguia indolentemente à frente de Mellberg com a longa língua de fora, como era costume. Atrás dele vinha uma figura estranhamente curvada, que se arrastava laboriosamente para a frente. Era alguém muito parecido com Mellberg, mas ao mesmo tempo parecia outra pessoa.

– Para onde diabo estás a olhar?

Aquela voz e aquele tom pertenciam definitivamente ao seu chefe.

– Que foi que lhe aconteceu? – perguntou Gösta. Annika espreitava da cozinha, onde estava ocupada a dar de comer a Maja.

Mellberg murmurou algo inaudível.

– O quê? – perguntou Annika. – Que foi que disse? Não apanhei.

Mellberg olhou com raiva para a secretária e disse:

– Tenho andado a ter lições de Salsa. Há algum problema com isso?

Gösta e Annika entreolharam-se com espanto. Em seguida, esforçaram-se por manter um ar sério.

– Então? – gritou Mellberg. – Têm alguma observação engraçada para fazer? Não? Vejam lá, o que não falta são motivos para cortar nos salários do pessoal desta esquadra – depois, Mellberg bateu com a porta do seu gabinete.

Durante vários segundos, Annika e Gösta ficaram espedaçados a olhar para a porta fechada, mas depois não conseguiram conter-se por mais tempo. Riram-se ambos até às lágrimas, mas tiveram o cuidado de o fazerem o mais silenciosamente possível.

Tendo verificado que a porta de Mellberg ainda estava fechada, Gösta dirigiu-se sorrateiramente à cozinha e sussurrou para Annika:

– Ele disse que estava a ter lições de Salsa? Será que ouvi bem?

– Receio bem que sim – respondeu Annika, limpando as lágrimas à manga da blusa. Sentada à mesa com o seu prato à frente, Maja olhou para eles, fascinada.

– Mas porquê? Que diabo lhe terá dado? – disse Gösta, incrédulo, enquanto tentava imaginar a cena.

– Bem, é a primeira vez que ouço tal coisa – ainda a rir, Annika abanou a cabeça e depois sentou-se para continuar a dar o almoço a Maja.

– Reparaste como ele estava rígido? Parecia aquela criatura de *O Senhor dos Anéis*. O Gollum. Não é assim que se chama? – Gösta deu o seu melhor para imitar a forma de andar de Mellberg e Annika tapou a boca com a mão para não uivar de tanto rir.

– Salsa! O corpo de Mellberg deve ter levado um choque e peras. O chefe não faz exercício nenhum há... bem, nunca fez. Continua a ser um mistério para mim como é que ele passou na parte física do treino, na academia de polícia.

– Bem, Mellberg até pode ter sido um grande atleta quando era mais jovem – Annika pensou no que acabara de dizer e depois abanou a cabeça. – Mas não me parece. Valha-me Deus, esta é a anedota do dia. Mellberg a ter lições de Salsa! Que virá a seguir? – Annika levou uma colher cheia de comida à boca de Maja, mas a criança virou teimosamente a cabeça. – Esta miúda não quer comer nada. Mas se eu não conseguir fazer com que coma pelo menos algumas colheres, eles nunca mais vão deixar-me ficar a tomar conta dela – a secretária suspirou e fez nova tentativa, mas a boca de Maja permanecia tão impenetrável como o Forte Knox.²⁵

– Achas que posso tentar? – perguntou Gösta, alcançando a colher. Annika olhou para ele com surpresa.

– Tu? Bem, força. Mas não tenhas muitas esperanças. – Gösta não respondeu, enquanto trocava de lugar com Annika para ir sentar-se ao lado de Maja. Gösta voltou a pôr no prato metade da montanha de comida que Annika tinha colocado na colher e, em seguida, ergueu-a no ar.

– Vrum, vrum, vrum, aqui vem o avião – Gösta movimentou a colher de um lado para o outro como se de um avião se tratasse e foi recompensado com a total atenção de Maja. – Vrum, vrum, vrum, aqui vem o avião, está a ir mesmo na direção da tua... – a boca de Maja abriu-se como que por sugestão, e o avião, com a sua carga de esparguete à bolonhesa, aterrou dentro dela. – Hum... que delícia – disse Gösta, colocando mais um pouco de comida na colher. – Tchuka, tchuka, tchuka, agora vem aí o comboio. Tchuka, tchuka, tchuka, está quase a entrar no túnel – a boca de Maja abriu-se novamente e o esparguete entrou no túnel.

– Não posso acreditar! – exclamou Annika, boquiaberta. – Onde é que aprendeste a fazer isso?

– Oh, isto não é nada de especial – disse Gösta com modéstia. Mas sorriu orgulhosamente quando um carro de corrida acelerou para a terceira colherada.

Annika sentou-se à mesa da cozinha a observar como Gösta ia lentamente esvaziando o prato à frente de Maja, que comeu até à última migalha.

– Sabes que mais, Gösta? – disse Annika. – A vida às vezes é tão injusta!

– Já pensaram em adotar uma criança? – perguntou Gösta, sem olhar para Annika. – No meu tempo não era muito comum, mas se fosse hoje nem hesitava. Quase que parece que agora uma em cada duas crianças é adotada.

– Nós já conversámos sobre isso – disse Annika, desenhando círculos na toalha com a ponta de dedo. – Mas nunca chegámos a

nenhuma conclusão. Fizemos o nosso melhor para preencher as nossas vidas com outras coisas além das crianças... mas...

– Ainda estão a tempo – disse Gösta. – Se começarem agora o processo, pode ser que não demore muito. E a cor da pele da criança não importa, por isso escolhe o país que tenha a lista de espera mais curta. Há tantas crianças que precisam de um lar. Se eu fosse uma criança órfã, ia agradecer muito à minha boa estrela se fosse adotado por ti e pelo Lennart.

Annika engoliu em seco e olhou para o dedo que se movia sobre a toalha. As palavras de Gösta tinham despertado algo dentro de si, algo que ela e Lennart tinham de alguma forma reprimido nos últimos anos. Talvez tivessem receio. Depois de todos os abortos, de todas as esperanças que tinham sido constantemente destruídas. Mas talvez agora fossem suficientemente fortes. Talvez conseguissem, talvez se atrevessem. Porque a sensação de perda ainda lá estava, o anseio era tão forte como sempre. Nada parecia reprimir aquele desejo de segurar uma criança nos braços, de ter um filho para amar.

– Bem, é melhor ir trabalhar um pouco – disse Gösta, levantando-se sem olhar para Annika. Deu uma palmadinha na cabeça a Maja. – Pelo menos ela comeu alguma coisa, portanto o Patrik não vai ter de preocupar-se a pensar que a filha pode morrer à fome, da próxima vez que a deixar aqui connosco.

Gösta estava prestes a sair da cozinha quando Annika disse calmamente:

– Obrigada, Gösta.

O agente assentiu, envergonhado. Em seguida, desapareceu no seu gabinete e fechou a porta. Sentou-se em frente ao computador, fitando o ecrã sem o ver. O que Gösta via era o rosto de Maj-Britt. E do bebé que viveu apenas alguns dias. Muitos anos tinham passado desde então. Uma eternidade. Quase uma vida inteira. Mas Gösta ainda podia sentir a mãozinha a apertar-lhe o dedo.

Com um suspiro, Gösta moveu o rato e premiu o botão para abrir o jogo de golfe.

* * *

Durante três horas, Erica conseguiu afastar todos os pensamentos da visita desastrosa a Britta. E, nesse espaço de tempo, escreveu cinco páginas do seu novo livro. Em seguida, os pensamentos regressaram a Britta, e Erica desistiu de tentar escrever mais alguma coisa.

Sentira-se profundamente envergonhada quando saía de casa dela. Era-lhe difícil afastar a recordação da expressão de Herman quando a viu sentada à mesa da cozinha ao lado da mulher, que tinha tido um colapso mental. Erica compreendia a reação de Herman. Tinha sido terrivelmente insensível da sua parte não reconhecer os sintomas da doença. Mas, ao mesmo tempo, Erica não estava verdadeiramente arrependida de ter visitado Britta. Lentamente, estava a conseguir juntar mais peças do *puzzle*. Eram difusas e vagas, mas começavam a formar uma imagem da mãe que era mais completa do que aquela que anteriormente possuía.

Erica estranhava nunca ter ouvido a mãe falar de Erik, de Britta ou de Frans. Num determinado momento da vida da sua mãe, aquelas pessoas deviam ter sido importantes para ela. Mas nenhum deles parecia ter-se mantido em contacto com os outros depois de terem crescido, embora tivessem continuado a viver na pequena Fjällbacka.

Tanto Axel como Britta tinham retratado Elsy como uma jovem calorosa e atenciosa, algo que Erica achava difícil de conciliar com as suas próprias memórias da mãe. Erica não teria dito que a mãe era uma pessoa má, mas Elsy era tão reservada, tão fechada, que era como se todo o calor que alguma vez pudesse ter tido se tivesse extinguido muito antes de Erica e Anna nascerem. Erica sentiu-se subitamente esmagada pela tristeza ao pensar em tudo o que perdera. Nas coisas que nunca mais seria capaz de recuperar. A mãe tinha partido, morrera num acidente de viação há quatro anos, juntamente com Tore – o pai de Erica e de Anna. Não havia nada que Erica pudesse reviver, nada pelo qual pudesse exigir compensação, nada que pudesse implorar ou pedir, nenhuma acusação que pudesse dirigir à

mãe. A única coisa que podia ter esperança de encontrar era clareza. Que acontecera à Elsy que Axel e Britta tinham conhecido? Que acontecera à Elsy carinhosa e de bom coração?

Uma batida na porta da frente interrompeu-lhe os pensamentos e Erica levantou-se para ir abrir.

– Anna? Entra. – com o olhar ansioso de uma irmã mais velha, Erica reparou imediatamente que Anna tinha os olhos raiados de vermelho. – Que aconteceu? – perguntou, parecendo mais preocupada do que pretendia. Anna tinha passado por tanta coisa durante os últimos anos; Erica nunca tinha sido capaz de abandonar o papel maternal que tinha assumido durante a infância de ambas.

– São apenas problemas inerentes à tentativa de fundir duas famílias diferentes – respondeu Anna com um riso desmaiado. – Nada que eu não possa resolver, mas seria excelente poder desabafar contigo.

– Então vamos conversar – disse Erica. – Vou buscar café para nós e, se procurar bem na despensa, talvez encontre alguma guloseima para nos consolarmos.

– Quer dizer que desististe da dieta, agora que és uma mulher casada? – perguntou Anna.

– Nem me digas nada – suspirou Erica na direção da cozinha. – Depois de passar uma semana sentada à secretária, vou ter de comprar umas calças novas não tarda nada. Estas estão a começar a ficar tão apertadas como uma pele de salsicha.

– Compreendo exatamente o que queres dizer – retorquiu Anna, sentando-se à mesa. – Desde que me mudei para casa de Dan, parece que engordei uma data de quilos. E não ajuda nada que o Dan pareça capaz de comer tudo o que vê sem ganhar um grama que seja.

– É fácil ficarmos ressentidas por causa disso – afirmou Erica, colocando alguns bolos num prato. – O Dan ainda come pãozinhos de canela ao pequeno-almoço?

– Quer dizer que ele já fazia isso quando vocês os dois estavam juntos? – perguntou Anna com uma gargalhada. – Basta imaginar como é difícil convencer os miúdos da importância de um pequeno-almoço

saudável com o Dan lá sentado a mergulhar pãezinhos de canela em chocolate quente à frente dos olhos deles.

– Patrik também mergulha as suas sanduíches de queijo e caviar de peixe-lapa em chocolate quente, o que não é muito melhor. Então conta lá o que está a acontecer. A Belinda anda outra vez a causar problemas?

– Sim, esse é mesmo o cerne da questão, e o ambiente lá em casa está a ficar tão desagradável! Hoje, o Dan e eu começámos a brigar por causa disso e... – Anna parecia infeliz quando retirou um bolo do prato. – Na verdade, a culpa não é bem da Belinda... é o que tenho tentado explicar ao Dan. A Belinda está a reagir a uma situação que é nova para ela, que não foi escolha sua. Não foi ela que pediu para me ter a mim mais duas crianças acampadas lá em casa.

– Suponho que é verdade, mas, mesmo assim, a Belinda deve comportar-se de maneira civilizada. E é ao Dan que cabe fazê-la ver isso. O Doutor Phil diz que um padrasto ou madrasta nunca devem disciplinar uma criança da idade da Belinda.

– O Doutor Phil? – Anna riu-se tanto que uma migalha ficou-lhe presa na garganta, fazendo-a tossir. – Caramba, Erica, parece que ainda estás de licença de maternidade! O Doutor Phil?

– Se queres saber, aprendi muito com o Doutor. Phil – disse Erica, parecendo ofendida. Ninguém escapava impune se gozasse com o seu ídolo. O programa televisivo do Dr. Phil fora o ponto alto dos seus dias no ano anterior e, recentemente, Erica andava mesmo a ponderar interromper o livro e fazer uma pausa para almoço para poder vê-lo.

– Mas, no fundo, acho que ele tem razão – admitiu Anna a contragosto. – Sinto que, das duas uma, ou o Dan não leva as coisas suficientemente a sério ou então leva-as demasiado a sério. Desde sexta-feira que estou a ter as maiores dificuldades para o impedi-lo de discutir com a Pernilla acerca da maneira de criar as filhas. Começou a dizer que não podia confiar nela para tomar conta das miúdas e... Bem, o Dan ficou mesmo muito zangado. De repente, a Belinda desceu as escadas e depois ficou mesmo tudo estragado. Agora não

quer continuar a morar connosco; por isso, o Dan pô-la num autocarro para Munkedal.

– Como estão a reagir a Emma e o Adrian? – Erica tirou outro bolo do prato. Voltaria à sua dieta na próxima semana. Sem dúvida. Só precisava daquela semana para entrar numa rotina de escrita regular e depois...

– Até agora tem corrido tudo bem, o diabo seja surdo – Anna bateu na mesa da cozinha. – Eles idolatram o Dan e as miúdas e acho que é muito bom ter irmãs mais velhas. Portanto, por enquanto, não há problemas nessa frente.

– Então e a Malin e a Lisen? Como estão elas a reagir à nova situação? – Erica estava a referir-se às irmãs mais novas de Belinda, que tinham onze e oito anos, respetivamente.

– Também estão a reagir muito bem. Gostam de brincar com a Emma e com o Adrian e parecem tolerar-me, pelo menos. Não, praticamente só a Belinda é que não está a adaptar-se. Mas a rapariga está naquela idade, tu sabes, em que as coisas são difíceis – Anna suspirou e, em seguida, também tirou outro bolo. – E tu? Como vão as coisas por aqui? Estás a fazer progressos no livro?

– Está a correr bem, acho eu. No início é sempre tudo mais lento. Tenho um monte de material de pesquisa para ler e também marquei uma série de entrevistas. Tudo está a começar a tomar forma. Mas...

– Erica hesitou. O seu instinto protetor em relação à irmã estava profundamente enraizado, mas decidiu que Anna tinha o direito de saber o que a andava a preocupar nos últimos tempos. Começou pelo início e rapidamente contou à irmã acerca da medalha e das outras coisas que encontrara no baú de Elsy, acerca dos diários e do facto de ter conversado com várias pessoas sobre o passado da mãe.

– Porque não me contaste isto antes? – perguntou Anna.

Erica mudou de posição e disse, pouco à vontade:

– Bem, eu sei que te devia ter contado, mas... Será que isso tem realmente importância? Estou a contar-te agora, não estou?

Anna parecia estar a ponderar se valia a pena continuar a discutir

aquele assunto, mas depois acabou por decidir que não adiantava.

– Gostava de ver as coisas da mãe – disse secamente. Erica levantou-se rapidamente, aliviada por se ter livrado da discussão por não ter partilhado o que tinha descoberto.

– Claro. Vou já buscar tudo – Erica correu escadas acima, até ao seu escritório. Quando regressou, dispôs todos os objetos sobre a mesa da cozinha: os diários, a camisa de criança e a medalha.

Anna olhou-os fixamente.

– Onde diabo é que a mãe foi desencantar isto? – perguntou, pegando na medalha e segurando-a na palma da mão enquanto a estudava atentamente. – E isto... a quem pertenceu isto? – Anna ergueu a pequena camisa manchada. – Estas manchas são de ferrugem? – perguntou, inclinando-se mais para examinar as manchas que cobriam boa parte do tecido.

– O Patrik pensa que é sangue – disse Erica, o que fez com que Anna se endireitasse na cadeira, sobressaltada.

– Sangue? Porque guardaria a mãe uma camisa de criança coberta de sangue num velho baú no sótão? – com um olhar de repulsa, Anna deixou cair a camisa em cima da mesa e pegou nos diários.

– Há aqui alguma coisa que não seja apropriada para crianças? – perguntou Anna, abanando os diários azuis. – Alguma história que envolva sexo que me vai traumatizar para o resto da vida se a ler?

– Não – respondeu Erica, rindo-se. – Não faças um ar tão preocupado. Não há nada para maiores de dezoito anos. Na verdade, não há sequer grande coisa. Apenas algumas descrições anódinas da vida quotidiana. Mas há uma coisa em que tenho andado a pensar... – Pela primeira vez, Erica sentiu-se capaz de expressar o pensamento que andava a pairar-lhe no limite da consciência há algum tempo.

– O que é? – perguntou Anna enquanto folheava os diários.

– Bem, interrogo-me se existem mais diários como esses em algum lado. Os que a mãe guardou no baú param em maio de 1944, quando o quarto caderno foi completamente preenchido. E é isso. Claro que a mãe pode ter-se fartado de continuar a escrever o diário. Mas, se fosse

esse o caso, será que se teria dado ao trabalho de completar o quarto caderno? Apenas me parece estranho.

– Então achas que pode haver mais? Mas, se houver, que mais poderiam dizer-te, além do que já leste? Quer dizer, não é que a mãe tenha tido uma vida particularmente emocionante. Nasceu e cresceu aqui, conheceu o papá, nós nascemos e depois, enfim... Não pode haver muito mais, pois não?

– Não digas isso – respondeu Erica, perguntando a si própria se devia contar mais alguma coisa à irmã. Não tinha nada em concreto, mas a intuição dizia-lhe que a medalha e a camisa manchada de sangue levariam a outras descobertas, talvez até revelassem o que tinha lançado uma sombra sobre as suas vidas – a dela e a de Anna.

Erica respirou fundo e contou pormenorizadamente à irmã as conversas que teve com Erik, Axel e Britta.

– Quer dizer que foste a casa de Axel Frankel pedir-lhe a medalha escassos dias depois de o irmão ter sido encontrado morto? Meu Deus, ele deve ter pensado que tu eras um verdadeiro abutre – disse Anna com a honestidade cruel de que só uma irmã mais nova seria capaz.

– Queres ouvir o que eles disseram ou não? – perguntou Erica, indignada, embora estivesse inclinada a concordar com Anna. Não tinha sido muito sensível da sua parte.

Quando Erica terminou a história, Anna ficou a olhar para a irmã com ar carrancudo.

– Parece que conheceram uma pessoa completamente diferente. O que disse Britta sobre a medalha? Sabia porque é que a mãe tinha uma medalha nazi na sua posse?

Erica abanou a cabeça.

– Não tive tempo para lhe perguntar isso. Ela tem Alzheimer e, passado algum tempo, começou a ficar confusa, e depois o marido chegou a casa, ficou muito chateado, e... – Erica aclarou a garganta. – Bem, depois pediu-me para sair.

– Erica! – gritou Anna. – Estás a querer dizer-me que tentaste

interrogar uma velhota confusa? Não admira que o marido te tenha posto na rua! Não achas que estás a ficar um pouco obcecada por tudo isto?

– Se calhar tens razão, mas não estás nem um bocadinho curiosa? Porque teria a mãe escondido estas coisas todas? E porque é que as pessoas que a conheceram descreveram alguém que não tem qualquer semelhança com a mãe com quem crescemos? Algo aconteceu, algures ao longo do caminho... Britta estava mesmo a começar a contar-me quando ficou confusa. Disse qualquer coisa acerca de ossos velhos e... bolas, não consigo lembrar-me, mas pareceu-me que Britta estava a utilizar essa expressão como uma metáfora para um segredo que foi ocultado e... Talvez eu esteja apenas a imaginar coisas, mas... – o telefone tocou. Erica parou a meio da frase e levantou-se para ir atender.

– Fala Erica. Oh, olá, Karin – Erica virou-se para Anna, rolando os olhos. – Sim, está tudo bem. Sim, também acho bom poder finalmente falar contigo – fez uma careta para Anna, que não fazia ideia do que se tratava. – O Patrik? Não, neste momento não está em casa. Foi com a Maja à esquadra para cumprimentar os colegas e não faço ideia aonde iam a seguir. Estou a ver. Claro, tenho a certeza de que adorariam ir dar um passeio contigo e com Ludde, amanhã. Às dez horas. Na farmácia. Certo, eu digo-lhe. O Patrik vai ter de confirmar contigo, no caso de já ter outros planos, mas não me parece que tenha. Claro. Obrigada. Tenho a certeza de que vamos voltar a conversar. Obrigada. Para ti também.

– Que raio foi aquilo? – perguntou Anna, surpreendida. – Quem é a Karin? E o que é que o Patrik vai fazer com ela à farmácia amanhã de manhã?

Erica sentou-se à mesa da cozinha. Após uma longa pausa, disse:

– Karin é a ex-mulher do Patrik. Mudou-se há pouco tempo para Fjällbacka com o segundo marido. E, vê lá tu que, tal como o Patrik, também está de licença no emprego, para tomar conta do bebé; por isso, amanhã vão dar um passeio juntos.

Anna deu uma gargalhada.

– Acabaste de marcar um encontro entre o Patrik e a ex-mulher dele? Valha-me Deus, não posso acreditar. Ele tem algumas ex-namoradas a quem possas telefonar, para ver se elas gostariam de ir também? Não queremos que o pobre rapaz se aborreça enquanto está de licença de paternidade, pois não?

Erica lançou um olhar assassino à irmã mais nova.

– Para o caso de não teres reparado, ela é que me telefonou. E, afinal, o que é que há de tão estranho nisto? Eles estão divorciados. Há anos. E passam o dia inteiro em casa com uma criança pequena. Não, não acho que seja assim tão estranho. Realmente não me choca minimamente.

– Tá bem. Conta-me histórias! – fungou Anna. – Dá mesmo para ver que não te choca minimamente, de todo... O teu nariz está a crescer a cada segundo que passa.

Por um momento, Erica ponderou atirar um bolo à irmã, mas decidiu refrear-se. Anna que pensasse o que quisesse; ela *não* estava com ciúmes.

– Que tal fazermos uma visita à senhora da limpeza a seguir? – perguntou Martin. Patrik hesitou, mas depois pegou no telemóvel.

– Só preciso de saber se está tudo bem com a Maja.

Depois de escutar o relatório de Annika, Patrik voltou a guardar o telemóvel no bolso e assentiu.

– Pronto, está tudo bem. A Maja acabou de adormecer na cadeirinha dela – Patrik virou-se para Paula: – Tens a morada?

– Tenho – Paula olhou para o seu bloco-notas e depois leu a morada em voz alta. – A mulher chama-se Laila Valthers. Disse que ficaria em casa o dia todo. Sabes onde isto fica?

– É um daqueles edifícios amarelos perto da rotunda, na extremidade sul de Fjällbacka – disse Martin. – Vira à direita mais à frente, na escola.

Chegaram ao destino poucos minutos mais tarde e Laila estava em

casa, como dissera. Tinha um ar um pouco assustado quando abriu a porta e parecia reticente em deixá-los entrar; porém, como não tinham muitas perguntas a fazer-lhe, os agentes permaneceram no vestíbulo enquanto realizaram o interrogatório.

– A senhora faz limpezas em casa dos irmãos Frankel, não é verdade? – a voz de Patrik era calma e tranquilizadora, num esforço para tornar a sua presença o menos ameaçadora possível.

– Sim, mas não vou ter problemas por causa disso, pois não? – perguntou Laila quase num sussurro. Era baixa e usava roupas castanhas confortáveis, confeccionadas num tecido macio indefinido, perfeitamente adequadas para passar o dia em casa. O cabelo tinha um tom cinzento-rato e estava cortado curto, num estilo que era sem dúvida prático, embora não fosse particularmente atraente. De braços cruzados, Laila mudava nervosamente o peso de um pé para o outro. Parecia muito ansiosa por ouvir a reação dos agentes à sua resposta. Patrik julgou perceber o que a preocupava.

– Pergunta isso porque não declarou os seus rendimentos? Posso garantir-lhe que não temos qualquer interesse nessa vertente e que não tencionamos denunciá-la por causa disso. Estamos a levar a cabo a investigação de um homicídio; portanto, estamos concentrados em assuntos completamente diferentes – Patrik arriscou um sorriso tranquilizador e foi recompensado pelo fim do balançar nervoso de Laila.

– Sim, então é por causa disso. Eles punham-me dinheiro num envelope na escrivaninha do salão de quinze em quinze dias. Tínhamos combinado que eu entrava e limpava a casa todas as quartas-feiras.

– Tem a sua própria chave?

Laila abanou a cabeça.

– Não, eles punham sempre a chave debaixo do tapete da entrada e eu punha-a lá outra vez quando acabava o serviço.

– Porque não limpou a casa deles durante todo o verão? – perguntou Paula. Era a pergunta que mais queriam ver respondida.

– Pensei que ia continuar a fazer a limpeza no verão. Pelo menos não tínhamos mudado a nossa combinação. Mas, quando lá fui, a chave não estava no lugar do costume. Bati, mas ninguém respondeu. Então tentei telefonar, para ver se tinha havido algum mal-entendido. Mas ninguém atendeu. Eu sabia que o irmão mais velho, Axel, ia para fora durante todo o verão. É o que tem feito todos os anos desde que limpo a casa deles. Portanto, como não consegui obter nenhuma resposta, limitei-me a presumir que o irmão novo também tinha ido para fora no verão. Achei que foram um pouco mal-educados por não me dizerem nada, mas agora compreendo o motivo... – Laila olhou para o chão.

– E não reparou em nada que lhe parecesse fora do normal? – perguntou Martin.

Laila abanou vigorosamente a cabeça.

– Não, não reparei em nada. Não me vem nada à cabeça.

– Sabe que dia era quando foi lá e não conseguiu entrar? – perguntou Patrik.

– Sei, sim, porque era o dia do meu aniversário. E achei que era muito azar não poder fazer a limpeza nesse dia... Tinha pensado comprar um presente para mim com o dinheiro que ia receber – Laila calou-se e, discretamente, Patrik perguntou-lhe:

– E então, em que dia foi isso? Quando é o seu aniversário?

– Oh, que estúpida que eu sou – disse Laila. – Foi no dia dezassete de junho. Tenho a certeza absoluta. Dezassete de junho. Fui lá mais duas vezes para dar uma vista de olhos, mas não estava ninguém em casa e a chave não estava debaixo do tapete. Por isso presumi que se tinham esquecido de me dizer que não estariam em casa durante todo o verão – a mulher encolheu os ombros para mostrar que estava habituada a que as pessoas se esquecessem de lhe dizer as coisas.

– Obrigado, isso é extremamente útil – Patrik estendeu a mão, estremecendo ligeiramente perante o seu aperto de mão frouxo. Era como pegar num peixe morto.

– Então, o que achas? – perguntou Patrik na viagem de regresso à

esquadra.

– Acho que podemos concluir com bastante certeza que Erik Frankel foi assassinado algures entre quinze e dezassete de junho – respondeu Paula.

– Pois, acho que concordo contigo – disse Patrik, assentindo enquanto descrevia com demasiada velocidade a curva apertada antes de Anrås e por um fio não chocava com um veículo da recolha de lixo. Leif, o homem do lixo, abanou o punho na sua direção. Apavorado, Martin agarrou-se à pega por cima da porta.

– Deram-te a carta como presente de Natal? – perguntou Paula do assento traseiro, não tendo aparentemente ficado abalada com aquela experiência de proximidade com a morte.

– Que queres dizer com isso? Sou um excelente condutor! – retorquiu Patrik, ofendido, relanceando Martin em busca de apoio.

– Oh, sim, claro – escarneceu Martin. Depois, voltou-se para olhar para Paula. – Ainda o inscrevi naquele programa, *O Pior Condutor da Suécia*, mas eles devem ter pensado que Patrik tinha habilitações a mais. Aquilo acabava por não ser concurso nenhum se Patrik fosse um dos participantes.

Paula deu uma gargalhada e Patrik fungou para mostrar que se sentia insultado.

– Não sei do que estás para aí a falar, tendo em conta a quantidade de tempo que já passámos a conduzir... já choquei com alguém, ou já tivemos algum acidente? Não, eu tenho um registo imaculado, de modo que o que estás a afirmar é pura calúnia – Patrik fungou novamente quando olhou para Martin, quase embatendo na traseira do *Saab* que seguia à sua frente e travando a fundo para evitar o choque.

– Não tenho mais nada a dizer, meritíssimo juiz – concluiu Martin, erguendo as mãos enquanto Paula ria à gargalhada.

Patrik seguiu amuado durante o resto do caminho de regresso à esquadra. Mas, pelo menos, obedeceu ao limite de velocidade.

Kjell ainda estava irritado após o encontro com o pai. Frans sempre

tivera esse efeito sobre ele. Não, na verdade, não era bem assim. Nem sempre. Quando era criança, o desapontamento tinha sido o sentimento predominante. Desapontamento misturado com amor, os quais, ao longo dos anos se tinham transformado num núcleo sólido de ódio e raiva. Kjell apercebeu-se de que tinha permitido que esses sentimentos orientassem todas as escolhas que tinha feito, e que, nesse sentido, praticamente deixara o pai guiar a sua vida. Mas Kjell era completamente impotente para fazer alguma coisa acerca disso. Assim como tinha sido impotente para resistir quando a mãe o arrastara nas inúmeras viagens que fizera para visitar Frans na prisão. A sala de visitas fria e cinzenta, completamente impessoal, sem alma. As desajeitadas tentativas do pai para conversar com ele, fingindo que fazia realmente parte da sua vida e não era apenas um estranho a observá-lo à distância. Detrás das grades.

Tinham passado vários anos desde que o pai cumprira a sua última pena de prisão, mas isso não significava que estivesse reformado. Tornara-se simplesmente mais inteligente. Escolhera um caminho diferente. E, como consequência, Kjell tinha escolhido exatamente o oposto. Tinha escrito acerca das organizações xenófobas com uma veemência e uma paixão que o tinham tornado conhecido e lhe tinham granjeado uma reputação que se estendia muito para além dos leitores do *Bohuslänningen*. Os canais nacionais convidavam-no frequentemente, sempre que era preciso o comentário de um especialista sobre as forças destrutivas do neonazismo e de como a sociedade poderia lidar melhor com elas. Ao contrário de muitos outros, que no espírito conciliador dos tempos actuais queriam convidar as organizações neonazis para debates públicos e imparciais, Kjell seguira uma linha dura. Essas organizações não deviam pura e simplesmente ser toleradas. Deviam ser permanentemente atacadas, combatidas onde quer que escolhessem expor as suas ideias e devia ser-lhes literalmente mostrada a porta da rua, tratando-as como os monstros indesejáveis que eram.

Kjell saiu do carro em frente da casa da ex-mulher. Não se

preocupara em telefonar primeiro. Às vezes, quando Kjell a avisava de que ia aparecer, Carina aproveitava para sair antes da sua chegada; porém, Kjell certificara-se de que nesse dia ela estaria em casa. Tinha estado sentado no carro, a alguns metros de distância, à espera de a avistar. Uma hora mais tarde, Carina chegara e estacionara o carro à frente de casa. Parecia ter estado a fazer compras, pois tirou um par de sacos de supermercado do carro. Kjell esperou que ela entrasse e depois percorreu de carro os últimos cem metros até à casa. Saiu e bateu à porta. Os ombros de Carina descaíram visivelmente quando viu quem estava à entrada.

– Então eras tu? Que queres? – perguntou Carina.

Porque teria ela de ter sempre aquele ar... arrasado? Ainda. Dez anos depois. O sentimento de culpa de Kjell só exacerbou a sua irritação. Porque não compreenderia a gravidade da situação? Porque não perceberia que estava na altura de adotarem uma abordagem mais firme?

– Temos de conversar. Acerca de Per – Kjell passou por Carina e começou a descalçar os sapatos e a despir o casaco. Por um momento, Carina olhou para o ex-marido como se fosse protestar, mas depois encolheu os ombros e foi até à cozinha. Ficou encostada à bancada, de braços cruzados sobre o peito, como se estivesse preparada para uma briga.

– O que foi agora? – Carina abanou a cabeça e algumas madeixas escuras da franja caíram-lhe para os olhos, pelo que teve de afastá-las com a mão. Kjell tinha visto aquele gesto tantas vezes. Fora uma das coisas que adorara nela quando se conheceram, antes de a rotina e a tristeza do dia a dia terem desgastado a relação, antes que o amor que sentiam um pelo outro se tivesse desvanecido e o tivesse feito escolher um caminho diferente. Kjell ainda não sabia se tinha feito ou não a escolha certa.

Puxou uma das cadeiras da cozinha e sentou-se.

– Temos de fazer alguma coisa. Isto não vai resolver-se por si. Quando um rapaz começa a dar-se com aqueles tipos...

Carina interrompeu-o, erguendo a mão.

– Quando é que eu disse que isto se vai resolver por si? Apenas tenho uma opinião diferente quanto ao que deve ser feito. Mandar Per para longe não é a solução. Acho que também devias ser capaz de perceber isso.

– O que tu não percebes é que ele precisa de estar longe deste ambiente! – Kjell passou raivosamente a mão pelo cabelo.

– Presumo que por «este ambiente» estejas a referir-te ao teu pai – a voz de Carina transbordava desprezo. – Acho que devias tratar de resolver os teus próprios problemas com o teu pai antes de envolveres o Per.

– Quais problemas? – Kjell estava ciente de que estava a levantar a voz, por isso forçou-se a respirar fundo algumas vezes para se acalmar. – Antes de mais, não é só do meu pai que estou a falar quando digo que Per precisa de sair daqui. Não achas que eu consigo ver o que está a acontecer? Achas que eu não sei que tens garrafas escondidas em cada armário e em cada gaveta? – Kjell fez um gesto na direção dos armários da cozinha. Carina estava prestes a protestar, mas o ex-marido ergueu a mão para a deter. – E não há nada para resolver entre mim e Frans – acrescentou com os dentes cerrados. – Por mim, prefiro não ter nada que ver com esse homem e não tenciono de modo algum permitir que tenha qualquer influência sobre o Per. Mas, já que não podemos vigiar o rapaz a cada minuto do dia e que tu não pareces particularmente interessada em resolver o problema, não consigo ver outra solução que não seja mandá-lo para longe daqui. Temos de encontrar um colégio interno onde os funcionários saibam como lidar com situações deste género.

– E como é que achas que vamos conseguir uma coisa dessas? – disparou Carina. – Eles não enviam adolescentes para esse tipo de colégios sem qualquer motivo. Primeiro é preciso que tenham feito alguma coisa...

– Assalto com arrombamento – interrompeu Kjell. – Per foi apanhado a assaltar uma casa.

– Que estás para aí a dizer? Ele nunca...

– No início de junho. O dono da casa apanhou-o em flagrante e telefonou-me. Eu fui lá buscá-lo. O nosso filho entrou por uma janela da cave e estava a recolher objetos para levar quando o proprietário o apanhou. O homem ameaçou chamar a polícia se ele não lhe desse o telefone dos pais. E então, Per deu-lhe o meu número... não o teu – Kjell não pôde evitar sentir uma certa satisfação ao ver como Carina ficara perturbada e desapontada.

– Per deu-lhe o teu número? Mas porquê?

Kjell encolheu os ombros.

– Quem sabe? Talvez porque um pai é sempre um pai.

– Que casa é que Per tentou assaltar? – Carina ainda parecia estar a ter dificuldade em aceitar o facto de Per ter pedido ao homem para chamar Kjell.

O ex-marido hesitou por alguns segundos antes de responder. E depois disse:

– Lembras-te do velhote que foi encontrado morto em Fjällbacka na semana passada, Erik Frankel? Era a casa dele.

– Mas porquê? – Carina abanou a cabeça.

– Isso é o que estou a tentar dizer-te! Erik Frankel era um especialista na Segunda Guerra Mundial. Tinha toneladas de objetos desse período e, provavelmente, Per queria impressionar os amigos, mostrando-lhes algumas recordações nazis genuínas.

– A polícia sabe disso?

– Ainda não – respondeu friamente Kjell. – Mas isso só depende de...

– Serias capaz de fazer isso ao teu próprio filho? Denunciá-lo por assalto por arrombamento? – sussurrou Carina, horrorizada.

Kjell sentiu um nó no estômago. Imaginou Carina como ela era da primeira vez que se encontraram. Numa festa, na faculdade de jornalismo. Carina tinha ido com uma amiga que estava lá a estudar, mas a rapariga tinha saído com um tipo logo depois de ter chegado; por isso, Carina tinha acabado sentada num sofá, sentindo-se solitária

e abandonada. Kjell tinha-se apaixonado por ela assim que a vira. Carina usava um vestido amarelo e tinha uma fita amarela no cabelo, que era tão escuro como agora, mas sem os cabelos brancos que começavam a despontar. Havia algo em Carina que o fez querer cuidar dela, protegê-la, amá-la. Kjell recordou o seu casamento. Recordou o vestido que hoje em dia seria considerado uma relíquia dos anos oitenta, com a saia volumosa e as mangas de balão. Fosse como fosse, Kjell tinha pensado que Carina era uma visão, naquele vestido. E então, outra imagem surgiu na sua mente: Carina estava exausta, não usava maquilhagem, vestia uma horrível bata de hospital e segurava o filho de ambos nos braços. Quando Carina olhou para ele e sorriu, Kjell sentiu-se capaz de matar dragões ou de lutar contra um exército inteiro para defender a mulher e o filho.

Enquanto estavam ali, na cozinha, enfrentando-se como dois combatentes, ambos captaram um vislumbre do que tinham sido, dos tempos em que tinham rido juntos, em que tinham feito amor. Nesses outros tempos em que o amor ainda não se tinha transformado em algo frágil e quebradiço. Tornando-o vulnerável. O nó que sentia no estômago endureceu ainda mais.

Kjell afastou aqueles pensamentos.

– Se tiver de ser, vou fazer com que a polícia receba essa informação – anunciou. – Ou tratamos de mandar Per para fora deste ambiente ou então deixo que seja a polícia a fazer esse trabalho por nós.

– Sacana de merda! – gritou Carina com voz áspera por causa das lágrimas e do desapontamento.

Kjell levantou-se, afirmando num tom frio:

– É assim que vai ser. E tenho uma sugestão em relação ao sítio para onde podemos mandar Per. Vou enviar-te a documentação para que possas dar-lhe uma vista de olhos. Mas Per não deve ter qualquer contacto com o meu pai. Seja em que circunstância for. Percebeste?

Carina não respondeu, apenas baixou a cabeça em sinal de rendição. Há muito tempo que perdera a energia para lutar contra

Kjell. No dia em que Kjell a tinha deixado, em que tinha desistido deles, Carina também tinha desistido de si própria.

Quando Kjell voltou ao carro, conduziu durante umas centenas de metros e depois estacionou. Encostou a testa ao volante e fechou os olhos. Imagens de Erik Frankel passaram-lhe rapidamente pela cabeça. Kjell pensou no que tinha descoberto acerca do homem. A pergunta era: o que deveria fazer com a informação?

25 Complexo militar norte-americano, situado no estado do Kentucky, onde está armazenada grande parte da reserva de ouro dos EUA. (*N. do T.*)

GRINI, ARREDORES DE OSLO, 1943

O PIOR ERA O FRIO. NUNCA CONSEGUIR AQUECER-SE. A HUMIDADE, QUE SUGAVA QUALQUER CALOR E SE ENROLAVA EM TORNO DO SEU CORPO COMO UM COBERTOR, GELADO E MOLHADO. AXEL ENROSCOU-SE NO CATRE. OS DIAS ERAM INTERMINÁVEIS, NA SUA CELA SOLITÁRIA, MAS AXEL PREFERIA A MELANCOLIA ÀS FREQUENTES INTERRUPTÕES. OS ESPANCAMENTOS, OS INTERROGATÓRIOS, TODAS AS PERGUNTAS QUE LHE CAÍAM EM CIMA COMO AS BÁTEGAS DE UMA ENXURRADA QUE SE RECUSASSE A PARAR. COMO PODERIA DAR-LHES RESPOSTAS, SABENDO TÃO POUCO? E NUNCA LHES DIRIA O POUCO QUE SABIA. TERIAM DE MATÁ-LO PRIMEIRO.

AXEL PASSOU A MÃO SOBRE O COURO CABELUDO. AGORA APENAS SENTIA O CABELO CURTO E ÁSPERO NA PALMA DA MÃO. À CHEGADA, TINHAM DADO UM BANHO DE MANGUEIRA E RAPADO O CABELO A TODOS OS PRISIONEIRO. EM SEGUIDA, VESTIRAM-NOS COM UNIFORMES DA GUARDA NORUEGUESA. QUANDO FOI APANHADO, AXEL SOUBE IMEDIATAMENTE ONDE IRIA PARAR: À PRISÃO SITUADA A DOZE QUILOMETROS DE OSLO. MAS NINGUÉM PODERIA TÊ-LO PREPARADO PARA O QUE ERA A VIDA NAQUELE LUGAR – PARA O TERROR DESMEDIDO QUE PREENCHIA TODAS AS HORAS DO DIA, PARA O TÉDIO E A DOR.

– COMIDA – OUVIU-SE UM RUÍDO DO LADO DE FORA DA CELA E O JOVEM GUARDA POUSOU UM TABULEIRO À PORTA.

– QUE DIA É HOJE? – PERGUNTOU AXEL EM NORUEGUÊS. ELE E ERIK TINHAM PASSADO QUASE TODAS AS FÉRIAS DE VERÃO COM OS AVÓS MATERNOS NA NORUEGA, POR ISSO FALAVA NORUEGUÊS FLUENTEMENTE. AXEL VIA AQUELE GUARDA TODOS OS DIAS E TENTAVA SEMPRE METER CONVERSA COM ELE, POIS DESEJAVA ARDENTEMENTE UM CONTACTO

HUMANO. MAS NORMALMENTE RECEBIA APENAS A MAIS BREVE DAS RESPOSTAS. COMO NESSE DIA.

— QUARTA-FEIRA.

— OBRIGADO — AXEL OBRIGOU-SE A SORRIR. O RAPAZ VIROU-SE PARA SAIR. TEMENDO O MOMENTO EM QUE FICARIA MAIS UMA VEZ ENTREGUE À SUA SOLIDÃO E AO FRIO, AXEL TENTOU DETER O GUARDA, LANÇANDO-LHE OUTRA PERGUNTA:

— COMO ESTÁ O TEMPO LÁ FORA?

O RAPAZ PAROU. HESITOU. OLHOU EM REDOR E DEPOIS VOLTOU À CELA DE AXEL.

— NUBLADO. E ESTÁ MESMO MUITO FRIO — RESPONDEU. AXEL FICOU ADMIRADO AO VER COMO PARECIA JOVEM. DEVIA TER APROXIMADAMENTE A MESMA IDADE DELE, TALVEZ UM PAR DE ANOS MAIS NOVO; PORÉM, DADO O MODO COMO AXEL SE ANDAVA A SENTIR POR ESSES DIAS, PARECIA BEM MAIS VELHO — TÃO VELHO POR FORA COMO POR DENTRO.

O RAPAZ AFASTOU-SE NOVAMENTE ALGUNS PASSOS.

— ESTÁ MUITO FRIO PARA ESTA ÉPOCA DO ANO, NÃO É? — A VOZ DE AXEL FRAQUEJOU, FAZENDO COM QUE AQUELA OBSERVAÇÃO INÓCUA SOASSE DE MODO MUITO ESTRANHO. EM TEMPOS, ENCARAVA AQUELAS CONVERSAS TRIVIAIS COMO UMA PERDA DE TEMPO. NAQUELE MOMENTO, ERAM UMA TÁBUA DE SALVAÇÃO, UMA LEMBRANÇA DO MUNDO EXTERIOR QUE PARECIA CADA VEZ MAIS DISTANTE.

— SIM, PODE DIZER-SE QUE SIM. MAS ÀS VEZES FAZ MESMO MUITO FRIO EM OSLO NESTA ÉPOCA DO ANO.

— ÉS DAQUI? — AXEL APRESSOU-SE A FAZER A PERGUNTA ANTES QUE O GUARDA DECIDISSE IR-SE EMBORA.

O RAPAZ HESITOU, SEM SABER SE HAVIA DE RESPONDER. OLHOU NOVAMENTE EM REDOR, MAS NINGUÉM ESTAVA À VISTA OU AO ALCANCE DA VOZ.

— SÓ ESTAMOS AQUI HÁ DOIS ANOS.

AXEL DECIDIU FAZER OUTRA PERGUNTA.

— HÁ QUANTO TEMPO ESTOU EU AQUI? A MIM PARECE-ME QUE CHEGUEI HÁ UMA ETERNIDADE — AXEL RIU-SE, MAS FOI SURPREENDIDO PELA

CRUEZA E ESTRANHEZA COM QUE O RISO SOOU. HÁ MUITO TEMPO QUE NÃO TINHA QUALQUER MOTIVO PARA RIR.

— NÃO SEI SE DEVO... — O GUARDA AFROUXOU O COLARINHO DO UNIFORME. PARECIA QUE AINDA NÃO SE SENTIA CONFORTÁVEL NO TRAJE REGULAMENTAR. «COM O TEMPO, ACABARÁ POR HABITUAR-SE», PENSOU AXEL. IRIA APRENDER A ACEITAR TANTO O UNIFORME COMO A FORMA COMO OS PRISIONEIROs ERAM TRATADOS. A NATUREZA HUMANA ERA ASSIM.

— QUE DIFERENÇA É QUE PODE FAZER SE ME DISSERES HÁ QUANTO TEMPO ESTOU AQUI? — PERGUNTOU AXEL DE MODO PERSUASIVO. ERA EXTREMAMENTE PERTURBADOR ESTAR NAQUELE ESTADO ATEMPORAL. SEM RELÓGIOS, DATAS OU DIAS DA SEMANA EM TORNO DOS QUAIS PUDESSE ORDENAR A SUA VIDA.

— HÁ CERCA DE DOIS MESES. NÃO TENHO BEM A CERTEZA.

— HÁ CERCA DE DOIS MESES. E HOJE É QUARTA-FEIRA. E O CÉU ESTÁ NUBLADO. BEM, JÁ ME POSSO CONTENTAR COM ISSO — AXEL SORRIU PARA O RAPAZ E RECEBEU UM SORRISO CAUTELOSO EM TROCA.

QUANDO O GUARDA SE TINHA IDO EMBORA, AXEL AFUNDOU-SE NO CATRE COM O TABULEIRO NO COLO. A COMIDA DEIXAVA MUITO A DESEJAR. TODOS OS DIAS ERA A MESMA LAVAGEM. BATATAS BOAS PARA DAR AOS PORCOS E UNS GUISADOS REPUGNANTES. MAS AQUILO FAZIA, SEM DÚVIDA, PARTE DA ESTRATÉGIA DELES PARA QUEBRAR OS PRISIONEIROs. APÁTICO, AXEL MERGULHOU A COLHER NA MASSA ACINZENTADA DA TIGELA, MAS A FOME ACABOU POR FIM POR OBRIGÁ-LO A ERGUÊ-LA ATÉ À BOCA. TENTOU FINGIR QUE ESTAVA A COMER O GUISADO DE CARNE DA MÃE, MAS ISSO APENAS PIORAVA TUDO, UMA VEZ QUE, ENTÃO, OS PENSAMENTOS SE DESVIAVAM PARA AQUILO EM QUE SE TINHA PROIBIDO DE PENSAR: A CASA E A FAMÍLIA, A MÃE E O PAI, E ERIK. DE REPENTE, ATÉ MESMO A FOME DEIXARA DE SER SUFICIENTEMENTE FORTE; NADA PODERIA FAZÊ-LO COMER. AXEL DEIXOU CAIR A COLHER NA TIGELA E ENCOSTOU A CABEÇA À PAREDE ÁSPERA. CONSEGUIA VÊ-LOS TODOS MUITO CLARAMENTE: O PAI, COM O SEU FARFALHADO BIGODE GRISALHO, QUE PENTEAVA METICULOSAMENTE TODAS AS NOITES ANTES DE IR PARA A CAMA; A MÃE,

COM O SEU LONGO CABELO APANHADO NUM CARRAPITO NA NUCA E COM OS ÓCULOS MESMO NA PONTA DO NARIZ, QUANDO À NOITE SE SENTAVA A FAZER CROCHÉ À LUZ DO CANDEEIRO DE LEITURA. E ERIK. PROVAVELMENTE ESTARIA NO SEU QUARTO COM O NARIZ ENFIADO NUM LIVRO. QUE ESTARIAM TODOS ELES A FAZER? ESTARIAM A PENSAR NELE, NAQUELE MOMENTO? COMO TERIAM OS PAIS REAGIDO À NOTÍCIA DA SUA PRISÃO? E ERIK, QUE FICAVA TANTAS VEZES EM SILÊNCIO, GUARDANDO OS PENSAMENTOS PARA SI MESMO. O INTELECTO BRILHANTE DO IRMÃO PODIA ANALISAR TEXTOS E FACTOS COM UMA VELOCIDADE IMPRESSIONANTE, MAS ERIK TINHA DIFICULDADE EM EXTERIORIZAR AS EMOÇÕES. DE VEZ EM QUANDO, POR PURA MALDADE, AXEL DAVA AO IRMÃO UM GRANDE ABRAÇO DE URSO, APENAS PARA SENTIR O SEU CORPO FICAR RÍGIDO PELO DESCONFORTO DE SER TOCADO. MAS, APÓS UM MOMENTO, ERIK ACABAVA SEMPRE POR CEDER; RELAXAVA E DEIXAVA-SE FICAR ALI DURANTE ALGUNS SEGUNDOS, MAS DEPOIS ROSNAVA: «LARGA-ME» E AFASTAVA-SE REPENTINAMENTE. AXEL CONHECIA TÃO BEM O IRMÃO. MUITO MELHOR DO QUE ERIK PODERIA PENSAR. SABIA QUE ERIK ÀS VEZES SE SENTIA COMO UM ESTRANHO NA FAMÍLIA, QUE PENSAVA QUE NÃO PODIA COMPETIR COM AXEL. E, AGORA, PROVAVELMENTE, AS COISAS AINDA SERIAM PIORES PARA ELE. AXEL SABIA QUE A PREOCUPAÇÃO DA FAMÍLIA COM A SUA SORTE IRIA AFETAR A VIDA DIÁRIA DE ERIK, QUE O LUGAR QUE O IRMÃO OCUPAVA NA FAMÍLIA SERIA AINDA MAIS REDUZIDO. AXEL NEM SEQUER OUSAVA PENSAR O QUE SERIA DE ERIK SE ELE MORRESSE.

§

– OLÁ, JÁ CHEGAMOS! – Patrik fechou a porta e pousou Maja no chão do vestíbulo. A filha partiu sem demora e Patrik teve de agarrá-la pelo casaco para a deter.

– Espera um bocadinho, querida. Temos de descalçar os sapatos e despir o casaco antes de ires a correr ter com a mamã. – Depois de ter livrado a filha do casaco e dos sapatos, Patrik soltou-a. – Erica? Estamos em casa! – gritou. Não houve resposta. Mas, quando parou à escuta, ouviu o som do teclado vindo do primeiro andar. Pegou em Maja e subiu até ao escritório de Erica, pousando novamente a filha no chão.

– Olá. Então estavas aqui.

– Sim, hoje adiantei umas quantas páginas. Depois a Anna veio cá e estivemos a beber café – Erica sorriu a Maja e estendeu os braços para a filha. Vacilante, Maja aproximou-se mais da mãe e espetou um beijo lambuzado nos lábios de Erica.

– Olá minha querida. Que é que tu e o papá estiveram a fazer hoje? – Erica esfregou o nariz no narizinho de Maja, que gorgolejou de satisfação. Os beijos à esquimó eram a sua especialidade. – Estiveram fora muito tempo – disse Erica, voltando a focar a atenção em Patrik.

– Bem, tive de dar lá um salto e trabalhar um pouco – disse Patrik com entusiasmo. – A nova agente parece ser excelente, mas eles não tinham visto o caso de todos os ângulos, por isso fui com eles a Fjällbacka para falar com uma pessoa relacionada com a investigação. Que acabou por dar-nos uma pista que nos permitiu estabelecer o intervalo temporal de dois dias em que Erik Frankel terá sido

assassinado... – Patrik parou a meio da frase quando viu a expressão de Erica, percebendo que devia ter pensado melhor antes de abrir a boca.

– E onde ficou a Maja enquanto tu «deste lá um salto e trabalhaste um pouco»? – perguntou Erica em tom glacial.

Patrik contorceu-se. Aquele seria um bom momento para o alarme de incêndio disparar. Mas não teve essa sorte. Respirou fundo e lançou-se de cabeça.

– A Annika ficou a tomar conta dela por um bocado. Na esquadra. – Patrik não conseguia perceber porque é que aquilo soava tão mal quando o disse em voz alta. Até àquele momento, nem sequer lhe ocorrera que pudesse não ser muito boa ideia.

– Quer dizer que a Annika esteve a tomar conta da nossa filha na esquadra enquanto tu estiveste fora em serviço durante umas horas? Será que estou a perceber corretamente o que aconteceu?

– Bem... sim – respondeu Patrik, buscando freneticamente uma forma de reverter a situação a seu favor. – A Maja passou um bom bocado. Almoçou muito bem e depois Annika foi dar um passeio com ela e a Maja adormeceu na cadeirinha.

– Tenho a certeza de que a Annika fez um trabalho excelente como ama. O problema não é esse. O que me chateia é o facto de nós termos concordado que tu tomarias conta dela enquanto eu trabalhava. Não é que eu espere que passes cada minuto com ela até janeiro; é claro que a Maja vai precisar de uma ama de vez em quando. Mas acho que é um bocado de mais deixá-la com a secretária da esquadra para poderes ir a correr fazer um serviço quando ainda só passou uma semana da tua licença de paternidade. Não achas?

Patrik ponderou por um segundo se a pergunta não seria puramente retórica, mas quando reparou que Erica parecia estar à espera de uma resposta, percebeu que não era o caso.

– Bem, agora que colocaste a questão dessa forma, eu... pronto, foi realmente uma estupidez. Mas eles ainda nem sequer tinham verificado se Erik... e eu envolvi-me tanto que... Enfim, realmente foi

uma estupidez! – afirmou Patrik como conclusão do seu confuso pedido de desculpas. Depois passou a mão pelo cabelo, deixando-o todo em pé.

– De agora em diante. Nada de trabalho. Promete-me. Só tu e a Maja. Agora põe o polegar para cima – Patrik pôs ambos os polegares para cima, tentando parecer o mais digno de confiança possível. Erica soltou um grande suspiro e levantou-se da cadeira. – Ora bem, minha querida, não me parece que te tenha acontecido nada de mal. Perdoamos ao papá e vamos lá para baixo fazer o jantar? – Maja assentiu. – O papá pode fazer-nos um esparguete à carbonara, para compensar o que aconteceu hoje – disse Erica, dirigindo-se para o rés do chão com Maja equilibrada na anca. Maja assentiu ansiosamente. O esparguete à carbonara do papá era um dos seus pratos preferidos.

– Então, chegaram a alguma conclusão? – perguntou Erica mais tarde, quando se sentou à mesa da cozinha a observar Patrik a fritar toucinho e a ferver água para o esparguete. Maja estava instalada em frente ao televisor, a assistir ao programa infantil *Bolibompa*, para os adultos poderem estar um pouco sozinhos em paz e sossego.

– É muito provável que Erik tenha morrido algures entre quinze e dezassete de junho – Patrik salteou o toucinho na panela. – Raios! – uns pingos de gordura tinham saltado da frigideira, queimando-lhe o braço. – Isto dói! Ainda bem que não estou todo nu a fritar toucinho.

– Sabes que mais, amor? Concordo plenamente. Ainda bem que não estás nu a fritar toucinho – Erica piscou-lhe o olho e Patrik aproximou-se dela para a beijar na boca.

– Com que então, já sou outra vez o teu «amor»? Isso significa que já não estou de castigo?

Erica fingiu pensar por um momento.

– Eu não iria tão longe, mas talvez saias em breve. Se o esparguete estiver mesmo bom, talvez reconsidere.

– Então, como correu o teu dia? – perguntou Patrik, regressando aos seus cozinhados. Levantou cautelosamente os pedaços de toucinho e colocou-os sobre uma toalha de papel para absorver a gordura. O

truque para fazer um bom esparguete à carbonara era fritar bem o toucinho para que ficasse bem estaladiço, não havia nada pior do que toucinho mole.

– Por onde hei de começar? – disse Erica, suspirando. Primeiro, falou-lhe da visita de Anna e dos problemas da irmã como madrasta de uma adolescente. Em seguida, Erica contou o que tinha acontecido quando foi a casa de Britta. Patrik pousou a espátula e olhou para a mulher com surpresa.

– Foste a casa dela fazer-lhe perguntas? E a velhota tem Alzheimer? Não admira que o marido tenha gritado contigo. Eu teria feito o mesmo.

– Ena, obrigadinha. Anna disse a mesma coisa; portanto, já ouvi críticas suficientes acerca disso por hoje, está bem? – Erica amuou. – Na verdade, quando lá fui não sabia que a senhora tinha Alzheimer.

– Então e que foi que ela disse? – perguntou Patrik, pondo o esparguete na água a ferver.

– Tens consciência de que isso servia para alimentar um pequeno exército? – disse Erica, ao reparar que Patrik tinha posto quase dois terços do pacote dentro do tacho.

– Quem é que está a fazer o jantar, eu ou tu? – retorquiu Patrik, apontando a espátula a Erica. – Então, conta lá o que disse a velhota!

– Bem, em primeiro lugar, parece que elas passaram muito tempo juntas quando eram jovens, Britta e a minha mãe. Aparentemente, eram um grupo muito unido, elas as duas, Erik Frankel e um tipo chamado Frans.

– Frans Ringholm? – perguntou Patrik enquanto mexia o esparguete.

– Sim, acho que é assim que se chama. Frans Ringholm. Porquê? Conhece-lo? – Erica lançou-lhe um olhar interrogativo, mas Patrik limitou-se a encolher os ombros.

– Ela disse mais alguma coisa? Tem tido algum contacto com Erik ou com Frans? Ou com Axel, já agora?

– Não me parece – respondeu Erica. – Julgo que não mantiveram o contacto uns com os outros, mas posso estar enganada – Erica franziu

a testa, reproduzindo uma vez mais a conversa na sua mente. – Houve uma coisa... – prosseguiu de modo hesitante.

Patrik parou de mexer enquanto esperava que Erica continuasse.

– Ela disse qualquer coisa... algo sobre Erik e «ossos velhos». Que deviam ser deixados em paz. E que Erik tinha dito... Não, depois a mente dela turvou-se e não consegui perceber mais nada. Britta estava realmente muito confusa, por isso não sei que peso atribuir ao que me disse. Provavelmente, não passou tudo de um disparate.

– Não necessariamente – disse Patrik. – Não necessariamente. Hoje já é a segunda vez que ouço essas palavras relacionadas com Erik Frankel. Ossos velhos... Que significará isso?

Enquanto Patrik pensava naquilo, a água do esparguete começou a transbordar.

Frans tinha-se preparado cuidadosamente antes da reunião. O conselho reunia-se uma vez por mês e havia inúmeros pontos na ordem do dia. O ano de eleições estava à porta e tinham pela frente um dos maiores desafios de sempre.

– Estão todos aqui? – Frans olhou em redor da mesa, examinando em silêncio os outros cinco membros do conselho. Só havia homens. A igualdade entre os sexos ainda não tinha chegado às organizações neonazis. E quase de certeza nunca chegaria.

As instalações em Uddevalla tinham sido alugadas a Bertolf Svensson, e estavam agora sentados na sala da cave do bloco de apartamentos que possuía. O espaço era normalmente utilizado como salão comunitário e ainda havia vestígios da festa que um dos inquilinos tinha realizado no fim de semana. O grupo também tinha acesso a um escritório no mesmo prédio, mas era pequeno e pouco adequado às reuniões do conselho.

– Não limparam isto como deve ser. Vou ter de ter uma conversa com eles quando terminarmos a reunião – resmungou Bertolf, pontapeando uma garrafa de cerveja vazia, que rolou pelo chão até ao outro extremo da sala.

– Ordem no conselho! – disse severamente Frans. Não havia tempo para conversas supérfluas. – Em que pé estão os preparativos?

Frans virou-se para Peter Lindgren, o membro mais jovem do conselho. Apesar dos protestos expressos de Frans, Lindgren tinha sido escolhido para coordenar a campanha. Frans não confiava naquele homem. Ainda no verão passado Lindgren tinha sido preso por agredir um somali no mercado de Grebbestad, e Frans não acreditava que ele fosse capaz de manter a postura necessária para uma tarefa de tanta responsabilidade como aquela.

Como que para confirmar as suspeitas de Frans, Peter fugiu à pergunta e, em vez de responder, disse:

– Souberam o que aconteceu em Fjällbacka? – Peter deu uma gargalhada. – Parece que alguém decidiu acabar com Frankel... esse sacana desse traidor à raça.

– Como suponho que nenhum de nós teve nada que ver com isso, sugiro que voltemos à nossa ordem do dia – disse Frans, fixando os olhos em Peter. Por um momento, os dois homens travaram uma batalha silenciosa pelo poder.

Então, Peter desviou o olhar.

– Estamos a fazer progressos. Recrutámos novos elementos e certificámo-nos de que todos os nossos membros, tanto os novos como os antigos, estão preparados para fazer a sua parte do trabalho de campo necessário para espalhar a nossa mensagem numa vasta área até às eleições.

– Ainda bem – disse laconicamente Frans. – E quanto ao registo do partido? Já está tratado? E os boletins de voto?

– Tudo sob controlo – Peter tamborilou na mesa, claramente irritado por ter sido interrogado como se estivesse na escola. Incapaz de resistir a provocar Frans, acrescentou: – Afinal, parece que não conseguiu proteger o seu velho amigalhaço. Que tinha esse velhadas de tão importante para ter achado que valia a pena dar a cara por ele? As pessoas têm falado disso, sabe? Têm questionado a sua lealdade.

Frans levantou-se e olhou para Peter com ódio. Werner Hermansson,

que estava sentado do outro lado de Frans, pegou-lhe no braço.

– Não lighes ao que ele diz, Frans. E, por amor de Deus, Peter, acalma-te. Isto é ridículo. Devíamos estar a debater a forma de agir, não ficar para aqui sentados a atirar coisas à cara uns dos outros. Bem, agora deem um aperto de mão – Werner olhou primeiro para Peter, depois para Frans. Sem contar com Frans, Werner era o membro mais antigo dos Amigos da Suécia e também conhecia Frans há mais tempo do que qualquer um dos outros. Era o bem-estar de Peter que procurava acautelar, não o de Frans. Já tinha visto do que Frans era capaz.

Por um momento, todos ficaram à espera do que iria acontecer, mas depois Frans voltou a sentar-se.

– Correndo o risco de parecer repetitivo, vou sugerir novamente que voltemos à nossa ordem do dia. Há alguma objeção? Há mais assuntos que não estejam na nossa agenda com que tenhamos de perder tempo? Então? – Frans olhou intensamente para cada um dos membros do conselho até todos terem desviado o olhar. Depois prosseguiu: – Parece que a maioria das questões práticas está a ser resolvida. Sendo assim, que tal seguirmos em frente e debater os assuntos que devem constar no programa eleitoral? Estive a ouvir o que as pessoas têm para dizer, aqui na cidade, e acho realmente que, desta vez, podemos conquistar um lugar no conselho municipal. As pessoas estão conscientes do laxismo do governo nacional e do condado em relação às questões da imigração. Os trabalhadores constataam que os seus empregos vão parar às mãos de pessoas que não têm cidadania sueca. Veem como o erário municipal está a ser desbaratado em ajudas sociais a esse mesmo grupo. Verifica-se uma insatisfação generalizada acerca do modo como está a ser feita a gestão a nível local e é isto que precisamos de explorar. O telemóvel de Frans tocou estridentemente no bolso das calças. – Merda! Desculpem, esqueci-me de desligá-lo. Só um segundo – Frans pegou no telemóvel e olhou de relance para o ecrã. Reconheceu o número. Era o telefone de casa de Axel. Frans desligou o aparelho sem atender. – As minhas desculpas.

Ora bem, onde é que íamos? Ah, pois. Temos uma oportunidade fantástica de explorar a ignorância que o município tem demonstrado em relação ao problema dos refugiados.

Frans continuou a falar enquanto todos os membros do conselho o escutavam atentamente. Mas os seus pensamentos corriam numa direção completamente diferente.

* * *

A decisão de faltar à aula de matemática foi tomada sem qualquer esforço. Nunca tencionara pôr os pés nas aulas de matemática. Nem pensar. Havia qualquer coisa nos números e naquela treta toda que lhe fazia pele de galinha. Não percebia nada daquilo, ponto final. A sua mente ficava em branco sempre que tentava somar ou subtrair. E, afinal, para que lhe serviria a aritmética? Nunca ia tornar-se um daqueles génios das finanças; portanto, era uma completa perda de tempo.

Per acendeu outro cigarro enquanto inspecionava o pátio da escola. Os outros tinham ido à Hedemyr, para tentar roubar alguma coisa, mas não lhe apetecera ir com eles. Tinha ficado em casa de Tomas na noite anterior e tinham jogado «Tomb Raider» até as cinco da manhã. A mãe não parava de ligar para o seu telemóvel; por isso, Per acabou por desligá-lo. Teria preferido ficar na cama, mas a mãe de Tomas expulsara-o quando foi para o trabalho, por isso tinham ido para a escola, à falta de melhor ideia.

Naquele momento, Per estava a sentir-se extremamente aborrecido. Afinal, talvez devesse ter ido com o resto do grupo. Levantou-se do banco para ir atrás deles, mas depois sentou-se novamente quando viu Mattias sair da escola com aquela galinha estúpida a reboque, a miúda atrás de quem todos andavam, sabe-se lá porquê. Per nunca percebeu porque achavam que Mia era tão boazona. Aquelas loiras com ar inocente não eram o seu tipo.

Per apurou os ouvidos para escutar o que estavam a dizer um ao

outro. Mattias era praticamente o único a falar, e devia ser alguma coisa interessante, porque Mia bebia cada palavra, olhando para Mattias com aqueles olhos azul-bebé dela, por detrás de toda a maquilhagem. Ao aproximarem-se, Per conseguiu ouvir fragmentos da conversa. Deixou-se ficar muito quieto. Mattias estava tão concentrado em saltar para as cuecas de Mia que nem reparou em Per.

– Devias ter visto como o Adam ficou branco quando o viu. Mas eu percebi imediatamente o que tinha de ser feito e disse-lhe para sairmos dali, para não estragarmos qualquer prova.

– Ena! – exclamou Mia com admiração.

Per riu-se para si mesmo. Jesus, Mattias estava mesmo empenhado em levá-la para a cama. Se calhar, Mia já tinha as cuecas molhadas.

– E o mais fixe é que ninguém mais se atreveu a ir até lá. O pessoal ainda estava com ideias, mas sabes bem que uma coisa é falar, agora fazê-lo mesmo...

Per já ouvira o suficiente. Saltou do banco e correu em direção a Mattias. Antes que o amigo percebesse o que estava a acontecer, Per atirou-se a ele por trás e deitou-o ao chão. Per sentou-se nas costas de Mattias e torceu-lhe o braço até Mattias gritar de dor e depois agarrou-lhe o cabelo. Aquele corte ridículo à surfista estava mesmo a pedir um puxão. Então, de forma perfeitamente deliberada, Per levantou a cabeça de Mattias e atirou-a violentamente contra o asfalto. Per ignorou o facto de Mia estar aos gritos a poucos metros de distância. Quando a rapariga se precipitou para dentro da escola para pedir ajuda, Per atirou novamente a cabeça de Mattias contra o chão.

– Que merdas é que andas para aí a espalhar! És um grande cabrão, nem penses que vou continuar a deixar-te fazer isso, cobardolas de merda – Per estava tão furioso que tudo ficou escuro diante dos seus olhos e o resto do mundo desapareceu. A única coisa que sentia era o cabelo de Mattias na sua mão e o estremeção que agitava os seus dedos de cada vez que a cabeça do rapaz batia no pavimento. A única coisa que via era o sangue que começava a colorir a superfície negra sob a cabeça de Mattias. Per encheu-se de satisfação quando viu

aquelas manchas vermelhas. Sentiu-a profundamente dentro do peito, provou-a, saboreou-a. Sentiu uma calma que raramente sentira antes. Não fez qualquer tentativa para resistir à raiva – deixou simplesmente que a raiva o preenchesse, entregando-se a ela, banquetando-se com aquela sensação primitiva que afastava tudo o resto, tudo o que era complicado, triste, mesquinho. Per não queria parar, não conseguia parar. Continuou a gritar e a bater, continuou a ver aquela mancha vermelha, pegajosa e molhada sempre que erguia a cabeça de Mattias, até que sentiu alguém a agarrá-lo por trás e a separá-lo à força de Mattias.

– Que estás a fazer? – Per virou-se, genuinamente surpreendido ao ver a expressão irada no rosto do professor de matemática. Nos andares superiores da escola havia rostos a espreitar por cada janela e um pequeno rebanho de curiosos tinha-se reunido no pátio. Per olhava desapaixonadamente para a forma imóvel de Mattias e, sem resistir, deixou-se arrastar vários metros para longe da sua vítima.

– Meu Deus, Per, enlouqueceste? – o rosto do professor de matemática estava a escassos centímetros de distância do seu. O homem gritava, mas Per virou a cabeça, indiferente.

Por uns momentos, sentira-se fantasticamente bem. Agora, havia apenas o vazio.

Ficou no corredor a olhar para as fotografias na parede durante muito tempo. Tantos momentos felizes. Tanto amor. As fotografias a preto-e-branco do seu casamento, quando ele e Britta pareciam mais solenes do que realmente se sentiam. Britta a segurar Anna-Greta nos braços enquanto ele tirava a fotografia. Se bem se lembrava, tinha pousado a máquina depois de as ter fotografado e pegara na filha pela primeira vez. Britta tinha-o advertido nervosamente que apoiasse a cabeça da bebé, mas era como se soubesse instintivamente como segurá-la. E sempre assumira um papel ativo a cuidar das filhas, com muito mais dedicação do que seria de esperar de um marido daquela época. A sogra tinha-o repreendido muitas vezes, afirmando que

mudar fraldas ou dar banho a bebês não eram tarefas apropriadas para um homem. Mas ele não conseguia evitá-lo. Sentia que aquilo era perfeitamente natural e não achava justo que Britta carregasse todo o fardo e cuidasse das três meninas que tinham tido, com idades tão próximas umas das outras.

Na verdade, teria gostado de ter mais filhos; porém, após o terceiro nascimento, que tinha sido dez vezes mais complicado do que os dois primeiros juntos, o médico chamara-o à parte e afirmara que, provavelmente, o corpo de Britta não sobreviveria a outra gravidez. E Britta tinha chorado. Inclinara a cabeça sem olhar para ele e, com lágrimas a escorrer-lhe pelo rosto, pedira-lhe desculpa por não lhe poder dar um filho. Olhara fixamente para a mulher, surpreendido. Nunca tinha ocorrido a Herman desejar algo mais do que lhe tinha sido dado. Rodeado pela mulher e por três meninas, sentia-se mais rico do que jamais sonhara ser possível. Demorara algum tempo a convencê-la disso, mas quando Britta se apercebeu de que Herman estava realmente a ser sincero, parou de chorar e, então, ambos concentraram a sua atenção nas meninas que tinham trazido ao mundo.

Agora havia tantos outros para amar. As raparigas tinham os seus próprios filhos, que Herman e Britta amavam de todo o coração, e Herman demonstrara novamente a sua habilidade para mudar fraldas, quando iam a casa das filhas para lhes dar uma ajuda. Era tão difícil para elas, nos tempos que corriam; ao mesmo tempo tinham de dar conta de um emprego, um lar e uma família. Mas ele e Britta tinham ficado felizes e gratos por haver espaço para eles, por haver alguém que podiam ajudar, alguém que podiam amar. E, agora, alguns dos netos também tinham filhos. Era certo que os dedos de Herman estavam agora mais rígidos, mas com aquelas engenhosas fraldas *Up&Go*, ainda era capaz de mudar uma de vez em quando. Herman abanou a cabeça. Onde tinham ido parar todos aqueles anos?

Subiu até ao quarto e sentou-se na beira da cama. Britta estava a fazer a sua sesta da tarde. Tinha sido um dia mau. Algumas vezes, Britta não o reconhecera, pensando que estava novamente em casa dos

pais. Britta perguntara pela mãe. E depois pelo pai, com medo evidente na voz. E Herman acariciara-lhe os cabelos, assegurando-lhe uma e outra vez de que o pai tinha partido há muitos anos. Que já não podia fazer-lhe mal algum.

Herman acariciou-lhe a mão, que estava pousada na colcha de croché. Tinha a pele enrugada e pontilhada pelas manchas da idade que as mãos de Herman também apresentavam. Mas os dedos ainda eram longos e elegantes. E Herman sorriu para si mesmo quando reparou nas unhas pintadas de cor-de-rosa. Britta sempre fora um pouco vaidosa, e continuava a sê-lo. Mas Herman nunca se queixara. Britta fora sempre uma bela esposa e, durante cinquenta e cinco anos de casamento, Herman nunca olhara sequer de relance para outra mulher.

As pálpebras de Britta agitavam-se levemente. Estava a sonhar com alguma coisa. Herman desejou poder entrar nos seus sonhos. Viver dentro deles na sua companhia e fingir que tudo era como sempre tinha sido.

Naquele dia, confusa como estava, Britta falara acerca de coisas que tinham concordado nunca mencionar. Mas, à medida que o seu cérebro se desintegrava e se decompunha, iam rebentando as barragens, os muros que tinham erguido ao longo dos anos para conter o seu segredo. Tinham-no partilhado durante tanto tempo que, de algum modo, aquele segredo tinha-se fundido no tecido das suas vidas, até se ter tornado invisível. E Herman acabara por permitir-se relaxar e esquecer.

Não tinha sido boa ideia que Erica a tivesse visitado. De todo. Fora isso que provocara a brecha no muro, uma brecha que estava agora a crescer. Se não pudesse ser colmatada, um dilúvio desabaria sobre eles, arrastando-os a todos para o fundo.

Mas, pelo menos, Herman não precisava de se preocupar mais com Erica. Eles não precisam de se preocupar mais com Erica.

Herman continuou a acariciar-lhe a mão.

– Ah, é verdade, esqueci-me de te dizer: A Karin telefonou. Ficou combinado encontrarem-se às dez para darem um passeio. Na farmácia.

Patrik imobilizou-se.

– A Karin? Hoje? Daqui a – olhou rapidamente para o relógio – meia hora?

– Desculpa – disse Erica, embora o seu tom de voz indicasse que não estava minimamente arrependida. Mas depois acabou por ceder. – Estava a pensar dar um salto à biblioteca para pesquisar um pouco; por isso, se tu e a Maja conseguirem ficar prontos daqui a vinte minutos, posso dar-vos boleia.

– E tu... – Patrik hesitou. – Não ficas chateada com isso?

Erica aproximou-se e deu-lhe um beijo.

– Comparado com a utilização de uma esquadra como creche para a nossa filha, um encontro para dar um passeio com a tua ex-mulher não é nada.

– Ha, ha, há, és muito engraçadinha – disse Patrik de mau humor, embora soubesse que Erica tinha razão. O que tinha feito no dia anterior tinha sido uma grande estupidez.

– Então, não fiques para aí parado! Vai vestir-te! Não gostava mesmo nada que fosses encontrar-te com a tua ex-mulher nesse preparo – Erica deu uma gargalhada, olhando o marido de alto a baixo. Patrik ainda só tinha vestido os *boxers* e as peúgas.

– O quê, não estou suficientemente *sexy* assim? – disse Patrik, fazendo uma pose de culturista. Erica riu-se tanto que teve de sentar-se na cama.

– Para, por favor.

– Para tua informação – disse Patrik, fingindo-se insultado –, estou repugnantemente musculado. Isto é só uma fachada para atrair os criminosos para uma falsa sensação de segurança – disse, dando uma palmadinha na barriga, que estremeceu um pouco mais do que teria estremecido se ali apenas houvesse músculo puro. O casamento não tinha ajudado a diminuir a sua cintura.

– Para! – disse Erica. – Nunca mais vou ser capaz de fazer amor contigo se não parares com isso. – A resposta de Patrik foi atirar-se para cima da cama com o seu melhor uivo animalesco e começar a fazer-lhe cócegas.

– Retira o que disseste! Vais retirar o que disseste? Sim ou não?

– Sim, sim, retiro o que disse! Agora para! – gritou Erica, que tinha muitas cócegas.

– Mamã! Papá! – Maja estava de pé, à porta, e batia alegremente palmas perante aquele espetáculo. Tinha sido atraída para fora do seu quarto por todos aqueles sons interessantes vindos do quarto dos pais.

– Anda cá que o papá também te vai fazer cócegas – disse Patrik, erguendo Maja para a cama.

No segundo seguinte, mãe e filha riam à gargalhada. Depois, ficaram os três deitados na cama, exaustos e muito aconchegados, até que, abruptamente Erica sentou-se.

– É melhor apressarem-se. Eu posso vestir a Maja enquanto tu te pões decente.

Vinte minutos mais tarde, Erica parou em frente do edifício municipal, que também albergava a farmácia e a biblioteca. Ia ver Karin pela primeira vez, embora já tivesse ouvido umas coisas acerca dela, claro. Erica não tinha a certeza do que esperar; Patrik tinha sido bastante lacónico quando o tema de conversa era o seu primeiro casamento.

Estacionou o carro, ajudou Patrik a retirar a cadeirinha da bagageira e depois foi com o marido ao encontro de Karin. Respirou fundo e estendeu a mão.

– Olá, sou a Erica – disse. – Falámos ontem ao telefone.

– Olá, muito prazer – disse Karin. Para sua surpresa, Erica deu por si a gostar imediatamente da mulher que estava à sua frente. Pelo canto do olho, viu como Patrik estava pouco à vontade, balançando o corpo para frente e para trás, e não pôde deixar de desfrutar da situação. Era realmente bastante divertido.

Erica estudou a ex-mulher de Patrik com curiosidade. Karin era

mais magra do que ela e um pouco mais baixa. O cabelo escuro estava apanhado num desprezível rabo-de-cavalo. Tinha feições delicadas, não usava maquilhagem e parecia bastante... cansada. Por causa de ter de cuidar do bebé, sem dúvida, pensou Erica, apercebendo-se de que ela própria também não teria passado na inspeção antes de ter conseguido fazer com que Maja dormisse como devia ser durante a noite.

Conversaram durante algum tempo, mas depois Erica despediu-se e seguiu para a biblioteca. Fora um alívio poder finalmente conhecer o rosto da mulher que tinha sido uma parte tão importante da vida Patrik durante oito anos. Erica ainda nem sequer tinha visto uma fotografia de Karin. Mas, tendo em conta as circunstâncias que tinham levado à sua separação, era compreensível que Patrik não tivesse gostado de manter qualquer prova fotográfica dos tempos que passaram juntos.

A biblioteca estava tão calma como sempre. Erica tinha passado ali muitas horas; as bibliotecas tinham qualquer coisa que lhe dava uma tremenda sensação de satisfação.

– Olá, Christian!

O bibliotecário ergueu os olhos e sorriu quando viu Erica.

– Olá, Erica. Que bom ver-te outra vez! Em que posso ajudar-te hoje? – o sotaque de Småland do bibliotecário soou-lhe muito agradável. Erica perguntou a si própria porque seria que as pessoas de Småland pareciam sempre tão simpáticas assim que abriam a boca. No caso de Christian, a primeira impressão revelara-se acertada. Sempre fora cordial e atencioso, assim como muito competente no seu trabalho. Tinha havido muitas ocasiões em que a ajudara a encontrar informações que Erica apenas tinha uma leve esperança de conseguir localizar.

– Precisas de descobrir mais material para o mesmo caso que estavas a pesquisar da última vez? – perguntou Christian, lançando-lhe um olhar esperançoso. As perguntas de Erica relacionadas com pesquisas eram sempre um desvio bem-vindo da rotina monótona do seu trabalho, que consistia principalmente na recolha de informações

sobre peixes, veleiros e a fauna de Bohuslän.

– Não, hoje não – respondeu Erica, sentando-se numa cadeira à frente de Christian, no balcão de informações. – Hoje preciso de alguns factos sobre pessoas daqui, de Fjällbacka. E de determinados acontecimentos.

– Pessoas e acontecimentos. Poderias ser um pouco mais específica? – perguntou Christian, piscando-lhe o olho.

– Vou tentar – Erica desfiou rapidamente uma lista de nomes: – Britta Johansson, Frans Ringholm, Axel Frankel, Elsy Falck... ou melhor, Moström – e... – Erica hesitou alguns segundos antes de acrescentar: – Erik Frankel.

Christian teve um sobressalto.

– Esse não é o homem que foi encontrado assassinado?

– Exatamente – respondeu Erica.

– E Elsy? É a tua...

– A minha mãe, sim. Preciso de informações sobre todas essas pessoas, por volta da época da Segunda Guerra Mundial. Espera, vamos limitar a busca aos anos da guerra.

– Ou seja, de 1939 a 1945.

Erica assentiu e, com expectativa, viu como Christian datilografava a solicitação desejada no seu computador.

– Já agora, como está a correr o teu projeto?

Uma sombra pareceu passar pelo rosto do bibliotecário, mas em seguida, esfumou-se, e Christian respondeu à pergunta.

– Vou a meio. Obrigado por perguntares. E foi em grande medida graças aos conselhos que me deste que consegui chegar tão longe.

– Ora, aquilo não foi nada – disse Erica, olhando-o com ar envergonhado. – Se precisares de mais conselhos acerca de técnicas de escrita, ou se quiseres que eu dê uma vista de olhos ao teu manuscrito, é só dizeres. É verdade, já escolheste um título para o trabalho?

– *A Sereia* – disse Christian, sem olhar Erica nos olhos. – Vai chamar-se *A Sereia*.

– É um bom título. Como é que te lembraste? – perguntou Erica, mas Christian abanou repentinamente a cabeça, indicando que não queria falar sobre o assunto. Erica olhou para o bibliotecário com surpresa. Aquilo não era costume dele. Perguntou a si própria se teria dito algo que o pudesse ter ofendido, mas não conseguia perceber o que poderia ter sido.

– Aqui estão alguns artigos que te poderão interessar – disse logo a seguir Christian. – Queres que tos imprima?

– Sim, se fazes favor – disse Erica, ainda um pouco atordoada. Mas quando Christian voltou, alguns minutos depois, trazendo-lhe uma pilha de páginas acabadas de imprimir, era outra vez a pessoa amável do costume.

– Isto deve dar-te pano para mangas. Se houver mais alguma coisa que possa fazer para te ajudar, não hesites em pedir-me.

Erica agradeceu e saiu da biblioteca. Estava com sorte. O café do outro lado da rua estava aberto, por isso pediu um café antes de se sentar e começar a ler. Mas o que encontrou era tão interessante que nem sequer tocou na chávena e o café acabou por arrefecer.

– Ora bem, que descobrimos até agora? – Mellberg fez uma careta enquanto esticava as pernas. Ficou surpreendido por as dores causadas pelo exercício poderem durar tanto tempo. Àquele ritmo, o seu corpo iria recuperar mesmo a tempo para a próxima tarefa na aula de Salsa de sexta-feira. Mas, curiosamente, a ideia não era tão alarmante como tinha imaginado. Mellberg estava realmente satisfeito com a combinação da música fascinante, da proximidade do corpo de Rita e do facto de, no final da aula da semana anterior, os seus pés terem começado a apanhar os movimentos. Não, não planeava desistir das aulas tão depressa. Se havia alguém que tinha potencial para se tornar o rei da Salsa de Tanumshede, ele era essa pessoa.

– Desculpa, o que foi que disste? – Mellberg teve um sobressalto. Perdera completamente o que Paula tinha estado a dizer, quando se deixara levar pelos devaneios acerca de ritmos latinos.

– Como a Paula disse, conseguimos estabelecer o intervalo temporal em que ocorreu o homicídio de Erik Frankel – disse Gösta. – Ele estava com a... namorada, ou lá o que queiram chamar a pessoas nessa faixa etária, no dia quinze de junho. Erik acabou com a relação que havia entre eles e estava visivelmente embriagado, o que, segundo a senhora, era algo completamente invulgar.

– E a senhora da limpeza foi até à casa no dia dezassete de junho, mas não conseguiu entrar – acrescentou Martin. – Isso não significa necessariamente que ele já estivesse morto nessa altura, mas é uma clara indicação de que poderia estar. Ela pudera sempre entrar em casa dos irmãos. Se não estivessem em casa, deixavam-lhe uma chave para que pudesse entrar.

– Certo, ótimo. Portanto, por agora, vamos trabalhar a partir do pressuposto de que Erik morreu entre quinze e dezassete de junho. Verifiquem junto do irmão para saber se estava em casa ou se já tinha partido para Paris – Mellberg inclinou-se para coçar *Ernst* atrás das orelhas. O cão estava deitado sob a mesa da cozinha, depois de se ter instalado por cima dos pés de Mellberg, como era habitual.

– Mas achas realmente que Axel Frankel teve alguma coisa que ver com... – Paula parou a meio da frase, quando viu a expressão irritada de Mellberg.

– Neste momento, não acho nem deixo de achar nada. Mas sabes tão bem como eu que a maioria dos homicídios é cometida por um membro da família. Portanto, vamos dar um abanão ao irmão. Certo?

Paula assentiu. Para variar, Mellberg tinha razão. Paula não podia deixar que o facto de ter achado Axel Frankel tão simpático a impedisse de fazer o seu trabalho como devia ser.

– E quanto aos rapazes que assaltaram a casa? Conseguimos alguma pista sobre deles? – Mellberg olhou para os colegas sentados em torno da mesa. Todos se viraram para Gösta, que se agitava na cadeira, inquieto.

– Ah... bem... sim e não. Recolhi pegadas e impressões digitais de um dos rapazes... Adam... mas realmente não tenho tido tempo

para... conversar com o outro.

Mellberg arregalou os olhos.

– Já tiveste vários dias para tratar desta simples tarefa, e ainda assim não tens, e passo a citar, tido *tempo* para o fazer. É isso?

Gösta assentiu, parecendo desanimado.

– Não, quer dizer, sim... é isso. Mas vou tratar do assunto ainda hoje – Gösta recebeu um novo olhar irado de Mellberg. – Imediatamente, o mais depressa possível – disse Gösta, olhando para baixo.

– Acho bem que te apresses – retorquiu Mellberg, que voltou depois a sua atenção para Martin e Paula. – Mais alguma coisa? Como está a correr tudo com Ringholm? Descobriram algo por aí? Pessoalmente, parece-me a pista mais promissora e acho que devíamos virar a casa dos Amigos da Suécia do avesso.

– Temos falado com Frans, mas não conseguimos chegar a lado nenhum. Segundo Frans, alguns elementos dentro da organização ameaçaram Frankel, mas ele tentou intervir para o proteger, por causa da velha amizade que havia entre ambos.

– E esses «elementos» – Mellberg esboçou aspas em torno das palavras com os dedos – já conversámos com eles?

– Não, ainda não – respondeu calmamente Martin. – Mas isso está agendado para hoje.

– Ótimo, ótimo – disse Mellberg, empurrando *Ernst* com os pés, que começavam a ficar dormentes. *Ernst* soltou uma sonora ventosidade canina e depois instalou-se mais confortavelmente em cima dos pés do dono. – Ora bem, então apenas nos resta resolver um assunto. Esta esquadra não é uma creche! Percebes? – Mellberg olhou para Annika, que tinha estado calmamente a tomar notas durante a reunião. A secretária retribuiu-lhe o olhar, fitando-o por cima dos aros dos óculos de leitura. Após uma longa pausa, Mellberg começou a contorcer-se, interrogando-se se o seu tom de voz não teria sido demasiado duro.

Então, Annika disse:

– Ontem, enquanto estive a tomar conta da Maja por algum tempo, não deixei de cumprir as minhas obrigações e essa é a única coisa com que precisas de preocupar-te, Bertil.

Ocorreu uma silenciosa luta pelo poder quando Annika susteve calmamente o olhar de Mellberg. Por fim, o superintendente desviou o olhar, murmurando:

– Pronto, tudo bem, tu és provavelmente a melhor pessoa para ajuizar se...

– Além disso, foi graças ao Patrik ter passado por cá que percebemos que nos tínhamos esquecido de verificar as contas bancárias do Erik – Paula piscou o olho a Annika para lhe mostrar o seu apoio.

– Tenho a certeza de que teríamos pensado nisso mais cedo ou mais tarde... mas, graças ao Patrik, acabou por ser mais cedo do que mais tarde – afirmou Gösta, olhando também de relance para Annika antes de baixar os olhos e voltar a estudar o tampo da mesa.

– Certo, mas eu pensava que o Hedström estava de licença de paternidade – disse sombriamente Mellberg, perfeitamente consciente de que tinha perdido a batalha. – De que é que estão à espera? Agora que temos alguma coisa que nos permite seguir em frente, vamos ao trabalho. – Todos se levantaram e colocaram as chávenas de café na máquina de lavar louça.

Nesse momento, o telefone tocou.

FJÄLLBACKA, 1944

– CALCULEI QUE TE IA ENCONTRAR AQUI – ELSY SENTOU-SE AO LADO DE ERIK, QUE ESTAVA ABRIGADO NA FENDA DE UM ROCHEDO.

– É ONDE TENHO MAIS HIPÓTESES DE SER DEIXADO EM PAZ – DISSE ERIK, IRRITADO, MAS DEPOIS A SUA EXPRESSÃO SUAVIZOU-SE E O RAPAZ FECHOU O LIVRO QUE TINHA NO COLO.

– DESCULPA – DISSE ERIK. – NÃO QUERIA PASSAR-TE O MEU MAU HUMOR.

– O MOTIVO DO TEU MAU HUMOR É AXEL? – PERGUNTOU SUAVEMENTE ELSY. – COMO ESTÃO AS COISAS LÁ EM CASA?

– É COMO SE ELE JÁ TIVESSE MORRIDO – RESPONDEU ERIK, FITANDO O MAR QUE SE AGITAVA, INQUIETO, À ENTRADA DO PORTO DE FJÄLLBACKA. – PELO MENOS A MINHA MÃE ESTÁ A AGIR DESSA MANEIRA, COMO SE ELE JÁ ESTIVESSE MORTO. E O MEU PAI SÓ ANDA DE UM LADO PARA O OUTRO, A RESMUNGAR, E RECUSA-SE TERMINANTEMENTE A FALAR ACERCA DISSO.

– ENTÃO E TU? COMO É QUE TE SENTES? – PERGUNTOU ELSY, ESTUDANDO O AMIGO. CONHECIA TÃO BEM ERIK. MELHOR DO QUE ELE PENSAVA. TINHAM PASSADO TANTAS HORAS A BRINCAR JUNTOS – ELA E ERIK, BRITTA E FRANS. JÁ NÃO HAVIA MUITO A QUE BRINCAREM, AGORA QUE ERAM QUASE TODOS CRESCIDOS. MAS, NAQUELE MOMENTO, ELSY NÃO VIA NENHUMA DIFERENÇA ENTRE O ERIK DE CATORZE ANOS E O MENINO DE CINCO ANOS QUE, MESMO EM CALÇÕES, PARECIA UM VELHO NUM CORPO DE CRIANÇA. ERA COMO SE, AO NASCER, ERIK FOSSE JÁ UM PEQUENO VELHO QUE CRESCEU E SE ENCAIXOU NO SEU PRÓPRIO EU. COMO SE O CORPO DA CRIANÇA, O CORPO DE RAPAZINHO E AGORA O CORPO DE JOVEM, FOSSEM ETAPAS QUE ERIK TIVERA DE PERCORRER ANTES DE SE ENCAIXAR NA PELE QUE LHE ERA APROPRIADA.

— NÃO SEI COMO ME SINTO — DISSE ERIK SECAMENTE, OLHANDO PARA LONGE. MAS NÃO FOI SUFICIENTEMENTE RÁPIDO E ELSY VIU OS OLHOS MAREJAREM-SE-LHE DE LÁGRIMAS.

— SABES, SIM — DISSE ELSY, OLHANDO PARA O SEU PERFIL. — FALA COMIGO.

— SINTO-ME TÃO... DIVIDIDO. UMA PARTE DE MIM ESTÁ MUITO ASSUSTADA E TRISTE COM O QUE ACONTECEU, E VAI ACONTECER, AO AXEL. SÓ DE PENSAR QUE ELE PODE MORRER FAZ COM QUE EU... — ERIK PROCUROU AS PALAVRAS CERTAS, MAS NÃO ENCONTROU NENHUMA. MAS ELSY COMPREENDIA. NÃO FALOU, APENAS ESPEROU QUE O AMIGO PROSSEGUISSSE. — MAS HÁ OUTRA PARTE DE MIM QUE SE SENTE TÃO... FURIOSA — A VOZ DE ERIK ERA MAIS PROFUNDA, SUGERINDO COMO SOARIA A SUA VOZ EM ADULTO. — SINTO RAIVA PORQUE AGORA ESTOU AINDA MAIS INVISÍVEL DO QUE ANTES. EU NÃO EXISTO. ENQUANTO O AXEL ESTEVE EM CASA, ERA COMO SE PUDESSE REFLETIR EM MIM UM POUCO DA LUZ QUE BRILHAVA SOBRE ELE. UM MINÚSCULO RAIOS DE LUZ, DE VEZ EM QUANDO. UM PEQUENO FOCO, UM POUCO DE ATENÇÃO, QUE APONTAVA NA MINHA DIREÇÃO. E ISSO BASTAVA-ME. NUNCA QUIS MAIS DO QUE ISSO. O AXEL MERECIA ESTAR SOB AS LUZES DA RIBALTA, SER O CENTRO DAS ATENÇÕES. ELE SEMPRE FOI MELHOR DO QUE EU. NUNCA OUSARIA FAZER O QUE ELE FEZ. NÃO SOU CORAJOSO. EU NÃO ATRAIO AS ATENÇÕES. NÃO TENHO A CAPACIDADE DO AXEL DE FAZER COM QUE AS PESSOAS QUE ESTÃO À MINHA VOLTA SE SINTAM BEM. PORQUE ACHO QUE É ESSE O SEGREDO DELE... CONSEGUIR FAZER SEMPRE COM QUE AS OUTRAS PESSOAS SE SINTAM BEM. EU NÃO TENHO ESSE TALENTO. FAÇO COM QUE AS PESSOAS FIQUEM NERVOSAS E POUCA À VONTADE. ELAS REALMENTE NÃO SABEM O QUE PENSAR DE MIM. SEI DEMASIADAS COISAS. NÃO ME RIO O SUFICIENTE. EU... — ERIK FOI FORÇADO A PARAR PARA RECUPERAR O FÔLEGO, APÓS AQUELE QUE FORA POSSIVELMENTE O DISCURSO MAIS LONGO E SEM INTERRUPÇÕES QUE JÁ FIZERA.

ELSY NÃO CONSEGUIU CONTER O RISO.

— TEM CUIDADO, NÃO USES AS PALAVRAS TODAS DE UMA SÓ VEZ, ERIK. COSTUMAS SER TÃO POUPADO COM O QUE DIZES — A RAPARIGA SORRIU,

MAS O AMIGO CERROU OS MAXILARES ANTES DE PROSSEGUIR.

— MAS ISSO É EXATAMENTE O QUE QUERO DIZER. E SABES QUE MAIS? ACHO QUE PODIA COMEÇAR POR IR-ME EMBORA, AFASTAR-ME CADA VEZ MAIS, CONTINUAR A ANDAR E NUNCA MAIS VOLTAR. E NINGUÉM LÁ EM CASA IRIA REPARAR QUE EU ME TINHA IDO EMBORA. PARA A MINHA MÃE E O MEU PAI, EU SOU APENAS UMA SOMBRA NA PERIFERIA DO SEU CAMPO DE VISÃO E, DE CERTA FORMA, ACHO QUE SERIA UM ALÍVIO PARA ELES SE A SOMBRA DESAPARECESSE PARA QUE PUDESSEM CONCENTRAR TODA A ATENÇÃO NO AXEL — A VOZ DE ERIK FRAQUEJOU E O RAPAZ VOLTOU-SE NOVAMENTE, DESPEITADO.

ELSY PÔS O BRAÇO EM TORNO DO AMIGO E INCLINOU A CABEÇA SOBRE O SEU OMBRO, FORÇANDO-O A VOLTAR DAQUELE LUGAR SOMBRIO ONDE TENTAVA ESCONDER-SE.

— ERIK, EU SEI QUE OS TEUS PAIS IRIAM NOTAR SE TU DESAPARECESSES. ELES APENAS ESTÃO... ABSORVIDOS A LIDAR COM O QUE ACONTECEU AO AXEL.

— OS ALEMÃES JÁ O APANHARAM HÁ QUATRO MESES — DISSE MONOTONAMENTE ERIK. — DURANTE QUANTO TEMPO VÃO CONTINUAR ABSORVIDOS NISTO? SEIS MESES? UM ANO? DOIS ANOS? UMA VIDA INTEIRA? EU ESTOU AQUI, AGORA. AINDA ESTOU AQUI. PORQUE É QUE ISSO NÃO SIGNIFICA NADA? E, AO MESMO TEMPO, SINTO-ME UMA PESSOA HORRÍVEL POR TER CIÚMES DO MEU IRMÃO, QUE NESTE MOMENTO DEVE ESTAR NA PRISÃO E PODE SER EXECUTADO ANTES QUE ALGUÉM CONSIGA VOLTAR A VÊ-LO. SOU UM GRANDE IRMÃO, NÃO HAJA DÚVIDAS!

— NINGUÉM DUVIDA DO TEU AMOR POR AXEL — ELSY AFAGOU-LHE AS COSTAS. — MAS NÃO É ASSIM TÃO ESTRANHO QUE TAMBÉM QUEIRAS SER VISTO, QUE TAMBÉM QUEIRAS EXISTIR. E EU, PELO MENOS, SEI QUE TU EXISTES. MAS TENS DE DIZER-LHES COMO TE SENTES, TENS DE FAZER COM QUE ELES TE VEJAM.

— NÃO ME ATREVO — ERIK ABANOU CABEÇA. — E SE ELES PENSAM QUE EU SOU UMA PESSOA HORRÍVEL?

ELSY TOMOU A CABEÇA DE ERIK ENTRE AS MÃOS E FORÇOU-O A OLHAR PARA ELA.

— Ouve-me, Erik Frankel. Tu não és uma pessoa horrível. Amas o teu irmão e os teus pais. Mas tu também estás de luto. Tem de falar com eles acerca disso, tens de exigir um pouco de espaço para ti. Percebes?

Erik tentou desviar o olhar, mas Elsy ainda estava a segurá-lhe a cabeça entre as mãos e a olhá-lo nos olhos.

Por fim, Erik assentiu.

— Tens razão. Vou falar com eles.

Impulsivamente, Elsy pôs os braços em redor de Erik e abraçou-o. Sentiu-o relaxar enquanto lhe acariciava as costas.

— Que diabo... — uma voz por detrás deles fê-los apartarem-se. Elsy virou-se e viu Frans a olhar para eles com o rosto branco e os punhos fechados. — Que diabo... — repetiu Frans. Parecia estar a ter dificuldade em encontrar outras palavras. Elsy apercebeu-se do que aquilo devia ter parecido e falou calmamente, numa tentativa de fazer Frans compreender o que estava realmente a acontecer antes que o rapaz desse largas ao seu temperamento explosivo. Elsy já tinha visto muitas vezes a raiva de Frans acender-se tão depressa como um fósforo. Havia algo em Frans que fazia com que estivesse sempre à beira da violência, como se estivesse constantemente à procura de razões para descarregar a sua ira. E Elsy era suficientemente inteligente para saber que Frans tinha uma queda por ela. Numa situação daquelas, as consequências poderiam ser desastrosas se não conseguisse explicar.

— Erik e eu estávamos aqui sentados a conversar — disse Elsy calmamente e em voz baixa.

— Oh, sim, via-se mesmo que estavam só sentados a conversar — disse Frans, e havia algo nos seus olhos que fez Elsy estremecer.

— Estávamos a falar acerca do Axel e de como é difícil aceitar que ele não esteja aqui — explicou Elsy, mantendo o olhar fixo em Frans. O olhar selvagem e frio nos seus olhos esbateu-se um pouco. Elsy continuou a falar: — Eu estava a consolar o Erik.

ERA SIMPLEMENTE O QUE ESTAVA A FAZER. PORQUE NÃO TE SENTAS AQUI CONNOSCO?

ELSY DEU UMA PALMADINHA NA ROCHA. FRANS HESITOU. MAS OS PUNHOS ESTAVAM AGORA ABERTOS E A EXPRESSÃO FRIA TINHA AGORA DESAPARECIDO COMPLETAMENTE. FRANS SUSPIROU PESADAMENTE E SENTOU-SE.

— DESCULPA — DISSE FRANS, SEM OLHAR PARA ELSY.

— NÃO FAZ MAL — RESPONDEU A RAPARIGA —, MAS NÃO SEJAS TÃO RÁPIDO A TIRAR CONCLUSÕES PRECIPITADAS.

FRANS FICOU ALI SENTADO EM SILÊNCIO POR UM TEMPO. ENTÃO, VIROU-SE PARA OLHAR PARA ELSY. DE REPENTE, A INTENSIDADE DA EMOÇÃO QUE VIU NOS OLHOS DO RAPAZ ASSUSTOU-A MAIS DO QUE A RAIVA FRIA QUE VIRA ANTERIORMENTE. TEVE UMA PREMONIÇÃO DE QUE AQUILO NÃO IA ACABAR BEM.

TAMBÉM PENSOU EM BRITTA E NOS OLHARES APAIXONADOS QUE ESTAVA SEMPRE A LANÇAR A FRANS.

NÃO, AQUILO NÃO IA ACABAR BEM.

§

– PARECE SER MUITO SIMPÁTICA – Karin sorriu enquanto empurrava Ludde na sua cadeirinha de passeio.

– A Erica é o máximo – disse Patrik com um sorriso a esboçar-se nos lábios. Claro que tinham tido umas quantas brigas nos últimos tempos, mas isso não tinha importância. Julgava-se um homem afortunado por acordar ao lado de Erica todas as manhãs.

– Gostaria de poder dizer o mesmo do Leif – afirmou Karin. – Mas começo a ficar realmente farta de estar casada com o músico de uma banda. Eu sabia no que estava a meter-me; portanto, acho que não me posso queixar.

– As coisas mudam quando temos filhos – disse Patrik. A sua observação era um misto de afirmação e de pergunta.

– Achas? – respondeu sarcasticamente Karin. – Talvez eu fosse ingénua, mas não fazia ideia do trabalho que dava e da quantidade de exigências que nos são impostas quando temos uma criança pequena e... não é fácil ter de carregar o fardo todo sozinha. Às vezes parece que eu sou a única a fazer todo o trabalho pesado: passar as noites em claro, mudar-lhe as fraldas, brincar com ele, dar-lhe de comer, levá-lo ao médico quando está doente. E, depois, o Leif entra alegremente pela porta e o Ludde recebe-o como se ele fosse o Pai Natal. Parece tão injusto.

– Mas quem é que o Ludde chama quando se magoa? – perguntou Patrik.

Karin sorriu.

– Tens razão. Só me quer a mim. Por isso, se calhar significa

realmente alguma coisa para o meu filho que seja só eu a confortá-lo a meio da noite. Mas não sei... De algum modo, sinto-me enganada. Não era assim que as coisas deviam ser – Karin suspirou e endireitou o gorro de Ludde, que tinha descaído e deixado uma orelha a descoberto.

– Pessoalmente, estou a achar isto muito mais divertido do que imaginava – disse Patrik, só percebendo a estupidez da observação quando captou o olhar penetrante que Karin lhe lançou.

– A Erica sente o mesmo? – perguntou bruscamente Karin, e Patrik percebeu onde a ex-mulher queria chegar.

– Não, não sente. Ou, pelo menos, não sentiu durante o ano passado – respondeu Patrik, sentindo uma pontada de culpa ao pensar como Erica andara pálida e triste durante os meses a seguir ao nascimento de Maja.

– Terá sido por se ter visto privada da sua vida adulta para ficar em casa com a Maja enquanto tu ias para o trabalho todos os dias?

– Mas eu dava uma ajuda sempre que podia – protestou Patrik.

– Tenho a certeza disso – afirmou Karin, manobrando a cadeirinha de bebé e avançando quando chegaram à parte mais estreita da rua que conduz à Badholmen. – Mas há uma enorme diferença entre «dar uma ajuda» e ser o único a ter de arcar com a maior parte da responsabilidade. Não é assim tão simples tentar perceber como acalmar um bebé que está a chorar ou como e quando perceber que a criança precisa de comer, ou como mantê-la ocupada pelo menos durante cinco dias por semana, geralmente sem qualquer tipo de companhia adulta. É completamente diferente ser o presidente da Empresa Bebé e ser um mero funcionário, que não tem de dar a cara e fica tranquilamente a tratar do inventário.

– Mas tu não podes pôr todos os pais no mesmo saco, assim sem mais nem menos – retorquiu Patrik enquanto manobrava a cadeirinha pela colina íngreme acima. – Muitas vezes as mães não querem abrir mão do controlo e, se o marido muda uma fralda, dizem logo que ele fez tudo mal, ou se ele alimenta o bebé, a mãe diz que não está a

pegar corretamente no biberão e por aí fora. Nem sempre é assim tão fácil para os pais assumirem esse papel de presidente de que faleste.

Karin ficou calada por alguns minutos. Depois, olhou para Patrik e disse:

– A Erica era assim, quando ficou em casa com a Maja? Recusava-se a deixar-te participar? – Karin esperou pela resposta de Patrik.

Patrik ponderou cuidadosamente a resposta e depois foi forçado a admitir:

– Não, não era. Acho que eu estava realmente feliz por não ter de assumir a maior parte da responsabilidade. Quando a Maja estava triste e eu tentava confortá-la, era bom saber que, se ela continuasse a chorar, podia sempre entregá-la à Erica se não conseguisse acalmá-la. E a Erica tratava de tudo. E era excelente ir para o trabalho todas as manhãs e saber que, quando chegasse a casa, ao final da tarde, a Maja me fazia sempre uma grande receção.

– E, entretanto, ias tendo a tua dose do mundo adulto – disse secamente Karin. – Então e como estão a correr as coisas, agora que tens a maior parte da responsabilidade? Vai tudo bem?

Patrik pensou por um momento e depois teve de abanar a cabeça.

– Bem, não tenho propriamente recebido as melhores notas como pai que fica em casa a tomar conta dos filhos. Mas não é fácil. Sabes, é que a Erica trabalha em casa e sabe onde está tudo e... – Patrik abanou novamente a cabeça.

– Isso soa tão familiar. Cada vez que o Leif chega a casa, põe-se logo a gritar: «Karin! Onde estão as fraldas?» Às vezes interrogo-me como é que os homens conseguem realmente fazer o seu trabalho, já que em casa não conseguem lembrar-se de onde estão as coisas mais básicas.

– Ora, então? – disse Patrik, acotovelando Karin de lado. – Não somos assim tão incompetentes. Dá-nos algum crédito, está bem? Há apenas uma geração, os homens nunca teriam mudado as fraldas aos filhos e nós já percorremos um longo caminho desde então. Mas não podes querer que uma transformação destas se faça da noite para o

dia. Os nossos pais foram os nossos modelos, eles é que nos influenciaram e a adaptação demora o seu tempo. Mas estamos a fazer o melhor que podemos.

– Talvez *tu* estejas – disse Karin, de novo em tom amargo. – Mas esse não é definitivamente o caso do Leif.

Patrik não respondeu. Não havia realmente nada a dizer. E, quando se separaram em Sälvik, no cruzamento perto do clube de vela Norderviken, sentiu-se triste e pensativo. Durante muito tempo, albergara sentimentos negativos em relação a Karin por causa da sua traição. Agora, sentia apenas uma pena enorme.

O telefonema para a esquadra tinha-os feito saltar imediatamente para um carro-patrulha. Mellberg, como de costume, tinha murmurado uma desculpa qualquer e apressara-se na direção do seu gabinete, mas Martin, Paula e Gösta tinham acelerado para a escola secundária de Tanumshede. À chegada, foram encaminhados para o gabinete do diretor e, como aquela não era sua primeira viagem à escola, Martin não teve dificuldade em encontrar o caminho.

– O que aconteceu aqui? – Martin olhou em redor da sala; um adolescente de aparência rude estava sentado numa cadeira, ladeado pelo diretor e por dois homens, que Martin calculou serem professores.

– Per bateu num dos nossos alunos – explicou severamente o diretor, sentando-se à sua secretária. – Estou satisfeito por terem vindo tão depressa.

– Como está o aluno? – perguntou Paula.

– Não parece estar muito bem. A enfermeira da escola está com ele e uma ambulância vem a caminho. Telefonei para a mãe de Per. Deve estar a chegar – o diretor olhou para o rapaz, que reagiu com um bocejo indiferente.

– Vais ter de nos acompanhar à esquadra – disse Martin, assinalando a Per que se levantasse. Depois virou-se para o diretor. – Veja se consegue contactar a mãe antes que chegue, caso contrário vai

ter de pedir-lhe que vá ter connosco à esquadra. A minha colega, Paula Morales, vai ficar aqui para falar com eventuais testemunhas da agressão.

– Vou começar imediatamente – disse Paula, dirigindo-se à porta.

Per ainda ostentava a mesma expressão indiferente quando percorreu descontraidamente o corredor com os dois agentes. Uma grande multidão de estudantes tinha-se reunido e Per reagiu às atenções fazendo um sorriso e levantando o dedo médio na sua direção.

– Idiotas de merda – murmurou.

Gösta lançou-lhe um olhar penetrante.

– Mantém essa boca fechada até chegarmos à esquadra.

Per encolheu os ombros, mas obedeceu. Na viagem de regresso ao edifício atarracado que albergava a esquadra e os bombeiros, o rapaz ficou sentado a olhar pela janela em silêncio.

Quando chegaram à esquadra, Martin e Gösta enfiaram o rapaz numa sala de interrogatórios e esperaram que a mãe dele chegasse. O telemóvel de Martin tocou. O agente escutou com interesse e, em seguida, virou-se para Gösta com um olhar pensativo.

– Era a Paula – disse Martin. – Sabes quem é que Per agrediu?

– Não. Alguém que conheçamos?

– Podes crer. Mattias Larsson, um dos rapazes que encontraram Erik Frankel. Estão a levá-lo para o hospital neste momento. Vamos ter de falar com ele mais tarde. – Gösta recebeu aquela informação sem tecer comentários, mas Martin viu que o rosto do colega empalidecera.

Dez minutos depois, Carina entrou a correr pela porta da frente e dirigiu-se à receção, sem fôlego e a perguntar pelo filho. Annika conduziu-a calmamente ao gabinete de Martin.

– Onde está Per? O que fez ele? – Carina lutava para conter as lágrimas e parecia à beira da histeria. Martin apresentou-se e deu-lhe um aperto de mão. As formalidades e as rotinas familiares tinham muitas vezes um efeito calmante. E o mesmo aconteceu dessa vez. Carina repetiu as suas perguntas, mas num tom de voz mais calmo e

depois sentou-se na cadeira que Martin lhe ofereceu. O agente fez um esgar quando se sentou à secretária, reconhecendo o cheiro familiar que emanava da mulher à sua frente. O cheiro a álcool rançoso. Talvez Carina tivesse ido a uma festa no dia anterior. Mas não lhe parecia. O rosto ligeiramente inchado de Carina era um dos sinais característicos de um alcoólico.

– De acordo com o relatório da escola, Per agrediu um colega.

– Oh, meu Deus – disse Carina, apertando os braços da cadeira. – Como... O rapaz, ele... – a mãe de Per não conseguia terminar a frase.

– Está a ser levado para o hospital. Aparentemente, foi brutalmente agredido

– Mas porquê? – Carina engoliu em seco, abanando a cabeça.

– Isso é o que pretendemos descobrir. Temos Per numa das salas de interrogatório da esquadra e precisamos de sua autorização para lhe fazermos algumas perguntas.

Carina assentiu.

– Sim, claro – disse, engolindo novamente em seco.

– Muito bem. Vamos então ter uma conversa com Per – Martin seguiu à frente de Carina. Parou no corredor para bater à porta do gabinete de Gösta. – Vem connosco. Vamos ter uma conversa com o rapaz.

Carina e Gösta deram um aperto de mão e depois entraram os três na sala onde Per esperava, tentando aparentar que tudo aquilo era um enorme aborrecimento. Mas perdeu a compostura no momento em que viu a mãe entrar. Não completamente, mas o canto do olho do rapaz contraiu-se ligeiramente. E as mãos tremeram-lhe um pouco. Mas depois forçou-se a retomar a expressão indiferente e virou os olhos para a parede.

– Per, que fizeste tu desta vez? – perguntou Carina num tom estridente quando se sentou ao lado do filho e tentou pôr-lhe o braço em torno dos ombros. Per afastou-a com um abanão e recusou-se a responder.

Martin e Gösta sentaram-se do lado oposto de Per e de Carina, e Martin ligou o gravador. Por força do hábito, também tinha levado uma caneta e um bloco-notas, que pousou sobre a mesa. Em seguida, recitou a data e a hora, para ficarem registadas na gravação e aclarou a garganta.

– Ora bem, Per, podes contar-nos o que aconteceu? É verdade, Mattias foi levado para o hospital. Só para o caso de queres saber.

Per limitou-se a sorrir.

– Per! – a mãe acotovelou-o de lado. – Tens de responder à pergunta. E é óbvio que estás preocupado com o rapaz! Não é verdade? – a voz de Carina era estridente e o filho continuava a recusar-se a olhar para ela.

– Vamos dar tempo ao Per para responder – disse Gösta, piscando o olho a Carina para acalmá-la.

Todos guardaram silêncio, à espera que o rapaz de quinze anos respondesse. Por fim, Per inclinou a cabeça e disse:

– Aquele Mattias disse uma data de merdas.

– Que tipo de «merdas»? – perguntou Martin, mantendo o tom amigável. – Podias ser um pouco mais preciso?

Seguiu-se nova pausa. Depois, Per respondeu:

– Mattias estava na conversa com Mia, a gabar-se de como foi corajoso como o caraças quando ele e Adam assaltaram a casa daquele velho e encontraram o cadáver dele, e a dizer-lhe que mais ninguém se teria atrevido a fazer aquilo! Há coisas do caraças! Eles só tiveram a ideia de ir lá porque eu já tinha entrado na casa. Ficaram com as orelhas do tamanho de parabólicas quando eu lhes disse a quantidade de coisas fixas que o homem lá tinha. Toda a gente sabe que eles não foram os primeiros a entrar. Aqueles marrões de merda.

Per atirou a cabeça para trás e deu uma gargalhada enquanto a mãe olhava envergonhada para o tampo da mesa.

– Estás a referir-te à casa de Erik Frankel? – perguntou Martin, incrédulo.

– Sim, o tipo que o Mattias e o Adam encontraram morto. Aquele

que tinha aquelas coisas nazis todas. Cenas bem fixas – disse Per com um brilho nos olhos. – Eu estava a pensar levar umas quantas, mas o velho apareceu logo a seguir, trancou-me lá dentro e chamou o meu pai, e...

– Espera, espera. Calma aí – disse Martin, erguendo as mãos. – Abranda um pouco. Estás a dizer que Erik Frankel te apanhou quando entraste em casa dele? E que te trancou?

Per assentiu.

– Eu pensava que ele não estava em casa, por isso entrei por uma janela da cave. Mas ele desceu as escadas quando eu estava na sala com todos aqueles livros e merdas, fechou a porta e trancou-a. Então, obrigou-me a dar-lhe o número de telefone do meu pai para poder chamá-lo.

– Estava ao corrente disto? – Martin virou-se para Carina, lançando-lhe um olhar penetrante.

A mãe de Per assentiu com relutância.

– Só soube ontem. Kjell, o meu ex-marido, não me contou isto antes, por isso não fazia ideia. E não consigo perceber porque é que não lhe deste *o meu* número, Per, em vez de meteres o teu pai nisto!

– Tu não eras capaz de lidar com aquilo – respondeu Per, olhando para a mãe pela primeira vez. – Passas o dia em casa a beber e estás-te nas tintas para tudo o resto, porra. Ah, já agora, tresandas a álcool. Não penses que não se nota! – As mãos de Per começaram a tremer; o rapaz perdera novamente o autocontrolo.

As lágrimas rolavam pelas faces de Carina.

– É a única coisa que tens a dizer sobre mim, depois de tudo que eu fiz por ti? Eu dei-te à luz, alimentei-te, vesti-te e tomei conta de ti durante todos estes anos quando o teu pai não já não quis saber de nós – Carina virou-se para Martin e Gösta. – Um dia, Kjell foi-se embora, assim sem mais nem menos. Fez as malas e partiu com uma tipa qualquer de vinte e cinco anos que engravidou. Abandonou-me a mim e ao Per sem sequer olhar para trás. Dedicou-se a construir uma nova família, enquanto nós fomos deixados para trás como lixo.

– Já passaram dez anos desde que o pai se foi embora – disse Per com cansaço. De repente, parecia ter muito mais do que quinze anos.

– Como é que o teu pai se chama? – perguntou Gösta.

– O meu ex-marido chama-se Kjell Ringholm – respondeu tensamente Carina. – Posso dar-vos o número de telefone dele, se quiserem.

Martin e Gösta trocaram olhares.

– Será o mesmo Kjell Ringholm que escreve para o *Bohusläningen*? – perguntou Gösta. As peças encaixavam-se na sua mente. – O filho de Frans Ringholm?

– Frans é meu avô – disse Per com orgulho. – É espetacular. Até já estive preso, mas agora está na política. Eles vão ganhar as eleições para o próximo conselho e então aqueles pretos de merda vão ser expulsos do condado.

– Per! – exclamou Carina, chocada. Depois, virou-se para os agentes e disse: – Está naquela idade em que os jovens gostam de experimentar as coisas. E Frans não é boa influência para ele. Kjell proibiu Per de ver o avô.

– Como se isso me conseguisse deter – resmungou Per. – E, quanto ao homem que tinha as cenas nazis, ele teve o que mereceu. Eu ouvi como ele falou com o meu pai quando ele lá foi buscar-me. Aquelas tretas todas acerca de poder dar ao meu pai bom material para os artigos que estava a escrever sobre os Amigos da Suécia e sobretudo acerca de Frans. Pensavam que eu não estava a escutar, mas ouvi-os a marcar um encontro. São os dois uns traidores de merda. Percebo bem porque é que o avô tem vergonha do meu pai – disse hostilmente Per.

Trás! Carina deu uma bofetada ao filho e, no silêncio que se seguiu, ambos se entreolharam com surpresa e ódio. Então a expressão de Carina suavizou-se.

– Desculpa, meu querido, peço-te que me desculpes. Eu não queria... Eu... Desculpa – Carina tentou dar um abraço ao filho, mas Per empurrou-a.

– Não te aproximes de mim, bêbada de merda. Não te atrevas a

tocar-me!

– Acalmem-se os dois, por favor – Gösta levantou-se da cadeira, olhando furiosamente para Carina e para Per. – Não me parece que consigamos chegar muito mais longe de momento. Já podes sair, Per. Mas... – Gösta olhou para Martin, que acenou com a cabeça de forma quase impercetível. – Mas vamos ter de contactar a Segurança Social a este respeito. Já vimos motivos de preocupação suficientes e vamos recomendar que a Segurança Social examine o caso mais pormenorizadamente. Entretanto, vamos prosseguir com a nossa própria investigação.

– Isso é mesmo necessário? – perguntou Carina com voz trémula e sem qualquer determinação. Gösta ficou com a impressão de que a mãe de Per estava aliviada por alguém ir assumir o controlo da situação de ambos.

Depois de Per e Carina saírem da esquadra, caminhando lado a lado sem olharem um para o outro, Gösta seguiu Martin até ao seu gabinete.

– Bem, sem dúvida que isto nos deu algo em que pensar – disse Martin quando se sentou.

– Podes crer – retorquiu o colega. Gösta mordeu o lábio inferior, balançando-se para a frente e para trás nos calcanhares.

– Pareces querer dizer alguma coisa. O que é?

– Hum... bem, talvez não seja importante – Por fim, Gösta decidiu-se. Era algo que lhe andava a atormentar o subconsciente há alguns dias e, durante o interrogatório de Per, apercebera-se do que se tratava. Agora, a questão era como verbalizá-lo. Martin não ia ficar satisfeito.

Axel ficou parado no alpendre durante muito tempo, hesitante. Por fim, bateu à porta. Herman abriu-a quase imediatamente.

– Axel, sempre apareceste.

Axel assentiu. Ficou onde estava, sem fazer qualquer tentativa para entrar.

– Entra. Não lhe disse que vinhas. Não sabia se a Britta se ia recordar de ti.

– Está assim tão mal? – Axel olhou com simpatia para homem que estava à sua frente. Herman parecia cansado. Aquela situação não devia ser fácil para ele.

– Está aqui todo o clã? – perguntou Axel, acenando com a cabeça para as fotografias do vestíbulo quando entrou.

O rosto de Herman iluminou-se.

– Sim, estão todos aí.

Axel estudou as fotografias com as mãos cruzadas atrás das costas. Solstícios de verão e aniversários, festas de Natal e dias comuns. Um enxame de pessoas, incluindo filhos e netos. Por um momento, Axel permitiu-se refletir acerca de como teria sido a sua própria parede de fotografias, se tivesse tido uma. Fotos dos seus dias no escritório. Pilhas intermináveis de documentos. Jantares incontáveis com políticos e outras pessoas com poder para mover influências. Poucas, se é que teria havido algumas, seriam fotografias de amigos. Não havia muitos que tivessem energia suficiente para acompanhá-lo, que aguentassem a caçada contínua para tentar localizar outro e mais outro criminoso de guerra que tinha conseguido viver uma vida imerecidamente confortável. Mais um antigo nazi com as mãos manchadas de sangue que gozava da liberdade para usar as suas mãos sujas para afagar a cabeça dos netos. Como poderiam os familiares, os amigos ou uma vida normal competir com aquela busca? Por longos períodos da sua vida, Axel não se tinha sequer permitido ponderar se estava ou não a perder alguma coisa. E a recompensa, quando os seus esforços eram frutuosos, quando todos esses anos de buscas em arquivos e entrevistas com sobreviventes cuja memória começava a escassear resultavam finalmente em expor os culpados e levá-los à justiça, a recompensa era nesses momentos tão grande que afastava qualquer desejo de uma vida normal. Ou, pelo menos, era nisso que Axel sempre acreditara. Mas agora, ao confrontar-se com aquelas fotografias de família, Axel perguntava a si próprio se estivera errado

em pôr a morte à frente da vida.

– São maravilhosas – disse Axel, virando as costas às fotografias. Seguiu Herman até à sala, parando abruptamente quando viu Britta. Apesar de ele e Erik nunca terem deixado a casa de Fjällbacka, já não via Britta há décadas. Não tinha havido ocasião para as suas vidas se cruzarem durante todo aquele tempo.

Nesse momento, o passado voltou-lhe à memória a uma velocidade assustadora e Axel sentiu-se vacilar. Ainda era bonita. Na verdade, sempre fora muito mais bonita do que Elsy, que poderia ser melhor descrita como engraçada. Mas Elsy possuía um brilho interior, uma gentileza que a beleza exterior de Britta nunca poderia igualar. Embora pudesse ver agora que algo em Britta tinha mudado com os anos. Não havia nenhum vestígio do anterior comportamento altivo de Britta, que agora irradiava um brilho quente e maternal, uma maturidade que os anos lhe tinham certamente conferido.

– És tu? – perguntou Britta, levantando-se do sofá. – És mesmo tu, Axel? – Britta estendeu as mãos para o amigo, que as tomou nas suas. Tinham passado tantos anos. Um número verdadeiramente inacreditável de anos. Sessenta anos. Uma vida inteira. Quando era mais novo, Axel nunca teria imaginado que o tempo pudesse passar tão depressa. As mãos que Axel segurava entre as suas estavam enrugadas e cobertas de manchas castanhas da idade. O cabelo de Britta já não era escuro, mas de um belo tom cinzento-prateado. Britta olhou-o calmamente nos olhos.

– É muito bom ver-te outra vez, Axel. Envelheceste bem.

– É curioso, estava a pensar o mesmo de ti – disse Axel com um sorriso.

– Bem, agora, vamos sentar-nos e conversar um pouco. Herman, será que podias trazer-nos um pouco de café?

Herman assentiu e foi para a cozinha fazer o café. Britta sentou-se novamente, ainda segurando as mãos de Axel quando o amigo se sentou ao seu lado.

– Já viste, Axel, quem diria que alguma vez íamos ser tão velhos?

Nunca sonhei que isto pudesse acontecer – afirmou Britta, inclinando a cabeça de lado para olhar para ele. Axel constatou com satisfação que a amiga ainda conservava alguns dos gestos coquetes dos tempos de juventude. – Fizeste muito bem a muita gente ao longo dos anos, pelo que soube – disse Britta, estudando-o atentamente. Axel desviou o olhar.

– Não tenho bem a certeza do que entendes por «fazer bem». Fiz o que tinha de fazer. Certas coisas não podem pura e simplesmente ser varridas para debaixo do tapete – acrescentou Axel, calando-se em seguida.

– Tens toda a razão acerca disso, Axel – disse solenemente Britta. – Tens mesmo toda a razão acerca disso.

Ficaram sentados lado a lado em silêncio, olhando para a baía, até Herman regressar com o serviço de café numa bandeja pintada com motivos florais.

– Fiz-vos café.

– Obrigada, meu querido – disse Britta. Axel sentiu uma pontada no coração quando viu o olhar que ambos trocaram. Recordou a si próprio que, através do seu trabalho, tinha sido capaz de dar uma sensação de paz a dezenas de pessoas, permitindo-lhes a satisfação de ver os seus carrascos serem levados a tribunal. E isso também era amor. Não pessoal, não físico, contudo, era uma espécie de amor. Como se conseguisse ler-lhe o pensamento, Britta entregou-lhe uma chávena de café e disse: – Tens tido uma vida boa, Axel?

A pergunta albergava tantas dimensões, tantos níveis, que Axel não sabia como responder. Na sua mente, imaginou Erik e os seus amigos na biblioteca da casa dos pais, alegres, despreocupados. Elsy com o seu sorriso doce e a sua amabilidade. Frans, que fazia toda a gente à sua volta sentir-se como se estivesse a andar em bicos dos pés em torno da borda de um vulcão, apesar de, por debaixo daquela máscara, ser algo frágil e sensível. Britta, que parecera tão diferente do que era agora. Naquela época, ostentara a sua beleza como um escudo e Axel achara que a rapariga nada mais era do que uma concha vazia, sem

qualquer conteúdo. E talvez Britta fosse realmente assim naquela época. Mas os anos tinham enchido a concha e, agora, a amiga parecia brilhar a partir de dentro. E Erik. As recordações de Erik eram tão dolorosas que o cérebro de Axel quis afastá-las para longe. Porém, ali sentado na sala de estar de Britta, obrigou-se a imaginar o irmão como ele era naquela época, antes de terem começado os tempos difíceis. Sentado à secretária do pai, com os pés apoiados no tampo. O cabelo castanho, desgrenhado como sempre, e ostentando aquela expressão ausente que o fazia parecer muito mais velho do que era. Erik. Querido e amado Erik.

Axel apercebeu-se de que Britta esperava que ele respondesse. Forçou-se a regressar do passado e tentou encontrar uma resposta no presente. Mas, como sempre, os dois tempos estavam irremediavelmente entrelaçados e os sessenta anos que tinham passado fundiam-se na sua memória, numa confusão indistinta de pessoas, encontros e acontecimentos. A mão que segurava a chávena de café começou a tremer e, por fim, Axel disse:

– Não sei. Acho que sim. Tão boa quanto merecia.

– Eu tive uma vida boa, Axel. E decidi há muito tempo que a mereci. Tu deves fazer o mesmo.

A mão de Axel tremeu ainda mais, fazendo o sofá ficar salpicado de café.

– Oh! Peço imensa desculpa... Eu...

Herman ergueu-se de um salto.

– Não te preocupes, vou buscar um pano. – Herman foi à cozinha e não tardou a regressar com um pano húmido, branco com quadrados azuis, que cautelosamente pressionou contra o estofo.

Britta soltou um pequeno guincho, fazendo Axel saltar.

– Oh, agora a mamã vai ficar zangada comigo. O sofá foi caríssimo. Isto não é nada bom.

Axel lançou um olhar inquiridor a Herman, que respondeu esfregando ainda mais energicamente a nódoa.

– Achas que a consegues tirar? A mamã vai ficar tão zangada

comigo! – Britta balançava para a frente e para trás, observando ansiosamente os esforços de Herman para limpar o café. O marido endireitou-se e pôs-lhe o braço em volta dos ombros.

– Vai ficar como novo, minha querida. Vou livrar-me da mancha. Prometo.

– Tens a certeza? Porque se a mamã se zangar pode ir contar ao papá e... – Britta torcia as mãos e mordia nervosamente os nós dos punhos cerrados.

– Prometo que me vou me livrar da nódoa. Ela nem vai perceber.

– Ah, ainda bem. Assim fico mais descansada – disse Britta, que parecia mais tranquila. Mas, depois, a mulher teve um sobressalto e olhou para Axel. – Quem é o senhor? O que deseja?

Axel olhou para Herman em busca de orientação.

– Isto vai e vem – explicou Herman, sentando-se ao lado de Britta e dando-lhe palmadinhas na mão. Britta estudou Axel atentamente, como se houvesse algo de perturbador ou desconcertante em relação ao seu rosto, algo que não conseguia apanhar. Então, Britta agarrou a mão de Axel e aproximou o rosto do seu.

– Sabes, ele está a chamar-me.

– Quem? – perguntou Axel, lutando contra o desejo de afastar o rosto, a mão, o corpo todo.

Britta não respondeu à primeira. Então, Axel ouviu o eco das suas próprias palavras.

– Certas coisas não podem pura e simplesmente ser varridas para debaixo do tapete – sussurrou Britta com o rosto a escassos centímetros de distância do seu.

Axel retirou bruscamente a mão e olhou para Herman por cima do cabelo cinzento prateado de Britta

– Pronto, já viste com os teus próprios olhos – disse Herman com cansaço. – E agora, que fazemos?

– Adrian! Para com isso! – Anna estava a ter tanto trabalho para conseguir que o filho se vestisse que começou a transpirar.

Ultimamente, Adrian tinha aperfeiçoado os seus dotes de contorcionista, o que tornava quase impossível vestir-lhe o que quer que fosse. Anna conseguiu segurá-lo apenas o tempo suficiente para lhe enfiar umas cuecas, mas depois o filho conseguiu soltar-se e começou a correr por toda a casa. – Adrian! Anda já para aqui! Por favor. A mamã não tem tempo para isto. Nós vamos com o Dan a Tanumshede para fazer compras. Tu podes ir ver os brinquedos na Hedemyr – disse Anna, desesperada para conseguir obter a colaboração do filho, embora soubesse que os subornos não eram a melhor forma de lidar com o problema de Adrian não se querer vestir. Mas que mais podia ela fazer?

– Ainda não estão prontos? – perguntou Dan quando desceu as escadas e viu Anna sentada no chão, junto de um monte de roupa, enquanto Adrian continuava a correr por todo o lado como um louco. – A minha aula começa daqui a meia hora. Tenho de sair.

– Tudo bem. Então veste-o tu – disparou Anna, atirando as roupas de Adrian a Dan. O namorado olhou-a com surpresa. Anna não andava com o melhor dos humores ultimamente, mas talvez isso não fosse assim tão estranho. A fusão das duas famílias estava a revelar-se muito mais difícil do que qualquer um deles esperara.

– Anda lá. Adrian – disse Dan, pegando no menino pela nuca quando ele passou a correr. – Vamos ver se eu ainda sei como isto se faz – Dan conseguiu calçar as meias a Adrian, mas ficou-se por aí. Adrian voltou a contorcer-se e recusou-se terminantemente a vestir as calças. Dan fez algumas tentativas mas depois também acabou por perder a paciência. – Adrian! Senta-te e fica quieto JÁ!

Com ar espantado, Adrian estacou instantaneamente. Então, o rosto do menino ficou vermelho como um tomate.

– Tu NÃO és o meu papá! Sai daqui! Eu quero o meu papá! PAPÁ!

Aquilo foi de mais para Anna. Todas as memórias de Lucas e dos tempos terríveis em que viveu como uma prisioneira na própria casa vieram à tona, pelo que começou a soluçar. Precipitou-se para o primeiro andar e atirou-se para cima da cama, começando a chorar

descontroladamente.

Então, sentiu uma mão suave nas costas.

– Querida, o que aconteceu? Isto não é assim tão grave. Adrian não está habituado à situação e está a testar-nos, é tão simples como isso. Devias ter visto como era a Belinda na idade dele. Comparado com ela, Adrian é um amador. Uma vez, eu estava tão farto das birras que ela fazia quando tinha de vestir-se que abri a porta e deixei-a lá fora só de cuecas. A Pernilla ficou furiosa... afinal, estávamos em dezembro. Mas só a deixei ficar lá fora um minuto.

Anna não se riu. Em vez disso, chorou ainda mais convulsivamente, e toda ela tremia.

– Querida, o que se passa? Estou a ficar muito preocupado contigo. Sei que já passaste por muita coisa, mas podemos fazer com que isto resulte. Todos precisamos apenas de um pouco de tempo para nos habituarmos e depois as coisas vão acalmar. Tu... tu e eu... juntos vamos fazer com que isto resulte.

Anna ergueu o rosto lavado em lágrimas e olhou para Dan antes de se sentar na cama.

– Eu... eu sei... – balbuciou enquanto tentava parar de chorar. – Eu sei disso... e não compreendo... porque estou a reagir... desta maneira – Dan acariciou-lhe as costas e os soluços começaram a diminuir. – Estou apenas um pouco... hipersensível... Não percebo. Normalmente só fico assim quando estou... – Anna parou a meio da frase e olhou para Dan, de boca aberta.

– Quando estás como? – perguntou Dan, intrigado. – Normalmente só ficas assim quando estás como?

Anna não teve coragem de responder e, passado um momento, viu os olhos de Dan iluminarem-se.

Então, Anna assentiu.

– Normalmente só fico assim quando estou... grávida.

O quarto mergulhou num silêncio absoluto. Em seguida, Anna e Dan ouviram uma vozinha vinda da entrada.

– Agora já estou vestido. Vesti-me sozinho. Já sou grande. Já

podemos ir à loja de brinquedos?

Dan e Anna olharam para Adrian, que estava de pé à entrada, radiante de orgulho. Vestira as calças ao contrário e a camisa estava do avesso, mas era verdade: tinha conseguido vestir-se. Sozinho.

Já cheirava bem no corredor. Repleto de expectativa, Mellberg foi até a cozinha. Rita telefonara pouco antes das onze a perguntar se ele gostaria de ir lá almoçar, uma vez que a *Señorita* tinha manifestado o desejo de brincar com o *Ernst*. Mellberg não perguntara a Rita como tinha a cadela comunicado tal desejo. Havia coisas que mais valia aceitar simplesmente como maná dos céus.

– Olá! – Johanna estava ao lado de Rita, ajudando-a a cortar legumes. A tarefa exigia claramente algum esforço, pois a barriga de Johanna obrigava-a a manter certa distância da bancada.

– Olá. Cheira mesmo bem aqui – disse Mellberg, aspirando o ar.

– Estamos a fazer «*Chilli con carne*» – disse Rita, aproximando-se de Mellberg para lhe dar um beijo na face. Mellberg resistiu ao impulso de erguer a mão e tocar no local onde os lábios de Rita tinham pousado. Em vez disso, sentou-se à mesa, que estava posta para quatro pessoas

– Estão à espera de mais alguém? – perguntou Mellberg, olhando para Rita.

– A minha cara-metade vem almoçar a casa – disse Johanna, massajando as costas.

– Não era melhor sentar-se? – sugeriu Mellberg, puxando uma cadeira. – Deve ser difícil carregar esse peso todo.

Johanna obedeceu e sentou-se ao lado dele, respirando pesadamente.

– Oh, não faz ideia. Esperemos que não demore muito. Vai ser fantástico livrar-me disto – Johanna passou a mão pela barriga. – Quer senti-lo? – perguntou Johanna quando viu a expressão de Mellberg.

– Posso? – perguntou timidamente o superintendente. Não tinha descoberto a existência do próprio filho até Simon ser um adolescente;

portanto, aquela parte da paternidade era um mistério para ele.

– Aqui, o bebé está a dar pontapés – Johanna pegou na mão de Mellberg e pousou-a do lado esquerdo da barriga.

Mellberg teve um sobressalto quando sentiu um pontapé forte contra a sua mão.

– Meu Deus! Isto é incrível. Não magoa? – Mellberg olhava fixamente para a barriga de Johanna enquanto continuava a sentir pontapés perfeitamente definidos contra a palma da mão.

– Na verdade, não. Às vezes é um pouco desconfortável quando estou a tentar dormir. A minha cara-metade pensa que o bebé vai ser jogador de futebol.

– Estou inclinado a concordar com ele – disse Mellberg, que estava a ter dificuldade em retirar a mão da barriga de Johanna. A experiência despertou sentimentos estranhos em Mellberg, sentimentos que eram difíceis de definir. Saudades, fascínio, pesar... Não sabia ao certo. – Será que o pai tem talento para o futebol e que o bebé ainda o acaba por vir a herdar? – perguntou Mellberg com uma gargalhada. Para sua grande surpresa, a pergunta foi recebida com silêncio. O superintendente ergueu os olhos e deu de caras com a expressão perplexa de Rita.

– Mas Bertil, não sabias que...

Nesse momento, a porta da frente abriu-se.

– Ena, mãe, cheira mesmo bem – ouviram alguém dizer no vestíbulo. – Que estás a fazer? O teu *chilli* especial?

Paula entrou na cozinha e o seu olhar de surpresa foi ainda maior do que o de Mellberg.

– Paula?

– Chefe?

Os pensamentos redemoinharam na mente de Mellberg, até que as peças se encaixaram. Paula, que se tinha mudado para lá com a mãe. Rita, que se tinha mudado para lá recentemente. E aqueles olhos escuros. Estava perplexo por não ter reparado naquilo antes. Mãe e filha tinham exatamente os mesmos olhos. Havia apenas uma coisa

que ele não tinha realmente...

– Ora bem, vejo que já conheceu a minha cara-metade – disse Paula, colocando o braço em volta dos ombros de Johanna. Depois olhou para Mellberg, esperando pela sua reação. Desafiando-o a dizer algo incorreto, a fazer algo incorreto.

Pelo canto do olho, Rita olhava tensamente para Mellberg. Segurava uma colher de pau na mão, mas tinha parado de mexer, pois também estava à espera da reação do amigo. Mil pensamentos correram pelo cérebro de Mellberg. Um milhar de preconceitos. Mil coisas que tinha dito ao longo dos anos que mais valia não ter dito. Mas, de repente, Mellberg apercebeu-se de que aquele era o momento da sua vida em que tinha de dizer o que era correto, de fazer o que era correto. Havia demasiado em jogo e, com os olhos escuros de Rita fixos nele, Mellberg disse calmamente:

– Não sabia que estava prestes a ser mãe. E tão brevemente. Dou-te os meus parabéns. Johanna teve a amabilidade de me deixar sentir esse gato bravo que está lá dentro e julgo que concordo com a sua teoria de que vai dar à luz um futuro jogador de futebol.

Paula não se moveu durante mais alguns segundos, com o braço em volta de Johanna e o olhar cravado nos olhos de Mellberg, tentando determinar se havia algum sarcasmo velado nas palavras do chefe. Em seguida, descontraiu-se e sorriu.

– É incrível sentir aqueles pontapés todos, não é? – Toda a sala pareceu implodir de alívio.

Rita voltou a mexer o *chilli* e disse com uma gargalhada:

– Aquilo não é nada comparado com os pontapés que tu davas, Paula. Lembro-me de que o teu pai costumava brincar com isso e dizer que parecia que estavas a tentar encontrar uma saída diferente da habitual.

Paula beijou Johanna na face e sentou-se à mesa. Não conseguia esconder o facto de estar a olhar com estupefação para Mellberg. Este, por sua vez, estava a sentir-se muito satisfeito consigo mesmo. Continuava a pensar que era estranho que duas mulheres vivessem

juntas, e o facto de uma delas estar grávida parecia especialmente desconcertante. Mais cedo ou mais tarde seria forçado a satisfazer a sua curiosidade acerca disso. E, no entanto, dissera o que era correto. Para sua grande surpresa, dissera-o com sinceridade.

Rita pousou o tacho com o *chilli* na mesa e instou-os a servirem-se. O olhar que lançou a Mellberg foi a prova final de que se tinha saído bem.

O superintendente ainda conseguia sentir a barriga abaulada de Johanna, assim como o pé da criança a dar-lhe pontapés na palma da mão.

– Vens mesmo a tempo do almoço. Já ia ligar-te – Patrik provou uma colher de sopa de tomate e depois colocou a panela sobre a mesa.

– Ena, isto é que é um serviço de qualidade. Alguma ocasião especial? – Erica entrou na cozinha e beijou-o na nuca.

– Achas que só fiz isto? Quer dizer que eu poderia ter-te impressionado fazendo apenas o almoço? Caramba, então lavei a roupa, limpei a sala de estar e mudei a lâmpada da casa de banho para nada – Patrik virou-se e beijou-a nos lábios.

– Tenho de experimentar esses comprimidos que andas a tomar – disse Erica, olhando para Patrik com surpresa. – Onde está a Maja?

– Adormeceu há cerca de um quarto de hora. Por isso, vamos conseguir almoçar em paz e sossego, só tu e eu. E depois podes ir disparada lá para cima, para trabalhar, que eu lavo a louça.

– Espera lá... Agora já está a ser um pouco de mais – disse Erica. – Ou desviaste todo o nosso dinheiro ou então está prestes a dizer-me que tens uma amante, ou que foste aceite no programa espacial da NASA e que vais passar o resto do ano em órbita, numa nave espacial... Ou será que o meu marido foi raptado por extraterrestres e tu és uma espécie de androide, metade humano e metade robô?

– Como é que descobriste isso da NASA? – perguntou Patrik, piscando-lhe o olho. Pôs algumas fatias de pão num cesto e sentou-se

à mesa da cozinha em frente a Erica. – Não, a verdade é que hoje de manhã tive uma pequena epifania, quando estava a passear com a Karin e... bem, pensei que devia ajudar-te mais. Mas não penses que vais ter este tipo de tratamento todos os dias. Não posso garantir-te que não possa ter uma recaída.

– Então a única coisa que preciso de fazer para conseguir que o meu marido ajude mais em casa é mandá-lo a um encontro com a ex-mulher? Vou ter de contar esta às minhas amigas.

– Bem, quanto a isso não sei – retorquiu Patrik, soprando uma colher de sopa quente. – Não era verdadeiramente um encontro, sabes bem disso. E a Karin está a passar um mau bocado – Patrik contou resumidamente o que a ex-mulher lhe dissera e Erica assentiu. Embora Karin parecesse estar a ter consideravelmente menos apoio em casa do que ela tinha tido, aquilo continuava a soar-lhe muito familiar. – Então, como correu a tua manhã? – perguntou Patrik, sorvendo um pouco a sopa.

O rosto de Erica iluminou-se.

– Encontrei um monte de coisas boas. Não ias acreditar no que aconteceu em Fjällbacka durante a Segunda Guerra Mundial. Havia todo o género de contrabando, de e para a Noruega... alimentos, notícias, armas e pessoas. Tanto desertores alemães como resistentes noruegueses vinham cá parar. E, mais tarde, houve que enfrentar as minas. Perderam-se vários barcos de pesca e navios de carga, juntamente com as suas tripulações e tudo o que seguia a bordo, ao embaterem em minas. E sabias que, que em 1940, um caça alemão foi abatido pela força aérea sueca nos arredores de Dingle? Os três tripulantes foram mortos. Nunca ouvi ninguém mencionar nada disto. Sempre tive a impressão de que a guerra quase não provocou nenhum impacto por estas paragens, além do racionamento de alimentos e de gasolina.

– Parece que estás a ficar completamente cativada por essa época – disse Patrik, servindo um pouco mais de sopa a Erica.

– E ainda nem te contei metade da história. Pedi ao Christian para

desenterrar tudo o que pudesse mencionar a minha mãe e os amigos, nunca pensando que fosse chegar a algum lado, uma vez que eram todos tão jovens naquela época. Mas espera até veres isto – a voz de Erica estremeceu de excitação quando se levantou para buscar a pasta. Pousou-a sobre a mesa da cozinha e extraiu um grosso maço de folhas.

– Ena, que calhamaço.

– Passei três horas a ler isto tudo – disse Erica, folheando os documentos com os dedos a tremer. Por fim, encontrou o que procurava. – Aqui! Olha para isto! – Erica apontou para um artigo com uma grande fotografia a preto-e-branco.

Patrik estudou o artigo que Erica lhe entregou. A foto foi a primeira coisa que lhe chamou a atenção. Cinco pessoas, de pé, ao lado umas das outras. Patrik semicerrou os olhos para conseguir ler a legenda, reconhecendo quatro dos nomes: Elsy Moström, Frans Ringholm, Erik Frankel e Britta Johansson. Porém, da quinta pessoa, nunca ouvira falar. Um rapaz, mais ou menos da mesma idade dos outros, chamado Hans Olavsén. Patrik leu o artigo em silêncio enquanto Erica mantinha os olhos cravados no seu rosto.

– Então? O que achas? Não sei o que isto significa, mas não pode ser uma coincidência. Olha para a data. Ele veio para Fjällbacka quase no mesmo dia em que a minha mãe parece ter terminado o seu diário. Não pode ser só uma coincidência! Deve significar alguma coisa! – exclamou Erica, que tinha começado a andar para a frente e para trás na cozinha.

Patrik inclinou a cabeça para examinar novamente a fotografia. Estudou as imagens dos cinco jovens. Elsy tinha morrido num acidente de automóvel há quatro anos. E, agora, mais um deles estava morto, assassinado sessenta anos após aquela fotografia ter sido tirada. Patrik tinha a sensação de que Erica tinha razão. Aquilo devia significar alguma coisa.

A mente de Paula estava num turbilhão enquanto caminhava de

regresso à esquadra. A mãe mencionara que tinha conhecido um homem simpático que andava a fazer-lhe companhia quando iam passear os cães e que depois o tinha persuadido a frequentar a sua aula de Salsa. Mas Paula nunca teria sonhado que o homem era o seu novo chefe. E não era exagero dizer que não estava particularmente feliz. Mellberg era quase o último homem na Terra que teria escolhido para a mãe. Apesar disso, tinha de admitir que o chefe tinha lidado bastante bem com a notícia da sua relação com Johanna. Surpreendentemente bem. A tacanhez de espírito tinha sido o seu principal argumento para não se mudar para Tanumshede. Já fora suficientemente duro para ela e Johanna serem aceites como uma família em Estocolmo. E numa pequena cidade como aquela... Bem, poderia ser desastroso. Mas Paula conversara com Johanna e com a mãe, e todas tinham concordado que, se as coisas não funcionassem, poderiam simplesmente regressar a Estocolmo.

Até agora, tudo tinha corrido muito melhor do que tinham esperado. Paula gostava do seu trabalho na esquadra, a mãe tinha conseguido organizar os seus cursos de Salsa e tinha um emprego a tempo parcial no supermercado Konsum. E, apesar de Johanna estar nesse momento de licença de parto e, logo a seguir, iniciasse uma longa licença de maternidade, Paula contactara uma série de empresas locais que se tinham mostrado interessadas em contratá-la para o seu departamento financeiro. No entanto, no momento em que Paula viu a expressão de Mellberg quando pôs o braço em torno de Johanna, sentiu que tudo se podia desmoronar como um castelo de cartas. Naquele momento, toda a vida delas podia ter sido destruída. Mas Mellberg tinha-a surpreendido. Talvez o superintendente não fosse um caso tão perdido como pensara.

Paula trocou algumas palavras com Annika na receção. Depois, bateu à porta de Martin e entrou.

– Como vão as coisas? – perguntou Paula quando Martin ergueu os olhos da sua papelada.

– Com o caso da agressão? Bem, o rapaz admitiu ter agredido o

colega... não é que tivesse muita escolha quanto a isso. A mãe levou-o para casa, mas Gösta informou a Segurança Social. Não parece ter uma situação muito estável em casa.

– É quase sempre assim – disse Paula, sentando-se.

– Mas o que é realmente interessante é o facto que motivou a agressão. Afinal, parece que Per assaltou a casa de Erik Frankel no início de junho.

Paula ergueu uma sobrancelha, mas deixou Martin prosseguir sem comentar. Depois de o colega lhe ter contado toda a história, ficaram os dois em silêncio por um momento.

– Pergunto-me o que teria o Erik que pudesse interessar ao Kjell – disse Paula. – Seria algo acerca de Frans?

Martin encolheu os ombros.

– Isto foi o que o rapaz disse. Pensei que talvez valesse a pena perguntar ao Kjell. Ainda temos de ir a Uddevalla para falar com alguns membros dos Amigos da Suécia e a sede do *Bohuslänningen* também fica em Uddevalla. E podemos telefonar ao Axel quando formos a caminho.

– É para já – afirmou Paula, levantando-se.

Vinte minutos mais tarde, os dois agentes estavam novamente à porta da casa dos irmãos Frankel.

Axel parece mais velho do que da última vez, pensou Paula. Mais magro, quase transparente, de alguma forma. O idoso sorriu-lhes com amabilidade ao mesmo tempo que os convidava a entrar. Não perguntou o motivo da visita, limitando-se a conduzi-los à varanda.

– Já fizeram algum progresso? – perguntou quando se sentaram. – Quer dizer, na investigação – esclareceu desnecessariamente Axel.

Martin olhou de relance para Paula, mas depois disse:

– Temos várias pistas que estamos a seguir. Mas, acima de tudo, conseguimos estabelecer a provável data da morte do seu irmão.

– Bem, isso é um grande avanço – disse Axel, sorrindo, embora o sorriso não tivesse conseguido desalojar nem um pouco da dor e do cansaço espelhados nos seus olhos. – Então, quando julgam que o Erik

foi morto?

– O Erik foi visitar a sua... amiga, Viola Ellmander, no dia quinze de junho, que parece ter sido a última vez que o seu irmão foi visto com vida. A dezassete de junho, a senhora da limpeza...

– Laila – disse Axel, vendo que Martin estava com dificuldade em lembrar-se do nome.

– Isso, Laila. Veio cá no dia dezassete para limpar a casa, como de costume, mas ninguém veio abrir-lhe a porta quando tocou à campainha e ninguém lhe tinha deixado uma chave, como os senhores tinham o hábito de fazer se não estivessem em casa.

– Sim, o Erik era muito meticoloso nesse pormenor de deixar uma chave à Laila. Tanto quanto sei, nunca se esqueceu de o fazer. Portanto, se o meu irmão não abriu a porta e se não havia chave, então... – Axel ficou em silêncio e esfregou os olhos, como se estivesse a ter visões do irmão que preferia afastar imediatamente.

– Lamento muito – disse suavemente Paula –, mas temos de perguntar-lhe onde estava entre quinze e dezassete de junho. Garanto-lhe que se trata de uma mera formalidade.

Axel fez um gesto com a mão a assinalar que as explicações eram desnecessárias.

– Não precisa de se desculpar. Sei que está apenas a fazer o seu trabalho. E, além disso, não é verdade que as estatísticas dizem que a maioria dos homicídios é cometida por alguém da família?

Martin assentiu.

– É verdade. Mas precisamos de recolher informações para a investigação e esta informação ajudará a eliminá-lo da lista de suspeitos.

– Claro. Vou buscar a minha agenda. – Axel demorou-se apenas alguns minutos. Regressou transportando uma grossa agenda na mão. – Então vamos lá ver... – Axel voltou a sentar-se e começou a folheá-la. – Quando saí da Suécia fui diretamente para Paris, no dia três de junho, e só regresssei ao nosso país quando... tiveram a amabilidade de me ir buscar ao aeroporto. Mas, do dia quinze ao dia dezassete... ah,

aqui está: tive uma reunião em Bruxelas no dia quinze, fui para Frankfurt no dia dezasseis e depois regresssei à sede, em Paris, no dia dezassete. Posso fornecer-vos fotocópias dos meus bilhetes, se desejarem – Axel entregou a agenda a Paula.

A agente estudou-o pormenorizadamente antes de lançar um olhar inquiridor a Martin, que abanou a cabeça. Então, Paula empurrou a agenda sobre a mesa, na direção de Axel.

– Não, julgo que não será necessário. Não se recorda de nada nessas datas que possa ter significado em relação a Erik? Alguma coisa específica? Uma conversa telefónica? Algo que o seu irmão possa ter mencionado?

Axel abanou a cabeça.

– Não, lamento. Como eu disse, o meu irmão e eu não tínhamos o hábito de telefonar muitas vezes um ao outro quando eu estava no estrangeiro. O Erik só me teria ligado se a casa estivesse a arder – Axel deu uma gargalhada, mas depois calou-se abruptamente e esfregou os olhos mais uma vez. – Então, é tudo? Há mais alguma coisa em que possa ajudá-los? – perguntou, fechando cuidadosamente a agenda.

– Na verdade, há mais uma coisa... – disse Martin, fixando os olhos em Axel. – Interrogámos hoje um jovem chamado Per Ringholm em relação a um caso de agressão. O rapaz disse-nos que assaltou a sua casa há alguns meses. E que Erik o apanhou, o trancou na biblioteca e telefonou ao pai, Kjell Ringholm.

– O filho do Frans – disse Axel.

Martin assentiu.

– Exatamente. E, sem que os senhores se apercebessem, Per ouviu Erik e Kjell combinarem um encontro para mais tarde. Parece que o Erik tinha algumas informações que julgava poderem interessar a Kjell. Sabe alguma coisa a este respeito?

– Não, não – respondeu Axel, abanando vigorosamente a cabeça.

– E sobre as informações que o Erik queria transmitir? Tem alguma ideia do que poderiam ser?

Axel ficou em silêncio durante algum tempo, como se refletisse acerca da pergunta. Em seguida, abanou novamente a cabeça.

– Não, não faço a mais pequena ideia do que possa ter sido. O Erik passava muito tempo a estudar o período que antecedeu a Segunda Guerra Mundial e claro que tinha experiência pessoal do que foi o nazismo durante esse período. Kjell, por outro lado, tem-se dedicado a escrever sobre o ressurgimento do nazismo na Suécia dos nossos dias. Portanto, talvez o Erik tenha encontrado algum tipo de ligação, algo de interesse histórico que pudesse dar a Kjell material para contextualizar algum trabalho que estivesse a fazer. Mas porque é que não perguntam ao Kjell?

– Estamos a caminho de Uddevalla para falar com ele. Bem, deixe-me dar-lhe o número do meu telemóvel, para o caso de se lembrar de alguma coisa – Martin escreveu o número num papel e entregou-o a Axel, que o colocou dentro da sua agenda.

Paula e Martin regressaram ao carro e continuaram a viagem em silêncio. Mas ambos estavam a pensar no mesmo: O que seria que não estavam a ver?

– Não podemos adiar mais o problema. A vossa mãe não poderá ficar aqui em casa muito mais tempo – Herman olhou para as filhas com tal desespero que elas mal tinham coragem de suportar o seu olhar.

– Nós sabemos, pai. Está a fazer o que é mais acertado. Não há outra opção. O pai já cuidou da mãe enquanto pôde, mas agora terão de ser outras pessoas a encarregar-se dela. Vamos encontrar-lhe um lugar excelente – Anna-Greta foi postar-se atrás da cadeira do pai e envolveu-o com os braços. Estremeceu ao sentir a magreza do seu corpo sob a camisa. A doença da mãe tinha-o consumido. Talvez mais do que sabiam. Ou do que queriam saber. Anna-Greta inclinou-se para a frente e pressionou o rosto contra o de Herman.

– Estamos aqui para o ajudar, pai. Birgitta, Maggan e as nossas famílias. Sabe que estamos cá para o ajudar. Nunca precisa de se

sentir sozinho.

– O problema é que eu sinto-me mesmo sozinho sem a vossa mãe. Mas agora já não há nada a fazer quanto a isso – disse apaticamente Herman, apressando-se a limpar uma lágrima à manga da camisa. – Mas eu sei que isso é o melhor para a Britta. Eu sei disso.

As filhas trocaram olhares por cima da cabeça do pai. Herman e Britta tinham sido o centro das vidas de todas elas, uma rocha sólida em que poderiam sempre confiar. Agora, a própria fundação das suas vidas estava a desmoronar-se e as três filhas estenderam as mãos como que para se equilibrarem umas às outras. Era assustador ver a mãe a encolher, a tornar-se cada vez mais diminuída, até parecer mais pequena do que elas próprias. Agora, era necessário que as filhas intervissem e assumissem o papel de adultas, carregando o fardo daqueles que sempre tinham visto, ao longo de toda a infância e adolescência, como infalíveis, indestrutíveis. Claro que há muito que tinham deixado de ver os pais como criaturas divinas que possuíam a resposta para tudo; porém, isso não tornava menos doloroso observar Britta e Herman a mirrarem daquela maneira.

Anna-Greta abraçou a figura magra do pai mais uma vez e depois sentou-se novamente à mesa da cozinha.

– Será que a mãe está bem enquanto o pai está aqui em casa? – perguntou Maggan com olhar preocupado. – Não era melhor ir lá ver como ela está?

– A vossa mãe tinha acabado de adormecer quando saí – disse Herman. – Mas não costuma dormir mais do que uma hora, por isso é melhor eu voltar para casa. – Cansado, Herman levantou-se vagarosamente.

– Porque não vamos lá nós e ficamos umas horas com a mãe? Assim, o pai podia descansar um pouco – disse Birgitta. – O pai podia deitar-se no teu quarto de hóspedes, não podia? – perguntou a Maggan, uma vez que era em sua casa que se tinham reunido para conversar sobre a mãe.

– É uma excelente ideia – disse Maggan, acenando ansiosamente

com a cabeça para o pai. – Vá para o quarto de hóspedes descansar que nós ficamos umas horas com a mãe.

– Obrigado, meninas – disse Herman enquanto se dirigia para o vestibulo. – Mas a vossa mãe e eu tomámos conta um do outro durante mais de cinquenta anos e eu gostava de continuar a cuidar dela durante o pouco tempo que nos resta. Se ela for para um lar, então... – não terminou a frase, apressando-se a afastar-se dali antes que as filhas pudessem ver as suas lágrimas.

Britta sorria enquanto dormia. Os momentos de lucidez que o cérebro lhe negava quando estava acordada tornavam-se mais frequentes durante o sono. Então, Britta via tudo com clareza. Algumas das memórias não eram bem-vindas; porém, mesmo assim, impunham-se-lhe. Como o som do cinto do pai a açoitar o traseiro nu de uma criança. Ou a visão do rosto da mãe lavado em lágrimas. Ou a pequena casa apinhada na colina, onde os gritos estridentes de uma criança ecoavam pelas divisões, fazendo-a querer tapar os ouvidos com as mãos e pôr-se também a gritar. Mas havia outras coisas que recordava com mais agrado. Como os verões em que brincavam alegremente, correndo sobre as rochas aquecidas pelo sol. Elsy com um dos vestidos às flores que a mãe lhe tinha feito. Erik de calções, com a sua expressão solene. Frans com o seu cabelo loiro encaracolado. Britta sempre desejara correr os dedos pelos seus caracóis, mesmo naquele tempo, quando eram tão jovens que parecia não haver diferença significativa entre rapazes e raparigas.

Uma voz abriu caminho por entre as memórias enquanto Britta dormia. Uma voz que era demasiado familiar. Andava a falar com ela com mais frequência nos últimos tempos. Negando-lhe qualquer paz, estivesse ela acordada, a dormir ou envolta numa bruma. A voz que tudo penetrava, que tudo exigia, que insistia em ocupar um lugar no seu mundo. A voz que não lhe dava sossego e se recusava a deixá-la esquecer. A voz que Britta julgara que nunca mais voltaria a ouvir. No entanto, ali estava ela. Tão estranha. E tão assustadora.

Britta agitava a cabeça de um lado para o outro durante o sono, tentando livrar-se da voz, sacudir as memórias que estavam a perturbar o seu descanso. Por fim, conseguiu. As memórias felizes vieram à tona. A primeira vez que viu Herman. O instante em que soube que os dois passariam a vida juntos. O casamento. O momento em que caminhou pela nave da igreja, vestida de branco e inebriada de felicidade. As dores do parto e, depois, o amor que sentiu quando Anna-Greta nasceu. E Birgitta e Margareta, que amava de igual modo. Herman a cuidar das crianças, fazendo-o por amor, não por dever ou obrigação. Britta sorriu. As pálpebras estremeciam levemente. Era ali que queria ficar. Ali, com aquelas memórias. Se tivesse de escolher uma única recordação para lhe encher a mente para o resto da vida, Britta escolheria a imagem de Herman a dar banho à filha mais nova na pequena banheira. O marido cantarolava enquanto apoiava cuidadosamente a cabecita da filha com a mão. Com infinita delicadeza, esfregava o seu corpo rechonchudo com uma toalha, olhando a filha nos olhos enquanto a criança seguia todos os seus movimentos. Britta viu-se a si própria à entrada, a observar sem que o marido notasse. Mesmo que esquecesse tudo o resto, Britta lutaria para conservar aquela memória. Margareta e Herman, a mão sob a cabeça da filha, a ternura e a intimidade.

Um ruído transportou-a à força para fora dos seus sonhos. Britta queria voltar. Voltar para o som da água a pingar sempre que Herman mergulhava a toalha de flanela na banheira. O som da tagarelice feliz de Margareta quando a água morna se agitava em seu redor. Mas um novo som estava a forçar Britta a aproximar-se mais da superfície. A levá-la para mais perto do nevoeiro que queria a todo custo evitar. Despertar significava arriscar-se a ficar envolta na bruma confusa e cinzenta que se apoderava da sua mente e que engolia cada vez mais do seu tempo.

Por fim, Britta abriu relutantemente os olhos. Alguém estava inclinado sobre ela, a olhar para ela. Britta sorriu. Talvez ainda não estivesse completamente acordada. Talvez ainda pudesse afastar o

nevoeiro com as memórias que o sono lhe trouxera.

– És tu? – perguntou, olhando fixamente para a pessoa inclinada sobre ela. Sentia o corpo desarticulado e pesado do sono, que ainda não a tinha deixado completamente. Não tinha forças para se mexer. Por um momento, nenhum dos dois falou. Não havia muito a dizer. Então, uma certeza abriu caminho no cérebro de Britta. As memórias vieram à superfície. Sentimentos que tinham sido esquecidos brilhavam agora e despertavam para a vida. E Britta sentiu o terror a apoderar-se dela. O medo de que tinha sido libertada por causa da sua perda gradual da memória. Agora, Britta via a Morte postada ao lado da sua cama e todo o seu ser protestou por ter de deixar esta vida, por ter de deixar tudo que lhe pertencia. Britta agarrou o lençol com força, mas os seus lábios ressequidos apenas conseguiram emitir alguns sons guturais. O terror espalhou-se pelo seu corpo, fazendo-a rodar violentamente a cabeça de um lado para o outro. Desesperadamente, Britta tentou enviar pensamentos a Herman, como se o marido pudesse ouvi-la através das ondas telepáticas. Mas Britta sabia que era em vão. A Morte tinha chegado para a levar, a foice não tardaria a abater-se sobre ela e não havia ninguém que pudesse ajudá-la. Morreria sozinha na sua cama. Sem Herman. Sem as meninas. Sem dizer adeus. Nesse momento, a névoa desvaneceu-se e a sua mente aclarou-se como há muito não acontecia. Com o medo a correr pelo peito como um animal selvagem, Britta conseguiu finalmente respirar fundo e emitir um grito. A Morte não se moveu. Continuava simplesmente a observar Britta deitada na cama, a observá-la e a sorrir. Não era um sorriso hostil, o que tornava tudo muito mais assustador.

Então, a Morte inclinou-se e pegou na almofada do lado de Herman. Aterrorizada, Britta viu a forma branca a aproximar-se. O nevoeiro final.

O corpo protestou por um momento. Entrou em pânico com a falta de ar. Tentou respirar, fazer chegar oxigénio aos pulmões. As mãos largaram o lençol e agitaram-se freneticamente no ar. Encontraram resistência, tocaram em pele. Rasgaram e arranharam, lutando para

viver mais um segundo.

Então, tudo escureceu.

GRINI, ARREDORES DE OSLO, 1944

– ESTÁ NA HORA DE LEVANTAR! – A VOZ DO GUARDA ECOOU PELOS BARRACÕES. – TODOS NA FORMATURA DAQUI A CINCO MINUTOS.

AXEL ABRIU OS OLHOS COM ESFORÇO. POR UM SEGUNDO, FICOU COMPLETAMENTE DESORIENTADO. ESTAVA ESCURO NO BARRACÃO; ERA MUITO CEDO E, ÀQUELA HORA, QUASE NÃO ENTRAVA LUZ DO EXTERIOR. MESMO ASSIM, ERA UMA MELHORIA EM RELAÇÃO À CELA ONDE ESTIVERA ENCERRADO EM ISOLAMENTO DURANTE OS PRIMEIROS MESES. PREFERIA O BARRACÃO APINHADO E MALCHEIROSO AOS LONGOS DIAS DE SOLIDÃO. AXEL TINHA OUVIDO DIZER QUE HAVIA 3500 PRISIONEIRO EM GRINI. O QUE NÃO O SURPREENDEU. FOSSE PARA ONDE FOSSE QUE SE VIRASSE, AXEL VIA HOMENS, TODOS COM A MESMA EXPRESSÃO RESIGNADA QUE PRESUMIU CORRESPONDER À SUA PRÓPRIA.

AXEL SENTOU-SE NO CATRE E ESFREGOU OS OLHOS PARA AFUGENTAR O SONO. RECEBIAM ORDENS PARA FORMAR NO PÁTIO VÁRIAS VEZES AO DIA, SEMPRE QUE DAVA NA GANA AOS GUARDAS. É POBRE DAQUELE QUE NÃO SE APRESSASSE. MAS, NESSE DIA, ESTAVA CUSTAR-LHE SAIR DA CAMA. SONHARA COM FJÄLLBACKA. SONHARA QUE TINHA ESTADO SENTADO NO VEDDEBERGET²⁶, A OLHAR PARA O MAR E A VER AS GAIVOTAS A GUINCHAR ENQUANTO VOAVAM EM CÍRCULOS SOBRE OS MASTROS DOS BARCOS. NA VERDADE, ERA UM SOM BASTANTE DESAGRADÁVEL, MAS ACABARA POR TORNAR-SE PARTE DA ALMA DA CIDADE. AXEL TINHA ESTADO A SONHAR COM A SENSAÇÃO DO VENTO A ENVOLVÊ-LO, MORNO E SUAVE, NO VERÃO. E COM O CHEIRO DAS ALGAS TRAZIDO PELO VENTO, MESMO ATÉ AO TOPO DO MONTE, ONDE AXEL O INALAVA AVIDAMENTE.

MAS A REALIDADE ERA DEMASIADO CRUA E FRIA PARA QUE CONSEGUISSE AGARRAR-SE AO SEU SONHO. EM VEZ DISSO, AXEL SENTIU O

TECIDO ÁSPERO DO COBERTOR CONTRA A PELE QUANDO O AFASTOU E BALANÇOU AS PERNAS PARA UM LADO DO CATRE RAQUÍTICO. A FOME DILACERAVA-O. CLARO QUE LHES DAVAM COMIDA, MAS NUNCA COMIAM O SUFICIENTE, NEM COM MUITA FREQUÊNCIA.

— ESTÁ NA HORA DE IREM LÁ PARA FORA — DISSE O JOVEM GUARDA, QUE CAMINHAVA AGORA POR ENTRE OS PRISIONEIRO. PAROU À FRENTE DE AXEL.

— HOJE ESTÁ FRIO — DISSE EM TOM AMIGÁVEL.

AXEL EVITOU OLHAR PARA O GUARDA. ERA O MESMO RAPAZ QUE TINHA ESTADO DE SERVIÇO, QUANDO AXEL CHEGARA A GRINI, AQUELE QUE TINHA CONSIDERADO SER MAIS AMIGÁVEL DO QUE OS RESTANTES. E A SUA PRIMEIRA IMPRESSÃO ACABARA POR REVELAR-SE ACERTADA. AXEL NUNCA TINHA VISTO O JOVEM MALTRATAR OU HUMILHAR NINGUÉM DA MESMA FORMA QUE A MAIORIA DOS OUTROS GUARDAS FAZIA. MAS OS MESES QUE AXEL PASSARA NA PRISÃO TINHAM TRAÇADO UMA FRONTEIRA CLARA ENTRE OS DOIS. PRISIONEIRO E GUARDA. ERAM DUAS ENTIDADES MUITO DISTINTAS. VIVIAM VIDAS DE TAL MODO DIFERENTES, QUE AXEL MAL PODIA SUPORTAR OLHAR PARA OS GUARDAS QUANDO OS AVISTAVA. O UNIFORME DA GUARDA NORUEGUESA QUE AXEL USAVA MARCAVA-O COMO PERTENCENTE A UMA CLASSE MAIS BAIXA DA HUMANIDADE. PELOS OUTROS PRISIONEIRO, AXEL SOUBE QUE O UNIFORME FORA INSTITUÍDO DEPOIS DE UM PRESO TER ESCAPADO EM 1941. AXEL PERGUNTAVA A SI PRÓPRIO COMO TINHA O HOMEM ENCONTRADO FORÇAS PARA FUGIR. SENTIA-SE APÁTICO, ESVAZIADO DE TODA A ENERGIA POR CAUSA DA COMBINAÇÃO DE TRABALHO DURO, ALIMENTAÇÃO ESCASSA, MUITO POUCO SONO E DEMASIADA PREOCUPAÇÃO COM A FAMÍLIA QUE DEIXARA NA SUÉCIA. E POR TODA A MISÉRIA QUE REINAVA NO CAMPO.

— É MELHOR MEXERES-TE — DISSE O JOVEM GUARDA, DANDO-LHE UM EMPURRÃO.

AXEL FEZ O QUE O GUARDA LHE ORDENOU E CORREU PARA FORA DO BARRACÃO. AS CONSEQUÊNCIAS ERAM GRAVES PARA QUEM CHEGASSE ATRASADO À INSPEÇÃO DA MANHÃ.

ENQUANTO DESCIA AS ESCADAS QUE CONDUZIAM AO PÁTIO, AXEL

TROPEÇOU. SENTIU O PÉ PERDER O APOIO DO DEGRAU E PRECIPITOU-SE SOBRE O GUARDA QUE ESTAVA MESMO À SUA FRENTE. ABANOU OS BRAÇOS PARA RECUPERAR O EQUILÍBRIO MAS, EM VEZ DE AR, SENTIU AS MÃOS A TOCAREM NO UNIFORME E NO CORPO DO GUARDA. COM UM RUÍDO SURDO, AXEL ATERROU NAS COSTAS DO HOMEM E FICOU SEM RESPIRAÇÃO POR CAUSA DO IMPACTO. A PRINCÍPIO, TUDO FICOU EM SILÊNCIO. DEPOIS, AXEL SENTIU UMAS MÃOS A PUXÁ-LO, OBRIGANDO-O A PÔR-SE DE PÉ.

— ELE ATACOU-TE — DISSE O GUARDA QUE AGARRAVA FIRMEMENTE AXEL. CHAMAVA-SE JENSEN E ERA UM DOS MAIS CRUÉIS DO CAMPO.

— NÃO ME PARECE... — DISSE HESITANTEMENTE O JOVEM GUARDA ENQUANTO SE LEVANTAVA E SACUDIA O PÓ DO UNIFORME.

— ESTOU A DIZER-TE. ELE ATACOU-TE! — A CARA DE JENSEN ESTAVA VERMELHA DE RAIVA. APROVEITAVA TODAS AS OPORTUNIDADES PARA MALTRATAR OS HOMENS QUE ESTAVAM EM SEU PODER. SEMPRE QUE ATRAVESSAVA O CAMPO, A MULTIDÃO DE PRISONEIROS AFASTAVA-SE PARA AMBOS OS LADOS, COMO O MAR VERMELHO SE APARTARA À PASSAGEM DE MOISÉS.

— NÃO, ELE...

— EU VI-O A ATACAR-TE! — GRITOU O GUARDA MAIS VELHO, DANDO UM PASSO EM FRENTE. — VAIS DAR-LHE UMA LIÇÃO, OU TENHO DE SER EU A DAR-LHA?

— MAS, ELE... — O GUARDA, QUE NÃO ERA MAIS DO QUE UM RAPAZ, LANÇOU UM OLHAR DESESPERADO A AXEL ANTES DE SE VOLTAR PARA O COLEGA.

AXEL OBSERVAVA A CENA COM INDIFERENÇA. HÁ MUITO QUE DEIXARA DE REAGIR, QUE DEIXARA DE SENTIR. QUE ACONTECESSE O QUE TINHA DE ACONTECER. AQUELES QUE LUTAVAM CONTRA O SEU DESTINO ESTAVAM CONDENADOS A PERECER.

— MUITO BEM, ENTÃO EU... — O GUARDA MAIS VELHO CAMINHOU NA DIREÇÃO DE AXEL, ERGUENDO A ESPINGARDA.

— NÃO! EU ENCARREGO-ME DISTO! É O MEU DEVER — DISSE O RAPAZ, INTERPONDO-SE ENTRE OS DOIS COM O ROSTO PÁLIDO. OLHOU AXEL NOS OLHOS, COMO SE ESTIVESSE A PEDIR-LHE PERDÃO. DEPOIS, ERGUEU A MÃO

E DEU UMA BOFETADA A AXEL.

– ISSO É QUE FOI O CASTIGO? – GRITOU JENSEN COM VOZ ROUCA. UM GRUPO DE CURIOSOS JÁ SE TINHA REUNIDO E ALGUNS GUARDAS RIAM-SE ENQUANTO ESPERAVAM ANSIOSAMENTE. TUDO O QUE QUEBRASSE A MONOTONIA DA ROTINA DIÁRIA DA PRISÃO ERA BEM-VINDO.

– DÁ-LHE COM MAIS FORÇA! – BERROU JENSEN COM O ROSTO AINDA MAIS VERMELHO DO QUE ANTES.

O JOVEM GUARDA OLHOU NOVAMENTE PARA AXEL, QUE CONTINUAVA A RECUSAR-SE A OLHÁ-LO NOS OLHOS. EM SEGUIDA, O GUARDA LEVOU O PUNHO ATRÁS E ATINGIU O QUEIXO DE AXEL COM UM SOCO. A CABEÇA DO RAPAZ FOI IMPULSIONADA PARA TRÁS, MAS AXEL PERMANECEU EM PÉ.

– COM MAIS FORÇA! – TINHAM-SE JUNTADO MAIS GUARDAS E O SUOR BRILHAVA NA TESTA DO RAPAZ, QUE JÁ NÃO TENTAVA OLHAR PARA AXEL. OS OLHOS DO GUARDA PARECIAM VIDRADOS QUANDO SE BAIXOU E APANHOU A ESPINGARDA DO CHÃO, ERGUENDO-A NO AR PARA ATACAR AXEL.

O PRISIONEIRO VIROU-SE INSTINTIVAMENTE, DE MODO QUE O GOLPE ATINGIU-LHE A ORELHA ESQUERDA. ERA COMO SE ALGO SE TIVESSE RACHADO NO SEU INTERIOR E A DOR ERA INDESCRITÍVEL. O PRÓXIMO GOLPE ATINGIU-O EM CHEIO NA FACE. DEPOIS, AXEL NÃO SE RECORDAVA DE MAIS NADA. APENAS SENTIA A DOR.

26 Monte com 74 metros de altura situado em Fjällbacka. (*N. do T.*)

§

NÃO HAVIA QUALQUER PLACA NA PORTA a indicar que aquelas instalações eram ocupadas pelos Amigos da Suécia. Apenas um papel por cima da caixa do correio a dizer: «Não aceitamos publicidade» e o nome «Svensson». Martin e Paula tinham obtido a morada dos colegas de Uddevalla, que mantinham um olhar atento sobre as atividades da organização.

Não tinham telefonado a avisar da visita. Em vez disso, resolveram arriscar, calculando que estaria lá alguém durante as horas de expediente. Martin tocou à campainha. Ouviu-se um tom estridente vindo do interior, mas a princípio nada aconteceu. Martin estava prestes a tocar novamente à campainha quando a porta se abriu.

– Sim? – um homem na casa dos trinta anos lançou-lhes um olhar inquiridor e depois franziu a testa ao ver os uniformes. O sulco na testa aprofundou-se quando viu Paula. Por alguns segundos, o homem olhou-a de cima a baixo, de tal forma que Paula desejou poder aplicar-lhe uma valente joelhada na virilha.

– Então, que posso eu fazer hoje para ajudar o nosso governo? – perguntou sarcasticamente.

– Gostaríamos de conversar um pouco com alguém pertencente aos Amigos da Suécia. Estamos no local certo?

– Claro. Entrem – o homem, que era loiro, alto e corpulento, e tinha o físico de quem treina constantemente, recuou para deixá-los entrar.

– Chamo-me Martin Molin. E esta é Paula Morales. Somos da polícia de Tanumshede.

– A sério? Vieram de longe – disse o homem, conduzindo-os a um

pequeno escritório. – Chamo-me Peter Lindgren – acrescentou. Sentou-se à secretária e apontou para as duas cadeiras reservadas às visitas.

Martin anotou o nome. Iria verificar Lindgren na base de dados da polícia logo que regressassem à esquadra. Algo lhe dizia que havia uma série de detenções no cadastro do homem sentado à sua frente.

– Então, o que pretendem? – Peter recostou-se, cruzando as mãos no colo.

– Estamos a investigar o homicídio de um homem chamado Erik Frankel. Este nome é-lhe familiar? – Paula forçou-se a falar com calma. Havia algo naquele tipo de homens que lhe provocava arrepios. Sem dúvida que Peter Lindgren sentia o mesmo em relação a pessoas como Paula.

– Deveria ser? – perguntou Peter, olhando para Martin e não para Paula.

– Sim, deveria – disse Martin. – A sua organização teve alguns... contactos com Erik Frankel. Contactos ameaçadores. Mas suponho que não saiba nada a esse respeito, claro – disse sarcasticamente Martin.

Peter Lindgren abanou a cabeça.

– Não, realmente não sei. Têm alguma prova dessas... ameaças? – perguntou com um sorriso.

Martin sentiu-se como se o homem o estivesse a inspecionar por dentro e por fora. Depois de uma pausa, respondeu:

– De momento, é irrelevante o que temos ou não temos. Sabemos que a sua organização ameaçou Erik Frankel. E também sabemos que um dos vossos membros, Frans Ringholm, conhecia a vítima e a avisou acerca dessas ameaças.

– Eu não levaria o Frans muito a sério – disse Peter com um brilho perigoso nos olhos. – Ele goza de grande respeito dentro da nossa... organização, mas está a ficar velho e, bem... vivemos em tempos diferentes, as coisas mudaram e os homens como o Frans nem sempre compreendem as novas regras do jogo.

– Ao contrário das pessoas como você? – perguntou Martin.

Peter abriu os braços.

– É importante saber quando seguir as regras e quando quebrá-las. O que importa é fazermos o que serve a nossa causa, a longo prazo.

– E qual é a vossa causa... concretamente? – Paula pôde ouvir como soara hostil, o que foi confirmado por um olhar de advertência de Martin.

– Uma sociedade melhor – respondeu calmamente Peter. – As pessoas que têm governado este país não têm feito um bom trabalho. Têm permitido que... forças estrangeiras ocupem demasiado espaço. Têm permitido que o que é sueco e puro seja afastado – Peter lançou um olhar beligerante a Paula, que engoliu várias vezes em seco para não reagir. Não era o momento nem o sítio certo para isso. E Paula percebia perfeitamente que Peter estava a provocá-la. – Mas tudo isso vai mudar. O povo sueco está a ficar cada vez mais conscientes de que estamos a caminhar para o abismo, se continuarmos desta maneira, se permitirmos que aqueles que estão no poder continuem a derrubar o que nossos antepassados construíram. A nossa organização pode oferecer uma sociedade melhor.

– E de que maneira, teoricamente falando, poderia um idoso, um professor de História reformado, representar uma ameaça para uma... sociedade melhor?

– Teoricamente falando... – Peter cruzou novamente as mãos no colo. – Teoricamente falando, é claro que uma pessoa assim não representaria qualquer ameaça real. Mas poderia contribuir para a propagação de uma falsa imagem, uma imagem que os vencedores da guerra se têm esforçado enormemente por promover. E é evidente que isso não poderia ser tolerado. Teoricamente falando.

Martin estava prestes a retorquir, mas parecia que Peter ainda não tinha concluído o seu raciocínio.

– Todas as imagens, todos os relatos acerca dos campos de concentração e desse tipo de coisas são meras maquinações, mentiras exageradas que têm sido apresentadas à sociedade como verdades. E

sabem porquê? Para suprimir completamente a mensagem original, a mensagem correta. A História foi escrita pelos vencedores da guerra, que decidiram afogar a verdade em sangue, distorcer a imagem que o mundo iria ver, para que ninguém tivesse o atrevimento de questionar se foi realmente o lado certo que ganhou a guerra. E Erik Frankel fazia parte dessa tentativa de branqueamento do passado, dessa propaganda. E é por isso que, hipoteticamente falando, Erik Frankel poderia constituir um entrave à sociedade que queremos criar.

– Contudo, que seja do seu conhecimento, a sua organização nunca dirigiu quaisquer ameaças contra Erik Frankel? – Martin estudou o homem intensamente. Sabia qual ia ser a resposta.

– Não, nós não. Trabalhamos segundo as regras democráticas. Votos. Programas eleitorais. Conquista do poder através da votação popular. Encararíamos qualquer outro modo de agir como insustentável – Peter olhou para Paula, cujas mãos estavam firmemente entrelaçadas no colo. Imaginava os soldados que tinham levado o pai. Tinham exatamente o mesmo olhar.

– Bem, não o incomodamos mais – disse Martin, levantando-se. – A polícia de Uddevalla forneceu-nos os nomes dos outros membros da direção; portanto, é claro que também vamos falar com eles sobre este assunto.

Peter levantou-se e assentiu.

– Claro. Mas ninguém terá nada a dizer-vos que eu não vos tenha já dito. E quanto ao Frans... bem, eu não daria muito crédito ao que diz um velho que vive no passado.

Erica estava a ter dificuldade em concentrar-se no livro. Os pensamentos acerca da mãe estavam constantemente a interromper-lhe o trabalho. Foi buscar o maço de artigos que trouxera da biblioteca e colocou o que tinha a fotografia no topo. Era tão frustrante! Olhar para aqueles rostos sem ser capaz de obter quaisquer respostas. Erica inclinou-se, aproximando o rosto da foto, e estudou pormenorizadamente os cinco indivíduos, um após o outro.

Primeiro, Erik Frankel. Olhava para a máquina fotográfica com uma expressão séria. Tinha uma postura rígida. Envolveria-o uma aura de tristeza e, sem saber se estava certa ou não, Erica concluiu que a prisão do irmão o tinha marcado. Mas Erik tinha a mesma aura de solenidade e tristeza quando se encontrara com ele em junho para pedir informações sobre a medalha.

Erica desviou o olhar para a pessoa ao lado de Erik. Frans Ringholm. Era bonito. Muito bonito. Usava o cabelo loiro encaracolado, provavelmente um pouco mais comprido sobre o colarinho do que os pais teriam apreciado. Ostentava um sorriso rasgado e sedutor. Colocara descontraidamente os braços sobre os ombros das duas pessoas que o ladeavam. Nenhuma delas parecia estar satisfeita com isso.

Erica estudou a pessoa à direita de Frans. Era a mãe: Elsy Moström. A sua expressão era sem dúvida mais suave do que a que Erica recordava. Mas havia uma ligeira tensão no seu sorriso delicado que assinalava que Elsy não apreciava ter o braço de Frans em torno dos seus ombros. Erica não pôde deixar de refletir acerca da doçura do olhar da mãe. A Elsy que conheceu era fria e inacessível. Não havia nenhum indício dessa faceta na foto. Erica tocou delicadamente na imagem do rosto da mãe. Como tudo teria sido diferente se a mãe tivesse continuado a ser como a rapariga ali retratada. Que lhe teria acontecido? O que lhe teria arrebatado toda a doçura? Que teria feito com que a indiferença substituísse aquele olhar pensativo? Porque nunca tinha sido capaz de pôr aqueles braços macios, visíveis sob as mangas curtas do seu vestido às flores, em torno das filhas, num abraço apertado?

Erica deslocou-se para a próxima pessoa na fotografia. Britta não estava a olhar para a máquina. Em vez disso, virara-se para olhar para Elsy. Ou para Frans. Era impossível saber ao certo. Erica pegou na lupa que estava em cima da secretária. Centrou-a sobre o rosto de Britta e semicerrou os olhos para tornar a imagem o mais nítida possível, mas continuava a não conseguir ter a certeza. Britta franzia a

testa e o seu maxilar revelava dureza e decisão. E aquele olhar. Erica tinha quase a certeza. Britta estava a olhar para um deles – para Elsy ou para Frans – ou talvez para ambos.

Em seguida, a última pessoa na fotografia. Tinha mais ou menos a mesma idade dos outros. Também era loiro, como Frans, mas usava o cabelo encaracolado mais curto. Alto e muito magro, com uma expressão meditativa no rosto. Não era uma expressão feliz, embora também não fosse triste. Meditativa era a palavra mais próxima que Erica encontrava para descrever a sua expressão.

Releu o artigo. Hans Olavsen fora um resistente norueguês que tinha fugido do seu país a bordo do pesqueiro *Elfrida*, sedado em Fjällbacka. O capitão do barco, Elof Moström, tinha-lhe dado refúgio. De acordo com o repórter que tinha escrito o artigo, Hans estava a comemorar o fim da guerra com os amigos, em Fjällbacka.

Erica voltou a pôr o artigo no topo do maço de fotocópias. Tinha um pressentimento de que aquele grupo de jovens possuía uma química, algo que lhe parecia... Erica não conseguia perceber exatamente o que era. A única coisa de que tinha a certeza era de que a chave para compreender a mãe residia numa compreensão mais profunda sobre as relações entre aqueles amigos e talvez da sua ligação ao resistente norueguês Hans Olavsen. E havia apenas duas pessoas a quem o podia perguntar: Axel Frankel e Britta Johansson.

Erica não queria ir novamente a casa de Britta e incomodar a idosa confusa; porém, de que outra forma iria descobrir o que estava por detrás daquela expressão de raiva nos olhos dela? Talvez se pudesse explicar ao marido de Britta o motivo pelo qual precisava de falar com a mulher, Herman compreendesse, decidiu Erica. No dia seguinte, iria pegar o touro pelos cornos e voltar a casa de Britta.

Se conseguisse apanhar Britta num de seus momentos mais lúcidos, estava convencida de que encontraria as respostas de que precisava.

FJÄLLBACKA, 1944

A GUERRA TINHA DEIXADO AS SUAS MARCAS EM ELOF MOSTRÖM. TODAS AQUELAS TRAVESSIAS PELO MAR, QUE JÁ NÃO ERA SEU AMIGO, ANTES SEU INIMIGO. ELOF SEMPRE AMARA O MAR AO LARGO DE BOHUSLÄN. ADORAVA O MODO COMO SE MOVIA, O SEU CHEIRO, O BARULHO QUE FAZIA QUANDO SE ELEVAVA CONTRA A PROA DO SEU BARCO. MAS, DESDE QUE A GUERRA COMEÇARA, ELOF E O MAR NÃO TINHAM TIDO O MESMO TIPO DE AMIZADE. O MAR TORNARA-SE HOSTIL. ESCONDIA PERIGOS SOB A SUPERFÍCIE, MINAS QUE PODIAM EXPLODIR A QUALQUER MOMENTO E FAZÊ-LO VOAR EM PEDAÇOS, ASSIM COMO À SUA TRIPULAÇÃO. E OS ALEMÃES QUE PATRULHAVAM A ÁREA NÃO ERAM MENOS PERIGOSOS. NUNCA SABIA O QUE PODERIAM TRAMAR. O MAR TORNARA-SE POUCO CONFIÁVEL DE UMA FORMA COMPLETAMENTE DIFERENTE DA HABITUAL. TEMPESTADES, BAIXIOS – TINHAM APRENDIDO A LIDAR COM TUDO ISSO, CONSEGUIAM LIDAR COM TODOS AQUELES FENÓMENOS DA NATUREZA SOCORRENDO-SE DA EXPERIÊNCIA DE VÁRIAS GERAÇÕES. E SE A NATUREZA, POR VEZES, LEVAVA A MELHOR SOBRE ELES, O FACTO ERA ACEITE COM SERENIDADE E COMPOSTURA.

AQUELA NOVA IMPREVISIBILIDADE ERA MUITO PIOR. SE SOBREVIVESSEM À TRAVESSIA, HAVIA OUTROS PERIGOS QUANDO ATRACAVAM PARA DESCARREGAR O QUE TRANSPORTAVAM NOS SEUS PORÕES. SEMPRE QUE CHEGAVA AO PORTO, ELOF LEMBRAVA-SE DE COMO AXEL FRANKEL TINHA SIDO CAPTURADO PELOS ALEMÃES. OLHOU PARA O HORIZONTE, PERMITINDO-SE PENSAR NO RAPAZ POR ALGUNS MINUTOS. TÃO CORAJOSO. APARENTEMENTE TÃO INVENCÍVEL. AGORA NINGUÉM SABIA ONDE AXEL ESTAVA. ELOF TINHA OUVIDO RUMORES DE QUE TINHA SIDO LEVADO PARA GRINI, MAS NÃO SABIA SE ERA VERDADE. E, MESMO QUE FOSSE, NÃO

HAVIA QUALQUER FORMA DE SABER SE AXEL AINDA LÁ ESTAVA. ELOF OUVIRA QUE TINHAM COMEÇADO A ENVIAR PRISIONEIROs PARA A ALEMANHA. TALVEZ FOSSE AÍ QUE O RAPAZ ESTIVESSE AGORA. OU TALVEZ JÁ NÃO ESTIVESSE VIVO. SEIS MESES PASSARAM DESDE QUE OS ALEMÃES O TINHAM APANHADO E NÃO HOUVERA QUALQUER NOTÍCIA DE AXEL DESDE ENTÃO. POR ISSO, ERA DIFÍCIL NÃO PENSAR NO PIOR. ELOF SUSPIROU PESADAMENTE. DE VEZ EM QUANDO, DEPARAVA-SE COM OS PAIS DO RAPAZ, O DOUTOR E A SR.A FRANKEL. MAS NUNCA SE ATREVIA A OLHÁ-LOS NOS OLHOS. ATRAVESSAVA SEMPRE A RUA E PASSAVA APRESSADAMENTE POR ELES, EVITANDO O SEU OLHAR. SENTIA QUE DEVIA TER SIDO CAPAZ DE FAZER ALGUMA COISA. MAS O QUÊ? TALVEZ DEVESSE TER-SE RECUSADO A LEVÁ-LO NO BARCO, DA PRIMEIRA VEZ.

SENTIA UM APERTO NO CORAÇÃO SEMPRE QUE VIA O IRMÃO DE AXEL. AQUELE RAPAZ PEQUENO E SÉRIO CHAMADO ERIK. NÃO É QUE ALGUMA VEZ TIVESSE SIDO MUITO FALADOR; PORÉM, DESDE QUE O IRMÃO TINHA DESAPARECIDO, TORNARA-SE AINDA MAIS CALADO. ELOF TINHA PENSADO DAR UMA PALAVRINHA A ELSY. NÃO GOSTAVA QUE ELA PASSASSE TANTO TEMPO COM ERIK E COM O OUTRO RAPAZ – FRANS. NÃO É QUE TIVESSE NADA CONTRA ERIK. MAS FRANS ERA UMA HISTÓRIA BEM DIFERENTE; «ARRUACEIRO» ERA A PALAVRA QUE LHE VINHA À MENTE PARA DESCREVER AQUELE RAPAZ. MAS NENHUM DELES ERA COMPANHIA ADEQUADA PARA ELSY. OS MOSTRÖM NÃO PERTENCIAM PURA E SIMPLEMENTE À MESMA CLASSE DOS FRANKEL E DOS RINGHOLM. ERA COMO SE TIVESSEM NASCIDO NOUTRO PLANETA E AS COISAS NUNCA CORRIAM BEM QUANDO ESSES DOIS MUNDOS SE ENCONTRAVAM. TALVEZ ATÉ NEM HOUVESSE PROBLEMA QUANDO ERAM CRIANÇAS E BRINCAVAM À APANHADA E À CAÇA AO TESOURO. MAS AGORA ERAM MAIS VELHOS. E AS COISAS NUNCA CORRERIAM BEM.

HILMA TINHA-LHE CHAMADO A ATENÇÃO PARA AQUILO EM DIVERSAS OCASIÕES. PEDIRA-LHE PARA FALAR COM A RAPARIGA. MAS, ATÉ AGORA, ELOF NÃO TINHA TIDO CORAGEM PARA O FAZER. A GUERRA TINHA TORNADO TUDO MAIS DIFÍCIL. OS AMIGOS ERAM PRATICAMENTE OS ÚNICOS LUXOS QUE RESTAVAM AOS JOVENS, E QUEM ERA ELE PARA PRIVAR ELSY

DOS SEUS AMIGOS? PORÉM, MAIS CEDO OU MAIS TARDE, SERIA FORÇADO A FAZÊ-LO. AFINAL, OS RAPAZES ERAM ISSO MESMO, RAPAZES. AS BRINCADEIRAS INFANTIS DEPRESSA SE TRANSFORMARIAM EM ABRAÇOS EM SEGREDO. ELOF SABIA-O POR EXPERIÊNCIA PRÓPRIA. ELE PRÓPRIO JÁ TINHA SIDO JOVEM, EM TEMPOS, EMBORA ESSES TEMPOS LHE PARECESSEM AGORA INCRIVELMENTE REMOTOS. TINHA CHEGADO O MOMENTO DE SEPARAR NOVAMENTE AQUELES DOIS MUNDOS; SEMPRE FORA ASSIM E SEMPRE CONTINUARIA A SER. ERA IMPOSSÍVEL MUDAR A ORDEM NATURAL DAS COISAS.

— COMANDANTE! VENHA VER ISTO.

ATARANTADO POR TER SIDO REPENTINAMENTE ARRANCADO ÀS SUAS COGITAÇÕES, ELOF VOLTOU-SE PARA A FONTE DA INTERRUPÇÃO. UM DOS TRIPULANTES FAZIA-LHE URGENTEMENTE SINAL PARA QUE O SEGUISSE. ELOF FRANZIU AS SOBRANCELHAS, SURPREENDIDO, E ENCAMINHOU-SE PARA O MARINHEIRO. ESTAVAM EM ALTO MAR E AINDA FALTAVAM ALGUMAS HORAS PARA CHEGAREM AO PORTO DE FJÄLLBACKA.

— TEMOS UM CLANDESTINO — DISSE CALLE INGVARSSON, APONTANDO PARA O PORÃO. ELOF OLHOU PARA ONDE O HOMEM ESTAVA A APONTAR. ENCOLHIDO POR DETRÁS DAS PILHAS DE SACOS QUE TRANSPORTAVAM ESTAVA UM RAPAZ, QUE AGORA SAÍA SORRATEIRAMENTE DO SEU ESCONDERIJO.

— DESCOBRI-O QUANDO OUVI UM RUÍDO ALI EM BAIXO. ESTAVA A TOSSIR TANTO QUE É ESTRANHO NÃO O TERMOS OUVIDO DO CONVÉS — DISSE CALLE, PONDO UMA PITADA DE RAPÉ NA BOCA. CALLE FEZ UMA CARETA. O SUCEDÂNEO DE RAPÉ DISPONÍVEL DURANTE OS ANOS DA GUERRA ERA UM FRACO SUBSTITUTO DO VERDADEIRO.

— QUEM ÉS TU? O QUE ESTÁS A FAZER NO MEU BARCO? — PERGUNTOU BRUSCAMENTE ELOF, QUE PONDEROU SE DEVIA OU NÃO PEDIR REFORÇOS AOS TRIPULANTES QUE ESTAVAM NA COBERTA.

— CHAMO-ME HANS OLAVSEN E EMBARQUEI EM KRISTIANSAND — EXPLICOU O JOVEM NUM NORUEGUÊS RITMADO. HANS LEVANTOU-SE E ESTENDEU A MÃO. APÓS UM MOMENTO DE HESITAÇÃO, ELOF APERTOULHE A MÃO. O RAPAZ OLHOU-O NOS OLHOS E DISSE: — TINHA ESPERANÇA DE IR

ATÉ À SUÉCIA CONVOSCO. OS ALEMÃES... BEM, DIGAMOS APENAS QUE, SE DOU VALOR À MINHA VIDA, NÃO POSSO CONTINUAR EM SOLO NORUEGUÊS.

ELOF FICOU EM SILÊNCIO DURANTE MUITO TEMPO, A PENSAR NO QUE O RAPAZ TINHA DITO. NÃO GOSTAVA DE SER ENGANADO DAQUELA MANEIRA. MAS, POR OUTRO LADO, QUE MAIS PODERIA ELE TER FEITO? NÃO PODERIA TER-SE APROXIMADO DO BARCO ABERTAMENTE, À VISTA DE TODOS OS ALEMÃES QUE PATRULHAVAM O PORTO, E PEDIR TRANSPORTE PARA A SUÉCIA.

— DE ONDE ÉS? — PERGUNTOU POR FIM ELOF, OLHANDO PARA O RAPAZ DE ALTO A BAIXO.

— OSLO.

— E O QUE É QUE FIZESTE PARA QUE TE SEJA IMPOSSÍVEL PERMANECERES NA NORUEGA?

— AS PESSOAS NÃO FALAM SOBRE O QUE FORAM OBRIGADAS A FAZER DURANTE A GUERRA — RESPONDEU HANS COM O ROSTO SUBITAMENTE ENSOMBRADO. — DIGAMOS APENAS QUE A RESISTÊNCIA JÁ NÃO PRECISA DE MIM.

PROVAVELMENTE, O RAPAZ AJUDAVA PESSOAS A ATRAVESSAR A FRONTEIRA, PENSOU ELOF. ERA UM TRABALHO PERIGOSO E, QUANDO OS ALEMÃES COMEÇAVAM A SUSPEITAR DE UM GUIA, O MAIS SENSATO ERA SAIR DO PAÍS ENQUANTO AINDA ERA POSSÍVEL. ELOF SENTIU QUE COMEÇAVA A CEDER. PENSOU EM AXEL, QUE TINHA FEITO A VIAGEM PARA A NORUEGA TANTAS VEZES SEM NUNCA SE PREOCUPAR COM A SUA PRÓPRIA SEGURANÇA. E PAGARA O PREÇO. SERÁ QUE PODIA FAZER MENOS DO QUE FIZERA PELO FILHO DE DEZANOVE ANOS DO MÉDICO? ELOF DECIDIU-SE IMEDIATAMENTE.

— MUITO BEM, VAMOS LEVAR-TE CONNOSCO. ESTAMOS A CAMINHO DE FJÄLLBACKA. JÁ COMESTE ALGUMA COISA?

HANS ABANOU A CABEÇA E ENGOLIU EM SECO.

— NÃO. JÁ NÃO COMO DESDE ANTEONTEM. A VIAGEM DE OSLO FOI... DIFÍCIL. TIVE DE FAZER VÁRIOS DESVIOS — HANS OLHOU PARA BAIXO.

— VAI BUSCAR QUALQUER COISA PARA O RAPAZ COMER, CALLE. EU TENHO DE VOLTAR PARA O CONVÉS... TENHO DE CERTIFICAR-ME DE QUE

CHEGAMOS A CASA INTEIROS, O QUE SIGNIFICA NAVEGAR EM VOLTA DESSAS MALDITAS MINAS QUE OS ALEMÃES INSISTEM EM ESPALHAR POR TODO O LADO – EXPLICOU ELOF QUANDO COMEÇOU A SUBIR A ESCADA. QUANDO OLHOU PARA TRÁS, ENCONTROU O OLHAR DO RAPAZ. A COMPAIXÃO QUE SENTIU SURPREENDEU-O. QUE IDADE TERIA? DEZOITO ANOS, NÃO MAIS, CERTAMENTE. E, NO ENTANTO, ELOF PODIA LER TANTO NOS SEUS OLHOS QUE NÃO DEVIA LÁ ESTAR. A JUVENTUDE PERDIDA E A INOCÊNCIA QUE DEVERIA ACOMPANHÁ-LA. A GUERRA TINHA INEGAVELMENTE FEITO MUITAS VÍTIMAS. E NÃO VITIMARA APENAS AQUELES QUE TINHAM MORRIDO.

§

GÖSTA SENTIA-SE UM POUCO CULPADO. Se tivesse feito o seu trabalho, talvez Mattias não tivesse ido parar ao hospital. Talvez não tivesse feito qualquer diferença, mas talvez tivesse descoberto que Per assaltara a casa dos Frankel algumas semanas antes de os rapazes terem lá entrado, o que poderia ter mudado o curso dos acontecimentos. Quando Gösta foi a casa de Adam para recolher as suas impressões digitais, o rapaz tinha realmente mencionado que alguém na escola falara acerca das coisas fixas que os Frankel possuíam. Era nisso que tinha andado a remoer inconscientemente, naquela ideia vaga que lhe vinha à mente mas que desaparecia logo em seguida. Se ao menos tivesse prestado mais atenção. Se tivesse sido mais cuidadoso. Resumindo: se tivesse feito o seu trabalho como devia ser. Gösta suspirou. Era aquele suspiro especial que Gösta tinha aperfeiçoado após anos de prática. Agora teria de remendar as coisas da melhor maneira possível.

Gösta dirigiu-se à garagem e levou o carro-patrolha que restava. Martin e Paula tinham seguido no outro para Uddevalla. Quarenta minutos mais tarde, Gösta estacionou em frente ao hospital de Strömstad. A rececionista disse-lhe que Mattias estava estável e, em seguida, explicou-lhe como encontrar o quarto do doente.

Gösta respirou fundo antes de entrar no quarto. Sem dúvida que estariam lá familiares do rapaz. Gösta não gostava de se encontrar com os familiares das vítimas. Eram sempre momentos muito emotivos, tornando-se extremamente difícil levar a cabo o trabalho policial. No entanto, às vezes, Gösta tinha-se surpreendido a si próprio

e aos colegas, mostrando uma certa sensibilidade ao falar com pessoas em situações traumáticas. Se tivesse a energia e a força de vontade suficientes, poderia ter sido capaz de utilizar esse talento no seu trabalho e transformá-lo numa mais-valia. Contudo, nos dias que corriam, aquela faceta raramente fazia a sua aparição e, para Gösta, não era um convidado particularmente bem-vindo.

– Apanharam-no? – um homem alto, vestindo fato e gravata levantou-se quando Gösta entrou na sala. Tinha os braços em torno de uma mulher chorosa. Gösta presumiu que devia tratar-se da mãe, a julgar pela semelhança com o rapaz que estava deitado na cama do hospital. Ou melhor, a semelhança dela com o rapaz com quem Gösta falara à porta da casa dos Frankel; o Mattias para quem Gösta olhava nesse momento estava irreconhecível. O rosto do rapaz era como uma enorme ferida, inchada, inflamada e repleta de nódos negros. Os lábios de Mattias tinham o dobro do tamanho normal e o só parecia capaz de ver de um olho. O outro estava cerrado devido ao inchaço.

– Quando eu puser as mãos nesse... sacana – praguejou o pai de Mattias, cerrando os punhos. Tinha os olhos marejados de lágrimas; porém, apesar dos escrúpulos de Gösta sobre como lidar com os familiares das vítimas, resolveu seguir em frente e fazer o seu trabalho, sobretudo porque o sentimento de culpa se intensificou ao ver o rosto maltratado de Mattias.

– Deixe que seja a polícia a lidar com isso – disse Gösta, sentando-se numa cadeira ao lado dos pais de Mattias. Apresentou-se e, em seguida, lançou-lhes um olhar grave para se certificar de que estavam a ouvi-lo.

– Levámos Per Ringholm até a esquadra para ser interrogado. Ele admitiu ter agredido o vosso filho e vai certamente sofrer as consequências do seu acto. De momento, não sei quais poderão ser; cabe ao delegado do Ministério Público decidi-lo.

– Mas ele está preso, não está? – perguntou a mãe de Mattias com voz trémula.

– Neste momento, não. Só em casos excepcionais é que o delegado

do Ministério Público decreta que se mantenha um menor sob custódia. Como tal, o Per foi mandado para casa com a mãe enquanto nós levamos a cabo a investigação. A Segurança Social também já foi alertada.

– Quer dizer que ele foi autorizado a ir para casa para junto da mãe enquanto o meu filho está para aqui e... – disse o pai de Mattias com voz embargada. Olhou com descrença para Gösta e, logo a seguir, para o filho.

– Por enquanto, sim. Mas, como acabei de dizer, haverá consequências, garanto-lhe. Mas precisava de dar uma palavrinha ao vosso filho, se for possível, para nos certificarmos de que não nos escapou nada.

Os pais de Mattias entreolharam-se e depois assentiram.

– Está bem, mas só se ele se sentir capaz de falar. O Mattias nem sempre está completamente consciente. Está a tomar analgésicos.

– Vamos deixar que seja ele a decidir durante quanto tempo quer falar – disse suavemente Gösta, que se levantou e foi sentar-se na cama. Teve alguma dificuldade em entender as palavras arrastadas do rapaz; porém, quando acabou de interrogá-lo, tinha conseguido confirmar toda a história. O relato de Mattias correspondia ao que Per lhes tinha dito.

Depois de terminar a conversa com Mattias, Gösta virou-se para os pais do rapaz.

– Posso recolher as impressões digitais do vosso filho?

Mais uma vez os pais trocaram olhares. E foi novamente o pai de Mattias quem respondeu:

– Sim, pode. Se isso for necessário para... – não terminou a frase e olhou para o filho com lágrimas nos olhos.

– Demora apenas um minuto – explicou Gösta, retirando o equipamento para recolha de impressões digitais da pasta.

Pouco tempo depois, Gösta estava de volta ao carro-patrulha, olhando para a caixa com as impressões digitais de Mattias. Podiam não ter qualquer significado para o caso. Mas tinha feito o seu

trabalho. Finalmente. O que era algum consolo, pelo menos.

– Esta é a última paragem por hoje, não é? – perguntou Martin quando saiu do carro-patrulha, estacionado frente à sede do *Bohusläningen*.

– Parece-me bem. Está na hora de ir para casa – disse Paula, olhando para o relógio. Não tinha dito uma palavra que fosse após a visita à sede dos Amigos da Suécia e Martin tinha-a deixado entregue às suas cogitações. Compreendia como devia ser difícil para a colega ser confrontada com aquele tipo de pessoas. Pessoas que a julgavam antes que ela tivesse sequer tempo de dizer olá, que viam apenas a cor da sua pele, nada mais. Martin achava aquilo muito desagradável mas, com a sua tez branca como giz e o seu cabelo vermelho-fogo, nunca fora submetido ao tipo de olhares que Paula tinha de suportar. Martin tinha sido alvo de algumas provocações na escola por causa do seu cabelo, mas isso acontecera há muito tempo e não era de toda a mesma coisa.

– Procuramos Kjell Ringholm – disse Paula, inclinando-se sobre o balcão da receção.

– Só um momento; vou dizer-lhe que estão aqui – a rececionista pegou no telefone para avisar Ringholm de que tinha visitas.

– Sentem-se, por favor. Ele não demora.

– Obrigado – sentaram-se em duas poltronas ao lado de uma mesa de café. Alguns minutos mais tarde, um homem com uma barriga incipiente e cabelo e barba escuros, foi ao encontro dos agentes. Paula pensou que se parecia muito com Björn, dos ABBA. Ou Benny. Paula nunca conseguia distingui-los.

– Kjell Ringholm – disse o pai de Per, apertando a mão a Martin e a Paula. Tinha um aperto de mão firme, quase doloroso, pelo que Martin não conseguiu evitar um esgar. Kjell conduziu-os ao seu gabinete e convidou-os a sentarem-se, afirmando em seguida: – Pensava que conhecia todos os polícias de Uddevalla, mas devo dizer que as vossas caras são ambas novas para mim. Onde trabalham? – Kjell

sentou-se à secretária, pejada de papéis.

– Somos da esquadra de Tanumshede, não pertencemos a Uddevalla.

– A sério? – disse Kjell, parecendo surpreendido. Paula pensou ter captado um vislumbre de algo mais do que surpresa, mas o que quer que tenha sido, desapareceu instantaneamente. – Bem, o que vos traz aqui? – Kjell recostou-se na cadeira, cruzando as mãos sobre a barriga.

– Antes de mais, temos de dizer-lhe que hoje levámos o seu filho à esquadra depois de ter agredido um dos seus colegas de turma – disse Martin.

O homem que estava por detrás da secretária endireitou-se.

– O quê? Está a dizer-me que prenderam o Per? Quem foi que ele... Como é que está... – Kjell tropeçava nas palavras que lhe saíam da boca e Paula esperou que o pai de Per se recompusesse para poderem responder às suas perguntas.

– O Per agrediu um aluno chamado Mattias Larsson. O rapaz foi levado para o hospital e o último relatório diz que está estável, apesar de ter sofrido ferimentos graves.

– O quê? – Kjell parecia estar a ter dificuldade em interiorizar o que os agentes lhe estavam a dizer. – Porque é que não me telefonaram mais cedo? Dá ideia que isso aconteceu há umas horas.

– A escola ligou para a mãe de Per, por isso ela foi à esquadra e esteve presente quando o interrogámos. Depois, Per foi autorizado a ir para casa com a mãe.

– O ambiente em casa da mãe de Per não é propriamente o ideal, como já devem ter percebido – disse Kjell, olhando para Paula e Martin.

– Pelo interrogatório, percebemos que havia certos... problemas – Martin hesitou. – Por isso, pedimos à Segurança Social para analisar a situação.

Kjell suspirou.

– Eu deveria ter tratado do assunto mais cedo. Mas estavam sempre

a aparecer outras coisas. Não sei... – Kjell olhou para uma fotografia em cima da secretária que retratava uma mulher loira e duas crianças, que pareciam ter cerca de nove anos. Por um momento ninguém falou. Então, Kjell perguntou: – E agora, o que vai acontecer?

– O delegado do Ministério Público vai estudar o caso e depois decidirá como proceder. Mas trata-se de um assunto sério.

Kjell fez um gesto com a mão.

– Compreendo. Acredite, não encaro isto de ânimo leve. Percebo a seriedade do assunto. Pela vossa experiência nesses casos, o que é que acham que vai... – Kjell olhou novamente para a fotografia, mas depois voltou o olhar para os polícias.

Foi Paula quem respondeu.

– É difícil dizer ao certo, mas suponho que o Per terá de ir para uma instituição de reabilitação para jovens problemáticos.

Kjell concordou, cansado.

– Talvez seja o melhor para ele. Há muito tempo que Per tem sido... difícil; portanto, talvez isso o force a compreender a seriedade dos seus atos. Mas as coisas não têm sido fáceis para o meu filho. Eu não dei grande ajuda e a mãe... Bem, tiveram oportunidade de ver a situação em que vive. Mas ela nem sempre foi assim. Foi o divórcio que... – a voz de Kjell extinguiu-se e o pai de Per tornou a olhar para a fotografia sobre a secretária. – Foi muito duro para ela.

– Há mais um assunto que temos de abordar – Martin inclinou-se para a frente para estudar Kjell.

– De que se trata?

– Durante o interrogatório, soubemos que Per assaltou uma casa no início de junho. E que o dono da casa, Erik Frankel, o apanhou em flagrante. Pelo que sabemos, o senhor está a par deste incidente, não é verdade?

Durante um segundo, Kjell não disse nada, mas depois assentiu.

– Sim, é verdade. Erik Frankel telefonou-me depois de trancar o Per na sua biblioteca e eu fui até lá – Kjell sorriu ironicamente. – Na verdade até foi engraçado ver o meu filho trancado no meio daqueles

livros todos. Nunca deve ter estado tão perto de uma biblioteca como daquela vez.

– Assaltar a casa de alguém não tem graça nenhuma – disse secamente Paula. – Aquilo podia ter acabado muito mal.

– Claro, eu sei disso. Peço desculpa. Foi uma piada inapropriada – disse Kjell. – Mas tanto eu como o Erik concordámos em não fazer grande alvoroço em torno do que se passou. Erik pensava que todo o episódio seria uma boa lição para o Per. Achava que o meu filho pensaria duas vezes antes de voltar a fazer algo semelhante. E ficámos por aí. Eu fui lá, levei o Per, dei-lhe uma boa ensaboadela e... – Kjell encolheu os ombros.

– Mas, ao que parece, o senhor e Erik Frankel conversaram acerca de algo mais além do assalto de Per. O seu filho ouviu Erik dizer que tinha informações para si, algo que poderia interessá-lo, como jornalista, e depois que tinham concordado em encontrar-se numa data posterior. Lembra-se desta conversa?

A pergunta foi recebida com silêncio. Então, Kjell abanou a cabeça.

– Não, devo dizer que não me lembro de nada parecido. Ou o Per inventou essa história ou então interpretou mal o que ouviu. Erik disse-me simplesmente que eu poderia contactá-lo se precisasse de alguma ajuda com material sobre o nazismo.

Martin e Paula olharam-no com ceticismo. Nenhum deles acreditou numa palavra do que Kjell dissera, mas não podiam provar que estava a mentir.

– Sabe se o seu pai e o Erik tinham algum contacto entre si? – perguntou por fim Martin.

Os ombros de Kjell relaxaram um pouco, como se tivesse ficado aliviado por os agentes terem mudado de assunto.

– Tanto quanto saiba, não. Por outro lado, não tenho interesse pelas atividades do meu pai... exceto quando se tornam objeto de um dos meus artigos.

– E não acha um pouco estranho? – perguntou Paula. – Criticar publicamente o seu pai dessa forma?

– Vocês, melhor do que qualquer pessoa, deviam compreender a importância de lutar ativamente contra a xenofobia – respondeu Kjell.
– É como um tumor maligno na sociedade e temos de combatê-lo como pudermos. E se o meu pai decidir fazer parte desse tumor... bem... a decisão é dele – explicou Kjell, abrindo os braços. – E, por falar nisso, o meu pai e eu não temos verdadeiramente nada que nos una, a não ser o facto de ter calhado ter sido ele quem engravidou a minha mãe. Quando eu era miúdo, as únicas vezes que o via era na sala de visitas da prisão. Logo que tive idade suficiente para pensar pela minha cabeça e para tomar as minhas próprias decisões, percebi que ele não era pessoa que eu quisesse que fizesse parte da minha vida.

– Quer dizer que não têm contactado um com o outro? E o Per tem tido contacto com o avô? – perguntou Martin, mais por curiosidade do que por aquilo ter alguma relevância para a investigação.

– Não, eu não tenho contacto com o meu pai. Infelizmente, Frans conseguiu encher a cabeça do meu filho com um monte de ideias estúpidas. Quando o Per era mais jovem, certificámo-nos de que não se viam um ao outro, mas agora que é adolescente, bem... não fomos capazes de impedi-los de se encontrarem, por mais que o tivéssemos tentado.

– Muito bem. Julgo que não temos mais perguntas. Pelo menos por enquanto – disse Martin, levantando-se. Paula fez o mesmo. A caminho da porta, Martin parou e virou-se. – Tem a certeza de que não tem nenhuma informação acerca de Erik Frankel, ou fornecida por, que possa ser-nos útil?

Os olhos de Martin encontraram os de Kjell, que hesitou por um instante. Mas depois abanou a cabeça e disse laconicamente:

– Não, nada. Absolutamente nada.

Os dois agentes voltaram a não acreditar no jornalista.

Margareta estava preocupada. Ninguém tinha atendido o telefone em casa dos pais desde que Herman tinha aparecido no dia anterior.

Era estranho e perturbador. Os pais costumavam avisá-las quando iam a algum lado, mas ultimamente era raro saírem de casa. E Margareta tinha o hábito de telefonar-lhes todas as noites, para conversarem um pouco. Era um ritual que mantinham há anos e Margareta não conseguia recordar-se de uma única vez em que os pais não tivessem atendido o telefone. Mas, dessa vez, o telefone tocou, e tocou, ecoando no vazio, mas ninguém atendeu do outro lado da linha. Margareta tinha querido ir até lá na noite anterior, para ver como estavam, mas Owe, o marido, persuadira-a a esperar até ser de manhã, afirmando que, provavelmente, os pais se tinham simplesmente ido deitar mais cedo. Mas, na manhã seguinte, continuava a não haver resposta.

Convencida de que alguma coisa lhes devia ter acontecido, Margareta calçou os sapatos, vestiu o casaco e dirigiu-se a casa dos pais. A caminhada demorou dez minutos e, durante todo o caminho, a filha de Britta amaldiçoou-se por se ter deixado convencer por Owe a não ir lá mais cedo. Tinha a certeza de que havia algo que não batia certo.

Quando estava apenas a algumas centenas de metros de distância, Margareta viu uma figura à frente da porta dos pais. Semicerrou os olhos para ver quem era; porém, antes de se ter aproximado, apercebeu-se de que era aquela escritora, Erica Falck.

– Posso fazer alguma coisa por si? – perguntou Margareta, tentando ser amável, embora a sua voz traísse a preocupação que sentia.

– Bem... sim, estava à procura de Britta. Mas parece que não está ninguém em casa – a mulher loira parecia pouco à vontade, ali espedada no alpendre.

– Eu sou filha dela. Tenho estado a telefonar aos meus pais desde ontem à noite, mas eles não atendem o telefone. Por isso vim até cá, para ter a certeza de que está tudo bem – disse Margareta. – Pode vir comigo e esperar no vestíbulo – esticou o braço para as vigas que sustentavam um pequeno alpendre por cima da porta e retirou de lá uma chave. A mão tremia quando abriu a porta. – Entre. Eu vou dar

uma vista de olhos – disse Margareta, sentindo-se subitamente grata por ter a companhia de outra pessoa. Devia ter telefonado a uma ou a ambas as irmãs antes de ir até casa dos pais; porém, nesse caso teria sido forçada a admitir que temia que a situação fosse séria e revelar a preocupação que a estava a dilacerar por dentro.

Margareta percorreu as divisões do rés do chão, olhando em redor. Tudo estava limpo e arrumado, como sempre.

– Mãe, pai? – chamou. Mas ninguém respondeu. Agora, Margareta sentia-se realmente assustada e estava com dificuldade em respirar. Devia ter telefonado às irmãs. Era o que devia ter feito, sem dúvida.

– Espere aqui. Vou só lá acima dar uma vista de olhos – disse Margareta a Erica. A filha de Britta não se apressou a subir as escadas. Movia-se lentamente e toda ela tremia. A casa parecia estranhamente silenciosa. Mas, quando chegou ao último degrau, ouviu um som fraco. Era como se alguém estivesse a soluçar. Parecia quase o choro de uma criança pequena. Margareta parou por um momento, tentando identificar de onde vinha aquele som. Então apercebeu-se de que vinha do quarto dos pais. Com o coração a martelar-lhe o peito, Margareta precipitou-se para o quarto e abriu a porta. Demorou alguns segundos a compreender o que estava a ver. Depois ouviu, como se viesse de longe, a própria voz a gritar por socorro.

Foi Per quem abriu a porta quando Frans tocou à campainha.

– Avô! – exclamou Per, parecendo um cachorrinho que precisava de ser afagado.

– Em que é que te meteste, rapaz? – perguntou bruscamente Frans, entrando para o vestíbulo.

– Mas eu... ele... ele estava a dizer uma série de parvoíces. Teria sido melhor ouvir e calar, ou quê? – Per parecia magoado. Pensava que, se alguém ia compreender o seu ato, essa pessoa seria o avô. – Ainda por cima, aquilo não foi nada, comparado com o que o avô fez – acrescentou desafiadoramente, embora não ousasse olhar Frans nos

olhos.

– É exatamente por isso que eu sei o que estou a dizer! – Frans pegou no rapaz pelos ombros e apertou-os, forçando o neto a olhar para ele.

– Vamos entrar, sentar-nos e ter uma conversa. Depois, talvez possa meter algum juízo nessa cabeça dura. É verdade, onde está a tua mãe?
– Frans procurou Carina em redor, preparado para lutar pelo direito de falar com o neto.

– Deve estar a curar a bebedeira – respondeu Per, dirigindo-se indolentemente para a cozinha. – Começou a beber ontem, logo que chegámos a casa, e era o que estava a fazer quando fui para a cama. Já não a ouço há algum tempo.

– Vou dar um salto ao quarto dela para a cumprimentar. Entretanto vai fazer-nos um café – ordenou Frans.

– Mas eu não sei como é que se faz... – começou Per num tom lamuriento.

– Então está na altura de aprenderes – retorquiu Frans, dirigindo-se para o quarto de Carina.

– Carina! – chamou Frans em voz alta quando entrou no quarto. O único som que ouviu foi o ressonar audível de Carina. Estava quase a cair da cama, um braço a tocar no chão. O quarto cheirava a álcool rançoso e a vômito.

Respirando fundo, Frans aproximou-se de Carina. Pôs-lhe a mão no ombro e abanou-a.

– Carina, são horas de levantar – nenhuma reação. Frans olhou em redor. A porta da casa de banho dava diretamente para o quarto. Entrou e abriu as torneiras para lhe preparar um banho. Com a água a correr na banheira, Frans começou a despi-la, incapaz de esconder o seu desagrado. Não demorou muito, uma vez que Carina vestia apenas roupa interior. Envolveu-a num cobertor, levou-a para a casa de banho e, sem mais demoras, enfiou-a na banheira.

– Jesus! – protestou a ex-nora, ensonada. – O que está aqui a fazer?

Frans não respondeu. Em vez disso, dirigiu-se ao guarda-fatos, abriu

a porta e escolheu algumas peças de roupa lavada para Carina vestir. Deixou-as em cima da tampa da sanita, ao lado da banheira.

– O Per está a fazer café. Lava-te, limpa-te, veste-te e vai ter à cozinha.

Por um momento, parecia que Carina ia protestar. Mas depois assentiu, submissa.

– Então, já descobriste como é que funciona essa coisa extraordinária chamada cafeteira? – perguntou a Per, que estava sentado à mesa da cozinha a examinar as cutículas.

– Sim, mas quase de certeza que vai saber a merda – resmungou Per. – Bem, pelo menos tentei.

Frans estudou o líquido escuro como breu que tinha começado a gotejar para o recipiente de vidro.

– Parece bastante forte, pelo menos.

Frans e o neto ficaram sentados à mesa em silêncio durante muito tempo, à frente um do outro. Era uma sensação muito estranha: ver a sua própria história noutra pessoa. Conseguia vislumbrar traços do próprio pai no rapaz. Traços do pai que Frans ainda se arrependia de não ter matado. Talvez tudo tivesse sido diferente se o tivesse feito. Se tivesse convocado toda a raiva que fervia dentro dele e a tivesse dirigido à única pessoa que realmente a merecia. Em vez disso, a sua ira tinha extravasado numa direção completamente diferente, sem qualquer finalidade. E ainda lá estava. Frans sabia-o. Só que já não a deixava correr à rédea solta como quando era mais novo. Agora era ele quem controlava a sua fúria e não o contrário. Era isso que tinha de fazer o neto compreender. Não havia nada de errado com a sua raiva, mas Per precisava de ter a certeza de que era o único a decidir quando soltá-la. A raiva era uma seta para soltar de forma controlada e não um machado para brandir descontroladamente. Frans tinha tentado esse método e, como resultado, passara grande parte da vida na prisão, e o seu único filho não conseguia suportar estar no mesmo sítio em que ele estava. Frans não tinha mais ninguém. Os homens da organização não eram seus amigos. Nunca cometera o erro de supor

que o eram, nem tentara fazer com que o fossem. Estavam todos demasiado consumidos pela própria raiva para estabelecer esse tipo de relação uns com os outros. Partilhavam um objetivo. Nada mais.

Frans olhou para Per e viu o pai. Mas também se viu a si próprio. E viu Kjell. Tinha dado o seu melhor para ficar a conhecer o filho durante as breves visitas da família à prisão e nos curtos períodos em que estava em casa. Mas fora um esforço destinado ao fracasso. Para ser franco consigo mesmo, Frans nem sequer sabia se amava realmente o filho. Talvez outrora o tivesse amado. Talvez o coração lhe tivesse saltado no peito há muito tempo, quando Rakel levava o filho à prisão. Mas já não se recordava.

O que era estranho era que, quando estava ali sentado à mesa da cozinha com o neto, o único amor que alguma vez se recordava de ter sentido fora por Elsy. Um amor que tinha sessenta anos, mas que ainda estava profundamente marcado na sua memória. Elsy e o neto. Eram as únicas pessoas por quem alguma vez sentira afeição. Ambos tinham conseguido extrair-lhe algum tipo de emoção. Mas agora estava morta. O pai tinha matado tudo o resto. Frans não pensava naquilo há muito tempo. No pai. Ou em tudo o resto. Mas os acontecimentos recentes tinham feito com que o passado ganhasse vida. E agora estava na altura de pensar em tudo novamente.

– O Kjell vai ficar furioso se descobrir que veio cá – Carina ficou parada à porta. Apesar de um pouco trôpega, estava limpa e vestida. Tinha o cabelo a pingar e pusera uma toalha sobre os ombros para não molhar a camisa.

– Não me importo com o que o Kjell pensa – disse secamente Frans. Levantou-se e deitou café em duas chávenas, uma para Carina e outra para si próprio.

– Isto não parece potável – comentou Carina quando se sentou e olhou para a chávena, cheia até à borda com aquele líquido escuro como breu.

– Bebe – disse Frans, abrindo armários e gavetas.

– De que é que está à procura? – perguntou Carina, bebendo um

pouco de café e fazendo uma careta. – Pare de mexer no meu armário!

Frans não respondeu, começando antes a tirar uma a uma todas as garrafas que havia no armário e a esvaziar o seu conteúdo no lavatório.

– Não tem o direito de se meter assim na minha vida! – gritou-lhe Carina. Per levantou-se e fez menção de sair.

– Senta-te – disse Frans, apontando para o neto. – Vamos resolver isto de uma vez por todas.

Per obedeceu imediatamente, voltando a afundar-se na sua cadeira.

Uma hora mais tarde, todo o álcool tinha sido despejado e apenas a verdade permanecia.

Kjell olhava fixamente para o ecrã do computador. Os remorsos importunavam-no sem tréguas desde que a polícia tinha ido falar com ele no dia anterior. Sabia que devia ir visitar Per e Carina, mas não conseguia pura e simplesmente fazê-lo. Não fazia ideia por onde começar. O que o assustou foi a constatação de que estava a começar a desistir. Consequia lutar contra os inimigos externos. Consequia dirigir toda a sua energia no combate a políticos sedentos de poder e neonazis, e para travar batalhas contra moinhos de vento, por mais gigantescos que fossem. Mas, quando se tratava da sua antiga família, quando se tratava de Per e de Carina, era como se não lhe restasse mais força, que parecia ter sido devorada pelo sentimento de culpa.

Kjell olhou para a fotografia de Beata e dos filhos. Claro que amava Magda e Loke e que não queria viver sem eles. Mas, ao mesmo tempo, tudo tinha acontecido tão depressa, tudo corraera tão mal. Acabara por ver-se arrastado para aquela situação e, às vezes, Kjell ainda se perguntava se não teria causado mais mal do que bem. Talvez tivesse sido apenas o momento que fora infeliz. Talvez ele estivesse a passar por uma crise de meia-idade e Beata tivesse aparecido no momento errado. De início, Kjell não podia acreditar que fosse possível que uma jovem atraente como ela se interessasse por alguém como ele. Mas era mesmo verdade. E Kjell não tinha sido capaz de

resistir a dormir com ela, a sentir o seu corpo nu e firme, a ver a admiração estampada nos olhos dela. Era intoxicante. Kjell não conseguia pensar claramente, não conseguia dar um passo atrás nem tomar qualquer tipo de decisão racional. Ironicamente, tinha começado a apresentar os primeiros sinais de bom-senso quando perdeu todo o controlo da situação. Começara a faltar-se do facto de Beata nunca contra-argumentar quando discutiam, de não saber nada acerca das idas do homem à Lua ou da revolta na Hungria. Até se estava a começar a faltar da sensação de pele macia de Beata sob os seus dedos.

Kjell ainda se recordava do momento em que tudo se desmoronou. Parecia que tinha sido no dia anterior que ela olhara para Kjell com aqueles grandes olhos azuis e lhe dissera que ele ia ser pai, que agora teria finalmente de contar a Carina, como há muito prometera fazer.

Foi nesse momento que se apercebeu do erro que tinha cometido. Por um segundo, Kjell pensou em levantar-se e deixá-la ali, no café, em ir para casa deitar-se no sofá ao lado de Carina a ver o noticiário na televisão, enquanto Per, então com cinco anos, dormia profundamente na sua cama. Mas o seu instinto masculino disse-lhe que não havia volta a dar. Havia amantes que não sonhariam em contar à esposa e havia amantes que se deleitariam de prazer a revelar todos os pormenores do caso. Kjell não tinha dúvidas acerca de qual era a categoria a que Beata pertencia. Beata não se importaria com as vidas que destroçaria se ele se atrevesse a destroçar a dela primeiro. Pisaria na sua vida, destruiria a sua própria existência sem olhar para trás. E Kjell seria abandonado no meio dos destroços.

E, assim, Kjell tinha escolhido a saída dos cobardes. Aterrorizado por poder vir a acabar sozinho num apartamento merdoso de solteirão, a olhar para as paredes e a perguntar a si próprio porque é que aquilo tinha acontecido, tinha tomado o único caminho que lhe restava. O caminho de Beata, a vencedora da batalha. E abandonara Carina e Per. Pusera-os de lado como se fossem lixo à beira da estrada – até ele conseguia ver isso. Pelo caminho, destruíra Carina. E tinha perdido

Per. Fora o preço que tivera de pagar para sentir uma pele jovem sob as pontas dos dedos.

Talvez pudesse ter conservado Per, se tivesse sido capaz de ignorar a culpa que se instalara como uma pesada pedra no peito sempre que pensava, por um momento que fosse, nas duas pessoas que tinha deixado para trás. Mas Kjell não conseguiu ignorar a culpa. Fizera tentativas esporádicas, assumira um papel autoritário e, em raras ocasiões, assumira o papel de pai, mas os resultados tinham sido lamentáveis.

Agora, o filho era um estranho para ele. E Kjell não tinha energia para tentar novamente. Depois de uma vida inteira a odiar o pai, que o tinha abandonado a ele e à mãe por uma vida da qual não faziam parte, Kjell tinha feito a mesma coisa com o próprio filho. Tinha-se transformado no seu pai e essa era a verdade amarga.

Bateu com o punho na secretária, tentando substituir a dor que sentia no coração por uma dor física. Não ajudou. Então, abriu a gaveta do fundo da secretária para olhar para a única coisa que poderia distrair a sua mente daquela tortura.

Houve um momento em que pensara entregar o material à polícia; porém, no último segundo, o jornalista profissional que havia nele travara a fundo. Erik não lhe tinha dado grande coisa. Quando apareceu no gabinete de Kjell, passara bastante tempo a empatar, obviamente sem ter a certeza de quanto queria divulgar. A dada altura, Erik parecia prestes a dar meia-volta e ir-se embora sem ter revelado o que quer que fosse.

Kjell abriu a pasta. Desejava ter conseguido fazer mais perguntas a Erik, para obter algumas indicações para onde devia olhar. Apenas tinha uns quantos artigos de jornal que Erik lhe dera, sem comentários ou explicações.

– Que espera que faça com isto? – perguntara Kjell, abrindo os braços.

– Esse é o seu trabalho – fora a resposta de Erik. – Sei que pode parecer estranho, mas não posso dar-lhe a resposta completa. Não me

atrevo. Por isso, estou a dar-lhe as ferramentas... você pode fazer o resto.

E depois, Erik fora-se embora, deixando Kjell sentado à secretária com uma pasta contendo três artigos.

Kjell cofiou a barba e abriu a pasta. Já lera o material várias vezes, mas estavam sempre a aparecer outras coisas que o tinham impedido de se concentrar exclusivamente naquela tarefa. Para ser completamente franco, Kjell também questionara a sensatez de perder tempo com aquilo. O velhote podia pura e simplesmente estar senil. E se possuía realmente material tão explosivo como insinuara, porque não explicara melhor as coisas? Porém, depois do homicídio de Erik Frankel, Kjell começara a olhar para a pasta com outros olhos. Agora estava pronto a dar-lhe toda a sua atenção. E sabia exatamente por onde começar: pelo denominador comum a todos os três artigos. Um resistente norueguês chamado Hans Olavsen.

FJÄLLBACKA, 1944

– HILMA! – HAVIA ALGO NO TOM DE VOZ DE ELOF QUE FEZ COM QUE A MULHER E A FILHA SE PRECIPITASSEM A IR AO SEU ENCONTRO.

– MEU DEUS, QUE GRITARIA. QUE ACONTECEU? – EXCLAMOU HILMA, A VOZ APAGANDO-SE QUANDO VIU QUE ELOF NÃO ESTAVA SOZINHO. – TEMOS CONVIDADOS? – PERGUNTOU NERVOSAMENTE, LIMPANDO AS MÃOS AO AVENTAL. – ESTAVA A LAVAR A LOUÇA.

– NÃO TE PREOCUPES – ASSEGUROU ELOF. – O RAPAZ NÃO SE IMPORTA EM QUE ESTADO ESTÁ A CASA. VEIO HOJE NO BARCO CONNOSCO. ESTAVA A FUGIR DOS ALEMÃES.

O RAPAZ ESTENDEU A MÃO A HILMA E CURVOU-SE QUANDO A MULHER DO CAPITÃO LHA APERTOU.

– HANS OLAVSEN – DISSE O RAPAZ NO SEU NORUEGUÊS RITMADO. DEPOIS, HANS ESTENDEU A MÃO A ELSY, QUE A APERTOU UM POUCO ENVERGONHADA, FAZENDO UMA PEQUENA VÊNIA.

– HANS PASSOU UM MAU BOCADO DURANTE A TRAVESSIA; POR ISSO, TALVEZ POSSAMOS OFERECER-LHE ALGO RECONFORTANTE – DISSE ELOF. O CAPITÃO PENDUROU O BONÉ DE PALA E ENTREGOU O CASACO A ELSY, QUE PEGOU NELE E SE MANTEVE IMÓVEL.

– NÃO FIQUES PARA AÍ PARADA, RAPARIGA. PENDURA O CASACO DO TEU PAI – DISSE SEVERAMENTE ELOF, MAS DEPOIS NÃO PÔDE RESISTIR A ACARICIAR A FACE DA FILHA. TENDO EM CONTA OS PERIGOS QUE AGORA ACOMPANHAVAM CADA VIAGEM, ELOF SENTIA SEMPRE QUE PODER REGRESSAR A CASA E VOLTAR A VER ELSY E HILMA ERA COMO UMA DÁDIVA. ACLAROU A GARGANTA, CONSTRANGIDO POR TER SUCUMBIDO A TAL EMOÇÃO NA PRESENÇA DE UM ESTRANHO. DEPOIS FEZ UM GESTO COM A MÃO.

— ENTRA, ENTRA. TENHO A CERTEZA DE QUE HILMA VAI ENCONTRAR ALGUMA COISA BOA PARA NOS DAR — DISSE ELOF, SENTANDO-SE NUMA DAS CADEIRAS DA COZINHA.

— NÓS NÃO TEMOS MUITO PARA OFERECER — DISSE HILMA DE OLHOS BAIXOS. — MAS TEREMOS MUITO PRAZER EM PARTILHAR O POUCO QUE TEMOS.

— ESTOU-VOS MUITO GRATO — DISSE O RAPAZ, SENTANDO-SE EM FRENTE A ELOF, AO MESMO TEMPO QUE DEITAVA AVIDAMENTE OS OLHOS AO PRATO DE SANDUÍCHES QUE HILMA TINHA ACABADO DE PÔR NA MESA.

— NÃO TEM DE QUÊ, SIRVA-SE — DISSE HILMA ANTES DE SE DIRIGIR AO ARMÁRIO PARA SERVIR UM COPO DE AQUAVIT²⁷ A AMBOS. AS BEBIDAS ALCOÓLICAS ESCASSEAVAM, MAS AQUELA PARECIA SER UMA OCASIÃO ADEQUADA PARA BEBER ALGO BEM FORTE.

COMERAM EM SILÊNCIO. QUANDO SÓ RESTAVA UMA SANDUÍCHE, ELOF EMPURROU O PRATO PARA O RAPAZ NORUEGUÊS, INSTANDO-O COM UM OLHAR A COMÊ-LA. JUNTO DA BANCADA, ELSY ASSISTIA SUBREPTICIAMENTE ENQUANTO AJUDAVA A MÃE. ERA TUDO TÃO EMOCIONANTE. NA COZINHA DELES ESTAVA ALGUÉM QUE TINHA FUGIDO DOS ALEMÃES, ALGUÉM QUE FIZERA A TRAVESSIA DA NORUEGA ATÉ ALI. MAL PODIA ESPERAR PARA CONTAR AOS OUTROS. ENTÃO, OCORREU-LHE UMA IDEIA E QUASE NÃO CONSEGUIU IMPEDIR QUE AS PALAVRAS LHE SAÍSSEM DA BOCA. MAS O PAI DEVE TER TIDO O MESMO PENSAMENTO, PORQUE FEZ EXATAMENTE A PERGUNTA QUE ELSY TINHA EM MENTE:

— HÁ UM RAPAZ DAQUI, DESTA CIDADE, QUE FOI CAPTURADO PELOS ALEMÃES. FOI HÁ MAIS DE UM ANO, MAS TALVEZ TU... — ELOF ABRIU OS BRAÇOS, FIXANDO OS OLHOS NO RAPAZ SENTADO DO OUTRO LADO DA MESA.

— BEM, NÃO É MUITO PROVÁVEL QUE EU SAIBA ALGUMA COISA ACERCA DELE. HÁ TANTAS PESSOAS A IR E A VOLTAR. COMO SE CHAMA ELE?

— AXEL FRANKEL — RESPONDEU ELOF. MAS A ESPERANÇA NOS SEUS OLHOS TRANSFORMOU-SE EM DESAPONTAMENTO QUANDO HANS, DEPOIS DE PENSAR POR UM MOMENTO, ABANOU A CABEÇA.

— NÃO, LAMENTO MUITO. MAS NÃO NOS CRUZAMOS COM ELE. PELO

MENOS, NÃO ME PARECE. NÃO OUVIU NADA ACERCA DO QUE LHE ACONTECEU? NENHUMA OUTRA INFORMAÇÃO QUE POSSA SER ÚTIL?

— INFELIZMENTE, NÃO — RESPONDEU ELOF, ABANANDO A CABEÇA. — OS ALEMÃES CAPTURARAM-NO EM KRISTIANSAND E DESDE ENTÃO NÃO OUVIMOS NEM UMA PALAVRA. PELO QUE SABEMOS, AXEL PODE ESTAR...

— NÃO, PAPÁ. NÃO ACREDITO NISSO! — OS OLHOS DE ELSY ENCHERAM-SE DE LÁGRIMAS E, SENTINDO-SE ENVERGONHADA, A RAPARIGA CORREU PARA O SEU QUARTO NO ANDAR DE CIMA. NÃO PODIA ACREDITAR QUE SE TINHA HUMILHADO E CONSTRANGIDO OS PAIS DAQUELA MANEIRA. A CHORAR COMO UM BEBÉ À FRENTE DE UM DESCONHECIDO.

— A SUA FILHA CONHECE ESSE... AXEL? — PERGUNTOU O NORUEGUÊS, PARECENDO PREOCUPADO QUANDO SEGUIU ELSY COM OS OLHOS.

— É AMIGA DO IRMÃO MAIS NOVO DELE. E AS COISAS NÃO TÊM SIDO FÁCEIS PARA O ERIK. PARA TODA A FAMÍLIA DE AXEL — DISSE ELOF COM UM SUSPIRO.

OS OLHOS DE HANS ENSOMBRARAM-SE.

— MUITAS PESSOAS TÊM SIDO DURAMENTE TESTADAS POR ESTA GUERRA — AFIRMOU.

ELOF PERCEBEU QUE AQUELE RAPAZ TINHA VISTO COISAS QUE NINGUÉM DA SUA IDADE DEVERIA TER TESTEMUNHADO.

— ENTÃO É A TUA FAMÍLIA? — PERGUNTOU CAUTELOSAMENTE ELOF. HILMA ESTAVA JUNTO DA BANCADA, A SECAR UM PRATO, MAS PAROU O QUE ESTAVA A FAZER.

— NÃO SEI ONDE ELES ESTÃO — RESPONDEU POR FIM HANS, DE OLHOS FIXOS NA MESA. — QUANDO A GUERRA ACABAR, SE É QUE ALGUMA VEZ VAI ACABAR, VOU REGRESSAR AO MEU PAÍS PARA OS PROCURAR. ATÉ LÁ, NÃO POSSO VOLTAR À NORUEGA.

HILMA ENCONTROU OS OLHOS DE ELOF SOBRE A CABEÇA LOIRA DO RAPAZ. APÓS UMA CONVERSA SILENCIOSA, COM BASE UNICAMENTE NUMA TROCA DE OLHARES, OS PAIS DE ELSY CHEGARAM A UM ACORDO. ELOF ACLAROU A GARGANTA.

— BEM, SABES QUE NÓS COSTUMAMOS ALUGAR A CASA AOS VERANEANTES E, ENQUANTO CÁ ESTÃO, VAMOS VIVER PARA A CAVE. MAS A

CAVE ESTÁ VAZIA DURANTE O RESTO DO ANO. TALVEZ GOSTASSES DE... FICAR AQUI POR UM TEMPO A DESCANSAR, ANTES DE DECIDIRES O QUE FAZER A SEGUIR. PROVAVELMENTE, TAMBÉM CONSIGO ARRANJAR-TE ALGUM TRABALHO. TALVEZ NADA A TEMPO INTEIRO, MAS PELO MENOS HÁ-DE SER SUFICIENTE PARA TERES ALGUM DINHEIRO NO BOLSO. PRIMEIRO VOU TER DE INFORMAR A POLÍCIA DO DISTRITO DE QUE TE TROUXE PARA O PAÍS; CONTUDO, SE EU PROMETER QUE ME RESPONSABILIZO POR TI, NÃO DEVE HAVER QUALQUER PROBLEMA.

— SÓ SE ME DEIXAR PAGAR O ALUGUER COM O DINHEIRO QUE GANHAR — DISSE HANS, OLHANDO PARA ELOF COM UM MISTO DE GRATIDÃO E CULPA.

ELOF OLHOU NOVAMENTE PARA HILMA E DEPOIS ASSENTIU.

— ISSO SERIA UMA BOA AJUDA. QUALQUER CONTRIBUIÇÃO É BEM-VINDA DURANTE ESTES TEMPOS DE GUERRA.

— VOU LÁ ABAIXO PÔR TUDO EM ORDEM PARA TE INSTALARES — DISSE HILMA, VESTINDO O CASACO.

— NÃO SEI COMO HEI-DE AGRADECER-VOS. REALMENTE NÃO SEI — DISSE O RAPAZ NO SEU NORUEGUÊS RITMADO, AO MESMO TEMPO QUE BAIXAVA A CABEÇA. MAS NÃO O FEZ SUFICIENTEMENTE DEPRESSA, POIS ELOF CONSEGUIU VISLUMBRAR AS LÁGRIMAS QUE LHE MAREJAVAM OS OLHOS.

— NÃO É NADA — DISSE ELE, ENVERGONHADO. — NÃO É NADA.

27 Bebida alcoólica de origem dinamarquesa produzida a partir da destilação de batatas ou cereais e redestilada com aromatizantes como anis ou coentros. (*N. do T.*)

§

– SOCORRO!

Erica teve um sobressalto quando ouviu o grito vindo do primeiro andar. Precipitou-se na direção do som, subindo os degraus dois a dois.

– Que aconteceu? – gritou, mas parou de repente ao avistar o rosto de Margareta, que estava parada à entrada de um dos quartos. Erica aproximou-se e respirou fundo quando viu a grande cama de casal.

– Pai – disse Margareta com um gemido, e depois entrou no quarto. Erica ficou à porta, sem saber o que estava a ver ou o que devia fazer.

– Pai – repetiu Margareta.

Herman estava deitado na cama, a olhar para o teto, e não reagia aos gritos da filha. A seu lado, na cama, estava Britta. Tinha o rosto pálido e rígido, e não havia dúvida de que estava morta. Herman estava junto dela, envolvendo firmemente com os braços o corpo sem vida da mulher.

– Eu matei-a – disse Herman em voz baixa.

Margareta arfou.

– Que está a dizer, pai? Claro que não a matou!

– Eu matei-a – repetiu monotonamente Herman, abraçando ainda mais a sua mulher morta.

A filha rodeou a cama e sentou-se ao lado dele. Cautelosamente, tentou soltar as mãos que se aferravam ao corpo de Britta e, após algumas tentativas, acabou por consegui-lo. Margareta acariciou a testa do pai enquanto falava com ele.

– A culpa não foi sua, pai. A mãe não estava bem. O coração dela

deve ter desistido. A culpa não foi sua. Tem de compreender isso.

– Fui eu que a matei – repetiu Herman, olhando para um ponto indefinível na parede.

Margareta voltou-se para Erica.

– Podia chamar uma ambulância, por favor?

Erica hesitou.

– Devo chamar também a polícia?

– O meu pai está em estado de choque. Não sabe o que está a dizer. Não precisamos aqui da polícia – disse rispidamente Margaret. Depois voltou-se novamente para o pai e pegou-lhe na mão. – Eu vou tratar de tudo, pai. Vou ligar para Anna-Greta e para Birgitta, e todas vamos ajudá-lo. Estamos consigo, pai.

Herman não respondeu, apenas ficou onde estava, imóvel, deixando que a filha lhe pegasse na mão, mas sem lhe retribuir o aperto.

Erica desceu as escadas até ao rés do chão e pegou no telemóvel. Parou por um momento antes de marcar um número.

– Olá, Martin. É Erica. A mulher de Patrik. Bem, acho que precisamos da tua ajuda por aqui. Estou em casa de Britta Johansson e ela está morta. O marido diz que a matou. Parece que a morte ocorreu por causas naturais, mas... Oh, está bem. Eu espero. Chamas uma ambulância, ou chamo eu? Certo.

Erica terminou a conversa, esperando não ter feito nenhum disparate. Claro que parecia que Margaret tinha razão, que Britta tinha simplesmente morrido durante o sono. Mas, se assim fosse, porque estaria Herman continuamente a afirmar que a tinha matado? Além disso, era uma estranha coincidência que outra das amigas de infância da mãe tivesse morrido de repente, apenas alguns meses depois de Erik ter sido morto. Não, tinha feito o mais acertado.

Erica voltou a subir as escadas.

– Já pedi ajuda – disse a Margaret. – Posso fazer alguma coisa?

– Será que podia fazer café? Vou ver se consigo convencer o meu pai a ir lá para baixo.

Margaret sentou Herman na cama com todos os cuidados.

– Venha comigo, pai. Vamos descer e esperar pela ambulância.

Erica foi até a cozinha. Procurou o que precisava nos armários e depois começou a preparar uma grande cafeteira de café. Poucos minutos mais tarde, ouviu passos nas escadas e então viu Margareta a escoltar Herman pela sala. Conduziu-o depois até uma cadeira na cozinha, onde o pai se desmoronou como se se tratasse de uma saca de farinha.

– Espero que os médicos lhe possam dar alguma coisa – disse Margareta com preocupação. – O meu pai deve ter estado deitado ao lado dela desde ontem. Não percebo porque é que não telefonou a uma de nós.

– Eu também... – Erica hesitou, mas depois começou tudo de novo. – Eu também informei a polícia. Tenho a certeza de que tem razão, mas senti que tinha de fazê-lo. Não podia simplesmente... – não conseguia encontrar as palavras adequadas e Margareta olhava para ela como se Erica tivesse perdido a razão.

– Ligou para a polícia? Acha que o meu pai estava a falar a sério? Está louca? O meu pai está em estado de choque por ter encontrado a mulher morta e agora vai ter de responder às perguntas da polícia? Que descaramento! – Margareta deu um passo em direção a Erica, que segurava a cafeteira, mas então, nesse preciso momento, a campainha tocou.

– Devem ser eles. Vou abrir a porta – disse Erica, mantendo os olhos baixos quando pousou a cafeteira antes de se precipitar para o vestíbulo. Quando abriu a porta, Martin foi a primeira pessoa que viu.

O agente cumprimentou-a com ar grave.

– Olá, Erica.

– Olá – respondeu calmamente Erica, afastando-se. E se estivesse errada? E se estivesse a submeter um homem enlutado a um tormento desnecessário? Mas agora era tarde de mais.

– Britta está no primeiro andar, deitada na cama – explicou. Depois acenou com a cabeça em direção à cozinha. – O marido está ali. Com a filha. Foi ela quem o encontrou... Parece que Britta já está morta há

algum tempo.

– Muito bem, vamos dar uma vista de olhos – disse Martin, fazendo sinal a Paula para que entrasse, juntamente com os tripulantes da ambulância. Apresentou rapidamente Paula e Erica e depois dirigiu-se à cozinha. Margareta tinha o braço em torno dos ombros do pai.

– Isto é um absurdo – disse Margareta, olhando para Martin. – A minha mãe morreu durante o sono e o meu pai está em estado de choque. Será que isto é realmente necessário?

Martin ergueu as mãos.

– Tenho a certeza de que tudo aconteceu exatamente como a senhora afirma. Mas, já que aqui estamos, vamos dar uma vista de olhos. Prometemos não demorar. E deixe-me oferecer-lhe as minhas sinceras condolências – Martin lançou um olhar decidido a Margareta, que assentiu relutantemente.

– A minha mãe está lá em cima. Posso telefonar às minhas irmãs? E ao meu marido?

– Sim, claro – respondeu Martin, que logo se dirigiu ao primeiro andar.

Erica hesitou, mas depois subiu as escadas atrás de Martin e dos tripulantes da ambulância. Aproximou-se um pouco do agente e disse-lhe em voz baixa:

– Vim cá para conversar com Britta sobre algumas coisas, incluindo Erik Frankel. Pode tratar-se de mera coincidência, mas parece-me um pouco estranho, não achas?

Martin deixou que o médico responsável pela equipa entrasse no quarto e olhou de relance para Erica.

– Achas que há alguma ligação?

– Não sei – disse Erica, abanando a cabeça. – Mas tenho andado a investigar o passado da minha mãe e, quando ela era jovem, era amiga de Erik Frankel. E de Britta. Também havia um tal Frans Ringholm no grupo dela.

– Frans Ringholm? – exclamou Martin, aturdido.

– Sim. Conhece-lo?

– Bem... demos com ele durante a investigação do homicídio de Erik – respondeu Martin enquanto os pensamentos se atropelavam no seu cérebro.

– Então, não é um pouco estranho que Britta também tenha morrido de repente? Menos de três meses depois de Erik Frankel ter sido morto? – insistiu Erica.

Martin ainda parecia hesitante.

– Bem, não estamos propriamente a falar de jovens. Quer dizer, na idade deles, muita coisa pode acontecer. Derrames cerebrais, ataques cardíacos, todo o tipo de coisas.

– Bem, digo-te já que isto não foi nenhum ataque cardíaco ou derrame cerebral – disse o médico do interior do quarto. Martin e Erica viraram-se, surpreendidos.

– Então o que foi? – perguntou Martin. Entrou no quarto e pôs-se atrás do médico, à cabeceira de Britta. Erica preferiu permanecer à entrada, mas esticou o pescoço para ver melhor.

– Esta mulher foi sufocada – disse o médico, apontando para os olhos de Britta com uma mão enquanto levantava uma das pálpebras da mulher com a outra. – Repara: petéquias.

– Petéquias? – repetiu Martin sem perceber.

– Manchas vermelhas na parte branca dos olhos que ocorrem quando vasos sanguíneos minúsculos rebentam em consequência do aumento da pressão no sistema arterial. É típico da asfixia, estrangulamento e coisas do género.

– Mas será que não teve algum tipo de ataque que a impediu de respirar? Isso não originaria os mesmos sintomas? – perguntou Erica.

– Sim, é possível. Perfeitamente possível – respondeu o médico. – Mas, após o primeiro exame, reparei que havia uma pena na garganta da vítima; portanto, aposto que esta é a arma do crime – o médico apontou para uma almofada branca pousada ao lado da cabeça de Britta. – As petéquias também podem indicar que foi aplicada pressão diretamente sobre a garganta. No caso de alguém ter utilizado as mãos para sufocá-la, por exemplo. Mas o *post mortem* dar-nos-á uma

resposta definitiva. Uma coisa é certa, não vou pôr no relatório que esta foi uma «morte por causas naturais» a menos que o patologista forense me consiga convencer de que estou errado. Temos de considerar que estamos perante a cena de um crime – concluiu o médico antes de se erguer e sair cuidadosamente do quarto.

Martin seguiu-lhe o exemplo e depois tirou o telemóvel do bolso para ligar para os técnicos forenses para que pudessem fazer um exame aprofundado ao quarto.

Depois de mandar todos para o rés do chão, Martin voltou à cozinha e sentou-se à frente de Herman. Margareta olhou de relance para o agente e franziu a testa ao ver que havia algo de errado.

– Como se chama o seu pai? – perguntou Martin.

– Herman – respondeu Margareta cada vez mais preocupada.

– Herman – disse Martin. – Pode dizer-me o que aconteceu aqui?

De início, o homem não respondeu. O único som que se ouvia era a equipa médica a falar baixinho entre si na sala de estar. Em seguida, Herman olhou para cima e disse muito claramente:

– Eu matei-a.

Sexta-feira trouxe um tempo glorioso, embora o verão já fosse bastante adiantado. Mellberg esticava as pernas, dando grandes passadas enquanto deixava que *Ernst* o puxasse. Até o cão parecia apreciar o dia quente.

– Olha, *Ernst* – disse Mellberg, esperando que o animal levantasse a perna junto de um arbusto. – Hoje à noite o teu papá vai outra vez dançar

Ernst inclinou a cabeça e, por um momento, lançou-lhe um olhar inquisitivo, mas depois voltou a concentrar-se nas suas necessidades fisiológicas.

Mellberg deu por si a assobiar quando pensou na aula dessa noite e na sensação do corpo de Rita encostado ao seu. Uma coisa era certa: estava a começar a habituar-se a dançar Salsa.

A expressão do superintendente ensombrou-se quando os

pensamentos acerca dos ritmos quentes se dissiparam para serem substituídos por outros bem diferentes, acerca da investigação. Ou melhor, das investigações. Porque será que nunca conseguiam desfrutar de um pouco de paz e tranquilidade naquela cidade? Porque é que as pessoas tinham de continuar a matar-se umas às outras? Bem, pelo menos um dos casos parecia simples. O marido tinha confessado. Agora só estavam à espera do relatório do patologista para confirmar que se tratara de um homicídio e então aquele caso ficaria resolvido. Martin Molin andava de um lado para o outro a resmungar que era um pouco estranho que alguém com ligações a Erik Frankel também tivesse sido assassinado, mas Mellberg não dava muito crédito àquela ideia. Pelo que tinha percebido, as vítimas tinham sido amigas durante a juventude. Mas isso fora há mais de sessenta anos, o que era uma eternidade; portanto, não teria certamente nada que ver com a investigação do homicídio de Erik Frankel. Não, a ideia era absurda. Mas, não fosse o diabo tecê-las, tinha dado a autorização a Molin para verificar a lista de chamadas, etc., para ver se conseguia encontrar uma ligação. Muito provavelmente, Molin não encontraria nada. Mas, pelo menos, conseguiria calá-lo.

De repente, Mellberg viu que os seus pés o estavam a conduzir ao prédio de Rita enquanto se perdia em pensamentos. *Ernst* estava à porta, abanando ansiosamente a cauda. Mellberg olhou para o relógio. Onze horas. O momento perfeito para um cafezinho, se Rita estivesse em casa. O superintendente hesitou por um momento e depois tocou à campainha, esperando junto do intercomunicador. Não houve resposta.

– Olá.

Uma voz por detrás dele fez Mellberg dar um salto. Era Johanna, que se aproximava. Bamboleava-se um pouco e pressionava as costas com uma das mãos.

– Custa a acreditar que seja tão difícil fazer uma simples caminhada – disse Johanna, parecendo frustrada quando esticou as costas, fazendo uma careta. – Estou a enlouquecer por ter de ficar em casa à espera, mas o meu corpo não quer realmente fazer a mesma coisa que

a minha mente – suspirou, passando a mão sobre a enorme barriga. – Calculo que esteja à procura de Rita? – perguntou, lançando-lhe um sorriso tímido.

– Bem, sim... – respondeu Mellberg, que de repente ficara envergonhado. – Nós... quer dizer, *Ernst* e eu, andávamos a dar um pequeno passeio e *Ernst* quis vir ver se... bem... se a *Señorita* cá estava; por isso, nós...

– A Rita não está em casa – disse Johanna, ainda com um sorriso nos lábios. Parecia estar divertida com a atrapalhação de Mellberg. – Foi visitar uma amiga, esta manhã. Mas se quiser subir para tomar um café... Quer dizer, se *Ernst* quiser ir até lá a cima, a *Señorita* está em casa – Johanna piscou-lhe o olho. – E o Bertil pode fazer-me companhia. Sinto-me um pouco em baixo.

– Oh, ah, claro – disse Mellberg, entrando no prédio atrás de Johanna.

Chegados ao apartamento, Johanna sentou-se numa cadeira da cozinha para recuperar o fôlego.

– Agora tente relaxar, está bem? – disse Mellberg. – Vi onde a Rita guarda tudo, por isso eu é que faço o café. É melhor para si descansar.

Johanna olhou com surpresa para Mellberg, que já começara a abrir armários, mas agradeceu por poder ficar sentada.

– Deve ser um peso dos diabos – disse Mellberg, lançando uma olhadela à barriga enquanto deitava água na máquina de café.

– O peso é apenas uma parte deste martírio. Devo dizer que estar grávida é uma condição altamente sobrestimada. Primeiro, uma pessoa sente-se uma merda durante três ou quatro meses e tem de estar perto da casa de banho para o caso de precisar de vomitar. Depois vem um par de meses em que nos sentimos bem e, de vez em quando, até mesmo muito bem. Mas, então, é como se durante a noite nos transformássemos no Barbapapá, aquele personagem oval dos livros infantis franceses. Ou antes, na Barbamamã.

– E depois disso?

– Não vá por aí – disse severamente Johanna, abanando o dedo na

direção de Mellberg. – Ainda não me atrevi a ir tão longe. Se começar a pensar que só há uma saída para esta criança, então é que entro mesmo em pânico. E se me disser: «As mulheres já dão à luz há milhões de anos e têm sobrevivido; além disso, depois ainda querem ter mais filhos, por isso não deve ser assim tão mau», cuidado, senão ainda lhe dou um murro.

Mellberg ergueu as mãos em sinal de protesto.

– Está a falar com uma pessoa que nunca esteve sequer perto de uma maternidade.

O superintendente serviu o café e depois sentou-se à mesa.

– Seja como for, deve ser bom poder comer por dois – disse Mellberg com um sorriso rasgado enquanto Johanna enfiava o terceiro biscoito na boca.

– Isso é um dos benefícios de que estou a gostar mais – Johanna deu uma gargalhada, estendendo a mão para outro biscoito. – Embora pareça que o senhor adotou a mesma filosofia sem ter a gravidez como desculpa – disse provocadoramente, apontando para a barriga considerável de Mellberg.

– Com a dança, isto vai desaparecer num instante – retorquiu o superintendente, dando uma palmadinha na barriga.

– Gostava de ir ver-vos um dia destes – disse Johanna, lançando-lhe um sorriso amigável.

Por um momento, Mellberg ficou surpreendido por alguém parecer estar realmente a apreciar a sua companhia – não estava habituado àquilo. Mas depois apercebeu-se, para sua grande surpresa, de que estava gostar de passar tempo com a nora de Rita. Depois de respirar fundo, Mellberg atreveu-se a fazer a pergunta que o andava a importunar desde que tinham almoçado juntos, quando todas as peças se tinham encaixado:

– Então e... o pai? Quem... – Mellberg constatou que aquele talvez não tivesse sido o momento mais articulado da sua vida, mas Johanna parece não ter tido dificuldade em perceber o que o superintendente queria dizer. Lançou-lhe um olhar penetrante e, por alguns segundos,

refletiu sobre a resposta a dar-lhe. Por fim, a expressão de Johanna suavizou-se, depois de parecer ter decidido que fora apenas a curiosidade a suscitar a pergunta de Mellberg.

– Uma clínica. Na Dinamarca. Nunca conhecemos o pai. Quer dizer, eu não ia engatar um tipo qualquer num bar, se era nisso que estava a pensar.

– Bem, não... Não era nisso que estava pensar – disse Mellberg, embora tivesse de admitir para si mesmo que aquele pensamento lhe tinha definitivamente ocorrido.

Mellberg deu uma olhadela ao relógio. Tinha de ir para a esquadra. Estava quase na hora do almoço e não queria perdê-la por nada deste mundo. Levantou-se para levar as chávenas e o prato para a bancada. Então, Mellberg estacou por um segundo. Por fim, tirou a carteira do bolso de trás das calças, sacou um cartão-de-visita e entregou-o a Johanna.

– Se por acaso... precisar de ajuda ou... Bem, presumo que a Paula e a Rita estejam de sobreaviso até... mas, enfim... apenas para o caso de...

Johanna aceitou o cartão com uma expressão surpreendida e depois Mellberg precipitou-se para a porta. Na verdade, não sabia porque tinha dado o cartão a Johanna. Talvez tivesse que ver com o facto de ainda se lembrar da sensação do bebé a dar pontapés contra a sua mão, quando a pousara na barriga de Johanna.

– Anda cá, *Ernst* – ordenou bruscamente Mellberg, arrastando o cão até à saída. E depois fechou a porta sem dizer adeus.

Martin olhava fixamente para as listas de chamadas. Não revelavam nada que confirmasse ou desmentisse o seu pressentimento. Pouco tempo antes de Erik Frankel ter sido assassinado, alguém tinha telefonado para sua casa do número de Britta e Herman. Duas chamadas para casa dos Frankel constavam da lista. Assim como outra, efetuada há poucos dias, indicando que Britta ou Herman deviam ter telefonado a Axel. Havia também uma chamada para o

número de Frans Ringholm.

Martin olhou pela janela, empurrou a cadeira para trás e apoiou os pés na secretária. Tinha dedicado a manhã a examinar os documentos, as fotografias e todo o restante material que tinham recolhido durante a investigação da morte de Erik. Decidira não desistir até encontrar alguma ligação entre os dois homicídios. Mas, até ao momento, não descobrira nada. Exceto aquilo: os telefonemas.

Frustrado, Martin atirou as listas para cima da secretária. Era como se tivesse chegado a um beco sem saída. E sabia que Mellberg só lhe tinha dado autorização para dar uma vista de olhos nas circunstâncias que rodeavam a morte de Britta para o calar. Como toda a gente, Mellberg parecia convencido de que o marido era o culpado. Mas ainda não tinham sido capazes de interrogar Herman. Segundo os médicos, o marido de Britta ainda estava em estado de choque profundo e tinha sido internado no hospital. Por isso, teriam de esperar até que os médicos decidissem que Herman estava capaz de suportar um interrogatório.

Aquilo era uma confusão tremenda e Martin não fazia ideia de que rumo tomar. Fitou a pasta arquivadora contendo os documentos da investigação como que a suplicar-lhe que falasse. E então teve uma ideia.

Claro. Porque não pensara naquilo antes?

Vinte e cinco minutos mais tarde, Martin estava à porta da casa de Patrik e de Erica. Telefonara antes de sair para dizer a Patrik que ia passar por lá e para se certificar de que o colega estava em casa. Patrik abriu a porta após o primeiro toque, segurando Maja nos braços. Maja começou imediatamente a acenar quando viu quem estava à entrada.

— Olá, minha querida — disse o jovem agente, retribuindo os acenos. A resposta de Maja foi esticar os braços para Martin e, como depois se recusou a largá-lo, Martin não tardou a ver-se sentado no sofá com Maja ao colo. Patrik sentou-se na poltrona, debruçando-se sobre os documentos e fotografias ao mesmo tempo que coçava o queixo,

pensativo.

– Onde está a Erica? – perguntou Martin, olhando em redor.

– Hum? – disse distraidamente Patrik. – Ah, sim, foi à biblioteca. Já saiu há umas horas. Foi pesquisar mais um pouco para o novo livro.

– Faz bem – disse Martin. Depois, dedicou-se a entreter Maja, para que Patrik pudesse dar uma vista de olhos a todo o material sem ser perturbado.

– Então, achas que a Erica tem razão? – perguntou por fim Patrik, erguendo os olhos. – Achas que pode haver uma ligação entre os dois homicídios?

Martin fez uma pausa momentânea antes de assentir.

– Sim, acho. Ainda não tenho nenhuma prova concreta, mas se me perguntares a minha opinião, tenho de dizer que estou praticamente convencido de que existe uma ligação.

Patrik assentiu.

– Bem, sem dúvida que é uma estranha coincidência – disse, esticando as pernas. – Confrontaste Axel Frankel e Frans Ringholm com os telefonemas que receberam de casa de Britta e de Herman?

– Não, ainda não – Martin abanou a cabeça. – Queria falar contigo primeiro, para ter a certeza de que não estou louco por estar a procurar uma solução alternativa, apesar de termos um suspeito que confessou o crime.

– Sim, o marido dela... – disse Patrik. – A questão é: porque diria ele que a matou, se não o fez?

– Não faço ideia. Talvez para proteger alguém? – Martin encolheu os ombros.

– Hum... – Patrik continuou a folhear os documentos que estavam em cima da mesa de café.

– E quanto à investigação do homicídio do Erik? Estão a fazer progressos?

– Bem, «progressos» talvez não seja a palavra mais adequada – respondeu Martin, desencorajado, enquanto balouçava Maja no joelho.

– A Paula está a tentar descobrir mais sobre os Amigos da Suécia e

temos conversado com todos os vizinhos, mas ninguém se lembra de ter visto nada fora do comum. A casa dos Frankel fica numa zona tão isolada que realmente não tenho muitas esperanças de que alguém tenha reparado em alguma coisa e, infelizmente, parece mesmo ser esse o caso. Basicamente, não temos mais nada além disso – Martin apontou para os documentos espalhados em leque sobre a mesa, à frente de Patrik.

– Então e quanto às finanças do Erik? – Patrik procurou por entre as folhas, retirando algumas das últimas. – Há alguma coisa que pareça estranha?

– Não, na verdade não há. Praticamente apenas os habituais pagamentos de contas, alguns levantamentos de baixo valor, esse tipo de coisas.

– Não foram movimentadas quantias avultadas entre a conta dele e outras contas? – Patrik estudou as colunas de números.

– Não. A única coisa que nos chamou a atenção foi uma transferência mensal que o Erik efetuou. O banco diz que há quase cinquenta anos que Erik fazia regularmente aquela transferência.

Patrik teve um sobressalto e olhou para Martin.

– Cinquenta anos? O dinheiro era transferido para um particular ou para uma empresa?

– O beneficiário é um particular. De Gotemburgo, ao que parece. O nome vem numa das folhas que estão na pasta – disse Martin. – Mas não estamos a falar de quantias avultadas. Claro que o montante foi aumentando ao longo dos anos, mas os pagamentos mais recentes andam em torno das duas mil coroas²⁸, o que não é nada de muito substancial. Quer dizer, não me parece que fosse chantagem ou qualquer coisa assim, porque, enfim, quem iria continuar a fazer pagamentos durante cinquenta anos? – Martin tomou consciência de como o seu argumento soava inconsistente e sentiu vontade de bater na própria testa. Devia ter verificado as tais transferências. Bem, antes tarde do que nunca. – Posso telefonar-lhe hoje para tentar descobrir do que se tratava – disse Martin, mudando Maja para o outro joelho.

Patrik ficou em silêncio por um momento. E então disse:

– Sabes uma coisa? Preciso de sair de casa e conduzir um pouco – abriu a pasta arquivadora e extraiu o documento. – Wilhelm Fridén. Aparentemente, foi a única pessoa a receber o dinheiro. Posso ir lá amanhã e conversar com ele pessoalmente. Esta morada – Patrik abanou a folha – está atualizada?

– Sim, foi a morada que o banco me forneceu; portanto, deve estar atualizada – disse Martin.

– Ótimo. Eu vou lá amanhã. Pode ser um assunto delicado; por isso, acho que é preferível ir ao banco do que telefonar.

– Certo. Se estiveres disposto a fazer isso, ficar-te-ia muito grato – disse Martin. – Então e... – Martin apontou para Maja.

– Posso levá-la comigo – respondeu Patrik, fazendo um grande sorriso à filha. – Depois podemos dar um salto para ver a tia Lotta e os primos, está bem, querida? Vai ser divertido veres os teus primos. – Maja gorgolejou em concordância e bateu palmas. – Posso ficar com isto por alguns dias? – perguntou Patrik, apontando para a pasta. Martin fez uma pausa para pensar. Tinha cópias da maioria dos documentos, por isso não devia haver problema.

– Sim, fica com tudo. E avisa-me se descobrires mais alguma coisa que aches que valha a pena investigar. Enquanto estiveres a verificar as coisas em Gotemburgo, vou ter uma conversa com Frans e com Axel para descobrir porque é que Britta ou Herman lhes ligaram.

– Por enquanto não vamos perguntar a Axel sobre os pagamentos. Não até que eu tenha mais algumas informações.

– Claro.

– Não desanimes – disse Patrik quando acompanhou Martin à porta para lhe dizer adeus, juntamente com Maja. – Sabes por experiência própria como é que isto funciona. Mais cedo ou mais tarde, uma pequena peça vai deslizar até ao seu lugar e acaba por resolver todo o *puzzle*.

– Claro, eu sei disso – afirmou Martin, embora não parecesse convencido. – Só acho que não calhou mesmo nada bem estares de

licença agora. A tua ajuda dava-nos jeito – Martin sorriu para desvalorizar o seu tom queixoso.

– Acredita em mim, um dia vais estar no mesmo barco. E, quando estiveres a lavar fraldas, eu estarei de volta à esquadra a trabalhar que nem um maluco – Patrik piscou o olho a Martin antes de fechar a porta.

– Quer dizer que amanhã vamos até Gotemburgo, tu e eu – disse Patrik a Maja, dançando com a filha nos braços. – Mas antes, temos de vender essa ideia à tua mãe.

Maja abanou a cabeça em sinal de assentimento.

Paula sentia-se exausta. Exausta e desgostosa. Há horas que navegava na Internet, em busca de informações sobre organizações neonazis suecas e sobre os Amigos da Suécia em particular. Ainda parecia provável que tivessem tido algo que ver com a morte de Erik Frankel, mas o problema é que a polícia não tinha nada de concreto para continuar a investigação. Não tinham encontrado quaisquer cartas ameaçadoras. Havia apenas as insinuações nas cartas de Frans Ringholm, afirmando que os Amigos da Suécia não apreciavam as atividades de Erik e que Frans já não podia protegê-lo dessas forças. Nem havia qualquer prova técnica ligando qualquer um deles ao local do crime. Todos os membros do conselho tinham voluntariamente, embora sem disfarçar o desprezo que sentiam, fornecido as suas impressões digitais, com a simpática assistência da polícia de Uddevalla. Mas o Laboratório Nacional de Ciências Forenses²⁹ tinha concluído que não coincidiam com nenhuma das impressões digitais encontradas na biblioteca dos Frankel. A questão dos álibis também não lhes tinha dado nenhuma pista. Nenhum dos membros do conselho tinha um álibi incontestável, mas a maioria possuía um que não valeria a pena desafiar, a menos que a polícia encontrasse provas que apontassem noutra direção. Vários membros tinham confirmado que Frans tinha estado de visita a uma organização congénere na Dinamarca durante os dias relevantes, o que também lhe fornecia um

álibi. Outro problema era a organização ser tão grande, muito maior do que Paula havia imaginado, e ser impossível verificar os álibis e recolher impressões digitais de todos os associados dos Amigos da Suécia. Por isso é que tinham decidido, por enquanto, centrar a atenção nos membros do conselho. Mas, até ao momento, sem resultados.

Irritada, Paula continuou a sua pesquisa na Internet. De onde é que todas aquelas pessoas tinham vindo? E de onde lhes vinha aquele ódio? Paula conseguia compreender o ódio que era dirigido a indivíduos específicos, a pessoas que tinham prejudicado alguém de alguma forma. Mas odiar os outros simplesmente porque eram de um país diferente ou por causa da cor da sua pele? Não, Paula não compreendia de todo aquilo.

Ela própria odiava os carrascos que assassinaram o pai. Odiava-os tanto que não hesitaria em matá-los se tivesse oportunidade, presumindo que ainda estavam vivos. Mas o seu ódio parava por aí, mesmo que pudesse ter continuado a crescer mais para cima, mais para fora, a expandir-se cada vez mais. Paula tinha-se recusado a sucumbir a tanto ódio. Em vez disso, tinha limitado a sua animosidade aos homens que empunharam as armas que dispararam as balas contra o corpo do pai. Se não tivesse limitado o seu ódio, este teria acabado por fazê-la odiar o seu país natal. Mas como poderia Paula fazer isso? Como poderia odiar o país onde nasceu, onde tinha dado os primeiros passos, onde tinha brincado com amigos, onde se tinha sentado ao colo da avó, ouvido música ao entardecer e dançado em *fiestas*? Como poderia odiar tudo isso?

Mas aquelas pessoas... Paula chegou ao final da página, lendo uma coluna após outra onde se proclamava que pessoas como ela deviam ser erradicadas, ou pelo menos reenviadas para os seus países natais. E havia fotografias. Muitas delas da Alemanha nazi, claro. As fotografias a preto-e-branco que tantas vezes vira antes – as pilhas de cadáveres nus e magros que tinham sido acumuladas como lixo depois de as pessoas terem morrido nos campos de concentração. Auschwitz,

Buchenwald, Dachau... todos os nomes que eram tão terrivelmente familiares, para sempre associados ao pior de todos os males. Mas ali, naqueles *sites*, eram saudados e celebrados. Ou negados. Pois também lá havia aqueles que negavam, como Peter Lindgren, que insistia que o holocausto nunca tinha acontecido. Que seis milhões de judeus não tinham sido expulsos, assassinados, torturados ou gaseados até à morte nos campos de concentração durante a Segunda Guerra Mundial. Como poderia alguém negar algo assim quando havia tantas provas, tantas testemunhas? Como tinha a mente distorcida daquelas pessoas conseguido negar a história?

Paula deu um salto quando uma pancada na porta a interrompeu.

– Olá, em que estás a trabalhar? – perguntou Martin da entrada.

– Estou a verificar toda a informação de fundo que consiga encontrar acerca dos Amigos da Suécia – respondeu Paula com um suspiro. – Mas basta dar uma vista de olhos a este material para ficarmos assustados. Sabias que existem cerca de vinte organizações neonazis na Suécia? Ou que o Partido Democrático da Suécia³⁰ conquistou um total de 281 lugares em 144 municípios? Para onde diabo está este país a ir?

– Não sei, mas isso dá que pensar – disse Martin.

– Bem, isto é terrível – disse Paula com raiva, atirando com a esferográfica, que rolou pela secretária e caiu no chão.

– Acho melhor fazeres uma pausa – disse Martin. – Estava a pensar que podíamos ter outra conversa com o Axel.

– Sobre algum assunto em particular? – perguntou Paula, levantando-se para seguir Martin até a garagem.

– Na verdade, não. Estava a pensar que talvez fosse útil falarmos com ele novamente. Afinal, era Axel quem tinha a relação mais estreita com Erik e quem o conhecia melhor. Mas há uma coisa que lhe quero perguntar – Martin fez uma pausa. – Sei que sou a única pessoa a pensar que há alguma ligação com o assassinio de Britta Johansson, mas alguém fez recentemente uma chamada da casa dela para Axel e outra em junho, embora seja impossível saber se a

chamada era destinada a Erik ou a Axel. Estive a dar uma olhadela aos registos das chamadas dos Frankel e, em junho, alguém lá de casa telefonou a Britta ou a Herman. Duas vezes. Antes de eles terem ligado aos Frankel.

– Vale a pena verificar esses telefonemas, claro – disse Paula, colocando o cinto de segurança. – Desde que isso me permita parar de ler coisas acerca de todos aqueles nazis por um tempo, embarco em qualquer teoria, por mais rebuscada que pareça.

Martin assentiu enquanto retirava o carro da garagem. Compreendia completamente o que Paula sentia. Mas algo lhe dizia que a teoria não era assim tão rebuscada.

Anna passara a semana inteira atordoada. Só na sexta-feira é que se sentiu capaz de começar a assimilar a informação. Dan tinha lidado muito melhor com a situação. Depois de ter recuperado do choque inicial, Dan passava o tempo a cantarolar para si mesmo. Rejeitara alegremente todos os seus protestos, afirmando: «Oh, não te preocupes. Vai ser excelente! Vamos ter um bebé só nosso – vai ser fantástico!»

Mas Anna não conseguia interiorizar que ia ser «fantástico». Ainda não. Via-se a tocar na própria barriga, a tentar imaginar o que ainda não era mais do que um minúsculo ser. Até agora não identificável, um embrião microscópico que dentro de alguns meses se tornaria um bebé. Mesmo que já tivesse passado por aquilo duas vezes, ainda lhe parecia algo insondável. Talvez mais ainda dessa vez, porque Anna mal se recordava de ter estado grávida de Emma e de Adrian. Essas memórias tinham desaparecido numa névoa, onde o medo de ser espancada tinha dominado cada hora que passara de vigília, chegando mesmo a invadir-lhe o sono. Toda a energia tinha sido empregue a proteger a sua barriga, a proteger as suas vidas de Lucas.

Agora, isso não era necessário. Mas, por mais absurdo que pudesse parecer, assustava-a. Agora, Anna podia ser feliz. Tinha autorização para ser feliz. Devia ser feliz. Afinal, amava Dan. Sentia-se segura

com ele. Sabia que Dan nunca iria sequer pensar em magoá-la ou a qualquer outra pessoa. Porque se sentiria assustada? Essa era a pergunta à qual tinha passado os últimos dias a tentar responder.

– O que achas? Menino ou menina? Algum palpite para um lado ou para o outro? – Dan tinha aparecido sorrateiramente por detrás dela, abraçando-a e acariciando-lhe a barriga ainda lisa.

Anna deu uma gargalhada e continuou a mexer a comida, embora os braços de Dan estivessem a dificultar-lhe os movimentos.

– Devo estar na sétima semana. Não achas que é um pouco cedo para saber se é menino ou menina? – Anna virou-se para Dan, preocupada. – Espero que não fiques muito dececionado se não tiveres um rapaz, porque, como sabes, é o pai que determina o sexo do bebé e, como já tens três raparigas, estatisticamente, a probabilidade é...

– Chiu – Dan deu uma gargalhada enquanto pressionou o dedo contra os lábios de Anna. – Vou ficar entusiasmadíssimo, seja menino ou menina. Se for menino, vai ser fantástico. Se for menina, também vai ser fantástico. E, além disso... – a expressão de Dan ficou séria. – A meu ver, eu já tenho um filho: o Adrian. Espero que percebas isso. Pensava que sabias como me sentia. Quando pedi a todos vocês para virem viver comigo, isso não significava apenas vir viver para esta casa. Também quis dizer aqui – Dan levou o punho ao peito, mesmo sobre o coração, e Anna lutou para conter as lágrimas, embora sem sucesso, pois uma lágrima rolou-lhe pela face e, para sua irritação, os lábios começaram a tremer. Dan limpou-lhe a lágrima, depois tomou-lhe o rosto nas mãos e olhou-a nos olhos, forçando-a a encontrar o seu olhar.

– Se for menina, então o Adrian e eu teremos apenas de unir forças no meio de todas as mulheres que para aqui há. Mas nunca duvides de que eu vos vejo, a ti, à Emma e ao Adrian como um conjunto. E amo-vos aos três. E também te amo a ti, que estás aí dentro. Estás a ouvir-me? – gritou Dan para a barriga de Anna.

Anna deu uma gargalhada.

– Eu não acho que os ouvidos se desenvolvam antes da vigésima semana, mais ou menos.

– Bem, todas as minhas filhas os desenvolveram muito, muito cedo – Dan piscou-lhe o olho.

– Hum, a sério? – retorquiu Anna, mas não pôde deixar de dar outra gargalhada. Ficaram ali, a beijar-se, mas separaram-se quando ouviram a porta da frente abrir-se e fechar-se com um estrondo, logo em seguida.

– Olá? Quem é? – perguntou Dan.

– Sou eu – disse uma voz soturna. Belinda entrou na cozinha e olhou para o casal sob a franja.

– Como é que conseguiste cá chegar? – perguntou Dan, olhando irritadamente para a filha.

– Como raio é que achas que consegui cá chegar? Da porra da mesma maneira que me fui embora. De autocarro.

– Ou falas com educação ou calas-te – disse tensamente Dan.

– Oh, está bem, então eu escolho... – Belinda pressionou o dedo contra a testa e fingiu pensar. – Sim, já sei. Então escolho NÃO FALAR CONTIGO NUNCA MAIS! – dito isto, Belinda subiu as escadas a correr até ao seu quarto, fechou a porta com um estrondo e depois ligou o som da aparelhagem no máximo, fazendo a casa toda estremecer.

Dan sentou-se no primeiro degrau das escadas, puxou Anna para junto de si e começou a conversar com a sua barriga, que estava exatamente ao mesmo nível da boca.

– Espero que tenhas tapado os ouvidos, aí dentro. Porque o teu pai vai ser demasiado velho para este tipo de linguagem quando tiveres a idade dela.

Anna acariciou solidariamente os cabelos de Dan. Por cima das suas cabeças, a música ribombava.

28 Cerca de 220 euros. (*N. do T.*)

29 Organismo independente financiado pelo Estado e supervisionado pela polícia sueca, o *Statens Kriminaltekniska Laboratorium* (SKL) destina-se a ajudá-la na investigação de

crimes. *(N. do T.)*

30 Partido nacionalista e de extrema-direita fundado em 1988. *(N. do T.)*

FJÄLLBACKA, 1944

– SERÁ QUE ELE TEM ALGUMA NOTÍCIA DO AXEL? – ERIK NÃO CONSEGUIA ESCONDER A SUA EXCITAÇÃO. OS QUATRO TINHAM-SE REUNIDO NO LUGAR HABITUAL, EM RABEKULLEN, MESMO EM FRENTE AO CEMITÉRIO. TODOS QUERIAM SABER O QUE ELSY PODERIA DIZER-LHES SOBRE A NOTÍCIA QUE SE ESPALHARA COMO UM INCÊNDIO PELA CIDADE – QUE ELOF TINHA TRAZIDO COM ELE UM RESISTENTE NORUEGUÊS QUE FUGIRA AOS ALEMÃES.

ELSY ABANOU A CABEÇA.

– NÃO, O MEU PAI PERGUNTOU-LHE, MAS ELE DISSE QUE NÃO TINHA OUVIDO NADA ACERCA DO AXEL.

DESAPONTADO, ERIK OLHOU PARA A ROCHA DE GRANITO, PONTAPEANDO COM A BOTA UMA MANCHA CINZENTA FORMADA POR LÍQUENES.

– TALVEZ ELE NÃO O CONHEÇA DE NOME, MAS SE LHE DISSERMOS MAIS COISAS SOBRE O AXEL, CONSIGA LEMBRAR-SE DE ALGUMA COISA – DISSE ERIK COM UMA ESPERANÇA RENOVADA A BRILHAR-LHE NOS OLHOS. SE AO MENOS HOUVESSE ALGUMA INDICAÇÃO DE QUE O IRMÃO AINDA ESTAVA VIVO. NO DIA ANTERIOR, A MÃE TINHA DITO PELA PRIMEIRA VEZ O QUE TODOS TEMIAM. TINHA CHORADO DE FORMA MAIS COMOVENTE DO QUE NUNCA E DISSERA QUE DEVIAM ACENDER UMA VELA POR AXEL NA IGREJA, NO DOMINGO, PORQUE, PROVAVELMENTE, AXEL JÁ TINHA MORRIDO. O PAI FICARA FURIOSO E RALHARA COM A MÃE, MAS ERIK TINHA VISTO A RESIGNAÇÃO NOS SEUS OLHOS. NEM MESMO O PAI ACREDITAVA QUE AXEL AINDA SE ENCONTRAVA ENTRE OS VIVOS.

– VAMOS CONVERSAR COM ELE – SUGERIU ANSIOSAMENTE BRITTA, LEVANTANDO-SE E SACUDINDO O PÓ DO VESTIDO. ERGUEU A MÃO PARA COMPOR AS TRANÇAS.

— AH, JÁ ESTOU A VER QUE É MESMO POR ESTARES PREOCUPADA COM O ERIK QUE ESTÁS PARA AÍ A ARRANJAR-TE TODA — DISSE FRANS COM DESDÉM. — NÃO SABIA QUE GOSTAVAS DE NORUEGUESES. NÃO HÁ RAPAZES SUECOS SUFICIENTES PARA TE SATISFAZER?

O ROSTO DE BRITTA FICOU VERMELHO DE RAIVA.

— CALA ESSA A BOCA, FRANS. ESTÁS A FAZER FIGURA DE PARVO. CLARO QUE EU ME PREOCUPO COM O ERIK. E EM SABER O QUE ACONTECEU AO AXEL. MAS NÃO HÁ MAL NENHUM EM PORMO-NOS DECENTES.

— ENTÃO VAIS TER DE TE ESFORÇAR MUITO... SE QUISERES PARECER DECENTE — FOI A RESPOSTA VULGAR DE FRANS, QUE DEU UM PUXÃO AO VESTIDO DE BRITTA. O ROSTO DA RAPARIGA FICOU AINDA MAIS VERMELHO E BRITTA PARECIA PRESTES A DESATAR A CHORAR QUANDO ELSY DISSE RISPIDAMENTE:

— PÁRA COM ISSO, FRANS. ÀS VEZES DIZES COISAS TÃO ESTÚPIDAS. PARA COM ISSO DE UMA VEZ POR TODAS!

FRANS OLHOU FIXAMENTE PARA ELSY E O ROSTO EMPALIDECEU. ABRUPTAMENTE, O RAPAZ LEVANTOU-SE E SAIU DALI A CORRER COM UMA EXPRESSÃO FURIOSA.

ERIK REMEXIA UMAS PEDRAS SOLTAS QUE HAVIA PELO CHÃO. SEM OLHAR PARA ELSY, AFIRMOU EM VOZ BAIXA:

— DEVIAS TER MAIS ATENÇÃO AO QUE DIZES AO FRANS. ELE TEM QUALQUER COISA... ALGO A FERVER EM LUME BRANDO DENTRO DELE. TENHO ESSE PRESENTIMENTO.

ELSY OLHOU PARA ERIK COM SURPRESA, PERGUNTANDO A SI PRÓPRIA DE ONDE TERIA VINDO AQUELE COMENTÁRIO ESTRANHO. MAS SABIA INSTINTIVAMENTE QUE ERIK TINHA RAZÃO. CONHECIA FRANS DESDE QUE ERAM PEQUENOS, MAS ALGO ESTAVA A CRESCER DENTRO DELE, ALGO INCONTROLÁVEL, INDOMÁVEL.

— OH, NÃO SEJAS PARVO — DISSE BRITTA, DANDO UMA RISADINHA. — NÃO HÁ NADA DE ERRADO COM O FRANS. ESTÁVAMOS APENAS... A PROVOCAR-NOS UNS AOS OUTROS.

— TU ANDAS CEGA POR ESTARES APAIXONADA POR ELE — COMENTOU ERIK.

BRITTA DEU-LHE UMA PALMADA NO OMBRO.

– OLHA LÁ, PORQUE FIZESTE ISSO? – DISSE ERIK, MASSAJANDO O OMBRO.

– PORQUE TU SÓ DIZES PARVOÍCES. ENTÃO, QUERES IR PERGUNTAR AO NORUEGUÊS SOBRE O TEU IRMÃO, OU NÃO?

BRITTA COMEÇOU A ANDAR, ENQUANTO ERIK E ELSY TROCAVAM OLHARES.

– ELE ESTAVA EM CASA QUANDO EU SAÍ – DISSE ELSY. – ACHO QUE NÃO FARIA MAL NENHUM SE LHE DÉSSEMOS UMA PALAVRINHA.

POUCO TEMPO DEPOIS, ELSY BATEU DISCRETAMENTE À PORTA DA CAVE. HANS PARECIA UM POUCO ENVERGONHADO QUANDO A ABRIU E VIU OS TRÊS AMIGOS DO LADO DE FORA.

– SIM? – DISSE O NORUEGUÊS.

ELSY OLHOU PARA OS OUTROS ANTES DE FALAR. PELO CANTO DO OLHO, REPAROU QUE FRANS SE APROXIMAVA VAGAROSAMENTE DELES, COM UMA EXPRESSÃO MUITO MAIS CALMA DO QUE HÁ POUCO E AS MÃOS DESCONTRAIDAMENTE ENFIADAS NOS BOLSOS DAS CALÇAS.

– BEM, GOSTÁVAMOS DE ENTRAR E FALAR CONTIGO POR UM MOMENTO.

– CLARO – DISSE O NORUEGUÊS, AFASTANDO-SE PARA OS DEIXAR ENTRAR. BRITTA LANÇOU-LHE UMA PISCADELA TÍMIDA QUANDO PASSOU POR ELE. OS RAPAZES TROCARAM APERTOS DE MÃO E APRESENTARAM-SE. HAVIA MUITO POUCA MOBÍLIA NA PEQUENA DIVISÃO. BRITTA E ELSY SENTARAM-SE NAS ÚNICAS CADEIRAS, HANS EMPOLEIROU-SE EM CIMA DA CAMA E FRANS E ERIK SENTARAM-SE NO CHÃO.

– É SOBRE O MEU IRMÃO – DISSE ERIK. HAVIA LAMPEJOS DE ESPERANÇA NOS SEUS OLHOS. – O MEU IRMÃO TEM AJUDADO OS TEUS DURANTE TODA A GUERRA. IA COM O PAI DE ELSY NO BARCO DELE, O MESMO EM QUE TU VIESTE ATÉ AQUI, E TRANSPORTAVA COISAS DE UM LADO PARA O OUTRO. MAS, HÁ UM ANO, OS ALEMÃES CAPTURARAM-NO NO PORTO DE KRISTIANSAND E... – ERIK ESTREMECEU. – NÃO SOUBEMOS MAIS NADA DELE DESDE ENTÃO.

– O PAI DE ELSY PERGUNTOU-ME SOBRE ELE – DISSE HANS, OLHANDO ERIK NOS OLHOS. – MAS, LAMENTAVELMENTE, NUNCA OUVI O SEU NOME.

E NÃO ME RECORDE DE TER OUVIDO NADA ACERCA DE UM SUECO QUE FOI CAPTURADO EM KRISTIANSAND. MAS NÓS SOMOS MUITOS. ALÉM DISSO, NÃO TÊM SIDO POUCOS OS SUECOS QUE NOS TÊM AJUDADO.

— TALVEZ O NOME NÃO TE DIGA NADA, MAS PODE SER QUE O RECONHEÇAS — ERIK FALAVA COM GRANDE ENTUSIASMO E CRUZOU AS MÃOS NO COLO.

— NÃO É PROVÁVEL, MAS FORÇA, DIZ-ME COMO É ELE.

ERIK DESCREVEU O IRMÃO O MELHOR QUE PÔDE. NA VERDADE, NÃO ERA MUITO DIFÍCIL, PORQUE APESAR DE AXEL TER PARTIDO HÁ UM ANO, ERIK AINDA CONSEGUIA IMAGINÁ-LO MUITO CLARAMENTE. AO MESMO TEMPO, HAVIA MUITOS OUTROS RAPAZES QUE SE PARECIAM COM AXEL E ERA DIFÍCIL ENCONTRAR CARACTERÍSTICAS DISTINTIVAS QUE O PUDESSEM DIFERENCIAR DE OUTROS SUECOS DA SUA IDADE.

HANS OUVIU ATENTAMENTE, MAS DEPOIS ABANOU A CABEÇA.

— NÃO, NÃO ESTOU MESMO A VER QUEM POSSA SER. LAMENTO MUITO.

ERIK FICOU PROFUNDAMENTE DESAPONTADO. POR ALGUM TEMPO NINGUÉM FALOU. DEPOIS, FRANS DISSE:

— ENTÃO, CONTA-NOS AS TUAS AVENTURAS NA GUERRA. DEVES TER TIDO ALGUMAS EXPERIÊNCIAS EMOCIONANTES! — OS OLHOS DE FRANS BRILHAVAM.

— NA VERDADE, NÃO HÁ MUITO A DIZER — RESPONDEU HANS, PARECENDO RELUTANTE, MAS BRITTA RECUSOU-SE A ACREDITAR NELE. FIXOU OS OLHOS NO RAPAZ ESTRANGEIRO E PEDIU-LHE PARA LHES CONTAR ALGO, QUALQUER COISA SOBRE O QUE TINHA PASSADO. DEPOIS DE MAIS ALGUNS PROTESTOS, O NORUEGUÊS ACABOU POR CEDER E COMEÇOU A CONTAR-LHES COMO ERA A VIDA NA NORUEGA. SOBRE A OCUPAÇÃO ALEMÃ, SOBRE O SOFRIMENTO DOS COMPATRIOTAS, SOBRE O QUE TINHAM FEITO PARA RIPOSTAR. OS QUATRO JOVENS OUVIRAM-NO DE BOCA ABERTA. TUDO PARECIA TÃO EMOCIONANTE. CLARO QUE NOTARAM A EXPRESSÃO TRISTE NOS OLHOS DE HANS E PERCEBERAM QUE O RAPAZ DEVIA TER PRESENCIADO MUITA DESGRAÇA. CONTUDO... NÃO CONSEGUIAM DEIXAR DE PENSAR QUE AQUILO ERA EMOCIONANTE.

— BEM, EU ACHO QUE FOI MUITO CORAJOSO DA TUA PARTE — DISSE

BRITTA, CORANDO. — A MAIORIA DOS RAPAZES NUNCA OUSARIA FAZER ESSE TIPO DE COISAS. APENAS PESSOAS COMO O AXEL E TU SÃO SUFICIENTEMENTE CORAJOSAS PARA LUTAR POR AQUILO EM QUE ACREDITAM.

— DIZES TU QUE NÓS NÃO TERÍAMOS CORAGEM? É ISSO QUE ACHAS? — DISSE REPENTINAMENTE FRANS. O RAPAZ AINDA TINHA FICADO MAIS IRRITADO POR BRITTA ESTAR CONSTANTEMENTE A LANÇAR OLHARES DE ADMIRAÇÃO, QUE GERALMENTE LHE ERAM RESERVADOS, AO NORUEGUÊS. — ERIK E EU SOMOS TÃO CORAJOSOS E TEMOS A MESMA IDADE DE AXEL E... JÁ AGORA, QUANTOS ANOS TENS? — PERGUNTOU A HANS.

— FIZ DEZASSETE HÁ POUCO TEMPO — RESPONDEU O NORUEGUÊS, QUE PARECIA DESCONFORTÁVEL COM TODA A ATENÇÃO CENTRADA NELE E NAS SUAS ATIVIDADES. VIROU-SE PARA OLHAR PARA ELSY. A RAPARIGA NÃO TINHA DITO UMA PALAVRA ENQUANTO OUVIA TODOS OS OUTROS, MAS COMPREENDERA A MENSAGEM DE HANS.

— ACHO QUE DEVEMOS DEIXAR O HANS DESCANSAR. ELE PASSOU POR MUITA COISA — DISSE SUAVEMENTE ELSY, FAZENDO UM GESTO NA DIREÇÃO DOS AMIGOS. RELUTANTEMENTE, TODOS SE LEVANTARAM E AGRADECERAM AO NORUEGUÊS ANTES DE ABANDONAREM A DIVISÃO. ELSY FOI A ÚLTIMA A SAIR E VIROU-SE POUCO ANTES DE FECHAR A PORTA.

— OBRIGADO — DISSE HANS, LANÇANDO-LHE UM SORRISO DESMAIADO. — MAS FOI BOM TER COMPANHIA, POR ISSO SÃO TODOS BEM-VINDOS SE QUISEREM VOLTAR. É QUE AGORA ESTOU REALMENTE UM POUCO...

ELSY SORRIU A HANS.

— COMPREENDO PERFEITAMENTE. DEPOIS VOLTAMOS E TAMBÉM TEREMOS TODO O GOSTO EM MOSTRAR-TE A CIDADE. MAS AGORA DESCANSA UM POUCO.

ELSY FECHOU A PORTA. MAS, ESTRANHAMENTE, O ROSTO DE HANS CONTINUOU GRAVADO NA SUA MENTE E RECUSAVA-SE A DESAPARECER.

§

ERICA NÃO ESTAVA NA BIBLIOTECA, COMO PATRIK PENSAVA. Tinha-se dirigido para lá; porém, quando estacionou o carro teve uma ideia. Havia outra pessoa com quem a mãe se tinha dado. E que tinha sido sua amiga muito mais recentemente do que há sessenta anos. Na verdade, era a única amiga de que Erica se lembrava de a mãe ter tido quando ela e Anna eram crianças. Era estranho não ter pensado nela antes. Mas Kristina era, antes de mais, a sua sogra, uma sogra muito intensa, e Erica esquecera-se de que, além disso, também fora amiga da mãe.

Decidida, ligou novamente o motor e dirigiu-se a Tanumshede. Era a primeira vez que tomava a iniciativa de ir visitar Kristina. Olhou para o telemóvel, ponderando se devia ligar-lhe antes de aparecer. «Não, que se lixe», pensou. Se Kristina podia tomar a liberdade de aparecer em casa deles sem avisar, Erica também podia fazer-lhe o mesmo.

Ainda se sentia irritada quando chegou a casa da sogra e, só para chatear, tocou à campainha apenas uma vez antes de abrir a porta e entrar.

– Olá? – chamou Erica.

– Quem é? – a voz de Kristina vinha da cozinha e a sogra parecia um pouco alarmada. Um momento depois, Kristina apareceu no vestíbulo.

– Erica? – exclamou com surpresa, olhando para a nora. – Estás aqui? Trouxeste a Maja? – Kristina olhou para trás de Erica, mas não viu a neta em lado nenhum.

– Não, a Maja ficou em casa com Patrik – disse Erica. Tirou os sapatos e colocou-os ordenadamente na sapateira.

– Bem, então entra – disse Kristina, que ainda parecia espantada. – Vou fazer café.

Erica seguiu-a até à cozinha, olhando com surpresa para a sogra. Quase não a reconhecia. Nunca tinha visto Kristina sem que estivesse impecavelmente vestida e com uma boa camada de maquilhagem no rosto. Sempre que ia a sua casa, Kristina era uma pilha de energia, falava sem parar e estava em constante movimento. Agora, a sogra parecia uma mulher completamente diferente. Vestia uma camisa de noite velha e muito usada, apesar de a manhã já ir avançada, e não se notava qualquer vestígio de maquilhagem, o que a fazia parecer bastante mais velha, com as rugas que lhe sulcavam o rosto bem vincadas. Kristina também não se tinha penteado e tinha o cabelo achatado, por ter estado deitada.

– Devo estar uma desgraça – disse Kristina como se tivesse lido a mente de Erica. A sogra passou a mão pelo cabelo. – Acho simplesmente que não merece a pena dar-me ao trabalho de me arranjar quando não tenho nada de especial para fazer e se não tenho de ir a lado nenhum.

– Mas a Kristina parece ter sempre tanta coisa para fazer – disse Erica, sentando-se à mesa.

A princípio, Kristina não disse nada, limitando-se a colocar duas chávenas na mesa, assim como alguns biscoitos *Ballerina*.

– Não é fácil estar reformada depois de ter trabalhado a vida inteira – disse por fim Kristina enquanto deitava café nas chávenas. – Toda a gente anda tão ocupada com as suas próprias vidas. Acho que há coisas que eu podia fazer, mas não me tem apetecido... – Kristina pegou um biscoito, evitando os olhos de Erica.

– Mas porque é que nos dizia que andava sempre tão atarefada?

– Oh, vocês, os jovens, têm as vossas próprias vidas. Não queria que sentissem que tinham de se preocupar comigo. Deus sabe que não quero ser um fardo para os dois. E sei muito bem que as minhas

visitas nem sempre são bem-vindas; por isso pensei que era melhor...
– Kristina calou-se e Erica olhou para a sogra com espanto. Kristina ergueu os olhos e prosseguiu: – Se queres mesmo saber, vivo para as horas que passo em vossa casa, com a Maja. A Lotta tem a sua própria vida, em Gotemburgo, e nem sempre tem facilidade de vir até aqui. Além disso, também não é muito prático ficar em casa da minha filha, porque eles não têm muito espaço. E, como eu disse, sei que as minhas visitas a vossa casa nem sempre são muito bem-vindas – Kristina desviou novamente o olhar e Erica sentiu-se envergonhada.

– Isso é sobretudo por culpa minha, tenho de admiti-lo – disse Erica suavemente. – Mas é sempre bem-vinda. E a senhora e a Maja divertem-se muito juntas. A única coisa que lhe pedimos é que respeite a nossa privacidade. A casa é nossa e a Kristina é bem-vinda como nossa convidada. Por isso, nós, eu, gostaríamos que telefonasse antes de aparecer, para se certificar de que o momento é oportuno. Por favor, não entre em nossa casa sem avisar e, por amor de Deus, não nos diga como devemos executar as nossas tarefas domésticas ou como cuidar da nossa filha. Se conseguir respeitar estas regras, então é mais do que bem-vinda lá em casa. Tenho a certeza de que Patrik apreciaria que lhe desse uma ajuda enquanto está de licença de paternidade.

– Sim, acho que apreciaria mesmo – disse Kristina, dando uma gargalhada que fez com que os olhos lhe brilhassem. – Como é que ele se está a sair?

– A princípio, correu tudo bem – disse Erica, contando depois a Kristina que Patrik levava Maja ao local de um crime e que a deixara na esquadra. – Mas acho que agora estamos de acordo quanto ao que se pode ou não fazer.

– Homens – disse Kristina. – Lembro-me da primeira vez que Lars ia ficar sozinho em casa com Lotta. Ela tinha cerca de um ano e eu saí para fazer compras. Nem tinham passado vinte minutos quando o gerente do supermercado me veio dizer que Lars tinha telefonado. Havia um problema qualquer e eu tinha de ir para casa. Por isso,

deixei todas as minhas compras no supermercado e corri para casa. E era mesmo um grande problema.

– A sério? Que aconteceu? – perguntou Erica, de olhos muito abertos.

– Estás bem sentada? Vê lá tu que o Lars confundiu os meus pensos higiénicos com as fraldas de Lotta. E não conseguia descobrir o modo de os apertar; portanto, quando cheguei a casa, Lars estava a tentar ajustar os pensos com fita adesiva!

– Só pode estar a gozar! – disse Erica, e ambas se riram.

– Passado algum tempo, acabou por aprender como se fazia. O Lars foi um bom pai para o Patrik e a Lotta quando eram crianças. Não me posso queixar. Mas eram outros tempos.

– Por falar em outros tempos – disse Erica, aproveitando a oportunidade para mudar o tema da conversa para o que a tinha levado a casa da sogra. – Ando a tentar descobrir mais acerca da vida da minha mãe, sobre a sua infância e essas coisas. Encontrei alguns pertences dela no sótão, incluindo vários diários antigos. E, bem, aquilo fez-me pensar.

– Diários? – disse Kristina, olhando para Erica. – O que é que ela escreveu nesses diários? – perguntou num tom cortante. Erica olhou para a sogra, surpreendida.

– Infelizmente, nada que tenha grande interesse. São sobretudo reflexões de uma adolescente. Mas o que é estranho é não haver muito sobre os amigos que tinha naquela época. Erik Frankel, Britta Johansson e Frans Ringholm. E agora, dois deles, Erik e Britta, foram assassinados com poucos meses de intervalo. Pode tratar-se de mera coincidência, mas parece-me estranho.

Kristina olhou para Erica, incrédula.

– A Britta morreu? – perguntou, e era óbvio que estava a ter dificuldade em interiorizar a notícia.

– Sim, não soube? Pensei que, com a coscuvilhice do costume, já tivesse sabido. A filha encontrou-a morta há dois dias. Parece que foi asfixiada. O marido afirma tê-la matado.

– Quer dizer que Erik e Britta estão mortos? – disse Kristina. Os pensamentos pareciam rodopiar na sua mente.

– Conhecia-os? – perguntou Erica.

– Não – Kristina abanou a cabeça. – Só sabia o que Elsy me contou acerca deles.

– O que foi que a minha mãe lhe contou? – perguntou ansiosamente Erica, inclinando-se para a frente. – Foi exatamente por isso que eu vim cá. Como foi amiga da minha mãe durante tantos anos, pensei que, mais do que qualquer outra pessoa, soubesse coisas sobre ela. Então, que lhe disse ela sobre aqueles anos? E porque terá Elsy parado de escrever o diário de forma tão abrupta, em 1944? Ou existirão mais diários noutro lado? A minha mãe alguma vez lhe falou deles? No último diário, Elsy menciona um norueguês que foi viver com eles, um tal Hans Olavsen. Encontrei um recorte de jornal que parece indicar que todos os quatro passaram muito tempo com ele. Que lhe aconteceu? – as perguntas atropelavam-se de tal forma que até mesmo Erica mal conseguia acompanhá-las. Kristina sentou-se do outro lado da mesa sem dizer uma palavra e com uma expressão hermética.

– Não posso responder às tuas perguntas, Erica – disse por fim. – Não posso. A única coisa que posso dizer-te é o que aconteceu a Hans Olavsen. Elsy disse-me que ele voltou para a Noruega logo que a guerra acabou. Depois disso, nunca mais o viu.

– Eles estavam... – Erica hesitou, não tendo a certeza de como formular a pergunta. – Elsy estava apaixonada por ele?

Kristina ficou em silêncio durante muito tempo. Repuxava a toalha da mesa da cozinha, avaliando o que deveria dizer. Por fim, olhou para Erica.

– Sim – respondeu. – Elsy estava apaixonada por ele.

Estava um dia magnífico. Há muito que Axel não pensava naquelas coisas. Que uns dias pudessem ser mais agradáveis do que outros. Mas aquele era-o realmente. Mesmo na fronteira entre o verão e o outono, com uma brisa morna e suave. A luz tinha perdido o brilho

ardente do verão e começara a assumir a claridade do outono. Era um dia verdadeiramente magnífico.

Axel foi até à janela que dava para a baía e olhou através dos vidros com as mãos cruzadas atrás das costas. Mas não viu as árvores lá fora. Ou a relva que tinha crescido um pouco mais do que a conta e começava a murchar à medida que o tempo mais fresco se aproximava. Em vez da paisagem, Axel viu Britta. A adorável e animada Britta, que nunca encarara como mais do que uma menina, naquela época, durante a guerra. Uma das amigas de Erik, uma menina doce, mas vaidosa. Britta não lhe interessara. Era demasiado nova. Axel tinha estado preocupado com tudo o que precisava de ser feito, com o que ele próprio precisava de fazer. Britta ocupara apenas um lugar periférico no seu mundo.

Mas estava a pensar nela agora. Em como Britta estava quando a tinha visto no outro dia. Sessenta anos mais tarde. Ainda bonita. Ainda um pouco vaidosa. Mas os anos tinham-na mudado. Tornara-se uma pessoa diferente da que era naquela época. Axel perguntou-se se também teria mudado assim tanto. Talvez. Talvez não. Talvez os anos em que os Alemães o tinham mantido em cativeiro o tivessem mudado o suficiente para toda a vida, de tal forma que depois não tinha conseguido mudar mais nada. Tudo o que tinha visto, os horrores que testemunhara – talvez isso tivesse provocado uma mudança profunda dentro dele que nunca poderia ser curada ou redimida.

Axel visualizou outros rostos na sua mente. Os rostos das pessoas que tinha procurado e ajudado a capturar. Aquilo não acontecia como era apresentado nos filmes, com perseguições emocionantes a alta velocidade. Havia apenas horas de trabalho laborioso, em que ficava sentado no seu escritório e seguia incansavelmente cinco décadas de pistas em papel, questionando identidades, pagamentos, listas de passageiros e possíveis cidades de refúgio. E, assim, tinham-nos trazido, um a um. Tinham-se certificado de que eram punidos pelos seus pecados, que recuavam cada vez mais na direção do passado.

Nunca conseguiriam apanhá-los a todos. Axel sabia disso. Ainda

havia muitos por aí à solta e cada vez morriam mais. Mas, em vez de morrerem na prisão, humilhados, morriam em paz, de velhice, sem terem de se confrontar com os seus atos. Era isso que o movia. Era isso que fazia com que se recusasse a desistir; estava constantemente em busca, à caça, de reunião em reunião, a passar a pente fino arquivo atrás de arquivo. Recusava-se a descansar enquanto houvesse um único deles à solta que pudesse ajudar a caçar.

Axel olhou pela janela sem nada ver. Sabia que aquilo se tinha tornado uma obsessão. O trabalho tinha consumido tudo. Tornara-se uma tábua de salvação a que podia agarrar-se sempre que duvidasse de si próprio ou da sua humanidade. Desde que estivesse envolvido na caçada, não precisava de se questionar acerca de quem era. Desde que estivesse a trabalhar para servir a causa, poderia, lenta mas seguramente, minorar a sua culpa. Apenas recusando-se a ficar parado conseguia livrar-se de tudo aquilo em que não queria pensar.

Axel virou-se. A campainha estava a tocar. Por um momento, não conseguiu afastar-se de todos aqueles rostos que cintilavam diante dos seus olhos. Então, piscou os olhos e foi abrir a porta.

– Ah, são os senhores – disse Axel quando avistou Paula e Martin. Por um segundo, sentiu-se completamente dominado pela fadiga. Às vezes parecia que aquilo nunca ia acabar.

– Será que podemos entrar e falar consigo durante uns minutos? – perguntou Martin em tom amável.

– Claro. Entrem – disse Axel, conduzindo-os uma vez mais até à varanda. – Há alguma novidade? É verdade, já soube de Britta. Foi uma coisa horrível. Estive com ela e com Herman há dois dias, sabem. Custa-me tanto imaginar que ele fosse capaz de fazer... – Axel abanou a cabeça.

– Sim, é realmente uma tragédia – disse Paula. – Mas não devemos tirar nenhuma conclusão precipitada.

– Mas, pelo que ouvi, Herman confessou. Não é verdade? – perguntou Axel.

– Bem, sim – disse hesitantemente Martin. – Contudo, até

conseguirmos falar com ele... – Martin abriu os braços. – E esse é precisamente o motivo da nossa visita.

– Muito bem. Embora realmente não veja como possa ajudar-vos.

– Demos uma vista de olhos aos registos telefónicos, às chamadas que foram feitas a partir da casa de Britta e de Herman, e o seu número aparece em três ocasiões.

– Bem, posso falar-vos pelo menos acerca de uma dessas chamadas. Herman telefonou-me há poucos dias e pediu-me para ir visitar a Britta. Não tivemos qualquer contacto durante anos e anos, por isso achei o pedido um pouco surpreendente. Mas, pelo que percebi, tinha-lhe sido diagnosticada a doença de Alzheimer. E Herman parecia querer que ela visse alguém dos velhos tempos, pois talvez pudesse ajudar.

– E foi por isso que lá foi? – perguntou Paula, estudando-o atentamente. – Para a Britta poder ver alguém dos velhos tempos?

– Sim. Pelo menos foi esse o motivo que Herman invocou. Claro que nós não éramos propriamente amigos chegados naquele tempo. Na verdade, Britta era amiga do meu irmão Erik, mas achei que não faria mal nenhum. E, na minha idade, é sempre agradável falar de recordações antigas.

– E que foi que aconteceu enquanto lá estive? – Martin inclinou-se para a frente.

– Britta esteve bastante lúcida por um tempo e conversámos um pouco sobre os velhos tempos. Mas depois ficou confusa e, bem, deixou de fazer sentido continuar ali, por isso desculpei-me e saí. É incrivelmente trágico. A doença de Alzheimer é uma coisa horrível.

– E quanto aos telefonemas efetuados no início de junho? – Martin olhou para as suas anotações. – O primeiro foi feito a partir do seu telefone, no dia dois, em seguida recebeu uma chamada de Britta ou de Herman no dia três. E, por fim, um outro, também a partir do telefone deles, no dia quatro de junho.

Axel abanou a cabeça.

– Não sei nada sobre isso. Eles devem ter conversado com o Erik.

Mas, provavelmente, tratou-se do mesmo tipo de pedido. E era realmente mais natural que a Britta quisesse ver o Erik, uma vez que estava a regredir para o passado. Eles eram amigos, como já tive oportunidade de vos dizer.

– Mas a primeira chamada foi feita a partir de sua casa – insistiu Martin. – Sabe por que motivo o Erik lhes terá telefonado?

– Como também já disse, o meu irmão e eu podemos ter morado debaixo do mesmo teto, mas não interferíamos nos assuntos um do outro. Não faço ideia do que terá levado o Erik a contactar a Britta. Mas talvez ele quisesse reavivar a sua amizade. As pessoas têm tendência para ficar um pouco estranhas à medida que vão ficando mais velhas. De repente, as coisas do passado remoto parecem ficar mais próximas e assumir maior importância.

Axel apercebeu-se de quanto o que acabara de dizer era verdade. Na sua mente, viu uma série de pessoas do passado a correr na sua direção. Apertou firmemente os braços da cadeira. Aquele não era o momento certo para se deixar dominar pelo passado.

– Quer dizer que acha que foi Erik quem quis vê-los por causa da velha amizade que os unia? – perguntou Martin com ceticismo.

– Como eu disse – respondeu Axel, aliviando a pressão sobre os braços da cadeira –, não faço a mais pequena ideia. Mas parece-me a explicação mais lógica.

Martin trocou um olhar com Paula. Parecia improvável conseguirem ir mais longe. No entanto, Martin continuava com a sensação persistente de que Axel apenas lhes estava a dar migalhas minúsculas de algo muito maior.

Depois de os agentes se terem ido embora, Axel foi postar-se novamente à janela. Os mesmos rostos começaram a dançar à sua frente.

– Olá, como correram as coisas na biblioteca? – o rosto de Patrik iluminou-se quando viu Erica entrar pela porta da frente.

– Bem... Eu... não cheguei a ir à biblioteca – respondeu Erica com

uma expressão estranha no rosto.

– Então onde foste? – perguntou Patrik. Maja estava a fazer a sua sesta da tarde e Patrik estava a lavar a louça que ficara do almoço de ambos.

– Fui visitar a Kristina – disse Erica, entrando na cozinha para ir ter com o marido.

– Qual Kristina? Ah, estás a referir-te à minha mãe? – perguntou Patrik, atónito. – Porque é que fizeste isso? É melhor ires ver se tens febre – Patrik aproximou-se de Erica e pôs-lhe a mão na testa. Erica fez um gesto para que Patrik parasse com aquilo.

– Então, também não é assim tão estranho. Afinal, ela é minha sogra. Porque não haveria de ir visitá-la espontaneamente?

– Tá bem, tá – disse Patrik, dando uma gargalhada. – Vá, conta lá. Porque é que foste a casa da minha mãe?

Erica contou a Patrik a ideia repentina que tivera à porta da biblioteca acerca da amizade entre Kristina e a mãe. E depois falou-lhe da reação peculiar de Kristina e de esta lhe ter revelado que Elsy tinha tido um caso com o norueguês que fugira aos Alemães.

– Mas a tua mãe não quis contar-me mais nada – disse Erica, parecendo frustrada. – Ou talvez me tenha contado tudo o que sabia. Não tenho a certeza. Mas parece que, de alguma forma, Hans Olavsen abandonou a minha mãe. Foi-se embora de Fjällbacka e, segundo Kristina, Elsy disse-lhe que ele tinha regressado à Noruega.

– Então e o que vais fazer agora? – perguntou Patrik, guardando as sobras do almoço no frigorífico.

– Vou localizá-lo, claro – disse Erica, dirigindo-se à sala de estar. – A propósito, acho que devíamos convidar a Kristina no domingo. Para que possa passar algum tempo com a Maja.

– Agora é que tenho mesmo a certeza de que tens febre – disse Patrik com uma gargalhada. – Mas então está bem, vou telefonar à minha mãe mais logo e perguntar-lhe se gostaria de vir tomar café no domingo. Mas não sei se vai poder vir. Sabes como anda sempre tão ocupada.

– Hum, hum – ouviu Erica dizer da sala de estar num tom de voz estranho. Patrik abanou a cabeça. Mulheres. Nunca iria entendê-las. Mas talvez o interesse estivesse precisamente nisso.

– Que é isto? – disse Erica em voz alta.

Patrik foi ver do que estava Erica a falar. Erica apontava para a pasta que estava sobre a mesa de café e, por um segundo, Patrik teve vontade de dar um pontapé a si próprio por não a ter escondido antes que Erica voltasse para casa. Mas conhecia-a suficientemente bem para saber que agora era tarde de mais para lhe ocultar aquilo.

– Isso é todo o material da investigação sobre o caso do homicídio de Erik Frankel – disse Patrik, erguendo um dedo em sinal de advertência. – E não podes contar a ninguém o que quer que possas vir a ler que esteja nessa pasta. Está bem?

– Sim, claro – respondeu Erica, divertida, enquanto fazia um gesto com a mão na direção do marido, como se ele fosse uma mosca irritante. Depois, Erica sentou-se no sofá e começou a folhear os documentos e as fotografias.

Uma hora mais tarde, Erica já tinha passado em revista todo o material da pasta e começou tudo de novo. Patrik tinha ido várias vezes espreitá-la, mas acabou por desistir de qualquer tentativa de chamar a atenção dela. Em vez disso, sentou-se a ler o jornal da manhã, pois ainda não tinha tido tempo para o fazer.

– Não têm muitas provas físicas por onde pegar – disse Erica, correndo o dedo pelo relatório dos técnicos forenses.

– Pois não, as provas são realmente escassas – retorquiu Patrik, pousando o jornal. – Na biblioteca dos irmãos não havia impressões digitais para além das do Erik, do Axel e dos dois rapazes que descobriram o cadáver. Não parece faltar nada e não há pegadas de mais ninguém. E o busto, a arma do crime, chamemos-lhe assim, estava debaixo da mesa. Já estava, portanto, no local do crime.

– Ou seja, não foi um homicídio premeditado. O mais provável é ter sido cometido por impulso – disse Erica com ar pensativo.

– Certo. A não ser, claro, que alguém soubesse que o busto de

pedra estava no parapeito da janela – Patrik foi novamente atingido por uma ideia que lhe tinha ocorrido há uns dias. – Dizes-me outra vez quando é que foste exatamente a casa de Erik Frankel mostrar-lhe a medalha?

– Porque é que queres saber isso? – perguntou Erica, cujo tom de voz dava a entender que ainda estava longe, perdida nos seus pensamentos.

– Não tenho a certeza. Pode não ter qualquer importância. Mas gostava de saber.

– Foi um dia antes de termos levado a Maja a visitar o parque de animais selvagens Nordens Ark – disse Erica, que continuava embrenhada nos documentos. – Isso não foi a três de junho? Nesse caso, visitei Erik no dia dois.

– Chegaste a conseguir alguma informação sobre a medalha? Erik disse-te alguma coisa quando estiveste lá?

– Se tivesse dito, tinhas sabido logo que eu chegasse a casa – respondeu Erica. – Não, Erik apenas afirmou que queria pesquisar um pouco mais antes de me dizer alguma coisa acerca da medalha.

– Quer dizer que ainda não sabes de que tipo de medalha nazi se trata?

– Não – respondeu Erica, lançando um olhar meditativo a Patrik. – Mas isso é definitivamente algo que preciso de descobrir. Amanhã tenho de pensar onde devo começar a procurar – Erica voltou a atenção para a pasta e estudou as fotografias do local do crime. Ergueu a primeira foto e semicerrou os olhos. – É impossível... – murmurou. Depois levantou-se e dirigiu-se ao primeiro andar.

– O que foi? – perguntou Patrik, mas Erica não respondeu. Um momento depois regressou, brandindo uma lupa. – Que estás a fazer? – perguntou Patrik, espreitando por cima do jornal.

– Não tenho a certeza. Provavelmente não é nada, mas... parece que alguém rabiscou qualquer coisa no bloco-notas que está em cima da secretária de Erik. Mas não consigo perceber bem... – Erica inclinou-se mais sobre a fotografia, colocando a lupa sobre uma

mancha branca, que era o bloco-notas que aparecia na imagem.

– Acho que diz... – Erica semicerrou novamente os olhos. – Acho que diz «*Ignoto militi*».

– A sério? E o que é que isso significa? – perguntou Patrik.

– Não sei. Imagino que tenha algo que ver com militares. Provavelmente não é nada. Apenas rabiscos – respondeu Erica, parecendo desapontada.

– Erica... – Patrik pousou o jornal e inclinou a cabeça. – Tive uma pequena conversa com Martin quando ele me trouxe esta pasta e ele pediu-me para lhe fazer um favor – enfim, para ser franco, fora ele próprio quem se oferecera para ajudar, mas não precisava de dizer isso a Erica. Aclarou a garganta e prosseguiu: – Martin pediu-me para investigar uma pessoa em Gotemburgo que estava a receber pagamentos bancários regulares de Erik Frankel. Todos os meses, durante cinquenta anos.

– Cinquenta anos? – repetiu Erica, erguendo as sobrancelhas. – Erik pagou a alguém durante cinquenta anos? O que seria? Chantagem? – Erica não conseguiu esconder o facto de achar a ideia bastante emocionante.

– Ninguém sabe. E, se calhar, não é nada, mas... Bem, Martin perguntou-me se eu poderia ir a Gotemburgo verificar.

– Claro. Eu vou contigo – disse Erica, entusiasmada.

Patrik olhou para ela. Aquela não era exatamente a reação que esperara.

– Bem, talvez fosse... – balbuciou Patrik, enquanto ponderava se havia ou não algum motivo para não poder levar a mulher com ele. Afinal, era apenas uma tarefa de rotina, a verificação de alguns pagamentos bancários, por isso não devia haver qualquer problema.

– Está bem, vem comigo. E depois podemos passar em casa da Lotta, para a Maja poder estar um pouco com os primos.

– Excelente – disse Erica. Gostava da irmã de Patrik. – E talvez possa encontrar alguém em Gotemburgo que me possa dizer alguma coisa acerca da medalha.

– Isso parece-me possível. Faz algumas chamadas esta tarde e tenta encontrar alguém que saiba alguma coisa sobre isso – Patrik pegou no jornal e voltou à sua leitura. Era melhor aproveitar o tempo antes que Maja acordasse.

Erica pegou na lupa e olhou novamente para o bloco-notas sobre a secretária de Erik. *Ignoto militi*. Alguma coisa estava a agitar-se no seu subconsciente.

* * *

Mellberg demorara apenas meia hora a apanhar o jeito aos passos.

– Excelente, Bertil – disse apreciativamente Rita, apertando-lhe um pouco mais a mão. Vejo que estás a começar a entrar no ritmo.

– Não está mal, pois não? – disse Mellberg com modéstia. – Sempre tive talento para a dança.

– Estou a ver que sim – retorquiu Rita com uma piscadela. – Ouvi dizer que tu e Johanna tinham tomado café juntos – Rita sorriu quando ergueu os olhos para o amigo. Aquilo era outra coisa que o atraía em Rita. Nunca tinha sido particularmente alto; porém, como Rita era tão pequena, sentia-se como um gigante.

– Estava a passear o *Ernst* e calhou passar pelo teu prédio... – disse Mellberg, envergonhado. – E então vi a Johanna, que me perguntou se eu queria ir a vossa casa beber um café.

– Ah, pois, estou a ver. Calhou passares pelo meu prédio – disse Rita, dando uma gargalhada enquanto continuavam a balançar ao ritmo da Salsa. – Foi pena eu não estar em casa quando calhou passares por lá. Mas Johanna disse que passaram um bocado muito agradável.

– Sim, bem, ela é uma rapariga muito doce – disse Mellberg, recordando mais uma vez a sensação do pezinho do bebé a dar pontapés contra a sua mão. – Uma rapariga muito doce.

– Nem sempre tem sido fácil para elas – suspirou Rita. – A mim custou-me muito habituar-me à ideia, no início. Mas acho que já sabia, mesmo antes de a Paula ter trazido a Johanna cá a casa para me

conhecer. E agora já estão juntas há quase dez anos e, bem, posso dizer com toda a franqueza que não há mais ninguém com quem gostasse de ver a Paula. Elas são perfeitas uma para a outra; por isso, o facto de serem ambas mulheres, não parece realmente importar.

– Mas deve ter sido mais fácil em Estocolmo. Quer dizer, serem aceites – disse Mellberg com cautela. Depois praguejou ao pisar o pé de Rita. – Enfim, lá é mais comum. Quando vejo televisão, às vezes tenho a impressão de que metade das pessoas de Estocolmo são *gay*.

– Oh, não diria que sejam assim tantas – Rita deu outra gargalhada. – É claro que estávamos um pouco nervosas quando decidimos mudar-nos para cá. Mas tenho de dizer que fiquei agradavelmente surpreendida. Acho que, até agora, elas não tiveram qualquer problema. Ou talvez as pessoas simplesmente não tenham notado. Mas passaremos essa ponte quando lá chegarmos. Que hão de elas fazer? Parar de viver? Não ir viver onde lhes apetece? Não, às vezes uma pessoa tem de se atrever a dar um salto no desconhecido – de repente, Rita parecia triste, como se estivesse a olhar fixamente para algo que estava muito longe, por cima do ombro de Mellberg. O superintendente julgava saber no que Rita estava a pensar.

– Foi difícil? Terem de fugir? – perguntou Mellberg com cautela. Normalmente, fazia o possível por evitar perguntas delicadas, ou fazia-as apenas quando fosse o que esperassem dele, nunca se preocupando realmente com a resposta. Porém, nesse momento, Mellberg queria mesmo saber.

– Foi difícil e fácil ao mesmo tempo – respondeu-lhe Rita e, nos seus olhos escuros, Mellberg podia ver que a amiga tinha passado por experiências que ele não conseguiria sequer imaginar. – Foi fácil deixar aquilo em que se tornou o meu país. Mas foi difícil sair do país que em tempos foi.

Por um momento, Rita perdeu o ritmo e ficou imóvel, com as mãos ainda agarradas às mãos de Mellberg. Então, os olhos brilharam-lhe, Rita soltou as mãos e bateu palmas muito alto.

– Ora bem, está na hora de aprendermos o passo seguinte. Girar.

Bertil, ajuda-me a demonstrar – Rita deu-lhe novamente as mãos e, lentamente, mostrou-lhe os passos que Mellberg precisava de efetuar para dar uma volta sob o seu braço. Não era simples e o superintendente emaranhou completamente as mãos e os pés. Mas Rita não perdeu a paciência. Continuou a insistir, uma e outra vez, até que Mellberg e os restantes casais conseguissem executar o passo. – Vai correr tudo bem – disse Rita, olhando para Mellberg. O superintendente perguntou a si próprio se Rita se estaria a referir apenas à dança. Ou também a alguma outra coisa. Esperava que fosse a última hipótese.

* * *

Começava a ficar escuro lá fora. Os lençóis na cama do hospital roçagavam levemente sempre que mudava de posição; por isso, tentava ficar parado. Preferia o silêncio absoluto. Não podia fazer nada para controlar os sons vindos lá de fora – o som de vozes, de pessoas a passarem, de bandejas a chocalharem. Mas ali, podia certificar-se de que reinava todo o silêncio possível. Que o silêncio apenas era perturbado pelo roçar dos lençóis.

Herman olhou pela janela. À medida que ia ficando mais escuro, conseguia gradualmente ver a própria imagem refletida no vidro e reparou como era lamentável a figura que o olhava da cama. Um pequeno idoso grisalho com pouco cabelo e o rosto sulcado de rugas, usando uma bata branca de hospital. Como se Britta tivesse sido a única pessoa que lhe emprestara algum ar de autoridade. Ela tinha-lhe conferido uma dignidade que o preenchia. Tinha dado sentido à sua vida. E, agora, Britta partira por culpa sua.

As filhas tinham ido visitá-lo nesse dia. Tinham-no acarinhado, abraçado, olhado para ele com olhos preocupados e conversado com ele com vozes inquietas. Mas Herman não tinha sequer energia para olhar para elas. Tinha medo de que as filhas vissem a culpa estampada nos seus olhos. Que vissem o que ele tinha feito. O que ele tinha

provocado.

Tinham mantido o segredo durante muito tempo. Ele e Britta. Partilharam-no, ocultaram-no e tinham-no expiado. Ou, pelo menos, era isso que Herman pensava. Mas quando Britta ficou doente e as suas defesas começaram a ruir, Herman apercebeu-se, num momento de clareza, de que era impossível tentar expiar fosse o que fosse. Mais cedo ou mais tarde, o tempo e o destino faziam contas com toda a gente. Era impossível ocultar. Era impossível fugir. Tinham ingenuamente acreditado que era suficiente viverem uma vida boa, serem boas pessoas. Amar os filhos e criá-los para que também eles fossem capazes de dar amor. E, por fim, tinham-se convencido de que o bem que tinham criado tinha ofuscado o mal.

Ele tinha matado Britta. Porque não conseguiam perceber isso? Herman sabia que iriam falar com ele, perguntar-lhe coisas, interrogá-lo. Porque não podiam simplesmente aceitar a situação?

Ele tinha matado Britta. E agora não tinha mais nada.

– Tens alguma ideia de quem é essa pessoa? Ou por que razão Erik lhe terá pago aquele dinheiro durante todos estes anos? – perguntou Erica quando se estavam a aproximar de Gotemburgo. Maja estava a portar-se muito bem, sentada no banco traseiro. Tinham saído de casa pouco antes das oito e meia e às dez já estavam a chegar à cidade.

– Não, a única informação que temos é essa que já viste – Patrik fez um gesto com a cabeça para o documento guardado numa capa de plástico que Erica tinha no colo.

– Wilhelm Fridén, Vasagatan, 38, Gotemburgo. Nascido a três de outubro de 1924 – leu Erica em voz alta.

– Isso é tudo que sabemos. Falei à pressa com Martin ontem à noite e ele não tinha encontrado nenhuma ligação de Fridén a Fjällbacka nem quaisquer antecedentes criminais. Nada. Portanto, isto é realmente um tiro no escuro. Por falar nisso, a que horas combinaste com o tipo que vai ver a medalha?

– Ao meio-dia, na loja de antiguidades dele – respondeu Erica,

tocando no bolso em que tinha guardado a medalha por precaução, depois de a envolver num pano macio.

– Tu e a Maja querem ficar no carro enquanto eu converso com Wilhelm Fridén, ou preferem dar um passeio? – perguntou Patrik quando estacionou o carro num lugar livre na Vasagatan.

– Que queres dizer com isso? – perguntou Erica, parecendo insultada. – Claro que quero ir contigo.

– Mas tu não podes. Então e a Maja? – respondeu Patrik, atrapalhado, embora já soubesse o rumo que a conversa ia tomar. E como ia terminar.

– Se a menina pode ser levada ao local de um crime e para uma esquadra, então também pode vir connosco para conversar com um homem com mais de oitenta anos – disse Erica num tom de voz que deixava claro que não havia lugar para discussões.

– Está bem – disse Patrik com um suspiro. Sabia quando tinha sido derrotado.

O apartamento ficava no terceiro andar de um prédio do início do século XX. Tocaram à campainha e a porta foi aberta por um homem na casa dos sessenta. Lançou-lhes um olhar interrogativo quando os viu.

– Sim? Posso ajudar-vos?

Patrik apresentou o seu crachá da polícia.

– Chamo-me Patrik Hedström e sou da polícia de Tanumshede. Tenho algumas perguntas a respeito de um homem chamado Wilhelm Fridén.

– Quem é? – ouviram uma mulher dizer do interior do apartamento com voz sumida. O homem virou-se e gritou:

– É a polícia. Querem fazer algumas perguntas sobre o pai! – Depois virou-se novamente para Patrik. – Não posso imaginar por que diabo a polícia estaria interessada no meu pai, mas entrem – o homem afastou-se para deixá-los entrar e, em seguida, ergueu as sobrancelhas de surpresa quando viu Maja nos braços de Erica. – A polícia está a começar a treiná-los cedo, nos dias que correm – comentou, divertido.

Patrik sorriu, envergonhado.

– Esta é a minha esposa, Erica Falck, e a nossa filha Maja. Elas... Bem... a minha esposa tem um interesse pessoal no caso que estamos a investigar e... – Patrik calou-se. Não parecia haver nenhuma maneira adequada de explicar o que levaria um polícia a arrastar a mulher e a filha para um interrogatório.

– Peço perdão, devia ter-me apresentado. Sou Göran Fridén e os senhores estão à procura do meu pai.

Patrik estudou-o com curiosidade. Era de estatura mediana, tinha cabelo grisalho ligeiramente encaracolado e uns olhos azuis amigáveis.

– E o seu pai está em casa? – perguntou Patrik enquanto seguiam Göran Fridén por um longo corredor.

– Receio que tenha vindo tarde de mais para fazer perguntas ao meu pai. Ele morreu há duas semanas.

– Oh – disse Patrik, surpreendido. Aquela não era a resposta que esperava. Estava convencido de que o homem, apesar da sua idade avançada, ainda estava vivo, já que o seu nome não constava na lista de falecimentos do Registo Civil. Sem dúvida por ter morrido tão recentemente. Era sabido que os dados do registo demoravam a ser atualizados. Patrik sentiu-se extremamente dececionado. Será que aquela pista, que a intuição lhe dizia ser importante, já tinha arrefecido?

– Mas o senhor pode falar com a minha mãe, se quiser – disse Göran, assinalando-lhes a sala de estar. – Não sei do que se trata; porém, quando lhe explicar, talvez ela seja capaz de o ajudar.

Uma mulher pequena e frágil, com os cabelos todos brancos levantou-se do sofá e aproximou-se deles para os cumprimentar.

– Märta Fridén – a idosa estudou-os, intrigada, e depois fez um grande sorriso quando viu Maja. – Olá? Ah, que menina adorável! Como se chama?

– Maja – respondeu orgulhosamente Erica, que simpatizou imediatamente com Märta Fridén.

– Olá, Maja – disse Märta, acariciando o rosto da criança. Maja

sorriu de felicidade perante tanta atenção, mas depois começou a dar pontapés no ar para descer quando avistou uma boneca antiga sentada no sofá.

– Não, Maja – disse severamente Erica, tentando conter a filha.

– Não faz mal. Deixe-a dar uma vista de olhos – disse Märta, acenando com a mão. – Não há nada aqui em que ela não possa mexer. Desde que o Wilhelm morreu, percebi que não podemos levar nada connosco quando partimos – os olhos assumiram uma expressão triste e o filho aproximou-se para colocar o braço em torno dela.

– Sente-se, mãe. Eu vou fazer um café para os nossos convidados enquanto a mãe conversa com eles em paz e sossego.

Märta ficou a observar o filho enquanto este saía da sala e se dirigia para a cozinha.

– É um excelente rapaz – comentou. – Não quero ser um fardo para ele; os filhos devem poder viver as suas próprias vidas. Mas, às vezes, Göran é bom de mais para os outros. Wilhelm tinha tanto orgulho dele – Märta pareceu perder-se nas suas memórias por um momento, mas depois virou-se para Patrik. – Então, porque queria a polícia falar com o meu Wilhelm?

Patrik aclarou a garganta. Sentiu que estava a pisar gelo fino. Podia estar prestes a trazer uma data de coisas para a luz do dia que aquela doce velhinha talvez preferisse não saber. Mas não tinha escolha. Hesitante, Patrik disse:

– Bem, o que se passa é que estamos a investigar um homicídio no Norte, em Fjällbacka. Eu pertenço à esquadra de Tanumshede, percebe, e Fjällbacka pertence ao distrito policial de Tanum.

– Oh, céus. Um homicídio? – disse Märta, franzindo a testa.

– Sim, um homem chamado Erik Frankel foi morto – explicou Patrik, parando para ver se o nome lhe despertava alguma reação. Mas, pelo que pôde ver, Märta não parecia reconhecê-lo.

– Erik Frankel? Não creio que o conheça. Mas como é que chegaram a Wilhelm? – Märta inclinou-se para a frente, parecendo interessada.

– Ah, bem... sabe – Patrik hesitou. – Acontece que, durante quase cinquenta anos, Erik Frankel fez pagamentos mensais a Wilhelm Fridén. Ao seu marido. E, como é óbvio, temos estado a interrogar-nos sobre o motivo de tais pagamentos, sobre que ligação poderia existir entre o seu marido e Frankel.

– Wilhelm recebia dinheiro de... de um homem de Fjällbacka chamado Erik Frankel? – Märta parecia genuinamente surpreendida. Nesse momento, Göran voltou, transportando uma bandeja com chávenas de café.

– Afinal, que foi que aconteceu? – perguntou, lançando-lhes um olhar inquiridor.

Foi a mãe quem respondeu:

– Este agente afirma que um homem chamado Erik Frankel, que foi encontrado morto, efetuou pagamentos ao teu pai todos os meses, durante os últimos cinquenta anos.

– O quê? – exclamou Göran quando se sentou no sofá ao lado da mãe. – Ao pai? Mas porquê?

– Bem, isso era o que gostávamos de descobrir – disse Patrik. – Esperávamos que o próprio Wilhelm Fridén pudesse responder à pergunta.

– Boneca – disse Maja com satisfação, estendendo a boneca antiga na direção de Märta.

– Sim, é uma boneca – disse Märta, sorrindo. – Era minha quando eu era pequena.

Maja deu um abraço carinhoso à boneca. Märta mal podia tirar os olhos da menina.

– Que criança encantadora – disse a idosa, ao que Erica assentiu com entusiasmo.

– De que quantias é que estamos a falar? – perguntou Göran, olhando para Patrik.

– Nada de especial. Duas mil coroas por mês durante os últimos anos. A quantia tinha vindo a aumentar gradualmente ao longo do tempo, aparentemente acompanhando a inflação. Portanto, embora o

montante dos pagamentos tenha aumentado, o valor real parece ter permanecido constante.

– Porque será que o pai nunca nos contou isto? – perguntou Göran à mãe. Märta abanou a cabeça.

– Não faço a mais pequena ideia. Mas eu e Wilhelm nunca falávamos de assuntos relacionados com dinheiro. Ele tratava de todo esse tipo de coisas enquanto eu cuidava da casa, como era hábito fazer-se na nossa geração. Era assim que dividíamos as tarefas. Se não fosse por ti, Göran, estaria completamente perdida a tentar tratar de contas bancárias, empréstimos e esse tipo de coisas – disse Märta, apertando a mão do filho.

– Ajudo-a com todo o gosto. A mãe sabe disso.

– Tem algum extrato a que possamos dar uma vista de olhos? – perguntou Patrik, parecendo um pouco desencorajado. Tinha esperado obter respostas a todas as suas perguntas sobre aqueles estranhos pagamentos mensais, mas parecia ter chegado a um beco sem saída.

– Não temos quaisquer documentos aqui em casa. O nosso advogado é que tem tudo – desculpou-se Göran. – Mas posso pedir-lhe para fazer cópias e enviar-lhas.

– Fico-lhe muito grato – disse Patrik, sentindo-se mais esperançoso. Afinal, talvez ainda conseguissem chegar ao fundo daquela questão.

– Ah! Peço imensa desculpa, esqueci-me completamente do café – disse Göran, levantando-se do sofá.

– Também já estávamos de saída – disse Patrik, olhando para o relógio. – Por isso não vale a pena incomodar-se.

– Lamento não ter podido ajudá-lo mais – Märta inclinou a cabeça e sorriu a Patrik.

– Não se preocupe, às vezes é assim que as coisas correm. E, mais uma vez, queira aceitar as minhas condolências – disse Patrik. – Espero que não lhe tenha causado muito sofrimento por vir a sua casa fazer-lhe perguntas logo depois... Bem, nós não sabíamos...

– Não se preocupe, meu querido – respondeu a idosa, afastando as desculpas de Patrik com um gesto da mão. – Eu conhecia o meu

Wilhelm por dentro e por fora e, fosse qual fosse o motivo desses pagamentos, posso garantir-lhe que não havia nada de criminoso ou menos ético envolvido. Portanto, faça as perguntas que quiser e, como disse Göran, vamos certificar-nos de que os documentos lhe são enviados. Só lamento não ter conseguido ajudá-lo.

Todos se levantaram e se dirigiram para o vestibulo. Maja ainda estava a segurar a boneca, abraçando-a contra o peito.

– Maja, querida, tens de deixar a boneca aqui – Erica ganhou coragem para a explosão inevitável.

– Deixe a criança ficar com a boneca – disse Märta, afagando Maja na cabeça ao passar por ela. – Como eu disse, não posso levar nada comigo quando partir. Além disso, estou demasiado velha para brincar com bonecas.

– Tem a certeza? – balbuciou Erica. – É tão antiga. Tenho a certeza de que lhe traz boas recordações e...

– As recordações estão aqui – disse Märta, tocando na testa. – Não em objetos tangíveis. Nada me faria mais feliz do que saber que uma menina vai brincar novamente com a Greta. Tenho a certeza de que essa pobre boneca tem andado terrivelmente aborrecida, sentada no sofá ao lado de uma velha.

– Bem, obrigada. Muito obrigada – disse Erica, envergonhada por estar tão emocionada que teve de piscar os olhos para conter as lágrimas.

– São todos muito bem-vindos – Märta deu mais uma palmadinha na cabeça de Maja e, em seguida, ela e o filho, conduziram-nos até à porta.

A última coisa que Erica e Patrik viram antes que a porta se fechasse atrás deles foi Göran a colocar delicadamente o braço sobre o ombro da mãe e a beijá-la no topo da cabeça.

Martin deambulava pela casa, inquieto. Pia estava no trabalho e, como estava sozinho no apartamento, Martin não conseguia parar de pensar no caso. Era como se o seu sentimento de responsabilidade

tivesse aumentado dez vezes por Patrik estar de licença, e não tinha a certeza de estar à altura da tarefa. Pensou que era uma fraqueza da sua parte precisar de pedir ajuda a Patrik. Mas dependia tanto do julgamento do colega, talvez até mais do que do seu próprio. Às vezes, Martin questionava-se se alguma vez teria confiança no seu trabalho. Havia sempre uma sensação de dúvida que ficava a pairar, uma incerteza que o acompanhava desde que se formara na academia de polícia. Seria realmente talhado para aquele trabalho? Seria capaz de fazer o que se esperava dele?

Vagueou de divisão em divisão enquanto pensava. Apercebeu-se de que a incerteza quanto às suas capacidades profissionais era exacerbada pelo facto de estar prestes a enfrentar o maior desafio da sua vida. E também não estava convencido de vir a saber lidar com essa responsabilidade. E se não estivesse à altura? E se não conseguisse oferecer a Pia o apoio de que ela precisava? E se não conseguisse fazer o que se esperava dele como pai? E se, e se... Os pensamentos giravam na sua mente cada vez mais depressa e, por fim, Martin apercebeu-se de que tinha de sair e fazer alguma coisa, senão ia acabar por enlouquecer. Pegou no blusão, entrou no carro e seguiu em direção ao sul.

A princípio, Martin não sabia para onde estava a ir; porém, quando se aproximou de Grebbestad, fez-se luz na sua mente. Aquele telefonema feito de casa de Britta e de Herman para Frans Ringholm andava a atormentá-lo desde o dia anterior. Estavam sempre a deparar-se com o mesmo grupo de pessoas nas duas investigações e, apesar de os casos parecerem desenrolar-se em paralelo, Martin tinha o pressentimento de que se cruzaram em algum ponto. Porque tinham Herman ou Britta telefonado a Frans em junho, antes de Erik morrer? Havia apenas uma chamada deles no registo de chamadas a partir de 4 de junho. Não tinha durado muito tempo. Dois minutos e trinta e três segundos. Martin tinha memorizado as informações que constavam no registo de chamadas. Mas porque teriam eles contactado Frans? Seria tão simples como Axel sugerira? Que a doença tinha feito Britta

querer renovar amizades do passado? Contactar pessoas com quem, segundo todos os relatos, não tinha falado durante sessenta anos? O cérebro era certamente capaz de pregar partidas a uma pessoa, mas... Não, havia mais alguma coisa. Algo que lhe continuava a escapar. Mas Martin não ia desistir até descobrir o que era.

Frans estava a sair de casa quando Martin se cruzou com ele à porta do seu apartamento.

– Então, como posso ajudá-lo hoje? – perguntou educadamente Frans.

– Tenho apenas algumas perguntas complementares a fazer-lhe.

– Estava a sair para ir dar a minha caminhada diária. Se quiser falar comigo, pode vir também. Não mudo a hora da minha caminhada por nada deste mundo. É assim que me mantenho em forma – Frans começou a andar em direção ao mar e Martin seguiu-o.

– Quer dizer que não o incomoda ser visto com um polícia – perguntou Martin, lançando-lhe um sorriso irónico.

– Como sabe, passei grande parte da minha vida com carcereiros; portanto, estou habituado ao seu tipo de companhia – respondeu Frans com um brilho divertido nos olhos. – Ora bem, o que queria perguntar-me? – disse Frans, já sem qualquer vestígio de divertimento no rosto. Martin teve de correr para o conseguir acompanhar. O velho imprimira um ritmo acelerado à caminhada.

– Não sei se já soube, mas houve outro assassinio em Fjällbacka.

Frans abrandou por um momento, mas depois estugou novamente o passo.

– Não, não sabia. Quem morreu?

– Britta Johansson – Martin estudou Frans atentamente.

– Britta? – disse Frans, virando a cabeça para olhar para Martin. – Como? Quem?

– O marido diz que foi ele. Mas eu tenho as minhas dúvidas.

Frans teve um sobressalto.

– O Herman? Mas porquê? Não posso acreditar nisso.

– Conhece o Herman? – perguntou Martin, tentando não demonstrar

como podia ser importante a resposta do seu interlocutor.

– Não, nem por isso – respondeu Frans, abanando a cabeça. – Na verdade, só estive com ele uma vez. Telefonou-me em junho para dizer que a Britta estava doente e tinha manifestado o desejo de me ver.

– Não acha que isso foi um pouco estranho? Tendo em conta que não se viram uns aos outros durante sessenta anos? – Martin não fez qualquer tentativa de esconder o seu ceticismo.

– Bem, sim, claro que pensei que era estranho. Mas o Herman explicou-me que Britta tinha a doença de Alzheimer e que, aparentemente, não é invulgar que as pessoas que sofrem dessa doença rememorem o passado e pensem em pessoas que costumavam ser importante para elas. E nós crescemos juntos, o nosso pequeno grupo, como sabe, e passámos muito tempo uns com os outros.

– E esse grupo era composto por quem?

– Eu, Britta, Erik e Elsy Moström.

– E dois deles foram assassinados numa questão de meses – disse Martin, ofegante, enquanto trotava ao lado de Frans. – Não lhe parece uma coincidência estranha?

Frans olhou fixamente para o horizonte.

– Quando chegar à minha idade, já terá testemunhado suficientes coincidências estranhas para perceber que elas realmente ocorrem com bastante frequência. Além disso, referiu que o marido confessou o crime. Acha que o Herman também matou o Erik? – Frans olhou de relance para Martin.

– De momento, não fazemos quaisquer especulações. Mas dá-me realmente que pensar quando constato que duas das quatro pessoas de um grupo foram assassinadas num período de tempo tão curto.

– Como eu disse, as estranhas coincidências não têm nada de estranho. São apenas fruto do acaso. E do destino.

– Soa bastante filosófico, vindo de um homem que passou grande parte da vida na prisão. Isso também foi fruto do acaso e do destino?

– Um tom cáustico tinha-se infiltrado na voz de Martin, que teve de se

advertir a si próprio da necessidade de manter os sentimentos pessoais à parte. Porém, na semana anterior, tinha visto como Paula ficara afetada por tudo o que Frans Ringholm representava e estava a ter dificuldade em ocultar a aversão que sentia.

– O acaso e o destino não tiveram nada que ver com isso. Eu já era adulto e perfeitamente capaz de tomar as minhas próprias decisões quando tomei esse caminho. Mas é claro que, olhando para trás, possa admitir que não devia ter feito uma coisa ou outra... e que talvez pudesse ter escolhido um caminho diferente – Frans parou e virou-se para Martin. – Mas não temos essa oportunidade enquanto estamos a viver as nossas vidas, não é verdade? – disse Frans antes de se pôr novamente em marcha. – A oportunidade de ver as coisas antes do tempo. Não, eu fiz as escolhas que fiz. Vivi a vida que escolhi. E paguei o preço por isso.

– E quanto às suas ideias? Também foram escolhidas por si? – Martin esperou a resposta com genuína curiosidade. Não compreendia aquelas pessoas que estavam prontas a condenar segmentos inteiros da Humanidade. Não percebia como podiam justificar tais opiniões perante si próprias. E, ao mesmo tempo que sentia profunda aversão por elas, também tinha curiosidade em saber o que as movia.

Frans pareceu perceber que a pergunta era realmente genuína e passou alguns momentos a ponderar a resposta.

– Eu defendo as minhas ideias – disse por fim. – Vejo que há falhas graves na nossa sociedade e as minhas ideias são a minha interpretação do que está errado. Entendo que é meu dever contribuir com uma solução.

– Mas porquê pôr as culpas em grupos étnicos inteiros... – Martin abanou a cabeça. Simplesmente não compreendia aquela forma de pensar.

– Está a cometer o erro de considerar as pessoas como indivíduos – disse secamente Frans. – Não é assim que nós somos. Todos fazemos parte de um grupo, de uma entidade coletiva. E esses grupos sempre lutaram entre si, por um lugar na hierarquia, na ordem mundial. Pode

desejar que as coisas fossem diferentes, mas é assim que elas são. E, apesar de eu não me servir da violência para garantir o meu lugar no mundo, sou um sobrevivente. Alguém que, no final, será um vencedor na ordem mundial. E são sempre os vencedores que escrevem a História.

Frans calou-se e virou-se para olhar para Martin, que estremeceu, apesar de estar a suar por causa do ritmo acelerado da caminhada. Era infinitamente aterrorizador estar perante convicções tão fanáticas. Nenhuma lógica no mundo alguma vez persuadiria Frans e todos os outros como ele de que tinham uma visão distorcida da realidade. Por isso, havia simplesmente que contê-los, marginalizá-los, reduzir os seus efetivos. Martin sempre acreditara que, se pudesse argumentar com uma pessoa, acabaria por ser capaz de chegar a um núcleo que poderia ser mudado. Mas, nos olhos de Frans, viu um núcleo que estava tão brutalmente protegido pela raiva e pelo ódio que nunca seria possível penetrar nele.

FJÄLLBACKA, 1944

– ISTO ESTÁ UMA DELÍCIA – DISSE VILGOT, SERVINDO-SE DE MAIS UMA PORÇÃO DE CAVALA FRITA. – ISTO ESTÁ REALMENTE DELICIOSO, BODIL.

A MULHER NÃO RESPONDEU, APENAS BAIXOU A CABEÇA, ALIVIADA. FICAVA SEMPRE GRATA QUANDO O MARIDO ESTAVA DE BOM HUMOR E PARECIA SATISFEITO COM ELA.

– NÃO TE ESQUEÇAS DISTO, RAPAZ – VILGOT APONTOU O GARFO PARA FRANS. – QUANDO DECIDIRES CASAR, CERTIFICA-TE DE QUE A RAPARIGA É BOA NA COZINHA E NA CAMA! – VILGOT RIU-SE TÃO ALTO QUE TODA A LÍNGUA FICOU VISÍVEL NA SUA BOCA.

– VILGOT! – EXCLAMOU BODIL, OLHANDO PARA O MARIDO, EMBORA NÃO SE ATREVESSE A MAIS DO QUE AQUELE FROUXO PROTESTO.

– ENTÃO, O RAPAZ TEM DE APRENDER ESTAS COISAS – DISSE VILGOT, SERVINDO-SE DE UMA ENORME PORÇÃO DE PURÉ DE BATATA. – É VERDADE, HOJE PODES ORGULHAR-TE DO TEU PAI, FRANS. RECEBI UMA CHAMADA DE GOTEMBURGO E DESCOBRI QUE A EMPRESA QUE PERTENCIA ÀQUELE JUDEU CHAMADO ROSENBERG FALIU, GRAÇAS À QUANTIDADE DE CLIENTES QUE LHE ROUBEI O ANO PASSADO. E ESTA? ACHO QUE É MOTIVO PARA UMA COMEMORAÇÃO! É ASSIM QUE TEMOS DE LIDAR COM ELES. PÔ-LOS DE JOELHOS, UM APÓS O OUTRO, TANTO FINANCEIRAMENTE COMO COM O CHICOTE! – VILGOT DEU UMA GARGALHADA TÃO SONORA QUE A SUA BARRIGA ESTREMECEU. O MOLHO DE MANTEIGA DO PEIXE ESCORRIA-LHE DA BOCA E BRILHAVA-LHE NO QUEIXO.

– NÃO SERÁ FÁCIL PARA ELE GANHAR A VIDA NOS DIAS QUE CORREM – DISSE BODIL, INCAPAZ DE SE CONTER. MAS A MULHER APERCEBEU-SE DO SEU ERRO ASSIM QUE ACABOU DE FALAR.

– EM QUE É QUE ESTÁS A PENSAR EXATAMENTE QUANDO DIZES ISSO,

MINHA QUERIDA? — PERGUNTOU VILGOT, FALSAMENTE EDUCADO, ENQUANTO POUSAVA OS TALHERES. — JÁ QUE TENS TANTA PENA DE UMA PESSOA DAQUELAS, GOSTAVA DE SABER COMO CHEGASTE A ESSE PONTO DE VISTA.

— NÃO É NADA. EU NÃO QUIS DIZER NADA COM AQUILO — RESPONDEU BODIL, QUE OLHOU PARA O COLO, ESPERANDO QUE AQUELE SINAL DE CAPITULAÇÃO FOSSE SUFICIENTE. MAS UM BRILHO TINHA APARECIDO NOS OLHOS DE VILGOT.

— NÃO, NÃO, ESTOU INTERESSADO NO QUE TENS PARA DIZER. VÁ, DIZ LÁ.

FRANS OLHOU PARA TRÁS E PARA A FRENTE, DA MÃE PARA O PAI, ENQUANTO UM NÓ COMEÇOU A FORMAR-SE NO SEU ESTÔMAGO. VIU COMO A MÃE TINHA COMEÇADO A TREMER QUANDO VILGOT FIXOU OS OLHOS NELA. E COMO O PAI ESTAVA COM AQUELE OLHAR VIDRADO! FRANS JÁ TINHA VISTO MUITAS VEZES AQUELE OLHAR. PONDEROU PEDIR PARA SAIR DA MESA, MAS APERCEBEU-SE DE QUE ERA TARDE DE MAIS PARA ISSO.

A VOZ DE BODIL EMBARGOU-SE, PELO QUE TEVE DE ENGOLIR EM SECO VÁRIAS VEZES, ANTES DE DIZER NERVOSAMENTE:

— EU SÓ ESTAVA A PENSAR NA FAMÍLIA DELE. A PENSAR QUE DEVE SER DIFÍCIL ENCONTRAR UMA NOVA FORMA DE SUSTENTAR OS SEUS, NOS TEMPOS QUE CORREM.

— ESTAMOS A FALAR DE UM JUDEU, BODIL — O TOM DE VILGOT ERA RECRIMINATÓRIO. E FALAVA DEVAGAR, COMO FALARIA COM UMA CRIANÇA. FOI EXATAMENTE AQUELE TOM DE VOZ QUE DESPERTOU ALGO EM BODIL.

ERGUEU A CABEÇA E DISSE, COM AR DE DESAFIO:

— OS JUDEUS TAMBÉM SÃO SERES HUMANOS. TÊM DE ARRANJAR COMIDA PARA PÔR NA BOCA DOS FILHOS, TAL COMO NÓS.

FRANS TEVE VONTADE DE GRITAR À MÃE QUE CALASSE A BOCA, QUE NÃO FALASSE ASSIM COM O PAI. AS CONSEQUÊNCIAS NUNCA ERAM BOAS QUANDO SE FALAVA ASSIM COM VILGOT. O QUE SE PASSAVA COM ELA? COMO PODIA ESTAR A DIZER-LHE AQUILO? A DEFENDER UM JUDEU? COMO É QUE ISSO PODERIA VALER O PREÇO QUE FRANS SABIA QUE A MÃE TERIA DE PAGAR?

DE REPENTE, SENTIU UM ÓDIO IRRACIONAL PELA MÃE. COMO PODIA SER TÃO ESTÚPIDA? NÃO SABIA QUE NUNCA ADIANTAVA DESAFIAR VILGOT? O MELHOR A FAZER ERA CURVAR A CABEÇA E FAZER O QUE ELE DISSESSE, NÃO OFERECER QUALQUER RESISTÊNCIA. ASSIM CONSEGUIRIAM LIVRAR-SE DAS CONSEQUÊNCIAS, PELO MENOS POR ALGUM TEMPO. MAS AQUELA MULHER ESTÚPIDA, TÃO ESTÚPIDA, TINHA ACABADO DE MOSTRAR A ÚNICA COISA QUE NINGUÉM DEVERIA NUNCA MOSTRAR A VILGOT RINGHOLM: UMA CENTELHA DE DESAFIO. FRANS ESTREMECEU PERANTE O PENSAMENTO DO BARRIL DE PÓLVORA QUE AQUELA PEQUENA CENTELHA ESTAVA PRESTES A INCENDIAR.

DE INÍCIO, A SALA FICOU MERGULHADA NO MAIS ABSOLUTO SILÊNCIO. VILGOT OLHOU PARA BODIL, PARECENDO INCAPAZ DE INTERIORIZAR O QUE TINHA OUVIDO. UMA VEIA LATEJAVA-LHE NO PESCOÇO E FRANS VIU O PAI CERRAR OS PUNHOS. TEVE VONTADE DE SALTAR DA MESA E COMEÇAR A CORRER ATÉ NÃO PODER MAIS. EM VEZ DISSO, SENTIU-SE COLADO À CADEIRA, INCAPAZ DE SE MOVER.

ENTÃO VEIO A EXPLOSÃO. O PUNHO DE VILGOT CRUZOU O AR E ATINGIU BODIL NO QUEIXO, LANÇANDO-A PARA TRÁS. A CADEIRA TOMBOU E BODIL CAIU NO CHÃO COM UM BAQUE FORTE. A MÃE ARFAVA COM DORES, UM SOM QUE ERA TÃO FAMILIAR A FRANS QUE PODIA SENTI-LO NA MEDULA DOS OSSOS. MAS EM VEZ DE SENTIR COMPAIXÃO, FRANS FICOU AINDA MAIS ENFURECIDO. PORQUE NÃO PODIA A MÃE TER FICADO CALADA? PORQUE ESTAVA A OBRIGÁ-LO A TESTEMUNHAR AQUILO?

— ENTÃO GOSTAS MUITO DOS JUDEUS, NÃO É? — DISSE VILGOT, LEVANTANDO-SE. — RESPONDE-ME! GOSTAS DOS JUDEUS OU NÃO?

BODIL TINHA CONSEGUIDO VIRAR-SE E ESTAVA AGORA DE GATAS, LUTANDO PARA RECUPERAR O FÔLEGO.

VILGOT FEZ PONTARIA E PONTAPEOU-A NO VENTRE.

— GOSTAS OU NÃO? RESPONDE-ME! TENHO UMA PESSOA QUE GOSTA DE JUDEUS EM MINHA CASA? NA MINHA PRÓPRIA CASA? EU?

BODIL NÃO RESPONDEU, AO MESMO TEMPO QUE, COM GRANDE ESFORÇO, TENTAVA ARRASTAR-SE PARA LONGE. VILGOT SEGUIU-A E DEPOIS DESFERIU-LHE OUTRO PONTAPÉ NO VENTRE. A MULHER ENCOLHEU-SE E

FICOU PARA ALI, CAÍDA NO CHÃO, MAS DEPOIS CONSEGUIU PÔR-SE NOVAMENTE DE GATAS E FEZ NOVA TENTATIVA DE FUGIR.

— ÉS UMA CABRA, É O QUE TU ÉS! A PORRA DE UMA CADELA QUE GOSTA DE JUDEUS! — VILGOT CUSPIA AS PALAVRAS E, QUANDO FRANS OLHOU PARA O ROSTO DO PAI, VIU UM OLHAR DE PRAZER. VILGOT FEZ PONTARIA E PONTAPEOU NOVAMENTE BODIL, AO MESMO TEMPO QUE LHE LANÇAVA UMA TORRENTE DE PALAVRÕES. ENTÃO, OLHOU PARA FRANS. O ROSTO BRILHAVA-LHE DE EXCITAÇÃO, UMA EXPRESSÃO QUE FRANS CONHECIA MUITO BEM.

— ORA BEM, MEU RAPAZ, AGORA VOU ENSINAR-TE COMO LIDAR COM AS CADELAS. É A ÚNICA LINGUAGEM QUE ELAS ENTENDEM. OBSERVA E APRENDE — VILGOT ARFAVA QUANDO TIROU O CINTO E DESABOTOOU AS CALÇAS, MANTENDO OS OLHOS FIXOS EM FRANS. DEPOIS, DEU ALGUNS PASSOS EM DIREÇÃO A BODIL, QUE CONSEGUIRA RASTEJAR PARA UM CANTO. AGARROU-LHE O CABELO COM UMA MÃO E PUXOU-LHE A SAIA COM A OUTRA.

— NÃO, NÃO, NÃO... OLHA O... FRANS — IMPLOROU BODIL. VILGOT LIMITOU-SE A RIR QUANDO LHE PUXOU A CABEÇA PARA TRÁS E A PENETROU COM UM RUGIDO.

O NÓ NO ESTÔMAGO DE FRANS SOLIDIFICOU-SE NUMA MASSA GRANDE E FRIA DE ÓDIO. E QUANDO A MÃE VIROU A CABEÇA E ENCONTROU OS SEUS OLHOS, ALI, DE JOELHOS, ENQUANTO O PAI A PENETRAVA FURIOSAMENTE, FRANS PERCEBEU QUE A ÚNICA COISA QUE PODIA FAZER PARA SOBREVIVER ERA AGARRAR-SE COM UNHAS E DENTES ÀQUELE ÓDIO.

§

KJELL PASSOU A MANHÃ DE SÁBADO NO ESCRITÓRIO. Beata tinha levado as crianças e ido visitar os pais; portanto, aquela parecera-lhe a oportunidade perfeita para pesquisar um pouco acerca de Hans Olavsen. Até ao momento, Kjell estava completamente às escuras. Havia demasiados noruegueses com o mesmo nome naquela época e, se não encontrasse algo que permitisse eliminar alguns deles, aquela revelar-se-ia uma tarefa impossível.

Tinha lido vezes sem conta os artigos que Erik lhe dera, mas ainda não conseguira descobrir o que deveria fazer com aquelas informações fragmentadas. Aquilo era o que mais o surpreendia. Se Erik Frankel pretendia dar-lhe uma história, porque não lhe tinha dito abertamente de que se tratava? Qual era o motivo daquela abordagem enigmática? Kjell suspirou. A única coisa que os artigos lhe diziam sobre Hans Olavsen era que tinha pertencido à resistência durante a Segunda Guerra Mundial. Por um segundo, Kjell pensou perguntar ao pai se ele sabia mais alguma coisa sobre o norueguês, mas descartou imediatamente a ideia. Preferia passar uma centena de horas enfiado num arquivo qualquer do que procurar a ajuda do pai.

Um arquivo. Era uma ideia. Haveria algum tipo de base de dados na Noruega que listasse as pessoas que tinham feito parte da resistência? Muito havia certamente sido escrito sobre o assunto e alguém devia tê-lo pesquisado e tentado traçar a história do movimento. Havia sempre alguém que o fazia.

Abriu o navegador da Internet e efetuou uma série de pesquisas utilizando várias combinações de palavras até que, finalmente,

encontrou o que procurava. Um homem chamado Eskil Halvorsen tinha escrito vários livros sobre a Noruega durante a Segunda Guerra Mundial e em particular sobre a resistência. Era com esse homem que precisava de falar. Kjell encontrou uma lista telefônica *online* da Noruega e localizou o número de Halvorsen. Pegou imediatamente no telefone e carregou nos dígitos. Mas teve de remarcar o número, porque, na sua excitação, tinha-se esquecido de começar por marcar o código de país da Noruega. Não estava preocupado por poder incomodar o homem numa manhã de sábado; um jornalista não podia dar-se ao luxo de ter esse tipo de escrúpulos.

Depois de esperar impacientemente durante alguns segundos, Kjell ouviu por fim uma voz do outro lado da linha. Kjell apresentou-se e explicou que estava a tentar localizar um homem chamado Hans Olavsén que tinha feito parte da resistência durante a guerra e posteriormente fugido para a Suécia.

– Quer dizer que não encontrou esse nome na sua pesquisa? – dececionado, Kjell ia desenhando círculos no bloco-notas. – Sim, compreendo que estamos a falar de milhares de pessoas que estavam ativas na resistência, mas haverá alguma possibilidade de... – o jornalista continuava a desenhar febrilmente no bloco-notas enquanto ouvia um longo discurso sobre a estrutura organizacional da resistência norueguesa. Era sem dúvida um assunto fascinante, especialmente considerando que o neonazismo era a sua especialidade, mas Kjell não queria perder de vista a sua busca. – Existe algum arquivo que liste o nome de todos os combatentes da resistência? Muito bem, quer dizer que existe realmente alguma documentação? Será que me podia ajudar a verificar se há alguma menção a Hans Olavsén e, sobretudo, se há alguma referência acerca de onde Hans possa estar atualmente? Ficar-lhe-ia muito grato. Ah, é verdade, Hans veio para a Suécia em 1944, para Fjällbacka, se é que esta informação lhe serve para alguma coisa.

Kjell desligou o telefone, satisfeito consigo mesmo. Podia não ter conseguido a pista que esperara, mas estava convencido de que, se

havia alguém capaz de desenterrar informações sobre Hans Olavsén, fora com essa pessoa que acabara de falar.

E, entretanto, havia algo que ele próprio podia fazer. A biblioteca de Fjällbacka talvez tivesse mais informações sobre o norueguês. Pelo menos, valia a pena tentar. Kjell olhou de relance para o relógio. Se saísse naquele momento, conseguiria lá chegar antes que a biblioteca fechasse. Pegou no casaco, desligou o computador e saiu do escritório.

Longe dali, Eskil Halvorsen já tinha começado a procurar informações sobre Hans Olavsén, o resistente.

Maja ainda estava agarrada à boneca quando a puseram no carro. Erica ficara muito comovida com o gesto da senhora e era maravilhoso ver como Maja se tinha apaixonado instantaneamente pela boneca.

– Que senhora tão simpática – disse a Patrik, que se limitou a acenar com a cabeça enquanto se concentrava na condução através do tráfego de Gotemburgo, com as suas ruas de sentido único e elétricos tilintantes que pareciam surgir do nada.

– Onde havemos de estacionar? – perguntou Patrik, olhando em redor.

– Ali há um lugar – Erica apontou e Patrik encostou o carro e estacionou.

– Se calhar é melhor que tu e a Maja não entrem na loja comigo – disse Erica, retirando a cadeirinha da mala do carro. – Não me parece que uma loja de antiguidades seja o ambiente adequado para esta diabinha... sabes como ela gosta de pôr as mãos em tudo o que vê.

– Acho que tens razão – disse Patrik, sentando Maja na cadeirinha. – Nós vamos dar um passeio. Mas depois vais ter de contar-me tudo.

– Prometido – Erica acenou a Maja e dirigiu-se para a morada que lhe tinha sido dada por telefone. A loja de antiguidades ficava na zona de Guldheden e Erica encontrou-a facilmente. Uma campainha tocou quando entrou, e um homem baixo e magro de barba comprida saiu por detrás de uma cortina.

– Posso ajudá-la? – perguntou educadamente e com uma expressão de expectativa.

– Olá, sou Erica Falck. Ontem falámos ao telefone – Erica aproximou-se do homem e estendeu-lhe a mão.

– *Enchanté* – disse o antiquário e, para grande surpresa de Erica, beijou-lhe a mão. Não conseguia lembrar-se da última vez que alguém lhe beijara a mão. Se é que isso alguma vez tinha acontecido. – Ora bem, creio que tem uma medalha acerca da qual gostava de saber mais coisas, não é verdade? Entre e podemos sentar-se enquanto eu lhe dou uma vista de olhos – o antiquário afastou a cortina e segurou-a para que Erica passasse. Esta teve de baixar-se ligeiramente para conseguir passar por uma porta anormalmente baixa. Depois, Erica estacou. Ícones russos cobriam cada centímetro das paredes daquele recanto escuro, que apenas tinha espaço para uma pequena mesa e duas cadeiras.

– São a minha paixão – disse o homem, que ao telefone se tinha apresentado como Åke Grundén. – Tenho uma das melhores coleções de ícones russos da Suécia – acrescentou com orgulho quando se sentaram.

– São lindos – disse Erica, olhando para os ícones.

– Oh, eles são muito mais do que isso, minha querida, muito mais do que isso – retorquiu o antiquário, que praticamente brilhava de orgulho ao contemplar a sua coleção. – São portadores de uma história e de uma tradição que é... magnífica – Åke interrompeu-se e pôs uns óculos. – Mas eu tenho tendência a tornar-me fastidiosamente lírico quando começo a falar deste assunto; portanto, é melhor voltarmos a nossa atenção para aquilo que a trouxe aqui. Devo dizer-lhe que me pareceu interessante.

– Bem, julgo saber que tem outra paixão: as medalhas da Segunda Guerra Mundial.

Åke espreitou Erica por cima dos aros dos óculos.

– É fácil ficarmos um pouco isolados quando optamos por dar prioridade a artefactos antigos em vez de nos rodearmos de outras

peças. Não estou inteiramente convencido de ter feito a escolha acertada, mas agora é fácil dizer estas palavras sábias – o antiquário sorriu e Erica retribuiu-lhe o sorriso. O homem possuía um sentido de humor sereno e mordaz que lhe agradava.

Enfiou a mão no bolso e, com cuidado, retirou a medalha envolta no tecido ao mesmo tempo que Åke ligava um candeeiro com uma lâmpada de alta intensidade que estava sobre a mesa. O antiquário observou com reverência Erica a desembulhar a medalha.

– Ah! – exclamou, já com a medalha na palma da mão. Estudou-a atentamente, virou-a e revirou-a sob a luz forte da lâmpada, semicerrando os olhos para não perder o mais ínfimo pormenor.

– Onde encontrou isto? – perguntou por fim Åke, espreitando Erica por cima dos aros dos óculos.

Erica falou-lhe do baú que pertencera à mãe e de como tinha encontrado a medalha no interior.

– E, tanto quanto saiba, a sua mãe não tinha qualquer ligação com a Alemanha?

Erica abanou a cabeça.

– Nada de que tenha ouvido falar, pelo menos. Mas Fjällbacka, onde a minha mãe viveu e cresceu, fica perto da fronteira norueguesa. De acordo com algumas pesquisas que tenho feito, muitos habitantes locais estiveram envolvidos na ajuda à resistência norueguesa durante a guerra. O meu avô materno permitia que as pessoas contrabandeassem bens para a Noruega no seu barco. Perto do final da guerra até trouxe um resistente norueguês para a Suécia e deu-lhe alojamento.

– Sim, houve sem dúvida bastante contacto entre as cidades costeiras dos nossos dois países durante a ocupação alemã da Noruega... – Åke disse-o como se estivesse a pensar em voz alta enquanto continuava a estudar a medalha. – Bem, não faço ideia de como isto foi parar às mãos da sua mãe – afirmou o antiquário –, mas posso dizer-lhe o seguinte: o que tem aqui é uma Cruz de Ferro, uma medalha atribuída por atos particularmente valorosos em nome da

Alemanha.

– Existe alguma espécie de lista de pessoas que receberam essa medalha? – perguntou esperançosamente Erica. – Diga-se o que se disser acerca dos Alemães, eram bons administradores durante a guerra e certamente deve haver algum arquivo...

Åke abanou a cabeça.

– Não, não há nenhuma lista que eu conheça. Havia vários graus de Cruz de Ferro; esta é a que é conhecida por Cruz de Ferro de Primeira Classe e não é particularmente rara. Foram atribuídas cerca de 450 mil durante a guerra, por isso seria impossível localizar a pessoa que a recebeu.

Depois de todos os reveses recentes, Erica estava a depositar grandes esperanças na medalha. Era amargamente decepcionante ter ido parar a mais um beco sem saída. Levantou-se e agradeceu a Åke, esticando o braço para o cumprimentar. Mas o antiquário beijou-lhe novamente a mão e disse:

– Desculpe, gostava de ter podido ser-lhe mais útil.

– Fico-lhe muito grata à mesma – disse Erica, abrindo a porta. – Vou ter de continuar a procurar. Tenho imenso interesse em descobrir porque tinha a minha mãe esta medalha no meio dos seus pertences.

Mas, quando a porta se fechou atrás dela, Erica sentiu-se completamente desanimada. Não acreditava que alguma vez fosse conseguir resolver o mistério da medalha.

SACHSENHAUSEN, 1945

PASSOU GRANDE PARTE DA VIAGEM ENVOLTO NUMA ESPESSA NÉVOA. O QUE MELHOR RECORDAVA ERA COMO O OUVIDO SUPURARA E LHE DOÍA. ESTAVA SENTADO NUM VAGÃO DE CARGA NO COMBOIO PARA A ALEMANHA, AMONTOADO COM MUITOS OUTROS PRISIONEIRO DE GRINI E INCAPAZ DE SE CONCENTRAR NOUTRA COISA QUE NÃO FOSSE A SUA CABEÇA, QUE PARECIA PRESTES A EXPLODIR. MESMO QUANDO SOUBE QUE IAM SER TRANSFERIDOS PARA A ALEMANHA, REAGIU COM UMA LASSIDÃO INDOLENTE. EM CERTO SENTIDO, A NOTÍCIA FORA UM ALÍVIO. SABIA QUE A ALEMANHA SIGNIFICAVA A MORTE. NINGUÉM SABIA EXATAMENTE O QUE ESPERAR, MAS TINHA HAVIDO SUSSURROS, PALPITES E RUMORES SOBRE O DESTINO QUE OS ESPERAVA. TINHAM SIDO DESIGNADOS PRISIONEIRO NN, A ABREVIATURA DAS PALAVRAS ALEMÃS NACHT UND NEBEL – NOITE E NEVOEIRO. COMO TAL, NÃO TERIAM DIREITO A QUALQUER PROCESSO JUDICIAL, NENHUMA SENTENÇA SERIA LAVRADA E A FAMÍLIA NUNCA SABERIA O SEU DESTINO: IRIAM SIMPLEMENTE DESAPARECER NA NOITE E NO NEVOEIRO.

AXEL PENSARA QUE ESTAVA PREPARADO PARA O QUE QUER QUE O ESPERASSE QUANDO DESCEU DO COMBOIO NA ALEMANHA. MAS NADA PODERIA TÊ-LO PREPARADO PARA A REALIDADE. O COMBOIO LEVARA-OS AO INFERNO. UM INFERNO SEM FOGO A ARDER DEBAIXO DOS SEUS PÉS, MAS MESMO ASSIM UM INFERNO.

ESTAVA ALI HÁ VÁRIAS SEMANAS E O QUE TINHA VISTO DURANTE ESSE TEMPO ASSOMBRAVA-O TODAS AS NOITES NOS SEUS SONHOS INQUIETOS E ENCHIA-O DE ANSIEDADE TODAS AS MANHÃS, QUANDO ERAM FORÇADOS A LEVANTAR-SE ÀS TRÊS HORAS E A TRABALHAR SEM INTERRUPÇÃO ATÉ ÀS NOVE DA NOITE.

OS PRISIONEIRO NN SOFRIAM MAIS DO QUE OS OUTROS. ERAM CONSIDERADOS COMO JÁ ESTANDO MORTOS E, COMO TAL, ESTAVAM NO FUNDO DA HIERARQUIA. DE MODO A NÃO HAVER ENGANOS, TODOS ELES TINHAM UM «N» VERMELHO NAS COSTAS. O VERMELHO INDICAVA QUE ERAM PRESOS POLÍTICOS. OS CRIMINOSOS USAVAM SÍMBOLOS VERDES E HAVIA UMA BATALHA CONSTANTE ENTRE AS DUAS CORES PELA PREDOMINÂNCIA NO CAMPO. O ÚNICO CONSOLO ERA QUE OS PRISIONEIRO NÓRDICOS TINHAM JUNTADO FORÇAS. ESTAVAM ESPALHADOS POR TODO O CAMPO; PORÉM, TODAS AS NOITES, DEPOIS DO TRABALHO, REUNIAM-SE PARA FALAR SOBRE O QUE ESTAVA A ACONTECER. AQUELES QUE CONSEGUIAM DISPENSÁ-LA CORTAVAM UMA PEQUENA PARTE DA SUA RAÇÃO DIÁRIA DE PÃO. AS FATIAS ERAM ENTÃO RECOLHIDAS E DISTRIBUÍDAS AOS PRISIONEIRO NÓRDICOS QUE ESTAVAM DOENTES NA ENFERMARIA. ESTAVAM TODOS DETERMINADOS A QUE O MAIOR NÚMERO POSSÍVEL DE ESCANDINAVOS REGRESSASSE A CASA. MAS HAVIA MUITOS QUE JÁ NÃO PODIAM SER AJUDADOS. AXEL DEPRESSA PERDEU A CONTA A TODOS OS PRISIONEIRO QUE MORRERAM.

OLHOU PARA A MÃO QUE SEGURAVA A PÁ. ERA POUCO MAIS DO QUE OSSO; QUASE NÃO HAVIA CARNE, APENAS A PELE ESTICADA SOBRE OS NÓS DOS DEDOS. SENTINDO-SE FRACO, INCLINOU-SE SOBRE A PÁ DURANTE UM MOMENTO EM QUE O GUARDA MAIS PRÓXIMO DESVIOU O OLHAR, MAS DEPOIS APRESSOU-SE A CONTINUAR A CAVAR ASSIM QUE O GUARDA SE VIROU NOVAMENTE NA SUA DIREÇÃO. CADA PAZADA FAZIA-O ARFAR COM O ESFORÇO. AXEL FORÇOU-SE POR NÃO PENSAR POR UM MOMENTO QUE FOSSE NO MOTIVO PELO QUAL ELE E OS OUTROS PRISIONEIRO ESTAVAM A CAVAR. TINHA COMETIDO ESSE ERRO APENAS UMA VEZ, NO PRIMEIRO DIA. E AINDA PODIA VER A CENA DE CADA VEZ QUE FECHAVA OS OLHOS. O IMENSO MONTE DE CADÁVERES. ESQUELETOS MAGRÍSSIMOS QUE TINHAM SIDO AMONTOADOS COMO LIXO E QUE ESTAVAM AGORA A SER ATRADOS PARA UMA VALA COMUM, EMARANHADOS UNS NOS OUTROS. ERA MELHOR NÃO OLHAR. APENAS CAPTOU UM VISLUMBRE PELO CANTO DO OLHO ENQUANTO SE ESFORÇAVA POR DESPEJAR TERRA SUFICIENTE NA VALA PARA NÃO PROVOCAR O DESAGRADO DOS GUARDAS.

DE REPENTE, O PRISIONEIRO AO SEU LADO CAIU AO CHÃO. TÃO MAGRO E MALNUTRIDO COMO AXEL, O HOMEM TOMBOU SIMPLEMENTE, INANIMADO, E FOI INCAPAZ DE VOLTAR A PÔR-SE DE PÉ. AXEL PENSOU EM APROXIMAR-SE PARA AJUDÁ-LO MAS, COMO SEMPRE, AFASTOU O PENSAMENTO. NAQUELE MOMENTO, TODAS AS SUAS CADA VEZ MAIS ESCASSAS RESERVAS DE ENERGIA ERAM DEDICADAS À SUA PRÓPRIA SOBREVIVÊNCIA. ESSA ASSIM A VIDA NOS CAMPOS: CADA UM TINHA DE CUIDAR DE SI PRÓPRIO E TENTAR SOBREVIVER DA MELHOR MANEIRA POSSÍVEL. OS PRISIONEIROs POLÍTICOS ALEMÃES JÁ ESTAVAM HÁ MUITO NO CAMPO E AXEL OUVIA OS SEUS CONSELHOS. «NIE AUFFALLEN» – DIZIAM: NÃO CHAMES A ATENÇÃO, NÃO TENTES FUGIR. O IDEAL ERA POSICIONAR-SE DISCRETAMENTE NO MEIO E MANTER A CABEÇA BAIXA SEMPRE QUE HAVIA QUALQUER INDÍCIO DE PROBLEMAS. E, ASSIM, AXEL VIU COM INDIFERENÇA COMO O GUARDA SE APROXIMOU DO PRISIONEIRO CAÍDO, LHE PEGOU NO BRAÇO E O ARRASTOU PARA O CENTRO DA COVA, NA PARTE MAIS FUNDA, QUE JÁ TINHAM TERMINADO DE ESCAVAR. ENTÃO, CALMAMENTE, O GUARDA SUBIU PELA PAREDE DE TERRA E DEIXOU O PRISIONEIRO PARA TRÁS. NÃO IA DESPERDIÇAR BALAS COM ELE. ERAM TEMPOS DIFÍCEIS, PORQUÊ DESPERDIÇAR UMA BALA EM ALGUÉM QUE, AFINAL, ESTAVA PRATICAMENTE MORTO? UM POR UM, OS CADÁVERES DO GRANDE MONTE SERIAM ATRADOS PARA CIMA DELE. SE AINDA NÃO ESTIVESSE MORTO, DEPRESSA MORRERIA ASFIXIADO.

AXEL DESVIOU O OLHAR DO PRISIONEIRO NA VALA E CONTINUOU A CAVAR NO SEU CANTO. JÁ NÃO PENSAVA NAQUELES QUE DEIXARA NA SUA TERRA NATAL. SE QUERIA SOBREVIVER, NÃO HAVIA ESPAÇO PARA ESSES PENSAMENTOS.

§

DOIS DIAS MAIS TARDE, ERICA AINDA SE SENTIA DESANIMADA. Sabia que também era esse o estado de ânimo de Patrik, depois da sua tentativa de descobrir o motivo dos pagamentos mensais de Erik Frankel. Mas nenhum deles estava ainda pronto para desistir. Patrik esperava encontrar alguma coisa nos documentos deixados por Wilhelm Fridén, ao passo que Erica estava determinada a continuar a sua pesquisa, tentando todos os ângulos possíveis, até encontrar alguma coisa.

Erica tinha-se retirado para o seu escritório para escrever um pouco, mas não conseguia concentrar-se no livro. Havia demasiadas coisas a redemoinhar-lhe na mente. Pegou no pacote de *Dumlekola*, apreciando o sabor a cola à medida que o chocolate se derretia na boca. Teria de acabar com aquele hábito muito em breve. Mas tinha acontecido tanta coisa nos últimos dias que não podia negar-se o prazer de uma pequena guloseima de vez em quando. Preocupar-se-ia com isso mais tarde. Tinha conseguido perder peso para o seu casamento, na primavera, por pura força de vontade. Portanto, estava convencida de que poderia fazê-lo novamente. Mas não nesse dia.

– Erica! – chamou Patrik do rés do chão. Erica foi até ao patamar para saber o que queria o marido.

– A Karin telefonou. A Maja e eu vamos sair para dar um passeio com ela e com o Ludde.

– Está bem – disse Erica, resmungando um pouco, porque ainda estava a chupar o *Dumlekola*. Regressou ao escritório e sentou-se à frente do computador. Ainda não tinha decidido o que pensava acerca dos passeios que Patrik dava com Karin. A ex-mulher de Patrik

parecia boa pessoa e já passara muito tempo desde que se tinham divorciado. Erica estava convencida de que, pelo menos no que dizia respeito a Patrik, a relação deles já passara à história. No entanto... Era estranho vê-lo sair para estar com a ex-mulher. Afinal, em tempos tinham partilhado uma cama. Erica abanou a cabeça para se livrar da imagem que lhe passou pela mente e, em seguida, consolou-se com outro doce. Precisava mesmo de se recompor. Nunca fora uma pessoa ciumenta.

Para se abstrair do assunto, abriu o navegador da Internet. Ocorreu-lhe uma ideia e, cheia de expectativa, Erica digitou «*Ignoto militi*» no navegador da Internet. Apareceu um monte de resultados. Erica escolheu o primeiro e leu com interesse o que dizia. Agora lembrava-se porque é que as palavras lhe tinham soado familiares. Há muito tempo, numa viagem escolar a Paris, tinha sido levada a visitar o Arco do Triunfo. E o túmulo do soldado desconhecido. «*Ignoto militi*» significava simplesmente «Ao soldado desconhecido».

Erica franziu a testa enquanto lia. Mais perguntas formavam-se na sua mente. Seria mera coincidência que Erik Frankel tivesse rabiscado aquelas palavras no bloco-notas que estava sobre a sua mesa? Ou será que tinham algum significado especial para ele? E, em caso afirmativo, qual? Continuou a ler o que aparecia no ecrã, mas não encontrou nada de interesse, de modo que tentou outras ligações que tinham aparecido no motor de busca. Com um terceiro *Dumlekola* na boca, Erica apoiou os pés no tampo da secretária, pensando no que fazer a seguir. De repente, ocorreu-lhe que havia alguém que talvez fosse capaz de lhe dizer mais. Era um tiro no escuro, mas... Correu escadas abaixo, pegou na chave do carro que estava sobre a consola do vestíbulo e partiu para Uddevalla.

Quarenta e cinco minutos mais tarde, Erica tinha estacionado e estava sentada no parque de estacionamento do hospital, hesitando ao aperceber-se de que não tinha verdadeiramente um plano. Tinha-lhe sido relativamente fácil saber pelo telefone em que piso estava Herman, mas não fazia ideia se estaria autorizada a vê-lo. Bem, já que

tinha ido até ali, mais valia fazer uma tentativa. Apenas teria de improvisar.

Primeiro, passou pela loja do átrio e comprou um grande buquê. Apanhou o elevador, saiu no piso adequado e depois caminhou confiantemente até ao quarto onde estava Herman. Ninguém pareceu reparar nela. Erica olhou para os números dos quartos. Trinta e cinco: era o quarto de Herman. Só esperava que o homem estivesse sozinho. Se as filhas estivessem com ele, não ia ser tarefa fácil.

Respirando fundo, Erica abriu a porta. Que alívio. Não havia visitas. Entrou e fechou cuidadosamente a porta atrás dela. Havia duas camas no quarto e Herman estava deitado numa delas. O seu companheiro de quarto parecia estar a dormir. Herman, por outro lado, estava acordado e olhava no vazio com os braços sobre o lençol.

– Olá, Herman – disse calmamente Erica, puxando uma cadeira para junto da cama. – Não sei se se lembra de mim. Fui a sua casa visitar a Britta. E o senhor ficou furioso comigo.

De início, Erica pensou que Herman não podia ou não queria ouvi-la. Então, o homem virou-se lentamente para olhar para ela.

– Eu sei quem você é. A filha de Elsy.

– Exatamente, a filha de Elsy – Erica sorriu.

– Também estive em nossa casa... há uns dias – disse Herman, olhando para Erica sem pestanejar. Erica sentiu-se preenchida por uma estranha ternura por aquele homem. Imaginou-o deitado ao lado da mulher morta, estreitando-a num abraço apertado. E agora parecia tão pequeno naquela cama de hospital, pequeno e frágil. Já não era o mesmo homem que gritara com ela por perturbar Britta.

– Sim, eu estive em sua casa. Com Margareta – disse Erica. Herman apenas assentiu. Nenhum dos dois falou por alguns momentos. Por fim, Erica disse: – Tenho andado a investigar a vida da minha mãe. Foi assim que me deparei com o nome da Britta. E quando falei com ela tive a sensação de que sabia mais do que me quis dizer. Ou do que foi capaz de dizer-me. – Herman sorriu com uma expressão estranha, mas não respondeu. Erica prosseguiu: – Além disso, parece-

me uma estranha coincidência que duas das três pessoas que eram amigas da minha mãe quando era jovem tenham morrido num intervalo de tempo tão curto. – Erica permaneceu em silêncio, à espera da resposta de Herman.

Uma lágrima escorreu-lhe pela face e o homem levantou a mão para a limpar.

– Eu matei-a – declarou, olhando novamente no vazio. – Eu matei-a.

Erica ouviu o que Herman disse e, de acordo com Patrik, não havia realmente nada para contradizer a sua declaração. Mas Erica também sabia que Martin estava cético, assim como ela própria. E havia aquele tom estranho na voz de Herman que não conseguia interpretar.

– Sabe o que foi que a Britta não quis dizer-me? Foi alguma coisa que aconteceu durante a guerra? Era alguma coisa que dizia respeito à minha mãe? Acho que tenho o direito de saber – insistiu Erica. Esperava não estar a pressioná-lo demasiado, já que Herman estava claramente vulnerável, mas queria desesperadamente descobrir o que acontecera no passado da mãe que pudesse ter contribuído para a mudança drástica que Elsy tinha sofrido. Como não recebeu qualquer resposta, Erica prosseguiu: – Quando a Britta começou a ficar confusa quando eu a fui visitar, disse algo sobre um soldado desconhecido que estava a sussurrar. O senhor sabe o que quereria Britta dizer com isto? A sua mulher pensou que eu era a Elsy, quando disse aquilo, não a filha da Elsy. Um soldado desconhecido... sabe alguma coisa acerca disso?

Inicialmente, Erica não conseguiu identificar o som que Herman emitiu. Mas depois percebeu que o homem estava a rir-se. Uma imitação infinitamente triste de uma risada. Erica não compreendia onde estava a graça.

– Pergunte ao Paul Heckel. E ao Friedrich Hück. Eles podem responder às suas perguntas – Herman começou novamente a rir-se, cada vez mais alto, até que toda a cama começou a estremecer.

O riso de Herman assustava Erica mais do que as suas lágrimas, porém, mesmo assim, perguntou:

– Quem são eles? Onde posso encontrá-los? O que têm eles que ver com tudo isto? – Erica teve vontade de dar um valente abanão a Herman para o obrigar a responder às suas perguntas, extrair-lhe uma explicação à força; porém, nesse momento, a porta abriu-se.

– O que está a acontecer aqui? – perguntou um médico, da entrada. Estava de braços cruzados e tinha uma expressão severa no rosto.

– Peço imensa desculpa, enganei-me no quarto. Mas este senhor pediu-me que conversasse um pouco com ele. E depois... – Erica levantou-se bruscamente e correu porta fora, lançando um olhar envergonhado ao médico.

O coração de Erica martelava-lhe o peito quando regressou ao carro. Herman tinha-lhe dado dois nomes. Dois nomes alemães de que nunca tinha ouvido falar, nomes que não significavam nada para ela. Que teriam os dois alemães que ver com toda aquela história? Estariam de alguma forma ligados a Hans Olavsen? Afinal, o norueguês tinha lutado contra os Alemães, antes de fugir para a Suécia.

Os dois nomes rodopiaram na mente de Erica durante todo o caminho de regresso a Fjällbacka: Paul Heckel e Friedrich Hück. Tinha a certeza de que nunca ouvira aqueles nomes. Então, porque seria que lhe pareciam vagamente familiares?

– Martin Molin – o jovem agente atendeu o telefone ao primeiro toque e, em seguida, ouviu atentamente por alguns minutos, interrompendo o seu interlocutor apenas para fazer algumas perguntas. Depois, pegou no bloco, no qual tinha tomado algumas notas durante a conversa telefónica, e dirigiu-se ao gabinete de Mellberg. Foi encontrá-lo sentado no chão, com as pernas esticadas e esforçando-se para tocar nos dedos dos pés. Sem sucesso.

– Eu... Desculpe. Estou a interromper alguma coisa? – perguntou Martin, que tinha estacado à entrada.

Ernst, pelo menos, parecia feliz ao vê-lo. Aproximou-se, abanando a cauda e começou a lambê-lo a mão. Mellberg não respondeu,

limitando-se a franzir a testa enquanto lutava para se levantar do chão. Para sua grande irritação, o superintendente acabou por ter de admitir a derrota e esticou a mão a Martin, que o ajudou a levantar-se

– Estava só a fazer alguns alongamentos – resmungou Mellberg, dirigindo-se rapidamente à sua cadeira. Captou o sorriso no rosto de Martin e disparou: – Queres alguma coisa em concreto ou apenas te apeteceu interromper-me sem qualquer motivo?

Mellberg alcançou a última gaveta da secretária e retirou lá de dentro um doce de *marshmallow*³¹ de coco. *Ernst* farejou o ar e dirigiu-se rapidamente à fonte daquele cheiro delicioso e agora completamente familiar, olhando para o dono com olhos húmidos e suplicantes. Mellberg tentou lançar um olhar severo ao cão, mas depois cedeu e retirou da gaveta um segundo *marshmallow*, que atirou a *Ernst*. O doce desapareceu na boca do cão em dois segundos.

– O seu cão está a ganhar barriga – comentou Martin, lançando um olhar preocupado a *Ernst*, cuja barriga estava a começar a ficar parecida com a do dono.

– Ah, o *Ernst* está bem. Um pouco de peso a mais não faz mal a ninguém – disse Mellberg com satisfação, acariciando a sua própria barriga de cerveja.

Martin esqueceu aquele assunto e sentou-se à frente de Mellberg.

– Acabo de receber um telefonema de Pedersen. E também recebi um relatório de Torbjörn hoje de manhã. A hipótese preliminar foi confirmada. Britta Johansson foi realmente assassinada. Sufocada com a almofada que estava ao lado dela na cama.

– E como é que... – começou Mellberg.

– Ora bem – interrompeu Martin, consultando o bloco-notas. – Pedersen utilizou a linguagem hermética do costume, mas em termos leigos, a vítima tinha uma pena da almofada na garganta. Provavelmente, foi lá parar quando estava a tentar respirar com a almofada pressionada contra o rosto. Pedersen também procurou vestígios de fibras na garganta de Britta Johansson e descobriu fibras de algodão que coincidem com as da almofada. Além disso, detetou

lesões nos ossos do pescoço da vítima, o que mostra que alguém exerceu pressão direta sobre essa zona. Provavelmente com as mãos. Procuraram impressões digitais na pele de Britta mas, infelizmente, não encontraram nenhuma.

– Bem, isso parece bastante claro. Pelo que tenho ouvido, Britta Johansson estava doente. Um bocado avariada – disse Mellberg, apontando o dedo indicador à testa.

– A vítima tinha Alzheimer – retorquiu Martin em tom recriminatório.

– Sim, sim, eu sei – disse Mellberg, desvalorizando a reação irritada de Molin. – Mas não me digas que achas que foi outra pessoa que não o velho a matá-la. Foi provavelmente um desses... assassínios misericordiosos – acrescentou, satisfeito com os seus poderes de dedução, e depois recompensou-se com mais outro *marshmallow*.

– Quer dizer... Bem, talvez – disse relutantemente Martin, virando a página do bloco-notas. – Mas, de acordo com Torbjörn, foi encontrada uma impressão digital na fronha. Geralmente é muito difícil recolher impressões digitais em tecidos; porém, neste caso a fronha estava fechada por um par de botões brilhantes e havia uma impressão digital clara de um polegar num deles. E não pertence a Herman – disse Martin com bastante firmeza.

Mellberg franziu a testa e, por um momento, lançou-lhe um olhar preocupado. Então, o rosto do superintendente iluminou-se.

– Provavelmente a impressão digital é de uma das filhas. Verifica isso, só para termos a certeza, para podermos confirmar. E depois liga para o médico do hospital e diz-lhe para dar a porra de um tratamento com choques elétricos ou o que for preciso para reanimar o marido de Britta Johansson, porque antes do final da semana queremos falar com o homem. Estamos entendidos?

Martin suspirou e assentiu. Não gostava daquilo. Mesmo nada. Mas Mellberg tinha razão. Não havia provas que apontassem para qualquer outro agressor. Apenas uma única impressão digital. E, se Martin tivesse mesmo azar, acabaria por confirmar-se que Mellberg também

estava certo quanto a esse ponto.

Martin estava quase a sair do gabinete de Mellberg quando deu uma palmada na testa e voltou-se.

– Ah! É verdade, esqueci-me de uma coisa. Porra, que estupidez a minha! Pedersen encontrou uma quantidade considerável de ADN sob as unhas da vítima, de pele arrancada e sangue. Presumivelmente, Britta arranhou a pessoa que estava a sufocá-la. Muito profundamente, de acordo com Pedersen, já que Britta tinha as unhas compridas e conseguiu arrancar bastante pele. Na opinião de Pedersen, é muito provável que Britta tenha arranhado o assassino nos braços ou no rosto. – Martin encostou-se à ombreira da porta.

– E o marido dela tem arranhões? – perguntou Mellberg, inclinando-se para a frente e apoiando os cotovelos na secretária.

– Não sei, mas parece-me bem que temos de fazer uma visita a Herman o mais depressa possível – disse Martin.

– A mim também – respondeu Mellberg. – Leva a Paula contigo – gritou, mas Martin já tinha desaparecido.

Per tinha andado pela casa em bicos de pés nos últimos dias, não acreditando que aquilo ia durar. A mãe nunca tinha conseguido ficar sóbria um dia que fosse. Pelo menos desde que o pai se tinha ido embora. Per mal conseguia lembrar-se de como as coisas tinham sido até então, mas as poucas memórias que conservava eram bastante agradáveis.

E, agora que a mãe estava a combater o desejo de beber com todas as suas forças, Per começava realmente a ter esperança. Cada vez mais, a cada hora que passava. Mesmo a cada minuto. Carina não parecia muito firme e continuava a lançar-lhe olhares envergonhados de cada vez que se cruzavam. Mas estava sóbria. Per tinha verificado em todo o lado e não encontrara uma única garrafa recém-comprada. Nem uma. E Per conhecia todos os seus esconderijos. Na verdade, nunca tinha percebido porque é que a mãe se preocupava em esconder as garrafas. Mais valia tê-las deixado sobre a bancada da cozinha.

– E se eu fizesse o jantar? – perguntou Carina baixinho, lançando um olhar cauteloso ao filho. Tudo era dito e feito com mil cautelas. Eram como duas pessoas que tivessem acabado de conhecer-se e não tivessem a certeza de como as coisas poderiam resultar. E talvez essa fosse uma descrição precisa. Há muito tempo que Per não via a mãe sóbria. Na verdade, não conhecia a mãe sem estar alcoolizada. E Carina também não o conhecia. Como poderia ter-se mantido a par do que se passava, se estava permanentemente rodeada por uma névoa alcoólica que filtrava tudo o que via, tudo o que fazia? Agora, eram estranhos um para o outro. Mas estranhos que estavam curiosos, interessados e muito esperançosos.

– Soubeste alguma coisa do Frans? – perguntou Carina enquanto tirava alimentos do frigorífico para preparar esparguete com almôndegas.

Per não sabia o que havia de responder. Toda a vida lhe tinha sido dito que era estritamente proibido ter qualquer tipo de contacto com o avô paterno; contudo, fora Frans quem interviera e salvara o dia ou, pelo menos, quem lhes dera um vislumbre da esperança de que ainda havia salvação.

Carina percebeu a confusão do filho e a sua relutância em responder.

– Está tudo bem. O Kjell pode dizer o que quiser, mas por mim podes falar com o Frans. Desde que... – Carina hesitou, com medo de dizer algo de errado, algo que pudesse perturbar o equilíbrio ténue que tinham passado os últimos dias a estabelecer. Mas então, Carina encheu-se de coragem e prosseguiu: – Não tenho nenhum problema que entres em contacto com o teu avô. Ele... bem, Frans disse coisas que tinham de ser ditas. Coisas que me fizeram perceber... – Carina pousou a faca que estava a usar para cortar cebolas e Per viu que a mãe estava a lutar para conter as lágrimas quando se virou para ele. – O Frans fez-me ver que as coisas têm de mudar e eu estou-lhe eternamente grata por isso. Mas quero que me prometas que não vais dar-te com... aquelas pessoas a quem ele está ligado – Carina lançou-

lhe um olhar de súplica e o lábio inferior começou a tremer. – Não posso prometer-te nada em troca... Espero que compreendas. É tão difícil. É difícil a cada dia, a cada minuto. Só posso prometer-te que vou tentar. Está bem? – Carina lançou-lhe de novo aquele olhar de vergonha, suplicante.

Per sentiu o nó apertado no peito começar a afrouxar um pouco. Todos aqueles anos, a única coisa que quisera, sobretudo depois de o pai os ter deixado, era a autorização para ser uma criança. Em vez disso, tinha sido forçado a limpar o vômito da mãe, a certificar-se de que Carina não ia incendiar a casa quando fumava na cama e a sair para fazer todas as compras. Tinha tido de fazer coisas que nenhum rapaz devia ter de fazer. Todas aquelas memórias passaram rapidamente pela sua mente. Mas isso não importava. Porque a única coisa que ouvia era a voz dela, a voz suave e implorante da mãe. E então, Per deu um passo em frente e pôs os braços em volta dela. Aninhou-se contra a mãe, embora fosse quase uma cabeça mais alto do que ela. E, pela primeira vez em dez anos, permitiu-se sentir-se como uma criança.

³¹ Doce originariamente confeccionado com raízes de um tipo de planta (o malvaíscio, *marshmallow* em inglês). Atualmente, consiste numa mistura de amido, xarope de milho e gelatina, coberta com açúcar. (*N. do T.*)

FJÄLLBACKA, 1945

– NÃO É UMA SENSÇÃO MARAVILHOSA FAZER UMA PAUSA NO TRABALHO?
– ARRULHOU BRITTA, ACARICIANDO O BRAÇO DE HANS. O NORUEGUÊS LIMITOU-SE A RIR E SACUDIU A MÃO DELA. DEPOIS DE OS TER FICADO A CONHECER A TODOS AO LONGO DOS ÚLTIMOS SEIS MESES, ESTAVA BEM CIENTE DE QUANDO ESTAVA A SER USADO PARA FAZER CIÚMES A FRANS. O OLHAR DIVERTIDO QUE RECEBEU DE FRANS DISSE-LHE QUE ESTE TAMBÉM SABIA EXATAMENTE QUAIS ERAM AS INTENÇÕES DE BRITTA. MAS HANS TINHA DE ADMIRAR A TENACIDADE DE BRITTA. PROVAVELMENTE, A RAPARIGA NUNCA IA PARAR DE SUSPIRAR POR FRANS.

CLARO QUE, PELO MENOS PARCIALMENTE, A CULPA ERA DE FRANS, JÁ QUE, OCASIONALMENTE, O RAPAZ INCENTIVAVA OS SENTIMENTOS DE BRITTA POR ELE, APENAS PARA DEPOIS A TRATAR COM A SUA FRIEZA HABITUAL. HANS PENSOU QUE O JOGO AO QUAL FRANS SE ENTREGAVA ESTAVA PRÓXIMO DA CRUELDADE, MAS NÃO SE QUERIA ENVOLVER. O QUE REALMENTE O PERTURBAVA ERA TER DESCOBERTO EM QUEM FRANS ESTAVA REALMENTE INTERESSADO. HANS OLHOU-A DE RELANCE, POIS ELA ESTAVA A CURTA DISTÂNCIA E SENTIU UMA PONTADA NO PEITO, PORQUE NESSE PRECISO MOMENTO A RAPARIGA DISSE ALGUMA COISA A FRANS E DEPOIS SORRIU. ELSY TINHA UM SORRISO TÃO BONITO. E NÃO ERA SÓ O SEU SORRISO QUE ERA LINDO. OS SEUS OLHOS, O SEU ESPÍRITO, OS SEUS BRAÇOS BONITOS NO VESTIDO DE MANGA CURTA QUE USAVA, A COVINHA QUE LHE APARECIA DO LADO ESQUERDO DA BOCA SEMPRE QUE SORRIA. TUDO NELA, CADA PORMENOR, ERA LINDO.

TINHAM SIDO BONS PARA ELE, ELSY E A FAMÍLIA. HANS PAGAVA UMA PEQUENA RENDA, UMA QUANTIA QUASE RIDÍCULA PELA CAVE, E ELOF TINHA-LHE ARRANJADO TRABALHO NUM DOS BARCOS. ERA

FREQUENTEMENTE CONVIDADO PARA SE JUNTAR À FAMÍLIA PARA AS REFEIÇÕES — NA VERDADE, PRATICAMENTE TODAS AS NOITES — E ELES ERAM DE TAL FORMA CALOROSOS E AMIGOS QUE LHE PREENCHIAM CADA CANTO E RECANTO DA ALMA. AS EMOÇÕES QUE A GUERRA LHE TINHA ARRANCADO ESTAVAM A REGRESSAR LENTAMENTE.

E DEPOIS HAVIA ELSY. HANS TINHA TENTADO LUTAR CONTRA OS PENSAMENTOS E SENTIMENTOS QUE SE APODERAVAM DELE TODAS AS NOITES, QUANDO ESTAVA DEITADO NA CAMA E A VISUALIZAVA NA SUA MENTE. MAS, POR FIM, APERCEBEU-SE DE QUE ESTAVA PERDIDAMENTE APAIXONADO POR ELA. E OS CIÚMES APUNHALAVAM-LHE O CORAÇÃO DE CADA VEZ QUE VIA FRANS A OLHAR PARA ELSY COM A MESMA EXPRESSÃO QUE CERTAMENTE TERIA NO PRÓPRIO ROSTO.

BRITTA TALVEZ NÃO FOSSE SUFICIENTEMENTE INTELIGENTE PARA PERCEBER O QUE ESTAVA A ACONTECER, MAS COMPREENDEU INSTINTIVAMENTE QUE NÃO ERA O CENTRO DAS ATENÇÕES, QUER PARA FRANS, QUER PARA HANS. O NORUEGUÊS SABIA QUE AQUILO A INCOMODAVA MUITO. BRITTA ERA UMA RAPARIGA FRÍVOLA E EGOÍSTA, E HANS NÃO CONSEGUIA PERCEBER PORQUE É QUE ALGUÉM COMO ELSY GOSTAVA DE DAR-SE COM ELA. MAS, ENQUANTO ELSY QUISESSE A COMPANHIA DE BRITTA, HANS NADA MAIS PODIA FAZER DO QUE ATURÁ-LA.

DOS SEUS QUATRO NOVOS AMIGOS, E TIRANDO ELSY, ERIK ERA A PESSOA DE QUEM HANS MAIS GOSTAVA. TINHA UMA PRECOCIDADE E UMA SOLENIDADE QUE HANS ACHAVA TRANQUILIZADORAS. GOSTAVA DE SENTAR-SE UM POUCO AFASTADO DOS OUTROS A FALAR COM ERIK. DISCUTIAM A GUERRA, HISTÓRIA, POLÍTICA E ECONOMIA, E ERIK FICOU ENCANTADO AO DESCOBRIR QUE, EM HANS, TINHA ENCONTRADO O IGUAL PELO QUAL TINHA ANSIADO. CLARO QUE HANS NÃO ERA TÃO CULTO COMO ERIK QUANDO SE TRATAVA DE FACTOS E NÚMEROS, MAS O NORUEGUÊS SABIA MUITO SOBRE O MUNDO E SOBRE A HISTÓRIA, E COMO VÁRIAS COISAS ESTAVAM INTERLIGADAS. ERAM CAPAZES DE ESTAR A CONVERSAR DURANTE HORAS. ELSY COSTUMAVA PROVOCÁ-LOS, AFIRMANDO QUE ERAM COMO DOIS VELHOS A CONTAR PATRANHAS UM AO OUTRO, MAS HANS PERCEBIA QUE A RAPARIGA ESTAVA CONTENTE POR DESFRUTAREM DA COMPANHIA UM

DO OUTRO.

A ÚNICA COISA DE QUE NÃO FALAVAM ERA DO IRMÃO DE ERIK. HANS NUNCA ABORDOU O ASSUNTO E, DEPOIS DAQUELA PRIMEIRA VEZ, ERIK TAMBÉM NÃO.

— ACHO QUE A MINHA MÃE DEVE ESTAR MESMO A ACABAR O JANTAR — DISSE ELSY, LEVANTANDO-SE E SACUDINDO O VESTIDO. HANS ASSENTIU E TAMBÉM SE LEVANTOU.

— É MELHOR IR CONTIGO, SENÃO A TUA MÃE VAI FICAR ZANGADA — DISSE HANS, OLHANDO PARA ELSY, QUE SE LIMITOU A SORRIR COM INDULGÊNCIA E COMEÇOU A DESCER A COLINA ROCHOSA. HANS PERCEBEU QUE A RAPARIGA ESTAVA A CORAR. O NORUEGUÊS TINHA DEZASSETTE ANOS, ERA DOIS ANOS MAIS VELHO DO QUE ELA, MAS ELSY FAZIA-O SEMPRE SENTIR-SE COMO UM MIÚDO.

COM UM ACENO, HANS DESPEDIU-SE DOS OUTROS, QUE PERMANECERAM ONDE ESTAVAM, E PRECIPITOU-SE LADEIRA ABAIXO ATRÁS DE ELSY. A RAPARIGA OLHOU PARA AMBOS OS LADOS ANTES DE ATRAVESSAR A ESTRADA E, EM SEGUIDA, ABRIU O PORTÃO DO CEMITÉRIO. ERA UM ATALHO PARA CASA.

— ESTÁ UMA NOITE TÃO AGRADÁVEL — DISSE HANS, OUVINDO COMO A SUA VOZ SOAVA NERVOSA. PRAGUEJOU EM SILÊNCIO, DIZENDO A SI MESMO PARA PARAR DE AGIR COMO UM IDIOTA. ELSY CAMINHAVA RAPIDAMENTE PELO CAMINHO DE CASCALHO E HANS TROTAVA NO SEU ENCALÇO. DEPOIS DE ALGUNS PASSOS, APANHOU-A E COMEÇOU A CAMINHAR AO LADO DELA COM AS MÃOS ENFIADAS NOS BOLSOS DAS CALÇAS. ELSY NÃO RESPONDERA AO SEU COMENTÁRIO SOBRE O TEMPO, O QUE ERA UM ALÍVIO, POIS FORA UMA SAÍDA LAMENTÁVEL.

DE REPENTE, HANS SENTIU UMA FELICIDADE INTENSA. ESTAVA A CAMINHAR AO LADO DE ELSY, CAPTANDO DE QUANDO EM VEZ UM VISLUMBRE DO SEU PERFIL. O VENTO ESTAVA SURPREENDENTEMENTE QUENTE E O CASCALHO DO CAMINHO PRODUZIA UM SOM AGRADÁVEL SOB OS SEUS PÉS. AQUELA ERA A PRIMEIRA VEZ DESDE HÁ MUITO TEMPO QUE SE SENTIA ASSIM. SE É QUE ALGUMA VEZ SE SENTIRA ASSIM ANTES. TINHA HAVIDO TANTOS OBSTÁCULOS. TANTA HUMILHAÇÃO, MEDO E ÓDIO. HANS

FIZERA TUDO PARA NÃO PENSAR NO PASSADO. NO MOMENTO EM QUE SE TINHA ENFIADO SORRATEIRAMENTE A BORDO DO BARCO DE ELOF, DECIDIRA DEIXAR TUDO PARA TRÁS, NÃO VOLTAR A OLHAR PARA TRÁS.

PORÉM, NAQUELE MOMENTO, AS IMAGENS ESTAVAM A VOLTAR COMO SE TIVESSEM VONTADE PRÓPRIA. HANS CAMINHOU EM SILÊNCIO AO LADO DE ELSY, TENTANDO EMPURRÁ-LAS DE VOLTA PARA AS CAVERNAS ONDE AS HAVIA ESCONDIDO, MAS AS IMAGENS TENTAVAM FORÇAR AS BARREIRAS E PENETRAR A SUA CONSCIÊNCIA. TALVEZ FOSSE ESSE O PREÇO QUE TINHA DE PAGAR POR AQUELE MOMENTO DE PURA FELICIDADE. AQUELE BREVE MOMENTO AGRIDOCE. SE ASSIM FOSSE, TALVEZ VALESSE A PENA. MAS AQUILO NÃO O ESTAVA A AJUDAR AGORA, ENQUANTO CAMINHAVA AO LADO ELSY E SENTIA TODOS OS ROSTOS, VISÕES, CHEIROS, MEMÓRIAS E SONS, QUE DESCIAM SOBRE ELE. EM PÂNICO, HANS SENTIU QUE TINHA DE FAZER ALGUMA COISA. TINHA UM NÓ NA GARGANTA E COMEÇOU A HIPERVENTILAR. NÃO CONSEGUIA CONTER TODAS AQUELAS MEMÓRIAS. NEM PODIA PERMITIR-LHES QUE SE APODERASSEM DELE. TINHA DE FAZER ALGUMA COISA.

NESSE MOMENTO, A MÃO DE ELSY ROÇOU A SUA. O CONTACTO FÊ-LO DAR UM SALTO. FOI SUAVE E ELÉTRICO E, NA SUA SIMPLICIDADE, ERA TUDO O QUE PRECISAVA PARA EXPULSAR AQUILO EM QUE NÃO QUERIA PENSAR. HANS PAROU ABRUPTAMENTE NA COLINA SOBRE O CEMITÉRIO. ELSY ESTAVA UM PASSO ACIMA DELE E, QUANDO SE VIROU, A DIFERENÇA DE ALTURAS FEZ COM QUE O ROSTO DA RAPARIGA FICASSE AO SEU NÍVEL DO SEU.

— QUE SE PASSA? — PERGUNTOU ELSY COM AR PREOCUPADO. E, NAQUELE MOMENTO, HANS NÃO SOUBE O QUE LHE PASSOU PELA CABEÇA. DEU UM PASSO NA DIREÇÃO DELA, TOMOU-LHE O ROSTO ENTRE AS MÃOS E BEIJOU-A SUAVEMENTE NOS LÁBIOS. DE INÍCIO, ELSY FICOU PARALISADA E HANS SENTIU O PÂNICO A CRESCER DENTRO DELA. ENTÃO, DE REPENTE, ELSY RELAXOU E OS SEUS LÁBIOS TORNARAM-SE MACIOS CONTRA OS SEUS. MUITO LENTAMENTE, ELSY ABRIU OS LÁBIOS E, ATERRORIZADO MAS EXCITADO, HANS INTRODUZIU A LÍNGUA NA BOCA DA RAPARIGA, PROCURANDO A LÍNGUA DELA. O NORUEGUÊS PERCEBEU QUE ELSY

NUNCA TINHA SIDO BEIJADA ANTES; PORÉM, INSTINTIVAMENTE A SUA LÍNGUA ENCONTROU A DELE E HANS SENTIU OS JOELHOS FRAQUEJAREM. DE OLHOS FECHADOS, HANS AFASTOU-SE DELA, APENAS OS ABRINDO E OLHANDO PARA CIMA ALGUNS SEGUNDOS DEPOIS. A PRIMEIRA COISA QUE VIU FOI O OLHAR DELA. E, REFLETIDA NELE, UMA IMAGEM DO QUE ELE PRÓPRIO ESTAVA A SENTIR.

ENQUANTO CAMINHAVAM JUNTOS PARA CASA, LENTAMENTE, SILENCIOSAMENTE, TODAS AS IMAGENS DO PASSADO SE MANTIVERAM AFASTADAS. ERA COMO SE NUNCA TIVESSEM EXISTIDO.

§

CHRISTIAN ESTAVA PROFUNDAMENTE EMBRENHADO no que quer que fosse que estava a ler no ecrã do computador quando Erica entrou. Tinha conduzido diretamente de Uddevalla para a biblioteca e ainda estava tão confusa como quando deixara Herman no hospital. Estava convencida de que havia alguma coisa familiar nos nomes alemães, e tinha-os anotado num papel que entregava agora ao bibliotecário.

– Olá, Christian. Podes ver-me se há alguma informação sobre essas duas pessoas: Paul Heckel e Friedrich Hück? – perguntou.

Quando Christian olhou de relance para os nomes, Erica reparou que o bibliotecário parecia exausto. Provavelmente estava apenas com uma constipação outonal ou a ter problemas com os filhos, pensou Erica, mas não pôde deixar de ficar preocupada com ele.

– Senta-te que eu vou fazer uma pesquisa – disse Christian.

Erica sentou-se, cruzando mentalmente os dedos, mas as suas esperanças desapareceram quando viu que não se produzia qualquer reação no rosto de Christian ao examinar os resultados da pesquisa.

– Receio não conseguir encontrar nada – disse por fim Christian, abanando a cabeça como que a pedir desculpa. – Pelo menos não aparece nada nos nossos arquivos ou bases de dados. Mas podias fazer uma pesquisa na Internet, embora suspeite que estes sejam nomes muito comuns na Alemanha.

– Certo – disse Erica, desapontada. – Portanto, não há qualquer ligação entre os nomes e esta zona?

– Receio que não

Erica suspirou.

– Bem, suponho que teria sido demasiado fácil – então, o seu rosto iluminou-se. – Será que podias verificar se há alguma coisa nos arquivos sobre uma pessoa que é mencionada nos artigos que me conseguiste encontrar da última vez que cá vim? Na altura não estávamos especificamente à procura dele, apenas da minha mãe e de alguns dos amigos dela. Trata-se de um resistente norueguês chamado Hans Olavsen, e ele estava aqui, em Fjällbacka...

– Por volta do final da guerra. Sim, eu sei – disse laconicamente Christian.

– Sabes alguma coisa acerca dele? – perguntou Erica, perdendo um pouco o entusiasmo.

– Não, mas é a segunda vez que alguém me pergunta por ele nos últimos dias. Parece ser um tipo popular.

– Além de mim, quem é que esteve à procura de informações sobre ele? – perguntou Erica, contendo a respiração.

– Vou ter de verificar – respondeu Christian, rolando a cadeira para junto de um pequeno arquivo. – Ele deixou o cartão-de-visita, para o caso de eu descobrir mais alguma coisa acerca do rapaz. Se isso acontecesse, ficou combinado que lhe daria um toque. – Christian cantarolou baixinho enquanto vasculhava o arquivo, acabando por encontrar o que procurava.

– Finalmente encontrei-o... diz aqui Kjell Ringholm.

– Obrigada, Christian – disse Erica, sorrindo. – Agora sei com quem tenho de ter uma pequena conversa.

– Parece coisa séria – Christian deu uma risada, mas o sorriso não lhe alcançou os olhos.

– Na verdade, não. Só tenho curiosidade em saber porque poderá o Kjell estar interessado no Hans Olavsen – Erica estava a pensar em voz alta. – Quer dizer que chegaste a descobrir alguma coisa sobre o Olavsen quando o Kjell Ringholm aqui esteve?

– Apenas o mesmo material que te dei da última vez. Receio que não haja mais nada.

– Tudo bem. Hoje a pescaria não foi grande coisa – disse Erica com

um suspiro. – Importas-te que anote o número do telefone dele?

– À vontade – disse Christian, entregando-lhe o cartão.

– Obrigada – disse Erica, piscando-lhe o olho. O bibliotecário retribuiu-lhe a piscadela, mas ainda parecia cansado.

– Então – disse Erica –, continuas a fazer progressos no teu livro? Tens a certeza de que não posso ajudar-te em alguma coisa? *A Sereia*... foi esse o título que escolheste, não foi?

– Ah, o livro está a correr muito bem – respondeu Christian, embora o entusiasmo na sua voz não soasse genuíno. – E é verdade, vai chamar-se *A Sereia*. Mas agora, se me deres licença, tenho de fazer uma coisa – o bibliotecário virou-lhe as costas e começou a escrever no teclado do computador.

Erica ficou desconcertada com a atitude de Christian. Nunca o vira comportar-se daquela forma. Enfim, pensou ao sair da biblioteca, tinha outras coisas mais importantes com que se preocupar. E no topo da lista estava uma conversa com Kjell Ringholm.

Concordaram encontrar-se em Veddö. Havia poucos riscos de alguém os ver lá naquela época do ano; porém, se isso acontecesse, tomá-los-iam simplesmente por dois velhos que estavam a dar um passeio.

– Imagina que uma pessoa era capaz de prever o futuro – disse Axel, ao mesmo tempo que dava um pontapé numa pedra que rolou até ao outro lado da praia. No verão, os banhistas partilhavam aquela praia com uma manada de vacas e era tão normal encontrar uma vaca de pelo comprido a refrescar-se na água como crianças a prepararem-se para dar um mergulho. Mas agora a praia estava deserta e o vento levantava pedaços de algas secas que fazia girar pelos ares.

Sem chegarem a mencionar o assunto, tinham concordado em não falar de Erik. Nem de Britta. Nenhum dos dois compreendia totalmente o motivo de terem concordado encontrar-se. Não teria qualquer utilidade. Nem mudaria nada. Contudo, ambos tinham sentido necessidade de se verem um ao outro. Era como uma picada

de mosquito que precisava de ser coçada. E mesmo sabendo que, tal como no caso de uma picada de mosquito, isso apenas iria piorar as coisas, tinham cedido à tentação.

– Acho que a ideia é mesmo não sabermos o que nos vai acontecer – disse Frans, olhando fixamente para o mar. – Se tivéssemos uma bola de cristal que revelasse tudo o que se ia passar durante a nossa vida, provavelmente nunca sairíamos da cama. As pessoas devem tomar a vida em pequenas doses. Deparar-se com as tristezas e os problemas em porções suficientemente pequenas para as conseguirem engolir.

– Às vezes, a vida gosta de servir-nos pedaços demasiado grandes para engolir – contrapôs Axel, pontapeando outra pedra para longe.

– Talvez isso seja verdade para outras pessoas, mas não para ti ou para mim – disse Frans, voltando-se para olhar para Axel. – Nós podemos parecer muito diferentes aos olhos das outras pessoas, mas tu e eu somos iguais. Sabes disso. Nós nunca recuamos. Independentemente do tamanho da porção que nos é servida.

Axel limitou-se a assentir. Depois, olhou novamente para Frans.

– Arrependes-te de alguma coisa?

Frans ponderou a questão durante bastante tempo. E depois respondeu:

– De que poderia arrepender-me? O que está feito, feito está. Todos nós fazemos as nossas escolhas. Tu fizeste as tuas. E eu as minhas. Se me arrependo de alguma coisa? Não. De que adiantaria?

Axel encolheu os ombros.

– Suponho que o arrependimento é uma expressão de humanidade. Sem arrependimento... o que seria de nós?

– Mas a questão é: será que o arrependimento muda alguma coisa? E o mesmo acontece com o trabalho que tens realizado... a vingança. Dedicaste a tua vida toda a caçar criminosos e o teu único objetivo tem sido a vingança. Não há outro propósito. Isso mudou alguma coisa? Morreram à mesma seis milhões de pessoas nos campos de concentração. Como é que isso mudou por teres localizado uma

mulher qualquer que era guarda de um campo durante a guerra mas que desde então passou a vida como dona de casa nos Estados Unidos? Se a arrastares até um tribunal e a submeteres a julgamento pelos crimes que cometeu há mais de sessenta anos, o que é que isso vai mudar?

Axel engoliu em seco. Em geral, acreditava no significado do trabalho que tinha feito. Mas Frans tinha tocado num ponto sensível. Estava a fazer a pergunta que Axel tinha feito a si próprio mais do que uma vez, em momentos de fraqueza.

– Traz paz às famílias das vítimas. E é um sinal de que não toleraremos esses atos como um comportamento humano aceitável.

– Tretas – retorquiu Frans, enfiando as mãos nos bolsos. – Achas mesmo que isso vai assustar alguém ou enviar qualquer tipo de sinal, quando o presente é muito mais forte do que o passado? É próprio da natureza humana que as pessoas não vejam as consequências dos seus atos, que não aprendam com a História. E falas em paz? Se alguém não encontrou paz sessenta anos depois, nunca a vai encontrar. É responsabilidade de cada indivíduo encontrar a sua própria paz... não podes esperar qualquer tipo de compensação, nem acreditar que essa compensação surja algum dia.

– São palavras cínicas – disse Axel. O vento estava a arrefecer e Axel estava a tremer.

– Só quero que te apercebas de que, por detrás de todas as atividades nobres às quais julgas ter dedicado toda a tua vida, está uma emoção primitiva e fundamental do ser humano: o desejo de vingança. Eu não acredito em vingança. Acredito que a única coisa em que nos devemos concentrar é em fazer tudo o que pudermos para mudar o presente.

– E é isso que tu pensas que estás a fazer? – perguntou Axel com voz tensa.

– Estamos em lados opostos da barricada, tu e eu, Axel – respondeu secamente Frans. – Mas sim, é isso que eu acho que estou a fazer. Estou a mudar alguma coisa. Não estou à procura de vingança. Não

me arrependo de nada. Estou a olhar para o futuro e ajo de acordo com as minhas convicções. Isso é completamente diferente do que tu estás a fazer. Mas nós nunca vamos estar de acordo. Os nossos caminhos divergiram há sessenta anos, para nunca mais se encontrarem.

– Como é que isto chegou a este ponto? – perguntou Axel, baixinho e engolindo em seco.

– É exatamente isso que estou a dizer: que não importa como é que isto chegou a este ponto. É assim e pronto. E a única coisa que podemos tentar fazer é mudar, para sobreviver. Não olhar para trás. Não chafurdar em arrependimentos ou especulações sobre como as coisas poderiam ter sido – Frans calou-se por um momento e forçou Axel a olhar para ele. – Tu não podes olhar para trás. O que está feito, feito está. O passado é o passado. Isso do arrependimento não existe.

– Aí é que te enganas, Frans – disse Axel, inclinando a cabeça. – Aí é que estás mesmo muito enganado.

Foi com grande relutância que o médico de Herman tinha concordado em deixá-los falar com o seu paciente por alguns minutos. Só depois de Martin e Paula terem concordado que duas das filhas de Herman podiam assistir ao interrogatório é que o médico cedera.

– Olá, Herman – disse Martin, falando suavemente e estendendo a mão ao homem deitado na cama. Herman apertou-lhe a mão, mas o seu aperto era fraco. – Nós encontrámo-nos em sua casa, mas não tenho a certeza de que se recorde. Esta é a minha colega, Paula Morales. Gostaríamos de fazer-lhe algumas perguntas, se não vir inconveniente – Martin sentou-se ao lado de Paula, junto da cama.

– Sim, pode ser – disse Herman, que agora parecia um pouco mais consciente do que se passava em seu redor. As filhas estavam sentadas do outro lado da cama e Margareta pegava na mão do pai.

– Queira aceitar as nossas sinceras condolências – disse Martin. – Julgo saber que o senhor e Britta estavam casados há muito tempo, não é verdade?

– Há cinquenta e cinco anos – respondeu Herman. E, pela primeira vez desde a sua chegada, os agentes viram um brilho de vida nos seus olhos. – Estivemos casados durante cinquenta e cinco anos, a minha Britta e eu.

– Será que podia contar-nos o que aconteceu? Quando a sua mulher morreu? – perguntou Paula, esforçando-se por adotar o mesmo tom suave de Martin.

Margareta e Anna-Greta olharam nervosamente para os agentes e estavam prestes a protestar quando Herman acenou com a mão a assinalar que queria responder à pergunta.

Martin, que já tinha notado que não havia arranhões no rosto de Herman, foi fazendo o possível para espreitar por debaixo das mangas da bata de hospital que o homem envergava, em busca de marcas de arranhões. Não conseguiu ver nada, mas decidiu esperar para confirmar aquela observação até terem terminado o interrogatório.

– Fui a casa de Margareta para tomar um café – disse Herman. – Elas são tão boas para mim, as minhas meninas. Especialmente desde que a Britta adoeceu – Herman sorriu para as filhas. – Tínhamos muito que conversar. Eu... tinha decidido que seria melhor para a Britta se ela vivesse num lugar onde alguém pudesse cuidar melhor dela – Herman estava a ter dificuldade em falar.

Margareta afagou-lhe a mão.

– Era a única coisa que podia fazer, pai. Não havia alternativa. O pai sabe disso.

Parecendo não ter ouvido a filha, Herman prosseguiu:

– Eu estava preocupado porque já tinha saído de casa há muito tempo. Quase há duas horas. Normalmente, nunca fico fora de casa por mais de uma hora, enquanto a Britta faz a sua sesta, para que não se aperceba de que não estou lá. Tenho tanto medo... *tinha* tanto medo de que ela acordasse e pegasse fogo à casa e ficasse queimada – Herman tremia, mas respirou fundo e continuou: – Então, quando cheguei a casa, chamei-a. Mas ela não respondeu. Pensei: graças a Deus, ainda deve estar a dormir. A seguir, subi até ao quarto. E lá

estava ela deitada... Achei estranho, porque tinha uma almofada a tapar-lhe a cara. Porque estaria deitada daquela maneira? Então, aproximei-me e levantei a almofada. E vi logo que ela tinha partido. Os olhos dela... os olhos dela estavam cravados no teto e estava completamente imóvel – as lágrimas começaram a escorrer-lhe pela face e Margareta limpou-as gentilmente.

– Isto é realmente necessário? – implorou a filha, olhando para Martin e para Paula. – O meu pai ainda está em estado de choque e...

– Está tudo bem, Margareta – disse Herman. – Está tudo bem.

– Pronto, mas só mais alguns minutos, pai. Depois ponho-os fora, se tiver de ser, porque o pai precisa de descansar.

– Ela foi sempre a mal-humorada da família – disse Herman, um sorriso amarelo despontou-lhe no rosto. – Terrível, mesmo.

– Pronto, pai, também não é preciso exagerar – disse Margareta, embora parecesse feliz por Herman ter energia suficiente para a provocar.

– Então, o que o senhor está a dizer é que Britta já estava morta quando entrou no quarto? – perguntou Paula, surpreendida. – Sendo assim, porque afirma tê-la matado?

– Porque a matei – respondeu Herman, cujo rosto ganhou novamente uma expressão hermética. – Mas eu nunca disse que a assassinei. Embora também pudesse tê-lo feito – Herman olhou para baixo, para as mãos, incapaz de encarar os olhos dos agentes ou das filhas.

– Pai, que está a dizer? – Anna-Greta parecia desnorteada, mas Herman recusou-se a responder.

– O senhor sabe quem matou a sua mulher? – perguntou Martin, compreendendo intuitivamente que Herman não ia explicar o motivo de insistir tão teimosamente que tinha matado a mulher.

– O senhor ouviu o que o meu pai disse – afirmou Margareta, dirigindo-se a Martin e levantando-se. – Já disse tudo o que tinha para dizer. O importante é que não foi ele quem assassinou a minha mãe. Quanto ao resto... é apenas a sua tristeza a falar.

Martin e Paula levantaram-se.

– Obrigado por nos permitir falar consigo. Mas há uma última coisa que temos de perguntar-lhe – disse Martin, voltando-se para Herman. – Para confirmar o que acabou de dizer, precisamos de dar uma vista de olhos aos seus braços. Sabemos que Britta arranhou a pessoa que a estava a sufocar.

– Isso é realmente necessário? O meu pai disse que... – a voz de Margareta estava a subir de tom, mas Herman puxou tranquilamente as mangas da bata de hospital para cima e estendeu os braços na direção de Martin, que os estudou atentamente. Não havia quaisquer marcas de arranhões.

– Está a ver? – disse Margareta, parecendo ter vontade de concretizar a ameaça de pôr Martin e Paula porta fora.

– Já terminámos – disse Martin. – Obrigado pelo tempo que nos dispensou, Herman. Mais uma vez, lamentamos muito a sua perda – então, Martin fez um gesto a Margareta e a Anna-Greta, para indicarlhes que queria falar com elas em privado.

No corredor, Martin explicou a situação da impressão digital no botão e as filhas concordaram em fornecer voluntariamente as suas impressões digitais, de modo a serem descartadas da investigação. Os agentes preparavam-se para sair quando Birgitta chegou, e também ela concordou em fornecer-lhes as suas impressões digitais, para que as três pudessem ser enviadas para o laboratório.

Paula e Martin sentaram-se no carro por um momento antes de partirem para Tanumshede.

– Quem achas que ele está a proteger? – perguntou Paula, colocando a chave na ignição.

– Não sei. Mas tenho a mesma impressão. Que ele sabe quem assassinou Britta mas que quer proteger essa pessoa. E que, de alguma forma, se sente responsável.

– Se ao menos ele nos dissesse – afirmou Paula, rodando a chave.

– Sim, caramba, não consigo perceber... – Martin abanou a cabeça, irritado, e tamborilou no tabliê.

– Mas tu acreditas nele? – Paula já sabia qual ia ser a resposta.

– Sim, acredito nele. E o facto de não ter nenhuma marca prova que tenho razão. Mas não consigo entender porque iria querer proteger o assassino da própria mulher. Ou porque sente que é pessoalmente culpado.

– Bem, talvez nunca saibamos a resposta – disse Paula enquanto conduzia para fora do parque de estacionamento. – Mas pelo menos temos as impressões digitais das filhas. Precisamos de as enviar para o laboratório o mais depressa possível, para podermos eliminá-las da investigação e começar a tentar descobrir quem deixou aquela impressão digital.

– Acho que é tudo que podemos fazer de momento – concluiu Martin, suspirando pesadamente e olhando pela janela.

Nenhum deles reparou em Erica, quando passaram pelo carro dela a norte de Torp.

FJÄLLBACKA, 1945

NÃO FOI POR COINCIDÊNCIA QUE FRANS VIU O QUE ACONTECEU. NÃO TIRARA OS OLHOS DE ELSY O TEMPO TODO, FICANDO A OBSERVÁ-LA ATÉ QUE DESAPARECESSE DA SUA VISTA SOBRE O TOPO DA COLINA. E FOI POR ISSO QUE VIU O BEIJO. SENTIU O SANGUE ENTRAR EM EBULIÇÃO, AO MESMO TEMPO QUE UM FRIO GELADO PARECIA ESPALHAR-SE PELOS SEUS MEMBROS. FOI TÃO DOLOROSO QUE FRANS PENSOU QUE IA CAIR MORTO ALI MESMO.

— VISTE AQUILO? — PERGUNTOU ERIK, QUE TAMBÉM AVISTARA HANS E ELSY. — PARECIA... — ERIK RIU-SE, ABANANDO A CABEÇA. O SOM DO RISO DE ERIK FEZ COM QUE UMA LUZ BRANCA EXPLODISSE DENTRO DA CABEÇA DE FRANS. O RAPAZ PRECISAVA DE ALGUMA FORMA DE LIBERTAR TODA A DOR E ENTÃO ATIROU-SE A ERIK, APERTANDO-LHE O PESCOÇO.

— CALA A BOCA, CALA-TE, CALA-TE, ESTÚPIDO DE MERDA... — FRANS APERTOOU O PESCOÇO DE ERIK AINDA COM MAIS FORÇA, FAZENDO COM QUE O RAPAZ ARFASSE EM BUSCA DE AR. FRANS FICOU SATISFEITO AO VER O TERROR NOS OLHOS DE ERIK — COMO SE ISSO DE ALGUMA FORMA DIMINUÍSSE O TAMANHO DO NÓ QUE ESTAVA SEMPRE PRESENTE NO SEU ESTÔMAGO E QUE PARECIA TER DECUPLICADO AO VER O BEIJO.

— QUE ESTÁS TU A FAZER? — GRITOU BRITTA, OLHANDO PARA OS RAPAZES QUE ESTAVAM NO CHÃO. ERIK ESTAVA DEITADO DE COSTAS, COM FRANS POR CIMA DELE. SEM PARAR PARA PENSAR, BRITTA PRECIPITOU-SE SOBRE ELES E PUXOU FRANS PELA CAMISA, MAS O RAPAZ DEU-LHE TAL SAFANÃO COM O BRAÇO QUE BRITTA CAIU PARA TRÁS.

— PARA COM ISSO, FRANS, PARA COM ISSO! — BERROU BRITTA, AFASTANDO-SE DELE COM LÁGRIMAS A ESCORRER-LHE PELAS FACES. ALGO NO TOM DE VOZ DA RAPARIGA FEZ COM QUE FRANS TOMASSE CONSCIÊNCIA

DO QUE ESTAVA A FAZER. OLHOU PARA ERIK, CUJO ROSTO TINHA ASSUMIDO UMA COR ESTRANHA, E SOLTOU O PESCOÇO DO AMIGO.

– DESCULPA – MURMUROU FRANS, ESFREGANDO OS OLHOS. – A SÉRIO, DESCULPA... EU...

ERIK SENTOU-SE NO CHÃO E OLHOU PARA FRANS, APALPANDO O PESCOÇO DORIDO.

– QUE RAIÓ FOI ISSO? QUASE ME IAS ESTRANGULANDO! ESTÁS LOUCO?
– OS ÓCULOS DE ERIK ESTAVAM TORTOS. O RAPAZ TIROU-OS, VOLTOU A ENDIREITÁ-LOS E A PÔ-LOS.

FRANS OLHAVA FIXAMENTE EM FRENTE COM UM OLHAR VAZIO E NÃO RESPONDEU.

– O FRANS ESTÁ APAIXONADO PELA ELSY. É TÃO SIMPLES COMO ISSO – DISSE BRITTA COM AMARGURA ENQUANTO LIMPAVA AS LÁGRIMAS COM AS COSTAS DA MÃO. – E PENSAVA MESMO QUE O AMOR DELE ERA CORRESPONDIDO. OH, FRANS, ÉS MESMO UM IDIOTA POR PENSARES ISSO! A ELSY NEM SEQUER OLHOU PARA TI UMA VEZ QUE FOSSE. E AGORA ESTÁ A ATIRAR-SE PARA OS BRAÇOS DE UM NORUEGUÊS. ENQUANTO EU... – BRITTA DESATOU A CHORAR E COMEÇOU A DESCER PRECIPITADAMENTE A COLINA ROCHOSA.

FRANS FICOU A VÊ-LA IR COM UM OLHAR INEXPRESSIVO.

– BOLAS, FRANS, TU NÃO ESTÁS... O QUE A BRITTA DISSE É VERDADE?
– ERIK OLHOU PARA O AMIGO. – ESTÁS APAIXONADO PELA ELSY? QUER DIZER, SE FOR ESSE O CASO, ATÉ CONSIGO PERCEBER PORQUE É QUE ENLOQUECESTE DAQUELA MANEIRA. MAS TU NÃO PODES... – ERIK CALOU-SE E ABANOU A CABEÇA.

FRANS NÃO RESPONDEU. NÃO PODIA. O SEU CÉREBRO ESTAVA COMPLETAMENTE PREENCHIDO COM A IMAGEM DE HANS A INCLINAR-SE PARA BEIJAR ELSY. E DE ELSY A RETRIBUIR-LHE O BEIJO.

§

HÁ UNS DIAS QUE ERICA FICAVA MAIS ATENTA sempre que se cruzava com um carro da polícia e julgou ter visto Martin naquele que passou por ela pouco antes de Torp, enquanto se dirigia para Uddevalla pela segunda vez nesse dia. Perguntou a si própria onde teria ido Martin.

Na verdade, não havia grande pressa em relação às investigações que estava a levar a cabo, mas Erica sabia que não seria capaz de escrever em paz até esclarecer a nova informação que lhe fora dada. Tinha curiosidade em saber porque é que Kjell Ringholm, jornalista do *Bohuslänningen*, estava interessado no resistente norueguês.

Mais tarde, enquanto estava à espera na receção do *Bohuslänningen*, Erica ponderou possíveis motivos para o interesse do jornalista, mas acabou por decidir parar com as especulações até ter oportunidade de lhe perguntar pessoalmente. Poucos minutos mais tarde, foi conduzida ao gabinete de Kjell. O jornalista ergueu os olhos com uma expressão de estranheza no rosto quando Erica entrou e lhe apertou a mão.

– Erica Falck? A escritora? A sério? – perguntou Kjell, apontando-lhe a cadeira reservada às visitas.

– Sim, sou eu – respondeu Erica, pendurando o casaco nas costas da cadeira e sentando-se.

– Infelizmente, não li nenhum dos seus livros, mas ouvi dizer que são muito bons – disse educadamente Kjell. – Veio cá por causa de alguma pesquisa para um novo livro? Eu não trabalho com casos de polícia, por isso não sei como poderei ajudá-la. Se não me engano, escreve livros acerca de crimes reais.

– Na verdade, isto não tem nada que ver com os meus livros –

respondeu Erica. – Acontece que, por vários motivos, comecei a pesquisar o passado da minha mãe. E, por acaso, descobri que ela era muito amiga do seu pai.

Kjell franziu a testa.

– Há quanto tempo foi isso? – perguntou, inclinando-se para a frente.

– Eram amigos de infância e a amizade continuou pela adolescência. Tenho-me concentrado sobretudo nos últimos anos da Segunda Guerra Mundial, quando tinham cerca de quinze anos.

Kjell assentiu e esperou que Erica prosseguisse.

– Faziam parte de um grupo de quatro adolescentes que parecem ter sido unhas com carne. Além do seu pai, o grupo incluía Britta Johansson e Erik Frankel. E, como sem dúvida sabe, estes últimos foram assassinados nos últimos meses. Uma coincidência bastante estranha, não acha?

Kjell continuava calado, mas Erica viu como o jornalista estava tenso e notou um brilho nos seus olhos.

– E... – Erica fez uma pausa. – Havia uma outra pessoa. Em 1944, um resistente norueguês... era apenas um rapaz... chegou a Fjällbacka. Veio para cá clandestinamente no barco do meu avô e depois ficou alojado em casa dos meus avós. Chamava-se Hans Olavsen. Mas você já está a par disto, não é? Porque creio que também está interessado nele e eu gostava de saber porquê.

– Eu sou jornalista. Não posso discutir esse tipo de coisas – respondeu evasivamente Kjell.

– Não. O que não pode é revelar as suas fontes – disse calmamente Erica. – Mas não vejo porque não podemos unir forças para trabalhar nisto. Eu tenho muito jeito para esmiuçar as coisas e sei que você também tem, uma vez que é jornalista. Estamos ambos interessados no Hans Olavsen. Se não me quiser revelar o motivo do seu interesse, tudo bem. Mas poderíamos pelo menos trocar informações... o que já sabemos e o que descobriremos mais tarde por conta própria. O que acha? – Erica calou-se e esperou tensamente.

Kjell ponderou o que Erica acabara de dizer. Tamborilou na mesa enquanto pesava os prós e os contras.

– Está bem – disse por fim, procurando algo que guardava na gaveta de cima da secretária. – Não há realmente nenhuma razão pela qual não possamos ajudar-nos um ao outro. E a minha fonte está morta; portanto, não vejo porque não deveria mostrar-lhe tudo. O que sei é o seguinte: entrei em contacto com Erik Frankel por causa de um... assunto privado – Kjell aclarou a garganta e fez deslizar a pasta na direção de Erica. – O Erik disse que havia uma coisa que queria dizer-me, algo que eu poderia achar útil e que devia ser tornado público.

– Foi assim que o Erik colocou o assunto? – Erica inclinou-se para frente e pegou na pasta. – Que isto devia ser tornado público?

– Sim, tanto quanto me lembro – respondeu Kjell, recostando-se na cadeira. – O Erik veio visitar-me uns dias depois. Trouxe os artigos que estão nessa pasta e limitou-se a entregar-mos. Mas não quis revelar-me o motivo. Fiz-lhe um monte de perguntas, claro, mas Erik recusou-se a responder a todas elas. Apenas me disse que, se eu era tão bom a desenterrar coisas como tinha ouvido dizer, então o que estava na pasta devia ser suficiente.

Erica folheou as páginas dentro da pasta de plástico. Eram os mesmos artigos que Christian lhe fornecera, os artigos dos arquivos que mencionavam Hans Olavsén e o tempo que passara em Fjällbacka.

– Isto é tudo o que tem? – perguntou Erica, suspirando.

– Essa também foi a minha reação. Se o Erik sabia alguma coisa, porque não mo disse abertamente? Mas, por algum motivo, pensou que era importante que eu descobrisse o resto por minha conta. Então foi isso que comecei a fazer e estaria a mentir se dissesse que o meu interesse não tinha crescido mil por cento desde que Erik Frankel foi encontrado assassinado. Tenho-me questionado se a sua morte terá alguma coisa que ver com isso – Kjell apontou para a pasta que repousava no colo de Erica. – E é claro que ouvi falar sobre a mulher idosa que foi assassinada na semana passada. Mas não faço ideia se

existe alguma ligação... embora o facto levante uma série de questões.

– Já descobriu mais alguma coisa sobre o norueguês? – perguntou ansiosamente Erica. – Eu ainda não cheguei a esse ponto na minha própria pesquisa. A única coisa que sei é que Hans e a minha mãe tiveram um caso e que ele parece tê-la deixado em Fjällbacka de forma algo repentina. Pensei que o meu próximo passo deveria ser tentar localizá-lo, descobrir para onde foi Hans, se regressou realmente à Noruega ou se foi para outro lugar. Mas talvez você já saiba?

Kjell abanou a cabeça. Contou a Erica a conversa com Eskil Halvorsen, o académico norueguês que não se lembrava de Hans Olavsen, mas que prometera investigar melhor.

– Também é possível que o Hans tenha permanecido na Suécia – disse Erica, pensativa. – Se assim for, devemos ser capazes de localizá-lo através das autoridades suecas. Provavelmente eu consigo verificar isso. Mas se desapareceu algures no estrangeiro, a coisa complica-se.

Kjell voltou a pegar na pasta.

– Isso é boa ideia. Não há nenhuma razão para supor que Hans regressou à Noruega. Muita gente ficou na Suécia depois da guerra.

– Enviou alguma fotografia a Eskil Halvorsen? – perguntou Erica.

– Não, por acaso não – respondeu Kjell, folheando os artigos. – Mas tem razão... devia fazer isso. Qualquer pormenor pode ajudar. Vou telefonar-lhe assim que você sair e ver se consigo enviar-lhe uma dessas fotografias. Ou, melhor ainda, podia enviar-lha por fax. Que tal esta? É a mais nítida. Que acha? – Kjell fez deslizar por cima da secretária o artigo com a fotografia do grupo que Erica tinha estudado alguns dias antes.

– Concordo. É boa ideia. Além disso, a foto mostra todo o grupo. Esta é a minha mãe – Erica apontou para Elsy.

– Portanto, você diz que eles passaram muito tempo juntos naquela época? – Kjell amaldiçoou-se por não ter feito a ligação entre a Britta da fotografia e a Britta que fora assassinada. Mas disse a si mesmo

que a maioria das pessoas teria deixado essa ligação passar ao lado. Era difícil encontrar qualquer semelhança entre a rapariga de quinze anos e a mulher de setenta e cinco cuja fotografia saía nos jornais.

– Sim, pelo que averigui, era um grupo muito unido, apesar de a amizade deles não ser muito bem aceite naquela época. Havia uma divisão enorme entre as classes em Fjällbacka, e a Britta e a minha mãe pertenciam à faixa social mais pobre, enquanto os rapazes, Erik Frankel e, bem... o seu pai, pertenciam à «nata» – Erica desenhou aspas no ar com os dedos.

– Oh, sim, eram realmente seres muito superiores – resmungou Kjell e Erica percebeu que havia bastante hostilidade sob as palavras do jornalista.

– Sabe uma coisa? Não tinha pensado falar com o Axel Frankel – disse Erica, entusiasmada. – Talvez ele saiba alguma coisa sobre o Hans Olavsen. Embora Axel seja um pouco mais velho, também se dava com o grupo e talvez possa... – Erica desdobrava-se em ideias e expectativas, mas Kjell ergueu a mão para a deter.

– Eu não teria muitas esperanças em relação a Axel. Tive a mesma ideia, mas felizmente pesquisei primeiro um pouco acerca dele. Suponho que saiba que foi capturado pelos Alemães durante uma viagem à Noruega?

– Sim, mas não sei muito mais acerca disso – respondeu Erica, olhando para Kjell com interesse. – Então, se descobriu alguma coisa... – Erica abriu os braços e esperou.

– Bem, como eu disse, Axel foi feito prisioneiro pelos Alemães depois de entregar alguns documentos da resistência. Foi levado para a prisão de Grini, nos arredores de Oslo, onde permaneceu até ao início de 1945. Em seguida, os Alemães enviaram-no, juntamente com uma série de outros prisioneiros, para a Alemanha. Primeiro, Axel foi parar a Sachsenhausen, que era para onde muitos dos prisioneiros nórdicos eram enviados e, em seguida, perto do final da guerra, foi levado para Neuengamme.

Erica ficou sem fôlego.

– Não fazia ideia. Então, Axel Frankel tinha estado em campos de concentração na Alemanha? Nem sequer sabia que tinham enviado noruegueses ou suecos para os campos.

Kjell assentiu.

– Sobretudo prisioneiros noruegueses. E alguns de outros países que foram abrangidos por um decreto emitido por Hitler em 1941, que decretava que os civis dos territórios ocupados que fossem apanhados em atividades de resistência contra os Alemães não poderiam ser julgados e condenados por um tribunal no seu país natal. Em vez disso, deveriam ser enviados para a Alemanha, onde iriam desaparecer na *Nacht und Nebel* – «noite e nevoeiro». Daí serem conhecidos como prisioneiros NN. Alguns foram executados. O resto foi condenado a trabalhos forçados e trabalhou até à morte nos campos. De qualquer forma, Axel Frankel estava na Alemanha, não em Fjällbacka, durante o período em que Hans Olavsen cá esteve.

– Mas não sabemos a data exata em que o norueguês partiu de Fjällbacka – disse Erica, franzindo a testa. – Pelo menos, eu não encontrei nenhuma informação sobre isso. Não faço ideia de quando Hans deixou a minha mãe.

– Ah, mas eu sei quando Hans Olavsen deixou a cidade – disse triunfantemente Kjell, vasculhando os papéis sobre a sua secretária. – Quer dizer, aproximadamente, pelo menos – acrescentou. – Aqui – o jornalista extraiu um artigo e pô-lo à frente de Erica, apontando para uma passagem a meio da página.

Erica inclinou-se para frente e leu em voz alta:

«Este ano, a Associação Fjällbacka organizou com grande sucesso...»

– Não, não, a coluna seguinte – disse Kjell, apontando novamente.

– Ah, sim, está bem – Erica recomeçou a ler:

«Muitos ficaram surpreendidos ao saber que o resistente norueguês que encontrou refúgio entre nós, em Fjällbacka, nos deixou abruptamente. Muitos moradores de Fjällbacka lamentam não ter podido despedir-se dele e agradecem-lhe os seus esforços

durante a guerra, que agora chegou ao fim.»

Erica olhou de relance para a data no topo da página e, em seguida, ergueu os olhos.

– Dezanove de junho de 1945.

– Portanto, Hans desapareceu logo depois do final da guerra, se estou a interpretar isto corretamente – disse Kjell, pegando novamente no artigo e colocando-o no topo da pilha.

– Mas porquê? – Erica inclinou a cabeça enquanto refletia acerca do que tinha lido. – Continuo a achar que poderia ser boa ideia falar com Axel. O irmão pode ter-lhe contado alguma coisa. Vou tentar, para ver no que dá. Por acaso não estaria disposto a falar com o seu pai, ou estaria?

Kjell ficou em silêncio por um momento e depois respondeu:

– Claro. E depois digo-lhe se souber alguma coisa de Halvorsen. Certifique-se de que entra em contacto comigo se descobrir alguma coisa, está bem? – Kjell ergueu o indicador em sinal de advertência. Não estava habituado a trabalhar em equipa; porém, naquele caso, parecia ter visto uma vantagem em contar com a assistência de Erica.

– Também vou verificar junto das autoridades suecas – disse Erica, levantando-se. – E prometo informá-lo assim que souber alguma coisa – Erica começou a vestir o casaco, mas parou de repente. – É verdade, Kjell, há mais uma coisa. Não sei se é importante, mas...

– Diga-me. Neste momento, tudo pode ser útil – disse Kjell, olhando para Erica.

– Bem, eu falei com Herman, o marido da Britta. Parece saber alguma coisa sobre tudo isto. Quer dizer, não tenho a certeza, mas fiquei com essa sensação. Enfim, quando lhe perguntei sobre o Hans Olavsen, Herman reagiu de modo muito estranho. Disse-me que eu devia perguntar a Paul Heckel e Friedrich Hück. Tentei verificar os nomes e não conseguiu encontrar nada. Mas...

– Sim? – disse Kjell.

– Oh, não sei. Podia jurar que nunca conheci nenhum deles; porém, há algo de familiar...

Kjell bateu com a esferográfica na secretária.

– Paul Heckel e Friedrich Hück? – quando Erica assentiu, Kjell anotou os nomes. – Certo, também vou verificar estes nomes. Mas não me dizem nada.

– Parece que ambos temos umas coisas para fazer – disse Erica, sorrindo, parada à entrada. – Sinto-me muito melhor por saber que há duas pessoas a trabalhar nisto.

– Ainda bem – retorquiu Kjell, parecendo distraído.

– Eu mantenho-me em contacto – disse Erica.

– Certíssimo – disse Kjell, pegando no telefone sem olhar para Erica quando esta saiu do seu gabinete. Estava ansioso por chegar ao fundo daquilo. O seu faro jornalístico tinha captado o cheiro inconfundível a uma boa história.

– Vamos sentar-nos e rever tudo? – perguntou Martin. Naquela tarde de segunda-feira reinava a calma na esquadra.

– Sim, vamos lá – disse Gösta, levantando-se com relutância. – Paula também?

– Claro – disse Martin, dirigindo-se ao gabinete da nova agente. Mellberg andava a passear *Ernst*, e Annika parecia estar ocupada na área da receção, por isso apenas os três se sentaram na cozinha com todo o material da investigação disponível à sua frente.

– Erik Frankel – afirmou Martin, assentando a ponta da esferográfica numa nova página do bloco-notas.

– Foi assassinado em sua casa, com um objeto que já foi encontrado no local do crime – disse Paula enquanto Martin começou a escrever febrilmente.

– O que parece indicar que não se tratou de um homicídio premeditado – disse Gösta, ao que Martin assentiu.

– Não havia impressões digitais no busto que foi utilizado como arma do crime, mas não parece ter sido limpo, de modo que o assassino deve ter usado luvas, o que acaba por contradizer a ideia de que não foi um ato premeditado – exclamou Paula. A agente olhou

para as palavras que Martin estava a escrever no bloco-notas.

– Consegues mesmo ler o que escreves? – perguntou com ceticismo, já que a caligrafia do colega se assemelhava mais a uma data de hieróglifos. Ou a estenografia.

– Só se passar logo tudo para o computador – respondeu Martin, sorrindo enquanto continuava a escrever. – Caso contrário, estou tramado.

– Erik Frankel morreu de um violento golpe na têmpora – disse Gösta, extraíndo da pasta as fotografias do local do crime. – O assassino não levou com ele a arma do crime.

– Mais uma vez, estas não são as marcas de um homicídio particularmente calculado ou a sangue-frio – afirmou Paula, levantando-se para servir café a si e aos colegas.

– A única ameaça potencial que fomos capazes de identificar veio da organização neonazi Amigos da Suécia, da qual Frankel era alvo por ser um especialista do nazismo – Martin pegou nas cinco cartas fechadas em sacos de plástico e espalhou-as sobre a mesa. – Além disso, Erik tinha uma ligação pessoal com a organização através do seu amigo de infância, Frans Ringholm.

– Não temos nada que possa ligar Frans ao homicídio? O que quer que seja? – Paula olhou para as cartas como se quisesse obrigá-las a falar.

– Bem, três dos seus amigos nazis afirmam que Frans esteve com eles na Dinamarca nos dias em questão. Não é um álbi incontestável, se é que tal coisa ainda existe, mas não temos muitas provas físicas por onde pegar. As pegadas encontradas no local do crime pertenciam aos rapazes que descobriram o cadáver. Não havia quaisquer outras pegadas ou impressões digitais, nem mais nada além do que seria de esperar encontrarmos lá.

– Vais servir o café ou vais só ficar para aí com a cafeteira na mão? – perguntou Gösta a Paula.

– Diz «se faz favor» que eu sirvo-te o café – brincou Paula, ao que Gösta relutantemente grunhiu: «se faz favor».

– Depois, há a data do homicídio – disse Martin, acenando com a cabeça a Paula em agradecimento por a colega lhe ter enchido a chávena. – Conseguimos determinar com relativo grau de certeza que Erik Frankel morreu algures entre os dias quinze e dezassete de junho. Portanto, temos apenas uma margem de dois dias. Depois, o cadáver de Erik permaneceu ali, sem ser descoberto, porque o irmão estava fora e ninguém esperava notícias dele, exceto possivelmente Viola; porém, segundo o que ela nos disse, Erik tinha terminado o relacionamento entre ambos. E isso aconteceu muito pouco tempo antes de ter sido morto.

– E ninguém viu nada? Gösta, tu falaste com todos os vizinhos? Alguém viu carros estranhos? Alguma pessoa suspeita? – Martin olhou para o colega.

– Não há muitos vizinhos com quem falar naquela zona – resmungou Gösta.

– Devo encarar isso como um não?

– Falei com todos os vizinhos e ninguém viu nada.

– Está bem, por agora vamos esquecer isso – Martin suspirou e bebeu um pouco de café.

– E quanto a Britta Johansson? É uma coincidência notável que ela tenha estado ligada a Erik Frankel. E a Frans Ringholm, claro. É evidente que foram amigos há muito tempo, mas temos registos de ligações telefónicas que mostram que houve realmente contacto entre eles, em junho, e que tanto Frans como Erik também foram visitar Britta por essa altura – mais uma vez, Martin olhou para os colegas em busca de respostas. – Porquê escolher esse momento em especial para retomar o contacto após sessenta anos? Devemos acreditar no marido de Britta quando afirma que o contacto se deveu à deterioração do estado mental da mulher e que, por isso, ela queria recordar os velhos tempos?

– Pessoalmente, acho que isso é uma treta – disse Paula, abrindo um pacote de biscoitos *Ballerina*. Puxou a fita de plástico numa das extremidades e serviu-se de três biscoitos antes de oferecer os

restantes aos colegas. – Acho que, se ao menos conseguíssemos descobrir o verdadeiro motivo do encontro deles, o caso resolvia-se de uma penada. Mas o Frans é tão silencioso como um túmulo e o Axel aferra-se à mesma versão que Herman nos deu.

– E não esqueçamos os pagamentos mensais – disse Gösta, parando por um momento para remover meticulosamente a camada de baunilha no topo do seu biscoito e lambe o recheio de chocolate. A seguir, prosseguiu: – O que terá isso que ver com o homicídio de Frankel?

Martin olhou para Gösta com surpresa. Não sabia que o colega estava a par daquela parte da investigação, uma vez que a sua estratégia habitual era sentar-se à espera que as informações lhe chegassem.

– Bem, Hedström tentou verificar esse ângulo no sábado – respondeu Martin, sacando as notas que tinha tomado quando Patrik telefonara a relatar a sua visita a Wilhelm Fridén.

– Então, o que foi que o Patrik descobriu? – Gösta pegou noutro biscoito e os colegas observaram, transfigurados, a repetição da manobra de dissecação. A camada de baunilha foi-se e, depois, Gösta lambeu o recheio de chocolate. As restantes camadas de biscoito eram depois postas de lado.

– Ouve, Gösta, isso de lambe o chocolate e deixares o resto é um nojo – disse Paula, indignada.

– Estás armada em quê? Em defensora dos biscoitos? – respondeu Gösta, fazendo gala em tirar mais um biscoito. Paula limitou-se a resmungar e pegou no pacote de biscoitos para o colocar em cima da bancada, fora do alcance de Gösta.

– Infelizmente, o Patrik não descobriu grande coisa – disse Martin. – Wilhelm Fridén morreu há apenas duas semanas e nem a viúva nem o filho sabiam nada acerca dos pagamentos. Claro que é difícil sabermos se estavam ou não a dizer a verdade, mas Patrik acreditou neles. De qualquer forma, o filho prometeu pedir ao advogado para enviar todos os documentos do pai. Portanto, se tivermos sorte, talvez encontremos alguma coisa de interesse neles.

– Então e o irmão de Erik? Saberá alguma coisa sobre esses pagamentos? – Gösta olhou avidamente para os biscoitos que estavam sobre a bancada e parecia estar realmente a pensar em levantar o traseiro para ir buscá-los.

– Telefonámos ao Axel a perguntar-lhe sobre os pagamentos – disse Paula, lançando um olhar de advertência a Gösta. – Mas ele disse que não fazia ideia do que se tratava.

– E nós acreditamos nele? – Gösta estava a medir a distância da sua cadeira à bancada. Uma estocada rápida e talvez conseguisse alcançá-los.

– Não sei mesmo. O Axel é uma pessoa é difícil de decifrar. Que achas, Paula? – perguntou Martin, voltando-se para a colega.

Enquanto Paula refletia, Gösta aproveitou a sua oportunidade. Levantou-se e lançou-se ao pacote, mas a mão esquerda de Paula disparou à velocidade da luz e agarrou nele antes de Gösta.

– Nem penses... – Paula lançou uma piscadela de olho maliciosa a Gösta, que não pôde deixar de sorrir à colega. Começava a gostar daquele jogo. Com o pacote de biscoitos bem seguro no colo, Paula virou-se para Martin. – Sim, concordo. Realmente não consigo interpretar o que lhe vai na mente. Portanto, não, não tenho a certeza.

– Voltemos a Britta – disse Martin, escrevendo «BRITTA» em maiúsculas no seu bloco-notas, sublinhando depois a palavra. – Aquela que julgo ser a nossa melhor prova é a descoberta do que muito provavelmente é o ADN do assassino nas unhas de Britta. E o facto de ter evidentemente conseguido deixar arranhões profundos no rosto ou nos braços da pessoa que a estava a sufocar. Conseguimos falar brevemente com o Herman esta manhã e ele não tinha marcas de arranhões. Também disse que a Britta já estava morta quando ele chegou a casa. Que estava deitada na cama com uma almofada sobre o rosto.

– Mas o Herman continua a afirmar ter sido o culpado da morte de Britta – exclamou Paula.

– Então e que quer ele dizer com isso? – Gösta franziu a testa. –

Estará a proteger alguém?

– Sim, essa também é a nossa ideia – Paula cedeu e voltou a colocar o pacote de biscoitos sobre a mesa, fazendo-o deslizar na direção de Gösta. – Toma, dá cabo deles – disse Paula em inglês.

– O quê? – perguntou Gösta, cujo conhecimento daquele idioma se limitava a termos relacionados com golfe, embora mesmo nesses casos a sua pronúncia deixasse muito a desejar.

– Esquece. Lambe lá o chocolate – disse Paula.

– E depois temos a impressão digital – disse Martin, ouvindo, divertido, as discussões amigáveis entre Gösta e Paula. Se não o conhecesse tão bem, teria dito que o colega mais velho estava realmente a trabalhar com gosto.

– Uma única impressão digital num botão... não é propriamente motivo para deitar foguetes – disse Gösta com expressão sombria.

– Não, não por si só, mas se a impressão digital vier da mesma pessoa que deixou o ADN sob as unhas de Britta, então acho que há motivo para otimismo. – Martin sublinhou as letras «ADN» no bloco-notas.

– Quando é que o perfil de ADN fica pronto? – perguntou Paula.

– O laboratório calcula que vamos tê-lo até quinta-feira – respondeu Martin.

– Certo, então, depois disso, vamos recolher amostras de ADN – Paula esticou as pernas. Às vezes, perguntava a si própria se os sintomas da gravidez de Johanna não seriam contagiosos. Até ao momento, já tinha tido dores lancinantes nas pernas, pequenas pontadas estranhas e um apetite voraz.

– Então e temos algum candidato para as amostras de ADN? – Gösta já ia no seu terceiro biscoito.

– Estava a pensar em Axel e em Frans – disse Paula.

– Temos mesmo de esperar até quinta-feira? Os resultados demoram sempre algum tempo a chegar e os arranhões saram muito depressa, por isso era melhor recolhermos as amostras de ADN o mais depressa possível – disse Gösta.

– Bem pensado, Gösta – disse Martin, surpreendido. – Vamos fazer isso amanhã. Há mais alguma coisa? Alguma coisa de que nos tenhamos esquecido ou que tenhamos deixado de fora?

– O que é que não podem «deixar de fora»? – perguntou uma voz vinda da entrada. Mellberg entrou com *Ernst* a reboque, ofegante. O cão farejou imediatamente a pilha de restos de biscoitos de Gösta e foi sentar-se aos pés dele. A expressão implorante de *Ernst* surtiu o efeito desejado e os biscoitos desapareceram num ápice.

– Estávamos apenas a rever umas coisas, a certificarmo-nos de que não nos tínhamos esquecido de nada – explicou Martin, apontando para os documentos sobre a mesa à frente de todos. – Só estávamos a dizer que amanhã temos de recolher amostras de ADN de Axel e de Frans.

– Ah, sim, façam isso – disse Mellberg com impaciência, receoso de poder ser arrastado para qualquer tipo de trabalho concreto. – Continuem o que estavam a fazer. Parece-me que estão a fazer um bom trabalho – Mellberg chamou *Ernst*. O cão abanou a cauda e seguiu-o até ao gabinete, onde se deitou no seu lugar habitual, aos pés do dono, debaixo da secretária.

– Vejo que a ideia de encontrar alguém para adotar o cão foi posta em banho-maria – disse Paula, divertida.

– Acho que podemos considerar o *Ernst* «adotado». Mas juro que não sei quem é que está a tomar conta de quem. Também circulam rumores de que Mellberg se transformou no rei da Salsa, com aquela idade – Gösta deu uma risada.

Martin baixou a voz e sussurrou:

– Também ouvi isso... E, esta manhã, quando fui ao gabinete dele, Mellberg estava no chão a fazer alongamentos.

– Deves estar a gozar! – disse Gösta de olhos arregalados. – E como estavam a correr os exercícios?

– Não estavam – Martin deu uma gargalhada. – Mellberg estava a tentar tocar nos dedos dos pés, mas a barriga estava no caminho e não lhe deu hipótese. Só para referir um dos motivos do fracasso.

– Ouçam lá, por acaso, quem dá as aulas de Salsa que o Mellberg tem frequentado é a minha mãe – repreendeu-os Paula. Gösta e Martin olharam para a colega com espanto.

– A minha mãe convidou-o para almoçar há uns dias e Mellberg foi... realmente muito agradável – disse-lhes Paula.

Nesse momento, Martin e Gösta ficaram verdadeiramente pasmados a olhar para Paula.

– Mellberg está a ter aulas de Salsa com a tua mãe? E foi almoçar a tua casa? Não tarda nada estás a chamar-lhe «papá»! – Martin soltou uma gargalhada altíssima e Gösta fez coro com ele.

– Parem com isso – disse irritadamente Paula quando se levantou. – Bem, quanto à investigação, já falámos o que tínhamos que falar, não é verdade? – a agente saiu da sala. Martin e Gösta trocaram olhares desconcertados, mas então não puderam deixar de começar novamente a rir à gargalhada. Era bom de mais para ser verdade.

No fim de semana tinha-se desencadeado uma verdadeira guerra. Dan e Belinda tinham gritado sem parar um com o outro, de tal forma que Anna pensou que a sua cabeça ia explodir com todo aquele tumulto. Tinha-os advertido várias vezes, pedindo-lhes para mostrarem alguma consideração para com Adrian e Emma e, felizmente, o argumento parecia ter sortido efeito sobre ambos. Embora Belinda nunca o admitisse abertamente, Anna percebia que a filha de Dan gostava dos seus filhos e, por isso, estava disposta a esquecer parte do seu comportamento desafiador de adolescente. Anna também pensava que Dan não compreendia verdadeiramente como eram as coisas para a sua filha mais velha ou por que razão Belinda reagia daquela forma. Era como se os dois tivessem chegado a um impasse e não soubessem como sair daquela situação. Anna suspirava enquanto percorria a sala a apanhar os brinquedos que as crianças pareciam ter espalhado por cada centímetro do chão.

Ao longo dos últimos dias, Anna também tinha tentado interiorizar a descoberta de que ela e Dan iam ter um filho juntos. A sua mente

ainda estava num turbilhão, mas conseguira suprimir o pior dos seus medos. Também começara a sentir-se tão enjoada como se sentira durante as suas duas primeiras gravidezes. Não vomitava muitas vezes, mas passava os dias com uma sensação desagradável no estômago, como o enjoo que se sente com o balanço de um barco. Dan tinha notado que Anna perdera o apetite que costumava ter e, como uma mãe galinha preocupada, continuou a tentá-la com todo o tipo de gulodices.

Anna sentou-se no sofá e pôs a cabeça entre os joelhos, concentrando-se na respiração, num esforço para controlar as náuseas. Da última vez, quando estava grávida de Adrian, aquilo tinha durado até ao sexto mês, o que lhe parecera uma eternidade. Do primeiro andar, Anna conseguia ouvir vozes agitadas a subir e a descer de tom, acompanhadas pelo martelar da música de Belinda. Não estava a conseguir lidar com tudo aquilo. Estava completamente farta. As náuseas foram piorando e a sua ânsia de vomitar fez com que a bÍlis azeda lhe subisse à boca. Deu um salto e correu para a casa de banho, ajoelhou-se em frente da sanita e tentou cuspir aquela coisa que lhe subia e descia na garganta. Mas nada saiu.

Após vários minutos a vomitar em seco, o que não lhe trouxe qualquer alívio, desistiu e levantou-se para limpar a boca com uma toalha. Ao fazê-lo, captou um vislumbre de si própria no espelho da casa de banho. O que viu alarmou-a. Estava tão pÍlida como a toalha branca que segurava e tinha os olhos muito abertos de medo. Tal e qual como quando estava com Lucas. E, no entanto, agora era tudo tão diferente. Muito melhor. Anna passou a mão sobre a barriga, que ainda estava lisa. Tanta esperança. E tanto medo. Tudo concentrado num pequeno ponto alojado no seu ventre. Tão dependente, tão minÍsculo.

Claro que tinha pensado em ter um filho de Dan. Mas não agora, ainda não. Algures num futuro distante. Depois de as coisas se terem acalmado, estabilizado. Apesar disso, depois de ter sabido que estava grávida, não lhe tinha passado pela cabeça, por um momento que fosse, interromper a gravidez. A ligação já estava lá. A ligação

invisível, frágil, mas contudo forte entre ela e o que ainda não era visível a olho nu. Anna respirou fundo e saiu da casa de banho. As vozes alteradas tinham-se mudado para o rés do chão e vinham agora do corredor.

– Vou para casa da Linda. Será que isso é assim tão difícil de compreender, porra! Eu tenho os meus amigos, sabes bem disso. Ou também vais proibir-me de estar com os meus amigos?

Anna sentiu que Dan estava prestes a responder-lhe à letra e, nesse momento, a sua paciência esgotou-se. A ferver de raiva, alcançou o corredor em poucas passadas e gritou:

– Está na hora de vocês os dois CALAREM A BOCA! Perceberam? Estão os dois a agir como crianças e isso vai PARAR! AGORA MESMO! – Anna ergueu o dedo e prosseguiu antes que qualquer um deles tivesse tempo para a interromper: – Tu, Dan, vais parar de uma vez por todas de gritar com a Belinda. Sabes muito bem que não podes simplesmente trancá-la em casa e deitar fora a chave! Ela tem dezassete anos, precisa de estar com os amigos, raios!

O rosto de Belinda iluminou-se com um sorriso de satisfação, mas Anna ainda não tinha terminado.

– E tu, miúda, tens de parar de te comportar como uma menina mimada e começar a agir como uma adulta, se é assim que queres ser tratada! Não quero ouvir mais tretas acerca de eu e os meus filhos vivermos aqui, porque nós vamos ficar, quer queiras quer não, e gostávamos muito de ser teus amigos, mas para isso tens de nos dar uma oportunidade! – Anna fez uma pausa para recuperar o fôlego e depois prosseguiu num tom que deixou Dan e Belinda aterrados e hirtos como soldadinhos de chumbo: – E, só para que saibas, nós não vamos para lado nenhum, se essa era a tua ideia, porque eu e o teu pai vamos ter um bebé; por isso, os meus filhos e tu e as tuas irmãs vão ficar ligados entre si por um meio-irmão, ou irmã. E eu gostava realmente que fossemos todos amigos, mas não posso fazer isso sozinha. Precisamos de nos ajudarmos uns aos outros! Seja como for, o bebé vai nascer na primavera, quer decidas aceitar-me ou não, por

isso nem pensem que vou aturar estas merdas até lá! – Anna desatou a chorar, ao passo que pai e filha continuavam no sítio onde estavam, como se estivessem congelados. Então, Belinda começou a soluçar. Olhou fixamente para Dan e para Anna por um momento antes de sair a correr pela porta da frente, que se fechou atrás dela com um estrondo.

– Meu amor, achas que era mesmo preciso reagires assim? – perguntou Dan, cansado. Emma e Adrian também tinham testemunhado a discussão e estavam esprechados no corredor, a olhar para os dois com espanto.

– Oh, vai-te lixar – disse Anna, pegando no casaco. Pela segunda vez, a porta da frente fechou-se com um estrondo.

– Olá, por onde andaste? – Patrik foi receber Erica no vestíbulo e beijou-a nos lábios. Maja também queria um beijo da mãe, por isso aproximou-se com passo vacilante, esticando os braços.

– Tive duas conversas muito interessantes, acredita – disse Erica, pendurando o casaco e seguindo Patrik até à sala de estar.

– A sério? Acerca de quê? – perguntou Patrik, sentando-se no chão e recomeçando a atividade a que se dedicava com Maja quando ouviram Erica entrar. Estavam a construir a torre mais alta do mundo com blocos.

– Pensava que a Maja é que devia estar a aprender a utilizar os blocos de construção – riu-se Erica, sentando-se ao lado deles. Divertida, observou como o marido, com grande concentração, tentava colocar um bloco vermelho no topo da torre, que agora estava mais alta do que Maja.

– Silêncio, por favor – disse Patrik, com a ponta da língua a assomar-lhe pela comissura dos lábios enquanto tentava manter a mão o mais firme possível para colocar o bloco no topo da construção periclitante.

– Olha, Maja, podes dar o bloco amarelo à mamã? – sussurrou Erica à filha, apontando para um bloco na parte inferior da torre. O

rosto de Maja iluminou-se perante a ideia de fazer um favor à mãe. A menina inclinou-se e puxou rapidamente o bloco, fazendo com que a estrutura cuidadosamente empilhada de Patrik se desmoronasse.

Patrik ficou para ali sentado, segurando o bloco vermelho no ar.

– Muito obrigado – disse, amuado, lançando um olhar assassino a Erica. – Fazes ideia da habilidade que é preciso ter para construir uma torre tão alta? A precisão que isto exige?

– Estou a ver que alguém começa finalmente a perceber porque é que andei um ano a dizer que me davam pouco valor – Erica deu uma gargalhada quando se inclinou para beijar o marido.

– Hum... Sim, sim já percebi – disse Patrik, retribuindo-lhe o beijo, e o que tinha começado por ser um beijo, rapidamente se transformou em leves carícias com as mãos, que não pararam até que Maja, com uma pontaria perfeita, atirou um bloco à cabeça do pai.

– Ai! – Patrik levou a mão à cabeça e depois ergueu o dedo para advertir Maja. – Que raio é que pensas que estás a fazer? A atirar blocos ao papá logo agora que ele conseguiu apalpar um pouco a mamã?

– Patrik! – Erica deu-lhe uma palmada no ombro. – Achas que é realmente necessário ensinar à nossa filha a palavra «apalpar» na idade dela?

– Se ela quer um irmãozinho ou uma irmãzinha, vai ter que dar connosco a apalparmo-nos – disse Patrik, e Erica viu que o marido tinha aquele brilho nos olhos.

Erica levantou-se.

– Acho que ainda vamos ter de esperar um pouco pelo irmãozinho ou irmãzinha. Mas também acho que podíamos praticar um bocadinho esta noite... – Erica piscou-lhe o olho e dirigiu-se à cozinha. Tinham finalmente conseguido retomar aquela parte da sua vida conjugal. Era inacreditável o efeito negativo que a chegada de um bebé podia ter na vida sexual de um casal; porém, depois de um ano um pouco escasso a esse respeito, as coisas tinham começado a melhorar. Apesar de que, depois de passar um ano inteiro em casa, Erica ainda não conseguia

imaginar-se a dar um irmão a Maja. Sentia que precisava de se readaptar a ser uma pessoa adulta antes de poder considerar um regresso ao mundo dos bebés.

– Então, que conversas interessantes foram essas que tiveste hoje?
– perguntou Patrik, seguindo-a até à cozinha.

Erica contou-lhe as duas viagens a Uddevalla e o que tinha descoberto.

– Mas tu não reconheces esses nomes? – perguntou Patrik, franzindo a testa depois de Erica lhe ter contado o que Herman lhe dissera.

– Bem, essa é a parte estranha. Não me lembro de alguma vez os ter ouvido; porém, há algo... Não sei. Paul Heckel e Friedrich Hück. De algum modo, estes nomes soam-me familiares.

– Quer dizer que tu e Kjell Ringholm vão unir forças para localizar esse tal... Hans Olavsén? – Patrik parecia cético e Erica percebia aonde o marido queria chegar.

– Sim, eu sei que é um tiro no escuro. Não faço ideia do papel que o Hans possa ter desempenhado, mas algo me diz que é importante. E mesmo que isto não tenha nada que ver com os assassínios, o Hans parece ter significado alguma coisa para a minha mãe e, no fundo, foi por causa dela que comecei tudo isto. Por querer saber mais acerca dela.

– Bem, mas tens de ter cuidado – Patrik colocou uma chaleira com água no fogão. – Queres um chá?

– Pode ser, obrigada – Erica sentou-se à mesa da cozinha. – Que queres dizer com «ter cuidado»?

– Pelo que ouvi dizer, Kjell é um jornalista muito sabido; por isso tem cuidado, não vá ele explorar-te.

– Não vejo como poderia fazê-lo. O pior que pode acontecer é ele ficar com as informações que eu desenterrar e não me dar nenhuma em troca. Mas estou disposta a correr esse risco. E não me parece que o Kjell fosse capaz de fazer isso. Concordámos que eu falaria com o Axel Frankel sobre o norueguês e que também verificaria se o Hans

aparece em qualquer registo oficial sueco. E o Kjell vai falar com o pai, embora não tenha ficado particularmente entusiasmado com a perspetiva.

– Pois, esses dois não parecem dar-se muito bem – disse Patrik, despejando água a ferver em duas chávenas, ambas munidas de uma saqueta de chá. – Li uma série de artigos que Kjell escreveu e ele não é nada meigo com o pai.

– Então, parece que vai ser uma conversa interessante – retorquiu Erica, pegando na chávena que Patrik lhe entregou. Olhou para Patrik enquanto bebia o chá quente. Conseguiram ouvir Maja a tagarelar com algum amiguinho imaginário na sala de estar. Provavelmente, estava a conversar com a boneca, que se recusava a largar desde que lhe fora oferecida por Märta.

– Qual é a sensação de não participares na investigação com os teus colegas? – perguntou Erica.

– Estaria a mentir se dissesse que não está a ser difícil. Mas apercebo-me de que esta é uma excelente oportunidade para ficar em casa com a Maja; além disso, o meu trabalho ainda estará lá quando eu regressar. O que não quer dizer que espere que haja mais homicídios para investigar, mas, enfim... sabes aonde quero chegar.

– E como é que a Karin se está a sair? – perguntou Erica, tentando manter o tom de voz tão neutro quanto possível.

Patrik fez uma breve pausa antes de responder. E depois disse:

– Não sei. Karin parece tão... triste. Acho que as coisas não correram como ela imaginava e agora está presa numa situação que... não, realmente não sei. Tenho alguma pena dela.

– Será que ela se arrependeu de te ter deixado? – perguntou Erica, esperando depois tensamente pela resposta. Nunca tinham falado sobre o casamento de Patrik com Karin e, das poucas vezes que Erica lhe tinha tentado perguntar alguma coisa, o marido respondera-lhe laconicamente e por monossílabos.

– Não, não me parece. Ou melhor... Olha, não sei. Acho que ela está arrependida de ter feito o que fez e que lamenta que eu a tenha

apanhado em flagrante – Patrik deu uma gargalhada amarga quando imaginou a cena que tinha afastado da mente durante tanto tempo. – Mas não sei... Agora apercebo-me de que Karin fez o que fez em grande parte porque nós simplesmente não nos estávamos a dar bem.

– Mas achas que ela se esqueceu disso? – perguntou Erica. – Às vezes temos tendência para recordar apenas as coisas boas.

– É verdade, mas acho que ela se recorda de como as coisas realmente eram. De certeza – disse Patrik, embora parecesse duvidar um pouco. Ansioso por acabar com aquela conversa, perguntou: – Então, o que é que tens agendado para amanhã?

Erica percebeu exatamente o que Patrik estava a tentar fazer e decidiu deixar cair o assunto.

– Estava a pensar ter uma pequena conversa com o Axel. E vou fazer algumas chamadas para a Conservatória do Registo Civil e para as Finanças, para ver se consigo desenterrar alguma coisa acerca do Hans.

– Espera lá, por acaso não tinhas um livro para escrever? – Patrik deu uma gargalhada, embora ainda parecesse nervoso.

– Há tempo de sobra para isso, sobretudo porque já fiz a maior parte da pesquisa. Além disso, ia ter grande dificuldade em concentrar-me no livro até tirar isto do meu sistema; portanto, deixa-me...

– Tudo bem, não se fala mais nisso – disse Patrik, pegando-lhe nas mãos. – Já és uma menina crescida e sabes como organizar o teu tempo. A Maja e eu vamos tratar de pôr em prática o nosso próprio programa e tu podes ir tratar do teu – levantou-se e beijou Erica no topo da cabeça quando se dirigiu para a sala.

– Tenho de ir construir uma nova obra-prima. Estava a pensar num modelo à escala do Taj Mahal.

Erica abanou a cabeça, dando uma gargalhada. Às vezes, questionava-se se o homem com quem tinha casado estaria completamente são. Provavelmente não, decidiu.

Anna avistou-a ao longe. Uma figura pequena e solitária na extremidade do cais flutuante. Não tinha saído de casa com a intenção de ir à procura dela. Mas, assim que desceu a encosta de Galärbacken e viu Belinda, soube que teria de ir conversar com a rapariga.

Belinda deu pela chegada de Anna. Estava sentada no cais a fumar um cigarro e tinha um maço de *Gula Blend* e uma carteira de fósforos ao lado dela.

– Olá – disse Anna.

Belinda encolheu-se. Olhou para o cigarro na mão e, por um segundo, pareceu pensar em escondê-lo, mas depois enfiou-o desafiadoramente na boca e inalou profundamente.

– Dás-me um? – perguntou Anna, sentando-se ao lado de Belinda.

– Tu fumas? – perguntou Belinda, surpreendida, mas depois passou-lhe o maço.

– Já fumei. Durante cinco anos. Mas o meu... ex-marido... Ele não gostava – aquilo era um eufemismo, claro. Uma vez, logo no início da relação, quando Lucas a encontrou a fumar um cigarro às escondidas, apagou-lho na curva entre o braço e o antebraço. Anna ainda conservava uma ligeira cicatriz daquele incidente.

– Não vais contar ao meu pai, pois não? – perguntou Belinda, que continuava com ar de desafio, agitando o cigarro. Mas depois acrescentou um submisso: «por favor?»

– Se não lhe contares que eu fumei eu não lhe digo que tu fumas – disse Anna, fechando os olhos quando deu a primeira passa.

– Achas bem estares a fumar? Quer dizer, por causa do... bebé? – perguntou Belinda, que de repente parecia uma senhora de idade indignada.

Anna deu uma gargalhada.

– Este vai ser o primeiro e último cigarro que vou fumar enquanto estiver grávida. Prometo.

Ficaram sentadas em silêncio por algum tempo, soprando anéis de fumo sobre o mar. O calor do verão tinha desaparecido completamente, substituído pelo frio cortante de setembro. Mas pelo

menos não havia vento e a superfície calma e brilhante das águas estendia-se diante delas. O porto parecia deserto, apenas com alguns barcos na marina – não era como no verão, quando havia filas e mais filas de barcos alinhados.

– Não é fácil, pois não? – perguntou Anna, olhando para o mar.

– O quê? – perguntou Belinda, soando mal-humorada e ainda incerta quanto à atitude a tomar.

– Ser uma miúda. Apesar de já seres quase adulta.

– Tu não sabes nada acerca disso – respondeu Belinda, lançando um seixo à água.

– Pois, tens razão, eu já nasci com a idade que tenho agora – Anna deu uma gargalhada, dando uma cotovelada a Belinda ao de leve, para mostrar que estava a brincar. Foi recompensada por um ligeiro sorriso que desapareceu instantaneamente. Anna não disse mais nada. Queria deixar que fosse Belinda a determinar o ritmo da conversa. Nenhum das duas falou durante vários minutos, até que, pelo canto do olho, Anna reparou que Belinda olhava cautelosamente para ela.

– Sentes-te mesmo maldisposta?

Anna assentiu.

– Como uma doninha enjoada.

– Porque é que uma doninha iria enjoar? – perguntou Belinda, dando uma risadinha.

– Porque não? Podes provar-me que as doninhas nunca enjoam? Se assim for, gostava de ver as provas. Porque é exatamente como me sinto. Como uma doninha enjoada.

– Estás mas é a gozar comigo – disse Belinda, mas não pôde deixar de dar uma gargalhada.

– Agora fora de brincadeira, sinto-me muito gorda.

– A minha mãe sentia-se uma merda quando estava grávida da Lisen. Eu lembro-me disso porque já tinha idade suficiente. Ela era... Oh, desculpa. Talvez não deva falar dos tempos em que os meus pais... – Belinda calou-se, envergonhada. Tirou outro cigarro do maço e, com as mãos em concha em torno dele, acendeu-o.

– Olha, estás completamente à vontade para falar sobre a tua mãe. Sempre que quiseses. Não tenho nenhum problema com o facto de Dan ter tido uma vida antes de me conhecer... afinal, ele teve-vos às três nessa vida. Com a tua mãe. A sério, não precisas de sentir-te como se estivesses a trair o teu pai só porque amas a tua mãe. E eu prometo que não vou ficar ofendida se falares acerca dela. Nada mesmo – Anna pôs a mão sobre a mão de Belinda, que estava pousada sobre o cais. A princípio, Belinda parecia prestes a retirar a mão, mas acabou por deixá-la onde estava. Após alguns segundos, Anna tirou a sua mão e também pegou no maço para tirar outro cigarro. Seriam dois pregos para o seu caixão durante aquela gravidez. Mas depois deixaria de fumar. De vez.

– Eu tenho muito jeito para ajudar a cuidar de bebés – disse Belinda, olhando Anna nos olhos. – Ajudei muito a minha mãe com a Lisen, quando ela era pequena.

– Por acaso, o Dan contou-me isso. E como ele e a tua mãe praticamente tiveram de obrigar-te a sair de casa para brincarem com os teus amigos em vez de cuidares da bebé. E o Dan disse-me que tinhas mesmo muito jeito. Por isso, espero poder contar com um pouco de ajuda na primavera. Podes encarregar-te de mudar as fraldas – Anna acotovelou novamente Belinda, mas dessa vez a rapariga retribuiu o gesto.

Com um sorriso a iluminar-lhe os olhos, Belinda disse:

– Só mudo as fraldas que tiverem chichi, combinado? – Belinda estendeu a mão e Anna apertou-lha.

– Combinado, ficas com as fraldas com chichi – e depois acrescentou: – O teu pai pode encarregar-se das que tiverem cocó.

As gargalhadas de ambas ecoaram pelo porto deserto.

Anna recordar-se-ia sempre daquele momento como um dos melhores da sua vida. O momento em que o gelo derreteu.

Axel estava a fazer as malas quando ela chegou. Recebeu-a à entrada, segurando uma camisa pendurada num cabide em cada mão.

Atrás dele, Erica viu um porta-fatos pendurado numa das portas que davam para o vestíbulo.

– Vai viajar? – perguntou Erica.

Axel assentiu enquanto pendurava cuidadosamente as camisas para que não ficassem enrugadas.

– Sim, tenho de regressar ao trabalho em breve. Parto para Paris na sexta-feira.

– E consegue ir-se embora sem descobrir quem... – Erica deixou as palavras a pairarem no ar.

– Não tenho escolha – respondeu Axel com amargura. – Claro que apanho o primeiro avião para casa se a polícia precisar da minha ajuda para o que quer que seja. Mas preciso realmente de voltar ao meu trabalho. E não é muito construtivo ficar para aqui a matutar – acrescentou, esfregando os olhos com cansaço, e Erica reparou como Axel estava com um ar exausto. Parecia ter envelhecido vários anos desde a última vez que o vira.

– Provavelmente vai fazer-lhe bem poder estar longe daqui por algum tempo – disse suavemente Erica. Depois hesitou e disse: – Tenho algumas perguntas, várias coisas acerca das quais gostava de falar consigo. Será que podia pedir-lhe alguns minutos do seu tempo? Se lhe apetecer falar comigo, claro.

Axel concordou, parecendo cansado e resignado, e depois fez-lhe sinal para entrar. Erica deteve-se junto do sofá da varanda, onde tinham estado sentados da última vez que ali estivera; porém, Axel continuou a andar, passando por ela e dirigindo-se à divisão seguinte.

– Que bela sala! – exclamou Erica, olhando em redor, completamente rendida. Era como entrar num museu de uma época passada. Tudo naquela sala datava dos anos quarenta e, embora parecesse limpa e arrumada, a sala parecia ter um cheiro a antigo.

– Sim, bem, nem os nossos pais nem nós nunca tivemos muito interesse por coisas mais modernas. A minha mãe e o meu pai nunca fizeram grandes alterações na casa e Erik e eu seguimos-lhes o exemplo. Além disso, os anos quarenta foram um período cheio de

objetos muito belos, por isso não vejo motivo para substituir este mobiliário por peças mais modernas, que eu julgo serem muito mais feias – disse Axel, passando a mão sobre uma elegante escrivaninha.

Sentaram-se num sofá creme. Não era particularmente confortável e obrigava quem nele se sentasse a permanecer muito direito e hirto.

– Queria perguntar-me qualquer coisa, não era? – disse cordialmente Axel, embora num tom algo impaciente.

– Sim, exatamente – respondeu Erica, sentindo-se repentinamente constrangida. Era a segunda vez que ali ia incomodar Axel com as suas perguntas, quando ele tinha tantas outras coisas com que preocupar-se. Mas, como anteriormente, Erica decidiu que, já que ali estava, mais valia descobrir o que queria saber. – Tenho andado a fazer algumas pesquisas acerca da vida da minha mãe e também sobre os amigos dela: o seu irmão, Frans Ringholm e Britta Johansson.

Axel assentiu, girando os polegares enquanto esperava que Erica prosseguisse.

– Havia outra pessoa que fazia parte desse grupo.

Axel manteve-se em silêncio.

– Perto do final da guerra, um resistente norueguês veio até Fjällbacka no barco do meu avô... O mesmo barco no qual sei que o senhor viajou muitas vezes.

Axel fitou-a sem pestanejar, mas Erica reparou que o seu interlocutor ficou tenso quando ouviu serem mencionadas as viagens que fez à Noruega.

– Era um bom homem, o seu avô – disse Axel em voz baixa passado um momento. As mãos tinham-se imobilizado sobre os joelhos. – Um dos melhores que alguma vez conheci.

Erica nunca tinha conhecido o avô materno e ficou emocionada ao ouvi-lo ser descrito de forma tão elogiosa.

– Ao que sei, o senhor estava na prisão no momento em que Hans Olavsen fugiu escondido no barco do meu avô. Hans chegou a Fjällbacka em 1944 e, de acordo com o que nós descobrimos até agora, ficou por cá até pouco depois do fim da guerra.

– Disse «nós» – interrompeu Axel. – Esse «nós» refere-se a quem?
– perguntou com voz tensa.

Erica hesitou. Mas depois limitou-se a afirmar:

– Apenas que tive a ajuda de Christian, o funcionário da biblioteca de Fjällbacka. Nada mais – Erica não quis mencionar Kjell, e Axel pareceu aceitar aquela explicação.

– Sim, eu estava preso nessa época – respondeu Axel, novamente tenso. Era como se, de repente, todos os músculos do seu corpo se tivessem recordado do esforço a que tinham sido submetidos e reagido, retesando-se.

– Quer dizer que não chegou a conhecê-lo?

Axel abanou a cabeça.

– Não, ele já se tinha ido embora quando eu regresssei.

– Quando regressou a Fjällbacka?

– Em junho de 1945. Nos autocarros brancos.

– Nos autocarros brancos? – perguntou Erica, mas então lembrou-se de ouvir algo sobre aquilo nas aulas de História.

– Foi um plano iniciado por Folke Bernadotte³² – respondeu Axel, confirmando o que Erica vagamente recordava. – Bernadotte organizou o transporte para levar para casa os escandinavos que tinham estado presos em campos de concentração alemães. Os autocarros eram brancos e tinham cruces vermelhas pintadas no teto e dos lados, para não serem confundidos com alvos militares.

– Mas porque haveria o risco de poderem ser confundidos com alvos militares, se estavam a transportar prisioneiros depois de a guerra ter terminado? – perguntou Erica.

Axel sorriu perante a ignorância de Erica e recomeçou a girar os polegares.

– Os primeiros autocarros foram buscar prisioneiros logo em março e abril de 1945, depois de negociações com os Alemães. Dessa vez, trouxeram para casa quinze mil prisioneiros. Então, após a guerra terminar, regressaram a casa mais dez mil, em maio e junho. Eu estava num dos últimos autocarros, em junho de 1945 – dito daquele modo,

tudo o que Axel estava a explicar parecia muito impessoal; porém, sob o seu tom de voz distante, Erica conseguia ouvir ecos dos horrores que tinha vivido.

– E Hans Olavsen desapareceu daqui, em junho de 1945. O que significa que deve ter partido muito pouco tempo antes de o senhor ter chegado. Não é verdade? – perguntou Erica.

– Sim, provavelmente apenas alguns dias antes – respondeu Axel, assentindo. – Mas vai ter de dar-me um desconto, a minha memória não é lá muito certa quanto a esse período. Eu estava completamente... esgotado quando regresssei.

– Com certeza, compreendo perfeitamente – disse Erica, olhando para baixo. Era uma sensação estranha estar a falar com alguém que tinha visto os campos de concentração alemães por dentro. – O seu irmão não lhe disse nada acerca do Hans? Não se recorda de nada? Tenho a sensação de que Erik e os amigos passaram muito tempo com Hans Olavsen durante o ano que ele passou aqui, em Fjällbacka.

Axel olhou pela janela, aparentemente procurando na sua memória. Inclinou a cabeça para um lado e franziu a testa.

– Lembro-me de que havia algo entre o norueguês e a sua mãe e espero que não fique ofendida por estar a dizer isto.

– Não, de maneira nenhuma – Erica sublinhou as suas palavras abanando a mão. – Tudo isso aconteceu há uma eternidade, além disso, eu própria descobri a mesma coisa.

– Quem diria? Afinal, a minha memória não é tão má como às vezes penso – Axel sorriu e virou-se para olhar para Erica. – Sim, tenho a certeza de que o Erik me disse que havia uma espécie de romance entre a Elsy e o Hans.

– Como foi que a Elsy reagiu quando o Hans partiu? Recorda-se de alguma coisa acerca dela desses tempos?

– Receio não me recordar de grande coisa. Claro que ela nunca mais foi a mesma depois do que aconteceu ao pai. E, pouco tempo depois, também se foi embora, para estudar... economia doméstica, se bem me lembro. E depois perdemos o contacto uns com os outros.

Quando a Elsy regressou a Fjällbacka, alguns anos mais tarde, eu já tinha começado a trabalhar no estrangeiro e não estava em casa com muita frequência. A sua mãe e o Erik também não tiveram qualquer contacto, julgo eu. Isso não é assim tão invulgar. As pessoas podem ser boas amigas em crianças e adolescentes, mas depois, quando começa a vida adulta e as responsabilidades inerentes, tendem a perder o contacto – Axel virou-se novamente para olhar pela janela.

– Compreendo o que quer dizer – retorquiu Erica. Estava decepcionada por Axel também não parecer ter qualquer informação acerca de Hans. – E nunca ninguém mencionou o destino do Hans? Ele não disse ao Erik?

Axel abanou a cabeça como que a desculpar-se.

– Lamento imenso. Gostava tanto de poder ajudá-la, mas realmente não estava nada bem quando regressei e, depois disso, passei a ter outras preocupações. Mas de certeza que deve ser possível localizá-lo através das autoridades – disse encorajadoramente Axel, erguendo-se do sofá.

Erica percebeu a indicação e também se levantou.

– Sim, esse é o meu próximo passo. Com sorte, talvez consiga solucionar tudo. Talvez o Hans não tenha ido para muito longe.

– Bem, desejo-lhe toda a sorte do mundo – disse Axel, apertando-lhe a mão. – Sei bem como é importante conhecermos o passado para que possamos viver o presente. Acredite no que lhe digo, sei mesmo – Axel afagou-lhe a mão e Erica sorriu com gratidão perante a tentativa dele de a consolar.

– É verdade, descobriu mais alguma coisa acerca da medalha? – perguntou Axel quando Erica estava prestes a abrir a porta para sair.

– Receio que não – respondeu Erica, sentindo-se mais desanimada a cada minuto que passava. – Fui a Gotemburgo falar com um especialista em medalhas nazis, mas parece que a Cruz de Ferro é demasiado comum para que se consiga localizar a quem poderá ter sido atribuída

– Tenho mesmo muita pena por não ter conseguido ajudá-la mais.

– Não tem nada de que se desculpar. Afinal, era um tiro no escuro – disse Erica, despedindo-se de Axel com um aceno.

Quando olhou para ele uma última vez, Axel estava à entrada a segui-la com o olhar. Erica Teve muita pena dele, mas algo que Axel lhe dissera tinha-lhe dado uma ideia. Cheia de determinação, Erica regressou a Fjällbacka.

Kjell hesitou antes de bater. Enquanto estava ali parado, à porta da casa do pai, sentiu-se de repente como um menino assustado, mais uma vez. A memória transportou-o de volta para todas aquelas ocasiões em que tinha estado junto dos portões da prisão, a apertar a mão da mãe e tão assustado como esperançado por estar prestes a ver o pai. Porque, no início, Kjell tinha desejado as visitas. Tinha perdido Frans e desejava vê-lo novamente, lembrando-se apenas dos bons momentos: aqueles breves períodos, em que o pai não estava na prisão, quando erguia Kjell no ar ou ia passear com o filho na floresta, levando-o pela mão e explicando-lhe tudo acerca dos cogumelos, das árvores e dos arbustos. Nesses tempos, Kjell pensara que o pai sabia tudo acerca de tudo o que havia no mundo. Mas à noite via-se obrigado a pressionar a almofada contra os ouvidos para se isolar do barulho das brigas, aquelas brigas odiosas e horríveis que nunca pareciam ter começo nem fim. O pai e a mãe simplesmente recomeçavam onde tinham ficado da última vez que Frans tinha ido parar à prisão e continuavam assim – com as mesmas discussões e as mesmas agressões físicas, vezes sem conta – até à próxima vez em que a polícia aparecia e levava o pai para longe.

Por essa razão, a vontade de ver o pai diminuía a cada ano que passava, até sentir apenas medo enquanto estava na sala das visitas e via o rosto expectante de Frans. E, mais tarde, o medo transformou-se em ódio. De certa forma, teria sido mais fácil se não tivesse memórias daqueles passeios na floresta. Porque o que desencadeava o seu ódio e o mantinha aceso era a pergunta que tinha feito constantemente a si próprio em criança. Como fora possível que, vezes sem conta, o pai

fizesse sempre a mesma escolha e abandonasse o próprio filho? Como fora possível que o abandonasse em troca de um mundo cinzento e frio, de onde regressava com um olhar cada vez mais endurecido?

Kjell bateu à porta, irritado consigo mesmo por sucumbir às suas memórias.

– Sei que estás em casa! Abre-me a porta! – gritou Kjell, pondo-se depois tensamente à escuta. Por fim, ouviu a corrente de segurança a ser retirada e a fechadura a ser aberta. – Segurança contra os teus amigos, presumo – ironizou Kjell com amargura, ao entrar em casa do pai.

– Que queres tu agora? – perguntou Frans.

Kjell foi atingido pelo facto de, de repente, o pai parecer tão velho. E frágil. Mas depois afastou a ideia. Aquele homem era mais resistente do que a maioria das pessoas. Provavelmente iria viver mais tempo do que toda a gente.

– Preciso que me dês algumas informações – Kjell entrou e sentou-se no sofá sem esperar por um convite.

Frans sentou-se na poltrona em frente ao filho, mas não disse uma palavra. Limitou-se a esperar.

– O que sabes sobre um homem chamado Hans Olavsen?

Frans teve um sobressalto, mas rapidamente recuperou o autocontrolo. Recostou-se casualmente na poltrona e apoiou-se nos braços.

– Porque queres saber? – perguntou Frans olhando o filho nos olhos.

– Não é da tua conta.

– Esperas que te ajude, com uma atitude dessas?

Kjell inclinou-se para a frente, para que o rosto ficasse apenas a escassos centímetros do rosto do pai. Fitou-o durante algum tempo antes de dizer friamente:

– Porque tu mo deves. Tu deves-me isto e tens de aproveitar cada oportunidade de ajudar-me se não queres correr o risco de eu dançar sobre a tua campa quando estiveres morto.

Por um momento, algo passou rapidamente pelos olhos de Frans. Algo que se tinha perdido. Talvez a memória dos passeios pelo bosque e dos braços fortes a erguerem um menino no ar. Mas aquilo desapareceu logo em seguida. Frans olhou para o filho e disse calmamente:

– Hans Olavsen era um resistente norueguês que tinha dezassete anos quando chegou a Fjällbacka. Acho que foi em 1944. Um ano depois, foi-se embora. Isto é tudo o que eu sei.

– Tretas – disse Kjell, recostando-se novamente. – Sei que vocês passaram muito tempo juntos... tu, Elsy Moström, Britta Johansson e Erik Frankel. E a Britta e o Erik foram assassinados num intervalo de poucos meses. Não achas que isto é um pouco estranho?

Frans ignorou o comentário do filho. Em vez disso, perguntou:

– Que tem o norueguês que ver com isso?

– Não sei. Mas tenciono descobrir – rosnou Kjell, cerrando os maxilares na tentativa de manter a ira sob controlo. – Então, que mais sabes acerca dele? Fala-me do tempo que passaram juntos, diz-me porque se foi embora. Conta-me cada pormenor de que te consigas lembrar.

Frans suspirou e pareceu fazer um esforço mental para recuar no tempo.

– Ora bem, o que te interessa são os pormenores... Vamos ver se consigo lembrar-me de alguma coisa. Bem, ele viveu em casa dos pais da Elsy e tinha vindo para cá escondido no barco do pai dela.

– Isso já eu sei – disse Kjell. – Que mais?

– O norueguês conseguiu um trabalho em barcos de carga que transportavam mercadoria ao longo da costa, mas passava os tempos livres connosco. Na verdade, éramos dois anos mais novos do que ele, mas isso não parecia incomodá-lo. Apreciávamos a companhia uns dos outros. Alguns mais do que outros – disse Frans. Sessenta anos não tinham apagado a amargura que sentira naquela época.

– Hans e Elsy – disse secamente Kjell.

– Como é que sabias isso? – perguntou Frans, surpreendido ao

descobrir que ainda sentia uma pontada de dor perante o pensamento dos dois juntos. O seu coração tinha definitivamente uma memória mais comprida do que a sua mente.

– Sei e pronto. Continua.

– Bem, como tu dizes, o Hans e a Elsy apaixonaram-se e tenho a certeza de que também sabes que eu não fiquei muito feliz com isso.

– Não sabia disso.

– Pois, mas é verdade. Eu tinha uma queda pela Elsy, mas ela preferia o norueguês. E a ironia é que a Britta estava apaixonada por mim, mas eu não estava de todo interessado nela. Claro que às vezes me imaginava a ir para a cama com ela, mas algo sempre me disse que os problemas que isso traria não compensavam os bons momentos que certamente passaria; portanto, nunca o fiz.

– Foste um cavalheiro e tanto – ironizou Kjell. Frans limitou-se a erguer uma sobrancelha.

– E que aconteceu depois? Se o Hans e a Elsy eram tão chegados, porque se foi ele embora?

– Bem, é a história mais velha do mundo. Hans prometeu-lhe a lua e, quando a guerra acabou, disse-lhe que tinha de voltar à Noruega para encontrar a família e que depois regressaria. Mas... – Frans encolheu os ombros e sorriu amargamente.

– Achas que o norueguês estava só a aproveitar-se da Elsy?

– Não sei, Kjell. Acredita que não sei mesmo. Isto aconteceu há sessenta anos e nós éramos muito jovens. Talvez o Hans gostasse mesmo da Elsy, mas talvez se tenha visto a braços com compromissos mais importantes na Noruega. Ou talvez apenas pretendesse ir-se embora assim que tivesse oportunidade – Frans encolheu os ombros. – A única coisa que sei é que se despediu e nos disse que estaria de volta logo que soubesse que estava tudo bem com a família. E depois foi-se embora. E, para ser franco, quase não voltei a pensar nele desde então. Sei que a Elsy ficou perturbada durante algum tempo, mas a mãe tratou de fazer com que ela entrasse numa escola qualquer e não faço ideia do que aconteceu depois disso. Nessa altura eu já tinha

partido de Fjällbacka e... bem, tu sabes o que aconteceu depois.

– Sim, realmente sei – retorquiu Kjell com amargura, recordando mais uma vez os grandes portões cinzentos da prisão.

– Não compreendo porque é que estás tão interessado neste assunto – disse Frans. – O norueguês veio para Fjällbacka e depois desapareceu. E acho que nenhum de nós voltou a ter mais qualquer contacto com ele. Portanto, porquê todo o interesse? – Frans olhou para Kjell.

– Não posso dizer-te – respondeu o filho, irritado. – Mas se há algum mistério sobre a partida dele, eu vou descobri-lo, acredita no que te digo – Kjell lançou um olhar desafiador ao pai.

– Acredito, Kjell. Acredito – respondeu Frans com cansaço.

Kjell olhou de relance para a mão do pai, pousada no braço da poltrona. Era a mão de um velho. Enrugada e ossuda, com manchas da idade na pele. Tão diferente da mão que tinha pegado na sua durante os passeios no bosque. Aquela mão fora forte e suave, e era tão quente quando envolvia a sua mão pequenina. Tão protetora e tranquilizadora.

– Parece que vai ser um bom ano para os cogumelos – deu por si Kjell a dizer.

Frans olhou-o fixamente, surpreendido. Depois, a sua expressão suavizou-se e respondeu calmamente:

– Sim, parece que vai ser um bom ano para os cogumelos, Kjell. Realmente parece.

* * *

Axel fazia as malas com precisão militar. Os anos que passara a viajar tinham-lhe ensinado que não devia deixar nada ao acaso. Um par de calças descuidadamente dobradas podia significar ter de passá-las laboriosamente na tábua de engomar do hotel. Uma pasta de dentes com a tampa mal fechada podia significar um desastre ainda pior: uma data de roupa para a lavandaria. Por isso, Axel arrumou tudo na mala

grande com o maior cuidado.

Sentou-se na cama. Aquele tinha sido o seu quarto desde criança, mas já tinha mudado a decoração. Modelos de aviões e revistas de banda desenhada não tinham verdadeiramente lugar no quarto de um homem adulto. Axel perguntou a si próprio se alguma vez voltaria ali. Tinha sido difícil ficar naquela casa nas últimas semanas. Mas, ao mesmo tempo, parecera-lhe necessário.

Levantou-se e dirigiu-se ao quarto de Erik, algumas portas mais à frente no longo corredor. Axel sorriu quando entrou e sentou-se na cama do irmão. O quarto estava cheio de livros. Claro. As prateleiras estavam repletas de volumes encadernados em couro e havia montes deles pelo chão, muitos com *post-it* assomando por entre as páginas. Erik nunca se cansara dos seus livros, dos seus factos, das suas datas e da realidade sólida que lhe ofereciam. Nesse sentido, as coisas tinham sido mais fáceis para Erik. A Realidade podia ser encontrada preto no branco. Sem zonas cinzentas nem politiquice ou ambiguidades morais, que constituíam o dia a dia no mundo de Axel. Apenas factos concretos. A Batalha de Hastings foi travada em 1066. Napoleão morreu em 1821. A Alemanha rendeu-se em maio de 1945...

Axel pegou num livro pousado na cama de Erik. Um grosso volume sobre a reconstrução da Alemanha no pós-guerra. Voltou a colocá-lo sobre a cama. Sabia tudo sobre aquele assunto. A sua vida nos últimos sessenta anos tinha girado em torno da guerra e das suas consequências. Mas, acima de tudo, tinha girado em torno de si mesmo. Erik tinha-se apercebido disso. Tinha salientado as carências na vida de Axel, assim como na sua própria vida. Dera conta delas como se de dados frios se tratasse. Aparentemente, sem qualquer emoção. Mas Axel conhecia bem o irmão e estava ciente de que por detrás de todos os factos havia mais emoção do que a maioria das pessoas que tinha conhecido alguma vez seria capaz de sentir.

Axel limpou a lágrima que lhe corria pela face. De repente, ali, no quarto de Erik, as coisas não eram tão cristalinas como gostaria que

fossem. Axel baseara toda a sua vida na ausência de ambiguidades. Tinha construído a sua vida em torno do certo e do errado. Apresentara-se como uma espécie de juiz, capaz de assinalar a qual daqueles dois campos as pessoas pertenciam. No entanto, fora Erik que, no seu mundo tranquilo de livros, tinha sabido tudo acerca do que estava certo e do que estava errado. Algures, bem no fundo do seu ser, Axel sempre compreendera isso. Compreendera que a batalha para sair da zona cinzenta entre o bem e o mal iria custar ainda mais caro ao irmão do que a si próprio.

Mas Erik tinha lutado duramente. Durante sessenta anos tinha visto Axel ir e vir, ouvira-o falar dos esforços que tinha feito ao serviço do bem. Permitira-lhe construir uma imagem de si mesmo como o homem que levava todos à justiça. Em silêncio, Erik tinha observado e ouvido. Olhara para Axel com aqueles seus olhos meigos por detrás dos óculos, e deixara-o manter as suas ilusões. Mas algures, bem no fundo do seu ser, Axel sempre soubera que se estava a enganar a si próprio, não a Erik.

E agora, Axel teria que continuar a viver a mentira. Voltar ao trabalho. Regressar à caçada laboriosa que tinha de continuar. Axel não podia abrandar o ritmo, porque em breve seria tarde de mais, em breve não restaria ninguém que conseguisse lembrar-se e ninguém a quem castigar. Em breve, apenas restariam os livros de História para testemunhar.

Axel levantou-se e olhou em redor do quarto de Erik uma vez mais antes de regressar ao seu próprio quarto. Ainda tinha muita coisa para arrumar.

* * *

Há muito que Erica não visitava a campa dos avós maternos. A conversa com Axel tinha-a feito lembrar-se deles e, a caminho de casa, decidira fazer um desvio até ao cemitério. Abriu o portão, ouvindo o ruído da gravilha a ser pisada pelos seus pés enquanto percorria o

caminho.

Primeiro, Erica passou pelo túmulo dos pais, situado à esquerda, perto da entrada do cemitério. Agachou-se e arrancou algumas ervas daninhas em torno da lápide, para que parecesse mais composta, lembrando-se de trazer flores frescas da próxima vez. Olhou para o nome da mãe gravado na pedra. Elsy Falck. Havia tantas coisas que Erica desejava poder perguntar-lhe. Se não fosse o acidente de viação há quatro anos poderia ter conversado pessoalmente com a mãe, em vez de andar às apalpadelas a tentar descobrir mais sobre o motivo de Elsy ser como era.

Quando era criança, Erica sempre se culpara. E em adulta também. Pensava que havia algo de errado com ela, que não tinha, de alguma forma, correspondido às expectativas da mãe. Caso contrário, porque é que a mãe nunca a tinha abraçado, porque é que nunca falara realmente com ela? Porque é que nunca dissera que a amava, ou apenas que gostava dela? Durante muito tempo, Erica tivera a sensação de que não era nem nunca tinha sido suficientemente boa. Claro que o pai tinha feito o possível para compensar a falta de afeto de Elsy. Tore, que tanto tempo e amor lhes dedicara, a ela e a Anna. O pai estava sempre disposto a escutar, sempre pronto a soprar num joelho arranhado, e o seu abraço caloroso era sempre seguro e protetor. Mas isso nunca tinha sido suficiente. Não quando a mãe não parecia sequer capaz de suportar a vista das filhas, quanto mais abraçá-las.

Era por isso que Erica estava tão espantada com a imagem da mãe que agora vinha à tona. Como pôde aquela rapariga calorosa e gentil, como todos a descreviam, ter-se transformado em alguém tão frio, tão distante, que tratava as próprias filhas como se fossem estranhas?

Erica estendeu a mão para tocar no nome da mãe escrito na lápide.

– Que foi que te aconteceu, mamã? – sussurrou, sentindo um nó na garganta. Quando se levantou, poucos minutos depois, Erica estava mais determinada do que nunca a descobrir tanto quanto pudesse da história da mãe. Havia definitivamente alguma coisa mais, alguma

coisa que continuava a escapar-lhe e que precisava de ser revelada.

E, custasse o que custasse, Erica ia descobrir o que era.

Lançou um último olhar ao túmulo dos pais e, em seguida, caminhou alguns metros até ao local onde os avós maternos estavam enterrados. Elof e Hilma Moström. Nunca os tinha conhecido. A tragédia que tirou a vida ao avô sucedeu muito antes de ela nascer e a avó falecera dez anos depois da morte de Elof. Elsy nunca falara acerca deles. Mas Erica estava feliz porque, até ao momento, tudo o que se referia aos avós na sua investigação os descrevia como pessoas boas e calorosas. Erica agachou-se novamente e olhou para a lápide, como se tentasse fazê-la falar com ela. Mas a pedra era muda. Não aprenderia nada de novo ali. Se queria descobrir a verdade, teria de procurá-la noutro lugar.

Caminhou em direção à colina, seguindo até à encosta da igreja para tomar um atalho até casa. No sopé da colina, lançou instintivamente uma olhadela à direita, para a grande lápide cinzenta coberta de musgo que, afastada das restantes, despontava mesmo na base do penhasco de granito que delimitava um dos lados do cemitério. Erica deu mais um passo encosta acima, mas depois parou de repente. Recuou até ficar frente à grande pedra cinzenta com o coração a martelar-lhe o peito. Factos e observações desconexos começaram a rodopiar-lhe no cérebro. Semicerrou os olhos para se certificar de que estava a ver corretamente e depois deu um passo adiante, até ficar muito perto da lápide. Percorreu mesmo as letras com o dedo, para ter a certeza de que o cérebro não estava a pregar-lhe uma partida.

E então, todos os factos se encaixaram na sua mente com um baque perfeitamente audível. Era óbvio. Agora, Erica sabia o que tinha acontecido ou, pelo menos, uma parte do que acontecera. Tirou o telemóvel do bolso e, com dedos trémulos, marcou o número do marido. Estava na hora de Patrik intervir.

As filhas de Herman tinham acabado de sair. Iam visitá-lo todos os dias, as suas filhas queridas, abençoadas. O seu coração alegrava-se

ao vê-las juntas, sentadas ao seu lado. Tão iguais, mas contudo tão diferentes umas das outras. E Herman via Britta em todas elas. Anna-Greta tinha o seu nariz, Birgitta os seus olhos e Margareta, a mais nova, tinha herdado aquelas pequenas covinhas que se formavam no rosto de Britta, sempre que sorria.

Herman fechou os olhos para não chorar. Já não tinha forças para chorar mais. Não lhe sobravam mais lágrimas. Mas foi forçado a abrir os olhos novamente, porque sempre que os fechava, via como a mulher o olhara quando erguera a almofada de cima do seu rosto. Não precisara de retirar a almofada para saber. Mas, no entanto, tinha-o feito. Queria ver as suas suspeitas confirmadas. Queria ver o que tinha provocado com o seu ato impulsivo. Porque é claro que já tinha compreendido. Quando entrou no quarto e a viu ali deitada, imóvel, com a almofada sobre a cara, Herman tinha compreendido.

Quando retirou a almofada e viu a expressão rígida de Britta, Herman também tinha morrido. Naquele exato momento, também tinha morrido. Apenas teve forças para se deitar ao lado de Britta, abraçá-la e ficar ali, muito juntinho a ela. Se lhe coubesse decidir, ainda lá estaria, deitado ao seu lado. Teria continuado a abraçá-la à medida que o seu corpo fosse ficando cada vez mais frio, deixando que as recordações lhe inundassem a mente.

Herman olhava para o teto enquanto recordava o passado. Os dias de verão em que iam de barco até à praia, em Valö, com as filhas na cabina e Britta sentada no convés, com o rosto virado para cima, para o Sol, as longas pernas esticadas e o sedoso cabelo loiro caindo-lhe pelas costas. Herman viu-a a abrir os olhos, voltar a cabeça para ele e sorrir-lhe de felicidade. Sentado ao leme, Herman acenou-lhe, sentindo no coração como era afortunado.

Então, o seu rosto ensombrou-se. Estava a pensar na primeira vez que Britta lhe contara aquele assunto inconfessável. Foi numa escura tarde de inverno em que as filhas estavam na escola. Britta disse-lhe para se sentar, porque precisava de lhe contar uma coisa. O coração de Herman quase tinha parado. Tinha vergonha de se lembrar que o

seu primeiro pensamento fora que Britta ia deixá-lo, que tinha conhecido outra pessoa. Por isso, encarara o que a mulher lhe dissera quase como um alívio. Herman ouvira. Britta falara. Durante muito tempo. E quando chegou a hora de irem buscar as filhas, tinham concordado nunca mais falar no assunto. O que estava feito, feito estava. Herman não a encarara de forma diferente depois do que Britta lhe contara. Não mudara o que sentia por ela nem lhe passara a falar de maneira diferente. Como poderia fazê-lo? Como poderia aquilo ter expulsado as suas imagens mentais dos dias harmoniosos que tinham formado a sua vida tranquila e feliz, ou as noites maravilhosas que tinham partilhado? O que Britta lhe dissera nunca poderia superar tudo aquilo. Como tal, tinham concordado que nunca voltariam a mencionar o assunto.

Mas a doença de Britta tinha mudado isso. Tinha mudado tudo. Arrasara a vida de ambos como um tufão, arrancando tudo pela raiz. E Herman tinha-se deixado arrastar. Cometera um erro. Um erro fatal. Um telefonema que nunca devia ter feito. Mas fora ingênuo, acreditando que chegara a altura de arejar o que estava bafiento e podre. Pensara que, se se limitasse a mostrar como Britta estava a sofrer por causa do que tinha estado escondido durante tanto tempo na sua mente, isso tornaria evidente que chegara finalmente o momento de o revelar. Que era um erro continuar a resistir-lhe. O que acontecera no passado tinha de sair para que pudessem ter paz de espírito. Para que Britta tivesse paz de espírito. Meu Deus, como tinha sido ingênuo, pensou Herman. Era como se tivesse sido ele próprio a pressionar a almofada sobre a cara de Britta. Herman sabia-o. E agora não conseguia suportar a dor.

Fechou os olhos, numa tentativa de se afastar de tudo e, dessa vez, não viu o rosto morto de Britta. Em vez disso, viu-a numa cama de hospital. Pálida e cansada, mas feliz. A segurar Anna-Greta nos braços. Britta ergueu a mão e acenou-lhe. Fez-lhe sinal para se aproximar.

Com um último suspiro, Herman libertou-se de tudo o que era

doloroso e, sorrindo, foi ao encontro delas.

Patrik estava perplexo. Será que Erica tinha razão? Aquilo parecia uma loucura completa, porém... tinha lógica. Suspirou, consciente de que o esperava uma tarefa difícil.

– Anda, querida. Vamos dar um passeio – disse, pegando em Maja e levando-a até ao vestíbulo. – Apanhemos a mamã no caminho.

Pouco tempo depois, Patrik conduziu até ao portão do cemitério, onde Erica o aguardava, praticamente a saltitar de excitação. Patrik tinha começado a sentir-se igualmente impaciente e teve de se controlar para não pisar mais no acelerador enquanto se dirigiam a Tanumshede. Claro que às vezes era um condutor algo imprudente; porém, quando Maja estava a bordo, Patrik guiava com a máxima cautela.

– Eu é que falo, está bem? – disse Patrik quando estacionaram em frente à esquadra. – Tu vens comigo só porque não me apetece discutir contigo acerca disto... também, acabavas por levar a melhor. Mas ele é o meu chefe e eu sou o único que já fez isto antes. Certo?

Relutantemente, Erica concordou, enquanto tirava Maja do carro.

– Achas que devíamos ir primeiro a casa da minha mãe para lhe pedir que tomasse conta da Maja por um bocado? Quer dizer, sei como detestas que traga a Maja para a esquadra – disse provocadoramente Patrik, recebendo um olhar exasperado em resposta.

– Vá lá, sabes que quero acabar com isto o mais depressa possível. E a Maja não parece ter ficado minimamente afetada por ter feito um turno da última vez que aqui esteve – disse Erica, piscando-lhe o olho.

– Olá, não esperava ver-vos a todos por aqui – disse Annika, surpreendida, mas logo depois embevecida com o enorme sorriso que Maja lhe dirigiu.

– Temos de conversar com o Mellberg – disse Patrik. – Ele está cá?

– Sim, está em no gabinete – respondeu Annika, lançando-lhes um olhar inquiridor. Deixou-os entrar e Patrik dirigiu-se energicamente

para o gabinete de Mellberg com Erica a reboque, transportando Maja nos braços.

– Hedström! Que vieste cá fazer? Bem, vejo que trouxeste a família toda contigo – disse o superintendente, parecendo mal-humorado quando se levantou para os cumprimentar.

– Temos de lhe contar uma coisa – disse Patrik, sentando-se numa das cadeiras reservadas às visitas sem esperar por um convite. Maja e *Ernst* já se tinham avistado, para satisfação de ambos.

– Este cão está habituado a estar com crianças? – perguntou Erica, hesitando em pôr a filha no chão, apesar de Maja se estar a contorcer violentamente.

– Como diabo hei de eu saber? – disse Mellberg, mas depois cedeu. – É o cão mais meigo do mundo. Não faz mal a uma mosca – a voz do superintendente traía um certo orgulho e Patrik ergueu uma sobrancelha, divertido. O chefe parecia ter realmente ficado apanhado por aquele cão.

Ainda não totalmente convencida, Erica pousou a filha junto de *Ernst*, que começou a lambê-lo o rosto da menina cheio de entusiasmo. Maja reagiu com uma mistura de alarme e deleite.

– Então, o que te trouxe aqui? – Mellberg olhou para Patrik com certa curiosidade.

– Queria que obtivesse autorização para uma exumação.

Mellberg começou a tossir, como se alguma coisa lhe tivesse ficado presa na garganta. Tinha o rosto cada vez mais vermelho enquanto tentava respirar.

– Uma exumação! Estás louco, homem! – conseguiu por fim articular. – Estar de licença de paternidade deve ter-te afetado o cérebro! Sabes como é raro conseguir autorizações para fazer exumações? E eu já fiz isso duas vezes nos últimos anos. Se lhes pedir outra, vão dar-me como louco e internar-me num hospício! Já agora, de quem é o corpo que vamos exumar desta vez?

– De um resistente norueguês que desapareceu em 1945 – disse calmamente Erica, agachando-se ao lado de Patrik e acariciando as

orelhas de *Ernst*.

– Que foi que disse? – Mellberg olhou para Erica de boca aberta, como se achasse que talvez pudesse ter ouvido mal.

Pacientemente, Erica contou tudo o que tinha conseguido averiguar sobre os quatro amigos e o norueguês que tinha chegado a Fjällbacka um ano antes do fim da guerra. Explicou que não havia qualquer vestígio dele depois de junho de 1945 e que os seus esforços para o localizar não tinham produzido qualquer resultado.

– Não terá ficado na Suécia? Ou voltado para a Noruega? Já verificou junto das autoridades de ambos os países? – Mellberg parecia extremamente cético.

Erica levantou-se do chão e sentou-se na outra cadeira reservada às visitas. Olhou fixamente para Mellberg, como se esperasse fazer com que o superintendente a levasse a sério por pura força de vontade. E depois contou-lhe o que Herman lhe tinha dito. Que Paul Heckel e Friedrich Hück deviam ser capazes de lhes dizer onde estava Hans Olavsén.

– Pensei que os nomes me pareciam vagamente familiares, mas não fazia ideia de onde poderia ter deparado com eles. Até hoje. Fui ao cemitério visitar os túmulos dos meus pais e avós. E foi então que vi.

– Que viu o quê? – perguntou Mellberg, intrigado.

Erica acenou com a mão.

– Já chegarei a esse ponto, se não se importar.

– Com certeza, continue – disse Mellberg, que começava a ficar interessado, embora não o desejasse.

– Há um túmulo no cemitério de Fjällbacka que é um pouco diferente dos restantes. Data da Primeira Guerra Mundial e estão lá enterrados dez soldados alemães... sete deles foram identificados e estão identificados pelos nomes, mas os outros três são desconhecidos.

– Esqueceste-te de lhe falar acerca da nota rabiscada – disse Patrik, que se resignara a tomar um papel secundário enquanto a mulher se encarregava de explicar tudo. Um bom marido sabe quando está na

hora de ceder.

– Ah, pois. Há uma outra peça do *puzzle* – Erica contou a Mellberg sobre a página no bloco-notas de Erik, que lhe tinha chamado a atenção quando estudara a fotografia do local do crime, e o facto de estar lá escrito: «*Ignoto militi*».

– Como é que conseguiu ver as fotografias do local do crime? – perguntou raivosamente Mellberg, olhando para Patrik.

– Falamos disso mais tarde – disse Patrik. – Por favor, ouça o que a Erica tem para dizer.

Mellberg resmungou, mas acedeu e, com um gesto da mão, indicou a Erica que prosseguisse.

– O Erik Frankel escreveu essas palavras à exaustão num bloco-notas e eu descobri o que significam. Há uma inscrição no Arco do Triunfo, em Paris, ou melhor, no túmulo do soldado desconhecido. Significa: «Ao soldado desconhecido».

Aquilo continuava a não conseguir fazer acenderem-se quaisquer luzes na cabeça de Mellberg, então Erica prosseguiu:

– A nota fez-me pensar. Temos um resistente norueguês que desaparece em 1945 e ninguém sabe para onde foi. Temos Erik a fazer rabiscos acerca de um soldado desconhecido. A Britta referiu-se a «ossos velhos» e depois temos os nomes que Herman me deu. Foi só quando passei pela campa no cemitério de Fjällbacka que, de repente, percebi porque é que esses nomes me pareciam tão familiares: estão gravados na lápide – Erica fez uma pausa para recuperar o fôlego.

Mellberg olhou fixamente para ela.

– Então quer dizer que Paul Heckel e Friedrich Hück são os nomes de dois alemães que combateram na Primeira Guerra Mundial e que estão enterrados num túmulo do cemitério de Fjällbacka?

– Exatamente – disse Erica, ponderando como devia continuar com a sua história.

Mas Mellberg adiantou-se-lhe.

– Então o que está a dizer é...

Erica respirou fundo e olhou para Patrik antes de prosseguir:

– O que estou a dizer é que é muito provável que haja mais um corpo naquela sepultura. Acho que o resistente norueguês, Hans Olavsen, está lá enterrado. E não sei ao certo como tudo isto se encaixa, mas estou convencida de que é a chave para os assassínios de Erik e de Britta.

Erica calou-se. Ninguém falou. A única coisa que se ouvia no gabinete eram os gritinhos de Maja a brincar com *Ernst*.

Passado um momento, Patrik disse baixinho:

– Eu sei que isto parece uma loucura, mas tenho estado a falar com a Erica e acho que a teoria dela tem todo o sentido. Não posso fornecer nenhuma prova concreta, mas todas as pistas que temos parecem apontar nesta direção. E também há uma forte probabilidade de que a Erica esteja certa quanto a isto estar por detrás dos dois crimes. Não sei como nem porquê, mas o primeiro passo é verificar se há realmente um corpo a mais na sepultura, e, em caso afirmativo, qual foi a causa da sua morte.

Mellberg não respondeu. Cruzou as mãos e sentou-se em silêncio, a pensar. Por fim, suspirou de forma audível.

– Bem, só posso estar a enlouquecer, mas acho que talvez tenha razão. Não há nenhuma garantia de conseguir a autorização. Como eu disse, temos uma espécie de cadastro neste género de coisas e o delegado do Ministério Público vai ficar furioso. Mas vou tentar. É tudo o que posso prometer-vos.

– É tudo que lhe pedimos – disse ansiosamente Erica, que parecia ter vontade de abraçar Mellberg.

– Está bem, mas tenham calma. Não creio que vá ser bem-sucedido, mas vou fazer o possível. E, de momento, preciso de alguma paz e sossego para trabalhar.

– Vamo-nos já embora – disse Patrik, levantando-se. – Diga-me alguma coisa assim que souber.

Mellberg não respondeu, limitando-se a fazer um gesto com a mão a incentivá-los a saírem, para poder levar a cabo aquele que seria certamente o teste mais difícil à sua capacidade persuasiva de toda a

sua carreira.

³² Folke Bernadotte (1895-1948), diplomata sueco responsável pela negociação da libertação de cerca de 31 000 prisioneiros de campos de concentração nazis durante a Segunda Guerra Mundial. Foi assassinado em Jerusalém por um grupo terrorista sionista. *(N. do T.)*

FJÄLLBACKA, 1945

HANS VIVIA COM ELES HÁ SEIS MESES E HÁ TRÊS QUE OS JOVENS SABIAM QUE ESTAVAM APAIXONADOS QUANDO O DESASTRE ACONTECEU. ELSY ESTAVA NA VARANDA A REGAR AS FLORES DA MÃE QUANDO OS AVISTOU A SUBIR AS ESCADAS. E COMPREENDEU LOGO QUE VIU AS SUAS EXPRESSÕES SOMBRIAS. POR DETRÁS DELA, NA COZINHA, ELSY OUVIA A MÃE A LAVAR A LOUÇA E UMA PARTE DE SI QUERIA PRECIPITAR-SE PARA DENTRO E FAZER COM QUE A MÃE SAÍSSE DALI, AFASTÁ-LA PARA LONGE ANTES QUE OUVISSE A NOTÍCIA QUE ELSY SABIA QUE NÃO SERIA CAPAZ DE SUPORTAR. MAS PERCEBEU QUE ERA INÚTIL. EM VEZ DISSO, CAMINHOU RIGIDAMENTE ATÉ À PORTA DA FRENTE E ABRIU-A, DEIXANDO ENTRAR OS TRÊS HOMENS DE UM DOS OUTROS BARCOS DE PESCA DE FJÄLLBACKA.

— HILMA ESTÁ EM CASA? — PERGUNTOU O MAIS VELHO DOS TRÊS. ELSY SABIA QUE ELE ERA O COMANDANTE DO BARCO E ASSENTIU, VIRANDO-SE PARA OS ACOMPANHAR À COZINHA.

QUANDO HILMA AVISTOU UM DELES, DEIXOU CAIR O PRATO QUE SEGURAVA E ESTE BATEU NO CHÃO, QUEBRANDO-SE EM MIL PEDAÇOS.

— NÃO, NÃO, OH, MEU DEUS, NÃO! — DISSE HILMA.

ELSY MAL CONSEGUIU AGARRAR A MÃE ANTES DE ELA CAIR. AJUDOU-A SENTAR-SE NUMA CADEIRA E ABRAÇOU-A COM FORÇA ENQUANTO SENTIA QUE O SEU PRÓPRIO CORAÇÃO IA SALTAR-LHE DO PEITO. OS TRÊS PESCADORES TINHAM IDO POSTAR-SE AO LADO DA MESA, ATRAPALHADOS E NÃO PARANDO DE MEXER NOS BONÉS QUE SEGURAVAM NAS MÃOS. POR FIM, O COMANDANTE TOMOU A PALAVRA:

— FOI UMA MINA, HILMA. VIMOS TUDO DO NOSSO BARCO E CHEGÁMOS LÁ O MAIS DEPRESSA QUE PUDEMOS. MAS... JÁ NÃO HAVIA NADA A FAZER.

— OH, MEU DEUS — REPETIU HILMA, OFEGANTE. — E OS OUTROS

TODOS?

ELSY FICOU SURPREENDIDA POR, MESMO NUM MOMENTO COMO AQUELE, A MÃE SER CAPAZ DE PENSAR NOS OUTROS TRIPULANTES, MAS ENTÃO IMAGINOU A TRIPULAÇÃO DO PAI. OS HOMENS QUE CONHECIA TÃO BEM E CUJAS FAMÍLIAS ESTAVAM PRESTES A RECEBER A MESMA NOTÍCIA.

— NÃO HOUE SOBREVIVENTES — DISSE O COMANDANTE, ENGOLINDO EM SECO. — FICÁMOS POR LÁ BASTANTE TEMPO, EM BUSCA DE SOBREVIVENTES, MAS NÃO ENCONTRÁMOS NINGUÉM. APENAS O FILHO DO OSCARSSON, MAS JÁ ESTAVA MORTO QUANDO O PUXÁMOS PARA BORDO.

AS LÁGRIMAS CORRIAM PELO ROSTO DE HILMA, QUE MORDEU OS DEDOS PARA NÃO GRITAR. ELSY ENGOLIU OS SEUS PRÓPRIOS SOLUÇOS E FORÇOU-SE A SER FORTE. COMO IRIA A MÃE SOBREVIVER ÀQUELA DESGRAÇA? COMO É QUE ELA PRÓPRIA IA SOBREVIVER? O SEU QUERIDO PAI, O SEU ADORADO PAI. SEMPRE PRONTO A DIZER UMA PALAVRA AMÁVEL E A ESTENDER UMA MÃO AMIGA. COMO É QUE IAM AGUENTAR-SE SEM ELE?

UMA BATIDA DISCRETA NA PORTA INTERROMPEU-OS E UM DOS MENSAGEIROS FOI ABRI-LA. HANS ENTROU NA COZINHA COM EXPRESSÃO SOMBRIA.

— EU REPAREI... QUE TINHAM COMPANHIA. PENSEI... O QUE É QUE... — HANS BAIXOU O OLHAR. ELSY PERCEBEU QUE O RAPAZ ESTAVA COM RECEIO DE OS INCOMODAR, MAS ESTAVA-LHE GRATA POR TER VINDO.

— O BARCO DO MEU PAI CHOCOU CONTRA UMA MINA — DISSE ELSY COM VOZ ENTRECORTADA. — NÃO HOUE SOBREVIVENTES.

OS JOELHOS DE HANS FRAQUEJARAM E O RAPAZ HESITOU POR UM MOMENTO. ENTÃO, FOI ATÉ AO ARMÁRIO ONDE ELOF GUARDAVA AS BEBIDAS FORTES E, RESOLUTAMENTE, ENCHEU SEIS COPOS, QUE PÔS SOBRE A MESA.

— ACHO QUE, NESTE MOMENTO, TODOS PRECISAMOS DE UMA BEBIDA FORTE — DISSE HANS COM O SEU SOTAQUE NORUEGUÊS RITMADO, QUE SE APROXIMAVA CADA VEZ MAIS DO SUECO À MEDIDA QUE O RAPAZ PASSAVA MAIS TEMPO COM A FAMÍLIA DE ELSY.

TODOS PEGARAM NOS COPOS COM GRATIDÃO, EXCETO HILMA. ELSY

PEGOU CAUTELOSAMENTE NUM COPO E COLOCOU-O À FRENTE DA MÃE.

– TOMA, MÃE, BEBE UM POUCO DISTO.

HILMA OBEDECEU À FILHA E LEVOU O COPO AOS LÁBIOS, TRAGANDO A BEBIDA COM UMA CARETA. ELSY OLHOU PARA HANS COM OS OLHOS CHEIOS DE GRATIDÃO. ERA BOM NÃO ESTAR SOZINHA NUM MOMENTO DAQUELES.

OUTRA BATIDA NA PORTA. DESTA VEZ FOI HANS QUE FOI ABRIR. AS MULHERES TINHAM COMEÇADO A CHEGAR. TODAS AQUELAS QUE SABIAM O QUE ERA VIVEREM SOB A AMEAÇA DE PERDER OS MARIDOS NO MAR. TROUXERAM COMIDA E MÃOS AMIGAS E PALAVRAS CONSOLADORAS SOBRE A VONTADE DE DEUS. E AQUILO AJUDAVA. NÃO MUITO, MAS TODAS SABIAM QUE UM DIA PODERIAM SER ELAS A PRECISAR DO MESMO TIPO DE CONSOLO, PORTANTO FIZERAM O POSSÍVEL PARA ALIVIAR A DOR DA AMIGA QUE AGORA ESTAVA A SOFRER.

COM O CORAÇÃO A MARTELAR-LHE O PEITO DE TRISTEZA, ELSY RECUOU UM PASSO E VIU AS MULHERES JUNTAREM-SE EM TORNO DE HILMA, ENQUANTO OS HOMENS QUE TINHAM TRAZIDO A NOTÍCIA INCLINAVAM AS CABEÇAS COM TRISTEZA E SAÍAM PARA DAR A MESMA NOTÍCIA NOUTRO LUGAR.

QUANDO A NOITE CAIU, HILMA TINHA ADORMECIDO, ESGOTADA. ELSY ESTAVA DEITADA NA CAMA, A OLHAR FIXAMENTE PARA O TETO, VAZIA, INCAPAZ DE INTERIORIZAR O QUE TINHA ACONTECIDO. VIU O ROSTO DO PAI NA SUA MENTE. ELOF SEMPRE FORA UMA PRESENÇA TÃO RECONFORTANTE PARA A FILHA. OUVIA-A, CONVERSAVA COM ELA. ELA TINHA SIDO A MENINA DOS SEUS OLHOS. SEMPRE O SOUBERA. PARA ELE, ELSY ERA TÃO PRECIOSA QUE TRANSCENDIA TUDO O RESTO. E ELSY SABIA QUE O PAI REPARARA QUE ESTAVA A ACONTECER ALGO ENTRE ELA E O RAPAZ NORUEGUÊS, PELO QUAL SENTIA GRANDE CARINHO. MAS ELOF TINHA-OS DEIXADO EM PAZ. TINHA MANTIDO UM OLHAR ATENTO SOBRE ELES, DANDO-LHES O SEU CONSENTIMENTO SILENCIOSO. TALVEZ ELOF ESPERASSE QUE UM DIA HANS FOSSE SEU GENRO. ELSY PENSOU QUE O PAI TERIA APROVADO. E ELA E HANS TINHAM-NOS RESPEITADO, A ELE E À SUA MÃE. LIMITARAM-SE A BEIJOS ROUBADOS E ABRAÇOS CAUTELOSOS; NADA

QUE PUDESSE IMPEDI-LOS DE OLHAR OS PAIS DE ELSY NOS OLHOS.

MAS AGORA, ALI DEITADA A OLHAR PARA O TETO, JÁ NADA IMPORTAVA. A DOR QUE SENTIA NO CORAÇÃO ERA TÃO GRANDE QUE NÃO SERIA CAPAZ DE SUPORTÁ-LA SOZINHA, POR ISSO SENTOU-SE LENTAMENTE E PÔS OS PÉS NO CHÃO. HAVIA ALGO NELA QUE AINDA HESITAVA, MAS A DOR ESTAVA A DILACERÁ-LA, A IMPELI-LA A BUSCAR O ÚNICO ALÍVIO QUE SABIA QUE PODERIA OBTER.

DESCEU SILENCIOSAMENTE AS ESCADAS. LANÇOU UM OLHAR À MÃE QUANDO PASSOU PELO QUARTO DOS PAIS, SENTINDO UMA PONTADA NO CORAÇÃO QUANDO VIU COMO HILMA PARECIA PEQUENA NAQUELA GRANDE CAMA. MAS A MÃE DORMIA PROFUNDAMENTE; A EXAUSTÃO CONCEDIA-LHE UM ALÍVIO TEMPORÁRIO DA REALIDADE.

A PORTA DA FRENTE RANGEU LEVEMENTE QUANDO ELSY RODOU A CHAVE NA FECHADURA E A ABRIU. O AR DA NOITE ESTAVA TÃO FRIO QUE ELSY FICOU SEM FÔLEGEO QUANDO SAIU PARA A VARANDA DE CAMISA DE NOITE, E O FRIO GÉLIDO DAS ESCADAS DE PEDRA QUASE DOÍA SOB A SOLA DOS SEUS PÉS. ELSY DESCEU AS ESCADAS RAPIDAMENTE E DEU POR SI DO LADO DE FORA DA PORTA DELE, HESITANDO. MAS AQUILO DUROU APENAS UM MINUTO. A DOR INSTAVA-A A PROCURAR CONSOLO.

HANS ABRIU-LHE A PORTA À PRIMEIRA BATIDA E, SEM DIZER UMA PALAVRA, AFASTOU-SE PARA A DEIXAR ENTRAR. ELSY ENTROU E DEPOIS LIMITOU-SE A FICAR ALI, EM CAMISA DE NOITE E DE OLHOS FIXOS NOS DELE, SEM FALAR. OS OLHOS DE HANS FIZERAM-LHE SILENCIOSAMENTE UMA PERGUNTA E ELSY RESPONDEU PEGANDO-LHE NA MÃO.

POR UNS BREVES INSTANTES ABENÇOADOS, ELSY CONSEGUIU ESQUECER A DOR QUE LHE DILACERAVA O CORAÇÃO.

§

KJELL SENTIA-SE ESTRANHAMENTE agitado após o encontro com o pai. Durante todos aqueles anos, tinha conseguido agarrar-se ao seu ódio. Tinha sido tão fácil ver apenas o lado negativo, focar-se apenas em todos os erros que Frans tinha cometido durante a sua infância. Mas, afinal, talvez as coisas não fossem assim tão preto no branco. Kjell sacudiu-se para tentar afastar aquela ideia. Era muito mais fácil não ver quaisquer zonas cinzentas, argumentar que apenas havia o que estava certo e o que estava errado. Mas Frans parecera-lhe tão velho e frágil. E, pela primeira vez, Kjell foi confrontado com o pensamento de que o pai não ia viver para sempre. Um dia partiria e, então, Kjell seria forçado a ver-se a si próprio ao espelho. No fundo, sabia que o seu ódio o queimava daquela forma tão intensa porque ainda tinha a possibilidade de alcançar a mão do pai, de dar o primeiro passo para a reconciliação. Kjell não queria fazer isso. Não tinha vontade de o fazer. Contudo, essa possibilidade existia, e dava-lhe uma sensação de poder. Quando o pai morresse, seria tarde de mais. Então, apenas restaria a Kjell uma vida de ódio. Nada mais.

A mão tremia-lhe um pouco quando pegou no telefone para fazer algumas chamadas. Claro que Erica lhe dissera que entraria em contacto com as autoridades para verificar se havia algum registo acerca de Hans, mas Kjell não estava habituado a confiar em ninguém. Mais valia ser ele a tratar daquilo. Porém, uma hora mais tarde, os seus telefonemas para diversas instituições suecas e norueguesas não tinham produzido qualquer resultado. Ter apenas um nome e uma idade aproximada por onde pegar tornava tudo mais difícil, mas tinha

de haver uma saída. Kjell ainda não tinha esgotado todas as possibilidades e tinha conseguido descobrir o bastante para ficar convencido de que o rapaz não tinha permanecido na Suécia. Por isso, o mais provável era que Hans tivesse regressado à sua terra quando a guerra tivesse acabado e o norueguês tivesse deixado de estar em perigo.

Kjell alcançou a pasta que continha os artigos e, de repente, apercebeu-se de que se tinha esquecido de enviar por fax a fotografia de Olavsen a Eskil Halvorsen. Pegou novamente no telefone para ligar para o homem e obter o seu número de fax.

– Receio ainda não ter descoberto nada – disse Halvorsen assim que ouviu quem lhe estava a ligar. Eskil escutou enquanto Kjell lhe explicava o motivo da sua chamada e depois disse: – Sim, uma foto pode ser útil. Pode enviar-ma por fax para o meu gabinete na universidade.

Kjell anotou o número e enviou por fax o artigo que tinha a imagem mais nítida de Hans Olavsen. Depois voltou a sentar-se à secretária. Esperava que a pesquisa de Erica se revelasse mais frutífera, pois sentia que tinha chegado a um beco sem saída.

Nesse preciso momento, o telefone tocou.

– Está aqui o avô – gritou Per na direção da sala de estar. Carina não tardou a aparecer no vestíbulo.

– Posso entrar por um momento? – perguntou Frans.

Preocupada, Carina percebeu que Frans não parecia o mesmo. Não é que alguma vez tivesse nutrido sentimentos particularmente calorosos para com o pai de Kjell, mas estava-lhe grata pelo que tinha feito recentemente por ela e por Per.

– Claro, entre – respondeu Carina, encaminhando-se para a cozinha. Ao aperceber-se de que Frans a estudava atentamente, respondeu à sua pergunta não formulada: – Nem uma gota desde a última vez que aqui estive. Per é minha testemunha.

Per assentiu e sentou-se em frente de Frans à mesa da cozinha. O

olhar que lançou ao seu avô era quase a adoração de um herói.

– Parece que o teu cabelo está a começar a crescer – disse Frans, divertido, dando uma palmadinha na cabeça quase rapada do neto.

– Parece que sim – disse Per, envergonhado, mas depois passou a mão pelo couro cabeludo, com ar satisfeito.

– Isso é bom – disse Frans. – Isso é bom.

Carina lançou-lhe um olhar de advertência enquanto media colheres de café que ia colocando no filtro. Frans assentiu quase impercetivelmente, para confirmar que não estava disposto a falar de política.

Quando o café ficou pronto, Carina sentou-se à mesa com eles e virou-se para Frans com um olhar inquisitivo. Frans olhou fixamente para a sua chávena de café. Carina voltou a reparar como parecia cansado. Mesmo que não aprovasse as causas que Frans defendia, sempre achara que aquele homem era o paradigma da força. Porém, naquele momento, Frans não parecia a mesma pessoa que costumava ser.

– Abri uma conta bancária em nome do Per – disse por fim Frans sem olhar Carina nos olhos. – O Per vai ter acesso ao dinheiro quando fizer vinte e cinco anos. Já lá depositei uma quantia avultada.

– Onde foi que conseguiu... – começou Carina a dizer, mas Frans ergueu a mão e prosseguiu:

– Por motivos que agora não posso revelar, a conta e o dinheiro não estão num banco sueco, mas numa instituição financeira no Luxemburgo.

Carina ergueu uma sobrancelha, mas não estava completamente surpreendida. Kjell sempre alegara que o pai tinha dinheiro escondido algures, de algumas das atividades criminosas que tantas vezes no passado o tinham feito ir parar à prisão.

– Mas, porquê agora? – perguntou Carina, olhando para Frans.

A princípio, Frans não parecia disposto a responder à pergunta, mas por fim, disse:

– Quis deixar tudo tratado, para o caso de me acontecer alguma

coisa.

Carina não disse nada. Não queria saber mais nada.

– Que fixe – disse Per. – Com quanta massa é que vou ficar?

– Per! – exclamou Carina, olhando para o filho, que se limitou a encolher os ombros.

– Muita – respondeu secamente Frans. – Mas, embora a conta esteja em teu nome, há certas restrições. Por um lado, não podes ter acesso ao dinheiro até fazeres vinte e cinco anos – Frans ergueu um dedo em sinal de advertência. – E também determinei que não podes aceder à conta até a tua mãe decidir que tens maturidade suficiente para lidar com dinheiro e te der autorização. E essa condição mantém-se em vigor mesmo depois de fazeres vinte e cinco anos. Se a tua mãe achar que não vais aplicar o dinheiro de modo sensato, não recebes uma coroa que seja. Percebeste?

Per murmurou algo, mas aceitou o que Frans tinha dito sem protestar.

Carina não sabia o que pensar de tudo aquilo. Havia algo nos modos de Frans, algo na sua voz, que a deixou pouco à vontade. Ao mesmo tempo, sentiu uma enorme gratidão por ele, em nome de Per. Não ia preocupar-se acerca da proveniência do dinheiro. Frans devia tê-lo adquirido há muito tempo e, se o dinheiro pudesse ajudar Per no futuro, não ia pôr-se para ali a queixar-se.

– O que faço em relação ao Kjell? – perguntou Carina.

Frans ergueu a cabeça e fixou os olhos nela.

– O Kjell não deve saber nada sobre isto até ao dia em que o Per receber o dinheiro. Promete-me que não vais dizer-lhe nada! Isto também vale para ti, Per – Frans lançou um olhar severo ao neto. – Este é o meu único pedido. Que o teu pai não descubra nada acerca disto até tu receberes o dinheiro.

– Tudo bem, o pai não precisa de saber nada acerca disto – respondeu Per, deliciado por lhe ter sido pedido para guardar um segredo.

Depois, num tom de voz um pouco mais calmo, Frans disse:

– Sei que o mais certo é que sejas castigado por teres agredido o tal rapaz. Por isso, ouve com atenção o que vou dizer-te – Frans forçou Per a olhá-lo nos olhos. – Tu vais aceitar o teu castigo. Provavelmente vão mandar-te para um reformatório. Não arranjes problemas, não te metas em merda nenhuma enquanto lá estiveres. Basta que cumpras a tua pena sem causar chatices e, quando saíres, não voltes a fazer nenhuma estupidez. Estás a ouvir ou não?

Frans falava lentamente, pronunciando cada palavra com clareza. De cada vez que Per parecia prestes a desviar o olhar, o avô forçava-o novamente a olhá-lo nos olhos.

– Ouve o que te digo, tu não queres ter o tipo de vida que eu tive. A minha vida tem sido uma merda do princípio ao fim. Tu e o teu pai são as únicas coisas que alguma vez tiveram significado para mim, embora ele nunca vá acreditar nisto. No entanto, é verdade. Por isso, promete-me que vais manter-te afastado de complicações. Promete-me isso!

– Está bem, prometo – disse Per, contorcendo-se na cadeira. Mas o rapaz parecia estar a ouvir o avô e a interiorizar as suas palavras.

Frans só esperava que aquilo fosse suficiente. Sabia por experiência própria como podia ser difícil mudar de caminho quando se começava a seguir numa determinada direção. Mas esperava que não fosse tarde de mais para dar ao neto um empurrão na direção certa. Naquele momento, aquilo era tudo o que podia fazer.

– Pronto, já disse o que me trouxe aqui – Frans tirou um envelope do bolso e colocou-o sobre a mesa da cozinha, à frente de Carina. – Aqui estão os documentos de que precisas para ter acesso ao dinheiro.

– Tem a certeza de que não quer ficar um bocado? – perguntou Carina, que ainda se sentia desconfortável.

Frans abanou a cabeça.

– Tenho coisas para fazer – Virou-se para sair, mas parou à porta e disse calmamente: – Tenham cuidado convosco – depois, Frans ergueu a mão num leve aceno antes de se virar e dirigir-se à porta da frente.

Carina e Per ficaram sentados à mesa da cozinha em silêncio.

Ambos tinham reconhecido o caráter definitivo da despedida de Frans.

– Isso quase começa a ser rotina – disse secamente Torbjörn Ruud, que assistia ao lado de Patrik à operação macabra que estava em curso.

Anna tinha-se oferecido para cuidar das crianças, de modo que Erica também estava presente, observando a escavação com uma expectativa impossível de disfarçar.

– Não deve ter sido fácil para Mellberg obter a autorização – disse Patrik. Era raro elogiar o chefe.

– Pelo que ouvi dizer, o delegado do Ministério Público esteve a gritar com ele durante dez minutos – disse Torbjörn, sem tirar os olhos da campa, de onde a terra ia sendo removida, camada após camada.

– Acha que vai ser preciso escavar toda a campa? – perguntou Patrik, estremecendo.

Torbjörn abanou a cabeça.

– Se vocês os dois estiverem certos, então o corpo que procuramos deve estar no topo. Duvido de que o assassino se tenha dado ao trabalho de o enterrar no fundo, debaixo dos outros – respondeu sarcasticamente, acrescentando: – E, provavelmente não está num caixão; portanto, as roupas dele devem revelar-nos se a vossa teoria está correta.

– Quando poderemos obter um relatório preliminar acerca da causa da morte? – perguntou Erica. – Quer dizer, se o encontrarmos – acrescentou, embora parecesse convencida de que a exumação viria a provar que tinha razão.

– Prometeram-me um relatório para depois de amanhã – disse Patrik. – Conversei com o Pedersen e eles estão dispostos a pôr este *post mortem* no topo da lista. O Pedersen pode começar a autopsiá-lo amanhã e dar-nos os resultados na sexta-feira. O patologista ressaltou que será apenas um relatório preliminar, mas deve ser possível estabelecer a causa da morte, pelo menos.

Um grito dos homens que trabalhavam na sepultura interrompeu-o e

todos se aproximaram.

– Encontrámos qualquer coisa – disse um dos técnicos forenses, pelo que Torbjörn foi falar com ele. Conversaram por um instante, com as cabeças quase coladas, como se não quisessem ser ouvidos. Depois, Torbjörn regressou para junto de Patrik e Erica, que não se tinham atrevido a aproximar-se mais.

– Parece que alguém foi enterrado perto da superfície, e não num caixão. Agora, os homens vão ter de escavar mais devagar, para não destruírem provas. Vão demorar algum tempo a desenterrar o corpo – Torbjörn hesitou, mas depois acrescentou: – Mas parece que afinal sempre tinha razão.

Aliviada, Erica assentiu e respirou fundo. À distância, viu Kjell a aproximar-se, mas o jornalista foi travado por Martin e por Gösta, que estavam no local da exumação para impedir que alguém se acercasse demasiado. Erica correu na direção dos agentes.

– Está tudo bem. Fui eu quem lhe disse o que se está aqui a passar.

– Nada de jornalistas nem outras pessoas não autorizadas. Mellberg deu-nos ordens específicas nesse sentido – resmungou Gösta, erguendo a mão ao nível do peito de Kjell.

– Não há problema – disse Patrik, aproximando-se do grupo. – Eu assumo a responsabilidade – lançou a Erica um olhar penetrante que significava que seria ela a arcar com a responsabilidade por quaisquer consequências. Erica assentiu laconicamente e conduziu Kjell até à campa.

– Encontraram alguma coisa? – perguntou Kjell com os olhos a brilhar de emoção.

– Parece que sim. Acho que encontrámos Hans Olavsén – disse Erica, observando com fascínio como os técnicos tentavam cautelosamente pôr a descoberto uma trouxa que jazia num buraco ainda com pouco mais de meio metro de profundidade.

– Quer dizer que, afinal, Hans nunca chegou a ir-se embora de Fjällbacka – disse Kjell, incapaz de tirar os olhos dos trabalhos em curso na sepultura.

- Pois não. Agora a questão é: como é que veio aqui parar?
- Presumo que tanto o Erik como a Britta soubessem que o Hans estava aqui enterrado.
- Sim, e ambos foram assassinados. Erica assentiu, como se isso pudesse fazer com que todas as peças se encaixassem.
- O corpo está aqui há pelo menos sessenta anos. Portanto, porquê agora? Porque é que de repente se tornou tão importante? – interrogou-se Kjell.
- Não consegui saber nada pelo seu pai? – perguntou Erica, virando-se para olhar para o jornalista.
- Kjell abanou a cabeça.
- Nada de nada. E não sei se é porque ele não sabe nada ou porque não me quis dizer.
- Acha que ele poderia ter... – Erica não se atreveu a terminar a frase, mas Kjell percebeu aonde ela queria chegar.
- O meu pai é capaz de qualquer coisa. Tenho a certeza.
- De que estão a falar? – perguntou Patrik, colocando-se ao lado de Erica.
- Estávamos a comentar a possibilidade de o meu pai poder tê-lo morto – disse calmamente Kjell.
- Patrik estava espantado pela honestidade de Kjell.
- E o que é que decidiram? – perguntou. – Nós temos tido as nossas suspeitas, mas o seu pai tem um álibi para o momento em que o Erik foi morto.
- Não sabia disso – afirmou Kjell. – Mas espero que tenham verificado e reverificado essa informação, porque um velho visitante habitual das nossas prisões como o meu pai não teria dificuldade em arranjar um álibi falso.
- Patrik percebeu que Kjell tinha razão e anotou mentalmente que teria de perguntar a Martin com que grau de rigor tinham os colegas investigado o álibi de Frans.
- Torbjörn juntou-se a eles, acenando a Kjell com a cabeça.
- Ora bem, vejo que o quarto poder teve autorização para participar

nisto.

– Tenho um interesse pessoal nesta situação – explicou Kjell.

Torbjörn encolheu os ombros. Se a polícia permitia que um jornalista estivesse presente, não iria interferir. O problema era deles.

– Este trabalho fica terminado daqui a cerca de uma hora – disse Torbjörn. – E sei que o Pedersen está preparado para iniciar o *post mortem*.

– Sim, já falei com ele – disse Patrik, assentindo.

– Muito bem. Vamos tirá-lo dali e depois veremos que tipo de segredos é que o rapaz está a esconder – o chefe da equipa de peritos forenses virou-se e regressou para junto da campa.

– Sim, vamos ver que segredos é que ele esconde – disse calmamente Erica, olhando para a campa. Patrik pôs-lhe o braço sobre os ombros.

FJÄLLBACKA, 1945

OS MESES SEGUINTE À MORTE DO PAI FORAM CONFUSOS E DOLOROSOS. A MÃE DE ELSY CONTINUOU A CUIDAR DAS SUAS TAREFAS DIÁRIAS E A FAZER O QUE TINHA A FAZER, MAS HAVIA ALGO QUE FALTAVA. ERA COMO SE ELOF TIVESSE LEVADO UMA PARTE DE HILMA COM ELE, E ELSY JÁ NÃO RECONHECIA A MÃE. NESSE SENTIDO, TINHA PERDIDO NÃO APENAS O PAI MAS TAMBÉM A MÃE. O ÚNICO CONSOLO QUE CONSEGUIA ENCONTRAR ERAM AS NOITES QUE PARTILHAVA COM HANS. LOGO QUE A MÃE SE IA DEITAR, ELSY DESCIA SILENCIOSAMENTE AS ESCADAS E ENROSCAVA-SE NOS BRAÇOS DE HANS. ELSY SABIA QUE AQUILO ESTAVA ERRADO. TINHA CONSCIÊNCIA DE QUE PODERIA HAVER CONSEQUÊNCIAS GRAVES. MAS NÃO CONSEGUIA MANTER-SE LONGE DELE. DURANTE ESSAS HORAS, QUANDO ESTAVA DEITADA A SEU LADO DEBAIXO DAS COBERTAS, COM O BRAÇO DELE A ENVOLVÊ-LA E A MÃO A ACARICIAR-LHE TERNAMENTE O CABELO — DURANTE ESSAS HORAS, O MUNDO VOLTAVA A ESTAR OUTRA VEZ INTEIRO. QUANDO SE BEIJAVAM, E A PAIXÃO, QUE AGORA ERA TÃO FAMILIAR E CONTUDO AINDA SURPREENDENTE, OS INUNDAVA, ELSY NÃO CONSEGUIA COMPREENDER COMO É QUE AQUILO PODIA SER UMA COISA MÁ. NUM MUNDO QUE PODIA TÃO SÚBITA E BRUTALMENTE SER DESPEDAÇADO POR UMA MINA, COMO PODERIA ALGUMA VEZ O AMOR SER UMA COISA MÁ?

HANS TAMBÉM TINHA SIDO UMA BÊNÇÃO QUANDO SE TRATAVA DE QUESTÕES PRÁTICAS. AS FINANÇAS DA FAMÍLIA ERAM UMA GRANDE PREOCUPAÇÃO, AGORA QUE O PAI TINHA MORRIDO; SÓ CONSEGUIRAM SOBREVIVER PORQUE HANS ACEITARA TRABALHAR MAIS UM TURNO NO BARCO E LHE DAVA CADA COROA DO SEU SALÁRIO.

ÀS VEZES, ELSY PERGUNTAVA A SI PRÓPRIA SE A MÃE SABERIA DAS SUAS IDAS NOTURNAS ATÉ À CAVE PARA ESTAR COM HANS MAS DECIDIRA FECHAR

OS OLHOS PORQUE NÃO PODIA DAR-SE AO LUXO DE FAZER OUTRA COISA.

QUANDO ESTAVA DEITADA AO LADO DE HANS, A OUVI-LO RESPIRAR PAUSADAMENTE, ELSY PASSOU A MÃO PELA BARRIGA. APERCEBERA-SE HÁ UMA SEMANA DE QUE ESTAVA GRÁVIDA. APESAR DE TUDO O QUE LHE TINHAM ENSINADO ACERCA DA VERGONHA E DAS SUAS CONSEQUÊNCIAS, UMA GRANDE CALMA DESCERA SOBRE ELA. AFINAL, ERA O FILHO DE HANS QUE CARREGAVA NO VENTRE E NÃO HAVIA NINGUÉM NO MUNDO EM QUEM CONFIASSE MAIS. AINDA NÃO LHE TINHA DITO MAS, BEM NO FUNDO DO SEU SER, SABIA QUE NÃO HAVERIA PROBLEMA. HANS FICARIA FELIZ QUANDO SOUBESSE A NOTÍCIA. IRIAM AJUDAR-SE UM AO OUTRO E, DE ALGUMA FORMA, FARIAM COM QUE AS COISAS FUNCIONASSEM.

ELSY FECHOU OS OLHOS E DEIXOU A MÃO POUSADA SOBRE A BARRIGA. ALGURES DENTRO DELA HAVIA UMA PEQUENA CRIATURA QUE ERA FRUTO DO SEU AMOR. DO AMOR DELA E DE HANS. COMO É QUE ISSO PODERIA SER UMA COISA MÁ? COMO PODERIA ALGUMA VEZ UMA CRIANÇA QUE LHES PERTENCIA SER UMA COISA MÁ?

ELSY ADORMECEU COM A MÃO NA BARRIGA E UM LEVE SORRISO NOS LÁBIOS.

§

REINAVA NA ESQUADRA UM AMBIENTE DE EXPECTATIVA TENSA desde a exumação da véspera. Mellberg, obviamente, reclamava para si todo o crédito pela descoberta, mas ninguém lhe prestava muita atenção. Até mesmo Gösta tinha um brilho nos olhos quando se juntou às especulações. Embora ainda não soubessem ao certo como é que a descoberta do dia anterior se encaixava nos dois homicídios recentes, todos tinham a certeza de que aquilo significava um grande avanço na investigação.

– A questão é – raciocinou Paula –, porquê começar a matar pessoas por causa de um crime que ocorreu há sessenta anos? Quer dizer, temos praticamente de assumir que Britta e Erik foram mortos por causa de alguma ligação com o «alegado» – Paula desenhou aspas no ar – assassínio do tal rapaz norueguês. Mas porquê agora? O que terá despertado um interesse renovado nesse facto?

– Não sei – disse Martin, que estava sentado à sua secretária, perguntando a si próprio exatamente o mesmo quando Paula apareceu. – Vamos esperar que a autópsia nos dê algum dado concreto para seguirmos em frente.

– E se não der? – perguntou Paula, expressando o pensamento que Martin estava a tentar evitar.

– Cada coisa a seu tempo – respondeu calmamente Martin.

– A propósito, e as amostras de saliva? – disse Paula –, não era hoje que íamos receber os perfis de ADN? Não nos vão servir para muito se não tivermos algo com que compará-los.

– Tens razão – disse Martin, empurrando a cadeira para trás. –

Vamos tratar disso agora mesmo.

– De quem é que tratamos primeiro? Do Axel ou do Frans? É nestes dois que temos de concentrar-nos, não é?

– Primeiro tratamos do Frans – respondeu Martin, vestindo o casaco.

Com a época balnear terminada, Grebbestad estava tão deserta como Fjällbacka, e Paula e Martin viram apenas alguns moradores enquanto conduziam pela cidade. Martin parou o carro-patrolha no pequeno parque de estacionamento frente ao restaurante Telegraph e depois atravessaram a rua até ao apartamento de Frans. Ninguém respondeu quando tocaram à campainha.

– Raios! O Frans não está em casa. Vamos ter de voltar mais tarde – disse Martin, afastando-se.

– Espera um pouco – disse Paula. – A porta está aberta.

– Mas não podemos simplesmente... – os protestos de Martin chegaram tarde de mais. A colega já tinha aberto a porta e entrado.

– Está alguém em casa? – Martin ouviu o chamamento e, com relutância, seguiu Paula pelo corredor. Deram uma vista de olhos na cozinha e na sala. De Frans nem sinal. E não se ouvia qualquer ruído.

– Anda, vamos ver no quarto – sugeriu Paula. Martin hesitou. – Vá, anda lá – disse a colega. Suspirando, Martin deixou-a ir à frente.

O quarto também estava vazio, a cama estava feita e não havia qualquer sinal de Frans.

– Está cá alguém? – chamou novamente Paula quando regressaram ao vestíbulo. Não houve qualquer resposta. Encaminharam-se para a última divisão do apartamento.

Viram-no assim que a porta se abriu para dentro da divisão. Tratava-se de um pequeno escritório e o corpo de Frans tinha caído para a frente, sobre a secretária. Ainda tinha a pistola na boca e tinha um buraco enorme na parte de trás da cabeça. Martin sentiu-se ficar sem pinga de sangue; por um momento quase perdeu o equilíbrio e teve de engolir em seco. Paula, por outro lado, parecia totalmente imperturbável. Apontou para Frans, forçando Martin a olhar, mesmo

que tivesse preferido não o fazer.

– Olha para os braços dele – disse calmamente Paula.

Lutando contra as náuseas que o tentavam subjugar, Martin fez o possível para se concentrar nos antebraços de Frans. Teve um sobressalto. Estavam cobertos de arranhões profundos.

Agora era apenas uma questão de esperar pela confirmação da equipa científica. As análises de ADN e as impressões digitais iriam sem dúvida provar que Frans tinha assassinado Britta e talvez os técnicos que analisariam o apartamento em Grebbestad também descobrissem uma ligação com o homicídio de Erik Frankel. E depois havia o relatório preliminar sobre o corpo encontrado no túmulo dos soldados em Fjällbacka; todos estavam ansiosos por saber que novas informações daí adviriam.

Foi Martin quem atendeu o telefonema do patologista forense. Com o fax do relatório da autópsia na mão, o agente foi bater a todas as portas da esquadra e convocou os colegas para uma reunião.

Depois de todos estarem sentados, Martin encostou-se à bancada da cozinha, decidindo permanecer de pé para que todos conseguissem ouvi-lo.

– Como eu disse, tenho o relatório preliminar do Pedersen – comunicou Martin, fazendo orelhas surdas aos resmungos amuados de Mellberg de que devia ter sido ele a atender aquele telefonema.

– Como não temos ADN ou registo dentário para comparação, não podemos identificar positivamente o falecido como Hans Olavsen. Mas a idade coincide. E o momento do seu desaparecimento também se encaixa, mesmo que seja impossível sabermos ao certo, depois de terem passado tantos anos.

– Então, como foi que ele morreu? – perguntou Paula, batendo o pé no chão, ansiosa pelas explicações.

Apreciando o seu momento sob as luzes da ribalta, Martin fez uma pausa dramática antes de anunciar:

– Pedersen afirma que o corpo sofreu ferimentos graves. Facadas,

causadas por um objeto afiado, assim como contusões provocadas por pontapés ou socos, ou ambas as coisas. Parece que Hans Olavsen foi vítima de um ataque exaltado. O seu homicídio deve ter ocorrido em consequência de um acesso de raiva. Os pormenores estão todos no relatório preliminar de Pedersen – Martin inclinou-se para colocar as páginas sobre a mesa.

– Portanto, a causa da morte foi... – Paula ainda estava a bater o pé.

– É difícil determinar qual dos ferimentos lhe causou a morte. De acordo com Pedersen, havia várias feridas que podem ter sido fatais.

– Aposto que foi Ringholm o autor do crime. E por isso é que também matou o Erik e a Britta – murmurou Gösta, expressando o que a maioria dos colegas pensava. – O tipo sempre foi um sacana exaltado – acrescentou, abanando soturnamente a cabeça.

– Essa é uma das teorias possíveis – disse Martin, assentindo. – Mas não vamos tirar conclusões precipitadas. Frans tinha realmente arranhões nos braços, tal como o Pedersen nos disse para procurarmos, mas até termos os resultados do laboratório não sabemos se o ADN de Frans corresponde à pele arranhada que encontrámos sob as unhas Britta ou se o ADN corresponde antes à impressão digital do polegar no botão da fronha. Por isso, até termos tudo comprovado, vamos continuar a trabalhar como é habitual.

Martin ficou surpreendido ao constatar como soava profissional e calmo. Era assim que Patrik se safava, sempre que revia um caso. Martin não pôde deixar de roubar uma olhadela a Mellberg, para ver se o superintendente parecia chateado pelo facto de o seu subordinado se ter chegado à frente e assumido o papel que lhe pertencia por direito, como chefe da esquadra. Mas, como sempre, Mellberg parecia contente por não ter tido de levar a cabo o trabalho pesado relacionado com a investigação. Só quando o caso fosse solucionado é que Mellberg iria convocar a energia necessária para reclamar todos os créditos.

– Então e o que vamos fazer agora? – perguntou Paula, lançando

uma piscadela a Martin para indicar que achava que o colega estava a fazer um excelente trabalho.

Mesmo que o elogio não tenha sido verbalizado, Martin cintilava de orgulho. Era o caloiro da esquadra há tanto tempo que não tinha sido fácil ter de assumir a responsabilidade. Mas a licença de paternidade de Patrik tinha-lhe finalmente dado a oportunidade de mostrar o seu verdadeiro valor.

– Vamos começar por rever a investigação da morte de Erik Frankel à luz destes novos desenvolvimentos. Precisamos de saber se podemos encontrar alguma ligação com o Frans. Podes ser tu a tratar disso, Paula? – a colega assentiu. Martin virou-se depois para Gösta. – Gösta, descobre o que consegues acerca de Hans Olavsen. Verifica os antecedentes dele, vê se alguém nos pode dar mais algum pormenor acerca da estada de Hans em Fjällbacka e assim por diante. Conversa com a Erica, a mulher do Patrik. Ela parece ter investigado muito sobre o assunto e o filho de Frans também estava a seguir-lhe o rasto. Pede-lhes para partilharem contigo as informações que já conseguiram obter. Julgo que a Erica não vai pôr quaisquer problemas a esse respeito, mas talvez tenhas de pressionar um pouco o Kjell.

Gösta assentiu, mas mostrou consideravelmente menos entusiasmo do que Paula. Não ia ser fácil ou agradável desenterrar informações de há sessenta anos. Gösta suspirou.

– Tudo bem, vou tratar disso – respondeu desanimadamente como se tivessem acabado de atribuir-lhe os trabalhos de Hércules.

– Annika, tu informas-nos assim que tiveres notícias do laboratório?

– Claro – respondeu a secretária, pousando o bloco onde tinha estado a tomar notas enquanto Martin falava.

– Muito bem, vamos lá ao trabalho!

Martin observou-os a sair da sala, com o rosto corado de satisfação por ter conduzido com sucesso a sua primeira revisão de uma investigação.

Patrik desligou o telefone depois de falar com Martin e foi

imediatamente ter com Erica ao primeiro andar.

– Desculpa incomodar-te – disse Patrik, batendo à porta –, mas acho que vais querer ouvir isto – sentou-se na poltrona que havia a um canto do escritório e contou o que Martin lhe dissera sobre Hans Olavsen – ou melhor, acerca do corpo que julgavam ser de Hans Olavsen – e dos terríveis ferimentos que tinha sofrido.

– Eu supus que ele tinha sido assassinado... Mas isto parece... – Erica estava claramente perturbada.

– Sim, alguém tinha realmente contas a ajustar com o Hans – disse Patrik. Mas então percebeu que tinha interrompido novamente Erica quando estava em plena leitura dos diários da mãe.

– Já descobriste alguma coisa interessante? – perguntou Patrik, apontando para os diários.

– Não, nem por isso – respondeu Erica, frustrada. – Os diários acabam mesmo na altura em que o Hans Olavsen chegou a Fjällbacka, ou seja, precisamente no momento em que as coisas começaram a ficar interessantes.

– E não fazes ideia porque terá a tua mãe parado de escrever o diário nesse ponto? – perguntou Patrik.

– Não, e o problema é precisamente esse: não tenho a certeza porque é que ela parou. Parecia ser um hábito muito arraigado dela, escrever um pouco todos os dias; portanto, porque teria parado de repente? Não, eu acho que deve haver mais diários algures, mas só Deus sabe onde... – disse Erica, pensativa, enrolando uma madeixa em torno do dedo, um hábito com que Patrik já estava bastante familiarizado.

– Bem, já vasculhaste o sótão todo; portanto, lá em cima não estão – disse Patrik, pensando em voz alta. – Achas que podem estar na cave?

Erica pensou por um momento, mas depois abanou a cabeça.

– Não, eu passei em revista tudo o que há por lá quando limpámos a casa antes de te mudares, por isso custa-me a acreditar que não tenha dado por eles nessa altura, mas não tenho qualquer outra ideia

onde possam estar.

– Bem, pelo menos estás a ter alguma ajuda na tua investigação acerca do Hans Olavsen. O Kjell está a trabalhar nisso e tenho muita fé na capacidade dele para sacar informações. E o Martin disse que também vão investigar o assunto. Pediu ao Gösta para entrar em contacto contigo.

– Tudo bem. Não tenho qualquer problema em partilhar as minhas informações com a polícia – disse Erica. – Só espero que o Kjell tenha a mesma atitude.

– Eu não contaria com isso – retorquiu Patrik. – Afinal, ele é jornalista e tenho a certeza de que vê uma história nisto tudo.

– Ainda me pergunto... – disse Erica, balançando a cadeira para trás e para a frente. – Ainda me pergunto por que é que o Erik deu aqueles artigos de jornal ao Kjell. O que sabia ele sobre o homicídio de Hans Olavsen que queria que o Kjell descobrisse? Porque não lhe disse simplesmente o que sabia? Porquê ser tão enigmático e evasivo?

Patrik encolheu os ombros.

– Provavelmente nunca o saberemos. De acordo com Martin, os meus colegas da esquadra acreditam que o Frans cometeu todos os crimes. Acham que ele assassinou o Hans Olavsen e que matou o Erik e a Britta, de forma a ocultar o seu próprio rasto.

– Bem, suponho que há bastantes provas que apontam nesta direção – disse Erica. – Mas ainda há muito que... – Erica deixou a frase por terminar. – Há tanta coisa que ainda não compreendo. Por exemplo, porquê agora? Passados sessenta anos? O Hans esteve descansado na sua cama durante sessenta anos e agora é que tudo isto vem à tona? – Erica mordida o interior da bochecha enquanto ponderava a questão.

– Não faço a mais pequena ideia – disse Patrik. – Pode ter acontecido por variadíssimas razões. Se calhar, vamos ter de aceitar que os acontecimentos-chave se deram há tanto tempo que nunca vamos conseguir formar uma imagem completa do que se passou.

– Provavelmente tens razão – disse Erica, claramente desapontada. Alcançou a embalagem de caramelos que estava sobre a secretária. –

Queres um *Dumlekola*?

– Claro – disse Patrik, tirando um doce do saco. Em silêncio, mascararam os caramelos enquanto refletiam sobre o mistério da morte brutal de Hans Olavsen.

– Quer dizer que achas que foi o Frans? Tens a certeza? E será que ele também assassinou o Erik e a Britta? – perguntou por fim Erica, estudando a expressão de Patrik.

– Sim, acho que sim. De qualquer forma, não há muita coisa que indique que não o fez. O Martin espera que o relatório do laboratório chegue na segunda-feira, e é quase certo que, pelo menos, venha confirmar que o Frans assassinou a Britta. E calculo que, agora que ele está na mira da investigação, consigam encontrar provas que o relacionem com o homicídio do Erik. Quanto ao Hans... foi assassinado há tantos anos que duvido que alguma vez consigamos uma explicação completa para o que sucedeu. A única coisa é que...

– Patrik fez um esgar.

– O quê? Há alguma coisa que te parece estranha? – perguntou Erica.

– Não é bem estranha. Só que o Frans tinha um álibi para o momento em que pensamos que o Erik foi morto. Mas os amigalhões dele podem ter mentido. Martin e os outros terão de investigar melhor esse ponto. De resto, esta é a minha única reserva.

– E não há qualquer dúvida acerca da morte do Frans? Quer dizer, não há dúvida de que foi suicídio?

– Não, aparentemente não. A arma pertencia-lhe, Frans ainda a empunhava e o cano ainda estava enfiado sua boca dele. – Erica fez uma careta quando imaginou a cena. Patrik prosseguiu: – Se confirmarmos que há impressões digitais de Frans na arma dele e que há resíduos de pólvora na mão que a estava a segurar, então, para todos os efeitos, estamos a olhar para um suicídio.

– Mas não encontraram um bilhete de suicídio?

– Não. Martin disse que não encontraram nada do género. Mas as pessoas que se suicidam nem sempre deixam um bilhete – Patrik

levantou-se e lançou o invólucro do caramelo para o caixote do lixo. – Bem, meu amor, acho que é melhor deixar-te trabalhar em paz. Tenta avançar um pouco no teu livro; caso contrário, a editora vai começar a andar em cima de ti – Patrik aproximou-se e beijou Erica nos lábios.

– Sim, eu sei – suspirou Erica. – Hoje já fiz alguns progressos. O que é que tu e a Maja vão fazer?

– Karin telefonou – disse Patrik como quem não quer a coisa. – Provavelmente vamos dar um passeio logo que a Maja acorde.

– Estás mesmo a dar muitos passeios com a Karin – retorquiu Erica, surpreendendo-se com o seu tom de voz reprovador.

Patrik olhou-a com espanto.

– Estás com ciúmes? Da Karin? – Patrik deu uma gargalhada e foi dar-lhe outro beijo. – Não há nenhum motivo no mundo para teres ciúmes da Karin – Patrik deu nova gargalhada, mas depois ficou sério. – Olha, se isto te incomodar mesmo, por favor diz-me, está bem?

Erica abanou a cabeça.

– Não, claro que não. Estou a ser parva. Não há muita gente com quem te possas dar enquanto estiveres em licença de paternidade, por isso é bom poderes conviver com uma pessoa adulta.

– Tens a certeza? – Patrik estudou-a atentamente.

– Sim, absoluta – respondeu Erica, despedindo-se do marido com um aceno. – Agora vai. Alguém tem de trabalhar nesta família, não é?

Patrik voltou a rir-se e fechou a porta quando saiu. A última coisa que viu, espreitando por uma fresta, foi Erica a pegar num dos diários azuis.

FJÄLLBACKA, 1945

ERA INACREDITÁVEL. AQUELA GUERRA QUE PARECIA INTERMINÁVEL TINHA ACABADO. ELSY ESTAVA SENTADA NA CAMA DE HANS. AGARRAVA-SE AO JORNAL E TENTAVA FAZER COM QUE O CÉREBRO ENTENDESSE O SIGNIFICADO DA MANCHETE QUE GRITAVA «PAZ!».

COM OS OLHOS MAREJADOS DE LÁGRIMAS, ELSY ASSOOU O NARIZ AO AVENTAL QUE AINDA USAVA DEPOIS DE TER ESTADO A AJUDAR A MÃE A LAVAR A LOUÇA.

– NÃO POSSO ACREDITAR NISTO, HANS – DISSE ELSY. O NORUEGUÊS TINHA O BRAÇO EM VOLTA DOS OMBROS DA NAMORADA E RESPONDEU ABRAÇANDO-A COM MAIS FORÇA. TAMBÉM ELE OLHAVA PARA O JORNAL E, COMO ELSY, PARECIA IGUALMENTE INCAPAZ DE COMPREENDER O QUE ESTAVAM A LER. POR UM MOMENTO, ELSY OLHOU PARA A PORTA, NERVOSA E COM MEDO DE QUE ALGUÉM OS PUDESSE APANHAR, AGORA QUE TINHAM MANDADO A PRECAUÇÃO ÀS URTIGAS E ESTAVAM ALI SENTADOS JUNTOS DURANTE O DIA. MAS HILMA TINHA SAÍDO A CORRER PARA IR TER COM OS VIZINHOS E ELSY NÃO PENSAVA QUE ALGUÉM FOSSE APARECER PARA OS PERTURBAR NAQUELE MOMENTO. ALÉM DISSO, EM BREVE SERIA ALTURA DE REVELAR A TODA A GENTE O RELACIONAMENTO DOS DOIS. OS VESTIDOS ESTAVAM A FICAR-LHE MAIS APERTADOS EM TORNO DA CINTURA E, NAQUELA MANHÃ, SÓ COM GRANDE ESFORÇO TINHA CONSEGUIDO APERTAR TODOS OS BOTÕES. MAS TUDO IA CORRER BEM. HANS TINHA REAGIDO EXATAMENTE COMO ELSY PREVIRA QUANDO LHE DISSERA HÁ ALGUMAS SEMANAS QUE ESTAVA GRÁVIDA. OS SEUS OLHOS TINHAM BRILHADO E HANS BEIJARA-A AO MESMO TEMPO QUE LHE POUSAVA TERNAMENTE A MÃO NA BARRIGA. DESDE LOGO, HANS TINHA-LHE GARANTIDO QUE TUDO CORRERIA BEM. AFINAL, ELE TINHA UM EMPREGO E SERIA CAPAZ DE

SUSTENTÁ-LA. E A MÃE GOSTAVA DELE. CLARO QUE ELSY ERA JOVEM, MAS PODERIAM SOLICITAR ÀS AUTORIDADES AUTORIZAÇÃO PARA CASAR. HAVIAM DE ENCONTRAR UMA MANEIRA DE RESOLVER AS COISAS.

AS PALAVRAS DE HANS TINHAM ALIVIADO PARTE DA PREOCUPAÇÃO QUE ELSY AINDA CARREGAVA NO CORAÇÃO, EMBORA ACHASSE QUE O CONHECIA TÃO BEM E CONFIASSE NELE. E HANS TINHA REAGIDO DE UMA MANEIRA TÃO CALMA. ASSEGURARA-LHE DE QUE O FILHO DE AMBOS SERIA O MAIS AMADO DE TODA A TERRA E QUE IRIAM ENCONTRAR UMA FORMA DE LIDAR COM TODOS OS ASPETOS PRÁTICOS. TALVEZ HOUVESSE ALGUNS SOLAVANCOS NA ESTRADA DURANTE UNS TEMPOS; PORÉM, SE SE MANTIVESSEM UNIDOS, TODOS OS PROBLEMAS SERIAM RESOLVIDOS, E TANTO A FAMÍLIA DE ELSY COMO DEUS LHES IRIAM DAR AS SUAS BÊNÇÃOS.

ELSY APOIOU A CABEÇA NO OMBRO DE HANS. NAQUELE MOMENTO, A VIDA PARECEU-LHE MARAVILHOSA. A NOTÍCIA DA PAZ ESPALHOU-SE SOBRE ELA COMO UM CALOR QUE DERRETEU BOA PARTE DO QUE SE TINHA TRANSFORMADO EM GELO DEPOIS DA MORTE DO PAI. ELSY SÓ QUERIA QUE ELOF ESTIVESSE ALI PARA VIVER AQUELE MOMENTO. SE AO MENOS O PAI TIVESSE CONSEGUIDO AGUENTAR-SE MAIS ALGUNS MESES. ELSY AFASTOU AQUELA IDEIA. ERA DEUS QUEM PUNHA E DISPUNHA, NÃO OS HOMENS. E, ALGURES, TINHA DE HAVER UM PLANO QUE DESSE UM SENTIDO A TUDO AQUILO. AS COISAS ERAM ASSIM, POR MAIS TERRÍVEIS QUE PARECESSEM. ELSY CONFIAVA EM DEUS E CONFIAVA EM HANS, E ISSO ERA UMA DÁDIVA QUE LHE PERMITIA ENCARAR O FUTURO COM CONFIANÇA.

MAS PARA A MÃE AS COISAS ERAM DIFERENTES. NOS ÚLTIMOS MESES, A PREOCUPAÇÃO DE ELSY COM HILMA TINHA VINDO A AUMENTAR. DESDE QUE ELOF PARTIRA QUE A MÃE PARECIA TER ENCOLHIDO, RETIRARA-SE PARA DENTRO DE SI MESMA E JÁ NÃO TINHA ALEGRIA NOS OLHOS. QUANDO OUVIRAM A NOTÍCIA DA CHEGADA DA PAZ, ELSY TINHA VISTO O ESBOÇO DE UM SORRISO NO ROSTO DA MÃE, O PRIMEIRO DESDE A MORTE DE ELOF. TALVEZ A CRIANÇA QUE ESPERAVA FIZESSE A MÃE FELIZ — QUANDO RECUPERASSE DO CHOQUE INICIAL, CLARO. É EVIDENTE QUE ELSY RECEAVA QUE A MÃE TIVESSE VERGONHA DELA, MAS AMBOS TINHA

CONCORDADO CONTAR-LHE O MAIS DEPRESSA POSSÍVEL, PARA QUE PUDESSEM TOMAR TODAS AS PROVIDÊNCIAS ADEQUADAS ANTES DA VINDA DO BEBÉ.

ELSY FECHOU OS OLHOS E SORRIU, CONTINUANDO ENCOSTADA AO OMBRO DE HANS E RESPIRANDO O CHEIRO FAMILIAR DO NAMORADO.

— GOSTAVA DE IR A CASA PARA VER A MINHA FAMÍLIA, AGORA QUE A GUERRA ACABOU — DISSE HANS, ACARICIANDO-LHE O CABELO. — MAS SÓ ME DEMORO ALGUNS DIAS, POR ISSO NÃO PRECISAS DE TE PREOCUPAR. NÃO ESTOU A PREPARAR-ME PARA FUGIR DE TI — HANS BEIJOU-A NO TOPO DA CABEÇA.

— ACHO BEM — DISSE ELSY COM UM GRANDE SORRISO. — PORQUE, SE FIZESSES ISSO, EU IA PERSEGUIR-TE ATÉ OS CONFINES DA TERRA.

— DISSO NÃO DUVIDO — RETORQUIU HANS, DANDO UMA GARGALHADA. DEPOIS FICOU SÉRIO. — SÓ TENHO DE TRATAR DE UNS ASSUNTOS, AGORA QUE POSSO VOLTAR À NORUEGA.

— PARECE COISA SÉRIA — DISSE ELSY, ERGUENDO A CABEÇA DO OMBRO DE HANS E OLHANDO NERVOSAMENTE PARA O NAMORADO. — TENS MEDO DE QUE TENHA ACONTECIDO ALGUMA COISA À TUA FAMÍLIA?

— NÃO SEI — RESPONDEU HESITANTEMENTE HANS. — JÁ NÃO FALO COM ELES HÁ TANTO TEMPO. MAS NÃO ME VOU JÁ EMBORA. TALVEZ PARTA DAQUI A UMA SEMANA OU ASSIM. É REGRESSO ANTES QUE O DIABO ESFREGUE UM OLHO.

— AINDA BEM — DISSE ELSY, INCLINANDO-SE NOVAMENTE PARA HANS. — PORQUE NÃO QUERO QUE ESTEJAMOS SEPARADOS.

— E NÃO VAMOS ESTAR — DISSE HANS, BEIJANDO-LHE NOVAMENTE O CABELO. — NÃO VAMOS — HANS FECHOU OS OLHOS QUANDO A PUXOU MAIS PARA JUNTO DE SI. ENTRE ELES ESTAVA O JORNAL ABERTO, COM A PALAVRA «PAZ» A COBRIR TODA A PRIMEIRA PÁGINA.

§

ERA ESTRANHO. Ainda na semana anterior ocorrera pela primeira vez a Kjell que o pai não era imortal. E depois, na quinta-feira, a polícia tocara à campainha para lhe dar a notícia da sua morte. Kjell ficou surpreendido com a intensidade das suas emoções. Surpreendido por o coração quase ter parado de bater por um momento, por ter estendido a mão e ter-se sentido a agarrar a mão do pai, uma mãozinha enfiada numa mão grande, e por sentir que as mãos se tinham lentamente apartado. Naquele momento, Kjell compreendeu que algo mais forte do que o ódio existira dentro dele o tempo todo: esperança. Fora a única coisa que tinha sido capaz de sobreviver, a única coisa que poderia coexistir sem ser sufocada pelo ódio que sentia em relação ao pai e que tudo consumia. Qualquer amor entre eles tinha morrido há muito tempo. Mas a esperança tinha-se escondido num canto do seu coração, tinha-se escondido até dele próprio.

Quando ficara especado no vestíbulo depois de fechar a porta aos polícias, Kjell sentiu o último vestígio de esperança desaparecer e, nesse momento, uma dor terrível fez com que tudo enegrecesse diante dos seus olhos. Porque, algures dentro dele, aquele menino ansiara pelo pai. Esperara que pudesse haver uma maneira de contornar os muros que tinham construído entre ambos.

Agora, esse caminho tinha sido fechado. Os muros permaneceriam e um dia acabariam por se desmoronar, mas nunca haveria possibilidade de reconciliação.

Durante todo o fim de semana, o cérebro de Kjell tentou aceitar o facto de que o pai tinha partido. Que tinha morrido pelas suas próprias

mãos. E, mesmo que sempre tivesse imaginado que Frans poderia acabar daquela forma, dada a vida destrutiva que sempre levava, continuava a ter dificuldade em compreender aquele ato.

No domingo, Kjell tinha ido visitar Carina e Per. Telefonara-lhes na quinta-feira a contar o que tinha acontecido, mas não tivera coragem para os ver até os seus próprios pensamentos e memórias se terem acalmado um pouco. Kjell intuía imediatamente que havia algo de diferente na atmosfera que reinava na casa da ex-mulher; porém, não conseguiu perceber logo o que se passava. Então, Kjell exclamara, surpreendido: – Estás sóbria! – e não se referia apenas àquele momento ou a um curto período de tempo – porque isso já acontecera anteriormente, embora não com muita frequência, nos últimos anos. Kjell compreendeu intuitivamente que havia algo mais; havia uma sensação de calma, uma determinação nos olhos de Carina que tinha substituído o olhar magoado que passara a ostentar desde que a deixara. Um olhar que fazia sempre com que Kjell ficasse com um imenso sentimento de culpa. Per também estava diferente. Conversaram sobre o que aconteceria depois do julgamento por ter agredido o colega de turma e Per tinha surpreendido Kjell com a sua postura e as suas ideias acerca de como iria lidar com a situação. Depois de Per ter ido para o seu quarto, Kjell enchera-se de coragem e perguntara a Carina o que tinha mudado. Foi com espanto crescente que ouviu falar da intervenção do pai. De alguma forma, Frans tinha tido sucesso onde Kjell fracassara, apesar de dez anos de tentativas.

Aquilo ainda tinha vindo piorar as coisas. Confirmara a sua percepção de que qualquer esperança que restasse ia agora permanecer latente no seu coração. Afinal, Frans tinha partido: de que adiantava agora ter esperança?

Kjell aproximou-se da janela do escritório e olhou lá para fora. Num momento de autorreflexão breve e lúcido, permitiu-se examinar a sua própria vida e a sua própria alma com o mesmo olhar crítico que tinha dirigido ao pai. E o que viu assustou-o. Claro que ter traído a família não tinha sido tão dramático nem tão imperdoável aos olhos da

sociedade, mas será que isso tornava o ato mais aceitável? Dificilmente. Tinha abandonado Carina e Per. E também tinha traído Beata. Na verdade, traíra-a antes mesmo de a sua relação ter começado. Nunca a amara. Apenas amara o que ela representava, num momento de fraqueza em que precisava do que Beata podia dar-lhe. Se quisesse ser franco, nem sequer gostava dela. Aquilo nunca tinha sido nada como o amor que sentira por Carina daquela primeira vez que a vira no seu vestido amarelo e com a fita amarela no cabelo. E também tinha traído Magda e Loke. Por causa da vergonha que sentiu ao abandonar o seu primeiro filho, tinha erguido todos os tipos de barreiras dentro dele, para nunca mais viver aquele amor cru, profundo e absoluto que sentira por Per desde que o vira nos braços de Carina. Negara a Beata e aos filhos dela esse tipo de amor, e achava que nunca mais seria capaz de o reencontrar. Essa era a traição com a qual teria de viver. E com a qual eles também teriam de viver.

A mão de Kjell tremeu quando ergueu a chávena que segurava. Fez uma careta ao sentir que o café tinha arrefecido enquanto pensava em tudo aquilo, mas já tinha bebido um grande gole, por isso forçou-se a engoli-lo.

Ouviu uma voz vinda da porta.

– Tens correio.

Kjell virou-se e assentiu com cansaço.

– Obrigado – estendeu a mão para pegar no correio do dia, já classificado de forma a receber apenas a correspondência dirigida ao seu cuidado, e folheou-o distraidamente. Publicidade, algumas contas. E uma carta. Kjell reconheceu a caligrafia no envelope. Tremendo incontrolavelmente, afundou-se na cadeira pôs a carta em cima da secretária, à sua frente. Durante muito tempo, limitou-se a ficar ali, a olhar fixamente para o envelope. Para o seu nome e para a morada do jornal escritos numa letra ornamentada e antiquada. Os minutos passavam enquanto o cérebro tentava ordenar à mão que pegasse no envelope e o abrisse. Mas era como se os sinais se perdessem pelo caminho, produzindo uma paralisia total.

Por fim, os sinais conseguiram passar e Kjell começou a abrir a carta, muito lentamente. Havia três páginas, manuscritas e o jornalista demorou até ser capaz de decifrar as palavras. Mas acabou por consegui-lo.

Quando terminou, Kjell voltou a pousar a carta em cima da secretária. E, pela última vez, sentiu o calor da mão do pai na sua mão. Depois, pegou no casaco e na chave do carro. Enfiou cuidadosamente a carta no bolso.

Agora, só havia uma coisa a fazer.

ALEMANHA, 1945

FORAM RECOLHIDOS NO CAMPO DE CONCENTRAÇÃO DE NEUENGAMME. CORRIA O RUMOR DE QUE OS AUTOCARROS BRANCOS TINHAM PRIMEIRO DE TRANSPORTAR PARA FORA DO CAMPO UMA SÉRIE DE OUTROS PRISIONEIROs, INCLUINDO OS POLACOS, PARA PODER HAVER ESPAÇO PARA OS PRISIONEIROs NÓRDICOS. TAMBÉM SE DIZIA QUE AQUILO TINHA CUSTADO UMAS QUANTAS VIDAS. OS PRISIONEIROs DE OUTRAS NACIONALIDADES ESTAVAM EM CONDIÇÕES MUITO PIORES DO QUE OS ESCANDINAVOS, QUE RECEBIAM PACOTES DE COMIDA POR DIVERSOS MEIOS E ASSIM CONSEGUIRAM SOBREVIVER AO CATIVEIRO EM CONDIÇÕES RELATIVAMENTE MELHORES. DIZIA-SE QUE MUITOS NÃO CONSEGUIRAM SOBREVIVER À VIAGEM, AO PASSO QUE OUTROS TINHAM SOFRIDO HORRIVELMENTE DURANTE O SEU TRANSPORTE A PARTIR DOS CAMPOS. MAS, MESMO QUE OS RUMORES FOSSEM VERDADEIROS, NINGUÉM TINHA VONTADE DE PENSAR NISSO AGORA. NÃO QUANDO A LIBERDADE ESTAVA SUBITAMENTE AO SEU ALCANCE. BERNADOTTE TINHA NEGOCIADO COM OS ALEMÃES E GARANTIDO A AUTORIZAÇÃO PARA LEVAR PARA CASA OS PRISIONEIROs NÓRDICOS E AGORA ESTAVAM FINALMENTE A CAMINHO.

COM PERNAS BAMBAS, AXEL ENTROU NO AUTOCARRO BRANCO. SERIA A SUA SEGUNDA VIAGEM EM POUCOS MESES. OS HORRORES DA ÚLTIMA – DE SACHSENHAUSEN PARA NEUENGAMME – AINDA O FAZIAM ACORDAR EM SOBRESSALTO A MEIO DA NOITE. JÁ NO CAMPO, DEITADO NO SEU CATRE, AXEL REVIVIA O INFERNO DE TER ESTADO TRANCADO NUM VAGÃO DE CARGA A OUVIR AS BOMBAS A CAIR EM SEU REDOR, ÀS VEZES EXPLODINDO TÃO PERTO QUE ELE E OS QUE PARTILHAVAM A SUA SORTE CONSEGUIAM OUVIR OS FRAGMENTOS A CAIR SOBRE O TEJADILHO DOS VAGÕES, POR CIMA DAS SUAS CABEÇAS. MAS, MILAGROSAMENTE, NENHUMA DAS

BOMBAS TINHA ATINGIDO O COMBOIO EM CHEIO. POR ALGUMA RAZÃO, AXEL ATÉ A ESSA PROVAÇÃO SOBREVIVERA. E AGORA, QUANDO QUASE TINHA PERDIDO TODA A VONTADE DE VIVER, CHEGARA A NOTÍCIA DE QUE IAM FINALMENTE PARA CASA.

AXEL ERA UM DOS POUCOS PRISIONEIRO AINDA CAPAZES DE CAMINHAR SEM AJUDA. ALGUNS ESTAVAM EM TAL ESTADO QUE TIVERAM DE SER CARREGADOS PARA DENTRO DO AUTOCARRO. CUIDADOSAMENTE, AXEL SENTOU-SE NO CHÃO, ENCOLHEU LENTAMENTE AS PERNAS E REPOUSOU APATICAMENTE A CABEÇA NOS JOELHOS. NÃO CONSEGUIA COMPREENDER AQUILO. IA PARA CASA. PARA JUNTO DA MÃE E DO PAI. E DE ERIK. PARA FJÄLLBACKA. NA SUA MENTE, AXEL VISUALIZAVA TUDO COM MUITA CLAREZA. TUDO AQUILO EM QUE NÃO SE PERMITIRA PENSAR DURANTE TANTO TEMPO. MAS, FINALMENTE, AGORA QUE SABIA QUE ESTAVA TUDO AO SEU ALCANCE, PERMITIU QUE OS PENSAMENTOS E AS RECORDAÇÕES FLUÍSSEM LIVREMENTE. AO MESMO TEMPO, SABIA QUE A VIDA NUNCA MAIS SERIA A MESMA. QUE ELE NUNCA MAIS SERIA O MESMO. TINHA VISTO COISAS, VIVIDO COISAS, QUE O TINHAM MUDADO PARA SEMPRE.

AXEL ODIAVA ESSA TRANSFORMAÇÃO. ODIAVA O QUE TINHA SIDO FORÇADO A FAZER E O QUE FORA FORÇADO A TESTEMUNHAR. E AINDA NÃO TINHA TERMINADO, SÓ POR TER ENTRADO NAQUELE AUTOCARRO. A SUA JORNADA ERA LONGA E, PELO CAMINHO, VIRAM CIDADES REDUZIDAS A ESCOMBROS FUMEGANTES E UM PAÍS EM RUÍNAS. DOIS PRISIONEIRO MORRERAM. UM DELES SEGUIA AO LADO DE AXEL, A CUJO OMBRO SE TINHA ENCOSTADO NOS BREVES PERÍODOS EM QUE CONSEGUIA DORMIR. UMA MANHÃ, AXEL MUDOU DE POSIÇÃO AO ACORDAR E O HOMEM CAIU PARA O LADO, O CORPO RÍGIDO E FRIO COMO SE ESTIVESSE MORTO HÁ ALGUM TEMPO. AXEL TINHA SIMPLEMENTE AFASTADO O CORPO COM UM EMPURRÃO E CHAMADO UM DOS RESPONSÁVEIS PELO TRANSPORTE. DEPOIS, ANINHARA-SE NOVAMENTE NO SEU LUGAR. ERA APENAS MAIS UM MORTO. TINHA VISTO TANTOS.

AXEL DAVA POR SI A ERGUER CONSTANTEMENTE A MÃO PARA TOCAR NA ORELHA. ÀS VEZES, OUVIA UM ESTRONDO, MAS O MAIS FREQUENTE ERA SENTIR APENAS UM SILÊNCIO VAZIO, MONÓTONO. TINHA IMAGINADO

AQUELA CENA NA SUA MENTE TANTAS VEZES. CLARO QUE TINHA PASSADO POR COISAS MUITO PIORES DESDE ENTÃO, MAS HAVIA ALGO NA VISÃO DA CORONHA DA ESPINGARDA DO GUARDA A VIR NA SUA DIREÇÃO QUE REPRESENTAVA A TRAIÇÃO FINAL. APESAR DO FACTO DE ESTAVAM EM CAMPOS OPOSTOS NA GUERRA, TINHAM ESTABELECIDO UM CONTACTO HUMANO QUE LHE TINHA INFUNDIDO UMA SENSACÃO DE RESPEITO E DE SEGURANÇA. MAS QUANDO VIU O RAPAZ A ERGUER A CORONHA DA ESPINGARDA E SENTIU A DOR, QUANDO FOI ATINGIDO POR CIMA DA ORELHA, TODAS AS ILUSÕES SOBRE A BONDADE INATA DOS SERES HUMANOS TINHAM SIDO DESTRUÍDAS.

SENTADO NO AUTOCARRO, CERCADO POR OUTROS HOMENS QUE SOFRERAM COMO ELE TINHA SOFRIDO, MUITOS DELES TÃO DOENTES E TRAUMATIZADOS QUE NÃO SOBREVIVERIAM, AXEL FEZ UM VOTO SAGRADO PARA SI MESMO: NÃO DESCANSARIA ENQUANTO NÃO LEVASSE À JUSTIÇA OS RESPONSÁVEIS. A SUA MISSÃO SERIA FAZER COM QUE OS CULPADOS NÃO ESCAPASSEM AO CASTIGO.

AXEL LEVOU NOVAMENTE A MÃO À ORELHA E TENTOU IMAGINAR A CASA QUE DEIXARA. EM BREVE, MUITO EM BREVE, ESTARIA DE VOLTA.

§

PAULA MORDISCAVA UMA ESFEROGRÁFICA enquanto lia documento atrás de documento. Em cima da secretária, à sua frente, estava uma pilha de folhas que representavam tudo o que tinham sobre o homicídio de Erik Frankel, e Paula revia o material na esperança de encontrar algum pormenor que lhes tivesse escapado. Percebendo a loucura que era tentar moldar provas para se encaixarem numa teoria, pôs de lado a suspeita de que Frans Ringholm tinha matado Erik e concentrou-se em tentar encontrar algo que suscitasse interrogações. Até ao momento, continuava de mãos a abanar. Mas ainda havia uma quantidade considerável de material para rever.

Estava com muita dificuldade em concentrar-se. A data prevista para o nascimento do bebé de Johanna estava a aproximar-se rapidamente e a namorada podia entrar em trabalho de parto a qualquer momento. Quando pensava no que tinham pela frente, Paula sentia uma mistura de alegria e medo. Uma criança; alguém por quem teria de responsabilizar-se. Se tivesse falado com Martin, sem dúvida que o colega teria reconhecido cada um dos pensamentos que estavam a rodopiar-lhe na mente, mas preferiu manter as preocupações para si mesma. No seu caso, a preocupação tinha uma dimensão extra: será que ela e Johanna tinham tomado a decisão acertada ao realizarem o sonho de ter um bebé? Será que acabaria por revelar-se um ato egoísta, algo pelo qual o filho iria acabar por pagar o preço? Deveriam antes ter ficado em Estocolmo e educado por lá a criança? Ali, era mais provável que a sua pequena família chamasse a atenção. Mas algo dizia a Paula que tinham tomado a decisão certa. Todos tinham

sido muito amigáveis e, até ao momento, não tinha encontrado ninguém que tivesse olhado para elas de lado. Claro que isso podia mudar depois do nascimento do bebé. Quem poderia saber?

Suspirando, Paula estendeu a mão para o próximo documento na pilha: a análise técnica à arma do crime. O busto de pedra tinha estado no peitoril da janela durante anos; porém, após o homicídio, tinha sido encontrado, manchado de sangue, sob a secretária. Os peritos forenses tinham procurado impressões digitais e substâncias estranhas, mas tudo o que tinham conseguido identificar foram vestígios de sangue, de cabelo e de massa encefálica de Erik. Paula pôs o relatório de lado e pegou nas fotos do local do crime. Ficou impressionada por a mulher de Patrik ter reparado no que estava escrito no bloco-notas: *Ignoto militi...* «Ao soldado desconhecido.» Paula não tinha dado por aquilo quando olhara para as fotos e, mesmo que as tivesse visto, tinha de admitir que, provavelmente, não teria pensado em verificar o que as palavras significavam. Erica não só descobrira as palavras como também conseguira relacioná-las com outras pistas e possibilidades, que os tinham levado ao corpo de Hans Olavsén.

Paula pousou a fotografia e abriu o bloco-notas. Apesar de terem reduzido o intervalo temporal a poucos dias, não tinham conseguido determinar o momento exato do homicídio de Erik Frankel. Paula perguntou a si própria se seria capaz de descobrir algo mais com base nas datas que possuíam. Começou a traçar uma cronologia dos acontecimentos: a visita de Erica a Erik Frankel, o momento em que Erik, alcoolizado, se despediu de Viola, a viagem de Axel a Paris, a tentativa da mulher da limpeza de entrar em casa dos irmãos. Paula examinou os documentos para tentar descobrir alguma informação sobre o paradeiro de Frans durante esse período, mas apenas encontrou as declarações dos seus sequazes dos Amigos da Suécia, nas quais estes juravam que Frans tinha estado na Dinamarca nos dias em questão. Raios! Deviam ter pressionado mais Frans para que lhes fornecesse pormenores adicionais quando tinham tido oportunidade para isso. Mas, dado o seu cadastro, sem dúvida que Frans tinha tido

o cuidado de se munir de documentos que apoiassem o seu álibi. Ainda assim, o que tinha Martin dito durante a revisão da investigação? Que um álibi incontestável era algo que não existia...

Paula levantou-se, sobressaltada. Ocorrera-lhe uma ideia que ganhava força a cada segundo que passava. Havia uma coisa que não tinham verificado.

– Patrik? Olá, sou eu, Karin. Achas que podias vir cá a casa dar-me uma ajuda com uma coisa? O Leif saiu muito cedo e há um cano roto na cave que não para de deitar água.

– Bem, não sou nenhum perito em canalizações – respondeu hesitantemente Patrik. – Mas julgo que poderia ir dar uma vista de olhos, para ver se consigo concertar isso sem teres de chamar um canalizador.

– Ótimo – disse Karin, parecendo aliviada. – Traz a Maja contigo, se quiseres. Ela pode brincar com Ludde.

– Sim, é o que vou fazer. A Erica está a trabalhar e não quero incomodá-la por tudo e por nada.

Um quarto de hora mais tarde, quando virou para a rampa de acesso à casa de Karin e de Leif, em Sumpán, teve de admitir que se não se sentia muito à vontade ao ver a casa onde a ex-mulher agora vivia com o homem cujo traseiro branco ainda visualizava na sua mente de vez em quando. Não era fácil esquecer o momento em que apanhou a mulher e o amante em pleno acto.

Karin abriu a porta, com Ludde nos braços, mesmo antes de Patrik ter tocado à campainha.

– Entra – disse ela, afastando-se para o deixar entrar.

– Chegou o piquete de emergência – gracejou enquanto pousava Maja no chão. Ludde foi logo ter com ela, pegou-lhe na mão e puxou-a pelo corredor em direção ao que parecia ser o seu quarto.

– É por aqui – Karin abriu uma porta que dava para as escadas da cave.

– Será que eles ficam bem? – perguntou Patrik, nervoso, olhando

para o quarto de Ludde.

– Eles vão manter-se ocupados por alguns minutos, não há problema – respondeu Karin, fazendo sinal a Patrik para que a seguisse.

Ao fundo das escadas, Karin apontou com uma expressão preocupada no rosto para um cano no teto. Patrik aproximou-se para o inspecionar e depois disse, para a tranquilizar:

– Hum... Acho que é um exagero dizer que o cano não para de deitar água. Isto parece mais condensação causada pela humidade – Patrik apontou para algumas gotas de água na parte superior do cano.

– Ah, antes assim. Fiquei tão preocupada quando vi que estava molhado – disse Karin. – Foste muito simpático em teres vindo. Posso oferecer-te um café como forma de agradecimento, ou tens de voltar já para casa?

– Claro que sim, não temos nenhum horário a cumprir. E um café até ia bem. – Pouco tempo depois, estavam sentados na cozinha, a comer os biscoitos que Karin tinha posto na mesa.

– Aposto que não estavas à espera de biscoitos caseiros? – perguntou Karin, sorrindo a Patrik.

O ex-marido estendeu a mão para um «sonho de aveia» e abanou a cabeça, dando uma gargalhada.

– Não, a confeção de biscoitos nunca foi o teu forte. Ou a cozinha em geral, para ser franco.

– Então, como podes dizer uma coisa dessas? – afirmou Karin com ar ofendido. – Também não devia ser assim tão mau. Pelo menos costumavas gostar do meu rolo de carne.

Patrik sorriu maliciosamente e abanou a mão para indicar que o rolo era assim-assim.

– Eu só dizia que gostava muito por tu teres tanto orgulho naquilo. Mas na verdade cheguei a pensar vender a receita à guarda real para que pudessem utilizar o rolo como projétil nos canhões deles.

– Calma aí! – disse Karin. – Agora estás a ir longe de mais! – depois deu uma gargalhada. – Mas tens razão. Realmente, cozinhar não é o meu forte. Isso é uma coisa que o Leif adora salientar. Mas ele

não parece pensar que eu seja muito boa no que quer que seja – a voz de Karin fraquejou e os olhos marejaram-se-lhe de lágrimas. Impulsivamente, Patrik pôs a mão sobre a da ex-mulher.

– As coisas estão assim tão más?

Karin assentiu, limpando as lágrimas com um guardanapo.

– Concordámos em separar-nos. Tivemos a pior briga do mundo este fim de semana e apercebi-me de que isto não está de todo a resultar. Portanto, o Leif fez as malas e não vai voltar.

– Lamento muito – disse Patrik, mantendo a mão sobre a de Karin.

– Sabes o que é que dói mais? – disse Karin. – O facto de eu realmente não sentir a falta dele. Isto foi tudo um grande erro – a voz fraquejou-lhe novamente e Patrik começou a ter uma sensação desconfortável quanto ao rumo que a conversa estava a tomar.

– As coisas corriam tão bem entre nós, entre mim e ti. Não corriam? Se ao menos eu não tivesse sido tão incrivelmente estúpida – Karin soluçou com o guardanapo encostado ao rosto enquanto pegava na mão de Patrik. Agora não seria fácil reaver a mão, embora soubesse que era isso que devia fazer. – Eu sei que tu seguiste em frente. Sei que tens a Erica. Mas a nossa relação era muito especial. Não era? Não haverá uma hipótese de podermos... de tu e eu podermos... – Karin não conseguiu terminar a frase, mas apertava a mão de Patrik cada vez com mais força, como que a suplicar-lhe.

Patrik engoliu em seco, mas depois disse, calmamente:

– Eu amo a Erica. Essa é a primeira coisa que precisas de saber. Em segundo lugar, a imagem que tens do que era o nosso casamento não passa de uma fantasia, algo que tu inventaste por não te estares a entender com o Leif. Nós dávamo-nos bem, mas nunca tivemos uma relação assim tão especial. Por isso é que aconteceu aquilo que aconteceu. Era apenas uma questão de tempo – Patrik olhou Karin nos olhos. – E tu também sabes muito bem disso, basta pensares um bocadinho. Continuámos casados sobretudo porque dava jeito, não porque nos amássemos. Por isso, de algum modo, fizeste-nos um favor aos dois, mesmo que eu não desejasse que as coisas tivessem acabado

como acabaram. Mas, neste momento, estás a enganar-te a ti própria, percebes?

Karin recomeçou a chorar, sobretudo por se sentir tão humilhada. Patrik percebeu a reação da ex-mulher e trocou de lugar, sentando-se na cadeira ao lado dela. Abraçou-a e inclinou a cabeça de Karin contra o seu ombro enquanto lhe acariciava o cabelo.

– Pronto... – disse Patrik. – Não fiques assim... As coisas vão resolver-se...

– Como é que podes ser tão... Depois de eu... ter feito... esta figura tão triste? – balbuciou Karin.

Patrik continuou calmamente a acariciar-lhe o cabelo.

– Não tens nada de que te envergonhar – afirmou. – Estás perturbada e não estás a pensar com muita clareza nesta altura do campeonato. Mas sabes que eu tenho razão – acrescentou. Pegou no guardanapo e limpou as lágrimas das faces coradas de Karin. – Queres que me vá embora ou sempre bebemos o tal café? – perguntou Patrik.

Karin hesitou por um momento, mas depois disse:

– Se pudermos ignorar o facto de me ter atirado a ti, então gostava que ficasses mais um bocado.

– Por mim, tudo bem – disse Patrik, voltando a ir sentar-se na cadeira em frente da ex-mulher. – Tenho a memória de um peixe de aquário; por isso, em dez segundos tudo o que vou recordar são estes deliciosos biscoitos comprados na loja – Patrik piscou-lhe o olho, estendendo a mão para outro sonho de aveia.

– O que é que a Erica anda a escrever? – perguntou Karin, desesperada para mudar de assunto.

– A Erica devia estar a trabalhar num novo livro, mas viu-se apanhada numa investigação acerca do passado da mãe dela – explicou Patrik, igualmente grato por poder conversar sobre outra coisa.

– Como é que ela se começou a interessar por isso? – perguntou Karin, genuinamente curiosa.

Patrik contou-lhe o que tinham encontrado no baú que estava no

sótão e como Erica descobrira as ligações aos homicídios de que a cidade inteira andava a falar.

– O que a deixa mais frustrada no meio disto tudo é que durante anos a mãe manteve um diário, mas os diários que Erica encontrou só vão até 1944. Por isso, das duas, uma: ou a Elsy decidiu parar de escrever de repente, ou então há um monte de cadernos azuis guardados nalgum lado, mas não em nossa casa – disse Patrik.

Karin teve um sobressalto.

– Como é que disseste que são os diários?

Patrik franziu a testa e lançou-lhe um olhar intrigado.

– Uns cadernos azuis fininhos, parecidos com as sebatas utilizadas na escola. Porquê?

– Porque nesse caso acho que sei onde eles estão – respondeu Karin.

– Tens uma visita – anunciou Annika, enfiando a cabeça no gabinete de Martin.

– A sério? Quem é? – perguntou Martin, mas não tardou a obter a resposta, pois Kjell Ringholm apareceu à entrada.

– Não estou aqui como jornalista – afirmou logo Kjell, erguendo as mãos ao ver que Martin estava prestes a protestar. – Estou aqui como filho de Frans Ringholm – acrescentou, sentando-se pesadamente na cadeira reservada às visitas.

– Lamento muito o que... – disse Martin, sem saber como prosseguir. Toda a gente sabia como era a relação entre os Ringholm.

Kjell tranquilizou-o com um gesto e enfiou a mão no bolso do casaco.

– Esta carta foi-me entregue hoje – o tom de Kjell era inexpressivo, mas a mão tremia-lhe quando atirou a carta para cima da secretária de Martin. O agente pegou nela e abriu-a depois de receber um aceno de consentimento de Kjell. Leu as três páginas manuscritas em silêncio, mas ergueu as sobrancelhas várias vezes.

– Quer dizer que o seu pai assume a culpa, não só do homicídio de

Britta Johansson mas também da morte de Hans Olavsen e de Erik Frankel – disse Martin, olhando com espanto para Kjell.

– Sim, é isso que diz a carta – respondeu Kjell, olhando para baixo.
– Mas calculo que já tenham chegado a essa conclusão; portanto, isso não deve ser grande surpresa.

– Estaria a mentir se dissesse o contrário – afirmou Martin, assentindo. – Mas apenas temos provas concretas contra o seu pai em relação ao homicídio de Britta Johansson.

– Então isso deve ajudar – disse Kjell, apontando para a carta.

– E tem a certeza de que esta é...

– A letra do meu pai? Sim – respondeu Kjell. – Tenho a certeza. Essa carta foi escrita pelo meu pai. E, na verdade, isto não me surpreende – acrescentou com amargura. – Mas nunca me passaria pela cabeça que... – Kjell abanou a cabeça.

Martin leu novamente a carta.

– Na realidade, Frans só confessa ter matado Britta. O resto é bastante vago: *«Eu sou o culpado da morte de Erik e também da morte do homem que encontraram num túmulo que não deveria ter sido o seu.»*

Kjell encolheu os ombros.

– Não vejo onde está a diferença. Frans está apenas a ser pretensioso, optou por esse estilo floreado. Não tenho dúvidas de que foi o meu pai quem... – o jornalista não terminou o que ia dizer, limitando-se a suspirar pesadamente, como que a tentar controlar as suas emoções.

Martin voltou a ler a carta em voz alta:

«Pensei que poderia lidar com as coisas como costume, que um único ato de violência resolvesse tudo, mantivesse tudo em segredo. Mas, assim que levantei a almofada da cara dela, soube que aquilo não ia resolver nada. E compreendi que me restava uma única opção. Que eu tinha chegado ao fim da linha. Que o passado me tinha finalmente alcançado.»

Martin olhou para Kjell.

– Sabe o que quis ele dizer com isto? O que é que queria manter em segredo? E que história é esta de o passado o ter alcançado?

Kjell abanou a cabeça.

– Não faço ideia.

– Por agora, vou ter de ficar com isto – disse Martin, agitando as páginas manuscritas no ar.

– Claro – disse Kjell com cansaço. – Sim, fique com ela. Estava a pensar queimá-la; por isso, força.

– É verdade, tinha pedido ao meu colega Gösta para lhe dar uma palavrinha, mas já que aqui está talvez pudéssemos ter essa conversa agora mesmo. O que acha? – Martin enfiou cuidadosamente a carta num saco de plástico e pô-la de lado.

– Acerca de quê? – perguntou Kjell.

– De Hans Olavsen. Sei que tem andado a investigar...

– O que é que isso tem que ver com o que quer que seja neste momento? O meu pai confessou tê-lo assassinado.

– Sim, essa é uma interpretação. Mas ainda há dúvidas sobre a morte de Olavsen que gostaríamos de esclarecer. Então, se tiver alguma informação que possa contribuir para a nossa investigação... seja o que for... – Martin abriu os braços e recostou-se na cadeira.

– Já falou com a Erica Falck? – perguntou Kjell.

Martin abanou a cabeça.

– Ainda não, mas vamos falar. Bem, como eu disse, agora que está aqui...

– Enfim, não tenho muito a dizer – Kjell explicou que contactara Eskil Halvorsen, o especialista na resistência norueguesa. O jornalista ainda não voltara a ter notícias dele sobre Hans Olavsen e havia fortes probabilidades de o homem não conseguir fornecer-lhes qualquer informação adicional acerca do norueguês.

– Quer telefonar-lhe agora, para saber se esse Eskil descobriu alguma coisa? – perguntou Martin, apontando para o telefone sobre a sua secretária.

Kjell encolheu os ombros e retirou uma agenda muito usada do

bolso. Folheou-a até encontrar a página com o *post-it* amarelo com o nome e o número de Eskil Halvorsen.

– Acho que vai ser um desperdício de tempo, mas já que insiste... – Kjell puxou o telefone para mais perto de si e marcou o número que estava no *Post-it*. Houve uma pausa antes de o norueguês atender. – Olá, fala Kjell Ringholm. Desculpe incomodá-lo novamente, mas era só para saber se... Recebeu a fotografia. Ótimo. Então e já...

Kjell assentiu. Enquanto escutava, a sua expressão tornou-se cada vez mais alerta, o que fez com que Martin se endireitasse na cadeira, ansioso por saber o que o interlocutor de Kjell estava a dizer.

– E foi a partir dessa fotografia que o senhor... Mas o nome está errado? E o nome dele afinal é...

Kjell estalou os dedos para assinalar a Martin que precisava de caneta e papel.

Martin pegou no seu suporte para canetas e conseguiu derrubá-lo, de modo que todo o conteúdo caiu no chão, mas Kjell apanhou uma das canetas, pegou num relatório da caixa de arquivo de Martin e começou a escrever febrilmente nas costas do documento.

– Então ele não era... Sim, percebo que isso é extremamente interessante. E para nós também, acredite.

Martin estava prestes a rebentar de curiosidade e teve de fazer um esforço enorme para não se apoderar do auscultador.

– Certo, muito obrigado. Isso muda completamente as coisas. Sim. Certo. Obrigado. Obrigado.

Kjell desligou finalmente o telefone e lançou um grande sorriso a Martin.

– Eu sei quem ele é! Que um raio me fulmine já aqui se não sei quem ele é!

– Erica!

Erica ouviu a porta da frente bater e perguntou a si própria porque estaria Patrik a gritar daquela maneira.

– Que aconteceu? Alguma coisa urgente? – Erica foi até ao patamar

e olhou para baixo, para Patrik.

– Vem cá abaixo, tenho de te contar uma coisa – Patrik acenou-lhe com vivacidade para que descesse e Erica obedeceu. – Vamos sentar-nos – disse Patrik, dirigindo-se à sala.

– Agora fiquei mesmo muito curiosa – disse Erica quando ambos estavam sentados no sofá. Olhou para o marido. – Então, conta lá.

Patrik respirou fundo.

– Ora bem, lembras-te de me teres dito que tinha de haver mais diários algures?

– Ss-iimm – respondeu Erica, sentindo de repente um formigueiro no estômago.

– Bem, há pouco fui a correr a casa da Karin.

– Foste? – disse Erica, surpreendida.

Patrik fez um gesto a assinalar que aquilo agora não importava.

– Esquece isso e escuta: por acaso mencionei os diários à Karin. E ela acha que sabe onde podemos encontrar mais!

Erica olhou para Patrik com espanto.

– Como raio é que ela ia saber uma coisa dessas? – Patrik contou-lhe e o rosto de Erica iluminou-se. – Ah, claro. Mas porque é que ela nunca disse nada?

– Não faço ideia. Vais ter de ir lá perguntar-lhe – respondeu Patrik. Mal acabara de falar, já Erica estava a dirigir-se para a porta da frente.

– Nós vamos contigo – disse Patrik, pegando em Maja.

– Está bem, mas despacha-te – gritou Erica, que já estava a sair porta fora com a chave do carro na mão.

Pouco tempo depois, Kristina, a mãe de Patrik, abriu a porta com ar atarantado.

– Olá, que surpresa. Não estava à espera de vos ver por aqui!

– É só uma visita de médico – disse Erica, trocando um olhar cúmplice com Patrik.

– Claro, claro. Querem que faça café? – perguntou Kristina, ainda surpreendida. Erica esperou impacientemente que a mãe de Patrik acabasse de fazer o café e se fosse sentar com eles à mesa. Com

impaciência mal disfarçada, perguntou:

– Lembra-se de lhe ter contado que tinha encontrado os diários da minha mãe no sótão? E que andava a lê-los na esperança de descobrir mais sobre quem Elsy Moström realmente era?

– Sim, claro que me lembro de me teres contado isso – respondeu Kristina, evitando os olhos de Erica.

– Da última vez que estive aqui julgo que também lhe disse que achava estranho ela ter parado de escrever em 1944 e que não houvesse mais diários.

– Sim – disse Kristina com os olhos fixos no tampo da mesa.

– Bem, hoje o Patrik tomou café com a Karin em casa dela e, por acaso, mencionou os diários e descreveu-os. E Karin recorda-se claramente de ver uns cadernos semelhantes aqui em sua casa – Erica fez uma pausa para estudar a sogra. – Segundo a Karin, a Kristina pediu-lhe para tirar uma toalha de linho do armário e, no fundo do armário, a Karin lembra-se de ter visto vários cadernos azuis com a palavra «Diário» na capa. A Karin assumiu que eram os seus diários antigos e não fez qualquer comentário. Mas hoje, quando o Patrik mencionou os diários da minha mãe, bem... ela relacionou as coisas. Portanto, pergunto-lhe – prosseguiu calmamente Erica –, porque é que não me disse nada?

Kristina continuou a olhar fixamente para a mesa. Patrik tentou não olhar para nenhuma delas, concentrando a sua atenção em comer bolinhos com Maja. Por fim, levantou-se sem dizer uma palavra e saiu da cozinha. Erica ficou a vê-la ir, mal se atrevendo a respirar. Ouviu a porta de um armário a abrir-se e a fechar-se. Um momento depois, Kristina regressou à cozinha. Tinha três cadernos azuis na mão. Exatamente iguais aos que Erica tinha em casa.

– Prometi à Elsy que tomava conta deles. Ela não queria que tu ou a Anna os vissem. Mas creio... – Kristina hesitou, mas depois entregou-os cadernos a Erica. – Creio que há um momento em que as coisas devem ser reveladas. E parece-me que este é o momento. Julgo que a Elsy teria dado o seu consentimento.

Erica pegou nos diários e passou a mão sobre a capa do que estava no topo.

– Obrigada – disse Erica, olhando para Kristina. – Sabe o que ela escreveu nestes cadernos?

Kristina hesitou, sem ter a certeza do que dizer.

– Eu não os li. Mas sei muito acerca do que julgo que a Elsy terá escrito nesses diários.

– Vou até à sala para os ler – anunciou Erica.

Erica estava a tremer quando se sentou no sofá. Lentamente, abriu a primeira página do diário que estava no topo e começou a ler. Os olhos correram pelas linhas, por aquela caligrafia familiar, enquanto lia acerca do destino da mãe e, como tal, acerca do seu próprio. Com surpresa e agitação crescente, Erica leu acerca do caso de amor da mãe com Hans Olavsén, e de como Elsy tinha descoberto que estava grávida. No terceiro diário, Erica chegou à partida de Hans. E à promessa que este fizera antes de regressar à Noruega. As mãos de Erica tremiam cada vez mais, como se estivesse a viver o pânico crescente da mãe quando os dias e as semanas passaram sem nenhuma notícia de Hans. Quando chegou às últimas páginas, Erica começou a chorar descontroladamente. Através das lágrimas, leu o que a mãe tinha escrito na sua caligrafia elegante:

«Hoje apanhei o comboio para Borlänge. A mãe ficou à porta e acenou-me, mas não veio comigo. Cada vez é mais difícil esconder o meu estado. E não quero que a minha mãe tenha de suportar esta vergonha. Custa-me tanto fazer isto. Mas roguei a Deus que me desse forças para conseguir. Forças para abandonar a criança que nunca conheci, mas que já amo tanto, tanto...»

BORLÄNGE, 1945

HANS NUNCA MAIS VOLTOU. DERA-LHE UM BEIJO DE DESPEDIDA, DISSE-LHE QUE ESTARIA DE VOLTA EM BREVE E PARTIU. E ELSY ESPERARA. DE INÍCIO, CONFIANTE E SEGURA, EM SEGUIDA, COM UMA LIGEIRA PONTADA DE INQUIETUDE, QUE AO LONGO DO TEMPO SE FOI TRANSFORMANDO NUM PÂNICO QUE A CONSUMIA. PORQUE ELE NUNCA VOLTOU. QUEBROU A PROMESSA QUE LHE FIZERA. TRAIU-A, ASSIM COMO AO FILHO DE AMBOS. E ELSY TINHA APOSTADO TUDO NELE. NUNCA TINHA SEQUER QUESTIONADO A PROMESSA QUE HANS LHE FIZERA, TENDO DADO COMO CERTO QUE ELE A AMAVA TANTO QUANTO ELA O AMAVA. COMO TINHA SIDO ESTÚPIDA E INGÊNUA! QUANTAS RAPARIGAS TERIAM SIDO ENGANADAS COM A MESMA HISTÓRIA?

QUANDO JÁ NÃO ERA MAIS POSSÍVEL ESCONDER A SUA GRAVIDEZ, ELSY RECORREU À MÃE. DE CABEÇA BAIXA, INCAPAZ DE OLHAR HILMA NOS OLHOS, ELSY CONTARA-LHE TUDO. QUE SE TINHA DEIXADO ENGANAR POR HANS, QUE ACREDITARA NAS SUAS PROMESSAS E QUE AGORA CARREGAVA O FILHO DELE NO VENTRE. A PRINCÍPIO, A MÃE NÃO TINHA DITO UMA PALAVRA. UM SILÊNCIO GELADO DESCEU SOBRE A COZINHA ONDE ESTAVAM SENTADAS, E SÓ ENTÃO O MEDO SE TINHA VERDADEIRAMENTE APODERADO DO CORAÇÃO DE ELSY. PORQUE, NO FUNDO, ELSY TINHA ESPERANÇA DE QUE A MÃE A EMBALASSE NOS BRAÇOS E LHE DISSESSE: «QUERIDA FILHA, VAI FICAR TUDO BEM. VAMOS RESOLVER AS COISAS.» A MÃE QUE ELSY TINHA TIDO ANTES DA MORTE DO PAI TERIA FEITO ISSO. TERIA POSSUÍDO FORÇA PARA AMAR A FILHA APESAR DA VERGONHA. MAS UMA PARTE DE HILMA TINHA MORRIDO COM O MARIDO E A PARTE QUE RESTOU NÃO ERA SUFICIENTEMENTE FORTE.

SEM DIZER UMA PALAVRA, HILMA TINHA FEITO UMA MALA COM TUDO O

QUE ERA ESSENCIAL PARA ELSY. E, EM SEGUIDA, PÔS A FILHA DE DEZASSEIS ANOS NUM COMBOIO PARA BORLÄNGE, ENVIANDO-A PARA A IRMÃ, QUE TINHA LÁ UMA QUINTA. HILMA NEM SEQUER FORA CAPAZ DE ACOMPANHÁ-LA À ESTAÇÃO, TINHAM-SE DESPEDIDO À PRESSA NO VESTÍBULO E HILMA VOLTARA COSTAS A ELSY E FORA PARA A COZINHA. A HISTÓRIA QUE TODA A GENTE DA CIDADE OUVIRIA ERA QUE ELSY TINHA PARTIDO PARA FREQUENTAR UMA ESCOLA DE ECONOMIA DOMÉSTICA.

TINHAM PASSADO CINCO MESES. APESAR DE A SUA BARRIGA CRESCER A CADA SEMANA QUE PASSAVA, ELSY TINHA TRABALHADO TÃO ESFORÇADAMENTE COMO QUALQUER OUTRA PESSOA NA QUINTA. DE MANHÃ À NOITE TINHA LABUTADO PARA LEVAR A CABO TODAS AS TAREFAS QUE LHE ERAM ATRIBUÍDAS, MAS AS COSTAS DOÍAM-LHE CADA VEZ MAIS QUANDO O BEBÉ COMEÇOU A DAR-LHE PONTAPÉS NA BARRIGA. ÀS VEZES, ELSY QUERIA ODIÁ-LO. MAS NÃO CONSEGUIA. ERA UMA PARTE DELA E UMA PARTE DE HANS – E, MESMO AGORA, NÃO CONSEGUIA SENTIR ÓDIO GENUÍNO EM RELAÇÃO A ELE. POR ISSO, COMO PODERIA ODIAR UMA CRIATURA QUE OS UNIU AOS DOIS? MAS JÁ TINHA SIDO TUDO COMBINADO. A CRIANÇA SERIA LEVADA, LOGO APÓS O NASCIMENTO, PARA SER ENTREGUE PARA ADOÇÃO. NÃO HAVIA OUTRA SAÍDA, DISSE A TIA EDITH. O MARIDO, ANTON, TRATARA DE TODOS OS PORMENORES PRÁTICOS, RESMUNGANDO O TEMPO TODO COMO ERA UMA VERGONHA PARA A MULHER TER UMA SOBRINHA QUE TINHA IDO PARA A CAMA COM O PRIMEIRO TIPO QUE LHE APARECERA À FRENTE. ELSY NÃO TINHA CORAGEM DE CONTRADIZÊ-LO. ACEITOU AS RECRIMINAÇÕES SEM PROTESTAR E SEM SER CAPAZ DE DAR QUALQUER EXPLICAÇÃO. ERA DIFÍCIL ARGUMENTAR CONTRA O FACTO DE QUE HANS A TINHA ABANDONADO. APESAR DA PROMESSA QUE LHE FIZERA.

AS DORES DE PARTO COMEÇARAM DE MADRUGADA. A PRINCÍPIO, ELSY PENSOU QUE TINHA ACORDADO COM AS DORES NAS COSTAS DO COSTUME. MAS DEPOIS A DOR PIOROU, INDO E VINDO, MAS TORNANDO-SE CADA VEZ MAIS INTENSA. DEPOIS TER FICADO DEITADA A DAR VOLTAS NA CAMA DURANTE DUAS HORAS, ELSY APERCEBEU-SE FINALMENTE DO QUE ESTAVA A ACONTECER E DESCEU DA CAMA COMO PÔDE. PRESSIONANDO AS COSTAS

COM AS MÃOS, ELSY FORA AO QUARTO DE EDITH E DE ANTON E, HESITANTE, ACORDOU A TIA. SEGUIU-SE UMA ATIVIDADE FRENÉTICA. MANDARAM-NA VOLTAR PARA A CAMA E A FILHA MAIS VELHA DA CASA FOI ENVIADA PARA BUSCAR A PARTEIRA. PUSERAM ÁGUA A FERVER NO FOGÃO E AS TOALHAS DE LINHO FORAM TIRADAS DO ARMÁRIO. DEITADA NA CAMA, ELSY SENTIA-SE CADA VEZ MAIS ATERRORIZADA.

DEZ HORAS MAIS TARDE, A DOR TORNARA-SE INSUPORTÁVEL. A PARTEIRA CHEGARA HÁ ALGUMAS HORAS E EXAMINARA-A RUDEMENTE. ERA UMA MULHER SEVERA E POUCO AMIGÁVEL, DEIXANDO BEM CLARO O QUE PENSAVA DAS RAPARIGAS SOLTEIRAS QUE ENGRAVIDAVAM. NINGUÉM FOI CAPAZ DE DIRIGIR UMA PALAVRA GENTIL OU UM SORRISO A ELSY ENQUANTO ESTEVE DEITADA NA CAMA, ACREDITANDO QUE A RAPARIGA IA MORRER. CADA VEZ QUE UMA ONDA DE DOR A CONSUMIA, ELSY AFERRAVA-SE À CABECEIRA DA CAMA E CERRAVA OS DENTES PARA NÃO GRITAR. PARECIA QUE ALGUÉM A ESTAVA A CORTAR AO MEIO. A PRINCÍPIO, CONSEGUIU DESCANSAR UM POUCO ENTRE AS CONTRAÇÕES, PARA GANHAR FÔLEGO E TENTAR RECUPERAR AS FORÇAS. PORÉM, À MEDIDA QUE AS HORAS PASSAVAM, AS CONTRAÇÕES COMEÇARAM A SER TÃO PRÓXIMAS UMAS DAS OUTRAS QUE JÁ NÃO TINHA QUALQUER OPORTUNIDADE DE DESCANSAR. E O SEU ÚNICO E CONSTANTE PENSAMENTO ERA: «É AGORA QUE VOU MORRER.»

ELSY DEVE TER DITO ESTAS PALAVRAS EM VOZ ALTA, PORQUE ATRAVÉS DA NÉVOA DA DOR, VIU A PARTEIRA A OLHÁ-LA COM RAIVA E A DIZER:

— PÁRA LÁ COM AS LAMÚRIAS, RAPARIGA. TU É QUE TE METESTE NESTA ALHADA; PORTANTO, MAIS VALE AGUENTARES SEM TE QUEIXARES. PENSA NISTO, MINHA MENINA.

ELSY NÃO TINHA FORÇAS PARA PROTESTAR. AGARROU-SE À CABECEIRA DA CAMA COM TANTA FORÇA QUE OS NÓS DOS DEDOS FICARAM BRANCOS E, EM SEGUIDA UMA NOVA ONDA DE DOR PERCORREU-LHE O ABDÓMEN E AS PERNAS. ELSY NÃO PENSAVA QUE FOSSE POSSÍVEL SENTIR UMA DOR TÃO FORTE. ESTAVA POR TODO O LADO, PENETRANDO CADA FIBRA, CADA CÉLULA DO SEU CORPO. E ESTAVA A COMEÇAR A FICAR CANSADA. TINHA LUTADO CONTRA A DOR POR TANTO TEMPO QUE PARTE DO SEU SER QUERIA

APENAS DESISTIR, AFUNDAR-SE E DEIXAR QUE A DOR ASSUMISSE O CONTROLO E FIZESSE O QUE QUISESSE COM ELA. MAS SABIA QUE NÃO PODIA PERMITIR QUE ISSO ACONTECESSE. ERA O FILHO DELA, E DE HANS, QUE QUERIA SAIR, E ELA DARIA À LUZ AQUELE BEBÉ, MESMO QUE FOSSE A ÚLTIMA COISA QUE FIZESSE.

UM NOVO TIPO DE DOR COMEÇOU A FUNDIR-SE COM AS CONTRAÇÕES, QUE ERAM AGORA TÃO FAMILIARES. SENTIU UMA GRANDE PRESSÃO E A PARTEIRA ASSENTIU COM SATISFAÇÃO, OLHANDO PARA A TIA DE ELSY, QUE ESTAVA AO PÉ DA CAMA.

— JÁ NÃO VAI DEMORAR MUITO — DISSE A PARTEIRA, EMPURRANDO A BARRIGA DE ELSY. — AGORA TENS DE FAZER TODA A FORÇA QUE PUDES QUANDO EU TE DISSER E O BEBÉ NÃO TARDARÁ A SAIR.

ELSY NÃO RESPONDEU, MAS OUVIRA O QUE A PARTEIRA TINHA DITO E AGUARDOU O QUE ACONTECERIA A SEGUIR. A SENSACÃO DE QUE TINHA DE EMPURRAR AUMENTOU E A RAPARIGA RESPIROU FUNDO.

— PRONTO, AGORA EMPURRA COM QUANTA FORÇA TENHAS — ORDENOU A PARTEIRA, E ELSY PRESSIONOU O QUEIXO CONTRA O PEITO E EMPURROU. ERA COMO SE NADA TIVESSE ACONTECIDO, MAS A PARTEIRA DIRIGIU-LHE UM BREVE ACENO DE CABEÇA PARA INDICAR-LHE QUE ESTAVA A FAZER TUDO COMO DEVIA. — ESPERA PELA PRÓXIMA CONTRAÇÃO — DISSE ASPERAMENTE A MULHER.

ELSY SENTIU A PRESSÃO A CRESCER UMA VEZ MAIS E, QUANDO JÁ NÃO SUPORTAVA MAIS, A PARTEIRA ORDENOU-LHE NOVAMENTE QUE EMPURRASSE. DESTA VEZ, ELSY SENTIU ALGO A SOLTAR-SE — ERA DIFÍCIL DE DESCREVER, MAS ERA COMO SE ALGO TIVESSE CEDIDO.

— A CABEÇA JÁ ESTÁ CÁ FORA. BASTA MAIS UMA CONTRAÇÃO, E...

ELSY FECHOU OS OLHOS POR UM MOMENTO, MAS APENAS VIA HANS. NÃO TINHA FORÇAS PARA CHORAR POR ELE AGORA, POR ISSO ABRIU NOVAMENTE OS OLHOS.

— AGORA! — DISSE A PARTEIRA COM A CABEÇA ENTRE AS PERNAS DE ELSY. COM AS SUAS ÚLTIMAS FORÇAS, ELSY PRESSIONOU O QUEIXO CONTRA O PEITO E, COM AS PERNAS FLETIDAS, EMPURROU UMA VEZ MAIS.

ALGO MOLHADO E ESCORREGADIO DESLIZOU PARA FORA DELA E ELSY

CAIU PARA TRÁS, EXAUSTA, PARA CIMA DOS LENÇÓIS ENCHARCADOS EM SUOR. A SUA PRIMEIRA SENSÇÃO FOI DE ALÍVIO. ALÍVIO POR TEREM TERMINADO TANTAS HORAS DE SOFRIMENTO. NUNCA SE SENTIRA TÃO CANSADA; CADA PARTE DO SEU CORPO ESTAVA COMPLETAMENTE EXAUSTA E ELSY NÃO CONSEGUIA MOVER-SE UM MILÍMETRO QUE FOSSE – ATÉ QUE OUVIU O GRITO. UM GRITO IRRITADO E ESTRIDENTE QUE FEZ COM QUE LUTASSE PARA APOIAR-SE NOS COTOVELO, PARA VER DE ONDE VINHA.

SOLUÇOU AO VÊ-LO. ERA... PERFEITO. PEGAJOSO E ENSANGUENTADO, E IRRITADO POR ESTAR ALI FORA, AO FRIO, MAS PERFEITO. ELSY DEIXOU-SE CAIR SOBRE AS ALMOFADAS QUANDO SE APERCEBEU DE QUE AQUELA ERA A PRIMEIRA E A ÚLTIMA VEZ QUE O IA VER. A PARTEIRA CORTOU O CORDÃO UMBILICAL E LIMPOU-O CUIDADOSAMENTE COM UMA TOALHA. DEPOIS, VESTIU O BEBÉ COM UMA MINÚSCULA CAMISA DE CRIANÇA COM BORDADOS QUE EDITH TINHA FORNECIDO. NINGUÉM PRESTOU ATENÇÃO A ELSY, MAS A RAPARIGA NÃO CONSEGUIA TIRAR OS OLHOS DO MENINO. SENTIU QUE O CORAÇÃO IA REBENTAR DE AMOR E OS SEUS OLHOS ANSIAVAM POR CAPTAR CADA PORMENOR DELE. SÓ QUANDO EDITH FEZ MENÇÃO DE PEGAR NO BEBÉ PARA O LEVAR É QUE ELSY CONSEGUIU FALAR.

– QUERO PEGAR NELE!

– ISSO NÃO É ACONSELHÁVEL, DADAS AS CIRCUNSTÂNCIAS – DISSE IRRITADAMENTE A PARTEIRA, FAZENDO SINAL À TIA PARA QUE SAÍSSE. MAS EDITH HESITOU.

– POR FAVOR, DEIXE-ME PEGAR-LHE. SÓ POR UM MINUTO. DEPOIS PODE LEVÁ-LO – O TOM DE VOZ ELSY ERA TÃO IMPLORANTE QUE A TIA APROXIMOU-SE E PÔS-LHE O BEBÉ NOS BRAÇOS. ELSY PEGOU-LHE COM CUIDADO E OLHOU-O NOS OLHOS. – OLÁ, MEU QUERIDO FILHO – SUSSURROU, EMBALANDO-O SUAVEMENTE.

– ESTÁS A SUJAR A CAMISA DE SANGUE – DISSE A PARTEIRA COM AR IRRITADO.

– EU TENHO MAIS CAMISAS – DISSE EDITH, LANÇANDO À MULHER UM OLHAR QUE A SILENCIOU.

ELSY NÃO SE CANSAVA DE OLHAR PARA O FILHO. DE SENTI-LO MORNO E

PESADO NOS SEUS BRAÇOS E OLHOU COM FASCÍNIO PARA OS SEUS DEDINHOS E PARA AS UNHAS MINÚSCULAS, PERFEITAS.

— É UM BELO RAPAZ — COMENTOU EDITH, QUE PERMANECIA AO LADO DA CAMA.

— PARECE-SE COM O PAI — DISSE ELSY, SORRINDO, QUANDO O BEBÉ LHE APERTOOU O DEDO.

— AGORA TENS DE ENTREGÁ-LO. O BEBÉ TEM DE SER ALIMENTADO — DISSE A PARTEIRA, TIRANDO O MENINO DOS BRAÇOS DE ELSY. O SEU PRIMEIRO INSTINTO FOI RESISTIR, VOLTAR A AGARRÁ-LO E NUNCA O DEIXAR IR. MAS ESSE MOMENTO PASSOU E A PARTEIRA COMEÇOU APRESSADAMENTE A DESPIR A CAMISA ENSANGUENTADA AO BEBÉ E A VESTIR-LHE UMA LIMPA. DEPOIS, ENTREGOU-O A EDITH QUE, DEPOIS DE UM ÚLTIMO OLHAR A ELSY, O LEVOU PARA FORA DO QUARTO.

NAQUELE MOMENTO, QUANDO OLHOU PARA O FILHO PELA ÚLTIMA VEZ, ELSY SENTIU ALGO A QUEBRAR-SE NAS PROFUNDEZAS DO SEU CORAÇÃO. NÃO SABIA COMO IRIA SOBREVIVER ÀQUELA DOR. E, ALI DEITADA NA SUA CAMA SUADA E ENSANGUENTADA, COM O ÚTERO E OS BRAÇOS VAZIOS, ELSY DECIDIU NUNCA MAIS SE SUBMETER ÀQUELE TIPO DE SENTIMENTOS. NUNCA, JAMAIS. COM AS LÁGRIMAS A ESCORRER-LHE PELO ROSTO, ELSY FEZ A SI PRÓPRIA ESSA PROMESSA, ENQUANTO A PARTEIRA A AJUDAVA COM A PLACENTA.

§

– MARTIN!

– Paula!

Ambos gritaram exatamente ao mesmo tempo, cada um a caminho do gabinete do outro com notícias urgentes. Agora, estavam no corredor a olhar um para o outro com as faces coradas. Martin foi o primeiro a recompor-se.

– Anda comigo – disse. – O Kjell Ringholm esteve aqui e há uma coisa que tenho de te contar.

– Tudo bem, mas eu também tenho uma coisa para te contar – disse Paula, seguindo-o até ao seu gabinete.

Martin fechou a porta atrás dela e sentou-se. Paula sentou-se à sua frente, mas estava tão ansiosa para partilhar o que tinha descoberto que mal conseguia ficar quieta.

– Para começar, o Frans Ringholm confessou ter assassinado Britta Johansson. Também deu a entender que foi ele quem matou Erik Frankel, assim como... – Martin hesitou – o homem que foi encontrado na sepultura.

– O quê? O Frans confessou isso ao filho antes de morrer? – exclamou Paula com espanto.

Martin empurrou o saco de plástico contendo a carta de três páginas por cima da mesa.

– Na verdade, fê-lo depois de morrer. Kjell recebeu hoje esta carta pelo correio. Lê-a e depois diz-me qual é a tua primeira impressão.

Paula pegou na carta e começou a lê-la atentamente. Depois de ter terminado, a agente recolocou as páginas no saco de plástico e

comentou, pensativa e franzindo a testa:

– Bem, a confissão de que matou Britta é bastante clara. Mas, quanto a Erik e a Hans Olavsen... Frans apenas escreve que ele é o único culpado, o que é uma forma bastante estranha de pôr as coisas neste contexto, sobretudo uma vez que é tão inequívoco quanto a Britta. Portanto, não sei. Não tenho a certeza se está a dizer que também matou os outros dois. E, além disso... – Paula inclinou-se para a frente e estava prestes a dizer a Martin o que descobrira quando o colega a interrompeu.

– Espera. Há mais – Martin ergueu a mão e Paula calou-se, parecendo ligeiramente ofendida. – O Kjell tem andado a investigar a vida deste Hans Olavsen. A tentar descobrir para onde ele foi e, enfim, a tentar saber mais acerca dele, em geral.

– E? – perguntou Paula, impaciente.

– O Kjell tem estado em contacto com um professor norueguês que é especialista na ocupação alemã da Noruega. Como o professor tem carradas de material sobre a resistência norueguesa, Kjell pensou que o homem poderia ser capaz de ajudar a localizar Hans Olavsen.

– E? – repetiu Paula, começando a ficar irritada por Martin parecer não conseguir ir direto ao assunto.

– Inicialmente, o professor não encontrou nada.

Paula suspirou de modo audível.

– Mas então, o Kjell enviou-lhe um fax com um artigo com uma fotografia do «resistente» Hans Olavsen – Martin desenhou aspas no ar.

– E então? – perguntou Paula com tal interesse que, por um momento, esqueceu-se da sua própria notícia.

– Acontece que o tal rapaz não era resistente nenhum. Nem sequer se chamava Olavsen... esse era o nome de solteira da mãe, que tomou como apelido depois de ter fugido para a Suécia. Parece que a mãe, norueguesa, era casada com um alemão chamado Reinhardt Wolf. Quando os Alemães ocuparam a Noruega, foi dado um alto cargo a Wolf nas SS norueguesas, graças ao facto de a mulher lhe ter ensinado

o norueguês. No fim da guerra, o pai foi capturado e enviado para uma prisão na Alemanha. Ninguém sabe o que aconteceu à mãe, mas o filho, Hans, desapareceu da Noruega em 1944 e nunca mais foi visto. E sabemos porquê: fugiu para a Suécia, fingindo pertencer à resistência. Depois, sabe-se lá como, acabou num túmulo no cemitério de Fjällbacka.

– Isso é incrível. Mas como é que essa história se encaixa na nossa investigação? – perguntou Paula.

– Ainda não sei. Mas tenho a sensação de que isto é importante – respondeu Martin, pensativo. Mas depois sorriu. – Pronto, agora já sabes a minha grande novidade. O que é que querias contar-me?

Paula respirou fundo e explicou rapidamente o que tinha descoberto. Martin lançou à colega um olhar de apreço

– Bem, sem dúvida que isso coloca tudo noutra perspetiva – disse Martin, levantando-se. – Precisamos de fazer uma busca imediatamente. Tira o carro enquanto eu telefono para o Ministério Público a solicitar um mandado de busca.

Paula não precisou de ouvir mais nada. Levantou-se de um salto, com o sangue a ribombar-lhe nos ouvidos. Sentia que agora estavam muito perto da solução do enigma. Estavam quase lá.

Erica não dissera uma única palavra desde que tinham voltado ao carro. Limitava-se a olhar pela janela, com os diários no colo e as palavras e a dor da mãe a encher-lhe a cabeça. Patrik não disse nada, consciente de que Erica lhe contaria tudo quando estivesse preparada. Não sabia tantos pormenores como Erica, já que não tinha lido os diários; porém, ao mesmo tempo que Erica os lia, Kristina contara-lhe acerca do filho a que Elsy tinha sido forçada a renunciar.

A princípio, Patrik sentiu-se irritado com a mãe. Como podia ela ter escondido uma coisa daquelas de Erica? E de Anna, claro. Mas, aos poucos, começou a ver as coisas do seu ponto de vista. Kristina tinha feito uma promessa a uma amiga e manteve-a. Houve momentos em que pensara contar a Erica e a Anna que tinham um irmão, mas

acabara por decidir deixar tudo como estava. Embora Patrik não conseguisse aceitar completamente a decisão da mãe, acreditou em Kristina quando esta lhe disse que tentara fazer o que achava que era melhor.

Agora que o segredo fora revelado, Patrik percebeu como Kristina ficara aliviada. Cabia a Erica decidir o que fazer com aquelas informações. E Patrik tinha a certeza de conseguir adivinhar o que seria. Conhecia Erica suficientemente bem para perceber que faria tudo o que estivesse ao seu alcance para encontrar o irmão. Quando virou a cabeça para estudar o perfil de Erica, sentada a seu lado a olhar apaticamente pela janela, ocorreu-lhe de repente quanto a amava. Era tão fácil esquecê-lo... Tão fácil limitar-se a deixar que a vida fosse passando e entregar-se ao trabalho, aos afazeres domésticos e... a todos os dias que simplesmente corriam, um a um. Porém, em certos momentos – como aquele – sentia com uma força quase aterradora até que ponto estavam unidos. E como adorava acordar ao lado dela a cada manhã.

Quando chegaram a casa, Erica foi diretamente para o seu escritório. Ainda sem dizer uma palavra e com a mesma expressão ausente no rosto. Patrik fez umas limpezas e arrumações e depois deitou Maja no berço para a sua sesta da tarde, antes de se atrever a perturbar Erica.

– Posso entrar? – perguntou suavemente, batendo à porta. Erica virou-se e assentiu, ainda um pouco pálida mas com um olhar mais alerta. – Como te sentes? – perguntou Patrik, sentando-se na poltrona do escritório de Erica.

– Para ser franca, não sei ao certo – respondeu Erica, respirando fundo. – Atordoada, acho.

– Sentes raiva da minha mãe? Quer dizer, por não te ter contado?

Erica pensou por um momento, mas depois abanou a cabeça.

– Não, a sério que não. A minha mãe fez com que a Kristina promettesse não dizer nada, por isso compreendo o receio dela de nos fazer mais mal do que bem se nos contasse.

– Vais contar à Anna?

– Claro. Ela também tem o direito de saber. Mas primeiro tenho de digerir tudo sozinha.

– E calculo que já tenhas começado a pesquisar, não? – perguntou Patrik, sorrindo ao acenar com a cabeça na direção do computador, com o navegador da Internet aberto no ecrã.

Erica lançou-lhe um sorriso ténue.

– Fiz algumas pesquisas para ver que vias existem para localizar pessoas que foram adotadas. Não deve ser muito difícil dar com ele.

– É um bocado assustador, não é? – perguntou Patrik. – Não fazes a mais pequena ideia de como ele é ou do tipo de vida que teve.

– Superassustador – concordou Erica. – Mas parece mais assustador não saber. Quer dizer, tenho um irmão por aí, algures. E eu sempre quis ter um irmão mais velho... – Erica sorriu.

– A tua mãe deve ter pensado tantas vezes nele ao longo dos anos. Isto vai mudar a imagem que tens dela?

– Vai, claro – respondeu Erica. – Não posso dizer que ache que a minha mãe tenha tomado a atitude acertada, fechando-se para mim e para a Anna como se fechou. Mas... – Erica procurou as palavras certas. – Mas consigo compreender que não tenha ousado deixar ninguém entrar no seu coração depois do que aconteceu. Deve ter sido terrível para ela: primeiro, ter sido abandonada pelo pai da criança... porque foi isso que Elsy pensou que tinha acontecido... e, depois, ter sido forçada a dar o bebé para adoção. A minha mãe só tinha dezasseis anos! Não consigo sequer imaginar como deve ter sido doloroso para ela. Ainda por cima, depois de ter perdido o pai há tão pouco tempo... e, em termos práticos, Elsy também perdera a mãe, pelo que me apercebi. Não, não posso culpá-la. Por mais que quisesse, não podia.

– Se ao menos ela tivesse sabido que o Hans não a abandonou – Patrik abanou a cabeça.

– Sim, essa é quase a pior parte da história. Hans nunca saiu de Fjällbacka. E nunca a deixou. Em vez disso, alguém o matou – a voz

de Erica quebrou-se. – Mas porquê? Porque terá ele sido assassinado?

– Queres que telefone ao Martin para saber se conseguiram descobrir mais alguma coisa? – perguntou Patrik. Não era apenas por causa de Erica que queria ligar para a esquadra. O caso fascinava-o. E, agora que tinham descoberto que o norueguês era o pai do meio-irmão de Erica, ainda mais.

– Podes fazer isso? – perguntou ansiosamente Erica.

– Claro que sim, vou ligar-lhe agora mesmo – Patrik levantou-se. Um quarto de hora mais tarde estava de volta ao escritório de Erica, que percebeu imediatamente que o marido tinha novidades.

– Descobriram um possível motivo para o assassinio de Hans Olavsen – disse Patrik.

Erica mal conseguia ficar quieta na cadeira.

– Então e qual foi? – perguntou.

Patrik hesitou por um momento antes de lhe dizer:

– Hans Olavsen não era um resistente. Era filho de um oficial de alta patente das SS e trabalhou para os Alemães durante a ocupação da Noruega.

O silêncio caiu sobre o escritório. Erica fitou o marido, atónita. Ao contrário do que era habitual, ficara sem palavras. Patrik prosseguiu:

– O Kjell Ringholm passou hoje pela esquadra. Esta manhã recebeu pelo correio uma carta de suicídio escrita pelo pai. Frans confessou ter assassinado Britta. Também escreveu que foi ele o culpado da morte de Erik e de Hans. Os meus colegas não têm a certeza se devem interpretar isto como uma confissão de que foi Frans quem os matou.

– Então porque é que se assumiu como culpado? Que mais poderia querer dizer com isso? – perguntou Erica. – E o facto de afinal Hans não ter pertencido à resistência... interrogo-me se a minha mãe saberia disso... Como é que... – acrescentou, abanando a cabeça.

– Qual é a tua opinião, depois de teres lido os diários dela? Elsy sabia? – perguntou Patrik, voltando a sentar-se.

Erica pensou por um momento, depois abanou novamente a cabeça.

– Não – respondeu com firmeza. – Acho que a minha mãe não

sabia. De maneira nenhuma.

– A questão é se o Frans terá descoberto isso – disse Patrik, pensando em voz alta.

– O Martin disse alguma coisa acerca de como vão proceder a partir de agora?

– Não, só disse que a Paula tinha encontrado uma possível pista, que iam sair para a verificar e que me avisaria logo que soubessem mais alguma coisa. O Martin parecia realmente entusiasmado – acrescentou Patrik, sentindo uma leve pontada por ter sido deixado de fora da ação.

– Aposto que sei no que estás a pensar neste momento – disse Erica, divertida.

– Bem, estaria a mentir se dissesse que não queria estar com eles, a trabalhar no caso – disse Patrik. – Mas também não queria que as coisas fossem diferentes do que são e acho que sabes disso.

– Eu sei – disse Erica. – E compreendo como te sentes. Não há nada de errado em queres participar na investigação.

Como que para confirmar o que tinham acabado de dizer, ouviram um grito vindo do quarto de Maja. Patrik levantou-se.

– Ora aí está... o apito da minha fábrica.

– Vá, volta lá para a mina – disse Erica com uma gargalhada. – Mas, primeiro, traz-me a pequena negreira para que eu poder dar-lhe um beijo.

– Já volto – disse Patrik. Quando estava quase a sair, ouviu Erica suspirar repentinamente.

– Sei quem é o meu irmão! – exclamou. Erica riu-se enquanto as lágrimas lhe corriam pelo rosto, repetindo: – Patrik, eu sei quem é o meu irmão.

Enquanto seguiam no carro, Martin recebeu um telefonema a confirmar que o mandado de busca tinha sido emitido. Estavam tão confiantes no deferimento do pedido que tinham partido sem esperar por uma resposta. Nenhum dos dois falou; iam ambos perdidos em

pensamentos, tentando juntar todas as pontas soltas e distinguir o padrão que começava a aparecer.

Não houve resposta quando bateram à porta.

– Não parece estar cá ninguém – disse Paula.

– Como havemos de entrar? – perguntou Martin, estudando a porta sólida, que parecia difícil de forçar.

Paula deu uma gargalhada e esticou-se para passar a mão sobre uma das vigas acima da porta da frente.

– Com uma chave – disse, mostrando o que encontrara.

– Que faria eu sem ti? – retorquiu Martin com total sinceridade.

– Provavelmente, partias um ombro a tentar entrar à força – disse Paula, abrindo a porta.

Os dois agentes entraram. Reinava um silêncio sinistro e a casa estava abafada e quente, por isso penduraram os casacos no vestíbulo.

– Vamos separar-nos? – perguntou Paula.

– Claro, eu inspeciono o rés do chão e tu o primeiro andar.

– De que é que estamos exatamente à procura? – de repente, Paula parecia indecisa. Tinha a certeza de que estavam no caminho certo, mas agora que estavam tão perto, não estava convencida de que fossem encontrar nada que demonstrasse a sua teoria.

– Não tenho a certeza – Martin parecia igualmente inseguro. – Vamos olhar atentamente à nossa volta para ver se conseguimos encontrar algo.

– Certo – Paula assentiu e dirigiu-se para o primeiro andar.

Uma hora mais tarde, voltou a descer as escadas.

– Até agora, nada. Achas que continue a investigar lá em cima ou trocamos? Encontraste alguma coisa interessante?

– Não, ainda não – Martin abanou a cabeça. – Se calhar é boa ideia trocarmos. Mas... – Martin parecia pensativo e, em seguida, apontou para uma porta no vestíbulo. – Primeiro, podíamos ir dar uma vista de olhos à cave. Ainda nenhum de nós lá foi.

– Boa ideia – disse Paula, abrindo a porta para a cave. Estava escuro como breu nas escadas, mas a agente encontrou o interruptor

da luz no vestíbulo, do lado de fora da porta, e ligou-a. Paula começou a descer as escadas e Martin seguiu-a. Alguns segundos depois, Paula estava ao fundo das escadas, tentando que os olhos se ajustassem à luz fraca.

– Que sítio assustador – disse Martin quando se juntou à colega. Deixou os olhos vaguearem pelas paredes e o que viu deixou-o boquiaberto.

– Chiu... – disse Paula, encostando o dedo aos lábios. – Ouviste alguma coisa?

– Não – disse Martin, à escuta. – Não, não ouvi nada.

– Pareceu-me ouvir a porta de um carro a fechar-se. Tens a certeza de que não ouviste nada?

– Sim, tenho a certeza. Deve ser a tua imaginação – depois, Martin calou-se, quando, de repente, ouviram passos no andar de cima.

– Com que então era a minha imaginação? Acho que é melhor voltarmos lá para cima – disse Paula, pondo o pé no primeiro degrau. Naquele momento, a porta da cave fechou-se com um estrondo e ambos ouviram uma chave a rodar na fechadura.

– Mas que... – Paula estava a subir as escadas quando a luz se apagou. Ficaram mergulhados na escuridão.

– Deixem-nos sair daqui! – gritou Paula, e Martin ouviu-a a bater à porta com os punhos. – Estão a ouvir? É a polícia! Abram a porta e deixem-nos sair!

Mas, quando fez uma pausa para recuperar o fôlego, ambos ouviram claramente a porta de um carro a fechar-se e um motor a pegar.

– Merda! – disse Paula, descendo cautelosamente as escadas.

– Temos de telefonar a pedir ajuda – disse Martin, procurando o seu telemóvel mas lembrando-se subitamente de que o deixara no bolso do casaco. – Vamos ter de usar o teu telemóvel, porque eu deixei o meu no casaco que está pendurado no vestíbulo – explicou Martin.

A única resposta de Paula foi o silêncio, o que deixou Martin nervoso.

– Não me digas que...

– Sim – disse Paula com voz apagada. – Também o deixei no meu casaco.

– Raios! – Martin subiu as escadas e tentou arrombar a porta. O único resultado foi uma dor no ombro. Desanimado, Martin voltou para baixo para se juntar a Paula.

– A porta não vai ceder.

– Então e o que vamos fazer agora? – perguntou Paula num tom sombrio. Em seguida, arfou. – Johanna!

– Quem é a Johanna? – perguntou Martin, surpreendido.

Paula não respondeu logo. Mas depois disse:

– É a minha companheira. Vamos ter um bebé daqui a duas semanas. Mas nunca se sabe... e eu prometi-lhe ter o telemóvel sempre à mão.

– Não te preocupes – disse Martin, tentando processar a informação. – Quando é o primeiro filho, os bebés costumam atrasar-se.

– Espero que sim – disse Paula. – Caso contrário, a Johanna vai querer a minha cabeça numa bandeja. Bem, sempre pode ficar com a da minha mãe. No pior dos casos...

– Nem penses nisso – retorquiu Martin. – Não vamos ficar aqui presos por muito tempo. E, como eu disse, se ainda lhe faltam duas semanas, não deve haver problema.

– Mas ninguém sabe onde estamos – disse Paula, sentando-se no último degrau. – E, enquanto estamos aqui presos, o assassino foge.

– Vê o lado positivo. Pelo menos, agora sabemos que tínhamos razão – disse Martin. Paula nem sequer se dignou a responder.

Lá em cima, no vestíbulo, o telemóvel de Paula começou a tocar freneticamente.

Do lado de fora da porta, Mellberg hesitou. Tinha corrido tudo tão bem na aula de dança de sexta-feira; porém, desde então, não voltara a ver Rita, apesar dos repetidos passeios que dera pelo seu percurso habitual. E Mellberg tinha saudades de Rita. Surpreendia-se por

alimentar sentimentos tão fortes, mas não podia continuar a ignorar o facto de ter verdadeiramente saudades dela. *Ernst* parecia estar a ter sensações semelhantes, a julgar pela forma como puxara pela trela durante todo o caminho até ao prédio onde Rita vivia. Apesar de Mellberg não ter oferecido grande resistência aos puxões do cão, estava hesitante. Em parte porque não sabia se Rita estaria em casa, em parte porque se sentia invulgarmente tímido e com medo de parecer intrometido. Mas depois afastou aquelas sensações e carregou no botão do intercomunicador. Ninguém respondeu e o superintendente estava prestes a ir-se embora quando ouviu um estalido e uma voz ofegante a arfar para o altifalante.

– Olá? – disse Mellberg, regressando à entrada do prédio. – Sou eu, Bertil Mellberg.

De início não houve resposta, mas depois, Mellberg ouviu: «suba» em voz sumida, seguindo-se um gemido. Franziu a testa. Que estranho. Mas, com *Ernst* a reboque, Mellberg subiu os dois andares até ao apartamento de Rita. A porta estava entreaberta. Surpreendido, o superintendente entrou.

– Olá? – chamou. Mais uma vez, não houve qualquer resposta até que, de repente, Mellberg ouviu um gemido muito próximo. Quando olhou em direção ao som, avistou alguém deitado no chão.

– Estou com... contrações... – gemeu Johanna, que estava enrolada na posição fetal enquanto arfava para tentar aguentar a dor.

– Oh, meu Deus – disse Mellberg, sentindo a testa perlada de suor.
– Onde está a Rita? Vou telefonar-lhe! E a Paula. Precisamos de localizar a Paula, e precisamos de uma ambulância – disse o superintendente, olhando em redor do quarto, em busca do telefone mais próximo.

– Eu tentei... não consegui... localizar... – gemeu Johanna, mas não conseguiu continuar a falar até a contração diminuir. Então, com muito esforço, levantou-se, segurando-se à pega do guarda-roupa que estava ao lado dela, e agarrou-se à barriga, olhando em pânico para Mellberg.
– Acha que eu não lhes tentei telefonar? Mas ninguém atendeu! Será

que era assim tão difícil... Oh, merda... – as suas imprecações foram interrompidas por outra contração e Johanna caiu de joelhos, respirando com dificuldade. – Leve-me... ao hospital – disse a Mellberg, apontando para a chave de um carro que estava sobre a cómoda. Mellberg olhou para a chave como se esta se pudesse transformar numa serpente a silvar a qualquer momento, mas depois viu a própria mão a avançar para o porta-chaves como que em câmara lenta. Sem saber como tinha feito aquilo, Mellberg deu por si a transportar e a arrastar Johanna atabalhoadamente até ao carro e depois a empurrá-la para o banco traseiro. *Ernst* teve de ficar para trás, no apartamento. Carregando no acelerador, Mellberg conduziu em direção ao NÄL, o hospital da zona norte da região de Älvsborg. Sentiu o pânico a apoderar-se dele quando Johanna começou a ofegar violentamente. Além disso, a viagem de Vänersborg para Trollhättan parecia interminável. Mas, por fim, Mellberg chegou à entrada da maternidade, onde parou e puxou Johanna para fora do carro. Os olhos da companheira de Paula estavam transidos de terror quando seguiu Mellberg para o interior do hospital.

– Ela vai ter um bebé – disse Mellberg à enfermeira por detrás do guiché envidraçado. A mulher olhou de relance para Johanna e a sua expressão indicava que as palavras do superintendente eram desnecessárias.

– Venham comigo – ordenou-lhes a enfermeira, acompanhando-os até um quarto nas proximidades.

– Acho que agora vou... sair – disse nervosamente Mellberg quando disseram a Johanna para começar a despir as calças. Mas Johanna agarrou-lhe o braço quando Mellberg estava prestes a escapar-se e sussurrou em voz baixa, no preciso momento em que nova contração se apoderou dela:

– O senhor não vai... a lado nenhum. Eu não tenho nenhuma intenção de... fazer isto... sozinha.

– Mas... – Mellberg começou a protestar. Mas depois apercebeu-se de que não tinha coragem de a deixar ali sozinha. Com um suspiro,

afundou-se numa cadeira e tentou olhar noutra direção enquanto Johanna era examinada.

– Está com sete centímetros de dilatação – disse a parteira, olhando de relance para Mellberg, assumindo que o superintendente estava interessado naquela informação. Mellberg assentiu, embora silenciosamente perguntasse a si próprio o que aquilo poderia significar. Seria bom? Mau? Quantos centímetros seriam necessários? E, com assombro crescente, apercebeu-se de que em breve ia descobri-lo, juntamente com uma data de outros factos, antes de tudo ter terminado.

Tirou o telemóvel do bolso e marcou novamente o número de Paula. Mas apenas conseguiu ser atendido pelo gravador de chamadas. E o mesmo aconteceu quando ligou para Rita. Que se passava com aquelas duas? Porque não traziam os telemóveis com elas, sabendo que Johanna podia dar à luz a qualquer momento? Mellberg voltou a guardar o telemóvel no bolso e começou a ponderar se não conseguiria sair dali despercebidamente.

Duas horas mais tarde, ainda lá estava. Tinham sido levados para uma sala de dilatação, onde Johanna lhe apertava a mão com toda a força. Mellberg não pôde deixar de ter pena dela. Tinha aprendido que aqueles sete centímetros precisavam de chegar aos dez, mas os três últimos pareciam tardar. Johanna estava a fazer bom uso da máscara de óxido nitroso e Mellberg quase desejou poder também experimentá-la.

– Não aguento mais isto – disse Johanna, com os olhos vidrados por causa do gás. Tinha o cabelo suado colado à testa e Mellberg foi buscar uma toalha para lhe limpar o suor. – Obrigada – disse Johanna, olhando para Mellberg com uma expressão que o fez esquecer qualquer ideia de se ir embora.

Mellberg não podia deixar de sentir-se fascinado pelo que estava a desenrolar-se diante de seus olhos. Sempre soubera que o parto era um processo doloroso, mas nunca testemunhara o esforço hercúleo que era necessário e, pela primeira vez na vida, sentiu um profundo

respeito pelo sexo feminino. Ele próprio nunca teria sido capaz de passar por aquilo – tinha a certeza.

– Tente... telefonar-lhes novamente – pediu Johanna, respirando óxido nítrico quando a máquina que estava fixada à sua barriga indicou que uma contração das grandes vinha a caminho.

Mellberg soltou novamente a mão e marcou os dois números para onde tinha estado a ligar continuamente durante as últimas horas. Mais uma vez, nenhuma das duas mulheres atendeu e Mellberg abanou a cabeça com pesar na direção de Johanna.

– Onde diabo... – começou a dizer Johanna, mas uma nova contração transformou as suas palavras em gemidos.

– Tem a certeza de que não quer a tal... pedisural, ou lá como se chama aquela coisa que lhe queriam dar – perguntou Mellberg, nervoso, limpando mais suor da testa de Johanna.

– Não. Agora já estou tão perto... Pode ser que abrandem... E chama-se epidural, já agora – Johanna começou a gemer novamente, arqueando as costas.

A parteira entrou no quarto para ver como estava a correr a dilatação de Johanna e anunciou:

– Já está completamente dilatada – parecia satisfeita. – Ouviu, Johanna? Bom trabalho. Dez centímetros. Daqui a pouco já vai conseguir empurrar. Está a portar-se muito bem. O seu bebé estará aqui não tarda nada.

Mellberg pegou na mão de Johanna e apertou-a. Tinha uma sensação estranha no peito. A palavra mais próxima que conseguia encontrar para a descrever era «orgulho». Estava orgulhoso por a parteira ter elogiado Johanna, por terem trabalhado em conjunto e por o bebé estar prestes a nascer.

– Quanto tempo é que durará o parto? – perguntou Mellberg à parteira, que lhe respondeu pacientemente. Ninguém tinha perguntado qual era a sua relação com Johanna, por isso, o superintendente presumiu que pensavam que ele era o pai, embora um pai algo idoso. E não esteve para desiludi-los.

– Varia – respondeu a parteira –, mas o meu palpite é que vamos ter aqui o bebé dentro de meia hora – a mulher sorriu encorajadoramente a Johanna, que aproveitava para descansar uns segundos entre as contrações. Então, o rosto contorceu-se e o corpo ficou novamente tenso.

– Agora é uma sensação diferente – disse, cerrando os maxilares e alcançando mais uma vez a máscara de óxido nítrico.

– São as contrações finais. Espere até chegar uma muito forte. Eu vou ajudá-la. E, quando lhe disser para empurrar, levante os joelhos, pressione o queixo contra o peito e depois empurre com todas as suas forças.

Johanna assentiu, exausta, e pegou outra vez na mão de Mellberg, que retribuiu o gesto apertando-lha. Depois, olharam ambos para a parteira, esperando tensamente novas ordens.

Após alguns segundos, Johanna começou a arfar. Lançou um olhar inquiridor à parteira.

– Espere, espere, espere... ainda não... espere até ser realmente forte... E, AGORA!

Johanna fez como lhe foi dito: pressionou o queixo contra o peito, ergueu os joelhos e depois empurrou até ficar com o rosto muito vermelho do esforço, até que a dor diminuiu.

– Bom! Bom trabalho! Portou-se muito bem! Agora vamos esperar pela próxima e, antes que dê por isso, o bebé estará cá fora.

A parteira acertara. Duas contrações depois, o bebé deslizou para fora e foi imediatamente colocado sobre a barriga de Johanna. Mellberg olhava para a cena com fascínio. Teoricamente, sabia como nasciam os bebés, mas assistir a um parto ao vivo era... Estava espantado por ter visto realmente uma criança a sair, a abanar os braços e as pernas e a chorar em protesto, antes de começar a mover a cabeça em torno do peito de Johanna.

– Vamos ajudar o nosso rapazinho. Ele está a tentar mamar – disse suavemente a parteira, indicando a Johanna que ajudasse o bebé a encontrar o seu peito para começar a mamar.

– Parabéns – disse a parteira a ambos, e Mellberg sentiu-se radiante como o Sol. Nunca vivera nada semelhante em toda a sua vida.

Pouco tempo depois, o bebé tinha acabado de mamar e a parteira limpou-o e envolveu-o numa manta. Johanna sentou-se na cama com uma almofada atrás das costas e olhou para o filho com adoração. Então, olhou de relance para Mellberg e disse em voz baixa:

– Obrigada. Nunca teria conseguido fazer isto sozinha.

Mellberg apenas conseguiu concordar. Sentia um nó enorme na garganta que o impedia de falar; por isso, engolia constantemente, tentando fazê-lo desaparecer.

– Gostaria de pegar nele? – perguntou Johanna.

Mais uma vez, Mellberg só conseguiu assentir. Nervoso, estendeu os braços, e Johanna entregou-lhe cuidadosamente o filho, certificando-se de que Mellberg apoiava corretamente a cabeça do bebé. Era uma sensação estranha ter aquele corpinho quente e novo nos braços. Olhou para o rosto minúsculo e sentiu o nó na garganta agigantar-se. E, quando olhou o menino nos olhos, percebeu uma coisa. Daquele momento em diante, estava irremediável e incontrolavelmente apaixonado.

FJÄLLBACKA, 1945

HANS SORRIA PARA SI MESMO. TALVEZ NÃO DEVESSE FAZER AQUILO, MAS NÃO CONSEGUIA EVITÁ-LO. CLARO QUE, DE INÍCIO, IAM TER DIFICULDADES. HAVERIA PESSOAS QUE EXPRESSARIAM AS SUAS OPINIÕES, E SEM DÚVIDA QUE HAVERIA FALATÓRIO ACERCA DO PECADO QUE ESTAVAM A COMETER PERANTE DEUS, ASSIM COMO OUTRAS RECRIMINAÇÕES. MAS DEPOIS DE O PIOR TER PASSADO, SERIAM CAPAZES DE CONSTRUIR UMA VIDA JUNTOS. ELE, ELSY E O FILHO DE AMBOS. COMO PODERIA SENTIR OUTRA COISA ALÉM DE ALEGRIA, PERANTE ESSA PERSPETIVA?

NO ENTANTO, O SORRISO NOS LÁBIOS DESVANECEU-SE QUANDO PENSOU NO QUE O ESPERAVA. NÃO IA SER UMA TAREFA FÁCIL. UMA PARTE DELE SÓ QUERIA ESQUECER TUDO O QUE TINHA ACONTECIDO NO PASSADO, FICAR ALI E FINGIR QUE NUNCA TIVERA QUALQUER OUTRA VIDA. ESSA PARTE QUERIA ACREDITAR QUE TINHA RENASCIDO, COMO UMA LOUSA EM BRANCO, NO DIA EM QUE ENTRARA FURTIVAMENTE NO BARCO PERTENCENTE AO PAI DE ELSY.

PORÉM, AGORA A GUERRA ACABARA, E ISSO MUDAVA TUDO. NÃO PODERIA AVANÇAR SEM QUE ANTES TIVESSE VOLTADO PARA TRÁS. ERA PRINCIPALMENTE POR CAUSA DA MÃE. HANS TINHA DE SABER SE ELA ESTAVA BEM E QUERIA QUE A MÃE SOUBESSE QUE ELE ESTAVA VIVO E QUE TINHA ENCONTRADO UM NOVO LAR.

HANS PEGOU UMA MALA E COMEÇOU A ENCHÊ-LA COM ROUPA SUFICIENTE PARA ALGUNS DIAS. UMA SEMANA, NO MÁXIMO. NÃO TINHA INTENÇÃO DE SE DEMORAR MAIS DO QUE ISSO. NÃO QUERIA ESTAR LONGE DE ELSY. ELA TINHA-SE TORNADO UMA PARTE TÃO VITAL DELE QUE NÃO CONSEGUIA SUPORTAR A IDEIA DE ESTAR SEPARADO DA NAMORADA. HANS SÓ PRECISAVA DE FAZER AQUELA VIAGEM E DEPOIS FICARIAM JUNTOS PARA

SEMPRE. DEITAVAM-SE JUNTOS TODAS AS NOITES E TODAS AS MANHÃS ACORDAVAM NOS BRAÇOS UM DO OUTRO, SEM SENTIREM VERGONHA E SEM TEREM DE MANTER O SEU AMOR EM SEGREDO. HANS FALARA A SÉRIO QUANDO DISSERA QUE IRIA REQUERER ÀS AUTORIDADES AUTORIZAÇÃO PARA SE CASAREM. ASSIM PODERIAM CASAR-SE ANTES QUE A CRIANÇA NASCESSE. HANS PERGUNTAVA A SI PRÓPRIO SE SERIA UM MENINO OU UMA MENINA. SORRIU DE NOVO ENQUANTO DOBRAVA AS SUAS ROUPAS. UMA MENINA COM O SORRISO GENTIL DE ELSY. OU UM MENINO COM CABELOS LOIROS ONDULADOS. NA VERDADE, NÃO IMPORTAVA. FICARIA FELIZ EM ACOLHER O QUE QUER QUE DEUS QUISESSE DAR-LHES.

UMA COISA DURA ENVOLTA EM TECIDO CAIU QUANDO HANS TIROU UMA CAMISA DE UMA GAVETA. O OBJETO RETINIU AO ATINGIR O CHÃO E HANS BAIXOU-SE RAPIDAMENTE PARA APANHÁ-LO. SENTOU-SE NA CAMA A EXAMINÁ-LO. ERA A CRUZ DE FERRO QUE O PAI RECEBERA COMO RECONHECIMENTO PELOS SERVIÇOS QUE PRESTARA DURANTE O PRIMEIRO ANO DA GUERRA. HANS OLHOU PARA A MEDALHA. TINHA-A ROUBADO AO PAI, TROUXERA-A CONSIGO COMO RECORDAÇÃO DAQUILO A QUE FUGIRA QUANDO DEIXARA A NORUEGA. ERA IGUALMENTE UMA FORMA DE SALVAÇÃO, PARA O CASO DE OS ALEMÃES O APANHAREM ANTES QUE CONSEGUISSE FUGIR PARA A SUÉCIA. DEVIA TER-SE LIVRADO DA MEDALHA HÁ MUITO TEMPO, SABIA-O BEM. SE ALGUÉM REMEXESSE NOS SEUS PERTENCES E A ENCONTRASSE, O SEU SEGREDO PODERIA SER REVELADO. MAS HANS PRECISAVA DAQUILO. PRECISAVA DA MEDALHA COMO RECORDAÇÃO.

NÃO SENTIRA QUALQUER PENA POR DEIXAR O PAI PARA TRÁS. SE PUDESSE ESCOLHER, NUNCA MAIS QUERIA TER NADA QUE VER COM AQUELE HOMEM. REINHARDT WOLF REPRESENTAVA TODO O MAL QUE HAVIA NO GÉNERO HUMANO E HANS ENVERGONHAVA-SE DO FACTO DE, NUM DETERMINADO MOMENTO DA SUA VIDA, TER SIDO DEMASIADO FRACO PARA O ENFRENTAR. AS MEMÓRIAS CORRIAM PELA SUA MENTE. IMAGENS CRUÉIS E IMPIEDOSAS DE ATOS COMETIDOS POR UMA PESSOA COM QUEM HANS JÁ NÃO TINHA NADA EM COMUM. ERA UMA PESSOA FRACA, ALGUÉM QUE CEDERA À VONTADE DO PAI, MAS QUE NO FINAL TINHA CONSEGUIDO

SEPARAR-SE DELE. HANS APERTOUC A MEDALHA COM TANTA FORÇA QUE AS BORDAS AFIADAS CRAVARAM-SE-LHE NA PELE. NÃO IA REGRESSAR PARA VER O PAI; PRESUMIVELMENTE, O DESTINO TINHA FINALMENTE FEITO AS CONTAS COM ELE E TINHA-LHE SIDO DADO O CASTIGO MEREClDO. MAS HANS PRECISAVA DE VER A MÃE, QUE NÃO MERECIA ESTAR A PASSAR POR TODA A PREOCUPAÇÃO QUE DEVIA ESTAR A SENTIR. A MÃE NÃO TINHA MEIO DE SABER SE HANS ESTAVA VIVO OU MORTO, POR ISSO QUERIA TER UMA OPORTUNIDADE DE CONVERSAR COM ELA, DE LHE MOSTRAR QUE ESTAVA BEM E DE LHE CONTAR DE ELSY E DO BEBÉ. E, A SEU TEMPO, TALVEZ ATÉ CONSEGUISSE PERSUADI-LA A IR PARA A SUÉCIA E VIVER COM ELES. NÃO ACHAVA QUE ELSY FOSSE COLOCAR ENTRAVES A ESSA IDEIA. UMA DAS COISAS QUE ADORAVA NELA ERA O SEU BOM CORAÇÃO. HANS PENSOU QUE ELSY E A MÃE IAM DAR-SE MUITO BEM.

LEVANTOU-SE DA CAMA. DEPOIS DE HESITAR POR UM MOMENTO, VOLTOU A METER A MEDALHA NA GAVETA. PODERIA FICAR ALI ATÉ AO SEU REGRESSO, COMO UMA RECORDAÇÃO DA PESSOA QUE NUNCA MAIS QUERIA VOLTAR A SER. UMA ADVERTÊNCIA PARA QUE NUNCA MAIS FOSSE UM RAPAZ FRACO E COBARDE. AGORA, POR CAUSA DE ELSY E DO BEBÉ, CHEGARA A ALTURA DE SER UM HOMEM.

HANS FECHOU A MALA E OLHOUC EM REDOR DO QUARTO ONDE TINHA SIDO TÃO FELIZ NOS ÚLTIMOS MESES. O COMBOIO PARTIA DAÍ A POUCAS HORAS. HAVIA APENAS MAIS UMA COISA QUE PRECISAVA DE FAZER ANTES DE SE IR EMBORA. UMA PESSOA COM QUEM TINHA DE CONVERSAR. HANS SAIU DO QUARTO E FECHOU A PORTA. TEVE UMA SÚBITA E FATÍDICA PREMONIÇÃO QUANDO OUVIU A PORTA FECHAR-SE. A SENSACÃO DE QUE ALGO NÃO ESTAVA BEM. MAS DEPOIS AFASTOU-A E PARTIU. DAÍ A UMA SEMANA ESTARIA DE VOLTA.

§

ERICA TINHA INSISTIDO EM IR SOZINHA DE CARRO a Gotemburgo, embora Patrik se tivesse oferecido para ir com ela. Aquilo era algo que tinha de fazer sozinha.

Parou à porta por um momento, tentando obrigar-se a levantar a mão para tocar à campainha. Por fim decidiu-se, não podia adiar aquilo por mais tempo.

Märta olhou para Erica com surpresa quando abriu a porta, mas depois afastou-se para a deixar entrar.

– Desculpe vir incomodá-la – disse Erica, sentindo a garganta ficar seca de repente. – Devia ter telefonado antes, mas...

– Oh, não se preocupe com isso – Märta sorriu gentilmente. – Na minha idade, fico sempre grata quando tenho um pouco de companhia, de modo que a sua visita é muito agradável. Entre, entre.

Erica seguiu a idosa pelo corredor até a sala de estar, onde ambas se sentaram. Em pânico, interrogou-se acerca de como começar, mas Märta falou primeiro.

– Já fizeram algum progresso na investigação do homicídio? – perguntou. – Tenho muita pena de não ter podido ajudar-vos mais quando aqui estiveram da última vez; porém, como eu disse, não sabia realmente nada acerca das nossas finanças.

– Eu sei para que era o dinheiro. Ou melhor, para quem era – disse Erica. O coração ribombava-lhe no peito.

Märta lançou-lhe um olhar intrigado, mas não parecia saber ao que Erica se referia.

Com os olhos fixos na idosa, Erica disse suavemente:

– Em novembro de 1945, a minha mãe deu à luz um filho, que foi imediatamente entregue para adoção. A minha mãe teve o bebé em casa da tia dela, em Borlänge. Acho que o homem que foi assassinado, Erik Frankel, fez os pagamentos ao seu marido em nome dessa criança.

A sala de estar ficou completamente mergulhada em silêncio. Então, Märta desviou o olhar. Erica viu que as mãos dela tremiam.

– Já tinha pensado nisso. Mas o Wilhelm nunca me disse nada a esse respeito e... bem, uma parte de mim não queria saber. Ele foi sempre o nosso filho, meu e do Wilhelm, e nós nunca o amámos menos só porque não fui eu própria a dá-lo à luz. Há muito que desejávamos ter um filho e tentámos durante tanto tempo, mas... enfim, o Göran foi como uma dádiva dos céus.

– Ele sabe que...

– Que é adotado? Sim, nunca lho escondemos. Mas, para ser franca, acho que nunca ligou muito a isso. Nós éramos os pais dele, a sua família. Falávamos acerca disso, de vez em quando, Wilhelm e eu, sobre como nos sentiríamos se Göran quisesse saber mais sobre os seus... pais biológicos. Mas sempre dissemos um ao outro que cruzaríamos essa ponte quando lá chegássemos. E Göran nunca pareceu querer descobrir mais sobre eles, por isso não nos preocupámos.

– Eu gosto dele – disse impulsivamente Erica, tentando habituar-se à ideia de que o homem que conhecera quando ali fora da última vez era na verdade seu irmão. – Dele e da Anna – corrigiu-se Erica.

– Ele também gostou de si – disse Märta com grande satisfação. – E uma parte de mim reagiu inconscientemente ao facto de serem um pouco parecidos. Talvez sejam os olhos... não tenho bem a certeza, mas têm realmente semelhanças.

– Como acha que o Göran reagiria se... – Erica não se atreveu a concluir a pergunta.

– Tendo em conta a quantidade de vezes que falou sobre ter irmãos quando era criança, acho que receberia uma irmã mais nova de braços

abertos – Märta sorriu e parecia já ter recuperado do choque inicial.

– Duas irmãs – disse Erica. – Eu tenho uma irmã mais nova chamada Anna.

– Duas irmãs – repetiu Märta, abanando a cabeça. – Quem diria? A vida nunca deixa de me surpreender. Mesmo na minha idade – Então, Märta ficou séria. – Importa-se de me falar um pouco sobre a sua mãe... sobre a mãe dele? – a idosa olhou interrogativamente para Erica.

– Tenho o maior prazer em falar acerca da minha mãe – respondeu Erica, que contou a Märta a história de Elsy e de como ela teve de abdicar do filho para que fosse dado para adoção. Erica falou durante muito tempo, por mais de uma hora, tentando fazer justiça à sua mãe e à sua situação enquanto falava com aquela mulher que amara e educara o filho de quem Elsy tinha sido forçada a afastar-se.

Quando a porta da frente se abriu e uma voz alegre chamou vinda do vestíbulo, ambas deram um salto no sofá.

– Olá, mãe. Tens visitas? – ouviram passos a aproximar-se da sala de estar.

Erica olhou para Märta, que assentiu para dar o seu consentimento. O tempo dos segredos tinha acabado.

Quatro horas mais tarde, Paula e Martin começavam a desesperar. Imersos numa escuridão total, sentiam-se como um par de toupeiras, embora os olhos já estivessem suficientemente acostumados ao escuro para serem capazes de distinguir os contornos da divisão.

– Realmente, não estava nada à espera de que as coisas corressem assim – disse Paula, suspirando. – Achas que vão enviar um grupo de busca em breve? – gracejou, embora não conseguisse evitar novo suspiro.

Martin estava ocupado a massajar o ombro, que latejava após várias tentativas para arrombar a porta. Ia ficar com umas belas nódoas negras à conta daquilo.

– Agora já deve estar muito longe – disse Paula, sentindo a

frustração a crescer.

– Há grandes probabilidades de teres razão – concordou Martin, o que apenas fez com que Paula se sentisse ainda mais frustrada.

– Não há dúvida de que ele tem uma data de lembranças assustadoras aqui em baixo – Paula semicerrou os olhos, tentando distinguir as silhuetas de alguns dos objetos que enchiam as prateleiras da cave.

– Provavelmente, a maior parte disto pertencia ao Erik – disse Martin. – Pelo que entendi, foi o Erik que os colecionou.

– Mas todos estes artefactos nazis... Isto deve valer uma fortuna.

– Sem dúvida. Uma pessoa que dedica a maior parte da vida a colecionar coisas acaba forçosamente com um monte de tralha.

– Porque achas que ele fez aquilo? – Paula olhou fixamente para a escuridão, tentando ordenar os pensamentos em torno do que consideravam agora um facto. Em abono da verdade, tinha ficado convencida no preciso momento em que começara a examinar o seu álibi. Foi quando teve a ideia de descobrir se o nome Axel Frankel aparecia em alguma lista de passageiros de outras companhias aéreas. Quando tinham examinado o seu álibi, tinham verificado apenas que Axel partira no dia que tinha especificado; não lhes tinha ocorrido verificar se tinha feito quaisquer outras viagens. Foi só nessa manhã que Paula tinha ficado a saber que um passageiro chamado Axel Frankel tinha viajado de Paris para Gotemburgo no dia 16 de junho, tendo regressado no mesmo dia.

– Não sei – respondeu Martin. – É difícil de compreender. Os irmãos parecem ter tido um bom relacionamento; portanto, porque iria o Axel matar Erik? O que terá provocado uma reação tão forte?

– Deve ter que ver com o retomar súbito do contacto entre os quatro: Erik, Axel, Britta e Frans. Isso não pode ser mera coincidência. E, de alguma forma, está tudo relacionado com o homicídio do norueguês.

– Concordo. Mas como? E porquê? Porquê agora, após sessenta anos? Não faz qualquer sentido.

– Vamos ter de perguntar-lhe. Quer dizer, se algum dia sairmos daqui. E se alguma vez conseguirmos apanhá-lo. Provavelmente, Axel já deve ir a caminho do outro lado do mundo – disse Paula, desanimada.

– Talvez encontrem os nossos esqueletos aqui no ano que vem – gracejou Martin, mas Paula não apreciou a piada.

– Se tivermos sorte, talvez algum rapaz tente assaltar a casa – disse secamente Paula.

– Espera lá! Agora deste-me uma ideia! – disse animadamente Martin, acotovelando-a com força de lado.

– Seja o que for, espero sinceramente que tenha valido a pena teres-me dado cabo das costelas – retorquiu Paula, sondando a zona dorida onde Martin lhe acertara com o cotovelo.

– Não te lembras do que disse o Per quando o interrogámos?

– Eu não estava presente. Tu e o Gösta é que o interrogaram – recordou-lhe Paula, que, no entanto, começava a parecer interessada.

– Bem, o Per disse que entrou na casa por uma janela da cave.

– Não me parece que haja nenhuma janela por aqui. Se houvesse, haveria alguma claridade – disse Paula com ceticismo, semicerrando novamente os olhos enquanto olhava para as paredes da cave.

Martin levantou-se e aproximou-se às apalpadelas da parede exterior.

– Mas foi o que o rapaz disse. Tem de haver uma janela. Talvez esteja tapada por alguma coisa. Tu própria disseste que os objetos aqui guardados devem valer uma fortuna. Talvez Erik não quisesse que ninguém conseguisse ver a sua coleção do lado de fora.

Nesse momento, Paula também se levantou, seguindo na mesma direção de Martin. Ouviu-o dizer «ai!» quando esbarrou na parede do lado oposto da cave; porém, quando aquela exclamação foi seguida por um «aha!», Paula sentiu a esperança a crescer. E a esperança acabou por triunfar quando Martin puxou uma cortina pesada e a luz do dia inundou a cave.

– Não podias ter pensado nisto há umas horas? – queixou-se Paula.

– Grande lata! E que tal um pouco de gratidão? – disse alegremente Martin, quando desprendeu o trinco e abriu a janela. Estendeu a mão para uma cadeira que estava a um metro de distância e colocou-a debaixo da janela.

– Primeiro as senhoras!

– Obrigada – murmurou Paula, subindo para a cadeira e contorcendo-se para passar pela abertura.

Martin saiu logo atrás dela. Por um momento, ambos pararam para deixar que os olhos se acostumassem à deslumbrante luz do dia. Depois começaram a correr. Correram até a porta da frente, que estava fechada, e dessa vez não estava nenhuma chave por cima da porta. Isso significava que os seus casacos estavam trancados no interior, juntamente com os telemóveis e a chave do carro. Martin estava prestes a correr para a casa mais próxima quando ouviu um estrondo. Olhou na direção do ruído e viu que Paula, que ainda tinha uma expressão satisfeita no rosto, tinha atirado uma pedra a uma janela do rés do chão.

– Como saímos por uma janela, pensei que podíamos muito bem entrar da mesma maneira – Paula pegou num galho caído e livrou-se dos estilhaços de vidro que tinham ficado agarrados ao caixilho da janela. Depois olhou para Martin. – Então? Queres dar ainda mais avanço a Axel ou ajudas-me a entrar?

Martin hesitou apenas um segundo antes de ajudar a colega a subir. Depois, trepou atrás dela. Agora, o que importava era alcançarem o assassino de Erik Frankel. Axel já levava um avanço enorme. E havia demasiadas perguntas que continuavam sem resposta.

Axel apenas tinha conseguido chegar ao aeroporto de Landvetter. Quando fechou os polícias na cave e partiu no seu carro, a adrenalina bombeava-lhe nas veias, mas agora tinha esmorecido, deixando apenas um vazio no seu lugar.

Sentou-se, imóvel, olhando pelas janelas para os aviões que descolavam. Poderia ter partido em qualquer um daqueles voos; tinha

dinheiro e os contactos que lhe garantiriam um bilhete para qualquer destino que escolhesse. Anos de caçada tinham-lhe ensinado tudo o que havia para saber sobre a arte de desaparecer sem deixar rasto. Mas Axel não queria fazer isso. Essa era a conclusão a que tinha finalmente chegado. Podia escapar, mas não queria fazê-lo.

Por isso estava ali sentado, na terra de ninguém, a observar os aviões a descolar e a aterrar. Estava à espera que o destino o alcançasse. E, para sua grande surpresa, já não temia esse momento. Talvez fosse assim que os homens que tinha caçado se sentiam no dia em que alguém finalmente batia à sua porta e os chamava pelo seu verdadeiro nome. Uma estranha mistura de medo e alívio.

Mas, no seu caso, o preço tinha sido demasiado. Tinha-lhe custado Erik.

Se ao menos a filha de Elsy não tivesse levado a medalha lá a casa. Aquele pequeno pedaço de metal simbolizava tudo o que tinha passado todos aqueles anos a tentar esquecer e, quando viu a medalha, Erik tinha tomado o seu reaparecimento como um sinal de que tinha chegado a hora de a verdade vir ao de cima.

Claro que no passado tinham falado acerca de endireitar as coisas, se pudessem ou, pelo menos, aceitar a responsabilidade. Não perante a lei, porque a lei era indiferente a crimes tão antigos que estavam para além dos seus limites. Mas a um nível humano, moral. Mereciam sofrer a vergonha e a condenação dos seus iguais, dos outros seres humanos. Segundo Erik, estava na hora de reconhecer o que tinham feito e parar de tentar escapar ao julgamento que mereciam. Axel sempre o conseguira convencer do contrário, afirmando que isso não teria qualquer utilidade. Nada do que tinham dito ou feito podia mudar o passado e seria inútil sacrificar todo o bem que Axel tinha conseguido fazer através do seu trabalho apenas por uma penitência que nada mudaria. Em vez disso, iria expiar os seus pecados continuando a dedicar-se ao seu trabalho.

Erik sempre o escutara e sempre acabara por ceder, mas o sentimento de culpa continuava a roê-lo por dentro, até restar apenas a

vergonha. Para Erik, o mundo sempre fora a preto e branco. Erik lidava com factos e nunca se sentia mais à vontade do que quando estava submerso nos seus livros; aí, as datas, os nomes, as horas e os locais eram escritos com letras pretas sobre um fundo branco. No entanto, durante sessenta anos, Axel tinha-o persuadido a habitar um mundo cinzento de ambiguidade e engano. E poderiam ter seguido esse caminho se não fosse por causa da filha de Elsy – e de Britta, cujas muralhas defensivas tinham começado a ruir por causa de uma doença que lhe destruía lentamente o cérebro.

Axel tinha tentado desesperadamente argumentar com Erik. Tudo o que Axel fora, tudo o que representava, seria destruído se tivesse de responder por aquele crime. Ninguém voltaria a olhar para ele da mesma forma. O trabalho de toda uma vida ficaria arruinado. Porém, dessa vez, os seus argumentos não conseguiram dissuadir o irmão. Estava em Paris quando recebeu o telefonema de Erik. «Chegou o momento», dissera. Nada mais, nada menos. Erik parecia estar embriagado quando telefonou, o que era particularmente alarmante, uma vez que Erik nunca bebia em excesso. E tinha soluçado ao telefone, afirmando que não aguentava mais, que tinha ido ver Viola para se despedir dela, para que Viola não tivesse de suportar a vergonha quando a verdade viesse ao de cima. Depois, Erik murmurara algo acerca de já ter posto as engrenagens em movimento, mas que não conseguia esperar mais tempo que outra pessoa qualquer lavasse a roupa suja deles em público. Ia pôr fim à sua própria cobardia, pôr fim à espera, dissera, arrastando as palavras enquanto Axel agarrava firmemente o auscultador com a mão a suar.

Axel apanhara o primeiro avião para a Suécia, determinado a fazer com que o irmão visse a razão. Cerrou os olhos, de coração destrozado ao reviver aquele momento em que corra para a biblioteca e encontrara Erik sentado à sua secretária, rabiscando distraidamente num bloco-notas. Com uma voz seca e monótona, Erik proferira as palavras que Axel temia há seis décadas. Erik estava decidido. Não podia viver com a culpa por mais tempo.

Axel esperara que o que Erik tinha dito ao telefone não passasse de palavras ocas e que o irmão se tivesse recomposto quando tivesse ficado sóbrio. Mas, naquele momento, constatou que estava enganado. Erik mantinha a sua decisão com uma determinação assustadora. Já começara a tomar medidas para garantir que a verdade viesse a público. Também falara acerca da criança. Pela primeira vez, Erik revelara como tinha conseguido descobrir o paradeiro do menino e contara-lhe acerca dos pagamentos mensais que enviara aos seus pais adotivos, como forma de compensação pelo que lhe tinham tirado. Sem dúvida presumindo que Erik era o pai do menino, tinham aceite os pagamentos sem pestanejar. Mas aquilo ainda não era suficiente para Erik. Aquele ato de contrição não aliviara a dor que o estava a destruir. A produzir qualquer resultado, apenas tinha tornado as consequências do ato de ambos ainda mais reais. Era chegado o momento da verdadeira penitência, dissera Erik, olhando o irmão nos olhos.

Nesse instante, Axel compreendera que a vida que tinha construído – uma vida plena de admiração e respeito – seria destruída. Imagens do campo inundaram-lhe a mente: o prisioneiro ao lado dele que tinha sido arrastado para o buraco que estavam a cavar, a fome, o mau cheiro, a degradação. A coronha da espingarda a atingi-lo na orelha com tanta força que algo se quebrara dentro dele. O homem morto a cair para cima dele no autocarro, durante a viagem para casa, para a Suécia. De repente, Axel estava lá outra vez: os sons, os cheiros, a raiva que lhe ardia lentamente no coração, mesmo quando já não lhe restavam quaisquer forças e apenas se conseguia concentrar na sobrevivência. Já não via o irmão sentado na cadeira à sua frente. Em vez disso, via todas as pessoas que o tinham humilhado, prejudicado, e que agora zombavam dele, regozijando-se com o facto de que, dessa vez, seria Axel a ser levado para o cadafalso. Mas Axel recusava-se a dar-lhes essa satisfação, a todas aquelas pessoas, mortas e vivas, que se alinhavam para o ameaçarem. Não seria capaz de sobreviver a uma coisa dessas. E Axel tinha de sobreviver. Essa era a única coisa que

importava.

Sentia um zumbido mais forte do que era habitual no ouvido e deixou de ouvir o que Erik estava a dizer; apenas via os lábios do irmão a moverem-se. E depois já não era Erik, mas sim o jovem loiro de Grini que parecera tão amigável quando conversavam, que o tinha levado a acreditar que era um ser humano naquele lugar desumano. O mesmo rapaz que erguera a espingarda e, depois, com os olhos fixos em Axel, o golpeará na cabeça com a coronha.

Cheio de raiva e de dor, Axel pegou no objeto que estava mais à mão. Erguera o pesado busto de pedra e segurara-o bem alto, sobre a sua cabeça, enquanto Erik continuava a falar e a rabiscar no bloco-notas em cima da sua secretária.

Depois, Axel deixara cair o busto. Não exercera qualquer força, limitara-se a deixar que a gravidade fizesse com que o objeto atingisse a cabeça do irmão. Não, não era a cabeça de Erik. Era a cabeça do guarda prisional. Ou seria a de Erik, afinal? Era tudo tão confuso. Axel estava em casa, na biblioteca, mas todos os cheiros e sons eram tão vívidos. O fedor dos cadáveres, botas a marchar, as ordens dos Alemães, que apenas podiam significar mais um dia para viver, ou a morte.

Axel ainda conseguia ouvir o som do busto pesado a atingir pele e osso. Depois, estava tudo acabado. Erik soltou um único gemido antes de se desmoronar na cadeira com os olhos ainda abertos.

Após o choque inicial e a tomada de consciência do que fizera, uma calma peculiar apoderara-se de Axel. O que estava feito, feito estava. Colocara o busto de pedra debaixo da mesa, tirara as luvas ensanguentadas que usara e guardara-as no bolso do casaco. Depois, corra todas as persianas e entrara no carro. Conduziu até ao aeroporto e apanhou o primeiro voo de regresso a Paris. E, durante as semanas que se seguiram, tentara suprimir tudo o que acontecera e lançara-se ao trabalho, até a polícia lhe ter telefonado.

Tinha sido difícil voltar para casa. De início, Axel não sabia como conseguiria obrigar-se a pôr novamente os pés naquele sítio. Mas,

depois de os dois policiais simpáticos o terem ido buscar ao aeroporto e deixado em casa, Axel recompusera-se e fizera simplesmente o que tinha de fazer. E, com o passar dos dias, tinha feito as pazes com o espírito de Erik, que ainda conseguia sentir como uma presença naquela casa. Sabia que o irmão lhe tinha perdoado. Mas Erik nunca iria perdoar-lhe pelo que tinha feito a Britta. O próprio Axel nunca lhe tinha posto as mãos em cima, mas sabia quais seriam as consequências quando teve aquela conversa telefónica com Frans. Axel sabia o que estava a fazer quando disse a Frans que Britta ia revelar tudo. Escolhera cuidadosamente as palavras. Dissera o que era necessário para levar Frans a agir, como uma bala mortal apontada com precisão. Sabia que as ambições políticas de Frans, o seu desejo de poder e de estatuto o fariam reagir. Durante a conversa que tinham tido ao telefone, Axel detetou logo a raiva feroz que sempre tinha sido a força motriz de Frans. Por isso, era tão responsável pela morte de Britta quanto Frans.

Axel imaginou o rosto de Britta da última vez que a tinha visto. Continuava bonita. E visualizou Herman, a olhá-la com um amor que Axel nunca tinha sentido. E era isso que Axel tinha destruído, esse amor, esse sentimento de união entre eles.

Observou outro avião a descolar para algum destino desconhecido. Tinha chegado ao fim do caminho. Já não havia para onde ir.

Foi um alívio, após horas de espera, sentir finalmente a mão no ombro e ouvir uma voz a dizer o seu nome.

Paula beijou Johanna na face e depois beijou o filho na cabeça. Ainda não podia acreditar que tinha perdido tudo. E que Mellberg é que tinha lá estado em vez dela.

– Tenho tanta pena – repetiu Paula pela enésima vez.

Johanna sorriu com cansaço.

– Tenho de admitir que disse umas quantas asneiras quando não te consegui localizar, mas sei que não tiveste culpa de teres ficado presa. E estou muito contente por estares bem.

– Eu também. Quer dizer, estou contente por estares bem – disse Paula, beijando-a novamente. – E ele é... incrível – olhou para o filho nos braços de Johanna e mal podia acreditar que ele estava ali. Que ele estava realmente ali.

– Pega-lhe – disse Johanna, entregando o bebé a Paula, que se sentou ao lado da cama, embalando-o nos seus braços. – E já viste que azar, ter sido logo hoje que o telemóvel da Rita se avariou?

– Eu sei. A minha mãe está completamente devastada – disse Paula, fazendo mimos ao filho recém-nascido. – Está convencida de que nunca mais vais falar com ela.

– Não, ela não podia fazer nada. E, afinal, acabei por encontrar alguém para me ajudar – disse Johanna com uma gargalhada.

– Ainda me custa a acreditar – disse Paula. Devias ouvir Bertil na sala de espera com a mãe. Está lá sentado a gabar-se do «rapaz esplêndido» que o nosso filho é e da tua coragem fantástica. Se a mãe não estava apaixonada por ele antes, agora de certeza que está. Santo Deus – Paula abanou a cabeça.

– Houve um momento em que pensei que ele ia fugir, mas tenho de admitir que é mais forte do que imaginei.

Como se as tivesse ouvido a falar acerca dele, Mellberg bateu à porta e depois apareceu à entrada com Rita.

– Entrem, entrem – disse Johanna, fazendo-lhes sinal.

– Só queríamos ver como estão – disse Rita, aproximando-se de Paula e do neto.

– Claro. Além disso, já passou mais de meia hora desde que estiveram aqui da última vez – disse Johanna, provocando a sogra.

– Só queríamos ver se o rapaz cresceu alguma coisa E se já tem barba – disse Mellberg, enquanto se aproximou hesitantemente e contemplou com ternura o bebé. Rita olhou para Bertil com uma expressão que só poderia ser interpretada como amor.

– Posso pegar-lhe outra vez? – perguntou Mellberg.

Paula assentiu.

– Claro. Acho que merece – respondeu, entregando-lhe o filho.

Então, recostou-se e viu como Mellberg estudava o bebê, e como Rita estudava os dois. E apercebeu-se de que, apesar de lhe ter ocorrido que poderia ser bom para o filho ter uma figura masculina na sua vida, nunca tinha imaginado Bertil Mellberg nesse papel. Porém, agora que estava realmente diante dessa possibilidade, pensou que, afinal, talvez não fosse assim tão má ideia.

FJÄLLBACKA, 1945

ESPERAVA QUE ERIK ESTIVESSE EM CASA. ACHAVA QUE ERA IMPORTANTE QUE TIVESSEM UMA CONVERSA ANTES DE PARTIR PARA A NORUEGA. CONFIAVA EM ERIK. HAVIA ALGO DE SINCERO, ALGO DE HONESTO POR DETRÁS DA SUA FACHADA RESERVADA. E HANS SABIA QUE ERIK ERA LEAL. ERA COM ISSO QUE CONTAVA, MAIS DO QUE TUDO. PORQUE HANS NÃO PODIA IGNORAR A POSSIBILIDADE DE LHE PODER VIR A ACONTECER ALGUMA COISA. IA REGRESSAR À NORUEGA E, MESMO QUE A GUERRA TIVESSE ACABADO, NÃO PODIA PREVER O QUE PODERIA ACONTECER-LHE POR LÁ. TINHA FEITO COISAS, COISAS IMPERDOÁVEIS, E O PAI TINHA SIDO UM DOS PRINCIPAIS SÍMBOLOS DO MAL QUE OS ALEMÃES TINHAM FEITO AO SEU PAÍS. AGORA QUE IA SER PAI, HANS PRECISAVA DE PENSAR EM TODAS AS EVENTUALIDADES. NÃO PODERIA DEIXAR ELSY SEM UM PROTETOR. E ERIK ERA A ÚNICA PESSOA EM QUEM CONSEGUIA PENSAR PARA PREENCHER ESSE PAPEL. HANS BATEU À PORTA.

ERIK NÃO ESTAVA SOZINHO EM CASA. HANS SUSPIROU QUANDO CONSTATOU QUE BRITTA E FRANS TAMBÉM ESTAVAM NA BIBLIOTECA. ESTAVAM A OUVIR DISCOS NO GRAMOFONE DO PAI DE ERIK.

— OS MEUS PAIS SÓ REGRESSAM AMANHÃ — EXPLICOU ERIK, TOMANDO O SEU LUGAR HABITUAL ATRÁS DA SECRETÁRIA. HANS FICOU PARADO À ENTRADA, HESITANDO.

— NA VERDADE, ESPERAVA FALAR CONTIGO EM PRIVADO — DISSE HANS, OLHANDO PARA ERIK.

— QUE SEGREDOS É QUE VOCÊS OS DOIS TÊM? — PROVOCOU-OS FRANS, PONDO UMA PERNA SOBRE O BRAÇO DA CADEIRA EM QUE ESTAVA SENTADO.

— SIM, QUE SEGREDOS É QUE VOCÊS OS DOIS TÊM? — REPETIU BRITTA, SORRINDO PARA HANS.

ERIK ENCOLHEU OS OMBROS E LEVANTOU-SE.

— VAMOS ATÉ LÁ FORA POR UM MOMENTO — DISSE A HANS, DIRIGINDO-SE À VARANDA. HANS SEGUIU-O, FECHANDO A PORTA ATRÁS DELE. SENTARAM-SE NO ÚLTIMO DEGRAU.

— TENHO DE PARTIR POR ALGUNS DIAS — EXPLICOU HANS, DESLOCANDO A GRAVILHA COM A PONTA DO SAPATO.

— AONDE VAIS? — PERGUNTOU ERIK, EMPURRANDO PARA CIMA OS ÓCULOS, QUE ESTAVAM CONSTANTEMENTE A ESCORREGAR-LHE PELO NARIZ.

— À NORUEGA. PRECISO DE IR A CASA E... TRATAR DE UMAS COISAS.

— MUITO BEM — DISSE ERIK, MOSTRANDO POUCO INTERESSE.

— E QUERIA PEDIR-TE UM FAVOR.

— ESTÁ BEM — ERIK ENCOLHEU OS OMBROS. DE DENTRO DE CASA PODIAM OUVIR A MÚSICA A TOCAR NO GRAMOFONE. FRANS DEVIA TER AUMENTADO O VOLUME.

HANS HESITOU. DEPOIS DISSE:

— A ELSY ESTÁ GRÁVIDA. — ERIK NÃO RESPONDEU. LIMITOU-SE A VOLTAR A EMPURRAR OS ÓCULOS PARA CIMA. — ESTÁ GRÁVIDA E EU QUERO PEDIR AUTORIZAÇÃO ÀS AUTORIDADES PARA CASAR COM ELA. MAS PRIMEIRO PRECISO DE VOLTAR A CASA E TRATAR DE UMAS COISAS. POR ISSO, SE... SE ALGUMA COISA ME ACONTECER... COMPROMETES-TE A TOMAR CONTA DELA? — PERGUNTOU HANS.

ERIK CONTINUAVA CALADO E HANS ESPERAVA NERVOSAMENTE PELA SUA RESPOSTA. NÃO QUERIA PARTIR SEM SABER QUE ALGUÉM EM QUEM CONFIAVA TINHA PROMETIDO AJUDAR ELSY.

POR FIM, ERIK DISSE:

— CLARO QUE VOU TOMAR CONTA DA ELSY. MESMO QUE ACHE LAMENTÁVEL QUE A TENHAS COLOCADO NESSA SITUAÇÃO. MAS PORQUE ESTÁS TÃO PREOCUPADO QUE POSSA ACONTECER-TE ALGUMA COISA? — ERIK FRANZIU A TESTA. — DEVIAS SER RECEBIDO COMO UM HERÓI. PORQUE IRIA ALGUÉM CRITICAR-TE POR FUGIRES QUANDO AS COISAS FICARAM DEMASIADO PERIGOSAS? — ERIK VIROU-SE PARA OLHAR PARA O AMIGO.

MAS HANS IGNOROU A PERGUNTA. LEVANTOU-SE E SACUDIU AS CALÇAS.

— CLARO QUE NÃO VAI ACONTECER NADA. MAS QUERIA DIZER-TE ISTO, NÃO VÁ O DIABO TECÊ-LAS. E AGORA FIZESTE-ME UMA PROMESSA.

— CERTO, CERTO — DISSE ERIK, LEVANTANDO-SE TAMBÉM. — QUERES ENTRAR E DIZER ADEUS AOS OUTROS ANTES DE PARTIRES? O MEU IRMÃO TAMBÉM ESTÁ EM CASA. REGRESSOU ONTEM — DISSE ERIK, E O SEU ROSTO ILUMINOU-SE.

— FICO MUITO FELIZ POR OUVIR ISSO — DISSE HANS, DANDO PALMADINHAS NO OMBRO DE ERIK. — COMO ESTÁ ELE? OUVI DIZER QUE ESTAVA A CAMINHO DE CASA, MAS QUE TINHA PASSADO UM MAU BOCADO.

— SIM, É VERDADE — O ROSTO DE ERIK ENSOMBROU-SE. — AXEL PASSOU MESMO UM MAU BOCADO. E ESTÁ MUITO FRACO. MAS, PELO MENOS, AGORA ESTÁ EM CASA! — ACRESCENTOU, E O ROSTO ILUMINOU-SE-LHE DE NOVO. — ENTÃO, PORQUE NÃO ENTRAS PARA O CUMPRIMENTAR? VOCÊS AINDA NÃO SE CONHECEM.

HANS SORRIU E ACENOU COM A CABEÇA, SEGUINDO ERIK E ENTRANDO NOVAMENTE EM CASA DO AMIGO.

§

DURANTE OS PRIMEIROS MINUTOS, o clima em torno da mesa da cozinha estava tenso. Então o nervosismo delas começou a desaparecer e conseguiram ter uma conversa alegre e descontraída com o irmão. Anna ainda parecia um pouco chocada com a notícia e olhava com espanto para Göran, que estava sentado à sua frente.

– Nunca te interrogaste sobre a identidade dos teus pais? – perguntou Erica enquanto tirava um *Dumlekola* da pilha de doces que havia no prato.

– Claro que sim, de vez em quando – respondeu Göran. – Mas, ao mesmo tempo... para mim, a mãe e o pai... quer dizer, Wilhelm e Märta... bastavam-me. Às vezes pensava nisso e perguntava a mim próprio porque é que a minha mãe me teria abandonado – Göran hesitou. – Mas soube que ela estava numa situação difícil.

– Sim, é verdade – retorquiu Erica, olhando para Anna. Tinha tido bastante dificuldade em decidir o que contar à irmã mais nova, que sempre tivera tendência para proteger. Mas, por fim, apercebeu-se de que Anna tinha sobrevivido a situações muito piores do que as que ela própria tinha passado, por isso revelara-lhe todas as informações que reunira, incluindo a existência dos diários. Anna tinha encarado tudo com bastante tranquilidade e, agora, ali estavam, todos juntos, na casa de Erica e de Patrik. Três irmãos. Duas irmãs e um irmão. Era uma sensação curiosa; porém, por estranho que parecesse, parecia completamente natural. Talvez fosse verdade que o sangue fosse mais espesso do que a água.

– Ora bem, suponho que seja tarde de mais para começarem a

contar-me acerca dos vossos namorados mais recentes e coisas desse género – disse Göran com uma gargalhada, apontando para Patrik e para Dan. – Parece que, infelizmente, perdi essa fase.

– Pois, suponho que seja – disse Erica, sorrindo e tirando outro *Dumlekola*.

– A propósito, ouvi dizer que apanharam o assassino, o irmão da vítima – disse Göran, tornando-se sério.

Patrik assentiu.

– Sim, estava à espera de um avião no aeroporto. Foi estranho, porque podia ter partido a qualquer momento e, provavelmente, nunca o teríamos apanhado. De acordo com os meus colegas, Axel foi extremamente colaborante.

– Mas porque é que ele matou o irmão? – perguntou Dan, pondo o braço sobre os ombros de Anna.

– Ainda está a ser interrogado, por isso ainda não sei – respondeu Patrik, dando um bocado de chocolate a Maja, que estava sentada no chão ao seu lado, a brincar com a boneca que a mãe de Göran lhe tinha dado.

– Bem, não posso deixar de me perguntar porque é que o irmão que morreu pagou aquele dinheiro ao meu pai todos os anos. Pelo que entendi, ele não era meu pai. O meu pai era o norueguês. Ou será que percebi tudo ao contrário? – perguntou Göran, olhando para Erica.

– Não, é mesmo assim. De acordo com os diários da nossa mãe, o teu pai chamava-se Hans Olavsen, ou melhor, Hans Wolf. Erik e a nossa mãe não parecem ter tido um relacionamento romântico. Por isso, não sei... – Erica mordida o lábio inferior enquanto pensava. – Provavelmente vamos saber mais quando descobrirmos o que Axel Frankel tem para dizer.

– Provavelmente – disse Patrik, assentindo em concordância.

Dan pigarreou e todos se viraram para olhar para ele. Trocou um olhar com Anna, que disse em seguida:

– Bem, nós... temos algumas novidades.

– O que se passa? – perguntou Erica, pondo outro *Dumlekola* na

boca.

– Bem... – Anna fez uma pausa, mas depois as palavras saíram-lhe rapidamente da boca. – Vamos ter um bebé. Na primavera.

– A sério! Isso é fantástico! – gritou Erica, levantando-se e correndo à volta da mesa para dar um abraço à irmã e outro a Dan, logo a seguir, antes de voltar a sentar-se, com os olhos cintilantes. – Então, como é que te sentes? Está tudo a correr bem? Sentes-te bem? – Erica disparou perguntas umas a seguir às outras e Anna deu uma gargalhada.

– Estou bem, mas sinto-me péssima. Também fiquei assim quando estava grávida do Adrian. E tenho desejos constantes de *rock candy*³³.

– Ha, ha, ha, *rock candy*, que raio de ideia – disse Erica com uma gargalhada. – Mas eu devia estar calada. Lembro-me de que me enchia de caramelos *Dumlekola* quando estava grávida da... – Erica parou a meio da frase e olhou para o monte de invólucros de *Dumlekola* sobre a mesa. Olhou para Patrik e viu pela boca aberta do marido que ele estava a pensar na mesma coisa. Freneticamente, Erica começou a calcular. Quando devia aparecer o seu período? Tinha estado tão concentrada em todas as descobertas sobre a mãe que nem sequer tinha pensado em... Há duas semanas! Devia ter tido o período há duas semanas. Estupefacta, Erica olhou novamente para os invólucros dos caramelos *Dumlekola*. Então, ouviu Anna a rir-se às gargalhadas.

³³ Doce confeccionado a partir de cristais de açúcar. (N. do T.)

FJÄLLBACKA, 1945

AXEL OUVIU VOZES NO ANDAR DE BAIXO. COM GRANDE ESFORÇO, SAIU DA CAMA. DEMORARIA A FICAR COMPLETAMENTE RECUPERADO. ERA O QUE TINHA DITO O MÉDICO, QUANDO FOI EXAMINADO AO REGRESSAR À SUÉCIA. E O PAI PARECIA PREOCUPADO E DISSERA O MESMO QUANDO AXEL TINHA FINALMENTE CHEGADO A CASA NO DIA ANTERIOR. TINHA SIDO UMA FELICIDADE TÃO GRANDE REGRESSAR A CASA. POR UM MOMENTO, PARECIA QUE TODO O TERROR, TODAS AS COISAS HORRÍVEIS PELAS QUAIS PASSARA, NUNCA TINHAM EXISTIDO. MAS A MÃE TINHA CHORADO AO VÊ-LO. E CHORARA AINDA MAIS QUANDO PÔS OS BRAÇOS EM TORNO DO SEU CORPO MAGRO E FRÁGIL. ISSO DOERA. PORQUE NÃO ERAM APENAS LÁGRIMAS DE ALEGRIA. A MÃE TAMBÉM ESTAVA A CHORAR PORQUE AXEL JÁ NÃO ERA O MESMO. E NUNCA VOTARIA A SÊ-LO. O AXEL EXTROVERTIDO, TEMERÁRIO E ALEGRE JÁ NÃO EXISTIA. O ANO QUE PASSARA TINHA-O DESPOJADO DE TUDO ISSO À FORÇA. E AXEL VIU NOS OLHOS DA MÃE QUE ELA ESTAVA A SOFRER PELO FILHO QUE NUNCA MAIS RECUPERARIA, AO MESMO TEMPO QUE REJUBILAVA PELA PEQUENA PARTE DELE QUE TINHA REGRESSADO.

A MÃE NÃO QUISERA IR PASSAR A NOITE FORA COM O MARIDO E FICAR AFASTADA DO FILHO, MESMO QUE AQUELA VIAGEM ESTIVESSE COMBINADA HÁ MUITO TEMPO. MAS O PAI TINHA ENTENDIDO QUE AXEL PRECISAVA DE UM TEMPO SOZINHO; POR ISSO, INSISTIRA PARA QUE ELA O ACOMPANHASSE.

— O RAPAZ JÁ ESTÁ EM CASA — DISSERA O PAI. — TEREMOS TEMPO DE SOBRA PARA ESTAR COM ELE. O AXEL PRECISA DE UM POUCO DE PAZ E TRANQUILIDADE PARA QUE POSSA DESCANSAR. E O ERIK ESTARÁ AQUI PARA LHE FAZER COMPANHIA.

POR FIM, A MÃE CEDEU, E OS PAIS DE AXEL SAÍRAM. AXEL FICOU

ALIVIADO POR PODER FICAR SOZINHO; ESTAVA A TER MUITA DIFICULDADE EM ADAPTAR-SE A ESTAR NOVAMENTE EM CASA. A HABITUAR-SE A SER AXEL.

VIROU A ORELHA DIREITA EM DIREÇÃO À PORTA E ESCUTOU. O MÉDICO DISSERA-LHE QUE TERIA DE ACEITAR QUE TINHA PERDIDO A AUDIÇÃO DO OUVIDO ESQUERDO PARA SEMPRE. AXEL NÃO ESPERARA OUTRA COISA. QUANDO O GUARDA FEZ GIRAR A CORONHA DA ESPINGARDA E O ATINGIU ACIMA DA ORELHA, SOUBE QUE ALGO FORA DESTRUÍDO. O OUVIDO INUTILIZADO SERIA UMA RECORDAÇÃO PERMANENTE DO QUE TINHA PASSADO.

COM PASSOS VACILANTES, SAIU PARA O CORREDOR. COMO AS SUAS PERNAS AINDA ESTAVAM MUITO FRACAS, O PAI DERA-LHE UMA BENGALA PARA USAR ENQUANTO NÃO RECUPERASSE. TINHA PERTENCIDO AO AVÔ PATERNO. UMA SÓLIDA E ROBUSTA BENGALA COM PONTA DE PRATA.

AXEL TEVE DE APOIAR-SE AO CORRIMÃO ENQUANTO DESCIA LENTAMENTE AS ESCADAS, MAS TINHA ESTADO A DESCANSAR NA CAMA DURANTE MUITO TEMPO E ESTAVA CURIOSO PARA VER A QUEM PERTENCIAM AS VOZES QUE OUVIRA. EMBORA TIVESSE DESEJADO A SOLIDÃO, AGORA QUERIA COMPANHIA.

FRANS E BRITTA ESTAVAM SENTADOS EM POLTRONAS NA BIBLIOTECA E AXEL ESTRANHOU VÊ-LOS ALI DE NOVO, COMO SE NADA TIVESSE ACONTECIDO. PARA ELES, A VIDA TINHA SEGUIDO O SEU CURSO HABITUAL. NÃO TINHAM VISTO OS CADÁVERES EMPILHADOS EM MONTES, NEM O HOMEM QUE ESTAVA AO LADO DELES CAIR PARA TRÁS E DESMORONAR-SE COM UMA BALA NA TESTA. POR UM MOMENTO, AXEL FICOU FURIOSO COM A FORMA COMO TUDO AQUILO ERA INJUSTO, MAS DEPOIS RECORDOU A SI PRÓPRIO QUE TINHA OPTADO POR COLOCAR A VIDA EM RISCO, PORTANTO, TINHA DE SUPORTAR AS CONSEQUÊNCIAS. NO ENTANTO, PARTE DA SUA RAIVA PERMANECIA LATENTE DENTRO DELE.

— AXEL! QUE BOM ESTARES ACORDADO! — DISSE ERIK, ENDIREITANDO-SE NA CADEIRA POR DETRÁS DA SECRETÁRIA. O ROSTO ILUMINOU-SE QUANDO VIU O IRMÃO. FORA ISSO O QUE MAIS ALEGRARA O CORAÇÃO DE AXEL QUANDO CHEGOU A CASA: VOLTAR A VER O ROSTO DO IRMÃO.

— POIS, O VELHOTE ESTÁ A CONSEGUIR SAFAR-SE COM A BENGALA — TROÇOU AXEL, LEVANTANDO-A EM TOM DE BRINCADEIRA PARA MOSTRÁ-LA A FRANS E A BRITTA.

— GOSTAVA DE APRESENTAR-TE UMA PESSOA — DISSE ANSIOSAMENTE ERIK. — HANS É NORUEGUÊS. PERTENCEU À RESISTÊNCIA, MAS FUGIU NO BARCO DE ELOF QUANDO OS ALEMÃES ESTAVAM NO SEU ENCALÇO. HANS, ESTE É AXEL, O MEU IRMÃO — A VOZ DE ERIK TRANSBORDAVA ORGULHO.

A PRINCÍPIO, AXEL REPAROU QUE HAVIA ALGUÉM DE PÉ NA EXTREMIDADE DA SALA. ESTAVA DE COSTAS PARA A PORTA, POR ISSO, AXEL VIU APENAS UMA FIGURA MAGRA COM CABELO LOIRO ENCARACOLADO. DEU UM PASSO ADIANTE PARA CUMPRIMENTAR O ESTRANHO, QUE SE VIROU.

NESSE MOMENTO, O MUNDO PAROU. AXEL VIU A CORONHA DA ESPINGARDA. REVIVEU O SENTIMENTO DE TRAIÇÃO, COMO CONFIARA EM ALGUÉM QUE ACHARA ESTAR DO LADO DO BEM PARA DEPOIS FICAR TÃO DESAPONTADO. VIU O RAPAZ À SUA FRENTE E RECONHECEU-O IMEDIATAMENTE. SENTIU UM ZUMBIDO NO OUVIDO E O SANGUE CORREU-LHE DESCONTROLADAMENTE NO PEITO. MESMO ANTES DE AXEL TOMAR CONSCIÊNCIA DO QUE ESTAVA A FAZER, ERGUEU A BENGALA BEM ALTO E ASSESTOU UM GOLPE EM CHEIO NO ROSTO DO RAPAZ.

— O QUE ESTÁS A FAZER? — GRITOU ERIK, PRECIPITANDO-SE PARA HANS, QUE CAÍRA NO CHÃO E COBRIA O ROSTO COM AS MÃOS, O SANGUE JORRANDO ENTRE OS SEUS DEDOS. FRANS E BRITTA TAMBÉM TINHAM DADO UM SALTO E OLHAVAM PARA AXEL, PERPLEXOS.

AXEL APONTOU A BENGALA AO RAPAZ E, COM A VOZ A TREMER-LHE DE ÓDIO, DISSE:

— ELE MENTIU-VOS. NÃO FOI RESISTENTE NENHUM. ERA GUARDA EM GRINI QUANDO EU ESTIVE LÁ PRESO. FOI ELE QUEM ME DEU CABO DO OUVIDO. ATINGIU-ME COM A CORONHA DA ESPINGARDA NA ORELHA.

O SILÊNCIO DESCEU SOBRE A SALA.

— O QUE O MEU IRMÃO DISSE É VERDADE? — PERGUNTOU POR FIM ERIK EM VOZ BAIXA, SENTANDO-SE AO LADO DE HANS, QUE GEMIA, CAÍDO NO CHÃO. — TU MENTISTE-NOS? ESTAVAS A TRABALHAR PARA OS ALEMÃES?

— EM GRINI, DISSERAM-ME QUE ELE ERA FILHO DE UM OFICIAL DAS SS — AFIRMOU AXEL, QUE AINDA TREMIA DESCONTROLADAMENTE.

— E UMA PESSOA COMO TU ENGRAVIDOU A ELSY — DISSE ERIK, OLHANDO COM ÓDIO PARA HANS.

— QUE FOI QUE DISSESTE? — PERGUNTOU FRANS, CUJO ROSTO EMPALIDECEU. — ELE ENGRAVIDOU A ELSY?

— ERA ISSO QUE ELE QUERIA DIZER-ME. ATÉ TEVE O DESCARAMENTO DE ME PEDIR PARA TOMAR CONTA DELA SE LHE ACONTECESSE ALGUMA COISA. PORQUE PRECISAVA DE IR À NORUEGA — ERIK ESTAVA TÃO FURIOSO QUE TAMBÉM TREMIA. ABRIA E CERRAVA CONSTANTEMENTE OS PUNHOS ENQUANTO OLHAVA PARA HANS, QUE SE ESFORÇAVA PARA CONSEGUIR LEVANTAR-SE.

— CLARO. APOSTO QUE SEI O QUE IA LÁ FAZER; PROVAVELMENTE, IA CORRER DE VOLTA PARA O PAI — DISSE AXEL, LEVANTANDO NOVAMENTE A BENGALA. COM TODA A SUA FORÇA, ATINGIU MAIS UMA VEZ HANS, QUE SE ENROLOU COM UM GEMIDO DE DOR.

— NÃO, EU IA TER COM... A MINHA MÃE... — DISSE HANS COM VOZ ARRASTADA, AO MESMO TEMPO QUE OLHAVA PARA OS OUTROS COM AR IMPLORANTE.

— GRANDE SACANA — DISSE FRANS ENTRE DENTES, ANTES DE PONTAPEAR HANS COM TODA A FORÇA NO ESTÔMAGO.

— COMO FOSTE CAPAZ? COMO É QUE TIVESTE A CORAGEM DE NOS MENTIR DESTA MANEIRA? AINDA POR CIMA, SABENDO QUE O MEU IRMÃO... — OS OLHOS DE ERIK ESTAVAM MAREJADOS DE LÁGRIMAS E A VOZ FRAQUEJOU-LHE. LEVANTOU-SE E RECUOU ALGUNS PASSOS. ABRAÇOU O PRÓPRIO CORPO COM OS BRAÇOS E COMEÇOU A TREMER AINDA MAIS.

— QUER DIZER QUE ESTAVAS A PLANEAR PISGAR-TE, NÃO ERA? — GRITOU FRANS. — ENGRAVIDAVAS A ELSY E DEPOIS IAS-TE EMBORA? JESUS, QUE GRANDE PORCO! AINDA SE FOSSE OUTRA RAPARIGA QUALQUER... MAS LOGO A ELSY! E AGORA ELA VAI TER UM FEDELHO ALEMÃO! — GRITOU ESTRIDENTEMENTE FRANS.

BRITTA OLHOU FIXAMENTE PARA ELE COM DESESPERO. SÓ AGORA PARECIA APERCEBER-SE DA INTENSIDADE DOS SENTIMENTOS DE FRANS EM

RELAÇÃO A ELSY. A DOR QUE SENTIU NO CORAÇÃO FEZ COM QUE CAÍSSE NO CHÃO E ALI FICASSE TODA ENCOLHIDA, A SOLUÇAR DESCONTROLADAMENTE.

FRANS VIROU-SE PARA OLHAR PARA BRITTA POR ALGUNS SEGUNDOS. ANTES QUE ALGUÉM TIVESSE TEMPO PARA REAGIR, DIRIGIU-SE À SECRETÁRIA, PEGOU NO ABRE CARTAS E ESFAQUEOU HANS NO PEITO.

OS OUTROS OLHARAM HORRORIZADOS PARA FRANS POR ALGUNS SEGUNDOS. ERIK E BRITTA FICARAM PARALISADOS COM O CHOQUE, MAS A VISÃO DO SANGUE A JORRAR EM TORNO DO ABRE-CARTAS DESPERTOU ALGO ANIMALESKO EM AXEL. DIRIGIU TODA A SUA FÚRIA PARA O AMONTADO IMÓVEL NO CHÃO. EMITINDO RUÍDOS PRIMITIVOS, ELE E FRANS ESMURRARAM, PONTAPEARAM HANS. E QUANDO PARARAM, EXAUSTOS E SEM FÔLEGO, O RAPAZ QUE JAZIA NO CHÃO JÁ NÃO ERA RECONHECÍVEL. OLHARAM UM PARA O OUTRO. ASSUSTADOS MAS, DE ALGUMA FORMA, EXULTANTES. A SENSÇÃO DE EXPULSAR TODO O ÓDIO QUE TINHAM DENTRO DELES E QUE QUERIA SAIR ERA LIBERTADORA E PODEROSA E AMBOS PUDEAM CONSTATÁ-LO NOS OLHOS UM DO OUTRO.

FICARAM ALI POR UM MOMENTO, A PARTILHAR A EMOÇÃO, SORVENDO-A, COBERTOS COM O SANGUE DE HANS – NAS MÃOS, NAS ROUPAS E NOS ROSTOS. HAVIA SALPICOS DE SANGUE NUM GRANDE CÍRCULO EM REDOR DELES E UMA POÇA DE SANGUE ESCURO ESPALHAVA-SE LENTAMENTE DEBAIXO DO CORPO DE HANS. ALGUM SANGUE TINHA TAMBÉM SALPICADO ERIK, QUE AINDA ESTAVA PARA ALI A ABRAÇAR O CORPO, TREMENDO VIOLENTAMENTE. NÃO TINHA SIDO CAPAZ DE TIRAR OS OLHOS DO MONTE ENSANGUENTADO E TINHA A BOCA ENTREABERTA QUANDO SE VIROU PARA OLHAR PARA O IRMÃO. BRITTA ESTAVA SENTADA NO CHÃO, OLHANDO PARA AS MÃOS, QUE TAMBÉM TINHAM SIDO SALPICADAS DE SANGUE, E TINHA O ROSTO TÃO PÁLIDO COMO O DE ERIK. NENHUM DELES DISSE UMA PALAVRA. ERA COMO UM SILÊNCIO MISTERIOSO APÓS UMA TEMPESTADE. TUDO ESTAVA QUIETO, AGORA, MAS O SILÊNCIO AINDA TRAZIA LEMBRANÇAS DO VENTO QUE RUGIRA.

POR FIM, FOI FRANS QUEM FALOU.

– TEMOS DE NOS LIVRAR DISTO – DISSE FRIAMENTE, BATENDO NO

CORPO DE HANS COM O SAPATO. — BRITTA, TU FICAS A LIMPAR ISTO. ERIK, AXEL E EU VAMOS TIRÁ-LO DAQUI.

— MAS PARA ONDE HAVEMOS DE LEVÁ-LO? — PERGUNTOU AXEL, ENQUANTO TENTAVA LIMPAR O SANGUE DA CARA COM A MANGA DA CAMISA.

FRANS REFLETIU POR UM MOMENTO E DEPOIS DISSE:

— JÁ SEI O QUE VAMOS FAZER. VAMOS ESPERAR ATÉ SER NOITE PARA O LEVARMOS PARA FORA DE CASA. VAMOS PÔ-LO EM CIMA DE QUALQUER COISA PARA NÃO SUJAR ISTO TUDO DE SANGUE. ENTRETANTO, PODEMOS AJUDAR A BRITTA NA LIMPEZA E DEPOIS VAMOS LAVAR-NOS.

— MAS... — COMEÇOU ERIK COM A VOZ A SUMIR-SE À MEDIDA QUE SE DEIXAVA ESCORREGAR PARA O CHÃO, OLHANDO PARA UM PONTO ALGURES ALÉM DE FRANS.

— CONHEÇO O SÍTIO PERFEITO. VAMOS ENTERRÁ-LO JUNTAMENTE COM OS DA SUA PRÓPRIA ESPÉCIE — DISSE FRANS COM UM TOQUE DE DIVERTIMENTO NA VOZ.

— OS DA SUA PRÓPRIA ESPÉCIE? — REPETIU AXEL, EM TOM OCO. OLHAVA PARA A PONTA DA BENGALA, QUE ESTAVA COBERTA DE SANGUE E DE CABELOS.

— VAMOS COLOCÁ-LO NA CAMPA DOS SOLDADOS ALEMÃES. NO CEMITÉRIO — DISSE FRANS, SORRINDO AINDA MAIS. — TEM UMA CERTA JUSTIÇA POÉTICA.

— IGNOTO MILITI — MURMUROU ERIK AO SENTAR-SE NO CHÃO, OLHANDO FIXAMENTE PARA A FRENTE. FRANS LANÇOU-LHE UM OLHAR INTRIGADO. — AO SOLDADO DESCONHECIDO — EXPLICOU CALMAMENTE ERIK. — É O QUE ESTÁ GRAVADO NO TÚMULO.

FRANS DEU UMA GARGALHADA.

— ESTÃO A VER? É PERFEITO.

NENHUM DOS OUTROS SE RIU, MAS NÃO SE OPUSERAM AO PLANO DE FRANS. COM MOVIMENTOS ENTORPECIDOS, COMEÇARAM A FAZER O QUE TINHA DE SER FEITO. ERIK FOI BUSCAR UM GRANDE SACO DE PAPEL À CAVE E COLOCARAM O CORPO DE HANS EM CIMA DELE. AXEL TROUXE MATERIAL DE LIMPEZA DO ARMÁRIO DO CORREDOR E FRANS E BRITTA

COMEÇARAM O LABORIOSO TRABALHO DE ESFREGAR O CHÃO DA BIBLIOTECA. O QUE ACABOU POR REVELAR-SE UMA TAREFA MUITO MAIS DIFÍCIL DO QUE TINHAM IMAGINADO. O SANGUE ERA VISCOSO E, DE INÍCIO, PARECIA APENAS ESPALHAR-SE AINDA MAIS A CADA TENTATIVA DE REMOVÊ-LO. BRITTA CHORAVA HISTERICAMENTE ENQUANTO LIMPAVA, PARANDO ÀS VEZES PARA CHORAR AINDA MAIS, AJOELHADA NO CHÃO COM UM ESFREGÃO NA MÃO. FRANS ROSNOU-LHE QUE CONTINUASSE A ESFREGAR. O RAPAZ TRABALHOU ATÉ FICAR A TRANSPIRAR ABUNDANTEMENTE; PORÉM, AO CONTRÁRIO DOS OUTROS, NÃO HAVIA QUALQUER SINAL DE CHOQUE NOS SEUS OLHOS. ERIK ESFREGAVA MECANICAMENTE. TINHA PARADO PARA DIZER QUE ERA PRECISO RELATAR O QUE ACONTECERA À POLÍCIA, APERCEBENDO-SE POR FIM DE QUE FRANS TINHA RAZÃO. NÃO PODIAM CORRER O RISCO DE QUE AXEL, QUE TINHA ACABADO DE VOLTAR PARA CASA DEPOIS DE SOBREVIVER AO INFERNO DOS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO, PUDESSE SER APANHADO PELA POLÍCIA E ATIRADO PARA A CADEIA.

DEPOIS DE MAIS DE UMA HORA DE TRABALHO ÁRDUO, LIMPARAM O SUOR DAS TESTAS E FRANS CERTIFICOU-SE DE QUE NÃO RESTAVA NENHUM VESTÍGIO DO QUE TINHA ACONTECIDO NA BIBLIOTECA.

— TEMOS DE IR BUSCAR ALGUMA ROUPA AO GUARDA-FATOS DOS MEUS PAIS PARA VOCÊS VESTIREM — DISSE ERIK NUM TOM BRANDO. DEPOIS SAIU DA SALA PARA AS IR BUSCAR. QUANDO REGRESSOU, PAROU PARA OLHAR PARA O IRMÃO, QUE ESTAVA ENCOLHIDO NO CHÃO A UM CANTO DA BIBLIOTECA, OS OLHOS AINDA FIXOS NO SANGUE E NOS CABELOS AGARRADOS À PONTA DA BENGALA. AXEL TINHA DITO MUITO POUCO DESDE QUE DESCARREGARA A SUA RAIVA, MAS ENTÃO, ERGUEU O OLHAR E OLHOU FIXAMENTE EM FRENTE.

— COMO É QUE VAMOS LEVÁ-LO ATÉ O CEMITÉRIO? NÃO SERIA MELHOR ENTERRÁ-LO NA FLORESTA?

— A TUA FAMÍLIA TEM UMA BICICLETA COM UM ATRELADO. É ISSO QUE VAMOS UTILIZAR — DISSE FRANS, QUE SE RECUSAVA A DESISTIR DA SUA IDEIA. — SE O ENTERRARMOS NA FLORESTA AINDA APARECE UM ANIMAL QUALQUER E DESENTERRA-O. MAS NUNCA NINGUÉM VAI ADIVINHAR QUE

HÁ OUTRO CORPO NA CAMPA DOS ALEMÃES. QUER DIZER, JÁ HÁ VÁRIOS LÁ ENTERRADOS. E SE O LEVARMOS NA BICICLETA COM QUALQUER COISA A TAPÁ-LO, NINGUÉM VAI VER NADA.

— JÁ CAVEI SEPULTURAS SUFICIENTES — DISSE AXEL, AUSENTE, VOLTANDO NOVAMENTE O SEU OLHAR PARA A BENGALA.

— FRANS E EU TRATAMOS DISTO — DISSE SUBITAMENTE ERIK. — TU PODES FICAR AQUI, AXEL. E TU, BRITTA, DEVIAS IR PARA CASA. ELES VÃO COMEÇAR A FICAR PREOCUPADOS SE NÃO ESTIVERES EM CASA À HORA DO JANTAR — ERIK FALAVA RAPIDAMENTE, COMO SE AS PALAVRAS FOSSEM PROJÉTEIS DE UMA METRALHADORA, SEM TIRAR OS OLHOS DO IRMÃO.

— NINGUÉM SE IMPORTA A QUE HORAS SAIO OU ENTRO EM CASA — DISSE FRANS EM TOM AMARGO. — POR ISSO, POSSO FICAR. VAMOS ESPERAR ATÉ ÀS DEZ. NORMALMENTE NÃO HÁ MUITA GENTE NA RUA A ESSA HORA E JÁ ESTARÁ SUFICIENTEMENTE ESCURO.

— QUE FAZEMOS EM RELAÇÃO À ELSY? — PERGUNTOU ERIK, OLHANDO PARA OS SAPATOS. — ELA ESTÁ À ESPERA QUE ELE VOLTE. E AGORA QUE VAI TER UM BEBÉ...

— ESTÁ BEM, ESTÁ. UM MALDITO FEDELHO ALEMÃO. A ELSY VAI TER DE SOFRER AS CONSEQUÊNCIAS — ROSNOU FRANS. — NÃO LHE VAMOS DIZER NADA! ESTÃO A OUVIR? ELA VAI PENSAR QUE ELE VOLTOU PARA A NORUEGA E QUE A ABANDONOU. DE QUALQUER MODO, QUASE DE CERTEZA QUE ERA ISSO QUE TENCIONAVA FAZER. MAS NÃO TENHO PENA NENHUMA DELA. VAI TER DE SAFAR-SE SOZINHA. ALGUÉM TEM ALGUMA OBJEÇÃO? — FRANS OLHOU PARA TODOS. NINGUÉM DISSE NADA.

— MUITO BEM. ENTÃO ESTÁ DECIDIDO. ISTO VAI SER O NOSSO SEGREDO. AGORA VAI PARA CASA, BRITTA, PARA QUE NÃO COMECEM À TUA PROCURA.

BRITTA LEVANTOU-SE E, COM A MÃO TRÉMULA, ALISOU O VESTIDO MANCHADO DE SANGUE. SEM UMA PALAVRA, PEGOU NO VESTIDO QUE ERIK LHE DEU E SAIU DA BIBLIOTECA PARA SE LAVAR E MUDAR DE ROUPA. A ÚLTIMA COISA QUE VIU ANTES DE DEIXAR OS TRÊS RAPAZES NA BIBLIOTECA FOI A EXPRESSÃO DE ERIK. TODA A RAIVA QUE TINHA APARECIDO NOS SEUS OLHOS QUANDO O SEGREDO DE HANS FORA REVELADO TINHA-SE ESFUMADO. APENAS RESTAVA A VERGONHA.

VÁRIAS HORAS MAIS TARDE, HANS FOI ENTERRADO NA SEPULTURA ONDE
IRIA REPOUSAR SEM SER PERTURBADO DURANTE SESSENTA ANOS.

FJÄLLBACKA, 1975

ELSY PEGOU NO DESENHO QUE ERICA TINHA FEITO E COLOCOU-O CUIDADOSAMENTE NO BAÚ. TORE TINHA LEVADO AS MENINAS A PASSEAR DE BARCO; POR ISSO, TINHA A CASA SÓ PARA SI POR ALGUMAS HORAS. EM OCASIÕES COMO AQUELA, ELSY COSTUMAVA IR AO SÓTÃO PARA SE SENTAR POR UNS MOMENTOS A PENSAR SOBRE COMO AS COISAS TINHAM SIDO NOUTROS TEMPOS.

A SUA VIDA TINHA CORRIDO DE MODO TÃO DIFERENTE DO QUE TINHA IMAGINADO. TIROU OS DIÁRIOS AZUIS DO BAÚ E ACARICIOU DISTRAIDAMENTE A CAPA DO QUE ESTAVA MAIS EM CIMA. ERA TÃO NOVA, NESSE TEMPO. TÃO INGÊNUA. A QUANTA DOR PODERIA TER-SE POUPADO SE SOUBESSE NAQUELA ÉPOCA O QUE SABIA AGORA? QUE UMA PESSOA NÃO PODE DAR-SE AO LUXO DE AMAR DE MAIS. O PREÇO ERA SEMPRE DEMASIADO ALTO E ERA POR ISSO QUE AINDA ESTAVA A PAGAR PELA ÚNICA VEZ, HÁ MUITO TEMPO, QUE AMARA DE MAIS. MAS MANTIVERA A PROMESSA QUE FIZERA A SI PRÓPRIA DE NUNCA MAIS VOLTAR A AMAR ASSIM.

CLARO QUE ÀS VEZES SE SENTIA TENTADA A CEDER, A DEIXAR ALGO ENTRAR NO SEU CORAÇÃO. SOBRETUDO QUANDO OLHAVA PARA AS DUAS FILHAS, DE ROSTOS VOLTADOS PARA ELA COM TANTA NOSTALGIA NOS OLHOS. VIA NELES UMA ÂNSIA POR ALGO QUE ESPERAVAM DELA, MAS QUE ELSY ERA INCAPAZ DE DAR-LHES. SOBRETUDO ERICA. A FILHA MAIS VELHA PRECISAVA MAIS DAQUILO DO QUE ANNA. ÀS VEZES, ELSY REPARAVA QUE ERICA FICAVA SIMPLEMENTE SENTADA A OLHAR PARA ELA COM UMA EXPRESSÃO QUE MOSTRAVA TODOS OS ANSEIOS NÃO CORRESPONDIDOS QUE PODERIAM SER VISTOS NO ROSTO DE UMA MENINA. E UMA PARTE DELA QUERIA QUEBRAR A SUA PROMESSA E APROXIMAR-SE

DA FILHA PARA A ABRAÇAR, PARA SENTIR O SEU CORAÇÃO A BATER A COMPASSO COM O DE ERICA. MAS ALGUMA COISA SEMPRE A IMPEDIA. NO ÚLTIMO MOMENTO, ANTES DE CONSEGUIR LEVANTAR-SE, ANTES DE PODER ABRAÇAR A FILHA, TINHA SEMPRE A SENSACÃO DAQUELE CORPO MINÚSCULO E MORNO NOS BRAÇOS. DAQUELES OLHOS ACABADOS DE ABRIR A OLHAREM PARA ELA. E ERA TÃO PARECIDO COM HANS, TÃO PARECIDO COM ELA. UMA CRIANÇA NASCIDA DO AMOR ENTRE OS DOIS E QUE ELSY PENSARA QUE IRIAM CRIAR JUNTOS. EM VEZ DISSO, DERA-O À LUZ SOZINHA, NUM QUARTO CHEIO DE ESTRANHOS. SENTIRA-O DESLIZAR PARA FORA DO SEU CORPO E DEPOIS PARA FORA DOS SEUS BRAÇOS, QUANDO FOI LEVADO PARA OUTRA MÃE – ALGUÉM ACERCA DE QUEM NADA SABIA.

ELSY ENFIOU A MÃO NO BAÚ E RETIROU LÁ DE DENTRO A CAMISA DO BEBÉ. AS MANCHAS DO SEU PRÓPRIO SANGUE TINHAM DESBOTADO AO LONGO DOS ANOS E AGORA ASSEMELHAVAM-SE MAIS A FERRUGEM. ELSY ERGUEU A CAMISA ATÉ AO NARIZ, CHEIRANDO-A PARA VER SE AINDA CONTINHA ALGUM VESTÍGIO DAQUELE AROMA DOCE E MORNO QUE TINHA QUANDO O SEGUROU NOS BRAÇOS. MAS NÃO RESTAVA NADA. APENAS O CHEIRO A MOFO. TODOS AQUELES ANOS DENTRO DO BAÚ TINHAM APAGADO TODOS OS VESTÍGIOS DO CHEIRO DO MENINO E ELSY JÁ NÃO CONSEGUIA SENTIR NADA.

ÀS VEZES PENSARA TENTAR LOCALIZÁ-LO. TALVEZ APENAS PARA SE CERTIFICAR DE QUE O FILHO ESTAVA BEM. MAS A IDEIA NUNCA TINHA PASSADO DISSO MESMO. E ACONTECIA O MESMO COM A IDEIA DE QUE PODIA ABRAÇAR AS FILHAS E, ASSIM, LIBERTAR-SE DA PROMESSA QUE MANTINHA O SEU CORAÇÃO FECHADO.

ELSY PEGOU NA MEDALHA QUE ESTAVA NO FUNDO DO BAÚ E SOPESOU-A NA MÃO. ENCONTRARA-A QUANDO VASCUHARA O QUARTO DE HANS, ANTES DE PARTIR PARA IR DAR À LUZ O FILHO. FIZERA-O QUANDO AINDA TINHA ESPERANÇA DE PODER ENCONTRAR ENTRE OS SEUS PERTENCES ALGUMA EXPLICAÇÃO PARA O MOTIVO PELO QUAL HANS A ABANDONARA A ELA E À CRIANÇA. MAS A ÚNICA COISA QUE ENCONTROU, ALÉM DE ALGUMAS PEÇAS DE ROUPA, FOI A MEDALHA. ELSY NÃO SABIA O QUE

SIGNIFICAVA, NÃO SABIA ONDE HANS A TINHA OBTIDO OU O PAPEL QUE DESEMPENHARA NA SUA VIDA. MAS SENTIA QUE ERA IMPORTANTE, POR ISSO TINHA-A CONSERVADO. EMBRULHO CUIDADOSAMENTE A MEDALHA NA CAMISA DO BEBÉ E VOLTOU A ARRUMAR O PEQUENO EMBRULHO NO BAÚ. DEPOIS ARRUMOU OS DIÁRIOS E O DESENHO QUE ERICA LHE FIZERA NESSA MANHÃ. PORQUE AQUELA ERA A ÚNICA COISA QUE ELSY CONSEGUIA DAR ÀS FILHAS. UM MOMENTO DE AMOR QUANDO ESTAVA SOZINHA COM AS SUAS MEMÓRIAS. ERA O ÚNICO MOMENTO EM QUE PODIA PERMITIR-SE PENSAR NELAS, NÃO SÓ COM A CABEÇA MAS TAMBÉM COM O CORAÇÃO. PORQUE ASSIM QUE AS FILHAS OLHAVAM PARA ELA COM OS SEUS OLHOS SEDENTOS DE AMOR, O CORAÇÃO DE ELSY FECHAVA-SE DE MEDO.

PORQUE AS PESSOAS QUE SE RECUSAVAM A AMAR NÃO TINHAM NADA A PERDER.

Agradecimentos

Micke foi novamente um enorme apoio para mim, portanto, está no topo da lista das pessoas a quem gostaria de agradecer. Agradeço como é habitual à minha editora, Karin Linge Nordh, que com o seu afeto e atenção aos pormenores transformou o meu manuscrito num livro melhor e me fez melhorar enquanto escritora. Obrigada também a toda a equipa da minha editora sueca, a Forum, que continua a encorajar-me. É um enorme prazer trabalhar com todos vós.

Também recebi ajuda na verificação dos factos e das diversas opiniões expressadas na minha história. Os agentes da esquadra de Tanumshede foram, como sempre, mais do que prestáveis, e gostaria de agradecer em particular a Petra Widén e Folke Åsberg. Martin Melin também leu o manuscrito e contribuiu com valiosas informações relacionadas com o trabalho policial. Um bónus adicional foi a ajuda que recebi do pai de Martin, Jan Melin, que me forneceu pormenores históricos acerca dos anos quarenta e da Suécia no tempo da Segunda Guerra Mundial. E, uma vez mais, Jonas Lindgren, do Instituto de Patologia Forense de Gotemburgo, teve a amabilidade de me deixar colocar-lhe perguntas.

Agradeço igualmente a Anders Torevi, que também desta vez leu o manuscrito e corrigiu uma série de pormenores relativos a Fjällbacka, uma vez que já não vivo lá há bastante tempo.

A minha mãe, Gunnel Läckberg, também forneceu informações acerca de Fjällbacka e deu uma ajuda tremenda como *babysitter*. O mesmo vale para Hans e Mona Eriksson, e Mona também leu o manuscrito e contribuiu com as suas opiniões.

Desta vez, também gostaria de agradecer a Lasse Anrell por me ter

permitido utilizá-lo numa breve aparição no livro. Lasse prometeu-me sugestões acerca do cultivo de gerânios da próxima vez que nos encontrássemos.

Consegui trabalhar em paz e sossego, como sempre, no hotel Gimo Herrgård. Cuidam sempre muitíssimo bem de mim quando me veem aparecer com o meu computador.

Agradeço igualmente às miúdas... Vocês sabem quem são... Como seria a vida de escritora sem vocês? Desoladora, solitária e aborrecida. E a todos os leitores e aos leitores do blogue – um enorme obrigada por continuarem a ler os meus livros.

Finalmente, gostaria de agradecer a Caroline, Johan, Maj-Britt e Ulf, que nos guiaram até aqui e nos ajudaram a instalarmo-nos no paraíso onde agora me encontro.

Camilla Läckberg

Koh Lanta, Tailândia, 9 de março de 2007

www.CamillaLackberg.com

Table of Contents

- [Ficha Técnica](#)
- [FJÄLLBACKA, 1943](#)
- [KRISTIANSAND, 1943](#)
- [FJÄLLBACKA, 1943](#)
- [FJÄLLBACKA, 1943](#)
- [FJÄLLBACKA, 1943](#)
- [KRISTIANSAND, 1943](#)
- [FJÄLLBACKA, 1943](#)
- [FJÄLLBACKA, 1943](#)
- [GRINI, ARREDORES DE OSLO, 1943](#)
- [FJÄLLBACKA, 1944](#)
- [GRINI, ARREDORES DE OSLO, 1944](#)
- [FJÄLLBACKA, 1944](#)
- [FJÄLLBACKA, 1944](#)
- [FJÄLLBACKA, 1944](#)
- [FJÄLLBACKA, 1944](#)
- [SACHSENHAUSEN, 1945](#)
- [FJÄLLBACKA, 1945](#)
- [FJÄLLBACKA, 1945](#)
- [FJÄLLBACKA, 1945](#)
- [FJÄLLBACKA, 1945](#)
- [FJÄLLBACKA, 1945](#)
- [ALEMANHA, 1945](#)
- [BORLÄNGE, 1945](#)
- [FJÄLLBACKA, 1945](#)
- [FJÄLLBACKA, 1945](#)
- [FJÄLLBACKA, 1945](#)
- [FJÄLLBACKA, 1975](#)
- [Agradecimentos](#)

Table of Contents

[Ficha Técnica](#)

[FJÄLLBACKA, 1943](#)

[KRISTIANSAND, 1943](#)

[FJÄLLBACKA, 1943](#)

[FJÄLLBACKA, 1943](#)

[FJÄLLBACKA, 1943](#)

[KRISTIANSAND, 1943](#)

[FJÄLLBACKA, 1943](#)

[FJÄLLBACKA, 1943](#)

[GRINI, ARREDORES DE OSLO, 1943](#)

[FJÄLLBACKA, 1944](#)

[GRINI, ARREDORES DE OSLO, 1944](#)

[FJÄLLBACKA, 1944](#)

[FJÄLLBACKA, 1944](#)

[FJÄLLBACKA, 1944](#)

[FJÄLLBACKA, 1944](#)

[SACHSENHAUSEN, 1945](#)

[FJÄLLBACKA, 1945](#)

[FJÄLLBACKA, 1945](#)

[FJÄLLBACKA, 1945](#)

[FJÄLLBACKA, 1945](#)

[FJÄLLBACKA, 1945](#)

[ALEMANHA, 1945](#)

[BORLÄNGE, 1945](#)

[FJÄLLBACKA, 1945](#)

[FJÄLLBACKA, 1945](#)

[FJÄLLBACKA, 1945](#)

[FJÄLLBACKA, 1975](#)

[Agradecimientos](#)